

Documentação Crítica de Fátima Seleção de documentos (1917-1930)



Estudos

www.fatima.pt/documentacao

DOCUMENTAÇÃO Crítica de Fátima:
seleção de documentos (1917-1930).
Fátima: Santuário de Fátima, 2013.

DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA

Seleção de documentos (1917-1930)

DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA
DE FÁTIMA

Seleção de documentos
(1917-1930)



Santuário de Fátima

DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA

Seleção de documentos
(1917-1930)

Santuário de Fátima
2013

TÍTULO

Documentação Crítica de Fátima - Seleção de documentos
2013

PATROCÍNIO CIENTÍFICO

Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR) - Faculdade de Teologia
da Universidade Católica Portuguesa

COMISSÃO CIENTÍFICA

David Sampaio Barbosa (Presidente); Adélio F. L. Abreu; António Teixeira
Fernandes; Lúcio Coelho Cristino; Maria Inácia Rezola; Pedro Penteadó, Zília
Osório de Castro

FIXAÇÃO DE TEXTOS E REVISÃO

Luciano Coelho Cristino; Ana Teresa dos Santos Silva Neto

COMPOSIÇÃO E PAGINAÇÃO

Ana Teresa dos Santos Silva Neto

CAPA

Emília Nadal

EDIÇÃO:

ISBN: 978-972-8213-91-6

Depósito legal:

Tiragem: 500 exemplares

© SANTUÁRIO DE FÁTIMA

P-2496-908 FÁTIMA

Telef: 249539600; fax: 249539605

www.santuario-Fátima.pt

E-mail: sesdi@santuario-Fátima.pt

EXECUÇÃO GRÁFICA

INTRODUÇÃO

Em 13 de outubro de 1930, D. José Alves Correia da Silva, bispo de Leiria, depois de considerado o relatório da comissão que constituiu em 1922 para organizar o processo canónico, declarou dignas de crédito as aparições de Fátima de 1917 e permitiu oficialmente o culto a Nossa Senhora de Fátima. Era o termo de um processo de análise das aparições marianas, ocorridas de maio a outubro daquele ano, na Cova da Iria, freguesia de Fátima, concelho de Vila Nova de Ourém, a três crianças: Jacinta Marto, de sete anos de idade, seu irmão Francisco Marto, de nove anos, e a prima de ambos, Lúcia de Jesus, de dez anos.

A esta problemática e a este período corresponde a seleção documental que agora se publica. Cumpre-nos contextualizar os acontecimentos que contribuíram para a sua produção, justificar a publicação deste volume e a sua organização, e apresentar as linhas fundamentais da documentação aqui dada à estampa a partir da *Documentação Crítica de Fátima*, publicada entre 1992 e 2013.

1 - A singeleza dos factos vistos e testemunhados de maio a outubro de 1917 não prescinde do contexto eclesial, social, religioso e político. Os acontecimentos de Fátima encontram a sociedade portuguesa no rescaldo da instauração da república. O mundo, por seu lado, é abalado pela I Guerra Mundial, com repercussões em Portugal, sobretudo a partir da sua participação em 1916. Vinham de longe as dificuldades do catolicismo português no confronto com a política, enquanto tratava de se recompor por uma via unitária especificamente religiosa, com repercussões na sociedade portuguesa¹.

¹ Prescindindo nesta contextualização de um aparato crítico exaustivo, remetemos para o nosso estudo, que seguimos de perto, e para bibliografia que o sustenta: ABREU, Adélio Fernando – Contextualização da Mundividência Subjacente aos Acontecimentos de Fátima. In PINHO, Arnaldo de; COUTINHO, Vitor, coord. – *Francisco Marto: Crescer para o Dom*. Fátima: Santuário, 2010, p. 59-103. Fátima Estudos; 1.

1.1. É certo que o regime liberal do Portugal oitocentista não pusera em causa o catolicismo romano como religião oficial. Contudo, no ajustamento da Igreja à nova sociedade, convertia os seus ministros em agentes de estruturação social, comprometidos em várias atividades de caráter cívico e enquadrados no funcionalismo público. Tratava-se de uma visão instrumental da Igreja, manietada aos interesses do Estado, incompreendida na sua missão religiosa, diminuída nos seus meios e atingida na sua capacidade de organizar e influenciar autonomamente a sociedade. Numa continuada atividade legislativa de caráter regalista, foram suprimidos os dízimos, abolido o foro eclesiástico, eliminados os padroados, extintas as ordens religiosas e nacionalizados os seus bens. O processo de desamortização dos bens da Igreja estender-se-ia às colegiadas, aos passais, aos mosteiros femininos. Os bispados que o governo queria suprimir foram permanecendo vacantes, como pressão sobre a Santa Sé para o necessário assentimento. Os restantes também tardaram muitas vezes em ter bispo, dada a resistência papal aos nomes apresentados pelo governo. Internamente, as nomeações mantiveram-se controladas, nomeadamente através do concurso documental exigido pelo governo como forma de eliminar a intervenção episcopal na avaliação dos candidatos. Paralelamente, a Igreja e os seus ministros foram vivendo no meio de dificuldades económicas, após a supressão dos dízimos e o adiamento sucessivo da dotação eclesiástica, só governamentalmente acenada como contrapartida para outras negociações.

Enquanto aprendia a viver no quadro constitucional, a Igreja começava a lançar as bases da recuperação religiosa, patente nas iniciativas ligadas ao associativismo católico, iniciado nos anos 40 em Lisboa, com a criação da Sociedade Católica, e ressurgido no Porto dos anos 70, com o I Congresso Católico e a Associação Católica, para se estender ao país. Era o tempo da organização do laicado numa perspetiva eminentemente religiosa, distanciada das clivagens políticas, que tinham dividido os católicos. Prescindindo da instrumentalização da religião pela política, que caracterizara miguelistas e liberais, unia-os uma genuína preocupação pelo destino e pela revitalização do catolicismo dentro do regime constitucional vigente. O movimento católico abria-se aliás, pelo menos em parte dos seus membros, à aceitação de qualquer forma de regime político, desde que respeitadora da Igreja, antecipando e sintonizando com o *ralliement* de Leão XIII no face a face com a república francesa.

A evidenciar a recomposição do catolicismo, renascia das cinzas, também na segunda metade do século, a vida religiosa, depois da

devastação sofrida com a extinção das ordens antigas. É certo que iam já longe os mosteiros masculinos e os femininos continuaram a fechar à morte da última monja, enquanto o governo esperava ansioso os seus bens. Contudo, numa situação de clandestinidade e de alguma tolerância, que o desenvolvimento de núcleos republicanos e socialistas e as ameaças externas aos domínios ultramarinos aconselhavam ao governo, foram-se implantando em território nacional diversos institutos religiosos, protegidos e encobertos pelas atividades educativas e assistenciais e pelas preocupações missionárias relativas aos territórios ultramarinos, sobretudo a partir do momento em que, após a Conferência de Berlim, a ocupação era imprescindível à sua manutenção. Os religiosos não estiveram imunes às campanhas anticlericais, mas foram construindo uma base de atuação no quadro instável de uma possível expulsão, enquanto contribuíam para a recuperação do catolicismo português.

A questão política entretanto atenuada deu espaço à abordagem católica da questão social, mais intensamente a partir dos anos 90, quando os ventos romanos trouxeram o pensamento social de Leão XIII na *Rerum Novarum*, difundido entre nós no magistério dos bispos e sobretudo na imprensa católica. Criava-se assim o lastro de reflexão e ação que tornaria possível o aparecimento em Portugal, a partir de finais do século, dos Círculos Católicos de Operários, o primeiro dos quais no Porto. A questão política voltaria a evidenciar-se ainda, na primeira década do século XX, quando os católicos, superados os longos anos de resistência a um partido católico, tenderam para um projeto de unidade política em torno do Centro Nacional, apoiado pela nunciatura e pelo episcopado, que daria lugar ao Partido Nacionalista, mais intransigente e menos capaz de congregar as simpatias dos católicos de tendências diversas. Paralelamente ao nacionalismo católico, foi-se desenvolvendo uma linha democrata-cristã, de cariz associativo e com preocupações sociais, até ao confronto entre ambas, em 1909, na polémica desencadeada entre *A Voz de Santo António* dos franciscanos de Montariol, aberta à pluralidade das opções políticas dos católicos, e o *Novo Mensageiro do Coração de Jesus* dos jesuítas, que insistia numa visão mais monolítica da intervenção política dos católicos. Não era, pois, pela via da confessionalidade partidária que os católicos conseguiriam a unidade requerida para fazer face aos desafios da sociedade liberal, mesmo quando o regime já agonizava e renunciava a revolução.

1.2 - A agitação política e as preocupações eclesiais de 1917 encontravam, porém, antecedentes mais próximos. As dificuldades em que o catolicismo se moveu desde o dealbar do liberalismo persistiram e agravaram-se com a eclosão da revolução republicana de 1910 e com a subsequente lei de separação de 1911. A Igreja foi confrontada com um novo quadro jurídico, pois os novos protagonistas políticos retiraram-lhe o estatuto de religião oficial e, conseqüentemente, já não lhe destinavam o papel na construção social que o liberalismo entre contradições lhe reconheceu. Não foi, contudo, este novo enquadramento global que causou mais perplexidade à Igreja, atendendo à reflexão sobre a contingência das formas de governo que o movimento católico lhe fora oferecendo ao longo da segunda metade da centúria precedente e à aceitação da república pelo *ralliement* leonino. Os transtornos advieram da política de laicização que a república instaurou em Portugal, através de um conjunto de medidas que foram alterando a fisionomia do catolicismo português: os jesuítas foram expulsos e as congregações religiosas foram extintas e perderam os seus bens; os juramentos religiosos foram eliminados; o ensino religioso nas escolas primárias e normais foi proibido, e a Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra foi extinta; os dias santificados foram abolidos; o casamento civil tornou-se obrigatório e foi introduzido o divórcio. A lei da separação privou a Igreja da sua personalidade jurídica e passou os seus bens para as associações culturais, de que estava excluído o clero. Também o converteu ao funcionalismo público pela oferta de pensões, a que maioritariamente renunciou.

Os bispos portugueses reagiram na linha do *ralliement*, numa pastoral coletiva que não contestava o novo regime, mas apenas a sua política laicizadora, e afirmava que os católicos deviam acatar as novas instituições políticas, obedecendo-lhes em tudo o que não fosse contrário à consciência. Seguiu-se-lhe um protesto coletivo dos bispos, em resposta à lei de separação. Subjacente ao protesto estava a teoria tese/hipótese, que recusava a separação ao nível dos princípios, mas a aceitava na prática, desde que respeitasse o catolicismo; respeito que a lei sob protesto não tinha em conta. A reação episcopal começava, pois, a esboçar novo caminho. Aliás, numa nova tomada de posição dos bispos, em 1913, comumente apelidada de Apelo de Santarém, surgia um repto à união dos católicos, para que interviessem publicamente e defendessem a Igreja, contra as medidas laicizadoras da república, ao mesmo tempo que invocava, qual eco da divisa de Pio X, à necessidade de *instaurare Lusitaniam in Christo*.

Percebiam os bispos que a restauração cristã não se conseguia pela confessionalidade do Estado, recentemente perdida, mas através de um empenho especificamente religioso, com repercussões no tecido social. Não apontavam algo de inaudito. Tinha já sido a proposta do movimento católico em contexto liberal. O desígnio da restauração cristã da sociedade, como referiam os bispos, ou da recomposição do catolicismo português, como prefere a historiografia mais recente, não se quedou na letra dos textos do episcopado português ou na correspondência e documentos de alguns bispos em concreto. O desígnio de unidade convergiu para o surgimento da União Católica em 1915, de onde saiu em 1917 o Centro Católico Português, para a defesa do catolicismo em sede política e parlamentar. Estamos já em época coeva aos acontecimentos de Fátima, altura em que o regime republicano denotava crise e gerara descontentamentos, entre as clivagens partidárias e os efeitos da participação de Portugal na I Guerra Mundial, dando azo à revolução sidonista de finais de 1917, que atenuaria a política religiosa anterior. Entre outras disposições atenuantes, os prelados de Lisboa e Porto puderam regressar às suas sedes e vários párocos às suas comunidades, agora sem estarem sujeitos à proibição de veste talar. Os horários de culto deixaram de ser controlados e os estabelecimentos de assistência puderam receber doações. As relações diplomáticas com a Santa Sé também seriam reatadas. O atenuar da política religiosa anterior não significava, porém, a resolução do problema jurídico levantado pela legislação republicana e pela lei de separação, que se arrastaria até à concordata de 1940.

Na imprensa, também se fez sentir a restauração católica, expressa na criação da Liga da Boa Imprensa nas várias dioceses a partir de 1915, na publicação de periódicos locais ou regionais de inspiração católica e na criação de boletins paroquiais e diocesanos. Significativo também foi o conjunto de iniciativas de enquadramento e formação dos fiéis, paralelas à paróquia, muitas nascidas ainda no século XIX, como as Associações Católicas, as Conferências Vicentinas ou os Círculos Católicos de Operários. Outras viram a luz já no período republicano, em resposta ao movimento de laicização. Foi o caso da União Noelista Portuguesa, chegada de França em 1913, para a valorização feminina nos meios urbanos; da Associação de Médicos Católicos, nascida em 1915; ou da Associação dos Pais de Família, criada um ano depois para uma intervenção no setor educativo. Também no âmbito da pastoral juvenil podíamos apontar a Federação das Juventudes Católicas Portuguesas, que reagrupou em 1913 as várias Juventudes Católicas,

saídas do movimento social católico, então em crise. Não cabe aqui um recenseamento exaustivo destas propostas, mas sobretudo a percepção da sua existência e ação, na cristianização da sociedade portuguesa.

À laicização da sociedade, respondeu também a Igreja com vários elementos favoráveis à cristianização das massas, como as missões populares e pregações, as festas e procissões, as peregrinações e devoções variadas, nomeadamente à Eucaristia, à Virgem Maria e ao Coração de Jesus. Muitas destas formas de piedade ressentiram-se da hostilidade republicana, das suas medidas de controlo e das limitações às manifestações públicas. Sobreviveram e intensificaram-se, porém, afirmando a sensibilidade religiosa do povo português. Várias delas se refletiram inclusivamente nos acontecimentos religiosos ocorridos em 1917 em Fátima, convertendo-se este local num polo de dinamização do catolicismo português subsequente. O processo de recomposição católica que, no rescaldo da república, Fátima veio confirmar, corria já no campo religioso e devocional em detrimento do político e jurídico. A reorganização pastoral do catolicismo em Portugal desembocou e foi depois impulsionada pelo Concílio Plenário Português de 1926, realizado também sob o signo da união católica para uma ação pastoral mais concertada na disciplina, na catequese e nos estudos eclesiais. Continuaria ainda com a dinamização catequética e litúrgica e sobretudo com a criação da Ação Católica Portuguesa em 1933. Fátima pôde constituir-se assim em espaço de convergência de um catolicismo que se recompunha pela via da unidade, sobre um lastro religioso e devocional, que as aparições se encarregaram de confirmar e impulsionar.

2 - A necessidade de estudar criticamente as aparições de Fátima e a sua mensagem tem já uma história de mais de 50 anos². O projeto partiu em 1966 do então bispo de Leiria D. João Pereira Venâncio (1958-1972) e foi confiado ao claretiano espanhol Joaquín María Alonso, professor de teologia dogmática e de mariologia em vários institutos e universidades. Depois de uma fase de investigação empreendida por si, foi coadjuvado por uma comissão científica, a partir de 1975, até que a doença lhe impediu o trabalho, vindo a falecer em 1981. Em 1983, foi

² Cf. CRISTINO, Luciano Coelho – Introdução. In *Documentação Crítica de Fátima*. Fátima: Santuário, 1992, vol. 1, p. VII-XI; IDEM – A los Noventa Años de las Apariciones de Fátima. La Edición Crítica de los Documentos: Historia de los Proyectos de Edición y Fase Actual. *Ephemerides Mariologicae*. 58 (2008) 523-535.

pedido à Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa que patrocinasse cientificamente o projeto, vindo a ser constituída em 1985 uma comissão científica para o efeito.

Do trabalho desta comissão sucessivamente renovada brotou o projeto da *Documentação Crítica de Fátima*, publicada em cinco volumes e 15 tomos, entre 1992 e 2013, abarcando documentalmente o período de 1917 a 1930, ou seja desde as aparições até à carta pastoral de D. José Alves Correia da Silva, bispo de Leiria (1920-1957), que declarou como dignas de crédito as aparições de Fátima de 1917 e permitiu oficialmente o culto de Nossa Senhora de Fátima. Os dois primeiros volumes seguiram um critério tipológico: o primeiro publicou os interrogatórios oficiais e particulares realizados aos videntes e um conjunto de depoimentos, então mandados fazer pelo Patriarcado de Lisboa, documentação toda ela de 1917; o segundo publicou os documentos relativos ao processo canónico diocesano, mandado realizar por D. José Alves Correia da Silva em 1922 e encerrado em 1930, antes da referida carta pastoral do bispo acerca das aparições e do culto a Nossa Senhora de Fátima. Os restantes três volumes, seguindo um critério cronológico, estendem-se nos seus vários tomos, por três períodos: das aparições ao início do processo canónico (1917-1922) – três tomos; do início do processo canónico à criação da capelania no Santuário de Fátima (1922-1927) – quatro tomos; da criação da capelania à referida carta pastoral de D. José Alves Correia da Silva (1927-1930) – seis tomos.

Com o aproximar do fim da publicação da *Documentação Crítica de Fátima*, foi-se fazendo sentir a necessidade de um volume mais manuseável, que disponibilizasse as fontes consideradas mais importantes, passível de tradução noutras línguas, de modo a chegar a novos destinatários e também a servir de suporte à realização de congressos sobre a mensagem de Fátima em ambientes internacionais, onde nem sempre é possível ler os documentos em língua portuguesa. Consciente de que a *Documentação Crítica de Fátima* é insubstituível para o estudo dos acontecimentos e da mensagem de Fátima, mas procurando também corresponder ao repto lançado pelo Santuário de elaboração de uma seleção documental, a Comissão Científica da *Documentação Crítica de Fátima* avançou na preparação deste volume: *Documentação Crítica de Fátima (1917-1930): Seleção de Documentos*. A base é, portanto, a *Documentação Crítica* já publicada.

Para circunscrever a obra a um só volume foi preciso selecionar e organizar. Selecionar implica tomar, mas também deixar. Se nalguns casos

a escolha é evidente, como, por exemplo, quando se trata dos inquéritos aos videntes, noutros nem sempre é tão óbvia. Escolheram-se os documentos que se julgaram mais significativos, tendo em conta os objetivos do volume. Preferiram-se assim sobretudo os documentos referentes à mensagem de Fátima e à sua receção. Relativamente aos volumes da *Documentação Crítica de Fátima* que lhe servem de base, prescindiu-se agora da descrição dos documentos e da indicação da sua localização arquivística ou da sua edição, assim como de grande parte do aparato crítico. Optou-se, contudo, por inserir algumas notas de correção de erros detetados e de breve informação pertinente, nomeadamente de cariz biográfico. Os documentos encontram-se numerados e ordenados cronologicamente, com a indicação do volume de publicação na *Documentação Crítica de Fátima* e com a grafia atualizada. Tornando o texto mais fácil de ler, é todavia possível recorrer facilmente ao documento descrito e publicado criticamente no respetivo volume da *Documentação Crítica de Fátima*.

A publicação em anexo de *Os episódios maravilhosos de Fátima*, da autoria do Visconde de Montelo, o P. Manuel Nunes Formigão, reveste-se de uma exceção relativamente ao resto do volume, no que se refere à reprodução dos documentos a partir da *Documentação Crítica de Fátima*. Reunindo este opúsculo muitos textos anteriores, já publicados na *Documentação Crítica de Fátima*, aquando da publicação do volume III-3, relativo ao período de publicação do opúsculo, optou-se então por publicar apenas as passagens não publicadas e as correções feitas pelo autor no opúsculo, com a indicação da localização dos textos antecedentes na *Documentação Crítica de Fátima*. Na nossa seleção documental, tendo em conta que o modo como foram publicados criticamente estes textos não favorece a linearidade da leitura e o caráter mais divulgativo deste volume, optou-se por publicar todo o opúsculo em anexo, em detrimento do modo como está publicado o seu conteúdo na *Documentação Crítica de Fátima*.

3 - Detemo-nos agora no conteúdo desta *Seleção*, percorrendo as grandes linhas temáticas que a compõem de 1917 a 1930, desde os interrogatórios aos videntes e outros testemunhos até à declaração episcopal da credibilidade das aparições e da permissão do culto de Nossa Senhora de Fátima, passando pelas ressonâncias de Fátima na imprensa e pela sua divulgação em Portugal e além-fronteiras, pela hostilidade das autoridades e setores anticlericais e pela consolidação da mensagem com o contributo de Lúcia e das suas revelações

complementares, pela atenção da autoridade eclesiástica diocesana, que, juntamente com a promoção da análise dos acontecimentos, foi dando passos prudentes e seguros rumo à aceitação das aparições.

3.1 - Parte fundamental desta *Seleção* são os interrogatórios aos videntes. Os primeiros foram feitos a Lúcia logo em cima dos acontecimentos pelo pároco de Fátima, P. Manuel Marques Ferreira. Pouco tempo após cada aparição, registou o que foi dito em cada uma, num crescendo de mensagem. Se da primeira decorre sobretudo a necessidade dos vidente se deslocarem ao local “todos os meses até fazer seis meses” (doc. 1, p. 31), progressivamente são dadas novas indicações: o mandato de Lúcia aprender a ler (doc. 2, p. 32); a oração do terço à Senhora do Rosário para que abrande a guerra; a promessa de um milagre em outubro que fará com que todos acreditem (doc. 3, p. 33); a promessa de que em outubro “há de vir S. José dar a paz ao mundo e Nosso Senhor dar a bênção ao povo” (doc. 8, p. 48). Na aparição de outubro, alargam-se as indicações: “Quero-te dizer que não ofendas mais a Nosso Senhor; que rezem o terço a Nossa Senhora; façam aqui uma capelinha à Senhora do Rosário (Lúcia tem dúvida se foi assim se foi: façam aqui uma capelinha, eu sou a Senhora do Rosário); a guerra acaba ainda hoje” (doc. 14, p. 79). A partir dos elementos recolhidos, o pároco de Fátima elaboraria um relatório, a pedido de D. João Evangelista de Lima Vidal, arcebispo de Mitilene e vigário geral do Patriarcado de Lisboa. O relatório manifesta a prudência do pároco diante dos acontecimentos, procurando manifestar-se “indiferente enquanto não houvesse provas evidentes ou a Igreja falasse” (doc. 36, p. 182).

Ainda antes do termo das aparições, já Manuel Nunes Formigão começara também a interrogar os videntes. Fê-lo pela primeira vez em 27 de setembro de 1917 (doc. 10, p. 52-61), por ocasião da sua visita a Fátima, deslocando-se a casa de Lúcia. Junta ao interrogatório dos três videntes também o da mãe dela. O interrogatório é abundante nos pormenores, tantas as questões dirigidas às crianças, mas substancialmente concorde com o do pároco de Fátima. No termo, uma apreciação das aparições, em que reconhece a sinceridade dos videntes e se mostra convicto de que se não trata de alucinações, nem de possessão diabólica, aguardando, todavia, pela aparição de outubro. Novos interrogatórios decorreram em 11 de outubro a um habitante de Fátima, à mãe de Lúcia e aos três videntes. Do primeiro emerge a respeitabilidade dos pais dos videntes, sobretudo dos de Francisco e

Jacinta, e a convicção popular, passadas as dúvidas iniciais, de “que as crianças falam verdade” (doc. 11, p. 63). A aparição de 13 de outubro aconselhou novo interrogatório às crianças, centrado no anúncio do fim da guerra, na visão de São José e do Menino Jesus e no milagre do sol. Segundo Lúcia, a Senhora dissera que “a guerra acaba ainda hoje” (doc. 18, p. 101). Na descrição de Francisco e Jacinta do fenómeno solar, o sol “andava à roda” (doc. 18, p. 104). Alguma perplexidade quanto à credibilidade das aparições geraria a declaração do fim da guerra, pelo facto de os acontecimentos não confirmarem no imediato o anúncio. Manuel Nunes Formigão regressou aos interrogatórios aos videntes em 2 e 3 de novembro, na procura de mais elementos e no esclarecimento de pormenores que então se iam ouvindo. O interrogatório a Lúcia alarga-se à visão no ano anterior de “um vulto branco” que se parecia com “uma pessoa embrulhada num lençol” (doc. 22, p. 117). É ouvido também João Marto, irmão de Francisco e Jacinta, sobre a aparição de 19 de agosto.

O volume ainda oferece o interrogatório do P. José Ferreira de Lacerda aos videntes, realizado em 19 de outubro de 1917, a partir de um questionário prévio (doc. 15, p. 81-88). Também aqui se indaga o detalhe, assim como se procura discernir um eventual sugestionamento das crianças, averiguando o conhecimento prévio de elementos integrados no conteúdo das aparições; cuidado também presente nos interrogatórios de Manuel Nunes Formigão. Muitas outras pessoas terão interrogado as crianças, também Carlos de Azevedo Mendes, advogado de Torres Novas, ainda em setembro de 1917, que deixou o relato em carta à sua noiva (doc. 7, p. 41-47). Fica a percepção da coerência e da genuinidade dos videntes, nos interrogatórios feitos em separado e na convivência com as crianças durante a visita ao local das aparições.

3.2 - A preocupação com a credibilidade das aparições atravessa a documentação logo desde o início. Assim, à narração dos videntes, juntam-se os testemunhos de outras pessoas capazes de confirmar o que deles provinha. Uns chegam-nos de cartas ou testemunhos particulares, outros de inquéritos organizados pelas autoridades eclesiásticas. No seguimento da aparição de 13 de outubro, o Patriarcado de Lisboa, pela pena de D. João Evangelista de Lima Vidal, incumbiu os vigários de Porto de Mós e de Ourém de colherem informações de testemunhas fidedignas sobre os acontecimentos ocorridos em Fátima em 13 de outubro (doc. 16, p. 89). O P. Joaquim Vieira Rosa, pároco de Alqueidão da Serra e vigário de Porto de Mós, vigararia vizinha de

Fátima, interrogou 16 testemunhas presenciais da aparição, de que fez uma breve síntese sobretudo com as descrições concordes do fenómeno solar. O testemunho mais pormenorizado refere a abundante chuva que antecedeu a aparição e “aquela ingente multidão de povo, em grande clamor e quase todo ajoelhado, voltado para o sol, e que este tinha sinais desusados, girando sobre si, tremendo, observando ao mesmo tempo um afrouxamento de luz e um aumento de temperatura” (doc. 19, p. 106). No envio do relatório, o vigário de Porto de Mós refere a concordância das testemunhas e o incómodo por o prometido fim da guerra não se ter concretizado (doc. 24, p. 132).

O P. Faustino José Jacinto Ferreira, pároco de Olival e vigário de Ourém, vigararia a que pertencia a paróquia de Fátima, não fez propriamente um inquérito presencial, mas pediu um conjunto de depoimentos a pessoas de prestígio. A *Documentação Crítica de Fátima* integrou neste inquérito três depoimentos (cf. vol. 2, p. 211-237; veja-se a nota 2 da p. 221), que incluimos nesta *Seleção* (doc. 30, 31, 32, p. 154-163): o breve depoimento do P. Francisco Brás das Neves, coadjutor da Freixianda, que resume as entrevistas a Lúcia e Jacinta e refere sobretudo a questão do anúncio do fim da guerra; o depoimento do P. Luís Andrade e Silva, que narra o que viu em 13 de outubro, reconhecendo que aí se passou “qualquer coisa de extraordinário” (doc. 31, p. 156), mesmo que não garanta tratar-se de um milagre; o depoimento de Luís António Vieira de Magalhães e Vasconcelos, advogado em Vila Nova de Ourém, que testemunha a sua prudência inicial, em sintonia com o alheamento do clero do concelho, e narra o que viu na aparição de 13 de outubro e o diálogo com Lúcia e Jacinta algumas semanas depois. A impressão que lhe causou o fenómeno solar é expressa com emoção, e a reserva inicial cedeu lugar à convicção de que se tratava de uma manifestação divina: “Ao observar estas manifestações, que não duvidei um momento que fossem devidas à Infinita Omnipotência de Deus, uma indescritível impressão se apoderou de mim. Sei apenas que gritei, creio, creio, creio, e que as lágrimas caíam dos meus olhos, maravilhado, extasiado, perante essa demonstração do Poder Divino. Sei também que não senti a menor sombra de receio ou terror. Se não fosse católico, nesse momento ter-me-ia convertido” (doc. 32, p. 160). Apesar das dificuldades criadas pelo anúncio não concretizado do fim da guerra e sem se querer antecipar à autoridade eclesial, o deponente concluía que “as pastorinhas falam verdade e se estas falam verdade não pode haver dúvidas de que foi um milagre o que se deu no dia 13 de outubro próximo, passado, nas imediações do lugar da Fátima” (doc. 32, p. 163).

Este volume também recolhe outros testemunhos dos factos ocorridos em Fátima. É o caso do relato da manifestação solar de 13 de outubro pelo P. Manuel Pereira da Silva, pároco de Monte Redondo: “Imediatamente apareceu o sol com a circunferência bem definida. Aproxima-se como que até à altura das nuvens e começa girando sobre si mesmo vertiginosamente como uma roda de fogo preso, com algumas intermitências, durante mais de oito minutos” (doc. 12, p. 71). Ou o testemunho de Leonor de Avelar e Silva Constâncio, a partir da sua presença no local nos dias 13 de agosto, setembro e outubro, mesmo se no primeiro dia não compareceram as crianças, detidas para interrogatório pela autoridade municipal, e no último chegou a própria atrasada por um percalço na viagem. Testemunha ainda assim o enorme concurso de povo e a “magnífica e imponente manifestação de fé, a daquela enorme multidão de cerca de 50 mil pessoas, quase todas ali levadas pela fé, pelo desejo de se certificarem da veracidade dos factos que tinham ouvido narrar” (doc. 17, p. 96). Narra ainda o contacto com os videntes e a sua assistência ao interrogatório de 19 de outubro, realizado pelo Manuel Nunes Formigão (doc. 18, p. 100). Ficou agradada com as crianças, “que são robustas, sadias, alegres, francas e simpáticas, com uma desenvoltura própria da sua idade” (doc. 17, p. 97). Partilha ou deixa ressoar conclusão idêntica à do P. Formigão já anteriormente referida: “Todos estes argumentos que a minha razão me suscita me fazem pôr de parte, tanto a ideia de exploração, como a de sugestão nervosa, como até mesmo a de intervenção demoníaca. Aguardemos a resolução da Igreja” (doc. 17, p. 99).

Os fenómenos solares de 13 de outubro de 1917 também geraram curiosidade científica, repercutindo a atmosfera racionalista e positivista, dada à explicação científica. Nalguns casos, o recurso à ciência fez-se no sentido de descredibilizar os fenómenos. Noutros no de esgotar as possibilidades de explicação, para tornar sustentável a possibilidade de intervenção divina, superando as leis da natureza. A preocupação científica favorável aos acontecimentos de Fátima emerge nas cartas de Gonçalo de Almeida Garrett, bacharel em filosofia e doutor em matemática, lente substituto em Coimbra, a Manuel Nunes Formigão. Na primeira, de dezembro de 1917, considera os fenómenos solares não “astronómicos do sol propriamente dito, mas sim meteorológicos da atmosfera da terra sobre a imagem solar, quanto à cor e aspeto do brilho semelhante à lua, e também quanto à vista da rotação” (doc. 28, p. 148). Procurando uma justificação junto do seu destinatário para o não concretizado fim da guerra, questionava-se ainda sobre a aparente

nuvem de fumo que se elevou no local da aparição, relatada, juntamente com o fenómeno solar, num testemunho do seu filho José Maria de Proença de Almeida Garrett: “Uma coluna de fumo, delgada, ténue e azulada que subiu direita até dois metros, talvez, acima das cabeças para se nesta altura se esvaír. Durou este fenómeno, perfeitamente visível a olho nu, alguns segundos. Não tendo marcado o tempo de duração não posso afirmar se foi mais ou menos um minuto. Dissipou-se bruscamente o fumo e passado algum tempo repetiu-se o fenómeno uma segunda e uma terceira vez. Das três vezes, e sobretudo da última, destacaram-se nitidamente os fustes esguios na atmosfera cinzenta” (doc. 29, p. 151). Numa segunda carta, de setembro de 1918, Gonçalo de Almeida Garrett giza um plano para tentar perceber cientificamente a dita manifestação de fumo (doc. 37, p. 183-185). Já antes, num artigo de jornal, se detivera no relato de duas curas ocorridas em Fátima e nos problemas levantados à credibilidade dos videntes pelo facto de a guerra não ter imediatamente terminado (doc. 35, p. 169-171). Voltaria à nuvem de fumo num depoimento publicado em 1922, para concluir que “é, pois, um elemento de toda e completa transcendência para comprovar rigorosamente a verdade das aparições em Fátima” (doc. 70, p. 250).

3.3 - Os acontecimentos depressa se repercutiram na imprensa periódica local ou nacional. A aparição de julho de 1917 já encontrou espaço no jornal lisboeta *O Século*. O relato do correspondente em Meia Via, Torres Novas, dá conta dos boatos relativos às aparições anteriores, que arrastaram ao local muitas pessoas por curiosidade ou devoção em 13 de julho, esgotando as possibilidades de transporte existentes em Torres Novas e fechando inclusivamente bastantes estabelecimentos. O correspondente interrogou várias pessoas que estiveram no local e lhe mereciam confiança. Acreditava, porém, que por trás daquelas manifestações podia estar “uma premeditada especulação financeira, cuja fonte de receita existe nas entranhas da serra, em qualquer manancial de águas minerais” (doc. 4, p. 36) recentemente descobertas. Em outubro, porém, o mesmo jornal, pela pena de Avelino de Almeida, enviado especial à aparição, publicou um relato detalhado de quanto pôde registar, desde as impressões recolhidas antes e depois da aparição até à narração do fenómeno solar ocorrido: “O sol tremeu, o sol teve nunca vistos movimentos bruscos fora de todas as leis cósmicas – o sol ‘bailou’, segundo a típica expressão dos camponeses” (doc. 13, p. 76). Para o articulista, “assiste-se então a um espetáculo único e inacreditável para quem não foi testemunha dele”

(doc. 13, p. 76). Fica-se também a saber da presença distanciada de membros do clero e da expectativa do pronunciamento das autoridades competentes sobre a manifestação solar. No termo de um relato mais curto, na revista *Ilustração Portuguesa* do mesmo jornal, Avelino de Almeida, depois de se cingir aos factos, diria: “Milagre, como gritava o povo; fenómeno natural, como dizem os sábios? Não curo agora sabê-lo, mas apenas de te afirmar o que vi... O resto é com a Ciência e com a Igreja...” (doc. 21, p. 116).

As ressonâncias na imprensa não se ficaram apenas por relatos factuais de quem pretendeu ser imparcial e dizer só o que viu. A imprensa foi também muitas vezes o palco da discussão em torno dos acontecimentos de Fátima. Houve quem se serviu dela, para se justificar ou defender, como o pároco de Fátima diante das acusações de cumplicidade com o administrador de Vila Nova de Ourém, quando as crianças foram levadas para interrogatório em 13 de agosto (doc. 6, p. 38-40). Também dela deitou mão quem quis divulgar os acontecimentos, como Manuel Nunes Formigão no jornal *A Guarda* (doc. 47, p. 202). Ainda recorreram a ela os detratores, ao pretenderem interpretar os acontecimentos como um retrocesso da modernidade, que prescinde da ciência e da razão, para iludir pelo milagre. É o caso da Comissão de Propaganda do Registo Civil que se serve do jornal *O Mundo* de 26 de outubro de 1917 para publicar um projeto de manifesto a propósito da “invenção dos fantasiosos e ridículos milagres de Fátima”, resultado do “ignominioso manejo clérico-reacionário” (doc. 20, p. 112). No início de dezembro seguinte sairia uma folha panfletária, editada pela Associação de Registo Civil e Federação Portuguesa do Livre Pensamento, denunciando o recurso ao milagre “para embrutecer o povo pelo fanatismo e pela superstição” e reclamando “a luz brilhante da Verdade, da Razão e da Ciência” (doc. 27, p. 145).

3.4 - Entretanto ia ganhando expressão o culto e com ele a necessidade de uma imagem de Nossa Senhora para a capela das aparições. Depois de uma tentativa de compra em Lisboa, foi mandada fazer em Braga em 1919 (doc. 46, p. 201). Seria enviada em abril de 1920 (doc. 54, p. 213-214) e exposta ao culto no local das aparições em 13 de junho. Gilberto Fernandes dos Santos, que oferecera a imagem e a expusera naquele dia, refere ter acontecido “o fenómeno solar tal qual o de 13 de outubro de 1917”, assim como o facto de ter sido “a Venerada imagem completamente focada dum dourado transparente, celestial de certo” (doc. 57, p. 217). Os milagres, as pagelas e os folhetos iam ajudando a

alimentar e divulgar a mensagem e o culto (doc. 59, p. 221-223). Paralelamente deu-se início à compra dos terrenos na Cova de Iria, tarefa facilitada pela maior parte dos proprietários. No dizer do P. Formigão, “há grandes dedicações e entusiasmos por Fátima” (doc. 61, p. 226).

Manuel Nunes Formigão destacar-se-ia aliás na divulgação dos acontecimentos de Fátima e dos elementos que podiam favorecer o culto e a piedade. Em 1921 publicou *Os episódios maravilhosos de Fátima* (anexo, p. 567-617), dando conta dos acontecimentos de 1917, pela sua pena ou transcrevendo testemunhos. Relata ainda o segundo aniversário da primeira aparição, evidenciando a fé dos presentes e algumas curas. Depois de expor a doença e a morte de Jacinta, dá conta também do que testemunhou presencialmente no dia 13 de maio de 1920. O juízo ainda ficava em aberto – “Continuamos a manter-nos, como até aqui, em benévola expectativa” (anexo, p. 617) – mas os factos eram tidos como credíveis e merecedores de divulgação. Idêntico objetivo revelou com um novo opúsculo publicado em 1923, intitulado *Os acontecimentos de Fátima* (doc. 73, p. 261-278). Descreve as aparições, elenca as curas extraordinárias, alude à intenção de construir um templo dedicado à Senhora do Rosário, à doença e morte de Francisco e de Jacinta, ao atentado contra a capela de março de 1922, à comissão de inquérito nomeada pelo bispo, aos transportes para chegar a Fátima. Apesar da constatação de um comércio tido por indigno nas proximidades do lugar das aparições, que a autoridade eclesiástica ia procurando evitar, o opúsculo narra também o carácter religioso das peregrinações ocorridas nos dias 13: “A lembrança sempre viva das aparições e dos sucessos maravilhosos de que Fátima é teatro, a atmosfera saturada de sobrenatural que ali se respira, o temor religioso que insensivelmente se apodera de todos os que se aproximam do centro das maiores manifestações periódicas de índole religiosa, que registam os anais de Portugal, impedem a explosão das paixões humanas e conservam à distância aqueles que por ventura sejam tentados a visitar o local das aparições” (doc. 73, p. 276-277).

Fátima não gozava, porém, da benevolência de todos, nomeadamente dos setores anticlericais e das autoridades, que iam pondo obstáculos às peregrinações. Em maio de 1920, o governador civil de Santarém deu ordens para que não se realizassem manifestações religiosas no 13 de maio (doc. 55, p. 215). Antes da peregrinação de junho de 1921 o regedor da freguesia de Fátima recebeu indicações do administrador do concelho de Vila Nova de Ourém para que “não consinta tais

manifestações que só denotam fanatismo e em nada dignificam a república nas suas leis fundamentais” (doc. 62, p. 228). Os obstáculos eram interpretados por aqueles que os promoviam como expressão da vitória da modernidade sobre o obscurantismo que atentava contra o ideário subscrito pela república (doc. 56, p. 216). Corolário deste ambiente hostil foi a explosão de uma bomba na capela na madrugada de 6 de março de 1922 (doc. 66-67, p. 237-239). Os obstáculos continuariam ainda nos anos seguintes (doc. 74-75, p. 279-280; doc. 81, p. 316). Se na Câmara dos Deputados, o católico António Lino Neto erguia a sua voz a pedir esclarecimentos (doc. 76, p. 281-282), no Senado será Dias de Andrade a replicar à tentativa de Ramos de Miranda incluir os milagres no reduto da superstição (doc. 77, p. 283-286). Nas invetivas de um folheto da época, subscrito por um dito *Grupo Anticlerical*, “o Milagre de Fátima [...] é uma ridícula mentira, é uma comédia, não é religioso” (doc. 78, p. 289). A adversidade também é contada nalgumas cartas de 1929, escritas em resposta ao P. José Galamba de Oliveira (doc. 110, p. 401-402; doc. 112, p. 405-406; doc. 114, p. 409-412).

3.5 - A doença e a morte dos videntes Francisco e Jacinta também comparecem na documentação publicada. À morte de Francisco em 4 de abril de 1919 se refere um aditamento do pároco de Fátima ao termo de encerramento do processo paroquial (doc. 44, p. 198). Mais abundantes são as informações acerca de Jacinta, a propósito dos cuidados com o internamento hospitalar em Lisboa e, posteriormente, com o seu funeral (doc. 48, 50-52, p. 203,206-209). À doença e à morte de ambos alude ainda com detalhe Manuel Nunes Formigão (doc. 53, p. 210-212). Restava agora Lúcia para testemunhar as aparições. Já no Asilo de Vilar, no Porto, a cargo das irmãs doroteias, escreverá, em janeiro de 1922, a pedido do confessor, o seu primeiro relato (doc. 65, p. 232-236). Em julho de 1924, também no Porto, será interrogada oficialmente no âmbito do processo canônico (doc. 82, p. 317-324).

A partir de 1926, o volume inclui alguma correspondência de Lúcia, escrita a partir das comunidades das irmãs doroteias de Pontevedra e Tuy, por onde sucessivamente passou, sobre a devoção dos cinco primeiros sábados em reparação das ofensas ao Imaculado Coração de Maria, núcleo da aparição de 10 de dezembro de 1925. Segundo o relato de Lúcia, transcrito pelo P. José Aparício da Silva, Nossa Senhora, referindo encontrar-se o seu “coração cercado de espinhos que os homens ingratos a todos os momentos me cravam com blasfémias e ingratidões”, prometeu a assistência na hora da morte a “todos aqueles

que durante 5 meses no primeiro sábado se confessarem, recebendo a Sagrada Comunhão, rezarem o terço e me fizerem 15 minutos de companhia” (doc. 96, p. 356). Dadas as limitações colocadas pelo confessor à divulgação da devoção, Lúcia receberia confirmação da mesma por nova aparição de 15 de fevereiro de 1926, juntamente com a permissão para que a confissão pudesse ser noutra dia, desde que a comunhão ocorresse em graça, com “a intenção de com ela desagrar o Sagrado Coração de Maria” (doc. 84, p. 327). Dessa devoção deu conta em carta à mãe (doc. 89, p. 339; doc. 92, p. 344-345) e à madrinha de crisma (doc. 90, p. 340-341). Manifestou também alegria por saber que a mesma se está a difundir, em carta ao P. José Aparício da Silva, em que denota inquietação sobre se deve permanecer ou não no Instituto das Irmãs de Santa Doroteia em que se encontrava a fazer o noviciado (doc. 91, p. 342-343) e onde viria a professar em 3 de outubro de 1928 (doc. 95, p. 352-354); permanência que voltará a ser afluída em documentação de 1929 (doc. 104, p. 378-379; doc. 106, p. 383). Lúcia menciona também ao mesmo presbítero ter queimado, após diálogo com a madre superiora, o seu primeiro escrito sobre as revelações relativas à devoção dos cinco primeiros sábados (doc. 93, 346-347). Veio a escrever novo texto em 1928, com as revelações que lhe foram feitas em 10 de dezembro de 1925, 15 de fevereiro de 1926 e 17 de dezembro de 1927 (doc. 96, p. 355-357), com vista a obter autorização do bispo de Leiria para a divulgação da devoção (doc. 97-99, p. 358-362). Nova revelação na noite de 29 para 30 de maio de 1930 fez-lhe conhecer a relação dos cinco sábados com as cinco “espécies de blasfêmias, proferidas contra o Imaculado Coração de Maria” (doc. 128, p. 524). Neste contexto, surgem também referências de Lúcia à promessa divina do fim da perseguição na Rússia, “se o Santo Padre se dignar fazer, e mandar que o façam igualmente os Bispos do mundo Católico, um solene e público ato de reparação e consagração da Rússia aos Santíssimos Corações de Jesus e Maria, prometendo Sua Santidade, mediante o fim desta perseguição, aprovar e recomendar a prática da já indicada devoção reparadora” (doc. 125, p. 518; a mesma informação em doc. 128, p. 524-525; doc. 129, p. 526-528). Era uma temática que haveria de ter outros desenvolvimentos já depois do período a que se restringe a nossa documentação.

3.6 - Se o crescimento do culto em Fátima gerava entusiasmo nos fiéis e reações nas autoridades civis e nos opositores, também era objeto da atenção da autoridade eclesiástica, nomeadamente do bispo de Leiria,

D. José Alves Correia da Silva, que em 1920 assumira o governo pastoral da diocese, depois de esta ter sido restaurada. Inicialmente não se pronunciou oficialmente sobre os acontecimentos. Progressivamente foi desenvolvendo algumas iniciativas, como a visita à Cova de Iria e a permissão para a celebração da missa, como testemunha em nota de 14 de setembro de 1921 (doc. 63, p. 229). Tomaria subsequentemente algumas medidas disciplinares, para moderar excessos e evitar abusos, ao proibir o uso de foguetes e de bebidas alcoólicas no local das aparições (doc. 64, p. 230-231), para ordenar as peregrinações, num apelo à entreatura, à piedade e à penitência (doc. 83, p. 325), e para regulamentar os pedidos (doc. 85, p. 329).

Mais relevante fora, porém, a nomeação, em 3 de maio de 1922, da comissão que haveria de organizar o processo canônico para que se pudesse pronunciar definitivamente sobre as aparições (doc. 68, p. 240-246). O bispo constatava o grande número de fiéis que acorriam a Fátima, apesar da atitude expectante da autoridade eclesiástica e das perseguições e ameaças das autoridades civis. Da primeira sessão da comissão canônica, em 4 de maio de 1922, saiu a decisão de publicar “um boletim mensal a que se daria o nome de *Voz da Fátima* e seria destinado a registrar todas as notícias e informações relativas aos acontecimentos de Fátima” (doc. 69, p. 247). O primeiro número de um jornal intitulado *A Voz de Fátima* seria dado à estampa em 13 de junho seguinte. Publicado sem consenso quanto ao seu diretor, não foi além do seu primeiro número. O jornal *Voz da Fátima* publicar-se-ia mensalmente apenas a partir de outubro. Com a nomeação da comissão, chegara o tempo de “estudar e mandar estudar este caso” (doc. 68, p. 245). Começaram a reunir-se depoimentos (doc. 72 p. 255-259). O nosso volume comporta os interrogatórios aos familiares e habitantes de Fátima (doc. 80, p. 293-315) e a Lúcia (doc. 82, p. 317-324). Sublinhe-se a concordância dos testemunhos e a segurança de Lúcia: “Tenho a certeza de que a [Nossa Senhora] vi e de que não me enganei; ainda que me matassem, ninguém me faria dizer o contrário” (doc. 82, p. 324).

A comissão tardaria ainda a pronunciar-se. O bispo, porém, da prudência inicial foi passando a um posicionamento ativo e favorável à evolução religiosa de Fátima. Revela-o a entrevista informal dada em 1926 ao jornal *A Época*, onde a comparação com Lourdes evidenciava a importância dada ao rumo que o culto em Fátima tomara: “As peregrinações de Fátima são mais imponentes e significativas que as de Lourdes. Em Fátima juntam-se num só dia muitas mais pessoas do que habitualmente se juntam em Lourdes, apesar de todo o conforto e

comodidades que a pequena cidade dos Pirenéus oferece aos peregrinos” (doc. 86, p. 333). No ano seguinte, em julho, D. José Alves Correia da Silva criou uma capelania permanente no Santuário de Fátima (doc. 88, p. 338).

Mais prudência revelou no que concerne à aprovação da devoção dos cinco primeiros sábados. Manuel Nunes Formigão refere, em 8 de outubro de 1928, que o bispo o autorizou a propagar, “desde já, particularmente, a devoção reparadora, que Ele promulgará brevemente, recomendando-a e indulgenciando-a, em documento público e oficial”. Dava ao mesmo tempo conta da sua ida ao Porto na véspera para “tornar conhecida esta devoção, que é acolhida com o maior entusiasmo” (doc. 95, p. 353). Quase um ano depois, em setembro, D. José mostrava não ser ainda tempo de ir além de uma divulgação restrita e particular: “A devoção dos primeiros sábados está bem, mas ainda não lhe chegou a hora o que não quer dizer que não se propague nas casas e colégios religiosos” (doc. 106, p. 383). Era tempo, porém, de fortalecer o culto mariano, como exprime a aprovação indulgenciada da Novena a Nossa Senhora de Fátima (doc. 107, p. 384-386).

3.7 - Os acontecimentos de Fátima foram progressivamente transbordando da cena nacional e adquirindo repercussão além-fronteiras. Particularmente significativa desta internacionalização, porque mostrava acolhimento por parte do periódico da Santa Sé, foi a publicação de um artigo em *L'Osservatore Romano*, a propósito da peregrinação de 13 de maio de 1928 (doc. 94, p. 348-351). Definindo Fátima como a Lourdes portuguesa e evidenciando o entusiasmo da multidão de peregrinos, a notícia historia brevemente os acontecimentos de Fátima e descreve detalhadamente a peregrinação. Também mereceria espaço no periódico do Vaticano a peregrinação aniversária de maio 1930 (doc. 126, p. 520-521). Desta internacionalização dá conta o jornal *Novidades* quando refere em janeiro de 1929 que “na Europa e nas Américas, Fátima vai despertando a atenção, que passa facilmente ao louvor”, ao mesmo tempo que lamenta que “não temos sabido apreçoar esta maravilha da nossa pátria” (doc. 100, p. 363). Sublinha, contudo, o papel dos alunos do Colégio Português em Roma: “Hoje, em Roma, na Universidade Gregoriana, estudantes espanhóis, franceses, belgas, alemães, ingleses, italianos, etc., etc. interessam-se pela vida de Fátima e pedem continuamente pormenorizadas informações” (doc. 100, p. 365). Informa ainda que, numa audiência recente dos alunos com Pio XI, este lhes tinha oferecido umas estampas de Nossa Senhora de Fátima,

recentemente chegadas de Portugal. O jornal interpretava aquele gesto pontifício como uma “aprovação implícita” (doc. 100, p. 366).

Na dinamização de Fátima em Roma desempenhou, de facto, papel de relevo o Colégio Português, como evidencia alguma documentação aqui reunida. Joaquim Carreira, aluno da diocese de Leiria e futuro reitor do Colégio, testemunha em carta o interesse por Fátima de alguns professores da Universidade Gregoriana, pede alguns “santinhos de Nossa Senhora de Fátima” para divulgação e, em jeito de pergunta, aventa a utilidade da publicação de um opúsculo “destinado a fazer propaganda de Fátima pelo estrangeiro, devendo por isso ser escrito em duas ou três línguas (francês, italiano e alemão)” (doc. 101, p. 369-370). Noutra missiva narra a festa de Nossa Senhora de Fátima em Orte, em 13 de outubro de 1929, dinamizada pela comunidade do Colégio Português (doc. 108, p. 387-389). A barreira da língua entretanto ia sendo ultrapassada com a chegada a Roma de alguns exemplares franceses da *Revue du Rosaire* e outros do livro alemão do historiador Ludwig Fischer, *Fatima, das Portugiesische Lourdes. Reseeindrücke*, entretanto traduzido em português (*Fátima, a Lourdes Portuguesa. Impressões de Viagem*) (doc. 118, p. 422-426). As iniciativas e ressonâncias romanas iam-se multiplicando. Também o aluno João Pereira Venâncio, futuro bispo de Leiria, dá notas do modo como no Colégio se prestava atenção a Fátima, ao descrever a inauguração da imagem de Nossa Senhora de Fátima da capela do Colégio, em 8 de dezembro de 1929, imagem benzida dois dias antes por Pio XI (doc. 111, p. 403-404).

Neste crescente acolhimento de Fátima em Roma alcançou particular significado a conferência do diretor espiritual do Colégio, o jesuíta Luís Gonzaga da Fonseca, no Pontifício Instituto Bíblico, onde era professor, em 11 de maio de 1930 (doc. 123, p. 513-516). Fátima marcava presença numa prestigiada instituição académica romana, com a presença de professores e alunos de diversas proveniências, a potenciar a difusão. Aquele jesuíta desenvolveria, aliás, significativa atividade divulgativa de Fátima em Roma e noutras paragens. Das celebrações relacionadas com Fátima no Colégio Português, da conferência no Pontifício Instituto Bíblico e diferentes ações divulgativas desenvolvidas em Itália fazia eco em Portugal o jornal *Novidades* (doc. 109, p. 390-400; doc. 115, p. 413-416; doc. 130-131, p. 529-539). A internacionalização da mensagem e do culto de Nossa Senhora de Fátima repercutiam-se assim também na própria divulgação nacional, onde a imprensa nacional ou local continuava a desempenhar o seu papel.

Não se ficam por Roma ou por Itália os ecos da divulgação de Fátima por geografias mais distantes. Para tal contribuiu certamente a difusão do livro de Ludwig Fischer. Segundo o documento de aprovação da obra pelo bispo de Leiria, “este entusiasmo transbordou da sua Alemanha e espalhou-se pela Holanda, Checoslováquia, Jugoslávia, Roménia, etc” (doc. 119, p. 428). Também o jesuíta Luís Gonzaga Cabral reconhecia a importância do livro para a difusão de Fátima, quer pela qualidade da obra, quer pelo facto “de ser escrito por um estrangeiro, que se dirige aos seus compatriotas alemães, propondo-lhes Portugal como modelo” (doc. 122, p. 508). A dita conferência de Luís Gonzaga da Fonseca advertia que o nome Fátima “mais ou menos estropiado conhece-se em todas as nações da Europa, e fora dela, nos Açores e na Madeira – em Angola e Moçambique – nas Índias e na China, nos Estados Unidos e no Brasil” (doc. 130, p. 531) Os territórios que eram ou tinha sido portugueses permitiam que a devoção chegasse a outros continentes. Do Lubango, Angola, surge-nos um testemunho de 1929, que conta a difusão do jornal *Voz da Fátima* e narra o culto a Nossa Senhora de Fátima no aniversário da primeira aparição (doc. 103, p. 376-377). Do Brasil, chega a notícia da inauguração, em 1930, de uma imagem no Rio de Janeiro, depois de ter seguido benzida de Portugal, e a informação de que “o culto a Nossa Senhora do Rosário de Fátima está a propagar-se extraordinariamente” (doc. 116, p. 418).

3.8 - Acolhidos e divulgados em Portugal e no estrangeiro, os acontecimentos de Fátima estavam prestes a obter o reconhecimento da autoridade eclesiástica diocesana. Em 13 abril de 1930 foi aprovado o relatório pela comissão canónica, criada por D. José Alves Correia da Silva oito anos antes (doc. 120, p. 430-505; doc. 121, p. 506). É um documento longo e pormenorizado, redigido por Manuel Nunes Formigão, que procura historiar as aparições e analisar os diferentes aspetos a elas relativos, de modo a concluir que são credíveis. Com base nos relatos dos videntes e das testemunhas, o relatório pronuncia-se pela sinceridade daqueles e pela verdade do que disseram, mesmo em ambiente adverso, e entende que as aparições não podem confundir-se com alucinações. A credibilidade é sustentada também pelo habitual desinteresse dos familiares das crianças, não propícia à construção de um relato desconforme com o ocorrido, assim como pelo alheamento dos padres e pela reserva ponderada da autoridade eclesiástica. Muito valor é dado às declarações de Lúcia, cujo depoimento oficial “não pode deixar de oferecer as mais seguras garantias de credibilidade” (doc.

120, p. 464). Aliás, a sua figura é altamente considerada, também no seu itinerário vocacional rumo à profissão religiosa, numa linguagem encomiástica que parece esquecer a necessária objetividade de um relatório. Consideradas foram ainda as conversões, as manifestações de fé e piedade, as curas extraordinárias e a difusão do culto de Nossa Senhora de Fátima nos territórios portugueses de aquém e de além-mar e nos muitos países a que já tinha chegado, assim como a atenção do papa expressa na audiência aos alunos do Colégio Português de 1929. A divergência entre o anúncio do imediato fim da I Guerra Mundial no conteúdo das aparições e a demora na sua concretização – aspeto que desafiava a credibilidade das aparições – leva o relatório a esmerar-se na busca de soluções plausíveis. Para ser aprovado pela comissão sofreu, todavia, uma simplificação, prescindindo de algumas delas. O relatório procura analisar objetivamente os fenómenos naturais que envolveram as aparições, nomeadamente a nuvem de fumo que se elevava no local e o sinal solar predito por Lúcia para se realizar na aparição de outubro. Relativamente a este último e independentemente da sua natureza, o relatório defende a sua origem sobrenatural. Por fim, afirma que as suas considerações finais “não podem deixar de ser inteiramente favoráveis à realidade das aparições e à origem sobrenatural e divina das mesmas aparições, assim como dos outros sucessos extraordinários que as acompanharam e que se lhes seguiram” (doc. 120, p. 499).

Na posse do relatório, o bispo de Leiria não se pronunciou de imediato. Teve tempo para refletir antes de publicar a carta pastoral de 13 de outubro de 1930. Depois de um conjunto de considerações, que historicam os acontecimentos e justificam a sua credibilidade, D. José Alves Correia da Silva entendeu por bem “*declarar como dignas de crédito às visões das crianças na Cova de Iria, [...] nos dias 13 de maio a outubro de 1917*” e “*permitir oficialmente o culto de Nossa Senhora de Fátima*” (doc. 133, p. 552). Era o pronunciamento oficial da autoridade eclesiástica. No dizer do jornal *A Guarda*, um dos que noticiaram a oficialização das aparições, depois da prudência inicial da Igreja, “a devoção venceu as determinações episcopais” (doc. 128, p. 560).

A mensagem e o culto de Nossa Senhora de Fátima adquiriam assim uma base mais sólida para a sua difusão. A unidade que o catolicismo português reclamava no rescaldo do confronto com a república e no quadro de recomposição proporcionado pelo Concílio Plenário Português podia gravitar em torno de Fátima. Afinal, nas palavras do P. Manuel Pereira dos Reis em 1929, “Fátima é no dia de hoje o mais

luzido altar da padroeira de Portugal” (doc. 102, p. 372). O entusiasmo das multidões que se dirigiam à Cova da Iria e o reconhecimento oficial das aparições conferiam a Fátima uma importância crescente como centro de peregrinação nacional. Ao catolicismo em Portugal era oferecida uma nova centralidade geográfica e um polo dinamizador da ação pastoral da Igreja.

Adélio Fernando Abreu

DOCUMENTOS

Doc. 1
1917-05-c.27, Fátima

Interrogatório do Pe. Manuel Marques Ferreira¹, pároco de Fátima, a Lúcia de Jesus Santos² sobre a primeira aparição.

Publ: DCF, I - Doc. 1

Interrogatório feito pelo Pároco da Fátima Manuel Marques Ferreira às crianças que dizem ter visto Nossa Senhora.

1ª Aparição – 13-5-1917 – Lúcia, de 11 anos, filha de António dos Santos – Francisco³ e Jacinta⁴, filhos de Manuel Pedro Marto, de Aljustrel.

¹ Nasceu a 22 de março de 1880 em Casal Menino, freguesia de Espite, concelho de Ourém. Foi pároco de Ourém (1908-1910), Sabacheira (1910-1914), Fátima (1914-1919), Maceira (1920-1927) e S. Simão de Litém (1927-1945) Faleceu a 26 de janeiro de 1945.

² Nasceu, em Aljustrel, a 22 de março de 1907 (data do assento de batismo; cf. Doc. 10, nota 10) e foi batizada no dia 30 do mesmo mês. Filha de António dos Santos e de Maria Rosa. Em 1916, é favorecida com as aparições do Anjo e, em 1917, as de Nossa Senhora do Rosário. Saiu de Fátima para o Asilo de Vilar, no Porto, em junho de 1921. A 24 de agosto de 1925, recebe o Crisma de D. José Alves Correia da Silva, na Quinta da Formigueira, em Braga, sendo sua madrinha, Maria Filomena Morais de Miranda. Nesse mesmo ano ingressou no Instituto de Santa Doroteia, como Postulante, em Pontevedra, Espanha, passando a usar o nome de Maria das Dores. A 19 de junho de 1926, entra no noviciado, em Tuy, Espanha, fazendo os seus primeiros votos, a 3 de outubro de 1928 e os votos perpétuos a 3 de outubro de 1934. A 25 de março de 1948, entrou para o Carmelo de Coimbra, onde professou como Carmelita, a 31 de maio de 1949. Aí se manteve até à sua morte, a 13 de fevereiro de 2005. A 19 de fevereiro de 2006, foi trasladada para a Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, no Santuário de Fátima.

³ Nasceu a 11 de junho de 1908, em Aljustrel e foi batizado no dia 20 do mesmo mês. Filho de Manuel Pedro Marto e de Olímpia de Jesus. Faleceu a 4 de abril de 1919, vítima da pneumónica. Os seus restos mortais ficaram sepultados no cemitério paroquial de Fátima, até ao dia 13 de março de 1952, data em que foram trasladados para a Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima (lado nascente).

⁴ Nasceu a 11 de março de 1910, em Aljustrel e foi batizada no dia 19 do mesmo mês. Segundo o Dr. Formigão, “Jacinta de Jesus fez 7 [anos] a 5 de Março [de 1917]” (DCF, I, Doc. 11 de 11 de outubro de 1917). Filha de Manuel Pedro Marto e de Olímpia de Jesus. Jacinta foi favorecida com as aparições de Nossa Senhora, em 1917, tendo ainda recebido uma visita de Nossa Senhora, pouco antes de morrer, no hospital de D. Estefânia, em Lisboa, a 20 de fevereiro de 1920. Em 12 de setembro de 1935, foi trasladado o seu cadáver do jazigo da

A Lúcia disse que andavam todos... e todos viam uma mulher. O Francisco que só a viu quando ela partiu. A Lúcia disse que estavam assentados todos e que a mulher apareceu ficando para o lado da Fátima.

Primeiro viram um relâmpago, levantaram-se e começaram a juntar as ovelhas para se irem embora com medo, depois viram outro relâmpago, depois viram uma mulher em cima duma carrasqueira, vestida de branco, nos pés meias brancas, saia branca dourada, casaco branco, manto branco, que trazia pela cabeça, o manto não era dourado e a saia era toda dourada a atravessar, trazia um cordão de ouro e umas arrecadas muito pequeninas, tinha as mãos erguidas e quando falava alargava os braços e mãos abertas.

Essa mulher disse que não tivessem medo, que não lhes fazia mal.

Perguntou a Lúcia:

– Que lugar é o de vossemecê?

Ela disse:

– O meu lugar é o céu.

– Para que é que vossemecê cá vem ao mundo?

– Venho cá para te dizer que venhas cá todos os meses até fazer seis meses e no fim de seis meses te direi o que quero.

– Vossemecê sabe-me dizer se a guerra ainda dura muito tempo ou se acaba breve?

– Não te posso dizer ainda enquanto te não disser também o que quero.

Perguntei-lhe se ia para o Céu e ela disse-me:

– Tu vais.

– E minha prima?

– Também vai.

– E meu primo?

– Esse ainda há-de rezar as continhas dele.

E depois disto abalou pelo ar acima.

Os outros dois ouviram as perguntas e as respostas mas não fizeram perguntas.

família do Barão de Alvaiázere, em Vila Nova de Ourém, para o cemitério de Fátima, e colocado junto dos restos mortais do seu irmão Francisco. No dia 1 de maio de 1951, efectuou-se a trasladação dos restos mortais de Jacinta para o novo sepulcro preparado na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima (lado poente).

Doc. 2
1917-06-p.14¹, Fátima

Interrogatório do P^c. Manuel Marques Ferreira, pároco de Fátima, a Lúcia, sobre a aparição de junho, na Cova da Iria.

Publ: DCF, I - Doc.2

2^a Aparição – 13-6-1917. Diz a Lúcia que esteve um bocado à espera e durante este tempo esteve a rezar o terço e quando iam para rezar a ladainha disse: não comecem que já não têm tempo, pois estava muita gente, por já ter visto o relâmpago e dirigiu-se à carrasqueira com o povo que estava: ao chegar fez uma vénia dobrando um joelho e ao mesmo tempo chegou a Senhora vindo em linha oblíqua do lado do nascente e fez a pergunta:

– Então o que é que me quer?

– “Quero-te dizer que voltes cá no dia 13 e que aprendas a ler para te dizer o que te quero.”

– Então não quer mais nada?

– Não quero mais.

O traje era: um manto branco que da cabeça chegava ao fundo da saia, era dourado da cintura para baixo dos cordões a atravessar e de alto a baixo e nas orlas era o ouro mais junto. A saia era branca toda e dourada em cordões ao comprido e a atravessar, mas só chegava ao joelho; casaco branco sem ser dourado, tendo nos punhos só dois ou três cordões; não tinha sapatos, tinha meias brancas, sem serem douradas; ao pescoço tinha um cordão de ouro com medalha aos bicos; tinha as mãos erguidas; tinha nas orelhas uns botões muito pequeninos e muito chegados às orelhas; separava as mãos quando falava; tinha os olhos pretos; era de meia altura.

¹ Não é referida a data exata do interrogatório, mas na redação final do depoimento de Lúcia (6 de agosto de 1918), o pároco diz: “Logo após o dia treze de junho, comparece na minha presença...”.

Doc. 3**1917-07-14, Fátima**

Interrogatório do P^e. Manuel Marques Ferreira, pároco de Fátima, a Lúcia e a Jacinta sobre a aparição de julho, na Cova da Iria.

Publ.: DCF, I - Doc. 3

3^a Aparição: 13-7-1917 – No dia 14-7-1917 veio à minha presença Lúcia de 10 anos, disse que saiu de casa no dia 13 pelas onze horas, chamou a Jacinta e chegámos à estrada nova: fomos a correr até lá, a gente dizia que fôssemos devagar e nós dizíamos que não nos cansavam as pernas para irmos devagar. Chegámos e encontrámos lá minha irmã e ela mandou-me pedir o terço, eu pedi-o e rezámo-lo; estivemos um nadita, deu um relâmpago e veio a Senhora. Levantei-me, disse que se chegassem para trás alguma coisa e que ajoelhassem os que pudessem e quisessem, tornei a joelhar e perguntei-lhe:

– O que é que me quer?

– Quero-te dizer que voltem cá no dia 13.

E disse mais:

– “Rezem o terço a Nossa Senhora do Rosário que abrande a guerra que só ela é que lhe pode valer.”

Eu disse mais:

– Tenho aqui por pedido se vossemecê converte uma mulher do Pedrógão e uma da Fátima e se melhora um menino da Moita¹.

Ela disse que os convertia e melhorava entre um ano.

Eu disse:

– Faça um milagre para que todos se acreditem.

– Daqui a três meses farei então com que todos acreditem.

– Não me quer mais nada?

– “Não, eu por mim agora não te quero mais nada.”

Eu disse-lhe:

– Pois eu por mim também não quero mais nada.

Depois ela foi-se para o lado do nascente e eu disse ao povo:

– Olhem para ali para a ver, para o lado onde ela ia.

O povo voltou-se.

Era exatamente a mesma que tinha visto das outras vezes.

¹ João Carreira. Filho de Manuel Carreira e de Maria dos Santos, ou Maria Carreira (“Maria da Capelinha”). Nasceu a 26 de março de 1901, na Moita Redonda,

–Tinha aqui um pedido se vossemecê levava para o céu um homem da Atougua o mais depressa melhor.

– Levo-o.

No dia 14 de julho de 1917 apareceu na minha presença Jacinta de 7 anos de idade, filha de Manuel Pedro Marto; interrogada sobre a visão, disse:

Que tinha visto uma mulher pequena 4 vezes, uma em sua casa à noite e três na Cova da Iria ao meio dia; diz ser do tamanho da Albina, filha de António Rosa da Casa Velha²; em casa viu-a à borda do alçapão do sótão, não dizendo nada; estava a mãe e irmãos a dormir e era de noite; na Cova da Iria viu-a em pé em cima duma carrasqueira³; vinha vestida com meias brancas e fato todo dourado; não trazia sapatos; a saia era branca e toda dourada e dava-lhe pelos joelhos; o dourado era aos cordões a atravessar e nos cordões aos biquinhos; casaco branco todo dourado; um manto pela cabeça era branco e todo dourado; as mãos erguidas à cintura e abriam, separando-as quando falava à Lúcia; não lhe ouviu dizer nada, ouviu falar (ora diz que sim, ora diz que não), não ouviu dizer quantas vezes cá vinha; à saída abria-se o céu e ficavam os pés entalados e o corpo já escondido; ouviu uma fala muito piedosa e só se lembra de ouvir que a gente (elas) ia para o céu; diz ter visto relâmpago mas ora diz ser uma vez ora mais duma, ora antes, ora depois; trazia umas contas brancas nas mãos, seguras entre o dedo polegar e indicador das duas mãos; não viu brincos; trazia um cordão de ouro delgado ao pescoço.

² Nasceu a 3 de dezembro de 1901. Era filha de António Ferreira Rosa , de Aljustrel, irmão de José Ferreira Rosa (primeiro marido de Olímpia de Jesus, mãe de Francisco e Jacinta) e de Maria Rosa (mãe de Lúcia).

³ A carrasqueira, tantas vezes referida, é uma azinheira nova, de pequeno porte. Azinheira: *Quercus rotundifolia*, Lam., árvore da família das fagáceas, de copa ampla arredondada e densa, de folhas persistentes, muito coriáceas, pequenas, dentado-espinhosas no estado juvenil , com cinco a oito pares de nervuras. Ao fruto se dá popularmente o nome de “azinha”, “boleta” ou “bolota”.

Doc. 4
1917-07-23, Lisboa

Descrição da aparição de 13 de julho, pelo correspondente do jornal “O Século”, em Meia-Via, Torres Novas [data da redação: 21 de julho de 1917].

Publ.: DCF, 3-1, Doc. 3

Uma embaixada celestial...
ESPECULAÇÃO FINANCEIRA?

“Meia Via, (Torres Novas), 21. – C. – Há muito tempo que nesta localidade corria com insistência o boato de que num determinado ponto da serra de Aire apareceria no dia 13 do corrente a mãe de Jesus Cristo a duas criancinhas, a quem já por diversas vezes tinha aparecido, e no mesmo local.

Este boato, como é de supor, despertou a curiosidade geral na vila de Torres Novas e subúrbios, entre os quais se conta esta localidade, arrastando ao referido ponto milhares de criaturas, umas, as descrentes, para assistirem a qualquer coisa interessante; outras, as religiosas, por credulismo e devoção.

O caso é que o acontecimento foi tão empolgante que, em Torres Novas, vila, como todos sabem, abundante em alquilarias, no referido dia não se encontrava sequer um carro para alugar, chegando mesmo a fechar bastantes estabelecimentos.

Seriam 2 horas quando nesta localidade apareceram, de regresso, as numerosas pessoas, na maioria religiosas, que daqui foram presenciar o anunciado milagre, entoando cânticos e hinos à Virgem e soltando alguns vivas quando destroçaram para suas casas.

Num impulso de irresistível curiosidade (pois o caso é de molde a despertá-la), acercámo-nos no dia seguinte duma criatura, que, creio também, fez parte da romagem pelas completas informações que soube dar-me, e dirigimos-lhe algumas perguntas acerca do assunto, às quais, com uma inflexão de voz, que bem deixava transparecer a emoção que sentia, respondeu da forma seguinte:

¹ Diário do Partido Republicano Português, fundado em 1881. Esta é a primeira notícia de imprensa sobre os acontecimentos de Fátima.

– No dia 13, que estava designado para a aparição de Nossa Senhora, dirigimo-nos ao local indicado. Já ali fervilhavam milhares de pessoas, que, impulsionadas pelo desejo de a verem, ali se tinham arrastado, vindo de longínquas povoações algumas delas.

A curiosidade era geral e num momento todos se conservaram silenciosos, boquiabertos, perscrutadores, como que procurando ouvir qualquer voz que vinha das entranhas da terra. Nisto, ouve-se um ruído semelhante ao ribombar do trovão e logo a seguir as duas crianças, que estavam junto duma carrasqueira circundada por muitas florinhas, creio que paradisiacas, irromperam num choro aflitivo, fazendo gestos epiléticos e caindo depois em êxtase. A uma delas, a que tinha o privilégio de ouvir e ver a santa, fizeram várias pessoas muitas perguntas, às quais respondia dizendo que via uma espécie de boneca muito bonita, que lhe falava. Tinha, dizia, um resplendor em torno da cabeça e chamava-a para junto de si, numa voz muito fininha e melodiosa. Entre muitas coisas que lhe disse, a principal foi anunciar-lhe a sua reaparição do dia 13 a um mês e no mesmo sítio, aparecendo ainda mais outra, para declarar o motivo por que tinha vindo ao mundo.

Agradecidas as informações que a mulherzinha prestou, retirei-me, formulando uma opinião acerca do que acabava de ouvir. O caso parece extremamente irrisório e, seriamente, não o teria acreditado se aquela criatura não merecesse a máxima confiança por ser sincera e verdadeira e não fosse corroborado por outras que o contaram, empregando as mesmas palavras e citando os mesmos factos.

Entretanto, é minha opinião que se trata duma premeditada especulação financeira, cuja fonte de receita existe nas entranhas da serra, em qualquer manancial de águas minerais que recentemente tenha descoberto algum indivíduo astucioso que, à sombra da religião, quer transformar a serra de Aire numa estância miraculosa como a velha Lourdes.

As autoridades já tomaram conta do caso, e, se ainda o ignoram, servir-lhe-á o comentário de aviso.

Doc. 5
1917-08-21¹, Fátima

Interrogatório do Pe. Manuel Marques Ferreira, pároco de Fátima, a Lúcia, sobre a aparição de agosto, nos Valinhos.

Publ. DCF, I - Doc. 4

4^a Aparição – Foram presas.

Disse Lúcia que viu Nossa Senhora no domingo a seguir ao dia 13^o no sítio do Valinho³; primeiro viu os ares como costumavam aparecer; viu vir Nossa Senhora do lado do nascente, depois pousou em cima da carrasqueira.

Fiz-lhe uma vénia, levantei-me outra vez e perguntei-lhe:

– O que é que vossemecê me quer?

– “Quero dizer-te que voltes lá à Cova da Iria; se não tivessem abalado contigo para a Aldeia⁴ seria o Milagre mais conhecido; havia de vir S. José com o Menino Jesus dar a paz ao mundo e havia de vir Nosso Senhor benzer o povo, vinha Nossa Senhora do Rosário com um anjo de cada lado e Nossa Senhora com um arco de flores à roda.”

Perguntei:

– Aquele dinheiro que vossemecê tem, o que é que vossemecê quer feito dele?

– Aquele dinheiro façam dois andorzinhos pequeninos; um leva-o tu mais três meninas como tu e vão de branco; o outro leva-o o Francisco e mais três meninos como ele; levem uma capa branca, levem-no à Senhora do Rosário e apliquem-no a ela. Depois abalou pelo ar acima e eu disse adeus.

Perguntei-lhe da 1^a ou 2^a vez quem era e ela disse que no último dia me dizia.

¹ O interrogatório sobre a quarta aparição foi feito a 21 de agosto de 1917 (no Processo Paroquial, de 6 de agosto de 1918, o pároco diz: “no dia 21 compareceu na minha presença, a menina Lúcia”).

² Dia 19 de agosto.

³ Atualmente Valinhos, a cerca de 400 metros a noroeste da casa de Lúcia.

⁴ Aldeia da Cruz, antigo nome de Vila Nova de Ourém, atualmente Nossa Senhora da Piedade.

Doc. 6
1917-08-25, Fátima

O jornal “O Ouriense”¹ publica a carta do Padre Manuel Marques Ferreira, pároco de Fátima, ao redator deste jornal, a defender-se da acusação de cumplicidade com o administrador de Vila Nova de Ourém², no rapto dos videntes no dia 13 de agosto de 1917.

Cartas semelhantes foram publicadas também em “O Mensageiro”, Leiria, 3 (151), 22 ago. 1917, p. 2, cols. 2-3 (*DCF, III-1*, Doc. 12) e em “A Ordem”, Lisboa, 25 ago. 1917, p. 2, cols. 2-3 (*DCF, I* - Doc. 40).

Entre as três redações, não existe diferença essencial, se se excluir o *post scriptum* nesta carta enviada a “O Ouriense”. Nota-se no pároco uma preocupação de adaptar cada carta à publicação a que era destinada.

Publ.: DCF, III-1, Doc. 19

Ex. mo Snr. Redator

Venho rogar a subida honra de publicar em lugar comum do Ouriense o seguinte: – Aos crentes e não crentes.

Com toda a repulsão do coração de padre católico, venho tornar patente e asseverar perante todos os que tiveram conhecimento ou o possam vir a ter do boato tanto mais infamante e repelente quanto mais perigoso para a minha existência e dignidade paroquial de que fui cúmplice no brusco arrebatamento das criancinhas, que dizem ver Nossa Senhora nesta freguesia, à autoridade de seus pais e à satisfação que desejavam as 5 a 6 000 pessoas (segundo os cálculos) que, muitas à distância de tantas léguas e com enormes sacrifícios, vieram para as ver, falar e ouvir falar – digo – venho a repelir tão injusta como insidiosa calúnia, bradando ao mundo inteiro que não tomei parte por mínima que fosse, quer direta quer indiretamente, no odioso e sacrílego ato.

O Administrador não me confiou o segredo de suas intenções.

E se foi providencial – que foi – a autoridade levar furtivamente e

¹ Boletim do concelho de Vila Nova de Ourém. Diretor e editor: Pe. Manuel José Alves, que foi pároco de Vila Nova de Ourém, durante 40 anos.

² Artur de Oliveira Santos, nasceu a 22 de janeiro de 1884. Fundou o Centro Republicano Democrático. Ocupou o cargo de administrador do concelho de Vila Nova de Ourém de maio de 1915 a dezembro de 1917, em 1919, 1922 e 1924. Faleceu a 27 de junho de 1955.

sem ocasião de resistência as criancinhas, não foi menos providencial a acalmação dos ânimos excitados pelo diabólico boato – aliás teria esta freguesia hoje a lamentar a morte de seu pároco como cúmplice.

Mas desta vez ainda a cilada do demónio não logrou ferir de morte devido certamente à Virgem Mãe.

A autoridade, depois do longo interrogatório das criancinhas em suas casas, as fez conduzir a título de informações para minha casa; diz, para elas lhe descobrirem um segredo que ainda lhe não haviam revelado – donde em tempo que julgou oportuno as mandou subir para o carro e, dizendo aos pais e circunstantes que as levava ao local das Aparições, parte à desfilada para Vila Nova de Ourém.

Escolheu a minha casa com que fins?

Para se furtar às vias que seu ato iria provocar?

Para que o povo se amotinasse, como amotinou contra mim como cúmplice? Para... outro fim?

Não sei. – Mas só o que sei, é que declino toda a responsabilidade que cabe a tal modo de proceder, e, que Deus pode sempre velar pelos seus.

Às obras de Deus ninguém pode pôr entraves.

Não foram necessárias, dizem milhares de testemunhas, as crianças para a Rainha dos Anjos revelar o seu poder, vão elas mesmo atestar os factos extraordinários e os fenómenos de que deram fé e que mais arreigaram sua crença.

Agora não são as 3 crianças de 9 a 11 anos, são os milhares de pessoas de todas as idades, classes e condições, vindas dos diferentes pontos do país.

Se a minha ausência como pároco no local se faz sentir aos crentes, não menos se faria sentir a minha presença aos descrentes, em desprimor da verdade dos factos.

A Virgem Mãe não precisa da presença do pároco para mostrar a sua bondade, e é necessário que os inimigos da religião não possam deslustrar o brilho de Sua Benevolência atribuindo a crença dos povos à presença ou conselho do pároco porque a fé é um dom de Deus e não dos padres: – eis o verdadeiro motivo da minha ausência e aparente indiferença em tão sublime e maravilhoso assunto: – eis porque não tenho dado meu claro parecer às mil interrogações e cartas que se me têm dirigido.

O inimigo não dorme. Ruge como o Leão.

Não foram os Apóstolos os primeiros a anunciar a Ressurreição do Filho da Virgem.

Abstenho-me de fazer a narração dos fenómenos dados no local das Aparições porque esta já vai longa, de que peço desculpa, e porque certamente a esta hora já a imprensa se deve feito eco disso.

Creia-me muito agradecido.

De V. E^a

Mt. At. V^{or.} e Ob.

Pe. Manuel Marques Ferreira

P.S. — Chegou no dia 15, a autoridade com as crianças a minha casa, onde se ajuntaram os pais das mesmas e muitas outras pessoas perante as quais pretendeu com todas as amabilidades explicar o seu modo de proceder.

Doc. 7**1917-09-08, Soudos**

Carta de Carlos de Azevedo Mendes¹, enviada à sua futura esposa, Maria Prazeres Lucas Courinha², contando a sua visita a Fátima e a conversa com os videntes no dia 7 de setembro.

Publ.: DCF, I - Doc. 55

Minha Prazeres
Soudos
8/9/1917.

Como dizia na carta do dia 6, impossível me foi escrever ontem à minha Filhinha. Não porque chegasse muito cansado, mas sim muito moído...

Contudo, Prazeres agradeço-te e muito o teres de certo modo feito com que tivesse ido à Fátima!!!

Talvez o amorzito não tivesse desconfiado desta minha decisão e do motivo que a originou... Passou-me é certo tal ideia pela cabeça, confesso que talvez sem grande vontade de a pôr em prática, mas se a minha Filhinha me disse ou me deu a entender que gostava que fosse... Parece-me que encarei o passeio mais como uma prova desportiva, sem contudo lhe querer tirar o espírito de curiosidade (mais forte, que outro qualquer) que me levou até ao meio da serra. A dificuldade da companhia tinha-a resolvido e com muita felicidade, pois o Júlio é um ótimo companheiro. A do caminho não era também pequena. Mas com vontade todas desaparecem!!...

Tirei informações e depois de as pesar resolvi-me a seguir, o que à minha cabeça me parecia melhor. Ainda bem que assim fiz.

De noite mal cerrei os olhos!!! Creio que, se dormi, não foi além de duas horas!!... Às 6 horas (uma hora antes do sol fora!!), já estávamos

¹ Nasceu em Soudos, freguesia do Paço, concelho de Torres Novas, a 2 de julho de 1888. Licenciou-se em Direito, em Coimbra, em 1911. Casou a 2 de dezembro de 1919. Foi presidente da Câmara Municipal de Torres Novas, deputado da Assembleia Nacional, em duas legislaturas. Diretor do semanário "O Almonda" desde 1925 até à morte. Foi um dos primeiros membros da Pia União dos Servitas de Nossa Senhora de Fátima. Faleceu a 4 de maio de 1962.

² Nasceu em Alcanena, a 14 de setembro de 1886 e faleceu a 6 de janeiro de 1948.

montados e a sair do pátio!!... Que madrugada!!... Havia o ar do dia, que nos deixaria lobrigar o caminho...

Ao sol-fora já subíamos a serra. A manhã estava um pouco fria.

Para aquecer e estender as pernas ainda andámos a pé talvez um quilómetro!!... Antes de chegar à serra chegámos a perder-nos, mas como era uma região que conhecia, facilmente me orientava, sem chegar sequer a perder tempo. Na serra como a estrada era de macadame melhor se andava e não havia o perigo de nos perdermos. Que a paisagem era linda, não te poderei dizer, mas era interessante... Predominavam as pedras e em certos sítios os pinheiros!!!...

Com que ansiedade não estará a minha Filhinha de com o seu Carlos chegar à Fátima!!... Pois eram quase 10 horas, quando depois de aldeias várias e de atravessar terras agrestes, chegámos à... Fátima!!

À entrada a Igreja com um adro enorme. A descrição da Igreja não te interessa, nem ela, pobrezita, muito tem a descrever...

A casa do Prior ao lado. Uma bela residência paroquial!!... Instalámos os cavalos. Pelo adro gente vária, que nos olhava com certo ar desconfiado. Dois cavaleiros àquela hora!!!... Entrei na Igreja. Uma mole imensa de povo a enchia. Abandonei a ideia de poder entrar na sacristia, por ser impraticável. Entro pela porta principal. Ajoelho. Ao lado no confessionário o Vigário. A cara de espanto do Senhor quando me viu!!!... No fim da missa veio falar-nos. Confessei-me e na missa a seguir comunguei.

Ali entre o povo, onde tanta devoção havia, sentia-me bem orando...

Como se estava no tríduo para a festa do Sagrado Coração de Jesus disse-me o Vigário que se poderia ganhar indulgência plenária. Bela recompensa para o sacrifício de chegar lá em jejum... Depois atraía-me a ideia de comungar na sede de tal freguesia!!! ...O Vigário depois da missa dele veio fora falar-nos. Era meio-dia e ainda em jejum!!... Procurei ver se seria fácil alcançar um almoço ao prior da freguesia!!!... Disse ao Vigário que íamos procurar uma taberna, onde nos fosse possível comer qualquer coisa, que fingisse de almoço!!!...

Protestou, foi logo falar com o Prior. O Snr. chegou e ficámos logo adidos à mesa do reverendo!!!... Eram 6 Padres e nós dois!!!... O almoço animado. Expliquei o motivo da minha ida. Trocámos impressões. Na véspera as Pequenas tinham estado na casa do Prior, para os padres as interrogarem. Mantiveram todas as suas afirmações de sempre, o que juntamente com a atitude das Pequenas, os impressionou. Não era razão suficiente para poderem formar um juízo, mas todos concordavam, que havia algo de extraordinário. O quê?

Esperemos a sequência dos factos, e que a vontade de Deus se manifeste. O almoço terminou. O Prior destaca como nosso oficial às ordens o seu criado com as maiores e melhores recomendações para a mãe das pequenas. Uma curiosidade intensa me prendia. A Mãe dos dois mais pequenos, depois do recado do prior recebe-me com o melhor dos sorrisos. Entrámos para a sala. A mãe, uma velhota seca, modos desembaraçados, todo de mulher ativa. Começa as suas explicações. Só a Jacinta (de 7 anos) e o Francisco (que vai em 9) eram seus filhos, a Lúcia (que vai em 11) é sua sobrinha. A Jacinta estava em casa da Lúcia. Mandou logo chamá-la.

O Francisco tinha chegado com o gadito e enquanto o jantar não chega fôra para junto do Pai roçar o matito. Estou só com a mãe.

Fala-me nas suas apreensões por causa do alvoroço que as Pequenas têm causado. “Ainda se nós fôssemos mercedores!!!...”. “Mas calcule que até o meu irmão (pai de Lúcia) não se importa com a Igreja e é um homem de vinho!!!...”.

Contou-me a visita do Administrador e a prisão das pequenas. Enfim foi falando até que chegou a Jacinta. A Lúcia tinha ido levar o jantar ao Pai, vinha já. A pequerrucha não queria vir sem a prima (são inseparáveis), foi preciso a irmã trazê-la às cavalitas. Muito pequerrucha, muito encolhidita foi chegando para ao pé de mim. Estava sentado, para melhor a apreciar sentei-a em cima de uma arca e eu ao pé. Observei-a então muito à vontade. O Vigário tinha-me dito que era um Anjo. Quis também formular opinião. Afirmando-te Prazeres, é um anjo, mas um anjo muito muito Amor!!!... Muitas vezes o pensei e algumas o disse, se a minha Prazeres a visse e falasse com ela, só a não raptaria, se não lhe fosse possível!!!... Um lenço com ramagem encarniçada embrulhado na cabeça com as pontas atadas atrás. Lenço velhito e já roto... Um casaquito, que também não primava muito pela limpeza, uma saia sobre o encarnado, mas com uma roda enorme à moda da terra.

Aqui tens o traje do nosso anjito. Queria descrever-te a carita, mas, creio bem, que nada conseguirei dizer-te, aproximado ao menos!!!...

O lenço da maneira como o usava ainda mais lhe realçava as feições: os olhos de uma vivacidade encantadora, uma expressão angélica, de uma bondade que nos seduz, num todo extraordinário, que não sei porquê, nos atrai.

Muito envergonhadita com dificuldade ouvíamos o pouco que falava em resposta a minhas perguntas. Faltava-lhe a sua Lúcia. Não estava bem!!!... Depois de durante algum tempo a ter entretido, conversando e... (não te rias!!) brincando, chegou o Francisco. Carapuço enterrado

pela cabeça, jaleca muito curta, colete deixando ver a camisa, calças justas, enfim um homem em miniatura. Bela cara de rapaz!... Olhar vivo e cara agarotada!!... Com ar desempenado responde a minhas perguntas. A Jacinta começa a ganhar confiança. Pouco depois chega a Lúcia. Não imaginas a alegria da Jacinta, quando a viu!!... Toda ela riu, correu para ela e nunca mais a largou!!!... Era um quadro lindo. A Lúcia num lado, não, a Lúcia ao centro, de um lado o Francisco e do outro, muito junto dela e com a cabecita mesmo em cima dela, a Jacinta.

A Lúcia não tem feições que nos impressionem. Só o olhar é vivo. As feições são vulgares. O tipo da região. Ao princípio também retraída. Mas em breve as tenho à vontade e então, sem embaraços, respondem e vão satisfazendo a minha curiosidade. Depois de me convencer que estaria completo o meu interrogatório, peço-lhes, se iriam comigo rezar o terço ao local da aparição. Se a mãe deixar, vão. Eu mesmo alcanço a licença. Apenas a mãe a deu, a Jacintita foi logo fazer a sua toilette... Pôs um lenço lavado, um outro casaco e um aventalito!!!... Esperas com ansiedade a minha impressão, não é verdade?... Pois vamos a ela, minha Filhinha. Como te disse examinei ou antes interroguei os três em separado. Todos dizem o mesmo sem a mais leve alteração. A base principal, que de tudo o que me dizem, eu deduzi é “– que a aparição quer que se espalhe a devoção do Terço –”. Todos os pequenos dizem sempre, que, quem lhes aparece, é a Senhora. Não sabem quem é... Só depois das 6 vezes, no dia 13 de Outubro, lhes diz quem é e o que quer!!... A naturalidade e ingenuidade, com que falam e contam o que viram é admirável e impressionante.

A Lúcia vê a Senhora, fala com ela e ouve-a. A Jacinta vê a Senhora, ouve-a, mas não fala com Ela. O Francisco vê a Senhora, mas não lhe fala, nem a ouve!!!... É interessante esta diferença, não achas Prazeres??... Mas além de interessante tem até mesmo muito de extraordinário!!... Ouvir as petizas, vê-las na sua simplicidade, examinar-lhes o seu todo, impressiona-nos de uma maneira extraordinária, e leva-me a concluir, que em tudo o que me dizem, alguma coisa existe de sobrenatural. Estar com elas choca-nos com uma forte intensidade... Hoje, Prazeres, é convicção minha que há um facto extraordinário, que a nossa razão não alcança. Qual?... Com ansiedade mais crescente ainda espero o próximo dia 13. O que é certo, é que nos sentimos bem junto das pequenas e chegamos a perder a noção do tempo. Há uma atração, que não sei como explicar... Uma das impressões mais intensas das crianças é a da beleza da Senhora. O rapaz para exprimir a sua admiração dizia-me que era “muito bonita”!!!... Mostrei-lhe o teu retrato

e perguntei: é mais bonita? “Muito mais!!...”. A Senhora vem toda de branco com ouro. Não traz nenhuma faixa azul como se dizia. Se é a Senhora da Paz.... Já te recordaste, o que disse na 2ª aparição?... Que aprendessem a ler... Dizia-me a Jacintita “que já ia na carreira do A”!!...

Enquanto as pequenas tomaram alguma coisa, conversei com o Pai. Fizeram-me comer pão com queijo e uvas!!... Para os não desconsolar fiz-lhe a vontade e ofereci-lhe em troca cigarros dos meus!!...

Também me parecia interessante ouvir os pais, por isso tudo correu às mil maravilhas. Só sabem o que as crianças dizem; os conhecimentos deles hoje não vão mais longe, que os meus!!...

Depois da refeição deles fomos ao local com os petizes rezar o terço. Só eles nos acompanhavam. É ainda um bocado bom da casa deles. Pelo caminho perguntei-lhes:

- Não poderei arranjar uma folha da carrasqueira?
- Ela já não tem nada, mas eu tenho lá em casa, dizem-me eles.
- E não me arranjam uma??...
- Sim senhor.

Depois de vermos quem a iria buscar, esperamos que o Francisco voltasse a casa.

As duas pequerruchas brincavam. Jogavam os “pontos”; atirando com uma pedra para um certo sítio, ganhava quem mais perto ficasse. Era interessante vê-las brincar. Discutiam, mas sempre sem se alterarem e com a maior amizade. O Francisco chega, já não tinha nenhuma, mas trouxe das da Lúcia!!... (Que alegria para a minha Filhinha!!!...). Um ramito só com duas folhas inteiras. Guardei-o. A minha Prazeres terá a sua folhita... Se mais não houvera isto me chegava para me dar por satisfeito com o passeio!!!...

Pelo caminho rimo-nos!!... Os “petizes” já muito à vontade e como amigos de há muito conhecidos foram todo o caminho brincando connosco!!... Ficavam para trás para ver se conhecíamos o caminho, riam-se, enfim éramos já... amigos!!!...

Assim já à vontade como a Jacinta era...amor... A Lúcia, apesar das feições menos corretas, prende-nos pelo seu todo, que tem um não sei quê, que nos encanta...

Chegámos ao local. Perto da estrada, numa encosta, em local magnífico, onde se pode ver muito à vontade de muito longe. A carrasqueira (pequena azinheira) está reduzida à expressão mais simples. Em volta um muro de pedra. Rodeando-a um arco de verdura. Em cima do muro, vasos com manjericos e outras flores. Os três ajoelham. A Lúcia, que está no meio, começa a recitar o terço. O recolhimento, o

fervor com que ela vai rezando, impressiona-nos. O oferecimento do terço é interessante. É pelos soldados, que estão em guerra. Com que devoção, Prazeres, se reza ali o terço... Creio que nunca o rezei com tanta atenção!!!... No fim pedi licença às pequenas para guardar um ramito de manjerico. Todas elas depois me ofereceram um bocadito!!!... Guardei o um raminho para ti, Prazeres. Guardei também uma outra folhita, que depois te levarei. São preciosas em demasia tais recordações para as confiar ao correio, por isso o teu Carlos será o portador. A oração, que dizem a Senhora lhes ensinou é simples, é a seguinte:

“Ó meu Jesus perdoai-me.

Livrai-me do fogo do inferno

Levai as alminhas todas

para o céu, principalmente

as que mais precisarem.”

Queres maior simplicidade? Achei interessante que a Senhora a tivesse ensinado, mas não lhe recomendasse que a rezassem.

Com saudades via que tinha de deixar as pequenas. Eram 6 horas. Tínhamos saído de casa do Prior às 4!!!... No fim do jantar o Prior ainda me leu o interrogatório, que tinha feito às crianças. Era quase sol-posto, mas ainda à pressa tomei uns rápidos apontamentos, depois mostrarei ao Amor. Nada porém adiantam, ao que já sabes. Aqui tens, Filhinha, as impressões do meu dia de ontem... Que conclusões tirarás depois de arrazoado tão comprido??!!...

À volta tinha mais por companhia o Vigário e um Prior aqui dos meus lados. As minhas pressas de pela manhã, antes de falar com as pequenas, deram depois em vagares. Eram 8 horas quando deixámos Fátima.

Procurámos outro caminho, que quase chamarei de... cabras!!!...

A todos os momentos eu ia a ver que a minha Prazeres ficava sem o seu Carlos... Carreiros íngremes, cheios de pedras, já de noite sem ver o caminho e a minha égua não sabendo andar em tal piso... Enfim Nossa Senhora protegeu-me e sem novidade cheguei aos Soudos. Era... meia noite!!!!.

O Vigário ficou no caminho em casa do outro companheiro. As minhas criadas não me deixaram deitar, sem lhes contar as minhas impressões. Fiz-lhes a vontade e depois de beber um copo de água com chá, fui deitar-me. Com que vontade dormi...

Mas hoje às 9 já estava a pé a tratar da vida!!... Quando passou o rápido estava eu num figueiral ao pé do rancho, que andava apanhando passas. Fui ainda às hortas e só depois vim almoçar. Com que vontade o ataquei!!... No fim tratei de umas pequenas coisas e... fui fazer a

vontade aos olhos, que se andavam a querer fechar... Dormi uma sesta de três horas!!!... sinto-me ótimo e capaz de novo passeio.

Tenho escrito todos os dias ao Amor. Mando as cartas para a estação da Lamarosa para um empregado nosso as deitar na ambulância. Ontem mandou-me duas, as dos dias 5 e 6, pois a caixa do correio passa selada sem receber correspondência. A do 4 ainda eu mandei. Tê-las-ias recebido??... Há tantos dias sem notícias do Amor... Como terá passado? Como revolta esta greve... Com que ansiedade lhe esperamos o fim... Tenho um pressentimento íntimo que me diz o Amor tem passado muito bem... São 2 horas da manhã e amanhã é domingo!!! Adeus Filhinha

teu *Carlos*

Doc. 8
1917-09-15, Fátima

Interrogatório do Pe. Manuel Marques Ferreira, pároco de Fátima, a Lúcia, sobre a aparição de setembro, na Cova da Iria.

Publ.: DCF, I - Doc. 5

5ª Aparição: 13-9-1917 – Chamei à minha presença a Lúcia no dia 15 que disse que no dia 13 viu a mesma mulher vestida de branco que lhe pareceu ser a mesma que viu das outras vezes; pouco mais viu do que a cara para onde olhava continuamente para tomar sentido no que ela dizia; vem do nascente; diz que viu um relâmpago, depois viu aquela mulher a chegar à carrasqueira e diz que perguntou:

– O que é que vossemecê quer?

– Quero dizer-te que continues a rezar sempre o terço à Senhora do Rosário, que abrande ela a guerra, que a guerra está para acabar¹; para o último dia há de vir S. José dar a paz ao mundo e Nosso Senhor dar a bênção ao povo; que venhas cá para o dia 13 de outubro.

– Está aqui este menino que é mudo e mouco, se vossemecê o melhora.

– Daqui a um ano se acharia com algumas melhoras.

– Tinha aqui muitos pedidos, uns para os converter outros para os melhorar.

– Melhoro alguns, outros não porque Nosso Senhor não quer crer neles.

– O povo muito gostava aqui duma capelinha.

– Metade do dinheiro que juntaram até hoje façam os andores e deem-os à Senhora do Rosário; a outra metade seja para ajuda da capelinha.

Ofereci-lhe duas cartas e um vidro com água de cheiro.

– Deram-me isto, se vossemecê os quer.

– Isso não é conveniente lá para o céu.

E foi-se para o nascente e eu disse ao povo: se a querem ver voltem-se para acolá.

¹ A primeira guerra mundial (1914-1918) terminou com o armistício de 11 de novembro de 1918. O tratado de paz foi assinado pelas potências beligerantes, em Versalhes, a 28 de junho de 1919.

Doc. 9
1917-09-p.17¹, Cortes

Depoimento do Pe. António dos Santos Alves², pároco das Cortes, sobre a conversa com Lúcia e Jacinta, em Reixida, freguesia das Cortes, com aditamento posterior sobre a sexta aparição.

Publ.: DCF, I - Docs. 45

Videntes da Fátima – interrogadas no dia 17 de setembro de 1917 Lúcia, filha de António dos Santos Abóbora, de idade 9 anos, Jacinta de idade de 7 anos, filha de Manuel dos Santos Marto, e Francisco dos Santos Marto, de idade de 9 anos, irmão da Jacinta.

1ª aparição

O que diz a Lúcia interrogada na presença da Jacinta que pouco diz: Que no dia 13 de maio de 1917, andando os três pastoreando as suas ovelhas, no sítio da Cova da Iria, limite da Fátima, depois de haverem merendado (isto é jantado) foram, segundo o seu costume, rezar o terço a Nossa Senhora e que quando já tinham quase terminado o oferecimento do mesmo, viram um relâmpago que os amedrontou, pelo que a Lúcia convidou os outros a retirar dizendo-lhes: vamos-nos embora porque está a trovejar; nisto viram um outro relâmpago e na sua frente uma Senhora extremamente bela vestida de branco, com um manto igualmente branco, mas dourado e com um resplendor na cabeça fazendo lembrar o resplendor do sol, mas mais brilhante; como que pousou sobre uma pequena carrasqueira, de pé, com as mãos postas donde pendiam umas contas brancas, mas lindíssimas. Ficaram aterrados com a visão, mas a Senhora tranquilizou-os dizendo-lhes, que não tivessem medo porque não lhes fazia mal, nisto a Lúcia perguntou-lhe quem era e o que queria ao que Ela respondeu, que fossem ali durante seis meses no mesmo dia

¹Jacinta e Lúcia estiveram na Reixida, hospedadas em casa de Maria do Carmo da Cruz Meneses, a partir de 14 ou 15 de setembro. A data deste documento não está indicada, mas a comparação da caligrafia e da tinta usada nos livros paroquiais de 1917, leva-nos a supor uma data próxima a 17 de setembro.

²Nasceu a 13 de março de 1877. Frequentou o seminário de Leiria e de Coimbra. Em 1903 foi nomeado pároco da Barosa e em 1908, pároco das Cortes. Faleceu a 19 de maio de 1956.

treze e que no último dia lhe diria quem era e o que desejava. Em seguida começou a desaparecer lentamente, primeiro pela cabeça, braços e o resto do corpo até aos pés que foi a última coisa a desaparecer.

2ª aparição

No dia de Santo António (a 13 de junho). Neste dia houve uma festa na Fátima à qual a mãe da Lúcia (e não sei se também a do Francisco e da Jacinta queria que fossem assistir, mas em obediência ao que lhe tinha recomendado no mês anterior, deixaram a festa para irem ao local da aparição, onde se encontraram com algumas pessoas desconhecidas e apenas umas 3 ou 4 conhecidas. Um pouco mais ou menos pela mesma hora do mês anterior aparece-lhes a mesma visão pela mesma forma e desta vez disse-lhes que continuassem a ir ali nos meses seguintes; que aprendessem a ler; e disse-lhes um segredo, que lhes proibiu revelar fosse a quem fosse. – Dias depois próximo do sítio da aparição andando os três com o seu gado, pensaram em ir rezar o terço no local da aparição, mas para isso era forçoso, ou abandonarem o gado, com perigo de ir danificar as searas próximas, ou um pelo menos ficar em guarda e não ir rezar o terço; resolveram ir todos rezar o terço e abandonar o gado, que imediatamente foi para uma terra de milho, couves, chicharos e outros legumes. Uma mulher que por ali próximo andava, ao ver as ovelhas naquela seara, chama os pastores que não lhe responderam pelo que ela mesma foi virar as ovelhas, que ao voltar as costas imediatamente para lá voltaram. Terminado o terço foram os três para o seu gado, virá-lo do sítio em que andava e observar o prejuízo que tinha causado, mas qual não foi o seu espanto quando viram que nada tinha sido danificado o que foi confirmado pelo próprio dono que sendo-lhe dito que o gado tinha andado na sua fazenda foi ao outro dia para observar o prejuízo que lá tinha, constatando que prejuízo algum lhe tinha causado.

3ª aparição

A 13 de julho. Desta vez recomendou-lhe que rezassem o terço a Nossa Senhora do Rosário para que abrandasse a guerra; que só Ela lhe podia valer e que nos meses futuros continuassem a ir àquele sítio como até ali.

4ª aparição

Desta vez apareceu-lhes no sítio dos Valinhos no domingo imediato ao do dia 13 de agosto (porque neste dia foram traiçoeiramente levadas

para Ourém, pelo respetivo administrador que as enganou, dizendo que ele mesmo as levava no seu carro para o local da aparição). Neste dia disse-lhe que se elas no dia 13 não tivessem sido levadas pelo administrador, o milagre (para o povo) não teria sido tão conhecido. Fez-lhe a Lúcia vários pedidos para que convertesse certas pessoas e melhorasse alguns doentes ao que Ela respondeu que se converteriam e melhorariam alguns, mas outros não porque não acreditavam e alguns nem sequer em seu Filho.

5ª aparição – Dia 13 de setembro

Disse-lhes que apareceria em outubro primeiro sob a representação de Nossa Senhora das Dores e depois sob a de Nossa Senhora do Rosário. Recomendou-lhes que rezassem o terço a Nossa Senhora do Rosário para que abrandasse a guerra que estava para acabar. Disse-lhes também que em outubro viria também S. José com o Menino Jesus para dar a paz ao mundo e seu Divino Filho para dar a bênção ao povo.

6ª Aparição dia 13 de outubro

Disse-lhes que era Nossa Senhora do Rosário; que a guerra acabava naquele dia; que os nossos soldados em breve, viriam; que construissem no sítio da aparição uma capela a Nossa Senhora do Rosário e que o povo se emendasse de seus pecados que muito têm ofendido a seu Filho.

Doc. 10
1917-09-27, Fátima

Interrogatório aos videntes Lúcia, Francisco e Jacinta, e a Maria Rosa¹, mãe de Lúcia, feito pelo Dr. Manuel Nunes Formigão², aquando da sua segunda visita à Cova da Iria, no intuito de completar as impressões colhidas no dia 13 de setembro de 1917.

Publ.: DCF, I - Doc. 7

No intuito de completar as impressões colhidas no dia 13 do corrente mês de Setembro e habilitar-me com os elementos indispensáveis para fundamentar um juízo, tanto quanto possível, acertado acerca dos acontecimentos que nos últimos cinco meses se têm desenrolado a três quilómetros ao sul da aldeia de Fátima, no local denominado Cova da Iria, fui pela segunda vez na quinta-feira última, 27, àquela pitoresca aldeia, graciosamente alcandorada num dos contrafortes da majestosa serra de Aire. Eram três horas da tarde quando me apeei do trem que de Torres Novas me conduzira por Vila Nova de Ourém à humilde povoação, cujo nome é hoje pronunciado como uma esperança fagueira de bênçãos e graças celestes por dezenas de milhares de lábios, de um extremo ao outro de Portugal. O rev.do Pároco a quem logo procurei, não estava em casa: tinha saído para fora da freguesia e só à noite devia voltar. Pesaroso por não poder trocar algumas palavras com ele sobre o assunto que ali me levava, resolvi ir a casa das crianças que se dizem favorecidas com aparições da Virgem Santíssima e ouvir da boca delas a narração pormenorizada dos estranhos sucessos cuja notícia tem atraído dia a dia à Fátima um sem número de pessoas de todas as classes e condições sociais.

À distância de dois quilómetros da igreja paroquial e do presbitério, num insignificante lugarejo chamado Aljustrel, pertencente à freguesia,

¹ Mãe de Lúcia. Nasceu na Perulheira, freguesia de S. Mamede, concelho da Batalha, a 6 de julho de 1869 e faleceu, em Aljustrel, a 16 de julho de 1942.

² Nasceu em Tomar a 1 de janeiro de 1883. Foi professor do Seminário e do Liceu de Santarém. Em 1922, foi nomeado, por D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, membro da Comissão Canónica para o estudo dos acontecimentos de Fátima, sendo o autor do Relatório, apresentado a D. José em 1930. Em 1926, fundou a Congregação das Religiosas Reparadoras de Nossa Senhora Dores de Fátima. Faleceu, em Fátima, a 30 de janeiro de 1958.

ficam situadas perto uma da outra, as modestas habitações das famílias dos videntes. As duas crianças mais novas estavam ausentes.

Dirigi-me a casa da mais velha, onde a mãe me convidou a entrar e sentar-me, convite a que acedi. A uma pergunta minha sobre o paradeiro da filha que eu procurava, respondeu-me que ela andava a vindimar numa pequena propriedade que lhe pertencia e que ficava dois quilómetros distante.

Alguém se prestou logo a ir chamá-la de ordem da mãe. Entretanto, as duas crianças mais novas, que tinham regressado do campo, sabendo pelos vizinhos que eu lhes desejava falar, vieram ter comigo. Eram dois irmãos, um menino e uma menina.

Chegou primeiro a menina. Chama-se Jacinta de Jesus, tem sete anos de idade e é filha de Manuel Pedro Marto e de Olímpia de Jesus³. Bastante alta para a sua idade, um pouco delgada sem se poder dizer magra, de rosto bem proporcionado, tez morena, modestamente vestida, descendo-lhe a saia até à altura dos artelhos, o seu aspeto é o de uma criança saudável, acusando perfeita normalidade no seu todo físico e moral. Surpreendida com a presença de pessoas estranhas, que me tinham acompanhado e que não esperava encontrar, a princípio mostra um grande embaraço, respondendo, por monossílabos, e num tom de voz quase impercetível, às perguntas que eu lhe dirijo. Momentos depois aparece o irmão, rapaz de nove anos de idade, que entra com um certo desembaraço no quarto, onde estávamos, conservando o barrete na cabeça, decerto por não se lembrar de que o devia tirar. Um sinal que a irmã lhe fez para se descobrir não foi percebido por ele. Convidei-o a sentar-se numa cadeira ao meu lado, obedecendo imediatamente sem nenhuma relutância. Príncipei sem demora a interrogá-lo sobre o que tinha visto e ouvido desde maio último na Cova da Iria no dia 13 de cada mês durante o tempo da aparição. Estabeleceu-se entre mim e ele o curto diálogo que segue.

- Que é que tens visto na Cova da Iria nos últimos meses?
- Tenho visto Nossa Senhora.
- Onde aparece ela?
- Em cima duma carrasqueira
- Aparece de repente ou tu vê-la vir de alguma parte?

³ Nasceu em Aljustrel a 31 de maio de 1869. Casou com José Ferreira da Rosa, a 6 de fevereiro de 1888, ficando viúva em 1895. Deste matrimónio nasceram dois filhos, António Ferreira Rosa e Manuel Ferreira Rosa. A 11 de fevereiro de 1898, casou com Manuel Pedro Marto. Faleceu, em Aljustrel, a 3 de abril de 1957.

- Vejo-a vir do lado onde nasce o sol e colocar-se sobre a carrasqueira.
- Vem devagar ou depressa?
- Vem sempre depressa.
- Ouves o que ela diz à Lúcia?
- Não ouço.
- Falaste alguma vez com a Senhora? Ela já te dirigiu a palavra?
- Não, nunca lhe perguntei nada; fala só com a Lúcia.
- Para quem olha ela, também para ti e para a Jacinta, ou só para a Lúcia?
- Olha para todos três; mas olha durante mais tempo para a Lúcia.

Jacinta que andava a brincar na rua com outras crianças, fi-la sentar num banquinho ao pé de mim e submeti-a também a um interrogatório, conseguindo obter dela respostas completas e minuciosas, como as do irmão.

- Tens visto Nossa Senhora no dia 13 de cada mês desde maio para cá?
- Tenho visto.
- Onde é que ela vem?
- Vem do Céu, do lado do sol.
- Como está vestida?
- Tem um vestido branco, enfeitado a ouro, e na cabeça tem um manto, também branco. Em volta da cintura há uma fita doirada que desce até à orla do vestido.
- Usa botas ou sapatos?
- Não usa botas nem sapatos.
- Então tem só meias?
- Parece que tem meias, mas talvez os pés sejam tão brancos que pareçam trazer meias calçadas.
- De que cor são os cabelos?
- Não se lhe veem os cabelos, que estão cobertos com o manto.
- Traz brincos nas orelhas?
- Não sei, porque não se lhe veem também as orelhas.
- Qual é a posição das mãos?
- As mãos estão postas sobre o peito, com os dedos voltados para cima.
- As contas estão na mão direita ou na mão esquerda?
-

A esta pergunta a criança responde primeiro que estavam na mão direita, mas em seguida, devido a insistência da minha parte, mostra-

-se perplexa e confusa, não sabendo precisar bem qual das suas mãos correspondia à mão com que a Senhora segurava o Rosário.

- O que é que a Senhora recomendou à Lúcia com mais empenho?
- Mandou que rezássemos o terço todos os dias.
- E tu reza-lo?
- Rezo-o todos os dias com o Francisco e a Lúcia.

Meia hora depois de terminado o interrogatório de Jacinta de Jesus, aparece Lúcia de Jesus. Vinha, como disse de uma pequena propriedade de sua família, situada a dois quilómetros de distância, onde tinha estado a vindimar. Mais alta e mais nutrida que as outras duas crianças, de tez mais clara, robusta e saudável, apresenta-se diante de mim com um desembaraço que contrasta singularmente com o acanhamento e a timidez excessiva da Jacinta. Singelamente vestida como esta, a sua atitude não denota e o seu rosto não traduz nenhum sentimento de vaidade nem de confusão.

Sentando-se, a um aceno meu, numa cadeira, ao meu lado, presta-se da melhor vontade a ser interrogada sobre os acontecimentos de que ela é a principal protagonista, sem embargo de se sentir visivelmente fatigada e abatida, mercê das visitas incessantes que recebe e dos inquéritos repetidos e prolongados a que é submetida.

Filha de António dos Santos⁴, de 50 anos de idade, e de Maria Rosa, de 48 anos, tem um irmão e quatro irmãs, todos mais velhos do que ela: Maria⁵, de 26 anos, já casada, Teresa⁶, de 24, Manuel⁷, de 22, Glória⁸, de 20, e Carolina⁹, de 15. Completou dez anos de idade em 22 de março do corrente ano¹⁰.

⁴ Nasceu a 3 de janeiro de 1868, em Aljustrel; casou a 19 de novembro de 1890 com Maria Rosa. Faleceu a 31 de julho de 1919.

⁵ Maria dos Anjos, nasceu a 13 de agosto de 1891. Casou a 23 de agosto de 1916 com António dos Santos Valinho. Faleceu a 26 de agosto de 1986.

⁶ Teresa de Jesus nasceu a 22 de maio de 1893. Casou com José da Lomba. Faleceu a 29 de novembro de 1972.

⁷ Manuel dos Santos nasceu a 22 de agosto de 1895. Casou com Emília de Jesus de Oliveira, a 21 de junho de 1922. Faleceu, no Brasil, a 30 de abril de 1977.

⁸ Glória de Jesus nasceu a 5 de outubro de 1898. Casou com Francisco Inácio Vieira, a 6 de julho de 1922. Faleceu a 6 de agosto de 1971.

⁹ Carolina de Jesus nasceu a 17 de outubro de 1902. Casou com Manuel Pereira Carvalho, a 28 de julho de 1929. Faleceu a 31 de março de 1992.

¹⁰ Segundo declaração da própria Lúcia, a 23 de fevereiro de 1989, o dia de nascimento foi a 28 de março de 1907 e não a 22 de março: “Meu pai era muito

Tinha oito anos quando fez a sua primeira comunhão. A mãe, tipo da mulher cristã, e da boa dona de casa, entregue às lides domésticas, procurou sempre inspirar aos filhos o santo temor de Deus e levá-los ao cumprimento de todos os seus deveres morais e religiosos. Altamente preocupada com os sucessos que atraem a todo o momento as atenções de milhares de pessoas para a sua pobre habitação, até há pouco tempo ignorada do mundo, nota-se desde logo que o seu espírito hesita, numa ansiedade inquieta, entre a esperança de que sua filha seja realmente privilegiada com a aparição da Virgem e o receio de que ela seja vítima de uma alucinação que lhe traga desgostos e cubra de ridículo toda a sua família.

A uma pergunta minha acerca da piedade da sua Lúcia, responde que não lhe nota nada de extraordinário neste particular, vendo-a rezar da mesma forma e com o mesmo fervor que antes das aparições, exatamente como fazem as suas irmãs.

Dou princípio ao interrogatório da vidente.

– É verdade que Nossa Senhora te tem aparecido no local chamado Cova da Iria?

– É verdade.

– Quantas vezes te apareceu já?

– Cinco vezes, sendo uma cada mês.

– Em que dia do mês?

– Sempre no dia treze, exceto no mês de agosto, em que fui presa e levada para a vila (Vila Nova de Ourém) pelo sr. administrador. Nesse mês vi-a só alguns dias depois, a dezanove, no sítio dos Valinhos.

– Diz-se que a Senhora te apareceu também o ano passado. Que há de verdade a este respeito?

– O ano passado nunca me apareceu (nem antes de maio deste ano); nem eu disse isso a pessoa alguma, porque não era exato.

assíduo em levar os filhos à pia batismal. Quando eu nasci – ouvi contar a minha mãe numa entrevista com o Dr. Formigão, que a interrogou perguntando em que dia eu fazia anos - a Mãe respondeu: “Nós dizemos que é no dia 22 de março, porque ela foi registada como tendo nascido nesse dia, mas, na verdade, não é bem assim. Ela nasceu no dia 28 de março. Era quinta-feira Santa. [...] O Pai tratou logo do batizado. Não lhe convinha na próxima semana, por motivo dos seus trabalhos, mas, como estava mandado que os pais levassem os filhos a batizar aos oito dias, depois de nascidos - que, de contrário, pagavam multa, o Pai resolveu dá-la como nascida no dia 22, para que o Pároco a batizasse no Sábado de Aleluia, que era o dia 30 do mesmo mês” (*Memórias da Irmã Lúcia*, Memória V, capítulo 1, nº 2, Fátima, Vice-Postulação).

- Donde é que ela vem? Das bandas do nascente?
 - Não sei; não a vejo vir de parte alguma; aparece sobre a carrasqueira, e quando se retira é que toma a direção donde nasce o sol.
 - Quanto tempo se demora? Muito ou pouco?
 - Pouco tempo.
 - O suficiente para se recitar um Padre Nosso e uma Avé Maria, ou mais?
 - Mais, bastante mais, mas nem sempre o mesmo tempo (talvez não chegasse para rezar o terço).
 - Da primeira vez que a viste não ficaste assustada?
 - Fiquei, e tanto assim que quis fugir, com a Jacinta e o Francisco, mas Ela disse-nos que não tivéssemos medo, porque não nos faria mal. Disse: “não tenham medo que eu não vos faço mal.”
 - Como é que está vestida?
 - Tem um vestido branco, que desce até um pouco abaixo do meio da perna, e cobre-lhe a cabeça um manto, da mesma cor, e do mesmo comprimento que o vestido.
 - O vestido não tem enfeites?
 - Veem-se nele, na parte anterior, dois cordões dourados, que descem do pescoço e se reúnem por uma borla, também dourada, à altura do meio do corpo.
 - Tem algum cinto ou alguma fita?
 - Não tem.
 - Usa brincos nas orelhas?
 - Usa umas argolas pequenas e de cor amarela.
 - Qual das mãos segura as contas?
 - A mão direita.
 - Eram um terço ou um rosário?
 - Não reparei bem.
 - Terminavam por uma cruz?
 - Terminavam por uma cruz branca, sendo as contas também brancas.
- A cadeia era também branca.
- Perguntaste-lhe alguma vez quem era?
 - Perguntei, mas declarou que só o diria a 13 de outubro.
 - Não lhe perguntaste de onde vinha?
 - Perguntei de onde era, e ela respondeu-me que era do Céu.
 - E quando foi que lhe fizeste essa pergunta?
 - Da segunda vez, a treze de junho.
 - Sorriu-se alguma vez ou mostrou-se triste?

- Nunca se sorriu nem se mostrou triste, mas sempre séria.
 - Recomendou-te, e aos teus primos, que rezassem algumas orações?
 - Recomendou-nos que rezássemos o terço em honra de Nossa Senhora do Rosário, a fim de se alcançar a paz para o mundo.
 - Mostrou desejos de que no dia treze de cada mês estivessem presentes muitas pessoas na Cova da Iria?
 - Não disse nada a esse respeito.
 - É certo que te disse um segredo, proibindo que o revelasses a quem quer que fosse?
 - É certo.
 - Diz respeito só a ti ou também aos teus companheiros?
 - A todos três.
 - Não o podes manifestar ao menos ao teu confessor?
- (A esta pergunta guardou silêncio, parecendo um tanto enleada e julguei não dever insistir, repetindo a pergunta).
- Consta que, para te veres livre das importunações do sr. administrador, no dia em que foste presa, lhe contaste, como se fosse o segredo uma coisa que o não era, enganando-o assim e gabando-te depois de lhe teres feito essa partida: é verdade?
 - Não é; o sr. administrador quis realmente que eu lhe revelasse o segredo, mas como eu não o podia dizer a ninguém, não lhe disse, apesar de ter insistido muito comigo para esse fim. O que fiz foi contar tudo o que a Senhora me disse, exceto o segredo, e talvez por esse motivo o sr. administrador ficasse julgando que eu lhe tinha revelado também o segredo. Não o quis enganar.
 - A Senhora mandou que aprendesses a ler?
 - Mandou, sim, da segunda vez que apareceu.
 - Mas se a Senhora disse que te levaria para o Céu no mês de outubro próximo, para que te serviria aprenderes a ler?
 - Não é verdade isso: a Senhora nunca disse que me levaria para o Céu em outubro, e eu nunca afirmei que ela me tivesse dito tal coisa.
 - O que declarou a Senhora que se devia fazer ao dinheiro que o povo deposita na Cova da Iria ao pé da carrasqueira?
 - Disse que o devíamos colocar em dois andores, levando eu, a Jacinta e mais duas meninas um deles, e o Francisco, com mais três rapazes, o outro, para a igreja da freguesia. Parte desse dinheiro seria destinado ao culto e festa da Senhora do Rosário e a outra parte para ajuda de uma capela nova.
 - Onde quer ela que seja edificada a capela? Na Cova da Iria?
 - Não sei: ela não o disse.

- Estás muito contente por Nossa Senhora te ter aparecido?
- Estou.
- No dia treze de outubro Nossa Senhora virá só?
- Vem também S. José com o menino, e será concedida a paz ao mundo.
- E fez mais alguma revelação?
- Declarou que no dia 13 fará com que todo o povo acredite que ela realmente aparece.
- Por que razão não raro baixas os olhos deixando de fitar a Senhora?
- É que ela às vezes cega.
- Ensinou-te alguma oração?
- Ensinou; e quer que a recitemos depois de cada mistério do rosário.
- Sabes de cor essa oração?
- Sei.
- Diz lá...
- Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levai as alminhas todas para o Céu, principalmente aquelas que mais dele precisarem¹⁰.

Das respostas das crianças e mais ainda da sua atitude e modo de proceder em todas as circunstâncias em que se têm encontrado, resulta, com uma clareza, que parece excluir toda a dúvida, a sua perfeita e absoluta sinceridade.

Não é verosímil que três crianças de tão tenra idade, uma delas apenas com sete anos, rudes e ignorantes, mintam e persistam na mentira durante tantos meses, posto que sejam tão obsediadas com perguntas e interrogatórios de toda a ordem e ameaçadas pelos representantes da autoridade eclesiástica e da autoridade civil e por tantas pessoas a quem elas devem respeito e consideração. Nenhuma consideração, nenhum temor é capaz de demovê-las de afirmar que veem Nossa Senhora. Nem a prisão a que as sujeitam, depois de as arrancar violentamente ao seio da família e de as levarem para longe da terra, em que nasceram e têm vivido, as intimidações exercidas por elementos do povo, que chegam ao extremo de ameaçá-las com a morte, se um dia forem depreendidas

¹⁰ O Dr. Formigão fez um apontamento, possivelmente na mesma data, em que escreveu: Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levai as alminhas todas para o Céu, e aquelas que mais precisarem. Para se recitar depois de cada mistério do rosário. Posteriormente, o Dr. Formigão acrescentou: e aliviai as almas do Purgatório, principalmente as mais abandonadas.

em mentira flagrante. A naturalidade e franqueza com que se expressam, a simplicidade e candura que manifestam, a indiferença e desinteresse que mostram quanto ao facto de se lhes prestar ou não crédito, a timidez extrema da Jacinta, as próprias contradições aparentes, facilmente explicáveis, em que caiem e que excluem em absoluto qualquer combinação entre as crianças, são tudo indícios de que as crianças possuem, no mais alto grau, um dos requisitos indispensáveis numa testemunha para ser fidedigna: a veracidade.

Mas serão as crianças vítimas de uma alucinação? Estarão iludidas, julgando ouvir, e não ouvindo, julgando ver, e não vendo? Verificar-se-á no caso sujeito a hipótese de autosugestão?

Mas como, se nada autoriza semelhante suposição, de todo o ponto gratuita? Não se trata de uma só testemunha, são três.

Não se trata de adultos, mais sujeitos a alucinações, mas de crianças. E que crianças! Crianças de tenra idade, dotadas de perfeita saúde, e que não manifestam o mais pequeno sintoma de histerismo, segundo a declaração de um médico consciencioso que as examinou cuidadosamente.

Dar-se-á o caso, não raro sucedido, de uma intervenção diabólica?

O anjo das trevas transforma-se algumas vezes em anjo de luz, para enganar os crentes. Verificar-se-á isso agora? A Jacinta afirma que o vestido da Senhora chega apenas aos joelhos. A Lúcia e o Francisco declaram que desce até próximo dos artelhos. Haverá neste ponto confusão da parte das crianças, sobretudo por parte da mais nova? Se não, este ponto torna-se difícil de explicar e resolver.

Nossa Senhora não pode, evidentemente, aparecer senão o mais decente e modestamente vestida. O vestido deveria descer até perto dos pés. O contrário, posta de parte a hipótese de um engano das crianças, aliás admissível, porque podiam não ter reparado bem, não ter podido examinar perfeitamente o traje da aparição, tanto mais que não possuem o dom da infalibilidade, o contrário, digo, constitui a dificuldade mais grave a opôr à sobrenaturalidade da aparição e faz nascer no espírito o receio de que se trata de uma mistificação, preparada pelo espírito das trevas. Mas como explicar a concorrência de tantos milhares de pessoas, a sua fé viva e a piedade ardente, a modéstia e compostura que mostram em todos os seus atos, o silêncio e recolhimento da multidão, as conversões numerosas e retumbantes ocasionadas pelos acontecimentos, o aparecimento de sinais extraordinários no céu e na terra, verificados por milhares de testemunhas, como explicar, repito, todos estes factos e conciliá-los com a providência divina e a economia

que rege o mundo sobrenatural, sobretudo depois do estabelecimento do cristianismo, se o demónio é que é a causa ou a ocasião de semelhantes factos?

Resta, pois, uma única solução. Serão os acontecimentos de Fátima obra de Deus? É cedo demais para responder com segurança a esta pergunta. A Igreja ainda não interveio, nomeando a respetiva comissão de inquérito.

Quando o fizer, a missão desta comissão será relativamente fácil de cumprir. No próximo dia 13 de outubro, ou tudo se desfará como por encanto, ou novas provas, inteiramente concludentes, virão confirmar as que já existem em favor da realidade das aparições da Virgem.

Doc. 11
1917-10-p.11¹, Montelo e Aljustrel

Redação literária dos apontamentos dos interrogatórios do dia 11 de outubro de 1917, feitos pelo Dr. Formigão.

Publ.: DCF, I - Doc. 12

Convencido da sinceridade absoluta das três crianças, que diziam ter visto cinco vezes Nossa Senhora, no local denominado Cova da Iria, da freguesia da Fátima, concelho de Vila Nova de Ourém e ter ela declarado que no dia 13 de outubro corrente havia de fazer que todo o povo acreditasse no seu aparecimento, voltei pela terceira vez àquela povoação. Embora receasse que as crianças fossem vítimas de uma alucinação, hipótese que aliás tudo me fazia repelir, ou que os acontecimentos extraordinários que ali se realizavam fossem provocados pelo espírito das trevas para fins desconhecidos, no meu espírito ia-se radicando cada vez mais a convicção de que a Fátima era o local destinado pela Rainha do Céu, Padroeira de Portugal, para teatro de novos prodígios da sua bondade e misericórdia. Por esse motivo resolvi partir com alguns dias de antecedência, tomando no dia 10, às 11 horas e meia da manhã, na estação de Santarém, o comboio, que me devia conduzir a Chão de Maçãs, estação de caminho de ferro mais próxima da que talvez venha a ser considerada, por mercê do Céu, a Lourdes ou a La Salette Portuguesa. Uma charrete me transportou a Vila Nova de Ourém, de onde depois de haver trocado impressões com o Rev. Pároco daquela Vila sobre os acontecimentos que motivavam a minha viagem, segui noutra charrete para a Fátima, onde me apeei às 11 horas da noite, dirigindo-me imediatamente para o lugar de Montelo, a dois quilómetros de distância. Ali fiquei hospedado em casa da família Gonçalves, muito considerada pela sua honestidade e pelos seus sentimentos religiosos. No dia seguinte de manhã propus-me ir interrogar novamente os videntes a Aljustrel, onde residem, a três quilómetros do

¹ A data da redação literária dos interrogatórios do dia 11 de outubro não está determinada explicitamente, mas terá sido feita algum tempo depois do dia 13. Como o próprio autor afirma, Nossa Senhora declarou “que no dia 13 de outubro corrente havia de fazer que todo o povo acreditasse no seu aparecimento”, o que implica uma data dentro do mês de outubro.

Montelo. Antes disso, porém, interroguei Manuel Gonçalves Júnior², de 30 anos de idade, casado, filho do meu hospedeiro, homem inteligente e dotado de muito bom senso e de faculdades invulgares de observação.

São do teor seguinte as perguntas que lhe fiz e as respetivas respostas:

1^a – Os pais das crianças de Aljustrel que se dizem favorecidas com aparições de Nossa Senhora têm boa fama, são gente honrada e de bons costumes?

– Os pais do Francisco e da Jacinta são pessoas muito boas, profundamente religiosas e respeitadas e estimadas por todos. O pai tem a fama de ser o homem mais sério do lugar. É incapaz de enganar alguém. O pai da Lúcia embriaga-se às vezes, e frequenta pouco a igreja. Não é porém dotado de maus sentimentos. No dia 13 de julho alguns companheiros dele, mal intencionados, embriagaram-no no intuito de o levarem a praticar desatinos no local das aparições. Efetivamente, embora, como sempre, deixasse ir a filha àquele local, mandou retirar o povo. Ele é o proprietário da charneca onde está a carrasqueira que serve de pedestal à Aparição. O povo, vendo-o em estado de embriaguez, não se importou com essa intimação e um homem empurrou-o, fazendo-o cair. A mãe é uma mulher honesta, religiosa e amante do trabalho.

2^a – O que pensam os habitantes da Fátima a respeito do que as crianças dizem? Não as acreditam? Julgam-nas mentirosas? Ou julgam-nas vítimas de uma alucinação?

– A princípio o povo não queria ir à Cova da Iria. Ninguém acreditava nas crianças. Em treze de junho, dia da segunda aparição, havia festa na igreja da freguesia em honra de Santo António. Na Cova da Iria estavam apenas, à hora da aparição, umas sessenta pessoas. Os pais do Francisco e da Jacinta tinham ido de manhã cedo para Porto de Mós à feira chamada dos treze, com o fim de comprar bois, e chegaram já de noite. Na sua ausência a residência encheu-se-lhes de gente, que queria ver as crianças e fazer-lhes perguntas. Presentemente uma grande parte do povo julga que as crianças falam verdade. Pela minha parte, estou convencido disso.

3^a – Nos dias das Aparições tem havido sinais extraordinários? Há muitas pessoas que afirmem tê-los visto?

² Manuel Gonçalves Júnior nasceu a 14 de janeiro de 1884. Filho de Manuel Gonçalves e Cecília de Jesus. Residente no lugar do Montelo, da freguesia de Fátima, hospedou o Dr. Formigão em sua casa.

– Os sinais são muitos. Em agosto quase todos os que estavam presentes viram esses sinais. Uma nuvem baixou até à carrasqueira. Em julho notou-se o mesmo. Não havia poeira no local. A nuvem empouou os ares, que pareciam enevoados.

– Houve mais algum sinal?

– Veem-se no céu, próximo do sol, umas nuvens brancas que se tornam sucessivamente vermelhas vivas (cor de sangue), cor de rosa e amarelas. O povo torna-se desta última cor. A luz do sol diminui bastante de intensidade.

Sentiu-se também um rumor em julho e em agosto.

4^a – Suspeita-se de alguém que tenha induzido as crianças a representar uma comédia?

– Não, nem isso é verosímil.

5^a – Tem vindo muita gente de fora ver as crianças e falar com elas?

– Têm vindo inúmeras pessoas de toda a parte.

6^a – Elas aceitam o dinheiro que lhes queiram dar?

– Têm aceitado qualquer coisa, quando teimam muito com elas, mas não aceitam por vontade delas.

7^a – As famílias são pobres? Vivem do seu trabalho? Têm propriedades?

– Não são pobres. São até abastadas. E se a família da Lúcia não o é mais, isso é devido a circunstância do pai se entregar com frequência à embriaguês, descurando assim o amanhã das suas propriedades.

8^a – Há na Fátima pessoas que tenham estado ao pé das crianças durante as aparições?

– Em julho estiveram ao pé delas Jacinto de Almeida Lopes³, do lugar da Amoreira e Manuel de Oliveira⁴, deste lugar de Montelo.

9^a – O que faz a Lúcia durante o tempo da aparição?

– Reza o terço. Quando se dirige à Senhora, fala alto.

Eu próprio a ouvi em junho, porque estava próximo. Algumas pessoas afirmam que ouvem o som das respostas.

10^a – O local das aparições é muito frequentado também nos outros dias por pessoas piedosas ou por curiosos?

– É muito frequentado, sobretudo aos domingos. A maior concorrência é à noite. Vão ali muitas pessoas, de longe e de perto, e mais ainda de fora da freguesia. Rezam o terço e entoam cânticos em honra da Virgem.

³ Nasceu em 1865. Casou com Maria dos Prazeres.

⁴ Nasceu em 1867. Casou com Leocádia de Jesus

Terminado este interrogatório, pus-me a caminho de Aljustrel e, chegado àquele lugar, dirigi-me imediatamente a casa da Lúcia. Estava junto da sua habitação dando serventia a um pedreiro que consertava o telhado. Logo que me viu, pediu-me respeitosamente a bênção. A mãe apareceu no mesmo instante e acedeu da melhor vontade ao pedido que lhe fiz de me deixar interrogar novamente a filha. Primeiro, porém, fiz-lhe algumas perguntas.

1ª – Sua filha é parente do Francisco e da Jacinta?

– É prima, porque meu marido é irmão da mãe deles.

2ª – Como soube que a Senhora apareceu à sua filha da primeira vez? Foi ela que lhe contou?

– Tive conhecimento desse facto pela família das outras crianças, porque a Lúcia aconselhou os seus companheiros a não dizerem nada com receio de que lhes ralhassem. Só depois de interrogada por mim é que disse o que tinha visto.

3ª – Nunca repreendeu sua filha por ir à Cova da Iria? Deu-lhe sempre inteira liberdade de lá ir, no dia 13 de cada mês?

– Nunca a proibi de ir a esse sítio. Umaz vezes perguntava-lhe se queria ir e ela respondia afirmativamente, outras vezes ela mesma dizia que ia, se eu lhe desse licença.

4ª – As três crianças costumam ir sozinhas ao local das aparições ou vão acompanhadas de outras crianças?

– Vão sós. Quase sempre vão também outras crianças, mas acompanhadas dos pais e ficam ao pé deles, não se juntam com a Lúcia e os primos dela.

5ª – As crianças guardavam gado? A quem é que ele pertencia?

– A Lúcia guardava um pequeno rebanho de ovelhas e os primos outro. Pertenciam esses rebanhos às respectivas famílias. Às vezes juntavam o gado, mas unicamente porque queriam. As ovelhas que a Lúcia guardava, já as vendi.

6ª – Como é que as crianças têm ido vestidas?

– Da primeira vez iam mal arrançadas, como andam quase sempre os pastores. Das outras vezes, no dia 13 de cada mês, vão vestidas de fato claro e levam um lenço branco na cabeça.

7ª – Consta-me que possui um livro intitulado “Missão abreviada”⁵, e que às vezes o lê a seus filhos. É verdade?

⁵ A “Missão Abreviada” é um livro do Padre José Gonçalves Couto, que teve 16 edições, com um total de mais de 16 edições, com um total de mais de 100 mil exemplares, de 1859 a 1904. A “Aparição de Nossa Senhora no Monte La Salette” vem publicada nas edições 2ª (1861) a 9ª (1873). A edição que existia na casa da família de Lúcia deveria ser a 5ª edição, Porto, 1867.

– É verdade; possuo esse livro e tenho-o lido a meus filhos.

8ª – Leu a história da aparição de La Salette diante da Lúcia e de outras crianças?

– Só diante da Lúcia e dos outros meus filhos.

9ª – A Lúcia falava às vezes na história de La Salette, mostrando de qualquer modo que essa história tinha produzido grande impressão no seu espírito?

– Nunca lhe ouvi dizer nada a esse respeito, se bem me recordo.

10ª – Quando as crianças foram presas pelo administrador de Vila Nova de Ourém foi alguém reclamar que as restituissem aos pais?

– Um irmão do Francisco e da Jacinta foi falar com elas a casa do administrador. A senhora do administrador perguntou se ia buscar as crianças, ao que ele respondeu negativamente. O próprio administrador as veio trazer à Fátima.

11ª – Tem vindo muita gente ver sua filha?

– Tem vindo muita gente quase todos os dias.

Concluído este interrogatório, convidei quatro indivíduos dignos de todo o crédito a assistir como testemunhas ao interrogatório da Lúcia: Anastácio da Teresa⁵, Gonçalves da Silva⁶ e Manuel Henriques⁷, todos de Aljustrel, e Francisco Rodrigues⁸, da Moita do Martinho. Imediatamente dei princípio à inquirição da vidente.

1ª – Disseste-me há dias que Nossa Senhora queria que o dinheiro oferecido pelo povo fosse levado para a igreja da freguesia em dois andores. Como é que arranjam os andores e quando é que eles devem ser levados para a igreja?

⁵ Anastácio Vieira, de Aljustrel. Padrinho de batismo de Lúcia, casado, a 29 de novembro de 1882, com Teresa de Jesus, tia paterna e madrinha de batismo de António dos Santos, pai de Lúcia.

⁶ Manuel Gonçalves da Silva, residente em Aljustrel, casado com Maria dos Prazeres.

⁷ Pode tratar-se de Manuel Henriques, nascido em 1850, casado com Maria Violante, então residente em Fátima, ou de seu filho, também Manuel Henriques, nascido a 15 de fevereiro de 1891, que veio a casar com Maria dos Anjos.

⁸ Filho de António Carreira Ribeiro e de Rosa de Jesus Ribeiro. Nasceu na Moita do Martinho, freguesia de S. Mamede, concelho da Batalha, a 19 de novembro de 1865. Casou com Maria da Cunha. Faleceu a 18 de janeiro de 1919. No *Rol dos Confessados* de 1917, não consta nenhum Francisco Rodrigues, mas sim Francisco Ribeiro. Deve tratar-se de um lapso do autor.

– Os andores compram-se com o dinheiro oferecido e serão levados nas festas da Senhora do Rosário.

2^a – Sabes com certeza em que sítio é que Nossa Senhora deseja que seja edificada uma capela em sua honra?

– Não sei ao certo, mas julgo que Ela quer a capela na Cova da Iria.

3^a – O que é que Ela disse que havia de fazer para que todo o povo acreditasse que ela aparecia?

– Disse que havia de fazer um milagre.

4^a – Quando foi que ela disse isso?

– Disse-o umas poucas de vezes, mas só uma vez, na ocasião da primeira aparição é que lhe fiz essa pergunta.

5^a – Não tens medo de que o povo te faça mal se não vir nada de extraordinário nesse dia?

– Não tenho medo nenhum.

6^a – Sentes dentro de ti alguma coisa, alguma força que te arraste para a Cova da Iria no dia 13 de cada mês?

– Sinto vontade de lá ir e ficava triste se não fosse.

7^a – Viste alguma vez a Senhora benzer-se, rezar ou desfiar as contas do Rosário?

– Não vi.

8^a – Mandou-te rezar?

– Mandou-me rezar umas poucas de vezes.

9^a – Disse-te que rezasses pela conversão dos pecadores?

– Não disse; mandou-me só rezar a Nossa Senhora do Rosário para que acabasse a guerra.

10^a – Viste os sinais que outras pessoas dizem ter visto, como uma estrela, rosas a despregarem-se do vestido da Senhora, etc.?

– Não vi a estrela nem outros sinais extraordinários.

11^a – Ouviste algum rumor, trovão ou tremor de terra?

– Nunca ouvi.

12^a – Sabes ler?

– Não sei.

13^a – Andas a aprender a ler?

– Não ando.

14^a – Como cumpres então a ordem que a Senhora te deu nesse sentido?

!.....

15^a – Quando dizes ao povo que ajoelhe e reze, é a Senhora que manda que o digas?

– Não é a Senhora que manda, sou eu que quero.

16^a – Sempre que ela aparece, tu ajoelhas?

- Às vezes fico de pé, outras vezes ajoelho-me.
16^a – Quando fala, a sua voz é doce e agradável?
– É.
17^a – Que idade parece ter a Senhora?
– Parece ter uns quinze anos.
18^a – De que cor é o cadeado do rosário?
– É branco.
19^a – E a do crucifixo?
– O crucifixo também é branco.
20^a – O véu cobre a testa da Senhora?
– Não cobre. Vê-se-lhe a testa bem.
21^a – O esplendor que a envolve é bonito?
– É mais bonito que a luz do sol e muito brilhante.
22^a – A Senhora nunca te saudou com a cabeça ou com as mãos?
– Nunca.
23^a – Nunca se sorriu para ti?
– Também não.
24^a – Costuma olhar para o povo?
– Nunca a vi olhar para ele.
25^a – Ouves as conversas, rumores e gritos do povo, durante o tempo que vês a Senhora?
– Não ouço.
26^a – A Senhora pediu-te em maio que voltasses todos os meses até outubro à Cova da Iria?
– Disse que voltássemos lá de mês a mês durante seis meses, no dia 13.
27^a – Ouviste ler a tua mãe o livro chamado “Missão abreviada” onde se conta a história da aparição de Nossa Senhora a um menino e uma menina?
– Ouí.
28^a – Pensavas muitas vezes nessa história e falavas dela a outras crianças?
– Não pensava nessa história nem a contei a ninguém.

Concluída esta inquirição, dirigi-me a casa das outras duas crianças, procedendo ali à sua inquirição, na presença do pai e de algumas das irmãs. Interroguei primeiro a Jacinta.

- 1^a – A Senhora recomendou que rezassem o terço?
– Recomendou.

- 2^a – Quando?
– Quando apareceu pela primeira vez.
- 3^a – Ouviste também o segredo ou foi só a Lúcia que o ouviu?
– Eu também ouvi.
- 4^a – Quando o ouviste?
– Da segunda vez, no dia de Santo António.
- 5^a – Esse segredo é para serem ricos?
– Não é.
- 6^a – É para serem bons e felizes?
– É. É para bem de todos três.
- 7^a – É para irem para o Céu?
– Não é.
- 8^a – Não podes revelar o segredo?
– Não posso.
- 9^a – Porquê?
– Porque a Senhora disse que não disséssemos o segredo a ninguém.
- 10^a – Se o povo soubesse o segredo, ficava triste?
– Ficava.
- 11^a – Como tinha a Senhora as mãos?
– Tinha-as erguidas.
- 12^a – Sempre erguidas?
– Às vezes volta as palmas para o céu.
- 13^a – A Senhora disse em maio que queria que fossem à Cova da Iria mais vezes?
– Disse que queria que fôssemos lá durante seis meses, de mês a mês, até que em outubro dissesse o que queria.
- 14^a – Ela tem na cabeça algum resplendor?
– Tem.
- 15^a – Podes olhar bem para o rosto?
– Não posso, porque faz mal aos olhos.
- 16^a – Ouviste sempre bem o que a Senhora disse?
– Da última vez não ouvi tudo por causa do barulho que o povo fazia.
- Segue-se a inquirição do Francisco.
- 1^a – Que idade é que tens?
– Tenho nove anos feitos.
- 2^a – Só vês a Senhora ou ouves também o que Ela diz?
– Só a vejo, não ouço nada do que Ela diz.
- 4^a – Tem algum clarão em volta da cabeça?

-
- Tem.
 - 5^a – Podes olhar bem para a cara dela?
 - Posso olhar, mas pouco, por causa da luz.
 - 6^a – Tem alguns enfeites no vestido?
 - Tem uns cordões de ouro.
 - 7^a – De que cor é o crucifixo do rosário?
 - É branco.
 - 8^a – E a cadeia do rosário?
 - Também é branca.
 - 9^a – O povo ficava triste se soubesse o segredo?
 - Ficava.

Em seguida entretive-me em demorada conversa com o pai das inocentes crianças acerca dos acontecimentos que tanto o têm preocupado. Forneceu-me informações bastante interessantes que passo a referir, porque lançam muita luz sobre esses acontecimentos.

Doc. 12
1917-10-13, Monte Redondo

Carta do Pe. Manuel Pereira da Silva¹, pároco de Monte Redondo, ao Pe. António Pereira de Almeida², então na paróquia de Mata Mourisca, concelho de Pombal, sobre a aparição do dia 13 de outubro de 1917.

Publ.: DCF, III-1 - Doc. 55

Bendita e amada seja Nossa Mãe Santíssima!

Meu caro

O prometido é devido. Escrevo-lhe de Monte Redondo às 9 e 1/2 da noite de 13 do corrente.

Nossa Senhora fez-me a vontade. Dignou-se dar sinal evidente da sua aparição às pequenas da Fátima.

Ao meio dia estavam na Fátima mais de noventa automóveis, uma infinidade de carros de todos os tamanhos, formas e feitios, e uma multidão enorme de pessoas (multitudo magna ... ex omnibus gentibus et linguis). Tudo molhadinho, encharcado, a escorrer, mas alegre.

Cerca do meio dia vieram as pequenas ao local e começaram, como de costume, rezando o terço. Acabado ele, perguntaram os pequenos a Nossa Senhora do Rosário se dava o tal sinal prometido. Imediatamente apareceu o sol com a circunferência bem definida. Aproxima-se como que até à altura das nuvens e começa girando sobre si mesmo vertiginosamente como uma roda de fogo preso, com algumas intermitências, durante mais de oito minutos. Ficou tudo quase escuro e as feições de cada um eram amareladas. Tudo ajoelhou mesmo na lama.

Em todo o tempo, aqui e além, cantava-se, rezava-se, etc. Tudo saiu satisfeito. As pequenas disseram que apareceu Nossa Senhora do Rosário. Depois apareceu (quando o sol deu sinal) S. José. As pequenas disseram que este dissera que hoje, ou breve, seria arvorada a bandeira da paz; que rezassem o terço que em breve cá teriam as nossas tropas;

¹ Nasceu a 30 de agosto de 1877, na freguesia de Monte Real, concelho de Leiria. Faleceu a 15 de fevereiro de 1951, no Santuário de Fátima.

² Natural de Coja, diocese de Coimbra. Foi cónego da Sé Catedral da Guarda.

que fizessem penitência, que mudassem de vida porque, de contrário, se acabaria o mundo.

Ai! que me parece que é Nossa Senhora quem ainda ampara este barco com a sua onnipotência suplicante!

Um grande abraço e... fique-se com Deus, pois que amanhã, às 4 horas, hei de marchar para a Bajouca e por isso são horas de ir roncar (media boca roncabat aberta, diz o Palito Métrico³).

Seu
Pe. Silva

(Leia ao Pe. Alexandre⁴. Diga-lhe que o Pe. Paulo⁵ não foi por lhe faltar, à última hora, o cavalo).

³ Poema em latim macarrónico composto pelo Padre João da Silva Rebelo so o pseudónimo de António Duarte Ferrão, com primeira edição em 1746, e muitas edições posteriores.

⁴ Joaquim Duarte Alexandre. Nasceu em Monte Real, concelho de Leiria a 6 de março de 1879. Foi pároco de Pala, Marinha Grande, Mata Mourisca, Fermentelos, Avelãs e Santa Cruz de Coimbra. Faleceu a 27 de agosto de 1968.

⁵ Paulo Gonçalves Machado. Nasceu em Braga a 8 de fevereiro de 1882. Foi coadjutor da Marinha Grande, onde foi preso várias vezes. Faleceu em Condeixa, a 30 de outubro de 1953.

Doc. 13
1917-10-15, Lisboa

O jornal “O Século” publica um artigo de Avelino de Almeida², em que descreve o que presenciou na Cova da Iria no dia 13 de outubro de 1917 [data de redação: 13 de outubro de 1917].

Publ.: DCF, III-1, Doc. 87

COISAS ESPANTOSAS!
 COMO O SOL BAILOU
 AO MEIO DIA EM FÁTIMA

As aparições da Virgem – Em que consistiu o sinal do céu –
 Muitos milhares de pessoas afirmam ter-se produzido um milagre – A
 guerra e a paz

[fotografia]

*Lúcia, de 10 anos; Francisco, de 9, e Jacinta, de 7, que na
 charneca de Fátima, concelho de Vila Nova de Ourém, dizem ter
 falado com a Virgem Maria*

(DO NOSSO ENVIADO ESPECIAL)

OURÉM, 13 de outubro

Ao saltar, após demorada viagem, pelas dezasseis horas de ontem, na estação de Chão de Maçãs, onde se apearam também pessoas religiosas vindas de longes terras para assistir ao “milagre”, perguntei, de chofre, a um rapazote do “char-á-bancs” da carreira se já tinha visto a Senhora. Com seu sorriso sardónico e o olhar enviezado, não hesitou em responder-me:

– Eu cá só lá vi pedras, carros, automóveis, cavalgaduras e gente!

Por um fácil equívoco, o trem que nos devia conduzir, a Judah Ruah² e a mim, até à vila, não apareceu e decidimo-nos a calcorrear

¹ Jornalista, nasceu em Sintra a 10 de novembro de 1873. Colaborou em diversos jornais. Faleceu, em Lisboa, a 2 de agosto de 1932.

² Judah Bento Ruah, filho de Hassan Bento Ruah e de Sol Bensaia Ruah, nasceu a 28 de março de 1892, em Faro. Foi diretor dos Serviços Técnicos da Câmara Municipal de Lisboa. Faleceu, em Lisboa, a 16 de maio de 1958.

corajosamente cerca de duas léguas por não haver lugar para nós na diligência e estarem, desde muito, afreguezadas as carriotas que aguardavam passageiros. Pelo caminho, topámos os primeiros ranchos que seguiam em direção ao local santo, distante mais de vinte quilómetros bem medidos. Homens e mulheres vão quase todos descalços – elas com saquitéis à cabeça, sobrepujados pelas sapatorras; eles abordoando-se a grossos vara-paus e cautelosamente munidos também de guarda-chuva. Dir-se-iam, em geral, alheados do que se passa à sua volta, num desinteresse grande da paisagem e dos outros viandantes, como que imersos em sonho, rezando numa triste melopeia o terço. Uma mulher rompe com a primeira parte da avé-maria, a saudação; os companheiros, em coro, continuam com a segunda parte, a súplica. Num passo certo e cadenciado, pisam a estrada poeirenta, entre pinhais e olivedos, para chegarem antes que se cerre a noite ao sítio da aparição, onde, sob o relento e a luz fria das estrelas, projetam dormir, guardando os primeiros lugares junto da azinheira bendita – para no dia de hoje verem melhor.

À entrada da vila, mulheres do povo a quem o meio já infetou com o vírus do ceticismo, comentam, em tom de troça, o caso do dia:

– Então vais ver amanhã a santa?

– Eu, não. Se ela ainda cá viesse!

E riem-se com gosto, enquanto os devotos prosseguem indiferentes a tudo o que não seja o objetivo da sua romagem. Em Ourém só por uma amabilidade extrema se encontra aposentadoria. Durante a noite, reúnem-se na praça da vila os mais variados veículos conduzindo crentes e curiosos sem que falem velhas damas vestidas de escuro, vergadas já ao peso dos anos, mas faiscando-lhes nos olhos o lume ardente da fé que as animou ao ato corajoso de abandonar por um dia o inseparável cantinho da sua casa. Ao romper da alva, novos ranchos surgem intrépidos e atravessam, sem pararem um instante, o povoado, cujo silêncio quebram com a harmonia dos cânticos que vozes femininas, muito afinadas, entoam num violento contraste com a rudeza dos tipos...

O sol nasce, mas o cariz do céu ameaça tormenta. As nuvens negras acastelam-se precisamente sobre as bandas de Fátima. Nada, todavia, detém os que por todos os caminhos e servindo-se de todos os meios de locomoção para lá confluem. Os automóveis luxuosos deslizam vertiginosamente, tocando as buzinas; os carros de bois arrastam-se com vagar a um lado da estrada; as galeras, as vitórias, os caleches fechados, as carroças nas quais se improvisaram assentos vão ajoujados a mais não poderem. Quase todos levam com os farnéis, mais ou menos modestos, para as bocas cristãs a ração de folhelho para os irracionais

que o “poverelo” de Assis chamava nossos irmãos e que cumprem, valorosamente a sua tarefa... Tilinta uma ou outra guizeira, vê-se uma carrocinha adornada de buxo; no entanto, o ar festivo é discreto, as maneiras são compostas e a ordem absoluta... Burrinhos choutam à margem da estrada e os ciclistas, numerosíssimos, fazem prodígios para não esbarrar de encontro aos carros.

Pelas dez horas, o Céu tolda-se totalmente e não tardou que entrasse a chover a bom chover. As cordas de água, batidas por um vento agreste, fustigam os rostos, encharcando o macadame e repassando até aos ossos os caminhantes desprovidos de chapéus e de quaisquer outros resguardos. Mas ninguém se impacienta ou desiste de prosseguir e, se alguns se abrigam sob a copa das árvores, junto dos muros das quintas ou nas distanciadas casas que se debruçam ao longo do caminho, outros continuam a marcha com uma impressionante resistência, notando-se algumas senhoras cujos vestidos colados aos corpos, por efeito do ímpeto e da pertinácia da chuva, lhes desenham as formas como se tivessem saído do banho!

*

* *

O ponto da charneca de Fátima, onde se disse que a Virgem aparecera aos pastorinhos do lugarejo de Aljustrel, é dominado numa enorme extensão pela estrada que corre para Leiria, e ao longo da qual se postaram os veículos que lá conduziram os peregrinos e os mirones. Mais de cem automóveis alguém contou e mais de cem bicicletas, e seria impossível contar os diversos carros que atravancaram a estrada, um deles o auto-omnibus de Torres Novas, dentro do qual se irmanavam pessoas de todas as condições sociais.

Mas o grosso dos romeiros, milhares de criaturas que foram de muitas léguas ao redor e a que se juntaram fiéis idos de várias províncias, alentejanos e algarvios, minhotos e beirões, congregam-se em torno da pequenina azinheira que, no dizer dos pastorinhos, a visão escolhera para seu pedestal e que podia considerar-se como que o centro de um amplo círculo em cujo rebordo outros espetadores e outros devotos se acomodam. Visto da estrada, o conjunto é simplesmente fantástico. Os prudentes campónios, abarracados sob os chapéus enormes, acompanham, muitos deles, o desbaste dos parques farnéis com o conduto espiritual dos hinos sacros e das dezenas do rosário. Não há quem tema enterrar os pés na argila empapada, para ter a dita de ver de perto a azinheira sobre a qual ergueram um tosco pórtico em que bamboeiam

duas lanternas... Alteram-se os grupos que cantam os louvores da Virgem, e uma lebre, espavorida, que galga matagal em fora, apenas desvia as atenções de meia duzia de zagaletes que a alcançam e prostram à cacetada...

E os pastorinhos? Lúcia, de 10 anos, a vidente, e os seus pequenos companheiros, Francisco, de 9, e Jacinta, de 7, ainda não chegaram. A sua presença assinala-se talvez meia hora antes da indicada como sendo a da aparição. Conduzem as rapariguinhas, coroadas de capelas de flores, ao sítio em que se levanta o pórtico. A chuva cai incessantemente mas ninguém desespera. Carros com retardatários chegam à estrada. Grupos de fiéis ajoelham na lama e a Lúcia pede-lhes, ordena que fechem os chapéus. Transmite-se a ordem, que é obedecida de pronto, sem a mínima relutância. Há gente, muita gente, como que em êxtase; gente comovida, em cujos lábios secos a prece paralizou; gente pasmada, com as mãos postas e os olhos borbulhantes; gente que parece sentir, tocar o sobrenatural... A criança afirma que a Senhora lhe falou mais uma vez, e o céu, ainda caliginoso, começa, de súbito, a clarear no alto; a chuva para e pressente-se que o sol vai inundar de luz a paisagem que a manhã invernosa tornou ainda mais triste...

A hora antiga é a que regula para esta multidão, que cálculos desapassionados de pessoas cultas e de todo o ponto alheias às influências místicas computam em trinta ou quarenta mil criaturas... A manifestação miraculosa, o sinal visível anunciado está prestes a produzir-se – asseguram muitos romeiros... E assiste-se então a um espetáculo único e inacreditável para quem não foi testemunha dele. Do cimo da estrada, onde se aglomeram os carros e se conservam muitas centenas de pessoas, a quem escasseou valor para se meter à terra barrenta, vê-se toda a imensa multidão voltar-se para o sol, que se mostra liberto de nuvens, no zénite. O astro lembra uma placa de prata fosca e é possível fitar-lhe o disco sem o mínimo esforço. Não queima, não cega. Dir-se-ia estar-se realizando um eclipse. Mas eis que um alarido colossal se levanta, e aos espetadores que se encontram mais perto se ouve gritar:

– Milagre, milagre! Maravilha, maravilha!

Aos olhos deslumbrados daquele povo, cuja atitude nos transporta aos tempos bíblicos e que, pálido de assombro, com a cabeça descoberta, encara o azul, o sol tremeu, o sol teve nunca vistos movimentos bruscos fora de todas as leis cósmicas – o sol “bailou”, segundo a típica expressão dos camponeses. Empoleirado no estribo do auto-omnibus de Torres Novas, um ancião cuja estatura e cuja fisionomia, ao mesmo tempo doce e enérgica, lembram as de Paul

Déroulède, recita, voltado para o sol, em voz clamorosa, de princípio a fim, o Credo. Pergunto quem é e dizem-me ser o sr. João Maria Amado de Melo Ramalho da Cunha Vasconcelos⁴. Vejo-o depois dirigir-se aos que o rodeiam, e que se conservaram de chapéu na cabeça, suplicando-lhes, veementemente, que se descubram em face de tão extraordinária demonstração da existência de Deus. Cenas idênticas repetem-se noutros pontos e uma senhora clama, banhada em aflitivo pranto e quase numa sufocação:

– Que lástima! Ainda há homens que se não descobrem diante de tão estupendo milagre!

E, a seguir, perguntam uns aos outros se viram e o que viram. O maior número confessa que viu a tremura, o bailado do sol; outros, porém, declaram ter visto o rosto risonho da própria Virgem, juram que o sol girou sobre si mesmo como uma roda de fogo de artifício, que ele baixou quase a ponto de queimar a terra com os seus raios... Há quem diga que o viu mudar sucessivamente de cor...

*
* *

São perto de quinze horas.

O céu está varrido de nuvens e o sol segue o seu curso com o esplendor habitual que ninguém se atreve a encarar de frente. E os pastorinhos? Lúcia, a que fala com a Virgem, anuncia, com ademanes teatrais, ao colo de um homem, que a transporta de grupo em grupo, que a guerra terminara e que os nossos soldados iam regressar... Semelhante nova, todavia, não aumenta o júbilo de quem a escuta. O sinal celeste foi tudo. Há uma intensa curiosidade em ver as duas rapariguinhas com suas grinaldas de rosas, há quem procure oscular as mãos das “santinhas”, uma das quais, a Jacinta, está mais para desmaiar do que para danças, mas aquilo por que todos ansiavam – o sinal do céu – bastou a satisfazê-los, a radicá-los na sua fé de carvoeiro. Vendedores ambulantes oferecem os retratos das crianças em bilhetes postais e outros bilhetes que representam um soldado do Corpo Expedicionário Português “pensando no auxílio da sua protetora para salvação da Pátria” e até uma imagem da Virgem como sendo a figura da visão... Bom negócio foi esse e decerto mais centavos entraram na

⁴ Segundo informação de Maria Elisa Cunha Serra, João Vasconcelos foi a Fátima na mesma carruagem que Maria Raposo, ela própria e outras pessoas.

algibeira dos vendedores e no tronco das esmolas para os pastorinhos do que nas mãos estendidas e abertas dos leprosos e dos cegos que, acotevelando-se com os romeiros, atiravam aos ares seus gritos lancinantes...

O dispersar faz-se rapidamente, sem dificuldades, sem sombra de desordem, sem que fosse mister que o regulasse qualquer patrulha da guarda. Os peregrinos que mais depressa se retiram, correndo estrada fora, são os que primeiro chegaram, a pé e descalços com os sapatos à cabeça ou dependurados nos varapaus. Vão, com a alma em lausperene, levar a boa nova aos lugarejos que não se despovoaram de todo. E os padres? Alguns compareceram no local, sorridentes, enfileirando mais com os espetadores curiosos do que com os romeiros ávidos de favores celestiais. Talvez um ou outro não lograsse dissimular a satisfação que no semblante dos triunfadores tantas vezes se traduz... Resta que os competentes digam de sua justiça sobre o macabro bailado do sol que hoje, em Fátima, fez explodir hossanas dos peitos dos fiéis e deixou naturalmente impressionados – ao que me asseguraram sujeitos fidedignos os livres pensadores e outras pessoas sem preocupações de natureza religiosa que acorreram à já agora celebrada charneca.

Avelino de Almeida

Doc. 14**1917-10-16, Fátima**

Interrogatório do Pe. Manuel Marques Ferreira, pároco de Fátima, a Lúcia, sobre a sexta aparição, na Cova da Iria.

Publ.: DCF, I - Doc. 6

6ª Aparição – 13-10-1917 – No dia 16 de outubro chamei à minha presença Lúcia e interrogada disse que viu primeiro um relâmpago, o que se tem dado sempre: disse ao povo que se calasse que já tinha dado o relâmpago; voltei-me para o nascente e vi vir Nossa Senhora pelo ar abaixo e disse ao povo: calem-se que já lá vem Nossa Senhora – Veem-na! Veem-na!

A Senhora veio e pôs-se em cima das rosas e fitas de seda que estavam a cobrir os troços da carrasqueira.

Eu perguntei:

– O que é que vossemecê me quer?

– Quero-te dizer que não ofendas¹ mais a Nosso Senhor; que rezem o terço a Nossa Senhora; façam aqui uma capelinha à Senhora do Rosário (Lúcia tem dúvida se foi assim se foi: façam aqui uma capelinha, eu sou a Senhora do Rosário); a guerra acaba ainda hoje; esperem cá pelos seus militares, muito breve. Tudo isto disse a Lúcia que a Senhora havia dito em resposta à 1ª pergunta.

– Tenho muitos pedidos, se a Senhora mos despacha todos ou não?

– Uns despacharei, outros não.

Não fiz nenhum pedido em particular porque então ainda lá estava a fazer pedidos.

– Ainda me quer mais alguma coisa?

– Já não quero mais nada.

Depois ela foi-se embora voltando pelo mesmo caminho e na mesma direção e eu disse ao povo: olhem, lá vai ela! Lá vai ela! Lá vai ela!

A Senhora desapareceu e parece-me que foi por a minha vista já não ver mais, mas sem nuvens que a ocultassem.

Depois diz que olhou para o sol e que viu São José à esquerda do sol e o Menino Jesus; de S. José só viu da cintura para cima, vinha vestido

¹ Na redação final deste depoimento, datada de 6 de agosto de 1918, diz-se: “ofendam”.

de branco e o Menino Jesus vinha vestido de encarnado. O Menino Jesus, viu-o todo e estava assentado no braço esquerdo de S. José. S. José estava a fazer cruces com a mão direita; julga que fez umas 3 ou 4, depois desapareceu; depois de S. José desaparecer estava tudo amarelo; chegou Nosso Senhor mas parecia que não divisava senão um vestido com capa; só o vi da cintura para cima; as barbas eram pequenas e o cabelo não o vi; não cheguei a ver as mãos, vi só o peito.

Junto de Nosso Senhor estava uma Senhora em pé ao lado direito de Nosso Senhor, e Nosso Senhor estava à direita do sol. Ambos tinham resplendor amarelo, não tinha menino; esta Senhora estava vestida de branco e tinha um manto azul pela cabeça; tinha as mãos sobre o peito, de palmas para o peito por baixo uma da outra. A saia era branca e comprida e chegava aos pés; parece-lhe que a saia e casaco brancos não eram dourados; não a via tão bem no sol como quando estava na carrasqueira; depois desapareceu.

Junto com S. José vi outra imagem ou Senhora que estava ao lado direito do sol; vi-a toda vestida de encarnado, o manto era azul debruado ao pescoço; tinha as mãos à cintura com os dedos entrelaçados; não tinha menino, tinha resplendor amarelo; desapareceu com S. José.

Na ocasião em que estava a ver esta imagem estava o povo a gritar: olhem! olhem! tão bonito!

E eu também olhei a dizer ao povo que olhassem para lá, que estava S. José e depois Nosso Senhor.

A Senhora da Carrasqueira vinha vestida de branco exatamente como das outras vezes; não vi nem menos, nem mais; a saia julgo que era curta como das mais vezes; disse que o dinheiro era para uma capela mas não todo, porque algum deve ser para um andor; disse que não tinha ideia de quem devia fazer a capela ou tomar a direção.

Doc. 15**1917-10-19, Aljustrel**

Interrogatório do Pe. José Ferreira de Lacerda¹ aos videntes Jacinta, Lúcia e Francisco.

Publ.: DCF, I - Doc. 46 (questionário) e Doc. 47 (respostas)

Interrogatório da Jacinta

- 1- Quantos anos tem? De quem é filho?
 – *Jacinta de Jesus, de 7 anos, filha de Manuel Pedro Marto e Olímpia de Jesus - tem 8 irmãos. De duas camas².*
- 2 - O que faziam quando viram a Senhora?
 3 - É verdade o menino correr a Imagem à pedra?
 4 - Como apareceu a Imagem?
 5 - Que vestidos trazia e o que disse?
 2º - *Era meio dia e guardavam as ovelhas quando viram uma Senhora vestida de branco, de mãos postas com umas contas brancas enfiadas no braço. O rosto era branco, não tem com quem possa comparar; somente na altura diz que era igual a Virgínia³ – (A rapariga tem 12 anos) 1 m e 10; que lhes aparecera em cima da azinheira.*
Que o irmão que atirara com uma pedra às ovelhas e passara junto dela.
- 6 - Ouviram todos?
 6 - *Ouve. Que dissera que fossem lá 6 vezes até fazer 6 meses e que depois diria o que queria e desaparecera.*

¹ Nasceu em Monte Real, a 23 de abril de 1881. Foi pároco de Alvorge, Vieira de Leiria e Milagres. A 2 de maio de 1917, partiu para França, como capelão militar voluntário do Corpo Expedicionário Português, regressando a 25 de setembro do mesmo ano. Fundou o semanário “O Mensageiro”, sendo seu diretor, até à sua morte, a 20 de setembro de 1971.

² “De duas camas” é uma expressão popular usada para designar dois matrimónios. Do segundo matrimónio com Manuel Pedro Marto, Olímpia de Jesus teve sete filhos (José, Teresa (f. 1902), Florinda, Teresa, João, Francisco e Jacinta). Como a segunda filha, Teresa, já tinha morrido, Jacinta tinha, em 1917 cinco irmãos e dois meios irmãos, estes do primeiro casamento de Olímpia de Jesus com José Ferreira Rosa.

³ Virgínia de Jesus, filha de António da Silva e Teresa de Jesus e prima materna de Lúcia, nascida a 11 de maio de 1904.

- 7 - Tinham ido à missa no domingo anterior? E onde?
7 - *Vai todos os domingos à missa; no dia da aparição era de semana e não tinha ido à missa.*
- 8 - Onde costumam ir à missa?
8 - *Vai à missa à Fátima*
- 9 - Que veste a Imagem da capela onde costumam ir à missa?
9 - *Que sabe que na igreja existe a Senhora do Rosário mas não tem contas, nem tem um vestido branco.*
- 10 - Tinham ouvido algum sermão sobre Nossa Senhora de Lourdes ou prática?
10 - *Não sabe.*
- 11 - Costumavam ir muitas vezes à missa mesmo de semana?
11 - *Vai à missa só ao domingo; porque a mãe não a deixa.*
- 12 - O que fizeram depois de verem a Senhora?
12 - *Só à noite vieram para casa e disseram que tinham visto a Senhora do Céu, pois assim ela se chamara.*
- 13 - Que fatos trazia ela da 1ª vez e das outras vezes?
13 - *Sempre o mesmo vestido.*
- 14 - Disse porque vinha no dia 13?
[...]
- 15 - Viram sempre as manchas no sol?
15 - *Só na última vez é que viram no sol o Menino Jesus e São José e Nossa Senhora. Mas a Lúcia viu melhor.*
- 16 - Como estava ela na Azinheira? Ria-se ou estava triste?
16 - *Estava séria.*
- 17 - De que cor era o vestido e como trazia os braços?
17 - *Vestido todo branco, em baixo apertado, mãos erguidas.*
- 18 - Tiveram medo quando viram a Senhora?
18 - *Teve medo da 1ª vez; ela disse que não tivesse medo, que não fazia mal.*
- 19 - A quem disseram que a tinham visto?
19 - *Disse ao pai e irmão que tinha visto a Senhora.*
- 20 - Quando falaram com qualquer padre sobre o assunto?
20 - *Não disse.*
- 21 - O que lhes disse este?
21 - *Não se lembra.*
- 22 - O que disse Nossa Senhora da 1ª vez?
da 2ª
da 3ª
“ 4ª

“ 5ª

“ 6ª

22 - *Dia de Santo Antonio (2ª vez) disse que aprendesse a gente a ler.*

Diz o pai que estavam umas 50 a 60 pessoas.

Da última vez - A Lúcia perguntou o que ela queria e Ela disse - Que acabava a guerra no dia 13 - Quando chegasse ao Céu.

– Que o povo se não quisesse emendar acabava o mundo; se não se quisesse emendar acabava a guerra.

Não ouviu mais. A Senhora estava triste quando dizia isto.

23 - São pobres ou remediadas?

[...]

24 - Costumam rezar o terço todos os dias?

24 - *Todos os dias rezam o terço.*

25 - Ouviram falar alguma vez em que Nossa Senhora aparecera aos soldados?

25 - *Nunca ouviu.*

26 - O sr. prior tinha pedido o terço pelos soldados?

26 - *Que sim.*

27 - Sabem ler ou ouviram em casa ou em alguma parte ler que Nossa Senhora aparecera?

27 - *Nunca ouvira.*

28 - A quem disseram pela primeira vez que viram Nossa Senhora?

28 - *Pais e irmãos*

29 - Quem são os pais e como se chamam? De que vivem? Idade, sentimentos religiosos – Rezam o terço à noite em casa ou dão graças?

[...]

30 - Têm contado e sabem a história de Lourdes ou La Salette ou Nossa Senhora de Monserrate?

30 - *Não ouviu*

31 - São alcoólicos? O que disseram às filhas e ao filho?

[...]

32 - O que disse a Senhora de cada uma das vezes?

1ª.

2ª.

3ª.

4ª.

5ª.

6ª.

32 - [...]

33 - A Senhora disse a que horas vinha e os dias?

- 33 - *Que vinha ao meio dia.*
34 - *Da 2ª vez foi gente assistir? O que viram?*
34 - *Foram umas 50 pessoas.*
35 - *Da 2ª*
 Da 3ª
 Da 4ª
 Da 5ª
 [...]
36 - *O que queria a Senhora? Disse a que vinha?*
36 - *Nunca ouviu dizer à Senhora a que vinha. A Senhora falava devagar.*
[37]
37 - *Não teve medo de lá ir.*
[38]
[38] *A Jacinta só se confessou este ano.*

Interrogatório da Lúcia

- 1 - *Quantos anos tem? De quem é filho?*
1 - *Lúcia de Jesus - 10 anos, vai em 11. O pai António dos Santos Abóbora e Maria Rosa. Tem 5 irmãos.*
2 - *O que faziam quando viram a Senhora?*
2 - *Guardava as ovelhas. Deu um relâmpago e eu disse: ó Francisco é melhor irmos embora que vem trovoada. Deu outro relâmpago e olhei para a carrasqueira e vi uma Senhora que disse: Não tenham medo que não faço mal. Estava em cima da carrasqueira. A Senhora era nova, tinha saia justa. Não sabe o que é saia travadinha, e tem visto senhoras com saias às pregas mas o vestido da Senhora não era. Não reparou se o vestido era inteiro.*
3 - *É verdade o menino correr a Imagem à pedra?*
3 - *Noutro ano é que o João atirara a pedra.*
A mãe conta que o ano passado em maio aparecera outra imagem e que esta é que fora corrida. Só um ano depois é que houve outra aparição.
4 - *Como apareceu a imagem?*
4 - *[...]*
5 - *Que vestidos trazia e o que disse?*
5 - *Primeira vez que não tivéssemos medo que não fazia mal: fosse a gente lá 6 vezes até fazer 6 meses e depois dizia o que queria. Foi a pouco e pouco subindo e desapareceu.*

- 6 - Ouviram todos?
6 - [...]
- 7 - Tinham ido à missa no domingo anterior? E onde?
7 - *Tinha ido à missa que era domingo na 1ª aparição. Apareceu ao meio-dia.*
- 8 - Onde costumam ir à missa?
8 - [...]
- 9 - Que veste a Imagem da capela onde costumam ir à missa?
9 - *Que na Igreja há a Senhora do Rosário, mas tem um menino, um manto e não tem contas e aquela tinha contas.*
- 10 - Tinham ouvido algum sermão sobre Nossa Senhora de Lourdes ou prática?
10 - *Não sabia da história de Lourdes, mas um sr. prior contou-a agora.*
- 11 - Costumavam ir muitas vezes à missa mesmo de semana?
11 - *Às vezes.*
- 12 - O que fizeram depois de verem a Senhora?
12 - *Vieram embora e não contou nada. Tinha visto o outro ano e tinha contado à mãe e ela ralhou-lhe. A primeira vez que vira foi num sítio chamado as Estrumeiras.*
- 13 - Que fatos trazia ela da primeira e das outras vezes?
13 - *Trazia sempre o mesmo fato.*
- 14 - Disse porque vinha no dia 13?
14 - *Vid. nº 5.*
- 15 - Viram sempre as manchas no sol?
15 - *Nunca vi nada no sol porque só olhava para a Senhora.*
- 16 - Como estava ela na Azinheira? Ria-se ou estava triste?
16 - *Estava séria*
- 17 - De que cor era o vestido e como trazia os braços?
17 - *Branco - braços erguidos.*
- 18 - Tiveram medo quando viram a Senhora?
18 - *Tiveram medo da primeira vez.*
- 19 - A quem disseram que a tinham visto?
19 - *Esta não disse. A Jacinta é que espalhou.*
- 20 - Quando falaram com qualquer padre sobre o assunto?
20 - *Não contou logo, mas sim mais tarde.*
- 21 - O que lhes disse este?
21 - *Fez perguntas e não disse nada.*
- 22 - O que disse Nossa Senhora da 1ª vez?
da 2ª

da 3^a

“ 4^a

“ 5^a

“ 6^a

22 - Da 2^a vez: *Que continuasse a gente lá a ir e que aprendesse a ler.*

3^a vez - *Que continuasse a vir, que rezasse o terço a N. Senhora para que acabasse a guerra pois só ela é que podia valer. Demorava-se pouco; já estava muita gente.*

4^a vez - *Fui presa*

Da 5^a vez - *Não se recorda.*

Da 6^a - *Que não ofendesse a gente mais a Nosso Senhor que ele já estava muito ofendido. – Que rezasse a gente o terço a Nossa Senhora do Rosário para que ele nos perdoasse os nossos pecados, querendo a gente ir para o Céu.*

Que fizesse ali uma capelinha à Senhora do Rosário, querendo; que a guerra acabava hoje e que esperassem pelos nossos militares muito breve.

[...]

Desaparecia primeiro a cabeça, depois o corpo e os pés.

Viu junto ao sol - uma coisa que parecia uma cara dum homem e dum menino.

20 [sic] - *Quando falaram com qualquer padre sobre o assunto?*

20 - *Não foi logo. Foi depois.*

21 [sic] - *O que lhes disse este?*

21 - *Este disse-lhe porque lhe não fora logo contar.*

23 - *São pobres ou remediadas?*

23 - [...]

24 - *Costumam rezar o terço todos os dias?*

24 - *Sabe rezar o terço e rezava-o às vezes, muita vez, mesmo com as ovelhas; agora reza-o todos os dias.*

25 - *Ouviram falar alguma vez em que Nossa Senhora aparecera aos soldados?*

25 - *Não se recorda quando mas já ouviu dizer.*

26 - *O sr. prior tinha pedido para rezarem o terço pelos soldados?*

26 - *Não se recorda.*

27 - *Sabem ler ou ouviram em casa em alguma parte ler que Nossa Senhora aparecera?*

27 - *Não sabe ler.*

28 - *A quem disseram pela primeira vez que viram Nossa Senhora?*

28 - *A Jacinta espalhou e ela disse que sim.*

29 - Quem são os pais e como se chamam? De que vivem? Idade, sentimentos religiosos, rezam o terço à noite em casa ou dão graças?

29 - *A mãe sabe ler e tem lido coisas de Nossa Senhora, diz o prior, e Lourdes - Missão abreviada.*

30 - Têm contado e sabem a história de Lourdes ou La Salette ou de Nossa Senhora de Monserrate?

30 - [...]

31 - São alcoólicos? O que disseram às filhas e ao filho?

31 - [...]

32 - O que disse a Senhora de cada uma das vezes?

1^a -

2^a -

3^a -

4^a -

5^a -

6^a -

[...]

33 - A Senhora disse a que horas vinha e os dias?

33 - *Nunca disse a que horas vinha mas nós íamos lá àquelas horas.*

[37]⁴

[37-] A Senhora disse-lhe um segredo mas ela não o revelará.

[38]

[38] A Lúcia já fez a 1^a comunhão.

Interrogatório do Francisco

1 - Quantos anos tem? De quem é filho?

1 - *Francisco Marto - de 9 anos - irmão da Jacinta.*

2 - O que faziam quando viram a Senhora?

2 - *Guardava o gado.*

3 - É verdade o menino correr a Imagem à pedra?

[3] *O irmão é que o ano passado correu a Senhora.*

N. B. A Jacinta diz que sim.

4 - Como apareceu a Imagem?

⁴ Quase certamente, o autor dispensou-se de fazer as perguntas nº 34 a 36. Tal como no interrogatório anterior, o Pe. Lacerda também aqui continuou a conversa com a Lúcia, de que resultaram as duas respostas seguintes.

5 - Que vestidos trazia e o que disse?

6 - Ouviram todos?

4 - *Fazia sol, vinham a passar e viu uma mulher vestida de branco. Não viu relâmpagos; a Lúcia é que viu. As ovelhas fugiam para os chicharos e milho mas a Senhora disse que não se importassem que as ovelhas não tombavam, nem comiam. Depois da aparição comiam.*

A Lúcia diz que a Senhora não disse nada, só se foi à Jacinta porque ela lhe tinha já aparecido.

Via (Francisco) a Imagem.

Trazia um manto na cabeça e o vestido era todo branco.

13 - Que fatos trazia ela da 1ª vez e das outras vezes?

[13 -] *Trazia sempre o mesmo fato, ela era bonita.*

[...] 15 - Viram sempre as manchas no sol?

[15 -] *Viu S. José e o Menino Jesus no sol.*

[...] 22- O que disse N. Senhora da 1ª vez?

da 2ª

da 3ª

“ 4ª

“ 5ª

“ 6ª

[22 -] *Nunca a ouviu falar.*

[24 -] *Costumam rezar o terço todos os dias?*

[24 -] *Rezavam o terço quando tinham vagar.*

Doc. 16
1917-10-19, Lisboa

Ofício de D. João Evangelista de Lima Vidal, Arcebispo de Mitilene¹, ao Pe. Faustino José Jacinto Ferreira, Vigário de Ourém², a incumbi-lo de receber os depoimentos de testemunhas dos factos ocorridos no dia 13 de outubro de 1917, na Cova da Iria.

Publ.: DCF, I - Doc. 23

Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor

Para os efeitos convenientes seja V. S. R. servido receber, enviando-no-los depois, os depoimentos do maior número possível de pessoas fidedignas que tenham sido testemunhas presenciais dos factos ocorridos em Fátima, no dia 13 do corrente mês de outubro.

Deus Guarde a V. S. R.

Lisboa e Paço Patriarcal, 19 de outubro de 1917

Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor
Vigário da Vara de Ourém

† João, Arcebispo de Mitilene

¹D. João Evangelista de Lima Vidal nasceu em Aveiro, a 2 de abril de 1874. A 28 de janeiro de 1909 foi nomeado Bispo de Angola e Congo e a 9 de dezembro de 1915, arcebispo de Mitilene. Em virtude da expulsão do Cardeal Patriarca, D. António Mendes Belo, foi incumbido, a 29 de agosto de 1917, do expediente dos assuntos eclesiásticos do Patriarcado. Foi nomeado Bispo de Vila Real, a 3 de maio de 1923, administrador apostólico de Aveiro, a 24 de agosto de 1938, e bispo residencial, a 22 de janeiro de 1940. Faleceu a 5 de janeiro de 1958.

²Nasceu a 24 de janeiro de 1853, em Espite, concelho de Ourém. Embora residindo sempre no Olival, foi vigário de Ourém, desde 1892 até à sua morte, a 10 de julho de 1924.

Doc. 17
1917-10-p.19¹, Alcanhões

Testemunho de Leonor de Avelar e Silva Constâncio², sobre as aparições de Fátima.

Publ.: DCF, III-1 - Doc. 129

O Milagre?... da Fátima

Tendo-nos constado nos fins de julho, que havia na freguesia da Fátima, em plena Serra de Aire, três pastorinhos que desde maio, eram a 13 de cada mês favorecidos por uma aparição celeste, resolvemos ir lá em agosto e nos dois meses seguintes, visto as crianças dizerem que a aparição lhes revelara que viria ali durante seis meses. Queríamos colher informações, averiguar o que havia, embora tivéssemos a certeza que mesmo que isto fosse verdade, nós não veríamos essa aparição, mas queríamos ao menos ver as crianças, ver a sua atitude durante a aparição, falar depois com elas.

Fomos pois ali no dia 13 de agosto. Saímos de casa às 9 1/2 da manhã; o dia estava bonito, mas não muito quente, havia até uma temperatura agradável. Íamos comovidos, apreensivos, recolhidos, esperando nem eu sei bem o quê. Depois de um passeio de perto de 3 horas de automóvel, chegámos enfim a Fátima, e ali nos disseram que o local da aparição era na Cova da Iria, a uns três quilómetros da povoação, para onde nos dirigimos. Era já grande a aglomeração de gente quando ali chegámos. Na Fátima uma mulher do povo tinha-nos dito: “logo sabem onde é, hão de ver à sua direita um mundo de gente, é aí.” E assim era. Deixámos o carro na estrada e percorremos a pé alguns metros até ao sítio onde a multidão era mais compacta, ouvindo-se cantar o Avé de Lourdes.

Indagámos se as crianças já tinham chegado pois difícil era ver quem rodeava a carrasqueira, arbusto, onde segundo diziam pousava a aparição.

¹ O documento não está datado, mas é, seguramente, posterior a 19 de outubro de 1917, pois refere o interrogatório feito pelo Dr. Formigão nesse dia, na presença de Maria Cândida de Avelar e Silva e de suas filhas, Laura de Avelar e Silva, Maria de Avelar e Silva e Leonor de Avelar e Silva Constâncio.

² Tia-avó de Maria Leonor Lobo da Silva Gomes Pereira, Servita de Nossa Senhora de Fátima, que ofereceu este testemunho ao Santuário de Fátima.

Responderam-nos negativamente, dizendo-nos que como a aparição só teria lugar do meio dia para a uma, as crianças só viriam perto dessa hora. Alegámos que sendo já perto de uma hora, as crianças já deveriam ali estar. “Por que horas se regulam?” (pergunta-nos uma mulher do povo). É pelas modernas? ... Nem a Senhora nem as meninas se regulam por elas, mas sim pelas antigas, que são as verdadeiras”. – Enquanto esperávamos fomos conversando com o povo e indagando dos que já nos meses anteriores ali tinham ido, o que costumava passar-se. Disseram-nos que à hora indicada o sol se encobriria por leves nuvens, e que um nevoeiro envolveria o arbusto sobre o qual, Nossa Senhora, descendo de uma nuvem, pousaria a falar com as crianças.

A pouco e pouco fomos encontrando entre a multidão várias pessoas conhecidas, e até ainda nossas parentas. Juntámos-nos todas, fomos colhendo informações e comentando-as, achando umas algo extraordinárias e outras inverosímeis.

Nesta altura aparece um homem dizendo-nos que as crianças não viriam, porque tinham sido presas pelo administrador do concelho e por ele levadas para Vila Nova de Ourém. De princípio, ninguém acredita, julga-se que se trata de uma brincadeira de mau gosto, da parte do homem, mas é tal a intimativa com que ele o afirma, que uma Senhora se oferece para, no seu auto ir a Fátima, saber o que lá se passara. Voltou, e no seu rosto, vemos todos que é verdadeira a notícia. O administrador oferecendo-se para levar as crianças para a Cova da Iria depois de as ter interrogado, leva-as traiçoeiramente presas para Vila Nova de Ourém. Com que direito? O que tinham feito as crianças para serem presas?... Nada, era a perseguição que principiava.

Todos protestam, todos se indignam, mas é um protesto ordeiro, e, apesar de ali estar muita gente, umas 5 a 6 mil pessoas, ninguém pensa em se revoltar, em lutar. Eram crentes, gente cheia de fé, e não brigões que ali se encontravam.

Das pessoas presentes, muitas pensam em ir-se embora, mas, do povo sobretudo, sai este grito “Fiquemos e esperemos, ainda não chegou a hora, e se isto é coisa do Céu há de manifestar-se, mesmo apesar de as crianças terem sido presas, pois contra o poder de Deus e da Virgem, a autoridade não pode nada”.

Admirámos a fé do povo, e todos ficámos aguardando cheios de ansiedade a hora anunciada.

Como nos não lembrávamos dos 37 minutos já de há muito adiantados, às 2 horas pensávamos já todos em nos retirar, pensando que, por estarem ausentes as crianças, nada de anormal se passaria.

Mas justamente, nesse momento ouvimos um enorme sussurro, que a todos nos fez voltar, e foi-nos dado então, o presenciar a mais comovente manifestação de fé a que jamais tínhamos assistido.

O povo caindo todo de joelhos de mãos e olhos erguidos ao Céu implorava Deus e a Virgem; os homens, e era deles a maioria, descobertos, de joelhos em terra, deixavam correr livremente as lágrimas. Era realmente impressionante.

Todos olhavam para o Céu, que, uma ligeira nuvem, como que uma finíssima renda branca, em sítios rosada, cobria. O sol, que por um instante se escondeu de todo, deixou-nos alumiados por uma luz esquisita, notando-se umas manchas amarelas no chão e sobre nós todos, e uma grande baixa de temperatura como sucede quando há um eclipse de sol. Alguém diz: “Olhem o nevoeiro em volta da carrasqueira!” Olhámos e efetivamente ele lá estava. Era realmente um nevoeiro? Era fumo? Era pó?... Poderia ser qualquer destas coisas, mas a mim mais me parecia fumo que, saindo como que de um perfumador se levantasse do chão em leves espirais e se desfizesse logo em volta do arbusto.

Alguns, diziam ser pó, que uma leve brisa levantava, mas como explicar que a brisa só soprasse naquele sítio, e que assim sucedesse sempre no dia 13 de cada mês?! ... Nessa altura já o sol tinha retomado todo o seu antigo brilho. De súbito um homem das Lapas (lugar não longe de Torres Novas) que ali tinha ido só para satisfazer a mulher, e que não acreditava na possibilidade do milagre, grita banhado em lágrimas: “Eu vejo, eu vejo a Senhora!!! Olhem, nesta direção entre aquelas duas nuvens, não a veem?” Todos olhámos na direção indicada mas... nenhum de nós viu mais do que as nuvens. No entanto o homem cheio de fé dizia: “Prendam-me se quiserem, mas hei de sempre dizer o que vi”!

A mulher, não viu nada, mas estava radiante por ter sido o marido quem tinha visto, pois que não acreditava; ela acreditava, não precisava ver.

Veria realmente este homem alguma coisa, ou seria mera sugestão? – Não era nem um velho, nem uma criança, era um homem, dos seus quarenta anos, estava portanto em toda a força da vida e por isso talvez menos apto a ser sugestionado. Não era um ateu, pois que tinha vindo da sua casa ao Bairro, lugar ali perto, para ouvir um sermão, mas era um incrédulo do milagre.

Mais pessoas do povo diziam ter visto, mas o que viam? Não sei, mas daqueles com quem falei o que mais me impressionou foi o homem das Lapas.

Fui para a Fátima sem ter a presunção de ver Nossa Senhora, embora acreditasse que Ela poderia bem mostrar-se às crianças, e às almas

puras e inocentes; mas se não vim consolada nem por ter sido favorecida com a visão, nem por ter adquirido a certeza que ali ia buscar, de que N. Senhora aparecia realmente às crianças, vim no entanto muito consolada com a grande e espontânea manifestação de fé a que assisti, e a que não contava assistir nunca neste nosso Portugal, onde as doutrinas erróneas tanto têm abalado a fé do povo. Mas louvado seja Deus! Ainda há muita fé em Portugal, e nos dois meses seguintes veria eu ainda crescer o número dos manifestantes muito além de toda a minha expectativa.

Dali fomos, todos muito impressionados a casa do Rev^o Prior da Fátima, para colher mais informações, e sobretudo informações a que pudéssemos dar crédito. Mas S. Rev.^{cia} foi de uma grande reserva, dizendo-nos, não querer contribuir de forma alguma para sugerir os outros.

Só ali soubemos que as três crianças, naturais de Aljustrel, pequena povoação da freguesia da Fátima, diziam que uma Senhora lhes aparecia no dia 13 de cada mês, falava com elas, respondia às suas perguntas, e lhes recomendava que rezassem o terço e o oferecessem à Senhora do Rosário. O Rev^o. Prior nem sequer nos quis dizer como as crianças descreviam a aparição.

Voltámos pois da Fátima convencidos de que alguma coisa de anormal se tinha passado. Um eclipse de sol é um facto conhecido, vulgar mesmo se quiserem, mas como se explica que em quatro meses consecutivos, ele se desse sempre no mesmo dia, e à mesma hora, sem que a ciência o tivesse anunciado? E o tal nevoeiro que só se via naquele sítio? Soubemos depois, que, as crianças postas em liberdade no dia 15, diziam ter sido no dia 19 favorecidas com nova aparição, não na Cova da Iria, mas nos Valinhos, onde andavam apascentando o gado. Que a Senhora lhes recomendara novamente que rezassem o terço em honra da Senhora do Rosário para abrandar a guerra, e que por terem sido presas no dia 13 não se veriam, no próximo mês, os mesmos sinais, e que o milagre seria mais conhecido. Mas que Ela viria no dia 13 de setembro à Cova da Iria, e que fossem as crianças também lá.

Nesse dia estávamos nas Caldas da Rainha, mas lá fomos outra vez à Fátima. A manhã estava linda, o céu de um azul intenso estava completamente limpo de nuvens, um sol brilhante e muito quente, não havia a mais ligeira brisa.

Chegámos ali perto do meio dia, era ainda muito maior a concorrência de gente, do que em agosto. Não sei calcular, mas em agosto avaliaram estarem ali umas 5 a 6 mil pessoas, e em setembro umas 15 a 20 mil.

Todos receavam que as crianças fossem de novo impedidas de vir, mas Deus não permitiu tal. As pessoas presentes iam no entretanto

cantando o Avé, e outros cânticos, sendo um à Senhora da Carrasqueira, de que ainda não consegui obter a letra, cântico feito pelo povo; outras rezavam o terço. Chegaram as crianças e começaram a rezar o terço que a mais velha meditava; rezaram depois a Ladainha. De repente, sem que o céu se toldasse, sentiu-se uma diferença na temperatura, viu-se que a intensidade do calor do sol tinha diminuído, e viram-se no chão as manchas amarelas que também se notavam sobretudo nas blusas brancas que algumas senhoras tinham. Foi um só instante, tudo passou rapidamente. O povo, como em Agosto, caiu por terra de joelhos, manifestando a sua fé.

Em agosto não havia ali um só padre, não queriam que se dissesse que eles iam ali suggestionar o povo; em setembro vi lá alguns, mas todos procuravam ver os fenómenos naturais e convencer-se de que só isso havia. Nada diziam, quase não falavam ao povo, a não ser que com eles falassem, e a um ouvi eu, ao passar, que não se devia nem afirmar nem dar crédito por enquanto àquelas coisas.

Eu só vi o ligeiro eclipse de sol, mas muitas pessoas viram uma estrela, ou antes uma pequeníssima nuvem, como que um pequenino floco de algodão branco, que qual estrela cadente, atravessou o firmamento, vinda do nascente para o poente, e desapareceu no espaço como que submergida de repente! Ouvi isto a mais de uma pessoa, contado da mesma maneira, sem que estas pessoas estivessem juntas ou ouvissem as outras contar. Merece-me pois todo o crédito. Coincidiu esta passagem da nuvem ou estrela por cima da carrasqueira, com a hora a que as crianças dizem ter visto a Senhora.

Houve também quem dissesse ter visto duas estrelas, e algumas pessoas afirmavam ter visto três! Não seria muita estrela junta?!... Não sei, mas o que me pareceu foi que os que diziam tê-las visto estavam convencidos de que diziam a verdade.

Voltámos para as Caldas impressionadas, e o mesmo sucedeu a muitas outras pessoas que das Caldas lá foram e tanto nos impressionou, que as pessoas conhecidas que a nossa casa foram saber novas, fizeram logo tenção de ir à Fátima em outubro. E no entanto nós afirmávamos a todos nada ter visto, senão um leve eclipse de sol e uma extraordinária manifestação de fé.

Chegou o dia 13 de outubro e apesar da manhã estar feia e chuvosa, e de ter chovido durante a noite, o que não sucedia há meses, e que era portanto já uma graça que Deus nos fazia, pois os campos estavam sequíssimos; enchemo-nos de coragem e lá partimos para a Fátima. Ao chegarmos a Torres Novas chovia torrencialmente. No entanto

marchámos, depois de, por uns minutos, nos termos abrigado numa garagem. Tínhamos pressa de chegar, mas Deus tinha resolvido que não chegaríamos a horas de ver o fenómeno solar, que a todos tanto impressionou.

Pouco depois de sairmos de Torres Novas, sucedeu-nos um desastre de que só milagrosamente escapámos. Enterrou-se-nos o carro na beira da estrada, onde o terreno era falso, e este começou a desabar pouco a pouco. Uma roda do jogo dianteiro já estava no ar, e a de trás não se achava a mais de um palmo afastada do abismo, e mesmo esse pouco terreno parecia querer desabar também. Saímos do carro, e julgámos não o poder tirar dali, e demos graças a Deus por termos escapado. Engatam-se dois bois ao carro e ao primeiro arranco, fica pior do que estava. O carro é muito grande e muito pesado, vão-se portanto buscar mais bois, e engatam-se-lhe quatro. O mais pequeno movimento falso faria rolar o carro por uma ribanceira de uns três metros de altura, arrastando na queda alguns homens. É grande o perigo, invocámos a Senhora do Rosário e dá-se o sinal para que todos puxassem na mesma direção. Um só arranco, e o carro desliza lindamente para o meio da estrada. Passámos nisto uma hora e quarenta minutos, em que estivemos parados na estrada sob uma chuva miudinha e persistente, e com os pés encharcados. Estava constipadíssima e muito rouca, e apesar de ter apanhado muita chuva e de ter humedecido muito os pés, não piorei, antes pelo contrário, voltei para casa menos rouca.

Outra graça me fez Deus. Sou de ordinário muito pouco paciente, pois apesar de ter um grande ferro de ver que não chegava a horas, não me impacientei. Antes pelo contrário, senti-me sempre conformada e bem disposta.

Continuámos a nossa jornada, e chegámos finalmente à Fátima, mas só meia hora depois de se ter dado o maravilhoso fenómeno, hoje já de todos conhecido pelas lindas descrições publicadas pelo “Século” e outros jornais.

Que imenso ferro não o ter eu visto!

Chegada à Fátima procuro ver pessoas conhecidas, para trocar impressões. Todos me dizem o mesmo, todos viram... Mas viram o quê? – lhes pergunto: “Vimos o sol, coberto como que por uma chapa de prata, num constante movimento de rotação, despedindo raios vermelhos, amarelos, roxos, e parecendo desprender-se do Céu e aproximar-se da terra.”

Falei com o povo, dizia-me o mesmo, posto que, por outras palavras. Diziam-me ter visto Nossa Senhora, S. José, o Menino Jesus, e que sei

eu?... Toda a corte celestial, ao mesmo tempo que tinham visto dançar o sol. Não acreditei em tanta visão.

É certo, que é possível que julgassem ter visto; sugestão talvez. O nosso povo, em geral muito ignorante é muito crédulo, e fácil lhe seria o convencer-se de que realmente via, o que desejava ver. É mesmo graças a esta facilidade de convicção que por vezes as doutrinas demagógicas, têm sido ouvidas e acreditadas por ele!

Nas classes mais cultas ninguém me disse ter visto a aparição celeste, mas certo é que todos, ilustrados e não ilustrados, manifestavam a sua fé. E que magnífica e imponente manifestação de fé, a daquela enorme multidão de cerca de 50 mil pessoas, quase todas ali levadas pela fé, pelo desejo de se certificarem da veracidade dos factos que tinham ouvido narrar! Em quase todos os olhos haviam lágrimas, mas lágrimas da alegria infinda que lhes ia na alma. Todos se convenciam que alguma coisa de sobrenatural se havia passado, e agradeciam a Deus, lembrar-se ainda deste pobre e tão culpado Portugal.

Magnífica a profissão de fé do Engenheiro Sr. João Amado, que, sem respeitos humanos, nem receios, a proclama bem alto. É lindo o seu gesto, quer nesse momento, quer quando humildemente se acusa de pecador; lindo e edificante. Oxalá tenha imitadores.

Ainda desta vez não conseguimos falar às crianças, que todos cercavam procurando falar-lhes, e como se fazia tarde, voltámos para casa.

Não voltei da Fátima com a inteira convicção de que N. Senhora aparecera às crianças, conquanto nada me repugnasse a acreditá-lo. A Deus nada é impossível, mas tinha dúvidas, e persistem ainda essas dúvidas, pois só à Igreja reconheço o direito de se pronunciar claramente sobre o caso.

Mas se não tive a consolação de ver desfeitas as minhas dúvidas, por qualquer prova retumbante, consolou-me, e muito, o ver aquela aglomeração de gente, que ali foi com grande fé e entusiasmo. Nem a chuva persistente que encharcou os caminhos os impediu de ali irem! E Deus sabe com que sacrifício muitos lá foram, uns sacrificando uma saúde mais ou menos frágil, e por isso arriscados a adoecerem, outros fazendo sacrifícios monetários, já porque alguns perdiam dois e três dias para lá irem, já porque os meios de transporte eram caríssimos, atendendo a grande distância que separa a Fátima, de qualquer estação de caminho de ferro.

Fiquei convencida que, em Portugal, há ainda muita fé, e que do nosso povo que é bom, ainda alguma coisa se pode fazer e que ele pelo seu ideal é capaz de trabalhar e de se sacrificar com amor, alegria e entusiasmo. – E para prova, era vê-los marchar pelas lamas, pelas estradas encharcadas, pelas pedras escorregadias, alegres, sem desfalecimento, cheios de coragem, ora entoando alegremente o “Avé” e outros cânticos, ora recitando piedosamente o terço em comum. Certamente deste povo ainda se pode esperar um ressurgimento.

Voltei à Fátima no dia 19 de outubro, fui ver as crianças e falar com elas. Foi connosco um sacerdote que já por vezes as tinha interrogado, sendo interessantíssimos esses interrogatórios.

Ao contrário do que sucedera a algumas pessoas, agradaram-me imenso as crianças, que são robustas, sadias, alegres, francas e simpáticas, com uma desenvoltura própria da sua idade. Não fugiram de nós, antes nos receberam amavelmente. Assistimos a um demorado interrogatório, feito a cada criança separadamente. Respondem francamente, prontamente, e com a maior singeleza. No entanto vê-se que gostam pouco de ser interrogadas, que isso as maça, e que só respondem, por se acharem obrigadas a isso.

A ser certa a visão, haveria uma certa diferença entre a maneira como ela se revelava a cada criança. Assim, a mais velha Lúcia era de certo a mais privilegiada, via, ouvia e falava com a aparição, fazendo-lhe pedidos e perguntas, e obtendo respostas. A mais novita, Jacinta, via e ouvia a Senhora mas nunca lhe falou, nem esta se lhe dirigiu diretamente. O rapazito, Francisco, via a Senhora, mas nunca a ouviu falar nem sequer a viu mexer os lábios, e nunca A viu tão distintamente como em 13 de outubro.

Interrogámos as crianças, para saber como se tinha dado a primeira aparição. Responderam com simplicidade que no dia 13 de maio, quando na Cova da Iria andavam apascentando o seu rebanho, fez uma grande trovoada. Pensavam em juntar o rebanho e irem-se embora, quando dum relâmpago viram aparecer uma Senhora. Amedrontados, quiseram fugir, mas a aparição disse-lhes que não fugissem, pois nenhum mal lhes faria. Antes de começar a trovoada as crianças estavam rezando o seu terço, e a aparição recomendou-lhes que rezassem o terço à Senhora do Rosário, para abrandar a guerra, e que voltassem ali todos os meses, pois durante seis meses consecutivos ali viriam. As crianças voltaram ali em junho e dizem ter-lhes aparecido a Senhora que desta vez lhes recomendou que aprendessem a ler, o que as crianças não fizeram logo, porque não havia nem nunca houve professora na Fátima. Agora, sem

que ninguém a reclamasse, aparece nomeada para ali, por dois anos uma professora das escolas móveis, e as crianças começaram já a frequentar a escola com bastante aproveitamento, sobretudo da Lúcia.

Lá foram as crianças na sua piedosa romaria todos os dias 13 de cada mês à Cova da Iria, exceto em agosto, em que foram presas. Dizem que viram sempre a Senhora, que a Lúcia falou sempre com Ela, que lhe pediu algumas curas e conversões; que a Senhora lhe prometeu curar e converter uns, outros não. Que lhes recomendou sempre que rezassem o terço, e lhes disse que queria naquele sítio uma Capelinha dedicada à Senhora do Rosário. Que haverá em tudo isto? As crianças não mentem, estou certa disso, creem que viram o que afirmam ter visto. Sugestão nervosa então?... Talvez, mas as crianças parecem-me robustas e sadias, e nem sequer mostram os mais leves sintomas de nervosismo, e mesmo o meio em que vivem parece-me pouco próprio a sugestões deste género.

Uma exploração como muitos dizem!? ... Mas com que fim? Os pais das crianças são (no meio em que vivem) abastados, e elas não recebem donativo algum; repelem mesmo altivamente quem lho ofereça, dizendo não precisarem de dinheiro.

Se há até quem diga que é uma mulher que explora este caso!! Uma mulher, mas que mulher? Onde está ela? Com que intenção, como o explora? Confesso que não percebo, a minha compreensão não atinge tanto. Na Fátima nem sequer há onde se gaste dinheiro, não será pois também o comércio dali que pense em explorar o caso, pois parece-me que bem pouco ganhou com a concorrência ali! Outros foram mais longe, pretenderam até que as obras feitas na Igreja da Fátima eram já custeadas pelas esmolas que às crianças tinham sido dadas! Maldade? Ignorância? Ou o quê? É certamente vontade de querer dizer mal e de querer ver coisas que não existem. As obras da Igreja já estavam adiantadíssimas quando da primeira aparição e lá têm continuado sem necessitar de recorrer a explorações.

E posta de parte a ideia de toda e qualquer exploração, resta só a da sugestão nervosa, e essa ponho-a eu de parte desde que vi as crianças e lhes falei. Que há pois? Não sei, não posso, nem devo dizer nada, a Igreja o dirá.

Mas seria por sugestão que as crianças previam os fenómenos, que anunciavam para dias certos com tanta antecedência? E que poder de sugestão tiveram essas três crianças ignorantes, para suggestionar tanta e tanta gente, que ali foi, só chamada pela palavra delas? Há aqui algo de extraordinário.

Poderia é certo a aparição não ser celeste, ser mesmo demoníaca. Há muitos que assim o têm pensado também. E não há dúvida, poderia ser assim, o demónio é muito esperto, e serve-se de tantos meios para conseguir os seus fins! Mas seria então natural que ele aconselhasse a que não pecassem mais, a que se arrependessem e a que rezassem o Rosário, arma com que S. Domingos o combateu e venceu?

Todos estes argumentos que a minha razão me suscita me fazem pôr de parte, tanto a ideia de exploração, como a de sugestão nervosa, como até mesmo a de intervenção demoníaca. Aguardemos a resolução da Igreja.

As crianças descrevem a aparição, como sendo uma Senhora muito linda, a mais linda que tivessem visto (palavras textuais), de mãos erguidas para o Céu, toda vestida de branco e ouro, tendo pendente do braço direito um terço todo branco.

Uma vez, a Lúcia perguntou à Senhora: “De onde é Vossemecê e para onde vai?” E diz que a Senhora lhe respondeu: “Sou do Céu e vou para o Céu”. E perguntando-lhe a Lúcia se ela, a Jacinta e o Francisco também iriam para o Céu, que a Senhora lhe respondera que ela e a Jacinta iriam, e que o Francisco também iria, mas teria de rezar mais o terço. Desde então o pequeno, tem por vezes rezado dez terços por dia!

Doc. 18
1917-10-p.19, Aljustrel

Redação literária do interrogatório feito aos três videntes Lúcia, Francisco e Jacinta, pelo Dr. Manuel Nunes Formigão, na sua quarta visita a Fátima.

Publ.: DCF, I - Doc. 16

Interrogatório das crianças a 19 de outubro de 1917

Depois do meio-dia parti de automóvel para a Fátima pela estrada da Mendiga, Reguengo de Fetal e Porto de Mós. Cheguei a Fátima às 3 horas da tarde. Na Cova da Iria, junto da azinheira das aparições, algumas piedosas mulheres do campo, ajoelhadas, rezam devotamente o terço. A azinheira reduzida ao tronco, que tem pouco mais de um palmo de altura, está envolta em ramos de plantas campestres e flores. A devoção dos peregrinos, que desejavam conservar uma recordação do arbusto, que servia de pedestal à Virgem durante as aparições, aniquilou-o quase completamente. Tudo o mais se conservava no mesmo estado em que se via no dia 11, antevéspera da última aparição. Dirigi-me em seguida a casa da família da Jacinta, onde se encontravam os três videntes, que estavam sendo submetidos a um interrogatório pelo Pe. José Ferreira de Lacerda, pároco dos Milagres e diretor do semanário católico “O Mensageiro”, de Leiria, e atualmente alferes-capelão do corpo expedicionário português, o qual tinha vindo à sua terra em gozo de licença e quis, antes de regressar a França, ver e falar com as crianças de Aljustrel. Acompanhavam o Pe. Lacerda outro sacerdote de Leiria e o pároco da Fátima. O número de visitantes das crianças aumenta de dia para dia. Vêm a toda a hora, dos pontos mais distantes e opostos do país. As crianças sentem-se bastante abatidas. A Lúcia sobretudo, devido a ser interrogada mais detidamente, acha-se profundamente exausta, notando-se que o cansaço excessivo a obriga a responder às perguntas que lhe são feitas sem a atenção e a reflexão que era para desejar. Responde às vezes quase maquinalmente, ocorrendo com frequência não se recordar bem de certas circunstâncias das aparições, ao contrário do que sucedia antes do dia 13 de outubro. Se não há cuidado em poupar as crianças à fadiga das inquirições frequentes e demoradas, a sua saúde corre risco de sofrer um profundo abalo.

Com autorização prévia dos pais da Jacinta, em cuja casa tinha dormido a última noite a Lúcia, sua sobrinha, interroguei separadamente as três crianças, na presença da Ex.^{ma} Senhora D. Maria Cândida de Avelar e Silva e de suas ex.^{mas} filhas D. Laura de Avelar e Silva, D. Maria de Avelar e Silva e D. Leonor de Avelar e Silva Constâncio, da Quinta da Comenda, Alcanhões (Santarém).

Comecei pelo interrogatório de Lúcia, que é do teor seguinte:

1^a – No dia treze do corrente Nossa Senhora disse que a guerra acabava nesse mesmo dia? Quais foram as palavras que empregou?

– Disse assim: “A guerra acaba ainda hoje; esperem cá pelos seus militares muito em breve”.

2^a – Ela disse: “esperem cá pelos seus militares” ou “esperem cá pelos vossos soldados”?

– Disse: “esperem cá pelos militares”.

3^a – Mas olha que a guerra ainda continua!... Os jornais noticiam que tem havido combates depois do dia treze!... Como se explica isto, se Nossa Senhora disse que a guerra acabou nesse dia?

– Não sei. Só sei que lhe ouvi dizer que a guerra acabava no dia 13. Não sei mais nada.

4^a – Algumas pessoas afirmam que te ouviram dizer nesse dia que Nossa Senhora tinha declarado que a guerra acabava brevemente. É verdade?

– Disse tal e qual como Nossa Senhora tinha dito.

5^a – No dia 27 do mês passado fui a tua casa falar contigo, lembra-te?

– Lembro-me de o ver cá.

6^a – Pois nesse dia disseste-me que Nossa Senhora tinha dito que no dia 13 de outubro vinham também S. José e o Menino Jesus e que depois disso brevemente acabaria a guerra, não nesse dia.

– Não me recordo já bem como Ela disse. Podia ter dito isso; não sei. Talvez não entendesse bem a Senhora.

7^a – No dia treze do corrente mandaste ao povo que olhasse para o sol?

– Não me lembro de assim fazer.

8^a – Mandaste fechar os chapéus?

– No outro mês atrás mandei. Da última vez não me lembro de mandar.

9^a – Sabias quando devia começar o sinal no sol?

– Não.

10^a – Olhaste para ele?

– Olhei; parecia que era a lua.

11^a – Porque foi que olhaste para o sol?

– Olhei, porque toda aquela gente disse que olhassem para o sol.

12^a – Nossa Senhora disse que pediria a seu Divino Filho pelas almas dos soldados mortos na guerra?

– Não, senhor.

13^a – Disse que o povo seria castigado se não se emendasse dos seus pecados?

– Não me lembro se Ela o disse. Parece-me que não.

14^a – No dia 13 não tinhas dúvidas como agora acerca do que a Senhora disse. Como se compreendem as tuas dúvidas de hoje?

– Nesse dia lembrava-me melhor, tinha sido há menos tempo.

15^a – O que viste há cerca de um ano? Tua mãe diz que tu e outras crianças viram um vulto embrulhado, que não deixava ver o rosto. Porque foi que me disseste o mês passado que não foi nada?

– !...

16^a – Dessa vez fugiste?

– Cuido que fugi.

17^a – No dia onze deste mês não me quiseste dizer que no dia treze do corrente haviam de aparecer Nosso Senhor abençoando o povo e Nossa Senhora das Dores. Foi com receio de que eu fizesse troça de ti, como outras pessoas já tinham feito, dizendo que isso era impossível? Ou era porque estavam presentes muitas pessoas estranhas e tiveste acanhamento de dizer isso diante e tanta gente? Olha que a Jacinta disse-me tudo...

– !...

18^a – Quando foi que Nossa Senhora te disse que se haviam de dar essas aparições no dia treze de outubro?

– Foi no dia em que apareceu nos Valinhos ou no outro dia treze. Não sei bem.

19^a – Viste também Nosso Senhor?

– Vi uma figura que parecia ser um homem; parecia Nosso Senhor.

20^a – Onde estava essa figura?

– Estava ao lado do sol.

21^a – Viste-a abençoar o povo?

– Não vi; mas Nossa Senhora tinha dito que Nosso Senhor viria abençoar o povo.

22^a – Se o povo soubesse o segredo que Nossa Senhora te revelou ficava triste?

– Cuido que ficava como está, quase à mesma.

Em seguida procedi ao interrogatório do Francisco.

1ª – Viste no dia treze deste mês Nosso Senhor abençoando o povo?

– Não vi. Vi, mas foi Nossa Senhora.

2ª – Viste a Senhora das Dores ou a Senhora do Carmo?

– Não vi. A Nossa Senhora parecia a que eu vi cá em baixo. Estava vestida do mesmo modo.

3ª – Não olhaste para o sol?

– Olhei.

4ª – Não viste S. José e o Menino Jesus?

– Vi.

5ª – Estavam longe ou perto do sol?

– Perto do sol.

6ª – De que lado do sol estava S. José?

– Estava do lado esquerdo.

7ª – E de que lado estava Nossa Senhora?

– Do lado direito.

8ª – Onde estava o Menino Jesus?

– Estava ao pé de S. José.

9ª – De que lado?

– Não reparei de que lado.

10ª – O Menino era grande ou pequeno?

– Era pequenino.

11ª – Era do tamanho da Deolinda do José das Neves¹?

– Era assim bem como ela.

12ª – Quando a Senhora estava sobre a carrasqueira ouviste o que ela dizia à Lúcia?

– Não ouvia.

13ª – Ouvias o som da voz dela?

– Também não ouvia.

14ª – Parecia que não falava?

– Parecia.

15ª – Não a vias mexer os beiços?

– Não via.

16ª – Não a vias rir-se?

– Também não

17ª – Viste os sinais no sol? O que foi que viste?

¹ Deolinda de Jesus. Filha de José das Neves e de Maria Vitória. Nasceu a 12 de janeiro de 1913.

– Olhei e vi que o sol andava à roda. Parecia uma roda de fogo.

18^a – Quando foi que apareceram os sinais, antes ou depois da Senhora desaparecer da carrasqueira?

– Foi quando a Senhora desapareceu.

19^a – Ouviste a Lúcia avisar o povo para que olhasse para o sol?

– Ouvi. Deu um grito que olhasse o povo para o sol.

20^a – Foi a Senhora que a mandou avisar o povo para que olhasse para o sol?

– Foi. A Senhora apontou com o dedo para a banda onde está o sol.

21^a – E quando foi que fez isso?

– Foi quando desapareceu.

22^a – Os sinais no sol começaram logo?

– Começaram.

23^a – Quais foram as cores que viste no sol?

– Vi cores muito bonitas, azul, amarelo e outras.

A inquirição da Jacinta efetuou-se no percurso de Aljustrel à Fátima, ouvindo-a a Ex.ma Senhora D. Leonor de Avelar e Silva Constâncio, que levava a criança pela mão, atrás da Lúcia e do Francisco, que eram acompanhadas pelas outras senhoras acima mencionadas.

Eis o relato do seu interrogatório.

1^a – No dia treze do corrente viste ao pé do sol Nosso Senhor, a Senhora das Dores e a Senhora do Carmo?

– Não vi.

2^a – Mas a onze deste mês disseste-me que deviam aparecer.

– Disse. A Lúcia é que viu outra Senhora, eu não.

3^a – Viste S. José?

– Vi. A Lúcia disse que S. José estava dando a paz.

4^a – Olhaste para o sol?

– Olhei.

5^a – E o que é que viste?

– Vi o sol encarnado, verde e de outras cores e vi que andava à roda.

6^a – Ouviste a Lúcia a avisar o povo para que olhasse para o sol?

– Ouvi. Ela disse numa voz muito alta que olhassem para o sol. O sol já andava à roda.

7^a – Foi a Senhora que a mandou avisar o povo?

– A Senhora não disse anda.

8ª – O que disse a Senhora desta última vez?

– Disse: Venho aqui para te dizer que não ofendam mais a Nosso Senhor, que estava muito ofendido, que se o povo se emendasse acabava a guerra, se não se emendasse acabava o mundo. A Lúcia ouviu melhor do que eu o que a Senhora disse.

9ª – Disse que a guerra acabava nesse dia ou que acabava brevemente?

– Nossa Senhora disse que quando chegasse ao Céu acabava a guerra.

10ª – Mas a guerra ainda não acabou!...

– Acaba, acaba.

11ª – Mas então quando acaba?

– Cuido que acaba no Domingo.

Doc. 19
1917-10-25, Alqueidão da Serra

Depoimentos de dezasseis testemunhas que presenciaram os acontecimentos do dia 13 de outubro de 1917 na Cova da Iria, recolhidos pelo Pe. Joaquim Vieira da Rosa, Vigário da Vara de Porto de Mós¹.

Pelo teor deste documento e do ofício que o acompanhava, remetido pelo Vigário de Porto de Mós ao Arcebispo de Mitilene, não temos dúvidas em afirmar que responde à incumbência de proceder a um inquérito, idêntica à que foi feita ao Vigário de Ourém.

Publ.: DCF, I - Doc. 21

No dia vinte e cinco de outubro do ano de mil novecentos e dezassete, perante o Rev^o Vigário de Porto de Mós, e perante mim, escrivão, nomeado *ad hoc*, compareceram as testemunhas abaixo nomeadas.

Pe. Joaquim Vieira da Rosa.
O escrivão João Gomes Menitra²

1^a testemunha – António dos Ramos Mira³, casado, morador na freguesia do Reguengo do Fetal, testemunha presencial dos factos ocorridos em Fátima no dia treze de outubro de 1917, ajuramentado aos Santos Evangelhos, disse: que se dirigiu para o local das aparições no meio de chuva e que um quarto de hora depois de parar a chuva, viu aquela ingente multidão de povo, em grande clamor e quase todo joelhado, voltado para o sol, e que este tinha sinais desusados, girando sobre si, tremendo, observando ao mesmo tempo, que em volta dele, aparecera uma cor amarela-avermelhada, que se refletiu em toda a multidão e no horizonte, havendo ao mesmo tempo um afrouxamento de luz e aumento de temperatura. Dizia a multidão até mesmo os descrentes que era um milagre conhecido. É público que as criancinhas

¹ Nasceu no Alqueidão da Serra, Porto de Mós, a 6 de junho de 1866. Foi Vigário de Porto de Mós, durante muitos anos. Faleceu a 20 de agosto de 1938.

² Nasceu no Reguengo do Fetal, a 14 de janeiro de 1885. Foi pároco de diversas paróquias e esteve como encarregado da paróquia de Fátima em agosto de 1914. Faleceu a 29 de outubro de 1968.

³ Nasceu a 15 de dezembro de 1890, no Reguengo do Fetal. Filho de António Francisco Mira e Maria Ramos. Casou com Laura da Piedade Ramos Meneses, a 5 de setembro de 1911. Faleceu a 15 de agosto de 1940.

diziam seis meses antes que naquele dia, hora e local se havia de dar milagre; o que fez atrair ali uma multidão de cerca de quarenta mil pessoas, que voltaram crentes para suas casas. E mais não disse e assina o seu depoimento.

Pe. Joaquim Vieira da Rosa
António dos Ramos Mira

2ª testemunha – Anzebino Francisco Mira⁴, casado, morador no lugar e freguesia do Reguengo do Fetal, testemunha presencial dos factos ocorridos em Fátima no dia treze de outubro de mil novecentos e dezassete, ajuramentado aos Santos Evangelhos, disse: que tendo-se dirigido debaixo de água para o local das aparições, parou a chuva entre o meio dia e a 1 hora da tarde e logo a seguir viu o sol, girando como uma roda de fogo e que se aproximou da grande multidão, que ali estava presente, e viu também diferentes cores no povo e no horizonte e tudo à mesma hora dos factos ocorridos nos dias treze dos cinco meses transatos. E mais não disse e assina o seu depoimento.

Joaquim Vieira da Rosa
Anzebino Francisco Mira

3ª testemunha – Manuel Ribeiro de Carvalho⁵, casado, proprietário, morador no lugar do Reguengo do Fetal, interrogado sobre o facto ocorrido no dia treze de outubro do ano de mil novecentos e dezassete na Cova da Iria de Fátima, disse: que um quarto de hora depois, pouco mais ou menos, de parar a chuva viu que o sol girou sobre si mesmo, aproximando-se do povo, e que lançou bastante calor, e ao mesmo tempo observou a cor azul e encarnada no horizonte. E mais não disse e assina o seu depoimento.

Joaquim Vieira da Rosa
Manuel Ribeiro Carvalho

⁴ Nasceu no Reguengo do Fetal, a 10 de maio de 1887. Filho de Joaquim Francisco Mira Júnior e de Maria da Rosa. Casou com Maria Vitória, a 8 de agosto de 1917. Faleceu a 12 de março de 1930.

⁵ Nasceu no Reguengo do Fetal, a 7 de março de 1881. Filho de Manuel Ribeiro de Carvalho e de Maria de Jesus. Casou com Vitória de Jesus, a 30 de novembro de 1903. Faleceu a 13 de dezembro de 1957.

4ª testemunha – António Maria Menitra⁶, casado, proprietário, morador no lugar do Reguengo do Fetal, interrogado sobre os factos ocorridos no dia 13 de outubro em Fátima, disse: que tendo chovido torrencialmente de manhã, um pouco depois do meio dia, parou a chuva e observou que uma grande multidão de povo, de joelhos olhava para o sol, e olhou também e viu diferentes cores no sol e no povo. E mais não disse e assina o seu depoimento.

Joaquim Vieira da Rosa
António Maria Menitra

5ª testemunha – Romano dos Santos⁷, casado, morador no lugar e freguesia do Alqueidão da Serra, testemunha presencial dos factos ocorridos no dia treze de outubro de 1917, ajuramentado aos Santos Evangelhos, disse: que ouviu dizer que ajoelhassem todos que vinha Nossa Senhora, palavras estas que ouviu da multidão e que viriam das pastorinhas, que se achavam distantes. Ditas estas palavras a multidão ajoelhou, tendo a chuva cessado nesta ocasião, e olhando para o sol viu que ele estava cercado de diferentes cores e girando como uma roda de fogo de artifício. Ouviu os clamores daquele povo, dizendo que era um milagre conhecido. E mais não disse e não assina o seu depoimento por não saber.

Joaquim Vieira da Rosa
O escrivão - *João Gomes Menitra*

6ª testemunha – Maria da Silva Vieira da Rosa⁸, solteira, de maior idade, moradora no Alqueidão da Serra, testemunha presencial dos factos ocorridos em Fátima no dia treze do corrente mês, ajuramentado aos Santos evangelhos, disse: que na ocasião em que a multidão ajoelhava,

⁶ Nasceu no Reguengo do Fetal, a 6 de junho de 1879. Filho de José Maria Gomes Menitra e de Joaquina de Jesus. Casou com Ana Soares. Faleceu a 20 de maio de 1941.

⁷ Era exposto da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Casou com 28 anos, a 26 de novembro de 1893, com Joana da Costa Carreira. Faleceu a 5 de outubro de 1962.

⁸ Nasceu a 22 de junho de 1883, no Alqueidão da Serra. Filha de Domingos Vieira da Rosa e de Maria da Silva e irmã dos padres Joaquim Vieira da Rosa, António Vieira da Rosa e Francisco Vieira da Rosa. Faleceu, solteira, a 2 de abril de 1968.

tendo cessado pouco antes a chuva, olhou para o sol e viu que este se transformou em diferentes cores, aproximando-se e girando como uma roda de fogo. Por três vezes viu este fenómeno. Toda aquela multidão banhada em lágrimas, gritava por Nossa Senhora. E mais não disse e assina o seu depoimento.

Joaquim Vieira da Rosa
Maria da Silva Vieira da Rosa

7ª testemunha – Manuel João Sénior⁹, casado, morador no Alqueidão da Serra, testemunha ocular dos factos ocorridos no dia treze de outubro de 1917 em Fátima, ajuramentado aos Santos evangelhos, disse: que estando uma numerosa multidão de joelhos, olhou perfeitamente para o sol sem incómodo algum para a vista, e sem queimar, e viu-o por três vezes girar como uma roda de fogo aproximando-se, à hora marcada pelos três pastores. E mais não disse e não assina por não saber escrever.

Joaquim Vieira da Rosa
O escrivão - *João Gomes Menitra*

8ª testemunha – Adriano de Matos¹⁰, casado, morador no Alqueidão da Serra, testemunha ocular dos factos ocorridos em Fátima no dia 13 de outubro de 1917, ajuramentado aos Santos Evangelhos, disse: que olhou perfeitamente para o sol sem este o incomodar e representou-se-lhe ver Nossa Senhora com o Menino Jesus no braço esquerdo e viu em roda do dito astro cores diferentes.

Joaquim Vieira da Rosa
O escrivão - *João Gomes Menitra*

9ª testemunha – António Vieira Amado¹¹, casado, morador no Alqueidão da Serra, testemunha ocular dos factos ocorridos em Fátima

⁹ Nasceu a 26 de junho de 1853. Filho de Manuel Gaspar e de Francisca de Carvalho. Casou com Francisca Joana, a 7 de outubro de 1877. Faleceu a 7 de outubro de 1938.

¹⁰ Nasceu a 4 de fevereiro de 1869. Filho de António de Matos e de Luciana de Oliveira. Casou com Doroteia Joana, a 8 de janeiro de 1899. Faleceu a 18 de dezembro de 1949.

¹¹ Nasceu a 23 de dezembro de 1889. Filho de José Vieira Amado e de Maria de Jesus Parreira. Casou com Joaquina Carreira. Faleceu a 30 de abril de 1968.

no dia treze de outubro de mil novecentos e dezassete, ajuramentado aos Santos Evangelhos, disse: que viu o sol muito claro e dentro representou-se-lhe ver três imagens, e diante do sol, cores diversas e girando como uma roda de fogo, tendo ouvido antes disso que ajoelhassem todos que vinha Nossa Senhora, ao que a multidão obedeceu, soltando grandes clamores e gritando por Nossa Senhora. E mais não disse e assina o seu depoimento.

Joaquim Vieira da Rosa
António Vieira Amado

10ª testemunha – João Vieira Gomes¹², casado, morador na freguesia do Alqueidão da Serra, testemunha ocular dos factos ocorridos em Fátima no dia treze do corrente, ajuramentado aos Santos Evangelhos, disse: que viu o sol girar como uma roda de fogo, fitando o sol sem incómodo para o órgão visual, tremendo ele e gritando toda a multidão por Nossa Senhora. Este facto foi presenciado por toda a multidão. E se alguém não viu foi porque não quis ver. E mais não disse e não assina por não saber escrever.

Joaquim Vieira da Rosa
O escrivão - João Gomes Menitra

11ª testemunha – Manuel Carvalho¹³, casado, morador no Alqueidão da Serra, testemunha ocular dos factos ocorridos em Fátima no dia treze de outubro de mil novecentos e dezassete, ajuramentado aos Santos Evangelhos, disse: que viu o sol baixar, segundo o seu entender, revestir-se de várias cores, girando como uma roda de fogo de artifício, e que se podia sem incómodo ver. Notou a testemunha que chovendo toda a manhã, cessou a chuva àquela hora da chegada das crianças, que rezando o terço mandaram ajoelhar a multidão, calculada em cinquenta mil

¹² Nasceu a 13 de novembro de 1871. Filho de Manuel Vieira Gomes e de Maria Gomes Correia. Casou com Ana Carvalho, a 7 de janeiro de 1906. Faleceu a 12 de junho de 1945.

¹³ Nasceu a 28 de junho de 1866. Filho de João Carvalho e de Maria de Jesus. Casou com Maria do Rosário, a 11 de fevereiro de 1900. Faleceu a 13 de fevereiro de 1951.

peçoas, que gritavam por Nossa Senhora. E mais não disse e assina o seu depoimento.

Manuel Carvalho
Joaquim Vieira da Rosa

12ª testemunha – Domingos Pedro¹⁴, casado, morador no lugar do Alqueidão da Serra, testemunha ocular dos factos ocorridos em Fátima no dia treze do corrente, ajuramentado aos Santos Evangelhos, disse: viu cessar a chuva em que as criancinhas, digo, a chuva em hora que as criancinhas mandaram fechar os chapéus, e o sol girar como uma roda de fogo e baixar, segundo o seu modo de ver. A multidão joelhou à voz das pastorinhas, que diziam: lá vem Nossa Senhora, dando-se estes fenómenos em ato contínuo e à hora marcada seis meses antes. Todos os que presenciaram o facto, consideravam-no miraculoso. E mais não disse não assinando por não saber.

Joaquim Vieira da Rosa
O escrivão - *João Gomes Menitra*

13ª, 14ª, 15ª e 16ª testemunhas – Domingos Correia¹⁵, Joaquim dos Santos¹⁶, Manuel Boal¹⁷ e Ezequiel Vieira da Rosa¹⁸, casados, moradores na freguesia do Alqueidão da Serra, testemunhas oculares dos factos ocorridos em Fátima no dia treze de outubro de mil novecentos e dezassete, ajuramentados aos Santos Evangelhos, disseram o mesmo que a testemunha nº 12, por estarem juntos.

Joaquim Vieira da Rosa
O escrivão - *João Gomes Menitra*

¹⁴ Domingos Pedro ou Domingos Vieira Pedro. Nasceu a 3 de maio de 1877. Filho de José Vieira Pedro e Francisca Carvalho. Casou com Maria da Silva, a 18 de fevereiro de 1912. Faleceu a 3 de agosto de 1963.

¹⁵ Domingos Correia ou Domingos Carreira Correia. Nasceu a 18 de outubro de 1863. Filho de José Carreira Correia e de Maria da Silva. casou com Ana de Carvalho, a 26 de janeiro de 1890. Faleceu a 25 de dezembro de 1937.

¹⁶ Era exposto da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Casou com Maria Amado, a 13 de janeiro de 1901. Faleceu a 25 de dezembro de 1953, com 78 anos.

¹⁷ Manuel da Cunha Boal. Nasceu a 21 de agosto de 1867. Casou com Maria de São José. Faleceu a 2 de junho de 1959.

¹⁸ Nasceu a 11 de novembro de 1888 e faleceu a 2 de abril de 1973.

Doc. 20
1917-10-26, Lisboa

O jornal “O Mundo”¹, na sua rubrica *Livre Pensamento*, publica o projeto de manifesto contra Fátima, da Comissão de Propaganda da Associação do Registo Civil.

Publ.: DCF, III-1, Doc. 192

LIVRE PENSAMENTO
COMISSÃO DE PROPAGANDA
DA ASSOCIAÇÃO DO REGISTO CIVIL

Reuniu ontem esta comissão, sob a presidência do nosso colega Augusto José Vieira, secretariado pelos srs. Celestino José Miguéis de Vasconcelos e João de Deus. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, entrou em discussão a seguinte proposta do presidente:

“Considerando que a excessiva benevolência dos dirigentes da República para com os seus mais fígadais e intransigentes inimigos tem dado lugar a que estes perante nada recuem já para a consecução, felizmente mais que problemática, dos seus tenebrosos fins, e que a invenção dos fantasiosos e ridículos *milagres* de Fátima é uma prova evidente do grau de descaramento a que chegaram na sua audácia desenfreada; considerando que é urgente reclamar dos poderes públicos que ponham imediato cobro a semelhante ignomínia, à qual se deve também opôr uma intensa propaganda, que se deve desde já fazer por todos os meios legais, custe o que custar e doa a quem doer, propaganda que se não pode nem deve protelar sob motivo ou pretexto algum, se não quisermos que, quando pretendamos debelar o mal, seja ele já irremediável, proponho:

1º – que se officie ao chefe do governo e aos ministros do interior e da justiça, informando-os do ignominioso manejo clérigo-reacionário e pedindo-lhes, a cada um na sua alçada, enérgicas e imediatas providências;

¹ Diário republicano, fundado a 16 de setembro de 1900, por António França Borges.

2º – que se publique um manifesto fazendo ver o que há de insensato e de pernicioso em semelhante invenção, e os fins miseráveis a que obedecem os seus autores;

3º – que se consulte o delegado da Associação do Registo Civil em Vila Nova de Ourém sobre a conveniência de ir ali uma missão de propaganda que, expondo-se a todos os perigos, arrostando com todas as dificuldades e vencendo todos os obstáculos, oponha a essas tramóias horripilantes à luz esplendorosa da razão e de ciência;

4º – que se officie a todos os nossos representantes gerais e delegados nas províncias, ilhas adjacentes e colónias, pedindo-lhes que cada um na sua esfera de ação faça a mais intensa propaganda contra esta odiosa tentativa de fanatização do povo”.

O sr. Júlio Martins Pires declarou, em nome da direção, que esta estava em completo acordo com esta proposta, à qual dava todo o seu apoio e todo o seu auxílio em todos os pontos. A proposta foi aprovada por unanimidade, ficando a mesa encarregada dos manifestos, circulares e ofícios. Foram aprovados delegados, respetivamente, para Estremoz e Alter do Chão, os srs. Luís António Coelho e Serafim Alves Correia.

Leu-se uma comunicação da Junta de Freguesia de Alhos Vedros, congratulando-se pelo castigo aplicado aos prelados rebeldes. Leram-se também referências elogiosas, que se resolveu agradecer, dos jornais *Trabalho e União* e *A Verdade*, do Funchal, a propósito do 22º aniversário da associação. A sessão encerrou-se às 22 horas.

Doc. 21
1917-10-29, Lisboa

Reportagem sobre o milagre de Fátima, publicada na revista “Ilustração Portuguesa”¹, do jornal “O Século”, da autoria de Avelino de Almeida.

Publ.: DCF, III-I, Doc. 228

O MILAGRE DE FÁTIMA

(Carta a alguém que pede um testemunho insuspeito²).

Quebrando um silêncio de mais de vinte anos e com a invocação dos longínquos e saudosos tempos em que convivemos numa fraternal camaradagem, iluminada então pela fé comum e fortalecida por idênticos propósitos, escreves-me para que te diga, sincera e minuciosamente, o que vi e ouvi na charneca de Fátima, quando a fama de celestes aparições congregou naquele desolado ermo dezenas de milhares de pessoas mais sedentas, segundo creio, de sobrenatural do que impelidas por mera curiosidade ou receosas de um logro... Estão os católicos em desacordo sobre a importância e a significação do que presenciaram. Uns convenceram-se de que se tinham cumprido prometimentos do Alto; outros acham-se ainda longe de acreditar na incontroversa realidade de um milagre. Foste um crente na tua juventude e deixaste de sê-lo. Pessoas de família arrastaram-te a Fátima, no vagalhão colossal daquele povo que ali se juntou a 13 de outubro. O teu racionalismo sofreu um formidável embate e queres estabelecer uma opinião segura socorrendo-te de depoimentos insuspeitos como o meu, pois que estive lá apenas no desempenho de uma missão bem difícil, tal a de relatar imparcialmente para um grande diário, *O Século*, os factos que diante de mim se desenrolassem e tudo quanto de curioso e de elucidativo a eles se prendesse. Não ficará por satisfazer o teu desejo, mas decerto que os nossos olhos e os nossos ouvidos não viram nem ouviram coisas diversas,

¹ Revista semanal pertencente ao jornal “O Século”. Diretor: J. J. da Silva Graça; Editor: José Joubert Chaves.

² Trata-se de António Bastos, antigo companheiro de Avelino de Almeida, no Seminário de Santarém.

e que raros foram os que ficaram insensíveis à grandeza de semelhante espetáculo, único entre nós e de todo o ponto digno de meditação e de estudo...

*
* *

O que ouvi e me levou a Fátima? Que a Virgem Maria, depois da festa da Ascensão³, aparecera a três crianças que apascentavam gado, duas mocinhas e um zagaleta, recomendando-lhes que orassem e prometendo-lhes aparecer ali, sobre uma azinheira, no dia 13 de cada mês, até que em outubro lhes daria qualquer sinal do poder de Deus e faria revelações. Espalhou-se a nova por muitas léguas em redondez; voou, de terra em terra, até os confins de Portugal, e a romagem dos crentes foi aumentando de mês para mês, a ponto de se juntarem na charneca de Fátima, em 13 de outubro, umas cinquenta mil pessoas consoante os cálculos de indivíduos desapaixonados. Nas precedentes reuniões de fiéis, não faltou quem tivesse suposto ver singularidades astronómicas e atmosféricas que se tomaram como indício da imediata intervenção divina. Houve quem falasse de súbitos abaixamentos de temperatura, da cintilação de estrelas em pleno meio dia e de nuvens lindas e jamais vistas em torno do sol. Houve quem repetisse e propalasse comovidamente que a Senhora recomendava penitência, que pretendia a ereção de uma capela naquele local, que em 13 de outubro manifestaria, por intermédio de uma prova sensível a todos, a infinita bondade e a onnipotência de Deus...

Foi assim que, no dia célebre e tão ansiado, afluíram de perto e de longe a Fátima, arrostando com todos os embarços e todas as durezas das viagens, milhares e milhares de pessoas, umas que palmilharam léguas ao sol e à chuva, outras que se transportaram em variadíssimos veículos, desde os quase pré-históricos até os mais recentes e maravilhosos modelos de automóveis, e ainda muitíssimas que suportaram os incómodos das terceiras classes dos comboios, dentro dos quais, para percorrer hoje relativamente pequenas distâncias, se perdem longas horas e até dias e noites! Vi ranchos de homens e de mulheres, pacientemente, como enlevados num sonho, dirigirem-se, de véspera, para o sítio famoso, cantando hinos sacros e caminhando descalços ao ritmo deles é à recitação cadenciada do terço do Rosário, sem que os importunasse,

³ A primeira aparição foi num domingo, dia 13 de maio de 1917, e não no dia da Ascensão, dia 17 do mesmo mês.

os demovesse, os desesperasse, a mudança quase repentina do tempo, quando as bátegas de água transformaram as estradas poeirentas em fundos lamaçais e às doçuras do outono sucederam, por um dia, os aspérrimos rigores do inverno... Vi a multidão, ora comprimida à volta da pequenina árvore do milagre e desbastando-a dos seus ramos para os guardar como relíquias, ora espaiada pela vasta charneca que a estrada de Leiria atravessa e domina e que a mais pitoresca e heterógenea concorrência de carros e pessoas atravancou naquele dia memorável, aguardar na melhor ordem as manifestações sobrenaturais, sem temer que a invernaria as prejudicasse, diminuindo-lhes o esplendor e a imponência... Vi que o desalento não invadiu as almas, que a confiança se conservou viva e ardente, a despeito das inesperadas contrariedades, que a compostura da multidão em que superabundavam os campónios foi perfeita e que as crianças, no seu entender privilegiadas, tiveram a acolhê-las as demonstrações do mais intenso carinho por parte daquele povo que ajoelhou, se descobriu e rezou a seu mandado ao aproximar-se a hora do “milagre”, a hora do “sinal sensível”, a hora mística e suspirada do contacto entre o céu e a terra...

E, quando já não imaginava que via alguma coisa mais impressionante do que essa rumorosa mas pacífica multidão animada pela mesma obsessiva ideia e movida pelo mesmo poderoso anseio, que vi eu ainda de verdadeiramente estranho na charneca de Fátima? A chuva, à hora pré-anunciada, deixa de cair; a densa massa de nuvens romper-se e o astro-rei – disco de prata fosca – em pleno zénite aparecer e começar dançando num bailado violento e convulso, que grande número de pessoas imaginava ser uma dança serpentina, tão belas e rutilantes cores revestiu sucessivamente a superfície solar..

Milagre, como gritava o povo; fenómeno natural, como dizem sábios? Não curo agora sabê-lo, mas apenas de te afirmar o que vi... O resto é com a Ciência e com a Igreja...

Avelino de Almeida

Doc. 22**1917-11-02 e 3, Aljustrel**

Interrogatórios do Dr. Manuel Nunes Formigão aos videntes Lúcia, Francisco, Jacinta e a João Marto, nos dias 2 e 3 de novembro de 1917.

Publ.: DCF, I - Doc. 17

2 de novembro de 1917

[Interrogatório da Lúcia]

1ª – Não me tens querido dizer o que viste o ano passado. Provavelmente julgas que se trata de uma coisa sem importância que não vale a pena averiguar bem. Pois crê que estás enganada. Preciso de saber o que foi que viste então e como foi que as coisas se passaram.

– É certo que te apareceu um vulto branco?

– É.

2ª – Em que sítio?

– Vi esse vulto no Cabeço, às Estrumeiras, ao pé da Cova da Iria.

3ª – Quantas vezes o viste?

– Não me recordo quantas vezes.

4ª – Viste-o no chão ou em cima de alguma árvore?

– Vi-o em cima de uma azinheira.

5ª – O que te parecia esse vulto?

– Parecia-me uma pessoa embrulhada num lençol.

6ª – Dirigiste-lhe a palavra?

– Não lhe disse nada.

7ª – Andavas sózinha ou estavam contigo outras pessoas?

– Da 1ª vez eu andava com a Teresa do José Matias¹ da Casa Velha, e com o Manuel do Justino Pereira².

8ª – Eles também viram?

– Disseram que também tinham visto.

¹ Teresa, filha de José Matias (nascido em 1886) e de Maria de Jesus, da Casa Velha. Nasceu a 23 de janeiro de 1906, na Casa Velha. Casou com José Anastácio Vitória. Faleceu a 16 de novembro de 1997.

² Trata-se de um engano do autor, pois refere-se a Maria de Jesus ou Maria Justino, filha de Manuel Pereira e de Justina de Jesus. Manuel Pereira era também conhecido por Manuel Justino Pereira, nome de seu pai. Maria de Jesus nasceu a 26 de fevereiro de 1907.

- 9^a – Da 2^a vez quem estava presente?
– Estavam o Manuel do José das Neves³, de Aljustrel, e o Manuel da Maria de Jesus⁴, da Casa Velha.
- 10^a – E da 3^a vez?
– Da 3^a vez andávamos só eu e o João Marto que disse que não tinha visto.
- 11^a – O vulto estava de cada vez na mesma árvore?
– Apareceu em mais de uma árvore de cada vez.
- 12^a – Como estava vestido?
– Estava todo vestido de branco. Eu não lhe via os braços nem os pés.
- 12^a – Quem viu primeiro o vulto?
– Os outros viram primeiro e disseram-me.
- 13^a – Quanto tempo se demorou?
– Demorou-se pouco tempo.
- 14^a – Disse alguma coisa?
– Não disse nada.
- 15^a – Quem julgas que fosse esse vulto?
– Não sei o que era.
- 16^a – Era Nossa Senhora?
– Cuido que não era Nossa Senhora.
- 17^a – É verdade que uma vez em que estavas a rezar o terço, o gado que apascentavas foi para o campo onde havia trigo e chicharo já crescido sem que comesse nenhuma dessas plantas?
– É verdade.
- 18^a – Quando foi que isso sucedeu?
– Não me recordo, mas parece-me que foi num Domingo.
- 19^a – Não viste o gado comer o trigo e o chicharo?
– Não vi.
- 20^a – Mas sabes com certeza que não comeu?
– Sei, porque um dos donos da propriedade disse que o gado não tinha dado perda.
- 21^a – Afastaste o gado desse sítio?

³ Manuel das Neves Marto, filho de José das Neves e de Maria Vitória. Nasceu em Aljustrel a 15 de novembro de 1904 e casou a 29 de setembro com Maria do Rosário. Faleceu a 19 de janeiro de 1996.

⁴ Manuel Pereira Carvalho, filho de Maria de Jesus e de pai incógnito. Nasceu na Casa Velha a 6 de abril de 1906. Casou a 28 de julho de 1929, com Carolina de Jesus, irmã de Lúcia. Faleceu a 22 de outubro de 1978.

- Afastámo-lo depois de rezar o terço.
22^a – A quem pertencia a propriedade?
23^a – Pertencia ao José Matias e a Francisco António⁵, da Casa Velha. São dois talhões pegados.
24^a – Porque não afastaste o gado logo que o viste ir para o campo semeado?
– Não afastei logo porque queria rezar o terço.
25^a – Não receavas que ele comesse o que estava semeado?
– Pensava que ele comia, mas deixei-o andar.
26^a – Então não sabias que a tua obrigação era retirares imediatamente o gado para que ele não causasse dano?
– Já me confessei dessa falta.

2 de novembro de 1917

- 27^a – Ouvei contar que tinhas dito a uma pessoa que havias de viver mais de vinte anos. É verdade?
– Não me recordo.
28^a – Antes de cada aparição vias algum relâmpago?
– Às vezes via um, outras vezes via dois. Os ares estavam turvos, como de trovoada.
29^a – Da primeira vez que a Senhora te apareceu o céu estava sem nuvens?
– Não me recordo se havia nuvens.
30^a – Quando a Senhora te apareceu da 1^a vez o que é que estavas a fazer?
– Rezei o terço antes dela vir.
31^a – Quando sucedeu a primeira aparição ajoelhaste-te ou ficaste de pé?
– Da primeira vez fiquei de pé.
32^a – A Senhora vinha sempre envolta num esplendor?
– Vinha.
– De que côr era esse esplendor?
– Era muito claro, muito branco.
33^a – O esplendor aparecia primeiro que a Senhora?
– Aparecia quase ao mesmo tempo que a Senhora.
34^a – Da primeira vez pediste ao Francisco e à Jacinta que não dissessem à família nada do que tinham visto?

⁵ Francisco António, nascido em 1873 e casado com Jacinta de Jesus, então residente na Casa Velha.

– Pedi.

35^a – Porquê?

– Porque o ano passado minha mãe ralhou-me, quando eu lhe disse que tinha visto o vulto branco, e disse-me que eu andava a mentir.

36^a – Tua mãe soube por ti da 1^a aparição?

– Não; foi pelo Francisco e pela Jacinta ou por pessoas a quem eles tivessem contado o que viram.

37^a – Conta-me o que ouviste dizer à Senhora em maio.

– Em maio a Senhora disse que não tivéssemos medo porque não nos fazia mal. Perguntei-lhe donde era e ela disse-me que era do Céu. Perguntei-lhe o que que queria e ela respondeu que fôssemos lá todos os meses de mês a mês e ao fim de seis meses dizia o que queria.

38^a – Porque foste daí em diante ao local das aparições no dia 13 e não noutra dia de cada mês?

– Fui no dia 13 porque fazia um mês. Entendi que devia ir no dia 13, porque o dia da primeira aparição era 13.

39^a – Fizeste-lhe mais algumas perguntas?

– Perguntei se íamos para o Céu e a Senhora disse que sim, mas que o Francisco devia rezar as contas.

40^a – A Senhora disse mais alguma coisa?

– Talvez dissesse mais alguma coisa, mas não me lembro.

41^a – O que foi que disse a Senhora em junho?

– Disse que continuássemos a ir à Cova da Iria e que aprendêssemos a ler.

42^a – Disse mais alguma coisa?

– Estava presente um filho do Manuel Carreira, da Moita, aleijadinho das pernas e das costas⁶. Perguntei à Senhora se o curava, e ela disse que seria curado dentro de um ano. Já se curou pouco a pouco das costas. Perguntei também se a Senhora era servida converter uma mulher da Moita e ela disse que a converteria dentro de um ano⁷.

43^a – Que mais disse a Senhora?

– Não me recordo de mais nada.

⁶ João Carreira. Filho de Manuel Carreira e de Maria Carreira ou Maria dos Santos (Maria da Capelinha). Nasceu a 26 de março de 1901, na Moita. Foi guardião da Capelinha das Aparições. Faleceu, no Santuário de Fátima, no dia 6 de abril de 1975.

⁷ Deve notar-se que estes pedidos da Lúcia, aqui referidos como tendo sido feitos em junho, aparecem nos primeiros interrogatórios do Pároco de Fátima, em julho. Por outro lado, aqui fala-se de “uma mulher da Moita”, enquanto naqueles se refere “uma mulher de Fátima”.

44ª – Que disse a Senhora em julho?

– Disse que continuássemos a ir à Cova da Iria e que rezássemos o terço a Nossa Senhora do Rosário para que abrandasse a guerra, que só ela lhe poderia valer. Pedi à Senhora a cura de enfermos e a conversão de pecadores que me tinham recomendado e ela disse-me que melhoraria uns, outros não, e converteria uns, outros não.

45ª – Disse mais alguma coisa?

– Não me recordo que tivesse dito mais nada nesse dia.

46ª – Que disse a Senhora em agosto?

– Em agosto não fui lá.

47ª – Mas que disse ela no domingo seguinte quando te apareceu no sítio dos Valinhos?

– Nos Valinhos disse que se não tivéssemos sido presas não seria o milagre tão conhecido e que teriam vindo S. José com o Menino dar a paz ao mundo e Nosso Senhor dar a bênção ao povo.

48ª – Que mais disse Ela?

– Perguntei-lhe o que devia fazer ao dinheiro que se tinha juntado e ela disse que o levássemos em dois andores à Senhora do Rosário, nos dias das festas da Senhora do Rosário.

49ª – Foste tu que te lembraste de fazer essa pergunta?

– Não; quem tinha o dinheiro é que me mandou fazer essa pergunta.

50ª – A Senhora não disse mais nada?

– Tornei a pedir pelos doentes e pecadores recomendados e ela disse que uns seriam melhorados e outros convertidos dentro de um ano.

Nesse dia não lhe perguntei mais nada.

51ª – O que disse a Senhora em setembro?

– Não me recordo do que Ela disse.

Talvez fôsse nesse dia que disse que em 13 de outubro havia de vir S. José com o Menino e Nosso Senhor dar a bênção ao povo e Nossa Senhora do Rosário com um anjinho de cada lado e Nossa Senhora das Dores com um arco de flores.

52ª – A treze de outubro viste os anjinhos e o arco de flores?

– Não vi, não reparei, quando a Senhora apareceu ao pé do sol.

52ª – O que disse a Senhora em outubro?

– Perguntei-lhe o que me queria. Disse que não ofendessem mais a Deus Nosso Senhor, que já estava muito ofendido, que rezassem o terço a Nossa Senhora do Rosário que lhes perdoasse os pecados (sic), querendo ir para o Céu, e disse também que queria que fizessem ali uma capelinha à Senhora do Rosário ou que ela era a Senhora do Rosário. Eu não sei se ela disse “à Senhora do Rosário” ou “eu sou a Senhora do Rosário”.

53^a – Que mais disse ela?

– Eu disse-lhe que tinha muitos pedidos de curas e conversões e ela disse que melhoraria e converteria uns, outros não.

54^a – Não disse mais nada?

– Disse: “a guerra acaba hoje e esperem cá pelos seus militares muito breve”.

55^a – Não disse que a guerra acabava logo que chegasse ao Céu?

– Não me recordo se disse que era logo que chegasse ao Céu.

56^a – Nesse dia disseste ao povo que fechasse os chapéus?

– Não me recordo que o dissesse.

57^a – Soltaste um grito dizendo ao povo que olhasse para o sol?

– Não me recordo que soltasse tal grito.

58^a – É verdade que a Senhora apontou para o sol?

– Não me recordo que o tivesse feito.

59^a – De que cor era o traje de Nossa Senhora ao pé do sol?

– O manto era azul e o vestido branco.

– E o de Nosso Senhor, o de S. José e o do Menino?

– O de S. José era encarnado, e o de Nosso Senhor e o do Menino penso que também eram encarnados.

60^a – Quando foi que perguntaste à Senhora o que é que fazia para que o povo acreditasse que era ela que te aparecia?

– Perguntei-lhe umas poucas de vezes; a primeira vez que perguntei cuido que foi em junho.

61^a – Quando te disse o segredo?

– Parece-me que foi da 2^a vez.

2 de novembro de 1917

Interrogatório da Jacinta

1^a – O que foi que disse a Senhora da primeira vez que apareceu, no mês de maio?

– A Lúcia perguntou o que lhe queria e ela disse que fôssemos lá de mês a mês até fazer seis meses e que no último mês diria o que queria.

2^a – A Lúcia fez-lhe mais alguma pergunta?

– Perguntou se ela ia para o Céu e a Senhora disse que sim. Perguntou depois se eu ia para o Céu e ela disse que sim. Depois perguntou se o Francisco ia para o Céu e ela disse que sim, mas que havia de rezar as contas.

3^a – A Senhora disse mais alguma coisa?

– Não me lembro que tivesse dito mais nada nesse dia. Foi dessa vez

que o gado foi para os chicharos.

4ª – Que disse a Senhora da segunda vez, em junho?

– A Lúcia disse: O que me quer? A senhora respondeu: quero que aprendam a ler.

5ª – A Lúcia fez mais alguma pergunta?

– Pediu pelos doentes e pecadores e a Senhora disse que melhorava uns e os convertia, outros não.

6ª – A Senhora disse mais alguma coisa?

– Naquele dia não disse mais nada.

7ª – O que disse a Senhora em agosto?

– Em agosto não fomos lá.

8ª – Queres dizer o que foi que a Senhora disse no domingo seguinte nos Valinhos?

– A Lúcia perguntou à Senhora se trazia o meu Manuel⁸ (um irmão da Jacinta que está servindo no exército em Cabo Verde) e ela disse que trazia cá todos.

9ª – Que mais disse a Senhora?

– Disse que, se não abalássemos para Ourém, viria S. José e o Menino dar a paz ao mundo e Nossa Senhora do Rosário com dois anjinhos, um de cada lado.

10ª – Que mais disse?

– Disse que fizéssemos dois andores e que os levássemos à festa da Senhora do Rosário, que eu, a Lúcia e mais duas meninas vestidas de branco levássemos um e o Francisco com três rapazes levasse o outro.

11ª – Disse mais alguma coisa?

– Não disse nada.

12ª – Que disse a Senhora em setembro?

– Não me recordo.

13ª – Que disse a Senhora em outubro?

– A Lúcia disse: “Que me quer”? A Senhora respondeu: “não ofendam mais a Nosso Senhor que estava muito ofendido”. Disse que perdoava [*sic*] os nossos pecados, querendo ir para o Céu. Disse também que rezasse a gente o terço. Disse que esperassem cá os militares muito breve e que acabava a guerra naquele dia. Disse que fizesse a gente lá uma capela e não sei se disse “à Senhora do Rosário” ou que “ela era a Senhora do Rosário”.

⁸ Manuel dos Santos Rosa, filho de José Ferreira da Rosa e de Olímpia de Jesus, nasceu a 10 de maio de 1895. Casou com Josefina de Jesus, a 3 de novembro de 1922. Faleceu a 6 de fevereiro de 1976

Novo interrogatório da Jacinta no mesmo dia dois de novembro
(antes do precedente)

1ª – De que lado estava o Menino Jesus quando o viste no dia treze de outubro ao pé do sol?

– O Menino Jesus estava no meio, ao lado direito de S. José, ficando Nossa Senhora do lado direito do sol.

2ª – A senhora que viste ao lado do sol era diferente da que viste sobre a carrasqueira?

– A Senhora que estava ao pé do sol tinha fato branco e manto azul, a que eu vi ao pé da carrasqueira tinha o fato e o manto brancos.

3ª – De que cor eram os pés da Senhora que apareceu na carrasqueira?

– Os pés da Senhora eram brancos, cuido que ela trazia meias.

4ª – De que cor era o fato de S. José e o do Menino?

– O de S. José era encarnado, e o do Menino parece-me que era também encarnado.

5ª – Quando foi que a Senhora revelou o segredo?

– Cuido que foi em julho.

Interrogatório do Francisco

1ª – De que lado estava o Menino Jesus quando o viste ao pé do sol?

– Estava mais perto do sol, do lado esquerdo dele, mas do lado direito de S. José.

2ª – A Senhora que viste ao pé do sol era diferente da que viste sobre a carrasqueira?

– A Senhora que estava ao pé do sol parecia a mesma que eu cá vi em baixo.

3ª – Viste Nosso Senhor abençoando o povo?

– Não vi Nosso Senhor.

Novo interrogatório da Lúcia (antes do precedente) no mesmo dia

1ª – O que a Senhora trazia nos pés eram meias? Tens a certeza disso?

– Cuido que eram meias, mas podiam não ser.

4ª – Tu nunca disseste o segredo, nem mesmo disseste que o povo ficava triste se o soubesse. O Francisco e a Jacinta dizem que ficava

triste. Se tu não podes dizer isso, também eles o não podiam dizer. Que te parece?

– Não sei se eles deviam ou não dizer, que o povo ficava triste. Nossa Senhora disse que não devíamos dizer nada a ninguém. Por isso não posso dizer nada.

2ª – Tu disseste uma vez que a Senhora tinha meias brancas. Então eram as meias ou eram os pés?

– Se eram meias, eram brancas, mas eu não sei ao certo se eram meias ou se eram os pés.

3ª – A saia era sempre do mesmo comprimento?

– A saia da última vez parecia mais comprida.

Breve interrogatório da Lúcia a três de novembro

1ª – Quando foi que a Senhora te ensinou a oração que devias rezar depois de cada mistério?

– Parece-me que foi no terceiro mês.

2ª – Quantas foram as pessoas que a Senhora prometeu curar e converter?

– Eu pedi por muitas e ela disse que curava e convertia umas, outras não.

3ª – Quantas vezes lhe fizeste esse pedido?

– Parece-me que foi cinco vezes, ora por umas pessoas, ora por outras.

Interrogatório de João Marto, de 14 anos de idade irmão do Francisco e da Jacinta.

1ª – A 19 de agosto, com quem andavas tu a apascentar o gado nos Valinhos?

– Andava com o Francisco e a Lúcia.

2ª – A Jacinta também estava presente?

– Não estava.

3ª – A Lúcia pediu-te que a fosses chamar?

– Pediu.

4ª – O que foi que ela te disse?

– Disse-me que fosse chamar a Jacinta, porque parecia que ia aparecer Nossa Senhora.

5ª – E tu foste logo chamá-la?

– Não; eu não queria ir, mas a Lúcia deu-me um vintém para que eu fosse, e então fui.

- 6^a – A Jacinta estava em casa?
– Não estava; só encontrei lá a mãe, minha irmã estava à porta da casa da Lúcia.
- 7^a – Ela quis ir de boa vontade aos Valinhos?
– Quis.
- 8^a – Quando chegaram, o que estavam fazendo a Lúcia e o Francisco?
– Estavam sentados, mas levantaram-se quando chegámos.
- 9^a – O que fizeram depois?
– A Lúcia disse à Jacinta que olhasse para onde parecia que devia aparecer Nossa Senhora. A Jacinta pôs-se a olhar para esse lado.
- 10^a – Puseram-se todos de joelhos?
– Não; todos estavam de pé. A Lúcia não ajoelhou.

2 de novembro de 1917
Continuação do interrogatório do João

- 11^a – Viste alguma coisa?
– Não vi nada. Só ouvi a Lúcia falar com Nossa Senhora ao pé da carrasqueira.
- 12^a – Ouviste o que Nossa Senhora disse?
– Não ouvi.
- 13^a – O que foi que a Lúcia disse à Senhora?
– Perguntou-lhe o que é que ela cá vinha fazer.
- 14^a – Ouviste a resposta da Senhora?
– Não ouvi, mas a Lúcia esteve um bocadito à espera.
- 15^a – A Lúcia fez mais perguntas?
– Fez. Tornou a falar, mas não me lembro do que disse, a não ser da última pergunta que foi se ela trazia cá o meu Manuel.
- 16^a – A Lúcia não te contou depois o que a Senhora lhe tinha dito?
– Disse-me no mesmo dia ao pé da carrasqueira, logo de caminho, que, se não fosse levada para a aldeia (Vila Nova de Ourém) no dia 13, o milagre não seria tão conhecido.
- 17^a – Que horas eram quando Nossa Senhora apareceu?
– Era quase noite.
- 18^a – Demoraram-se ainda muito no sítio?
– O Francisco e a Jacinta vieram-se embora e ficámos eu e a Lúcia. O Francisco e a Jacinta voltaram e disseram-me depois que tinham ido rezar lá, mas eu fiquei longe a guardar as ovelhas e não as ouvi rezar.

Doc. 23**1917-11-10, Viseu**

O jornal “Correio da Beira”¹ publica um artigo de Maria José de Lemos Queirós², sobre os acontecimentos ocorridos na Cova da Iria, no dia 13 de outubro de 1917 [data de redação: 30 de Outubro de 1917].

Publ.: DCF, I - Doc. 41 (Este documento faz parte do Processo Paroquial de Fátima).

FÁTIMA

Peço ao... sr. Diretor do acreditado periódico, o “Correio da Beira”, o favor de dispensar um cantinho do seu jornal para estas breves palavras.

Tendo visto já em vários jornais falar do extraordinário acontecimento de Fátima, como eu e minha filha³ fomos testemunhas presenciais, vou apenas dizer com toda a sinceridade que me caracteriza o que os nossos olhos mortaes viram!

*

* *

Na véspera do dia 13 de outubro alugámos um carro, tendo sido muitos felizes em encontrar naquela altura um coupé, em Torres Novas. Saindo dali à ½ ou 1 hora da tarde, seguimos para Fátima aonde chegámos ao toque das Avé Marias, tendo apenas descansado na Charneca⁴, talvez um quarto de hora, para dar folga aos cavalos.

¹ Publicação periódica, fundada em Viseu, a 1 de abril de 1911.

² A autora deste artigo, que se designa apenas como “Uma assinante do seu jornal”, e que rubrica com um simples “J”, é identificada pelo Pe. Manuel Marques Ferreira, pároco de Fátima, no *Processo Paroquial*, de 18 de abril de 1919, fl. 17v. Nasceu na Quinta da Cruz, S. Salvador, Viseu, a 5 de fevereiro de 1859. Casou com o Dr. Henrique de Queirós Pinto de Ataíde de Serpa e Melo São Nicolau. Teve dois filhos: Maria do Amparo de Lemos Queirós Pinto Ataíde e Henrique de Queirós Pinto Ataíde e Lemos.

³ Cf. nota anterior. Nasceu em Treixedo, Santa Comba Dão. Casou a 15 de agosto de 1920, com o Dr. Joaquim Martins da Cunha e Almeida (Visconde de Rio-Torto). Maria do Amparo faleceu em Lisboa, a 15 de março de 1964. É autora, pelo menos, de duas cartas ao Dr. Formigão: 9 de março e 14 de abril de 1918.

⁴ Charneca, povoação da freguesia de Nossa Senhora das Misericórdias, concelho de Ourém. Pelo Decreto nº 37.890/50, de 21 de julho de 1950, foi alterado o nome de Charneca para Vilar dos Prazeres (“Diário do Governo”, I série, nº 143, de 21 de Julho de 1950).

Já que falei em Charneca, devo acrescentar que percorremos, de 7 léguas de Torres Novas a Fátima, talvez 4 ou 5 de charneca; e esta tem o nome e a propriedade! Toda fragosa e pedras soltas, com boas oliveiras, que produzem melhor do que as nossas da Beira Alta, embora sejam bem tratadas e aquelas apenas alimentadas nos lezins das mesmas pedras e no solo barrento.

Paisagem para nós agradável por nos ser desconhecida.

Em Fátima, descansámos na casa do dig.^{mo} Prior e fomos por este e sua boa irmã^s tratadas com todo o cuidado e atenção.

No dia seguinte, dia 13, fomos logo de manhã para o lugar da aparição. Entretanto é-me agradável dizer que Fátima é um pequeno lugarejo, bonitinho, talvez de cento e tantos fogos.

Às 8½, a estrada para o campo da aparição, já ia ladeada de carros, automóveis, carroças, burricos, e muita gente a pé. Devem ser 2 quilómetros de Fátima ao local do fenómeno.

Chegadas ali, o nosso trem retirou-se ao lado da estrada, como fizeram outros, para darem lugar ao trânsito. Já a essa hora estava imensa gente. Dentro do coupé envidraçado defrontávamos com o extensíssimo campo, parecendo um alguidar, levantado nos lados e abatido ao centro, formando a vastíssima bacia, com grupos aqui e além, e um extenso vale, que nos lembrava se deverá parecer com o Vale de Josafá!

Lá, muito ao longe, a um lado, víamos muita gente rodeando o local da aparição, marcado por 2 postes de madeira com uma cruz ao centro e 2 lanternas nos postes.

O dia 13 apresentou-se de chuva, o céu plúmbeo e vento.

Às 9 ou 9½ mais escureceu e mais chovia, parecendo-nos não poder melhorar o dia. Como víssemos que a chuva continuava, às 11 horas, tomámos a resolução de sair da nossa estufa e do mirante..., e seguimos com os ranchos em direção ao local que uns pastorinhos anunciaram como teatro de cenas sobrenaturais. Ao meio dia chegaram os 3 pastorinhos. Lúcia, de 10 a 11 anos, é que fala; os outros, Jacinta, a mais nova, e Francisco, irmãos um do outro e primos de Lúcia, diziam ter visto uma Senhora muito linda, toda vestida de branco com uma nuvem aos pés.

Passados minutos, depois da chegada dos pastorinhos, cessou a chuva, e o céu, até ali escuro, precisamente à hora (seria 1 da tarde) em

⁵ Joaquina Amélia nasceu em Casal Menino, Espite, a 24 de fevereiro de 1890 e faleceu a 1 de outubro de 1970, no mesmo lugar.

que os 3 astrónomos⁶ anunciaram o caso mais fenomenal que se podia dar, em frente ao local da anunciada aparição, o céu aclarou um pouco, o que fez que quase todos os olhares instintivamente fitassem o mesmo local.

Cena verdadeiramente impressionável, presenciada por 40:000 a 50:000 pessoas, tantas foram aproximadamente calculadas!

Não afirmo o que não vi. Não vimos a Nossa Senhora, nem nos consideramos dignas disso. Mas vimos no sol, por si só, a afirmação dum fenómeno, dum caso sobrenatural!

Como foi e donde veio, não sabemos explicar. Mas o facto deu-se e contra factos não há argumentos.

Como já disse, à 1 hora, no céu, lugar onde a nuvem se desviara, aclarou; e qual o nosso espanto, quando apareceu um globo, prateado, fazendo um pequeno giro e aparecendo atravessado aqui e além pelas nuvens! Isto por 3 vezes, com intervalo, talvez, de 3 a 4 minutos.

Nesta ocasião, à nossa retaguarda, dava-se a cena dos pastorinhos junto à azinheira; nós ficámos a 7 ou a 10 metros deste local para escaparmos à turba-multa. A mais velha das pastorinhas impôs nesta altura silêncio e o resto da cena, ali, era para os 3! Depois deste simpático ensaio ou prelúdio ao Astro-Rei, como que eclipsado pelas nuvens, mas não de todo encoberto, de súbito rompe em todo o esplendor, muito diferente do usual, uma nuvem ou chama vermelha brilhantíssima que o encobria, e passados momentos aquelle globo ou esfera se agitava nervosamente como impelido por electricidade. Parecia avolumar-se e querer precipitar-se ou *falar para a terra*, a anunciar um caso de regozijo e pavor!

Mudou este cenário uma nuvem amarela, dourada; e assim foi desaparecendo esta *realidade*, que aos mortais parecera um sonho! Desejava poder descrever este acontecimento, único, maravilhoso, em frase burilada; limito-me a narrá-lo com a simples expressão da verdade, por nós presenciada.

Se tudo houvera sido anunciado por homens de ciência, astrónomos, nada admirava; mas não.

Só a voz simples e inocente das crianças despertou a curiosidade de milhares de pessoas.

Ora não é natural que estas simples crianças tivessem a arrojada pretensão de trazer aos sábios novidades: nem se propunham ensinar os mestres!

A sua aspiração era mais modesta; apenas em muito simples palavras agora afirmavam terem visto uma Senhora muito linda, de mãos postas e vestida de branco, que lhes disse que deviam naquele local mandar

construir uma capela com a denominação de Nossa Senhora do Rosário; que se deixassem de ofender a Deus, que já estava de mais ofendido! Que a guerra ia acabar, e que viriam os nossos soldados.

Anteriormente, a mesma Senhora lhes dissera uma coisa que a pastorinha Lucia não pode revelar.

*
* *

Quando entrámos no carro, em Torres Novas, a criada do hotel veio trazer-nos o farnel para auxilio naquelas inóspitas paragens, e disse-nos em tom misterioso:

“Parece que vai haver lá grande barulho!” O veículo rodou. Eu disse para a minha filha: habituei-me a rezar a São Bartolomeu (advogado do medo). Como não fazemos mal a ninguém, cremos que ninguém terá o direito de no-lo fazer a nós! Nossa Senhora nos guardará e a todos que ali vão, que não têm culpa de que o milagre se realize ou não!

Mal diríamos que o havíamos de presenciar no momento em que o sol nervoso tinha suspenso o auditório. Parecia vir para a terra, anunciando o milagre e saudando a Rainha do Céu e do universo, que naqueles momentos falava para os 3 pastorinhos, como as três crianças espontânea e intemeratamente⁶ afirmam.

Acredito e nada me repugna acreditar, em face do que vi. Mas, como a minha voz é fraca e débil no deserto, esperemos que outras vozes mais fortes e autorizadas o confirmem.

Logo que o astro-rei entrara na sua normalidade, tudo se retirou na melhor ordem e silêncio, subjugado pela verdade dos factos! Peripécias: o vasto campo do milagre era todo de barro, separado em arretos de pedras soltas.

Como choveu, ficou feito em lama. Logo que saí do carro, enterrei as botas na lama e os pés pesavam, que julguei não poder andar! Lá fomos indo, indo até parar bem próximo da azinheira, já cortada e depenada, cujos raminhos davam-se aos devotos, como os nossos irmãos que vão para o *front* levam lembranças e relíquias da família.

Comoveu-nos, no entanto, ver colegas nossas de sapatinho branco, julgando encontrar terreno seco e firme, onde só era barro movediço! Pena foi não subirem mais alto... calcando indiferentes a lama da terra!

⁶ Confusão com “intimoratamente” (destemidamente, corajosamente)

Como vai já longa, termino e desde já muito agradeço a paciência de me aturar.

Também nos não admira que entre milhares de pessoas alguma apareça como o nosso cocheiro, a quem, tendo ficado junto do carro, no alto do vale, perguntei:

– Então, sr. Manuel, gostou e viu o sol?...

Parece que nessa ocasião estava a dar de comer aos cavalos! Grande materialista (sendo aliás muito boa pessoa)...

Nada admira.

Uma assinante do seu jornal.

Aldeia Central⁷, 30 - outubro, 1917.

J.

⁷ Deve tratar-se de um nome fictício, pois a autora residia na cidade de Viseu.

Doc. 24

1917-11-11, Alqueidão da Serra

Ofício do Pe. Joaquim Vieira da Rosa, vigário de Porto de Mós a D. João Evangelista de Lima Vidal, Arcebispo de Mitilene, a enviar dezasseis depoimentos de pessoas que presenciaram os fenómenos do dia 13 de outubro de 1917, na Cova da Iria (ver Doc. 19)

Publ.: DCF, I - Doc. 23

Ex.^{mo} e R.^{mo} Senhor

Remeto o documento junto. Consultei muitas pessoas sobre o assunto e todas elas confirmam o mesmo que disseram as testemunhas constantes do mesmo documento e por isso me absteve de mandar escrever os seus depoimentos. O que atualmente tem resfriado um pouco a fé de algumas pessoas é uma das pastoras ter dito que a guerra acabaria naquele dia mesmo, ou na noite seguinte, e ela ainda continuar com todo o incremento.

Deus guarde a V. Ex. R^a

Alqueidão da Serra 11 de novembro de 1917

Ex.^{mo} e R.^{mo} Snr.
Arcebispo de Mitilene.

O Vigário de Porto de Mós
Joaquim Vieira da Rosa

Doc. 25**1917-11-13, Torres Novas**

Testemunho de João Maria Lúcio Serra, sobre o dia 13 de outubro de 1917, na Cova da Iria, dedicado a sua filha, Maria Elisa da Cunha Serra¹.

Publ.: DCF, III-1 - Doc. 295

A minha Filha

13 de novembro de 1917

Faz hoje precisamente um mês que dezenas de milhares de pessoas, atraídas pelas promessas reiteradas de três crianças rudes e boçais, se reuniram na Charneca de Fátima.

Também eu lá fui; não que me estimulasse o entusiasmo vivo de uma convicção íntima na realização anunciada de factos portentosos, mas porque a ir me obrigava a gratidão devida a gentileza penhorante e insigne.

O dia 13 de outubro amanhecera chuvoso e desabrido mas o turbilhão do vento impetuoso, acompanhado de fortes aguaceiros, não bastou para vencer a fé sincera de uns e a curiosidade ardente de outros.

Pelo longo caminho encontrei dezenas, centenas, milhares de pessoas que, açoitadas pelo vendaval tempestuoso, sem um gesto de enfado, sem uma quebra de ânimo, seguiam pela estrada alagada, em demanda do sítio onde factos prodigiosos se diz terem-se já dado, e onde outros deviam neste dia produzir-se. A gravidade e a compostura que em todos os rostos transluziam, eram garantia segura da crença fervorosa que impelia muitos, e do respeito que essa crença ingénua e pura a todos impunha.

Chegado ao teatro dos retumbantes acontecimentos, impressionou-me vivamente a enorme multidão, em muitos milhares de pessoas computada, e que se aglomerava numa ordem, num respeito, numa compostura que comoviam.

Não podendo romper caminho até junto da famosa carrasqueira, que parece ter servido como que de trono à Celeste Visão, quedei-me na estrada em sítio de onde tudo bem se podia observar.

¹ Acompanhou o seu pai a Fátima, no dia 13 de outubro de 1917.

Até mim vozes se ouviam, distintos ecos de cânticos religiosos em que a multidão retemperava a fé enquanto não chegava a hora solene por que milhares de corações ansiavam.

Acabavam de chegar as três crianças, boçais e rudes protagonistas do espetáculo mais grandioso e extraordinário que ainda me foi dado presenciar. Aproximava-se o momento augusto. A chuva impertinente abrandou, e para o norte divisa-se numa nesga de céu, o azul límpido rompendo as nuvens plúmbeas.

Ao meu espírito já então comovido com o que presenciava, ocorreu que bem poderia suceder que aquela manhã brumosa, de céu carregado de nuvens pardacentas, fosse a *mis-en-scène* de um espetáculo grandioso que estivesse para dar-se. No relógio o ponteiro marcava vagorosamente 2 horas; e entretanto a multidão aguardava em ansioso recolhimento o acontecimento maravilhoso que havia de revigorar-lhe a fé.

Já em algumas almas cândidas surgia o receio de que o facto anunciado não se produzisse, quando de repente toda aquela imensa multidão à voz da vidente se agitou num *brouhaha* significativo de espanto e assombro levantou a cabeça para o céu, onde milhares de olhos contemplaram estarrecidos o sol em pleno azul, visível a todos, sem a intensidade dos raios a ferirem a retina e a dificultarem a visão, coroados de cores várias, num movimento de veloz rotação, parecendo por vezes desprender-se da abóbada celeste, aproximando-se da terra. Os espetadores, entreolhando-se, representavam-se, uns aos outros, de cor amarela, e no horizonte, vermelho-alaranjado, onde quer que os olhos se fitavam, viam-se fochos de luz esbatida, afetando a forma oval, parecendo colocados a igual distância, e refletindo-se na terra.

Tal foi o fenómeno surpreendente que todos tiveram ocasião de observar, e que a uns arrancou a confissão sincera de fé ardente, e a outros a quem o vento adusto do ceticismo crestou a flor da crença, lançou numa expectativa benévola.

De que se trata, pois?

É fora de dúvida que estamos em presença de factos que comoveram profundamente as multidões, não hesitando muitos em classificá-los de milagre.

Sê-lo-á?

Seria temerário afirmá-lo. Todavia é certo que em boa crítica não podemos nem devemos na apreciação dos factos separar estes das circunstâncias que os precederam, acompanharam e se lhes seguiram. Dando de barato que no caso da Fátima tudo se explica por causas naturais, uma circunstância basta para lhe dar foros de maravilhoso – o

ter sido anunciado para dia e hora certa com a antecedência de seis meses e ainda no próprio dia.

Coincidência?

Mas não será admirável e surpreendente semelhante coincidência de um facto com tanta antecedência e firmeza anunciado?

Os factos produzidos na Fátima tiveram por teatro lugares públicos, por espectadores, pessoas de todas as condições sociais, multidões inumeráveis atraídas ali por três crianças de rudeza quase selvática, inimigos numerosos e encarniçados.

E contudo, se nem todos se confessaram crentes, todos se mostraram rendidos perante o poder que tal maravilha operava.

Ao maior número, sem estudo, sem ciência, o sobrenatural impôs-se com uma convicção inabalável, que é a certeza mística, que só exige a boa fé e que leva o homem reto e de são juízo a exclamar: *Digitus Dei est hic*.

Por isso as línguas humanas, órgãos misteriosos da verdade, deram um nome significativo ao ato pelo qual Deus exerce a sua soberania sobre a natureza e manifesta instantaneamente a sua presença aos homens: chamaram-lhe milagre, isto é, o ato admirável por excelência, o ato que constitui o poder público de Deus.

Àqueles a quem por ventura estas considerações fizerem assomar aos lábios um frouxo de riso, eu direi que não só pela razão senão que também pelo coração nós conhecemos a verdade. Ao lado da razão donde procede a filosofia, há a natureza, que se exprime pela voz do instinto, do sentimento ou do coração. O sentimento é um eco da razão, que algumas vezes, por ecoar no mais recôndito da alma, se faz ouvir melhor que a própria razão. Quando se fala da luz do coração, designa-se sem se dar por isso a luz da razão espontânea que nos descobre a verdade com uma intuição viva e pura, diametralmente oposta aos processos lentos e laboriosos da razão refletida e do raciocínio.

E aos que, fazendo ostentação soberba da sua ciência, zombam da crença popular, simples e ingénua, eu direi: príncipes da ciência, potentados da análise, laureados das academias: nós temos sede e temos fome; e vós, que sabeis pela análise decompôr a água e conhecer de que se compõe o trigo, dai-nos uma gota de água, produzi-nos um grão de trigo.

Porque não atendeis às nossas súplicas? Abatei o vosso orgulho; confessai a vossa impotência: conhecendo apenas os efeitos, não conheceis a força que produz o germen.

Não me surpreendeu, pois, que o artigo publicado no número 507 da “Ordem” e firmado pelas iniciais A. de F. que ocultam o nome de um dos mais ilustrados e denodados paladinos da causa católica, provocasse a tão grande e inconveniente arruído os espetadores dos casos ocorridos na Fátima. O seu autor, no intento de soffrear entusiasmos porventura excessivos, arrancou da alma simples das multidões ricas de fé e felicidade serena, deixando-lhes na alma erma de santos júbilos e inefáveis alegrias o espinho da dúvida lacerante.

Não seria preferível deixar ao futuro a verificação do milagre ou a confirmação da mistificação?

L. S.

(João Maria Lúcio Serra)

Doc. 26
1917-p.11-23, Coimbra

Folheto de Maria Augusta Saraiva Vieira de Campos¹, sobre os acontecimentos do dia 13 de Outubro, na Cova da Iria [data de redação: 19 de outubro de 1917]².

Publ.: DCF, I - Doc. 42 (Este documento faz parte do Processo Paroquial de Fátima).

A MINHA PEREGRINAÇÃO A FÁTIMA

Notícia dos maravilhosos acontecimentos
 ocorridos em Fátima, no dia 13 de outubro de 1917

por

Maria Augusta Saraiva Vieira de Campos
 Coimbra

Tipografia França Amado
 outubro de 1917.

O produto da venda deste folheto reverte a favor do patronato que sustentam em Coimbra as Senhoras católicas que constituem a associação “Auxílio dos Pobres”.

[3] *Nihil obstat*
 Conimbrigae, 23 novembris, 1917.
Emanuel Fernandes Nogueira

Pode imprimir-se
 Coimbra, 23 de novembro de 1917.
 † MANUEL, *Bispo de Coimbra*.

Excelentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo Conde.

Peço a Vossa Excelência Reverendíssima a autorização para publicar o folheto incluso intitulado “A minha peregrinação a Fátima”.

Maria Augusta Saraiva Vieira de Campos

¹ Nasceu a 11 de setembro de 1864 no lugar da Barroca, freguesia de Cernache, concelho de Coimbra. Casou a 28 de novembro de 1889, com João Vieira Pessoa de Campos, oficial do exército (n. 6.02.1860; f. 1.07.1918)

² Pelo “nihil obstat” e “pode imprimir-se”, concluímos que o folheto, redigido em 19 de outubro de 1917, foi impresso entre os fins de novembro e fins de dezembro do mesmo ano.

Ao Sr. Dr. José de Almeida Correia³

Ex.mo Senhor:

Como sócia do Círculo de Estudos⁴ que V. Ex^a tem dirigido em Coimbra e a cujas lições tenho tido a satisfação de assistir, lembrei-me de oferecer a V. Ex^a esta breve notícia da minha peregrinação a Fátima, onde se deram acontecimentos extraordinários que vivamente impressionaram todo o país.

Não tem pretensões literárias o meu modesto escrito; é um simples relato do que vi e presenciei, que ficará como depoimento de uma testemunha que conserva as melhores e mais fundas impressões da peregrinação que fez àquele lugar, levada, como tantos milhares de pessoas que ali se dirigiram, pelo desejo de presenciar os sinais miraculosos que acompanhavam a aparição de Nossa Senhora a uns pastorinhos.

Sobre o carácter miraculoso dos sinais e a realidade das aparições, pronunciar-se-á, quando o entender, a autoridade competente. Publicando esta resumida notícia, o meu fim é chamar a atenção daqueles que porventura ainda não os conhecessem, para o que me parece haver de extraordinário nestes acontecimentos.

E oferecendo a V. Ex^a o meu modestíssimo trabalho, desejo que o considere como testemunho do interesse com que tenho acompanhado as suas lições, das quais alguma coisa julgo haver aproveitado e ao mesmo tempo de reconhecimento pelas atenções que tem dispensado à mais humilde das suas alunas.

Coimbra, 19 de outubro de 1917.

Maria Augusta Saraiva Vieira de Campos.

Foi no dia 7 de setembro que uma mulher do povo, criada de uma pessoa da minha família, que me contou que em Fátima, aldeia que fica entre Leiria e Vila Nova de Ourém, se dava um milagre com umas pastorinhas a quem Nossa Senhora aparecia desde o dia 13 de maio,

³ Sacerdote da diocese de Viseu. Formou-se em Teologia, na Universidade de Coimbra, em 1917, e frequentou Direito e Letras. Foi associado, vice-presidente e, de 1914 a 1919, o primeiro assistente eclesiástico do Centro Académico de Democracia Cristã (C.A.D.C.).

⁴ Curso de Apologética, dado pelo assistente do C.A.D.C.

tendo-lhe prometido que lhes apareceria durante meio ano, e que no dia 13 de outubro lhes faria as últimas revelações.

Esta promessa não fora feita propriamente às três crianças, mas só à privilegiada Lúcia, a mais velhita, única que recebia a graça de ouvir e falar a Nossa Senhora. Contava-se que ofereciam à criança cordões de ouro e dinheiro para ela dizer o que sabia; mas a pequena nem ao pároco de Fátima, com quem fizera a sua primeira comunhão, deixando-o maravilhado pela maneira como se preparava para um ato de culto, se prestava a dizer o que ouvira a Nossa Senhora. No dia 13 de agosto o administrador do concelho foi buscar a pequena Lúcia mais os seus companheiros, outra pequena e um rapazito também pastores, companheiros da primeira, mas que só recebiam a graça de ver a Senhora, não a ouvindo porém nem lhe falando⁵.

Contava-se mais: que muita gente que naquele local se encontrou, à hora do meio-dia solar, sentira qualquer coisa de extraordinário, de sobrenatural, ajoelhando e rezando.

O mesmo se dera em 13 de agosto, dia em que a pequena Lúcia esteve presa à ordem da autoridade administrativa. No domingo imediato, 19 de agosto, a criança pediu à Senhora a não deixasse ficar por mentirosa no dia 13 de outubro; e acrescentava-se que a Senhora lhe fizera essa promessa, dizendo: descansa, que todos aqueles que aqui vierem hão de ver o milagre. E assim aconteceu. O povo e o próprio pároco de Fátima metiam medo à criança, dizendo-lhe que, se no dia 13 de outubro o povo não visse o milagre, ali mesmo seria feita em pedaços; ao que ela respondia serena e sorrindo: não fazem, não senhor, porque a Senhora não mente.

Saii pois de Coimbra, na meia noite de 12 para 13 de outubro, com duas amigas minhas, D. Ermelinda Gomes Ribeiro e D. Matilde Forjaz de Sampaio, tomando lugar no comboio em 3ª classe, por promessa, e seguindo até Chão de Maçãs, onde tomamos uma diligência que nos conduziu até Vila Nova de Ourém.

Aqui chegámos às 7 horas da manhã, indo procurar o rev. pároco da freguesia⁶ para que nos ministrasse a sagrada comunhão.

Pudemos assistir à missa, que foi ouvida por bastantes pessoas, e fomos depois tomar uma pequena refeição, utilizando os farnéis que

⁵ Na realidade, a Jacinta também ouvia.

⁶ Pe. Manuel José Alves, pároco de Vila Nova de Ourém de 1904 a 1934. Faleceu em Valadares, Monção, a 9 de janeiro de 1952.

levamos. Tínhamos de andar uns 18 quilómetros a pé, caminho a subir. A dificuldade do caminho não nos desalentou. Tomámos por ele resolutamente, rezando o terço em coro. O povo que passava descobria-se em sinal de respeito. Era enorme a concorrência de automóveis, carros de todas as espécies, bicicletas, cavalgaduras; e como nós, a pé, seguia grande quantidade de povo.

Fazia um calor sufocante, ameaçando tempestade, pois muitas nuvens se acastelavam no espaço.

Os passageiros de um pequeno carro que passou por nós, gente boa que notou a nossa sensação de fadiga, ofereceram-se para nos levarem as sacas de viagem, favor que aceitámos reconhecidas, confiando na sua seriedade, apesar de não os conhecermos. Passado pouco tempo principiou a chover, e a chuva foi aumentado, tocada por um rígido e frigidíssimo vento, ficando nós em breve tão molhadas e encharcadas de água como se saíssemos de um banho.

A estrada parecia não ter fim; caminho aos zig-zags, muita gente molhada como nós, mas andando sempre, movida pelo mesmo desejo, pela mesma ânsia de chegar a tempo ao lugar da aparição.

Ao meio dia e meia hora, chegámos ao local, bem dispostas apesar de tudo. O espetáculo era imponente!

Apresentava-se-nos um pequeno vale, bastante árido, sem uma única casa; milhares de guarda-chuvas, abertos sobre as cabeças, davam a impressão de um verdadeiro acampamento. A multidão comprimia-se; caíam sobre ela torrentes de água, e contudo ninguém se retirava. O terreno, em volta do local da aparição era barrento e encharcado. No local destacava-se uma espécie de pórtico tosco, formado por três barrotes aparelhados; aqui e acolá pequenos carvalheiros, e em redor milhares de pessoas de todas as classes e condições.

Entre a multidão tomámos lugar, começando a rezar o terço em coro, cantando o *Avé de Lourdes*, que o povo e as senhoras acompanhavam, o *Queremos Deus*, recitando a oração de S. Bernardo, etc.

A chuva não parava um instante; tremia-se de frio porque o vento era cortante. Entretanto ouve-se dizer: lá trazem as pastorinhas.

De facto uns homens transportavam ao colo as crianças vestidas de azul claro, com véus de tule branco, seguros por coroas de rosas brancas e folhagem verde.

Reparo na minha companheira, D. Ermelinda Gomes Ribeiro, e noto-lhe uma impressão de grande sofrimento. Pergunto-lhe o que tem, e diz-me que sente uma pontada tão forte que mal a deixa respirar. Senhora doente, com febre quase todos os dias, assim molhada, com os pés

sobre a terra encharcada, não tendo ali meio de transporte que nos conduzisse a um lugar onde pudesse tratar-se, o seu estado causou-me aflição. Lembrei-me de lhe fazer uma massagem sobre a pleura, o que aceitou; mas estava tão fria, tão molhada, que receei que nada valesse.

Confesso que já então nenhuma esperança me restava de ver o milagre. Como o local era ainda distante da estrada, viemos até lá à procura de alguém que por caridade nos cedesse um lugar em automóvel ou carro, em que pudesse vir a minha amiga, pois receava bem que não aguentasse o caminho, tendo de fazer novamente a viagem a pé.

Na estrada onde chegámos com as saias cobertas de barro vermelho, nenhum automóvel ou carro nos dispensou um lugar nem pago nem por favor.

Era grande a nossa impressão de desânimo, quando, de repente, se ouve de todos os lados: Milagre! Olhem o sol! Parara como por encanto a chuva; fecharam-se os chapéus; sentiu-se um calor como se entrássemos numa estufa aquecida, e começou a vêr-se o disco do sol, a perceber--se claramente na camada pardacenta que corria todo o céu. O calor aumentava, e o sol parecia descer, descer cada vez mais, apresentando novos e variados cambiantes. Vimos como que um véu prateado, com forma arredondada como se fosse a lua cheia; pouco depois passava para o roxo vivo, depois para o vermelho, depois para o verde-esmeralda e tomava finalmente a cor primitiva.

Ouviam-se gritos de todos os lados, quando se destacava do sol como que uma forma branca de neve, brilhante, sem ferir a retina, vindo para nós, voltando de novo ao sol, e por fim escondendo-se a terceira vez entre as nuvens. Todos choravam e de muitas bocas se ouviam preces, súplicas, atos de fé.

A pequena Lúcia disse que Nossa Senhora lhe pedira que fizessm ali uma capela com a invocação da Senhora do Rosário; que a guerra ia terminar; que os soldados portugueses em breve regressariam a suas casas; que se unissem os portugueses e fizessem penitência, pois Deus estava cansado de tantas ofensas; que rezassem o Rosário, a fim de evitar os castigos que pesariam sobre Portugal, se os portugueses se não emendassem.

Para maior satisfação nossa, depois da alegria inexprimível, da consolação de havermos presenciado o grande milagre, tivemos a boa fortuna de encontrar lugar num automóvel que do Luso tinha levado meus primos Jaime Forjaz de Serpa Pimentel e esposa, transportando-nos assim a Vila Nova de Ourém, onde umas senhoras caritativas nos emprestaram roupas para substituímos as que trazíamos e que

continuavam molhadas, e um sacerdote hospitaleiro⁷ nos deu pousada onde pudéssemos descansar essa noite, prosseguindo depois na nossa viagem até à estação de Chão de Maçãs, donde regressámos pelo comboio, em carruagem de 3^a classe como tínhamos ido, à cidade de Coimbra.

⁷ Provavelmente, trata-se do Pe. Luís de Andrade e Silva, advogado e notário em Vila Nova de Ourém.

Doc. 27
1917-12-02

Folha panfletária contra Fátima, editada pela Associação do Registo Civil e Federação Portuguesa do Livre Pensamento.

Publ.: DCF, III-1 - Doc. 333

AOS LIBERAIS PORTUGUESES**A reação campeia desenfreada**

Contra a torpe especulação feita com a comédia ridícula de Fátima, protestam energicamente a Associação do Registo Civil e a Federação Portuguesa do Livre Pensamento.

Cidadãos!

Por mais que queiram certas personalidades, umas de boa fé e outras não, insinuar que está terminada a missão destas coletividades, visto nas leis da República se consignarem medidas defensivas da liberdade de consciência e de pensamento, os factos dia a dia se encarregam de nos provar que tais acertos não têm razão alguma de ser.

Ainda há pouco vimos, no programa eleitoral de determinado candidato, que se inseria nesse programa o esfacelamento da lei de Separação do Estado das igrejas e o restabelecimento das relações diplomáticas com o Vaticano, sob pretexto de conservação do padroado do Oriente!

Vimos as pastorais prelatícias contra a mesma lei e os protestos ilegais e insolentes de padres e outros elementos reacionários contra os justos castigos aplicados a bispos delinquentes; vimos as miseráveis tentativas do estabelecimento de uma igreja extra-territorial estrangeira em Portugal; vimos os esforços envidados para a reconstituição do felizmente extinto corpo dos capelães militares, e vimos a célebre ordem nº 39 do C.E.P., sobre que não foram ainda dadas no Senado as explicações que Agostinho Fortes sobre o assunto há meses exigiu; vimos as tentativas do restabelecimento de congregações religiosas, e vemos sem resposta a interpelação do senador Tomás da Fonseca sobre o assunto; vemos sacerdotes servirem-se do altar e do púlpito para as suas diatribes de

política antiliberal e antirepublicana; vemos cidadãos insultados, agredidos, e até assassinados, pelo *horrível crime* de se não descobrirem à passagem de uma dessas carnavalescas cegadas, a que é moda tratar pela alcunha de *procissões*, e que melhor seria que as autoridades administrativas não tivessem a faculdade comprometedora e perigosa de permitir.

Vemos isto tudo e muito mais, cuja enumeração não cabe nos estreitos limites de um manifesto como este.

Mas, como se tudo isto fosse pouco, a muito mais se levou o descaramento na pernicioso propaganda reacionária. Agora é ao próprio *milagre* que se recorre para embrutecer o povo pelo fanatismo e pela superstição.

Que vem a ser um *milagre*? Nada mais do que uma contravenção às leis imutáveis da natureza, muito mais grave do que a transgressão de uma postura municipal, e por isso mesmo muito mais digna de castigo do que de veneração.

Todavia houve quem, conjugando gananciosíssimo com espírito fanatizador, arranjasse, com cenário esplendoroso em que o luxo espantoso do automóvel se casava hibridamente com modéstia da carriola aldeã e com a humildade do peão, uma comédia indecorosa que há dias levou milhares de pessoas a assistir, em Fátima, à exibição de uma *fita* ridiculamente fantasiosa em que se incutia no espírito do povo ingênuo a sugestão coletiva de uma suposta aparição da *virgem* mãe de Jesus de Nazaré a três crianças sugestionadas ou industriadas para servirem de comparsas a essa torpe e vergonhosa especulação, a um tempo mercantil e clérigo-reacionária!

Como, porém, não bastassem as tolas declarações dos pobres petizes a quem a tal *virgem* aparecia e falava sem que mais ninguém a visse e ouvisse, inventou-se quem *visse* o sol, a determinada hora de 13 de outubro de 1917 – no 8º aniversário do assassinio de Francisco Ferrer, isto é, em pleno século XX, e não em iguais dia e mês de 1917 –, dançar o fandango ou o chifarote com as nuvens!

E houve ainda mesmo quem desse a essa patranha indecorosa a lanterna luminosa da grande publicidade, assumindo desse crime a responsabilidade quem, pela sua ilustração, pela sua inteligência, pelos seus especiais conhecimentos em matéria teológica e pelas suas tradições brilhantes de outra *lanterna* bem diferente, não tinha o direito de se prestar a tão repugnante papel!

Não queremos entrar aqui em dissertações doutrinárias a respeito do valor ou não valor do dinheiro, porque não é essa a missão destas

coletividades. Mas não podemos deixar de acentuar que, por muito que ele valha ou valesse, nunca poderia, ou antes, nunca deveria valer o suficiente para comprar a consciência de quem preza a própria dignidade e conhece as responsabilidades e os deveres que essa mesma dignidade impõe.

Isto, cidadãos, é uma miserável tentativa de retrocesso, no intuito de mergulhar novamente o povo português nas densas trevas só próprias de tempos ominosos que se foram para não mais voltarem.

A República e os cidadãos que têm a seu cargo a tão nobre quão espinhosa missão de a dirigirem e de a fazerem trilhar à senda gloriosa da Civilização e do Progresso, não têm o direito de consentir na bestificação do povo pelo fanatismo e pela credice, pois isso seria, para ela e para eles, uma falta imperdoável ao cumprimento do seu primordial dever, não só para com a Pátria, mas para com a Humanidade em geral.

É, pois, dever indeclinável de todos nós reclamar dos poderes públicos, enérgicas e imediatas providências que desde já ponham ponto final nessa especulação abusiva com que a reação pretende fazer retrogradar o povo ao medievalismo.

Não devemos, porém, esperar tudo dos poderes públicos, à laia dos que, esperando tudo da hipotética *divina providência*, para nada contam com o próprio esforço, e aos quais é aplicável, com toda a propriedade, o velho aforismo: –“*Fia-te na Virgem e não corras, e verás o tombo que levas*”.

Temos, portanto, que, sem pôr de lado as providências que dos poderes públicos reclamamos, contar igualmente com o nosso próprio esforço, que servirá também de esteio e de apoio aos governantes para que possam honradamente desempenhar-se da missão que lhes incumbe.

Qual a forma de cooperar com aqueles de quem reclamamos providências para a consecução do que lhes exigimos? Por meio de uma propaganda intensiva e tenaz, levando pela persuasão ao espírito dos nossos concidadãos, a luz brilhante da Verdade, da Razão e da Ciência, convencendo-o de que nada pode alterar as leis da natureza, de que os pretensos *milagres* não passam de balelas miseráveis destinadas a abusar da credulidade filha da ignorância, restos de uma secular educação fradesca, muito difícil, mas ainda assim possível de lhe arrancar do espírito.

Eliminem os mais ilustrados, gradualmente, do cérebro dos que o não são ou dos que o são menos, a deletéria e embrutecedora crença no sobrenatural, e ter-se-á dado um grande passo para que cesse de

haver papalvos que se deixem ludibriar pelos *vigaristas* do mercantilismo e da reação que há dias os levaram a Fátima.

Que os professores, nas escolas e nos colégios, vão educando e instruindo racionalmente os seus discípulos, libertando-os dos preconceitos religiosos como de todos os outros, e teremos assim preparada para amanhã uma geração mais feliz do que a atual, por ser mais do que ela digna da felicidade.

Libertemo-nos, pois, todos, arrancando do nosso espírito, não só a tola credence em embustes grosseiros e hilariantes como o de Fátima, mas mui especialmente a crença no sobrenatural, num pretense *Deus* onnipotente, omnisciente e *omni* tudo o mais que fantasiar a arguta imaginação dos intrujões para armar ao efeito e embarricular a popular ingenuidade.

CIDADÃOS:

Viva a República!

Abaixo a reação!

Viva a Liberdade!

Editores - A Associação do Registo Civil e a Federação Portuguesa do Livre Pensamento.

Largo do Intendente, 45, 1º-Telef. 652, Norte
Comp.e Imp. na Tip. Leiria - R. da Horta Seca 64

Doc. 28
1917-12-03, Castelo Branco

Carta de Gonçalo Xavier de Almeida Garrett¹ para o Dr. Manuel Nunes Formigão, a relatar os fenómenos extraordinários a que assistiu, na Cova da Iria.

Publ.: DCF, III-1 - Doc. 334

C. Branco 3.11.17

Dia de S. Francisco Xavier

Ex.^{mo} Snr

Releve-me V. Ex^a a demora em responder à pergunta por V. Ex^a feita em carta dirigida a minha mulher, acerca dos extraordinários acontecimentos de Fátima, na parte relativa ao sol, nas horas do meio dia.

Foram os seguintes: 1º Os fenómenos duraram uns 8 a 10 minutos; 2º O sol perdeu o seu brilho ofuscante, tomando o aspeto da lua podendo ser encarado facilmente; 3º O sol por três vezes, durante esse período de tempo, manifestou um movimento rotatório na periferia, faiscando chispas de luz nos seus bordos, à semelhança do que se dá com as rodas de artifício de fogo muito conhecidas; 4º Esse movimento rotatório dos bordos do sol, 3 vezes manifestado e 3 interrompido, era rápido e durou 8 ou 10 minutos, pouco mais ou menos; 5º A seguir, o sol tomou a cor violácea e depois alaranjada espalhando essas cores por sobre a terra, readquirindo alfim o seu brilho e fulgor, impossível de ser encarado com a vista; 6º Foi *pouco depois do meio dia e perto do zénite*, (o que é importantíssimo) que estes factos se deram.

Peço a V Ex^a a favor de me dizer se confirma esta narrativa.

Relatam o Sr. Bispo de Portalegre e a Sr^a D. Maria de Jesus Raposo que estando com outras pessoas em Torres Novas, no dia 20 de outubro findo pelas *[sic]*? horas do dia viram o movimento de rotação do sol e mudança de cores.

¹ Nasceu no Porto a 30 de dezembro de 1842. Foi bacharel em Filosofia e doutor em Matemática. Faleceu a 10 de janeiro de 1925.

Diz a mesma Senhora que essas manifestações do sol foram muito diferentes das de Fátima e não tiveram a importância de 13 de outubro findo.

É urgente saber quais as diferenças, pois que ela assistiu a ambas. Desejo esclarecimentos sobre as diferenças.

O sol é incomparavelmente maior do que a terra, o qual tem um movimento próprio de rotação demorado, e não é feito em poucos momentos ou minutos por 3 vezes.

Respondendo a V Ex^a direi que não considero os fenómenos vistos e observados no sol, como astronómicos do sol propriamente dito, mas sim meteorológicos da atmosfera da terra sobre a imagem solar, quanto à cor e aspeto do brilho semelhante à lua, e também quanto à vista da rotação.

É muitíssimo para reter à hora do meio dia, perto do zénite, na qual os fenómenos meteorológicos têm menos intensidade sobre o sol.

Nos fins da tarde, estando o sol perto do horizonte, em que são grandes as evaporações as quais são atravessadas pelos raios solares. E assim há muitos cambiantes formosos ao pôr do sol de diversas cores e oscilações na atmosfera, principalmente no tempo de verão. Devem ser mais difíceis de produzir os fenómenos observados em Fátima ao meio dia do que pela manhã e à tarde, o que dá muito maior valor e importância àquele.

Até agora ninguém via as rotações faiscantes do sol e agora todos as veem muitos dias e vezes. Muito será imaginação.

Desejo fazer algumas perguntas a algum observatório meteorológico do país e talvez ao observatório astronómico de Coimbra. Há um assunto em que V. Ex^a não fala que se afigura a mim mais importante e singular talvez do que o relativo ao sol.

Diz que no local das aparições todas, e no momento em que elas bem se manifestavam, elevava-se sempre uma nuvem ao céu partindo da terra.

E mais se diz que a nuvem foi mais intensa no dia em que as crianças estavam presas. É um fenómeno repetido 6 vezes. É verdade? Há testemunhas de todas elas?

Na última aparição viu toda a minha família a nuvem, e como estava a alguma distância julgaram que havia lume e incenso no local. Por uma pessoa minha parenta e por outras que estavam perto das crianças verificou-se não haver lume algum.

Este fenómeno repetido 6 vezes, a horas certas, é para mim dos mais importantes, e porque se produziu junto a tantas e tantas pessoas. Admiro

a pouca importância que se liga a este ponto das aparições, o que não consta se desse em Lourdes.

Não tem explicação alguma, com as suas repetições, senão sobrenatural. Convinha obter testemunhas para as manifestações todas 6 do aparecimento da nuvem de fumo. Considero miraculoso. Considero miraculosas também manifestações extraordinárias do sol no dia 13 ao meio dia. Mas convém arranjar testemunhas oculares que mostrem ou digam as diferenças grandes das manifestações de 13 e as tais que todos agora querem ver e não viam até agora.

Admiro que V. Ex^a não fale das declarações da rapariga sobre a paz e o regresso das tropas portuguesas em breve a Portugal. Como concilia V. Ex^a estas declarações? Desejava que V. Ex^a me dissesse alguma coisa sobre este ponto. É verdade que este assunto é material e profano mas envolve uma profecia, que era muito importante na atualidade. Haverá equívoco da rapariga? Em verdade ainda se pode realizar tudo isto. Serão início os factos ocorridos na Rússia e o armistício?

É indispensável separar a rapariga de tantas e tantas perguntas. Repito que é urgente evitar as múltiplas perguntas.

Meu filho José Maria não se nega a fazer uma narração do que presenciou em Fátima, segundo ele me disse. Mas faria mais força se V. Ex^a lhe escrevesse uma carta diretamente, fazendo o pedido, não dizendo V. Ex^a que foi indicação minha.

Desculpe V. Ex^a esta carta com as minhas observações e declarações francas e leais, como é mister.

Para mim pedia o favor duma A. M. por minha intenção, pois muito careço.

Com toda a consideração

De V. E^a
At^{to} ob^{do} ag^{do}
Gonçalo de Almeida Garrett

Doc. 29
1917-12-18

Testemunho de José Maria de Proença de Almeida Garrett¹ sobre o fenómeno do sol, ocorrido em Fátima no dia 13 de outubro de 1917.

Publ.: DCF, III-1 - Doc. 345

18-12-1917

Vou relatar de uma maneira breve e concisa, sem frases que velem a verdade, o que vi em Fátima no dia 13 de outubro de 1917.

As horas a que me referirei são as que nessa época marcavam oficialmente o tempo segundo a determinação do governo que unificara a nossa hora com a dos países beligerantes. Faço isto para maior verdade pois me não era fácil designar com precisão o momento em que o sol alcançou o zénite.

Ceguei ao meio dia. A chuva que desde manhã caía miúda e persistente, tocada de um vento agreste, prosseguia, irritante, na ameaça de querer tudo liquifazer. O céu baixo e pesado tinha uma cor pardacenta prenhe de água, prenúncio de chuva abundante e de longa duração.

Quedei-me na estrada, ao abrigo da capota do automóvel e um pouco sobranceiro ao local que diziam ser o da aparição, não ousando meter-me ao lamaçal barrento e pegajoso do campo frescamente lavrado. Estaria a pouco mais de cem metros dos elevados postes que uma toska cruz encimava vendo distintamente em redor deles o largo círculo de gente que, com os guarda-chuvas abertos, parecia um vasto sobrado de broquéis.

Pouco depois da uma hora chegaram a este sítio as crianças a quem a Virgem (garantiam elas) marcara lugar, dia e hora da aparição. Ouviam-se os cânticos entoados pelo povo que as cercava.

Numa determinada altura esta larga massa, confusa e compacta, fechou os guarda-chuvas e descobriu-se num gesto que devia ser de humildade ou respeito mas que me deixou surpreso e admirado porque a chuva, numa continuidade cega, molhava agora cabeças, encharcava e ensopava. Disseram-me depois que esta gente, que acabou por ajoelhar na lama, tinha obedecido à voz de uma criança.

¹Filho de Gonçalo Xavier de Almeida Garrett e de Maria Joaquina Proença Almeida Garrett.

Devia ser uma e meia (14 h e meia) quando se ergueu, no local preciso onde estavam as crianças, uma coluna de fumo, delgada, ténue e azulada que subiu direita até dois metros, talvez, acima das cabeças para se nesta altura se esvaír. Durou este fenómeno, perfeitamente visível a olho nu, alguns segundos. Não tendo marcado o tempo de duração não posso afirmar se foi mais ou menos de um minuto. Dissipou-se bruscamente o fumo e passado algum tempo voltou a repetir-se o fenómeno uma segunda e uma terceira vez. Das três vezes, e sobretudo da última, destacaram-se nitidamente os fustes esguios na atmosfera cinzenta.

Dirigi para lá o binóculo. Nada consegui ver além das colunas de fumo mas convencido fiquei de que eram produzidas por algum turbulo, não agitado, em que queimava incenso. Depois pessoas dignas de fé afirmaram-me que era de uso produzir-se o acontecimento no dia 13 dos cinco meses anteriores e que nesses dias, como neste, nunca ali se queimara nada nem se fizera fogo.

Continuando a olhar o lugar da aparição numa espetativa serena e fria e com uma curiosidade que ia amolecendo porque o tempo decorrera longo e vagaroso sem que nada ativasse a minha atenção, ouvi o *bruhaha* de milhares de vozes e vi aquela multidão, espaiada, pelo largo campo que se estendia a meus pés, ou concentrada em vagas compactas, em redor dos madeiros erguidos, ou sobre os baixos socalcos que retinham as terras, voltar as costas ao ponto que até então convergira os desejos e ânsias e olhar o céu do lado oposto.

Eram quase duas horas.

O sol momentos antes tinha rompido ovante, a densa camada de nuvens que o tivera escondido, para brilhar clara e intensamente. Voltei-me para este íman que atraía todos os olhares e pude vê-lo semelhante a um disco de bordo nítido e aresta viva luminosa e luzente mas sem magoar.

Não me pareceu bem a comparação, que ainda em Fátima ouvi fazer, de um disco de prata fosca. Era uma cor mais clara, ativa e rica, e com cambiantes, tendo como que o oriente de uma pérola. Em nada se assemelhava à lua em noite transparente e pura porque se via e sentia-se ser um astro vivo. Não era como a lua esférica e não tinha a mesma tonalidade nem os claros-escuros. Parecia uma rodela brunida cortada no nácar de uma concha. Isto não é uma comparação banal de poesia barata. Os meus olhos viram assim. Também se não confundia com o sol encarado através de nevoeiro (que aliás não havia àquele tempo) porque não era opaco, difuso e velado. Em Fátima tinha luz e calor e desenhava-se nítido e com a borda cortada em aresta como uma tabela de jogo.

A abóbada celeste estava enevoadada de cirros leves, tendo frestas de azul aqui e acolá, mas o sol algumas vezes se destacou em rasgões de céu limpo. As nuvens que corriam ligeiras de poente para oriente não empanavam a luz (que não feria) do sol dando a impressão facilmente compreensível e explicável de passar por detrás, mas, por vezes, esses flocos, que vinham brancos, pareciam tomar, deslizando ante o sol, uma tonalidade rosa ou azul diáfana.

Maravilhoso é que, durante longo tempo, se pudesse fixar o astro, labareda de luz e brasa de calor, sem uma dor nos olhos e sem um deslumbramento na retina, que cegasse.

Este fenómeno com duas breves interrupções em que o sol bravo arremessou os seus raios mais coruscantes e refulgentes, e que obrigaram a desviar o olhar, devia ter durado cerca de dez minutos.

Este disco nacarado tinha a vertigem do movimento. Não era a cintilação de um astro em plena vida. Girava sobre si mesmo numa velocidade arrebatada.

De repente ouve-se um clamor como que um grito de angústia de todo aquele povo. O sol, conservando a celeridade da sua rotação, destaca-se do firmamento e sanguínio avança sobre a terra ameaçando esmagar-nos com o peso da sua ígnea e ingente mó. São segundos de impressão terrífica.

Durante o acidente solar, que detalhadamente tenho vindo a descrever, houve na atmosfera coloridos cambiantes. Não posso precisar bem a ocasião porque já lá vão dois meses passados e eu não tomei notas. Lembro-me que não foi logo no princípio e antes creio que foi para o fim.

Estando a fixar o sol notei que tudo escurecia à minha volta. Olhei o que estava perto e alonguei a vista para o largo até ao extremo horizonte e vi tudo cor de ametista. Os objetos, o céu e a camada atmosférica tinham a mesma cor. Uma carvalheira arroxeadada que se erguia na minha frente lançava sobre a terra uma sombra carregada. Receando ter sofrido uma afeção da retina, hipótese pouco provável porque dado este caso não devia ver as coisas em roxo, voltei-me, cerrei as pálpebras e retive-as com as mãos para intercepar toda a luz. Ainda de costas abri os olhos e reconheci que, como antes, a paisagem e o ar continuavam da mesma cor roxa.

A impressão que se tinha não era de eclipse. Vi o eclipse que em Viseu, onde estava, foi total. À medida que a lua marcha a esconder o sol, a luz vai-se acinzentando até que tudo se torna baço e negro. A vista alcança um pequeno círculo para lá do qual os objetos se vão tornando

cada vez mais confusos até que se perdem no negrume. Baixa a temperatura consideravelmente e dir-se-á que a vida na terra morreu. Em Fátima, a atmosfera, embora roxa, permaneceu transparente até ao confim do horizonte, que se distingue e vê claramente, e eu não tive a sensação de uma paragem na energia universal.

Continuando a olhar o sol reparei que o ambiente tinha aclarado. Logo depois ouvi um campónio que cerca de mim estava a dizer com voz de pasmo: esta senhora está amarela. De facto tudo agora mudara, perto e distante, tomando a cor de velhos damascos amarelos. As pessoas pareciam doentias e com icterícia. Sorri-me de as achar francamente feias e desairosas. Ouviram-se risos. A minha mão tinha o mesmo tom amarelo.

Dias depois fiz a experiência de fixar o sol uns breves instantes. Retirada a vista vi, após alguns momentos, manchas amarelas irregulares na forma. Não se vê tudo de uma cor uniforme, como se no ar se tivesse volatilizado um topázio, mas nódoas ou malhas que com o movimento do olhar se deslocam.

Todos estes fenómenos que citei e descrevi observei-os eu sossegado e serenamente sem uma emoção ou sobressalto. A outros cumpre explicá-los ou interpretá-los.

Para terminar devo fazer a afirmação, que nunca, nem antes nem depois do dia 13 de outubro, vi iguais fenómenos, solares ou atmosféricos.

José Maria de Proença de Almeida Garrett

No caso de ser utilizado este meu depoimento peço para que se faça a declaração, que algumas pessoas da Granja concorreram com 50.000 para a construção de uma capela, no local da aparição, e que este dinheiro foi entregue ao D^{mo} Pároco de Fátima. Por este modo indicado fica o paradeiro da quantia que nos fins de outubro me foi entregue.

Doc. 30
1917-12-27, Freixianda

Depoimento do P^e. Francisco Brás das Neves¹, sobre duas entrevistas com as videntes Lúcia e Jacinta.

Publ.: DCF, I - Doc. 26

P^e. Francisco Brás das Neves, coadjutor da freguesia da Freixianda, deste Patriarcado de Lisboa, declara: que, tendo entrevistado no dia vinte de outubro, do corrente ano, as duas meninas da freguesia da Fátima, que dizem ter-lhes aparecido Nossa Senhora no sítio da Cova da Iria, da mesma freguesia, no dia 13 dos meses de maio a outubro, inclusive, também do corrente ano, a mais velha, de nome Lúcia, lhe afirmara que Nossa Senhora, quando lhe apareceu no dia 13 de outubro, lhe prometera que a guerra havia de terminar naquele mesmo dia. Outrossim declara: que, encontrando-se de novo com ela, Lúcia, no dia oito do corrente mês de dezembro, e sendo-lhe feita a observação de que a guerra não tinha acabado no dia designado nem tão pouco até àquela data, pela mesma foi respondido que talvez se tivesse enganado, pois que a sua companheira Jacinta dissera que Nossa Senhora havia dito por sua vez que a guerra acabaria, sim, mas se o povo se emendasse. E, por ser verdade, faço a presente declaração, que assino, e, sendo necessário, juro.

Freixianda 27 de dezembro de 1917.

P^e. Francisco Brás das Neves

¹ Nasceu no Pedrógão (Torres Novas), a 5 de dezembro de 1884. Foi pároco das freguesias da Ribeira Branca, Zibreira e Alcanena. A partir de fins de 1915, foi coadjutor do Pe. Faustino Jacinto de Almeida, pároco da Freixianda. Em 1922 foi nomeado pároco de Seiça. Faleceu a 5 de novembro de 1923.

Doc. 31**1917-12-30, Vila Nova de Ourém**

Depoimento do Pe. Dr. Luís de Andrade e Silva¹ sobre o dia 13 de outubro de 1917.

Publ.: DCF, I - Doc. 27

Eu abaixo assinado, Luís de Andrade e Silva, bacharel formado em Teologia e direito pela Universidade de Coimbra, morador em Vila Nova de Ourém, declaro, que no dia 13 de outubro de 1917, observei na charneca de Fátima, o seguinte:

No local onde dizem ter aparecido Nossa Senhora, durante seis meses seguidos, estavam mais de cinquenta mil pessoas, mais de cem automóveis, incalculável número de carros, carroças, cavalos, bicicletas, e motocicletes, que, de quase todas as províncias portuguesas, vieram à Fátima, atraídos pela declaração de três inocentes crianças.

Pelas 12 ½ solares, pouco mais ou menos, chegaram ao local da aparição, as três crianças, apesar da chuva impertinente e atrevida, que tudo encharcava.

Quase toda aquela gente se descobriu a uma ordem das videntes.

Rezaram o terço, entoaram cânticos religiosos, cuja melopeia chegava até mim, que me encontrava à distância dos videntes, cerca de cem metros.

A chuva entretanto havia cessado.

A certa altura, ouço exclamações repassadas de admiração e pasmo, e vejo toda a gente, fitando o sol a olho nu.

Alguém a meu lado, chamou a minha atenção para o astro-rei, e divisei nele, fenómenos que, até hoje, jamais observei.

O globo do sol, semelhante a um disco de prata fosca, girava em volta dum eixo imaginário, e nesse momento, parecia descer na atmosfera, em direção à terra, acompanhado por vezes, dum brilho extraordinário, e dum calor intensíssimo.

Os raios solares apresentaram a cor amarela, verde, azul e roxa, segundo dizem, mas eu só reparei na cor amarela.

¹ Nasceu no Sardoal, a 11 de junho de 1887. Ordenado sacerdote a 25 de setembro de 1910. Exerceu advocacia e notariado em Vila Nova de Ourém e foi capelão em diversas localidades do concelho. Faleceu a 29 de dezembro de 1965.

Passados poucos minutos, durante os quais se deram esses fenómenos, já ninguém podia fitar o sol, porque os seus raios feriam a retina. Só quem presenciou estes fenómenos, pode avaliar o que então se passou, mas não os pode descrever exactamente.

Dizem-me que aqueles movimentos bruscos no sol foram anunciados pela Lúcia, já no mês de agosto, ou julho, como também me disseram, que antes destes fenómenos começarem a produzir-se no sol, no dia 13, a Lúcia dissera estas palavras, cuja autenticidade eu não posso garantir: “Reparem para o sol, porque a Senhora vai dar um sinal no sol, para toda a gente acreditar”.

Serão miraculosos os fenómenos que vi na Fátima, no dia 13 de outubro?

Não posso afirmar tal, sem receio de errar, mas no entanto, qualquer coisa de extraordinário, que eu não sei explicar, então aconteceu, o que é corroborado ainda pelos seguintes factos:

1º Ter lugar a primeira aparição, segundo a Lúcia diz, em maio de 1917, mês este, consagrado pela Igreja Católica, em louvor de Nossa Senhora, e terminar no mês de outubro e num sábado, que a Igreja também dedica a Nossa Senhora.

2º O facto de durante todas as seis aparições, as três crianças sempre rezarem o terço, entoarem cânticos religiosos, a que o povo se associava sempre.

3º O pedido da Senhora, transmitido pela Lúcia, para que o povo rezasse o terço e fizesse penitência.

4º O facto de naquela aglomeração de povo e de tantos e variados meios de locomoção, não haver um único desastre a lamentar, nem uma única desordem a apontar.

5º Dos milhares de pessoas que, nesse dia, em Fátima, observaram os movimentos do sol, nenhuma, que eu saiba, duvida da veracidade desses fenómenos, embora os não saiba explicar.

6º A rápida propagação por todo o país da aparição de Fátima, e a quantidade extraordinária de gente, de todas as classes sociais, que ali compareceram naquele dia, e continuam comparecendo ainda hoje.

7º O extraordinário número de devotos, que naquele dia se aproximaram da Sagrada Eucaristia, nas igrejas de Fátima, Ourém, Vila Nova de Ourém e outras.

É esta a minha declaração, para todos os efeitos.

Vila Nova de Ourém 30 de dezembro de 1917

Luís de Andrade e Silva

Doc. 32**1917-12-30, Vila Nova de Ourém**

Depoimento do Dr. Luís António Vieira de Magalhães e Vasconcelos¹, sobre as aparições de Fátima.

Publ.: DCF, I - Doc. 28

Depoimento que faz pela sua honra e pela sua fé de cristão, Luís António Vieira de Magalhães e Vasconcelos, solteiro, advogado e oficial do registo civil no concelho de Vila Nova de Ourém, sobre os factos ocorridos nas proximidades do lugar da Fátima, deste concelho, no ano de 1917. Já há meses corriam variadas versões de que a Virgem Nossa Senhora aparecia nas proximidades do lugar da Fátima a umas pequenas pastoras. Eu tinha conhecimento dessas versões e sabia que era grande a afluência de gente de várias categorias sociais ao local indicado pelas referidas pastoras, principalmente nos dias 13 de cada mês, pois eram os dias em que estas diziam que se davam as aparições. Tais boatos começaram a interessar-me e por esse motivo pretendi então informar-me do que se passava. Falando com algumas pessoas que lá tinham estado no dia treze de setembro, umas declararam-me que nada tinham visto, outras que tinham visto uma estrela, outras faziam descrições fantásticas. Tão pouca uniformidade havia nos seus depoimentos que me convenci de que se tratava de uma “blague” sem o menor fundamento. Esta minha convicção mais se avigorou, quando dias depois falei com um venerando sacerdote deste concelho², que me disse ter sabido casualmente que as pequenas pastoras tinham em casa um livro onde se descreviam os milagres de Nossa Senhora de Lourdes e da Virgem de La Salette. Este venerando Sacerdote mostrava-se pouco inclinado a

¹ Filho de Miguel Porto-Carrero de Souto Maior Vieira da Silva e Vasconcelos Sousa de Almeida, 3º Barão de Alvaiázere, e de Maria José da Câmara Faria Serpa Magalhães. Nasceu a 31 de março de 1881. Bacharel, formado em Direito pela Universidade de Coimbra. A 7 de janeiro de 1922, foi autorizado a usar o título de Barão de Alvaiázere. Casou com Clotilde do Rego Brandão da Fonseca Magalhães da Câmara e Vasconcelos, a 28 de junho de 1926. Exerceu advocacia em Ourém. Faleceu a 19 de setembro de 1955.

² Maria Celeste da Câmara e Vasconcelos, irmã do autor deste testemunho, em obra inédita, intitulada *Eu vi*, que se encontra no Santuário de Fátima, identifica este sacerdote como sendo o Pe. Faustino José Jacinto Ferreira, pároco do Olival e Vigário de Ourém.

acreditar na sinceridade das revelações feitas pelas pequenas. Escrupulosamente, conservava-se na espetativa, alheio a tudo, como alheio a tudo se tem conservado e conserva o clero deste concelho. Pela minha parte pensei então que a imaginação das crianças podia deixar antever toda a possibilidade de uma visão irreal, meramente subjetiva. Podia também tratar-se de uma mistificação de intuitos espetaculosos ou lucrativos e por isso entendi que era dever não me fazer eco desses boatos que visavam um assunto tão grave e tão melindroso. Com o insucesso só a Nossa Religião poderia perder. Por isso, quando se falava no caso, de aí em diante, mostrei sempre mais descrença do que espetativa. Foi nestas disposições de espírito que eu, no dia 13 de outubro, próximo passado, pela primeira vez me dirigi para o local das aparições. Era curioso; não era um romeiro. Na véspera e antevéspera desse dia, e mesmo durante a noite, eu vi uma enorme multidão atravessar esta vila em direção à Fátima. De longes terras vinham ranchos de camponeses, na sua maior parte descalços, que cheios de fé e devoção atravessavam esta terra, entoando cânticos religiosos como o “Bendito” e o “Queremos Deus”. Alguns com quem falei já vinham de catorze léguas de distância, mortos de fome e de fadiga, mas mostravam-se esperançados e contentes. Estes eram por certo os romeiros. Veículos de toda a espécie, desde a carroça desconjuntada até à “limusine” perfumada, atravessavam também a terra numa fila interminável. Estes últimos eram talvez na sua maior parte os curiosos, os “mirones”. Tive informações de que nas estradas de Torres Novas e de Leiria a concorrência foi igual. Como atrás deixei dito, no dia 13 parti para o local das aparições, logo de manhã, às oito horas, aproximadamente. Acompanhavam-me meus irmãos António e Fernando.

Logo à saída daqui, a chuva começou caindo copiosamente, tornando as estradas num contínuo lamaçal. O vento soprava rijo, principalmente nas alturas da serra da Fátima. Pelas estradas continuava ainda enorme concorrência. Passámos ao lugar da Fátima e seguimos pela estrada que liga este lugar com a vila da Batalha. A chuva continuava caindo torrencialmente. À distância de um quilómetro, aproximadamente, vimos uma multidão de muitos milhares de pessoas que de preferência se aglomerava nos outeiros. Seriam trinta mil pessoas, seriam cinquenta mil? Ninguém o poderia dizer ao certo. Parámos. Centenas de carros e automóveis, pejavam por completo a estrada enlameada. No fundo do vale, por entre a multidão, consegui divisar uns toscos postes de madeira clara que se assemelhavam a um trapézio, os quais eram encimados por uma pequena cruz, segundo depois observei de mais perto. A chuva era agora menos intensa. O sol continuava escondido entre grossas nuvens pardacentas. Em volta do trapézio a que me referi, aglomerava-se um

numeroso grupo. Era o local indicado pelas pastoras, no qual se concentravam todas as atenções. A paisagem naquele ponto é agreste e nada tem de interessante. Montes na maior parte cobertos de pedra e urze. Alguns carvalhos e azinheiras de pequeno porte alternam com um pinhal escasso que fica para os lados do nascente. Aqui e além, baixas paredes de pedra solta, quase desmoronadas, afirmam alguma estrema. Encontrei nessa ocasião, bastantes pessoas das minhas relações tanto de Lisboa como de vários pontos afastados daqui. Quase todas perguntavam a minha opinião, talvez com particular interesse, por saberem que vivia nesta região. A todas respondi, sorrindo incredulamente, que tudo era uma “blague”. “Que como católico, me não repugnava acreditar na possibilidade de um milagre mas que por isso mesmo que era católico, é que não acreditava, enquanto esse milagre se não operasse por uma forma evidente, inconfundível. Que o próprio clero do concelho duvidava também, segundo me constava”. Entre outras pessoas, lembro-me que disse isso à esposa do Snr. Emílio Infante da Câmara³, de Vale de Figueira e a seus filhos Emílio⁴ e José⁵, ao Dr. Gualdim de Queirós⁶, de Cernache de Bonjardim, ao Snr. José Rino⁷ de Alcobaça e a sua esposa, a Senhora Dona Capitolina Guimarães Rino⁸. Tentei aproximar-se do ponto onde estavam as pastoras que era junto do trapézio a que me referi anteriormente, a uns duzentos metros da estrada, mas não o consegui, tão compacto era o círculo de gente que se formava em volta delas. Assim não as consegui ver nem ouvir nessa ocasião; percebi apenas que oravam. Voltei para cima, para a estrada, e aproximei-me do Snr. José Rino e de sua esposa que estavam junto da sua “limusine” conversando com várias pessoas. Foi então que estes meus bons amigos que desde

³ Emílio Infante da Câmara nasceu em Vale de Figueira em 1888 e faleceu a 29 de janeiro de 1949. Filho de Emílio Infante da Câmara e de Emília César de Mac-Mahon. Casou com Emília Mota.

⁴ Emílio Infante da Câmara (neto), bacharel formado em direito, casado em 1915 com Maria da Nazaré Almeida Centeno.

⁵ José Infante da Câmara casado com Maria Luísa Schwalbach Ribeiro da Silva.

⁶ Gualdim António de Queirós e Melo, filho de Higinio Oto de Queirós e Melo e de Maria Violante. Nasceu em Cernache do Bonjardim, a 22 de outubro de 1867. Casou com Maria do Céu Matos, a 4 de janeiro de 1899. Faleceu a 2 de setembro de 1961.

⁷ José Pereira da Silva Rino, natural de Alcobaça e aí proprietário e lavrador.

⁸ Capitolina Guimarães Rino, filha de Joaquim Ferreira de Araújo Guimarães. Esta senhora adquiriu em Fátima, no dia 13 de outubro de 1917, uma estampa com a fotografia dos três videntes, que atualmente se encontra no Santuário de Fátima.

criança me conhecem pediram a minha opinião que lhes manifestei pela forma que anteriormente expus. Mostraram-se quase indignados e disseram-me “que para eles não restava a menor dúvida de que se tratava de um milagre, pois que eles já anteriormente, no dia 13 de setembro último, ali tinham estado e tinham presenciado no sol extraordinários fenômenos luminosos, precisamente à hora indicada pelas pastorinhas; que o clero não estava bem informado e que, se eu duvidava, que esperasse”. Como insistir seria inconveniência, calei-me, mas fiquei absolutamente convencido de que nada veria. Recordei então, como já por várias vezes tinha recordado aquele princípio de Gustave Le Bon que se resume à corrente hipnótica que a domina. Era preciso precaver-me, não me deixar influenciar. Esse meu amigo, tirando o relógio disse-me: faltam cinco minutos, à uma hora olhe para o sol, foi a hora anunciada pelas pastorinhas, depois me dirá.

Isto surpreendeu-me pois que para onde eu tencionava olhar e para onde eu julgava que todos olhariam era para o local onde se encontravam as pastoras. Constava-me que elas tinham afirmado que nesse dia se daria uma coisa que depois disso ninguém poderia duvidar. O céu nesse momento estava duma cor plúmbea. A chuva tinha parado. O sol não se via, encoberto pelas nuvens, e ninguém diria que ele tornaria mais a aparecer nesse dia tão chuvoso e tão desabrido. À uma hora em ponto, ouço um grande clamor. Esses meus amigos gritam-me: olhe, olhe, mas eu a princípio apenas via nuvens correndo ligeiras deixarem o sol a descoberto. De repente vejo uma orla intensamente cor-de-rosa, circundar o sol que se assemelhava a um disco de prata fosca, como já alguém disse, ao mesmo tempo que me dava a impressão de que este se deslocava da sua primitiva posição. Nuvens diáfanas, vaporosas, um tanto roxas, um tanto alaranjadas, perpassavam. Em vários pontos da linha do horizonte, contrastando com a cor plúmbea do céu, eu vi também manchas cor-de-rosa e amarelas. O clamor cada vez era maior. Isto não durou segundos: durou talvez minutos. Ao observar estas manifestações, que não duvidei um momento fossem devidas à Infinita Omnipotência de Deus, uma indiscritível impressão se apoderou de mim. Sei apenas que gritei, creio, creio, creio, e que as lágrimas caíam dos meus olhos, maravilhado, extasiado, perante essa demonstração do Poder Divino. Sei também que não senti a menor sombra de receio ou terror. Se não fosse católico, nesse momento ter-me-ia convertido. Lembrome também que não ajoelhei mas a maior parte das pessoas caíram de joelhos sem se importarem com o enorme lamaçal. Então estes fenômenos escapam à previsão da ciência e não escapam à previsão de umas

pequenas pastorinhas da serra, que os anunciam com uma precisão verdadeiramente matemática?!... Demais, sendo eles tão deslumbrantes, tão maravilhosos?!

Fui procurar meus irmãos que me disseram ter presenciado o mesmo, assim como as restantes pessoas que encontrei, variando um tanto as descrições do que observaram no sol. Às pessoas a quem tinha classificado o caso de “blague” disse-lhes o que vira e que estava agora absolutamente convencido de que estávamos em face de um milagre. O astro-rei brilhava agora intensamente e não mais deixou de brilhar nesse dia, assim como não tornou a chover. Quase no momento da partida encontrei o meu amigo Emílio Infante da Câmara que me disse ter ido ver as pastoras e que estas tinham dito: que a guerra acabaria brevemente, ou que acabaria de ali a oito dias (não posso precisar). Disse-me também que elas estavam vestidas com “toilettes” de primeira Comunhão. Começava a debandada. Regressámos a casa.

Algumas semanas depois voltei ao local das aparições para entrevistar as pastoras. Desejava conhecer essas crianças. Acompanharam-me minha mãe, a Baronesa de Alvaiázere⁹, minha irmã, Maria Celeste¹⁰, e o meu particular amigo Conde do Juncal¹¹, e sua Ex.^{ma} Mulher, que então eram nossos hóspedes. Junto da Igreja da Fátima parámos e pedimos que nos dissessem onde se encontravam as pastorinhas. Disseram-nos que deviam estar no local das aparições e que o pastorinho que as acompanhava e a quem a Virgem também aparecia que estava ali próximo e que o iam chamar. Pouco depois apareceu este. Era uma criança de dez a doze anos, trajando à moda do campo, bastante alegre e despreocupado, ao que parecia. Convidámos o pequeno a acompanhar-nos ao que ele se prontificou logo, saltando sorridente para o automóvel que nos conduzia. Fizemos-lhe várias perguntas mas ele sorria mais do que falava, mostrando-se muito deslumbrado com as várias peças do automóvel. Junto do local, em frente de uma mesa de madeira bastante velha, onde estava colocado um Crucifixo, várias pessoas oravam. Lá estava o tronco da azinheira cortada e os tais postes de madeira dos quais pendiam duas lanternas de lata. Ajoelhámos e rezámos também.

⁹ Maria José da Câmara Faria Serpa Magalhães. Faleceu a 1 de janeiro de 1934.

¹⁰ Maria Celeste da Câmara e Vasconcelos, nascida a 22 de março de 1897. Faleceu, solteira, a 16 de setembro de 1977.

¹¹ Pedro Sande Mexia Aires de Campo Vieira da Mota, segundo filho dos Condes do Ameal. Casou duas vezes: a primeira com Maria Albina Cochofel da Silva Correia; a segunda, com Maria Luísa Tavares Aires de Campos.

A pequena Lúcia, aquela a quem a Virgem aparecia, conversava a certa distância com alguns forasteiros. Esperámos que estes a deixassem e aproximámo-nos dela. Esta era uma criança dos seus doze anos, de feições grosseiras e de cor muito macilenta. Estava vestida pobremente, à moda do campo, tendo ao peito uma pequena flor de papel vermelho e nas mãos um pequeno cofre, onde tilintavam algumas moedas. Tinham um ar tristonho e sombrio. Narrou-nos a aparição da Virgem da forma que já é de todos conhecida. Que a Virgem lhe dissera “que nós tínhamos ofendido muito a Deus e que nos emendássemos”. “Que fízéssemos ali uma capelinha e que lhe pusessem o nome da Senhora do Rosário”. “Que a guerra acabaria em breve”. Perguntando-lhe minha irmã o que vira ela no sol na ocasião do milagre, respondeu “que vira S. José”. Perguntei-lhe também se ela não tinha receado que se não desse o milagre pois que o povo a poderia matar julgando que ela estivesse enganando todos, disse-me com certa energia “que sabia que o milagre se daria e que por isso nem em tal perigo tinha pensado”. Disse-nos também que já tinha anteriormente ouvido contar os milagres da Senhora de Lourdes. Uma mulher que dizia ser tia dela auxiliava-a algumas vezes nas respostas e fazia várias considerações sobre um segredo que elas tinham e que a ninguém o revelavam embora já lhes tivessem feito vários promettimentos sedutores e até as tivessem ameaçado de que as deitariam a um poço ou de que as queimariam se elas o não revelassem. Disseram-nos ainda que as esmolas que recebiam eram para a construção de uma capela e que dessas esmolas era depositária outra mulher que ali se encontrava. Informaram-nos também ali que a pequena se encontrava fatigadíssima com a constante série de perguntas que toda a gente lhe fazia. A referida pequena, umas vezes me parecia concentrada, outras vezes me parecia distraída. Devo declarar que a impressão que me deixou não foi boa, ou foi pelo menos muito diferente da que eu esperava. Uma criança cheia de lógica, de coêrencia e de perspicácia seria também de rezear. Se apesar dessas aparências estava ali uma criatura escolhida por Deus para uma tão assombrosa revelação, não posso eu dizê-lo. No regresso, parámos novamente junto da Igreja da Fátima; ali conseguimos falar à outra pequena, cujo nome não me recorda. Subiu ao estribo do automóvel que nos conduzia mas não conseguimos arrancar-lhe uma palavra por mais diligências que empregámos para esse fim. Tinha esta aspeto muito jovial e uns olhos expressivos. Devia ter sete ou oito anos de idade. Do que venho expondo concluo duas coisas que pelos menos aparentemente brigam uma com a outra. A primeira: se Deus não quisesse mostrar a todos os que foram ao local das aparições, que eram exatas as revelações

feitas pelas referidas pastoras, teria a Sua Infinita Omnipotência impedindo que se dessem essas deslumbrantes manifestações tão extraordinárias no Sol e no Céu, as quais toda a gente que estava nesse local, observou no dia 13 de outubro, próximo passado, e que foram anunciadas pelas mesmas pastoras, e só por estas, com grande antecedência e com uma precisão da hora e local absolutamente matemáticas. A segunda: tendo as mesmas pastoras declarado que a Virgem Nossa Senhora lhes dissera que a guerra acabaria brevemente e sendo certo que esta ainda não acabou, teremos de concluir que as pastoras faltam à verdade, pois a Virgem é que por certo se não enganava, nem tal é admissível. Que se referiam à guerra europeia, não há dúvida pois que, segundo ouvi dizer, as referidas pastoras ainda acrescentaram que os nossos soldados em breve regressariam à pátria, mas não poderá o advérbio brevemente ser tomado numa aceção mais lata e não poderá assim referir-se a um período de tempo maior dos que os três meses que aproximadamente já decorreram? Não podia haver qualquer equívoco por parte das mesmas crianças na interpretação das Expressões Divinas? Que o digam aqueles que têm de proferir o seu “verdictum” sobre este assunto gravíssimo, porque se assim fôr, por completo desapareceram todas as contradições para só ficar de pé em todo o seu esplendor a minha primeira conclusão, isto é, a de que as pastorinhas falam verdade e se estas falam verdade não pode haver dúvidas de que foi um milagre o que se deu no dia 13 de outubro próximo passado, nas proximidades do lugar da Fátima. Não cabem nos moldes deste depoimento quaisquer considerações científicas ou filosóficas e por isso me limitei a narrar circunstanciadamente o que vi e observei, com toda a exatidão e com toda a imparcialidade, desapaixonadamente, o que mais uma vez juro pela minha fé de cristão e afirmo pela minha honra.

Vila Nova de Ourém aos trinta de dezembro de mil novecentos e dezassete.

Luís António Vieira de Magalhães e Vasconcelos

Doc. 33
1918-06-01

Carta de Ana Maria da Câmara¹ a sua irmã Maria de Jesus², a contar a sua ida a Fátima, no dia 13 de maio de 1918.

Publ.: DCF, III-2 - Doc. 370

1.6.1918

[...]

A nossa mana Emília, graças a Deus vai melhorando. Logo que aumente mais um quilo, vai para o Tortozendo onde o ar é ótimo. O Aníbal de Castro esteve cá ontem e confirmou as melhoras que tinha encontrado nas duas últimas vezes que cá esteve.

Agora vou-lhe contar um grande passeio que eu dei. Imagine que fui passar o dia 13 a Fátima. Era um plano que eu tinha encasquetado há muito tempo e pude realizá-lo. Parti no domingo às 8,50 com a Maria Inocência³ e chegámos a Chão de Maçãs às 3 e meia da tarde. Fomos hospedadas para casa de um conhecimento da Maria Inocência: Jaime Landal e mulher. Essas duas criaturas e uma pequena de 12 anos foram de uma amabilidade comigo que eu nem sei como agradecer-lhes, mas muito me poderiam ter desanimado na minha crença sobre a visita de Nossa Senhora, se eu a não tivesse tão arreigada. Ouvi isto tudo: “A pequena mais velha, a Lúcia, é uma espertalhona, sustenta o seu papel há um ano. Imita em tudo a Bernadete, descreve Nossa Senhora tal qual como a de Lourdes, falando sempre na faixa azul; pede dinheiro a toda a gente, etc, etc. Alguém que queria uma capela ali inventou isto tudo. O Francisco não fala com ninguém, e se o faz, é só para contradizer a Lúcia, etc., etc.”

Eu ouvia e ia dizendo o que me parecia saltar aos olhos: se alguém se lembrasse de querer armar uma história destas, arranjava uma heroína, nunca três; e talvez pudesse despachar tudo numa só sessão, sem o

¹ Nasceu a 21 de janeiro de 1881. Filha de João Evangelista Gonçalves Zarco da Câmara e de Eugénia de Melo Breyner. Foi educanda no Colégio das Religiosas da Visitação de Santa Maria, em Belém, Lisboa. Faleceu a 4 de julho de 1928.

² Maria de Jesus residia em França.

³ Maria Inocência Caldas Magalhães.

perigo de estender uma invenção por seis compridos meses. “E os sinais?” perguntava eu triunfante. “Ilusão, sugestão”, etc. Quem falava eram cristãos e praticantes, não havia da sua parte a menor má vontade. Mas eles ainda não tinham ido falar com os pequenos. Partimos às 10 da manhã de carruagem. Chegámos perto da 1 hora. Lá está o altar tosco, as lâmpadas de lata, muitas flores; quem chega junta o seu ramo ao monte. O que resta da carrasqueira, um tronco raso ao chão, está resguardado por pedras, e nos intervalos destas, ardem algumas velas. Tudo primitivo e duma simplicidade que dispõe bem. Pouca gente. Uma mulher reza alto o rosário, dizendo as intenções dos mistérios com palavras lindas. Não se ouve senão rezar pelos nossos soldados, vivos e mortos, pelas famílias, pela conversão dos pecadores, pela nossa terra. Alguém me mostra o Francisco e, momentos depois, acabado o rosário, vou ter com ele. É um pequenito, tem um olhar lindo. Sento-me ao pé dele e começo a minha conversa: – “Viste Nossa Senhora?” – “Vi”. – “Como vinha vestida?” – Toda de branco e oiro.” – “E não trazia nada de cor?” – “Não”. – “E na cabeça?” – “Um manto.” – “E mais nada?” – “Sim, trazia uma coisa.” – “O quê?” – “Não sei, uma coisa.” – “E via-se o cabelo?” – “Não”. – “E os olhos de que cor eram?” – “Eram pretos.” Estas respostas eram dadas com um ar de uma naturalidade enorme, um pouco arrastadas. Todas as três crianças com quem falei separadamente, mudam de tom descrevendo o olhar de Nossa Senhora. Vê-se que foi o que mais as impressionou. A Lúcia diz dos olhos: – “Eram muito escuros.” – “E o fato?” – “Branco e oiro.” – “Com cinto de cor?” – “Não, com estrelas de oiro; olhe, tinha uma no peito.” – “E na cabeça?” – “Um manto e uma coisa, assim...” – “Mas o quê?” – “Não sei, era assim um açafatico” (um açafatezinho). Eu nem disse a palavra coroa que me veio logo à ideia; deixar a pequena explicar-se como sabe, e confesso que achei de apetite a comparação. – “E via-se o cabelo?” – “Não.” – “Olha, Nossa Senhora estava a rir-se, alegre?” – “Não, estava séria.” “Zangada?” – “Não, séria.” – “Trazia as contas, não trazia?” – “Sim, umas contas brancas e quando falava abria as mãos, assim...”. A pequena tirou as contas da algibeira e explicou o que tinha visto. A certa altura diz-me que Nossa Senhora tinha muita luz. – “Como o sol?” – “Mais do que o sol.” Uma senhora que ali estava, diz-lhe: – “Porque tiveste medo ao princípio? Se eu te aparecesse, tu não fugias.” – “É que a senhora não me cegava.” Diz que Nossa Senhora pede ao povo que se emende, que reze muito o terço e faça uma capela a Nossa Senhora do Rosário. A pequena repete muitas vezes: “O povo não se emenda, o povo não se emenda...”.

O que ninguém pode dizer é que a Igreja ajuda a isto. Tem estado de uma reserva que quase parece má vontade. Mas tem de ser assim, enquanto não houver grandes milagres a confirmar esta graça. Fala-se de uma rapariga tuberculosa em 3º grau, curada por Nossa Senhora do Rosário de Fátima, mas o Padre Formigão que se ocupa em recolher todos os depoimentos, não conseguiu ainda falar com os médicos que a trataram. Vi uma mulher que há 8 meses sofria de um tumor no peito. O médico dizia que só poderia melhorar depois de ser operada em Lisboa. Faz a promessa de ir com 9 companheiras a Fátima se se curar. Em poucos dias o tumor que era aberto, fecha e o estado geral volta ao antigo. Lá estava cumprindo a promessa. Igualmente vi uma criancinha que durante uns poucos de meses trouxe uma perninha encolhida, sem que as receitas do médico, banhos, etc., dessem o menor resultado. A mãe faz a promessa de 2 velas e uma perninha de cera a Nossa Senhora da “Azinheira”, vai lavar ao rio e, quando volta, o pequenino tinha a perna igual à outra. Agora Nossa Senhora fará o resto, se foi Ela que nos visitou, e se nós não a recebemos mal demais.

... Recebemos as suas notícias pelo J. P. Ficámos todos contentíssimos. Veja se manda dizer pouco mais ou menos, quando pensa vir até cá, que é para irmos fazendo “pontaria” para essa alegria. Ontem esteve cá o Janiquinho. É um amor de simpatia. Assim que se lhe pega encosta a cabecinha à nossa cara. Os olhos são enormes e escuros, mas não o acho nada Ribeira. Acho-o atrasadinho e não é alegre, mas lembro-me sempre do outro João que era assim, tal qual e se tornou um colosso de saúde e alegria.

Tudo por cá está bem, graças a Deus. Estou-lhe escrevendo à luz de uma vela, o mais tremeliques que é possível.

Aceite saudades enormes de todos.

O maior beijo da irmã amicíssima

Ana Maria

Doc. 34**1918-06-18, Maceira**

Depoimento de Maria do Carmo¹ sobre a sua cura, de agosto a novembro de 1917, na Cova da Iria, recolhido pelo Pároco de Maceira, concelho de Leiria.

Publ.: DCF, I - Doc. 38 (obs.: este documento faz parte do Processo Paroquial de Fátima).

Eu Manuel Antunes Marto², Prior da freguesia de Nossa Senhora da Luz de Maceira, concelho de Leiria, diocese de Coimbra³, a pedido do mui digno Prior da freguesia de Fátima, Manuel Marques Ferreira, chamei à minha presença Maria do Carmo, minha paroquiana, casada com Joaquim dos Santos, que me merece inteira confiança e que declarou o seguinte: Ter andado doente cinco anos e sem esperança de melhorar, pois de dia para dia, sentia faltarem-lhe as forças, andava muito magra, tinha muita tosse, passando noites inteiras a tossir pelo que a julgaram tuberculosa e ela também estava convencida disso; convencida a ponto de retirar as crianças, suas filhas⁴, de junto de si, para as não contagiar. E constando-lhe que na fregueia da Fátima aparecera Nossa Senhora a umas criancinhas, fez a promessa de lá ir no dia treze de quatro mezes seguidos a pé e rezando todo o caminho a fim de ver se Nossa Senhora a melhorava. Logo que lá foi a primeira vez, com muita dificuldade, sentiu melhoras, pois o caminho custou-lhe menos quando voltou do que quando para lá foi.

¹ Nasceu em Alcobaça. Casou com Joaquim dos Santos, a 13 de janeiro de 1897, ficando a residir no Arnal, freguesia de Maceira, concelho de Leiria. Faleceu a 20 de janeiro de 1982, com 82 anos de idade.

² Nasceu a 7 de março de 1884. Foi ordenado sacerdote a 18 de julho de 1909. Foi coadjutor e pároco de Maceira, onde faleceu, a 7 de outubro de 1918, vítima da pneumónica.

³ A freguesia de Maceira pertenceu à diocese de Coimbra no período em que a diocese de Leiria esteve extinta. À data deste documento, já estava restaurada (17 de janeiro de 1918). O lapso do Pároco deve-se ao hábito criado.

⁴ Maria do Carmo teve cinco filhos: Júlia (n. 1897), Maria (n. 1902), José (n. 1904), Carlos (n. 1917) e Maria do Rosário (n. 1910).

Continuou sempre experimentando melhoras e no dia treze de novembro do ano mil novecentos e dezassete, dia em que completou a sua promessa, achou-se completamente boa, atribuindo a sua cura a um milagre de Nossa Senhora de Fatima. Por verdade fez este declaração que assigna. Maria do Carmo.

Maceira, 18 de junho de 1918

A Declarante

O Prior *Manuel Antunes Marto*

Doc. 35
1918-07-23

Depoimento do Dr. Gonçalo Xavier de Almeida Garrett publicado no jornal “A Ordem”¹, de 23 de julho [data de redação: 19 de junho de 1918].

Publ.: DCF, III-2 - Doc. 372

FÁTIMA

A pedido do Ex.^{mo} Sr. Dr. Gonçalo de Almeida Garret, publicamos o seguinte artigo sobre os acontecimentos de Fátima, acerca dos quais aguardamos o juízo da autoridade eclesiástica:

As coisas de Deus manifestam-se em abundantes contradições e perseguições.

Assim aconteceu a Cristo durante a sua vida evangélica.

Semelhantemente às aparições da Virgem da Conceição concedidas a Bernadette. A quantos inquéritos, ameaças e questões foi sujeita a inocente pastora de Lourdes.

Em Fátima, as aparições de carácter sobrenatural manifestam-se providencialmente de maneira diversa, para obviar ao indiferentismo da época, à falta de crenças religiosas e à carência de moralidade.

1º Não é só um testemunho, mas sim de três inocentes pastorinhos a certificar as aparições da Virgem do Rosário, com maior confirmação da verdade.

Os fenómenos e os factos são preditos e anunciados, sendo fixados pelas crianças os dias e horas, com meses de antecedência.

Estes pastores têm sido sujeitos a contestações, cada um em separado e todos juntos.

Apesar das pressões, ameaças e promessas, sempre a mesma singeleza, cunho de verdade e harmonia nas respostas.

Há as declarações de Lúcia, a mais velha dos pastorinhos, de que a Senhora lhe dissera que a guerra estava terminada.

Portugal ia sofrendo guerra em África e França, fora da Pátria, e guerra religiosa no seio da família portuguesa. A qual delas se relacionam as palavras de Lúcia?

¹ Diário católico fundado a 2 de fevereiro de 1916. Diretor: J. Fernando de Sousa.

As aparições da Senhora do Rosário, em Fátima, junto à viridente e abençoada azinheira, em terra portuguesa, não se manifestaram, por certo, em motivo da guerra de morticínio em longes terras estrangeiras, mas sim por causa da guerra religiosa em Portugal e também para emendarmos e regenerarmos em costumes, em ideias e princípios religiosos.

Se continuam contradições e ataques contra Fátima, também se manifestam exuberantes provas de sobrenatural das aparições, já pelas orações incessantes dirigidas a Nossa Senhora de Fátima, já pelas muitas graças e curas extraordinárias.

No dia do aniversário da primeira aparição, várias pessoas dirigiram-se a Fátima em piedosa romagem.

Umas iam depositar preces fervorosas pelo bem espiritual e pela saúde dos seus entes queridos, junto à azinheira e sobre o modesto altar da Virgem do Rosário, adornado de luzes e flores naturais.

E outras seguiam em agradecimento de amor, pelas abundantes graças obtidas e pelas curas consideradas miraculosas sobre as quais não havia poder na medicina.

Uma mãe levava devotamente duas velas em reconhecimento da cura de um filhinho que a acompanhava.

A Virgem do Rosário estima mais os corações do que o valor da oferenda.

Tinha esta criancinha uma perna encolhida. Foram infrutíferos os banhos e demais remédios receitados pelo médico, não se manifestando melhoria alguma. Um dia, perdida toda a esperança nos medicamentos, a desolada mãe prometeu ir a Fátima oferecer umas velas à Senhora da Azinheira, pela cura do seu filho.

A seguir foi ao rio lavar. Quando regressou a casa encontrou a criança completamente curada. Qual não foi a imensa alegria e grata comoção da mãe e de todos os seus.

Ainda no mesmo dia ali foi uma rapariga acompanhada de nove donzelas, em devota romagem, no cumprimento de um voto pela sua cura extraordinária e sobrenatural, que a Senhora de Fátima lhe concedera.

Tinha ela, há 8 meses, um tumor no peito e que já supurava. O médico foi tratando, durante algum tempo, a doente, sem resultado algum. Declarou alfim que tinha de ir a Lisboa, pois só uma operação a podia salvar. Desanimada por completo dos recursos humanos, a doente prometeu ir a Nossa Senhora da Azinheira, com nove donzelas, se fosse curada, rezando o rosário à Virgem. Poucos dias depois, fechou o tumor,

que supurava muito, ficando a rapariga de ótima saúde, como foi vista em Fátima.

Estes e outros factos análogos, tão extraordinários, serão por certo meticolosamente examinados e apreciados pela autoridade competente.

Cumpre-nos aguardar o seu julgamento.

Mais duas palavras para concluir.

Uma pessoa de toda a respeitabilidade, pertencente a uma das famílias mais distintas de Lisboa, esteve em Fátima no dia do aniversário, de 13 de maio. Relata em carta as duas curas mencionadas.

Castelo Branco, 19 de junho de 1918

Dr. Gonçalo X. Almeida Garrett

Doc. 36
1918-08-06, Fátima

Relatório do Pe. Manuel Marques Ferreira, pároco de Fátima, sobre os factos ocorridos na sua freguesia, nos dias 13 de maio a outubro de 1917. Contém os depoimentos dos videntes Lúcia de Jesus, Jacinta Marto e Francisco Marto.

Publ.: DCF, I - Doc. 31

Ex.mo e Rev.mo Senhor
Arcebispo de Mitilene de Lisboa

Em obediência ao que me foi ordenado por V^a Ex.cia Rev.ma em ofício de três de novembro de mil novecentos e dezassete, referente aos factos ocorridos neste freguesia de Fátima, desta Diocese de Leiria, nos dias treze de maio a outubro do referido ano de mil novecentos e dezassete, relativos às singulares graças do Céu de que se dizem favorecidas três crianças desta freguesia, cumpre-me expôr o que hei averiguado das aludidas crianças e de algumas pessoas fidedignas.

Primeira Aparição a 13 de maio

As crianças que se dizem favorecidas do Céu pela Visão ou Aparição de Nossa Senhora são: Lúcia de Jesus, de dez anos de idade, Francisco de nove anos, e Jacinta de sete anos de idade. A Lúcia de Jesus é filha de António dos Santos e Maria de Jesus¹, e o Francisco e a Jacinta são filhos de Manuel Pedro Marto² e Olímpia de Jesus, todos naturais e moradores no lugar de Aljustrel desta freguesia e são primos co-irmãos.

[Depoimento de Lúcia]

Logo que começou a correr a notícia de que Nossa Senhora havia aparecido no dia treze de maio às referidas crianças, e que disso tive conhecimento, o que foi cerca de quinze dias depois, mandei vir a minha casa, e residência paroquial, a mãe da vidente Lúcia e que se fizesse acompanhar desta. Vem a mãe com a filha, mas toda lastimosa por julgar,

¹ Pai de Lúcia. Nasceu a 3 de janeiro de 1868, em Aljustrel; casou a 19 de novembro de 1890 com Maria Rosa. Faleceu a 31 de julho de 1919.

² Nasceu em Fátima, a 30 de julho de 1873. Casou com Olímpia de Jesus a 17 de fevereiro de 1898 e faleceu, em Aljustrel, a 3 de fevereiro de 1957.

² Ou Maria Rosa (mãe de Lúcia).

diz ela, que tudo é mentira; manda à filha que desdiga o que havia dito, que será um grande mal tal mentira. Ameaça, e diz já ter ameaçado a filha com muitas coisas que lhe hão de acontecer se ela continuar a dizer que viu Nossa Senhora e mentir. Diz que só estas coisas lhe estavam reservadas para ela, etc., etc.

Procuro serenar a aflita mãe, dizendo-lhe que, se fôr verdade o que dizem, é uma grande glória para ela e sua família. Oh!!... se fôr verdade... mas se fôr mentira?!... exclama a duvidosa mãe. Aconselho-a a ter pela filha os mesmos cuidados que até ali tem tido; que na ocasião, em que, porventura, a filha haja de ir ao local da Aparição a não mande nem a estorve, e que a traga à minha presença sempre, e só, após o dia da Aparição, caso ela diga que continua a ter a graça de ver Nossa Senhora; o que tudo prometeu fazer, oferecendo-se até, a vir, na véspera ou ante-véspera, com a filha à minha presença para eu lhe indicar qualquer coisa que a filha houvesse de fazer ou dizer na ocasião da Aparição. Disso a dissuadi para evitar algum mau conceito que a impiedade ou os mal intencionados pudessem fazer, como ainda assim fizeram.

Posto isto, procedi ao interrogatório da filha – a dita vidente Lúcia – a qual disse que no dia treze do corrente mês de maio, andava pastoreando as ovelhas, com os primos Francisco e Jacinta, no sítio chamado Cova da Iria – fica a dois quilómetros a noroeste desta Igreja Paroquial de Fátima, junto à estrada que segue para a Batalha – por cerca de uma hora da tarde – hora solar – e que tendo acabado de rezar as contas – o terço – (o que fazia muitas vezes), viu um relâmpago de que teve muito medo; começou logo a ajuntar as ovelhas e a mandar os primos ajuntá-las para se irem embora, – para casa –, dizendo que vinha lá trovoada, mas não via nuvens. De repente, viu outro relâmpago e logo uma Senhora, de mediana estatura e extraordinária beleza, em cima de uma carrasqueira – azinheira pequena – e que lhe disse:

– Não tenhas medo que te não faço mal.

E que ficando logo sem medo algum Lhe perguntou:

– Que lugar é o de Vossemecê?

E a Senhora lhe respondeu:

– O meu lugar é o Céu.

– O que vem Vossemecê cá fazer ao mundo?

– Venho cá para te dizer que venhas aqui todos os meses até fazer seis meses, e no fim dos seis meses te digo o que quero.

– Vossemecê sabe-me dizer se a guerra ainda dura muito tempo ou se acaba breve?

– Não te posso dizer ainda, enquanto te não disser também o que quero.

- Sabe-me dizer se eu vou para o Céu?
- Tu vais.
- E a minha prima?
- Vai.
- E o meu primo?
- Esse ainda há de rezar as contas dele...
- Dito isto que a Senhora se começou a elevar, no ar, seguindo para o nascente até desaparecer.

A visão

Disse a Lúcia que a Senhora, que ela e seus primos viram, tinha um pouco mais ou menos de um metro de altura e vinha vestida de branco. A saia era branca e dourada aos cordõezinhos ao comprido e a atravessar e era curta, isto é não descia até aos pés. O casaco era branco não dourado. Manto branco, que ia da cabeça até à orla da saia, dourado aos cordõezinhos de alto a baixo e a atravessar, nas orlas o ouro era mais junto. O casaco tinha dois ou três cordõezinhos dourados nos punhos. Não tinha cinto, fita, faixa à cintura. Tinha as mão postas, um pouco acima da cintura e delas pendia um terço branco. Todas as vezes que falava, separava as mãos, pouco mais ou menos, à distância dos ombros. Tinha os olhos pretos, e era tão linda no rosto, como nunca tinha visto Senhora alguma. Quase a cegava a sua beleza, e nunca se cansava de olhar para Ela.

Parecia-lhe que tinha meias brancas, não douradas, mas que não dava a certeza porque para pouco mais olhava do que para o rosto. Até mesmo em uma ocasião na minha presença, estando também a Jacinta, ela volta-se para esta e pergunta-lhe se Ela trazia meias, porque não tinha reparado.

Segunda Aparição a 13 de junho

Logo após o dia treze de junho comparece na minha presença e residência paroquial, a menina Lúcia acompanhada de sua mãe. Procedi ao interrogatório da Lúcia, a qual me disse que no dia treze do corrente mês de junho, por cerca de uma hora da tarde, se dirigiu com seus primos Francisco e Jacinta para a Cova da Iria. Chegados lá, rezou o terço, com as pessoas que estavam presentes. Terminado o terço, iam as pessoas para rezar a Ladainha, e ela, que já tinha visto o relâmpago, lhes disse: não comecem que já não têm tempo.

Que vai mais para o pé da carrasqueira e vê chegar a Senhora, vindo do nascente. E lhe pergunta:

- Então o que é que me quer?
E a Senhora respondeu:
– Quero-te dizer que voltes cá nos dias treze e que aprendas a ler para te dizer o que quero.
– Então não me quer mais nada?
– Não te quero mais nada.
E logo se começou a elevar e desapareceu.

Terceira Aparição a 13 de julho

No dia catorze do mês de julho, compareceu na minha presença e residência paroquial, a vidente Lúcia, vindo acompanhada de sua mãe.

Procedi ao interrogatório, e ela, – a vidente Lúcia – disse que no dia treze deste mês de julho, se dirigiu com os seus primos, Francisco e Jacinta, à hora do costume, para a Cova da Iria, e que chegados lá pediu o terço – isto é, presidiu à sua recitação, – rezando-o com o povo (calculado em duas mil pessoas) –. Terminado o terço esperou um bocadito, e logo viu o relâmpago e em seguida veio a Senhora. Levantou-se, estava ajoelhada, e diz ao povo que se chegue para trás alguma coisa; que ajoelhem os que puderem e quiserem, e tornando a ajoelhar pergunta à Senhora:

- O que é que me quer hoje?
E a Senhora respondeu:
– Quero-te dizer que voltes cá no dia treze: Rezem o terço a Nossa Senhora do Rosário que abrande a guerra que só Ela é que lhe pode valer.
– Tenho aqui por pedido se Vossemecê converte uma mulher do Pedrógão e uma de Fátima, e se melhora um menino da Moita?
E que a Senhora lhe respondeu que os convertia e melhorava dentro de um ano.
– Tenho aqui por pedido se Vossemecê leva um homem da Atouguia para o Céu o mais depressa melhor.
E Ela respondeu:
– Levo mas... (aqui não sei que mais disse).
– Faça um milagre para que todos acreditem!?
E a Senhora respondeu:
– Daqui a três meses faço então com que todos acreditem.
– Não me quer mais nada?!
– Não te quero mais nada.
Dito isto, que se elevou como das outras vezes seguindo para o nascente e desapareceu.

Quarta Aparição a 19 de agosto

No dia treze de agosto por cerca das dez horas da manhã, compareceu em minha casa, residência paroquial, onde me encontrava com o M. R. Vigário da Vara de Torres Novas, Pe. António de Oliveira Reis, o administrador do concelho, Artur de Oliveira Santos, trazendo no carro que o transportava o R.^{do} Pe. Manuel Carreira Poças, Prior de Porto de Mós. Notando eu a este padre a minha admiração por ele acompanhar a autoridade civil em assunto de tal natureza, me disse que não havia novidade alguma, porque vinham de interrogar as crianças em suas casas, e que o administrador, bem como ele, estava crente do que dizem as crianças; que lhes não restam dúvidas, mas que vêm a minha casa para eu interrogar as crianças – que estão a chegar – sobre um segredo (primeira vez que ouvi falar no segredo), que elas dizem que a Senhora lhes disse, mas que não lhes revelaram; e depois que o mesmo administrador as leva ao local da Aparição, onde deseja também ir. Igual declaração me faz também o administrador, aparentando senão de crédulo, pelo menos de curioso. Cerca de meia hora depois apareceram as crianças e seus pais. O administrador pede-me para eu as interrogar, o que fiz na sua presença. Ao interrogar a menina Lúcia sobre quem lhe tinha ensinado a dizer o que tem dito; responde que foi aquela Senhora que viu na Cova da Iria. Ao dizer-lhe que vai para o inferno quem diz mentiras que causam tanto prejuízo como o que causa o que ela diz – se fôr mentira, por tanta gente vir enganada – responde, que, se quem diz mentiras vai para o inferno, ela que não vai para o inferno por causa disso, porque não diz mentiras, mas só diz o que viu e o que a Senhora lhe disse, e que se o povo vem é porque quer, que ainda não chamou ninguém. Pergunto-lhe se a Senhora lhe tinha dito algum segredo. Responde que sim; mas, que me o não diz. Feitas várias interrogações sobre ele, responde: Olhe!... se quer... vou lá acima e pergunto à Senhora se Ela me dá licença para eu dizer o segredo e se Ela me der licença, então digo-lhe. A isto responde o administrador: são coisas sobrenaturais... vamos-nos embora. Levanta-se, manda sair as crianças do meu escritório, onde nos encontrávamos, e subir para o carro. Isto na presença dos pais e dos Rev.^{dos} sacerdotes acima referidos. Segue algum tempo o caminho que conduz à Cova da Iria, e depois, volta à desfilada a caminho de Vila Nova de Ourém, para onde as transporta e onde as retém até ao dia quinze em que veio entregá-las aos pais. A notícia do rapto é levada com a rapidez do relâmpago ao local das Aparições onde cerca de quinze a dezoito mil pessoas esperavam com ansiedade a sua chegada.

Passados poucos minutos, chegam à porta da residência paroquial um automóvel e alguns ciclistas exaltados, dando parte da indignação da grande massa de povo que se achava na Cova da Iria, reclamando o meu linchamento como cúmplice no atentado do arrebatamento das crianças. Apresento a minha inculpabilidade, e até indignação por tal ato. É graças à Virgem Santíssima não fui enxovalhado, a não ser por algumas inconveniências proferidas por um paroquiano desta freguesia. No dia vinte e um compareceu na minha presença a menina Lúcia e disse que no dia treze em que foi levada pelo administrador para Vila Nova de Ourém, e onde esteve, na casa do mesmo administrador, até ao dia quinze, não viu nada de extraordinário. No dia dezanove, que fôra domingo, andava a pastorear as ovelhas, no sítio do Valinho, com o primo Francisco e um irmão deste chamado João, mais velho que o Francisco, e vendo os ares semelhantes àqueles em que costumavam ver a Senhora, pede ao primo João, oferecendo-lhe um vintém, para ir chamar a Jacinta que estava em casa dos pais. E logo que esta chegou lhes apareceu a Senhora em cima de uma carrasqueira; que todos a viram, menos o primo João, irmão do Francisco e da Jacinta. E então que lhe perguntou:

– Então o que é que Vossemecê me quer?

E a Senhora lhe respondeu:

– Quero dizer-te que voltes lá à Cova da Iria: se não tivessem abalado contigo para a Aldeia (Vila Nova de Ourém), o milagre seria mais conhecido. Havia de vir S. José com o Menino Jesus dar a paz ao mundo. Havia de vir Nosso Senhor benzer o povo. Vinha Nossa Senhora do Rosário com um anjinho de cada lado. Vinha Nossa Senhora das Dores com um arco de flores à roda.

– Aquele dinheiro que Vossemecê tem, o que é que Vossemecê quer feito dele? (É o dinheiro das esmolas oferecidas).

Feita esta pergunta, a Senhora respondeu:

– Aquele dinheiro... façam dois andorzinhos; um leva-o tu e mais três meninas como tu e vão de branco, e outro leve-o o Francisco e mais três meninos como ele, levem uma capa branca, levem-nos à Senhora do Rosário e apliquem-nos a Ela.

Dito isto, desapareceu, elevando-se pelo ar acima. Da primeira ou segunda vez que lhe apareceu perguntou-lhe quem era, – e a Senhora respondeu que lho dizia no último dia. Disse também que da segunda vez ou terceira vez que lhe apareceu, lhe ensinou uma oração que costuma rezar, entre os mistérios do terço quando o reza, na Cova da Iria. – A oração é: Ó meu Jesus, perdoai-nos e livrai-nos do fogo do inferno:

levai as alminhas todas para o Céu, principalmente aquelas que mais dele precisarem.

Quinta aparição a 13 de setembro

No dia quinze do mês de setembro, compareceu na minha presença e residência paroquial a vidente Lúcia acompanhada de sua mãe. Procedi ao interrogatório. A qual disse que no dia treze do corrente mês de setembro, se dirigiu com seus primos, Francisco e Jacinta, ao sítio chamado Cova da Iria, e à hora do costume viu um relâmpago e logo viu chegar a Senhora que tinha visto das outras vezes; que lhe parecia a mesma vestida de branco, mas que para pouco mais olhava do que para o rosto, para tomar sentido no que Ela dizia. E lhe perguntou:

– O que é que Vossemecê me quer?

E a Senhora respondeu:

– Quero-te dizer que continues a rezar o terço sempre à Senhora do Rosário, que abrande Ela a guerra; que a guerra está para acabar. Para o último dia há-de vir S. José com o Menino Jesus dar a paz ao mundo e Nosso Senhor dar a bênção ao povo. E que venhas cá para o dia treze de outubro.

Está aqui esta menina que é muda e mouca, se Vossemecê a melhora?! Lhe disse a Lúcia. E que a Senhora lhe respondeu, dizendo que daqui a um ano acharia algumas melhoras.

Tenho aqui muitos pedidos – uns para converter e outros para os melhorar!...

E a Senhora lhe respondeu:

– Melhoro uns, outros não, porque Nosso Senhor não quer crer neles.

– O povo muito gostava aqui duma capelinha!

– Metade do dinheiro que ajuntaram até hoje façam os andores e levem-nos à Senhora do Rosário, e outra metade seja para ajuda da Capelinha – lhe respondeu a Senhora.

Disse mais a Lúcia que lhe ofereceu duas cartas e um vidro – pequeno frasco – com água de cheiro, que lhe foram apresentadas por um homem da freguesia do Olival, e que quando lhas oferecia lhe disse:

– Deram-me isto... se Vossemecê as quer?!...

E a Senhora respondeu:

– Isso não é conveniente lá para o Céu.

Dito isto, que se elevou indo para o lado do nascente.

E então ela – a Lúcia – que se voltou para o povo e que diz: se A querem ver voltem-se para acolá. – E aponta para onde Ela ia.

Sexta Aparição a 13 de outubro

No dia dezasseis do corrente mês de outubro compareceu na minha presença, e residência paroquial a vidente Lúcia acompanhada de sua mãe. Procedi ao interrogatório da Lúcia, a qual disse que no dia treze do mês corrente tendo-se dirigido, com seus primos, Francisco e Jacinta, para o local chamado Cova da Iria, uma vez ali viu à mesma hora das outras vezes um relâmpago – o que sempre se tem dado nos dias treze desde maio, – que se voltou para o nascente, tendo dito ao povo que se calasse que já se tinha dado o relâmpago, e logo viu descer Nossa Senhora pelo ar abaixo; e que disse outra vez ao povo: calem-se... que já lá vem Nossa Senhora! Olhem!... Veem-nA... veem-nA... veem-nA?... E a Senhora veio e se pôs com os pés em cima das fitas de seda e flores de rosa, que estavam a cobrir os troncozinhos da carrasqueira.

E então que Lhe perguntou:

– O que é que Vossemecê me quer?

E a Senhora respondeu:

– Quero-te dizer que não ofendam mais a Nosso Senhor que está muito ofendido; que rezem o terço a Nossa Senhora. Façam aqui uma Capelinha à Senhora do Rosário (a Lúcia tem dúvida se foi assim como fica dito ou se foi: façam aqui uma Capelinha – Sou a Senhora do Rosário). A guerra acaba ainda hoje, esperem cá pelos seus militares muito breve.

– Tenho muitos pedidos, se Vossemecê os despacha todos ou não?!

– Uns despacharei, outros não.

– Já me não quer mais nada?

– Já te não quero mais nada – respondeu a Senhora.

– E eu também Lhe não quero mais nada. Dito isto, a Senhora abalou pelo mesmo caminho e na mesma direção das outras vezes. E então se voltou para o povo e lhe disse:

– Olhem... lá vai Ela – lá vai Ela – lá vai Ela!... E que foi subindo até desaparecer da vista. Uma vez perdida de vista, olhou para o sol – mas não por Ela mandar – e viu S. José, a meio corpo, vestido de branco, com o menino assentado no braço esquerdo. S. José estava à esquerda do sol e abençoava o povo com a mão direita. Parece-lhe que fez três ou quatro cruzeiros sobre o povo. O Menino Jesus, viu-O a todo o corpo, vestido de encarnado. E viu, ao lado direito do sol, Nossa Senhora, a todo o corpo, vestida de encarnado com um manto azul pela cabeça, brochado ao pescoço e as mãos à cintura com os dedos entrelaçados.

Desapareceu esta visão, diz ela, e ficou tudo amarelo por alguns instantes – e logo viu aparecer Nosso Senhor, a meio corpo, vestido de branco, à direita do Sol; e à direita de Nosso Senhor viu Nossa Senhora, a todo o corpo, de pé, vestida de branco, com um manto azul pela cabeça, e as mãos sobre o peito de palmas para dentro, uma ao lado da outra em posição horizontal. O manto não era brochado como o da primeira visão. Nossa Senhora em nenhuma destas visões se apresentou com o Menino. Todas estas visões tinham resplendor amarelo, exceto a de S. José.

Na ocasião em que estava a ver estas representações o povo gritava: Olhem... Olhem... Olhem... tão bonito!!! Declarou mais a Lúcia que neste momento também disse ao povo que olhasse para lá – para o sol – que estava lá S. José – e – depois Nosso Senhor. Sendo interrogada sobre o que se há de fazer ao dinheiro, disse que é para uma Capela; e sobre quem há de fazer a Capela e tomar a direção da obra, disse que não sabia porque a Senhora lhe o não tinha dito. E sendo também interrogada sobre quando Nossa Senhora lhe tornava a aparecer, ou esperava tornar a vê-la, disse que não esperava mais por Ela, porque lhe não tinha prometido senão para seis meses ou seis vezes, – e estas já vieram – e que agora só espera tornar a vê-la no Céu.

Depoimento da Jacinta

Por várias vezes interroguei a vidente Jacinta que sempre me confirmou que viu uma Senhora na Cova da Iria, nos dias treze de maio a outubro de mil novecentos e dezassete, menos no dia treze de agosto em que se achava em casa do administrador do concelho, mas que nesse mês A viu no domingo seguinte – dia dezanove – no sítio chamado Valinho, onde foi chamada por seu irmão João, a pedido da Lúcia.

Disse que viu uma Senhora muito bonita, toda vestida de branco, com fato dourado aos cordõezinhos, com um véu ou manto pela cabeça, do tamanho de F. – indica uma rapariga de regular estatura e dos seus catorze anos – e que trazia umas contas muito branquinhas penduradas nas mãos e seguras entre os dedos indicador e polegar de ambas as mãos, que tinha erguidas à cintura, e que separava uma da outra, pouco mais ou menos à largura dos ombros, quando falava à Lúcia.

Quando Ela falava para a Lúcia, que ouvia uma voz muito piedosa, mas que não se lembra de ouvir dizer, senão que a gente – elas videntes – ia para o Céu. Pelas várias vezes que a interroguei nunca se contradisse no essencial, havendo todavia coisas acidentais, algumas contradições, verdadeiras ou aparentes. Em uma ocasião – dia 21 de agosto – dirigi-

-me a casa dos pais dela acompanhado de cinco senhoras – D. Maria de Jesus Raposo, de Torres Novas, e outras da Quinta da Cardiga – uma das quais, dos seus quinze anos de idade, ia vestida de branco. Ao chegar a casa dos pais chamei... Veio a Jacinta, que estava só, e que ao ver as inesperadas visitas, ficou embaraçada, como é próprio duma criança do povo e de quem poucos dias antes tinha sido restituída aos pais do rapto que lhe haviam feito. Depois de algumas palavras de animação, disse-lhe eu:

– Olha, Jacinta, vê se foi alguma destas senhoras que viste na Cova da Iria, ou se aqui está alguma parecida com A que lá viste.

Ela levanta os olhozitos, percorre-as todas com a vista, dos pés à cabeça, e diz:

– Não foi nenhuma destas... a outra é muito mais bonita.

Faço-lhe notar a que vinha vestida de branco, dizendo-lhe:

– Então não foi esta Senhora, vestida de branco, tão bonita que tu lá viste em cima?!

Esta Senhora, respondeu ela, é muito bonita, mas A que eu lá vi é muito mais bonita.

Dirigimo-nos a casa dos pais da Lúcia e ao encontrar esta, fiz-lhe a mesma pergunta obtendo idêntica resposta. A respeito do segredo também não consegui que me o revelasse; apenas disse que ele – segredo – não era mau para elas, videntes. Disse mais, que a Senhora lhe apareceu mais três vezes: uma no dia da Ascensão do Senhor na Igreja durante a missa e que lhe ensinou a rezar as contas; outra vez, à noite, sobre o alçapão do sótão estando a família a dormir; e mais uma, debaixo (ou salvo erro em cima) duma mesa, sem nada lhe dizer, até que ela, Jacinta, disse para a mãe: Olhe... não vê a Senhora, que lá vi em cima, ali debaixo?!... Olhe!!! Como a própria mãe me declarou.

Depoimento do Francisco

Algumas vezes e em diversas ocasiões interroguei o Francisco e sempre me disse que viu uma Senhora muito bonita na Cova da Iria e no Valinho nos mesmos dias que suas companheiras tinham indicado e que vinha vestida de branco, mas que não A ouvia falar. A respeito do segredo nada consegui que me revelasse. Dizendo-lhe eu que, não ouvindo ele a Senhora, não tinha segredo algum, respondeu que sim, tem, que lhe disse a Lúcia. Disse-lhe que, como foi a Lúcia que o disse, podia-me dizer, porque não é segredo nem Nossa Senhora lhe disse que o não dissesse, respondeu: não digo, que é pecado, que a Lúcia disse que o

não dissesse eu, por isso não digo. Aqui recordo-me que a Lúcia em certa ocasião me havia dito que Senhora só lhe deu licença ou mandou que o dissesse ao Francisco e à Jacinta. Não segui um interrogatório tão minucioso e tanto a tempo, com a Jacinta e Francisco, como era muito meu desejo, e como fiz com a Lúcia, porque o pai demasiadamente crente – se não alucinado – da primeira vez que mandei pedir para a mãe vir com os filhos a minha casa, em vez de vir a mãe ou ele com os filhos, vem ele só, e diz que, sim, mos manda, mas que é se eu acreditar e não para abusar. Fiquei surpreendido ao ouvir tais palavras e outras que muito me desanimaram: verdadeira antítese dos pais de Lúcia. Em virtude do que fiquei esperando os acontecimentos e não mais convidei os pais a que me os trouxessem a minha casa, interrogando-os só quando a ocasião se me proporcionava, porque julguei sempre de meu dever mostrar-me indiferente enquanto não houvesse provas evidentes ou a Igreja falasse. Fora realmente maravilhosa a manifestação de fé dos milhares de pessoas, que acorreram ao local durante os seis meses de Aparições – calculadas: – da primeira vez somente as três crianças; da segunda Aparição, em cinquenta pessoas; da terceira Aparição, em quatro a cinco mil pessoas; da quarta Aparição em quinze a dezoito mil pessoas; da quinta Aparição, em vinte e cinco a trinta mil pessoas; da sexta Aparição, em quarenta a cinquenta mil pessoas, de todas as idades classes e condições. Por verdade e como me dita a consciência salvo algum involuntário erro o Juro *in verbo sacerdotis* e assino.

Paroquial de Fátima 6 de agosto de 1918.

O Pároco *Manuel Marques Ferreira*

Doc. 37**1918-09-29, Figueira da Foz**

Carta de Gonçalo Xavier de Almeida Garrett ao Dr. Manuel Nunes Formigão, sobre o fenómeno da manifestação de fumo ocorrido na Cova da Iria, durante as aparições.

Publ.: DCF, III-2 - Doc. 381

Figueira da Foz, Rua Bela
29-9-18

Il^{mo} e Ex^{mo} Sr.

Julgo urgente uma resposta à prezada carta de V. Ex^a.

Muita, muitíssima pena tenho de não podermos ter uma amável conferência e plácida discussão.

Nos tempos que vão correndo de incredulidade, é mais importante um fenómeno da ordem física, do que da ordem moral, e principalmente para os homens ilustrados e científicos e de saber.

Haja vista a enorme importância que se liga e dá ao escurecimento do sol à morte de Cristo. E tanto que o domingo de Páscoa é variável e sempre o 1º domingo depois da lua cheia de março.

É mais importante um fenómeno físico, importante mas inexplicável, do que um milagre, como vulgarmente se diz, que poderá ser produzido ou ocasionado pela ação do sistema nervoso.

Há casos de paralíticos andarem, por um choque elétrico, ou pela ação hipnótica de outra pessoa. O mesmo num homem cego pode acontecer. Etc., Etc.

Estes assuntos têm dado lugar a graves e imensas discussões sobre a veracidade dos milagres.

Há as mesas falantes, etc.

Sei que se têm dado milagres chamados estupendos, evidentes.

Consultei o Dr. Ferreira da Silva, lente da Universidade do Porto. Diz ele que o fenómeno da impressão do fumo, poderá ser considerada em três categorias:

1º Produzida por uma evaporação

2º Ocasionalada por uma combustão incompleta.

3º Causada por uma reação química, como a reação de dois

compostos gasosos, como o gás clorídrico e o amoníaco, dando corpos sólidos: o cloreto de amoníaco.

Os gases ou vapores produzidos em qualquer dos casos elevam consigo elementos sólidos diminutíssimos, infinitesimais que produzem a impressão de fumo, por serem opacos.

O fenómeno da manifestação do fumo tem de ser estudado durante duas épocas.

1º Durante o período da aparição de 13 de maio a 13 de outubro de 1917, em Fátima, pelo meio dia.

2º Antes e depois deste período no mesmo local, junto à azinheira abençoada.

1º caso

(a) Examinar e averiguar a manifestação do fumo nos dias 13 dos seis meses de maio a outubro, pelo meio dia, junto à azinheira.

(b) Examinar e averiguar a manifestação do fumo nos outros dias de 14 de maio a 12 de outubro, e se teve ou não teve lugar e a qualquer hora.

A hipótese (a) é a mais melindrosa a comprovar, sendo necessário obter testemunhas oculares para todos os 6 dias, designados para cada dia. Houve também em 13 de maio?

Examinar ou comprovar o que se deu em 13 de agosto, em que não compareceram as crianças. A prova positiva de (a) é melindrosa e capital e direta com testemunhas oculares. A hipótese (b) é fácil de verificar e comprovar, nomeando em Santarém ou outra terra uma comissão de 3 ou 5 membros de pessoas ilustradas, sérias e respeitáveis as quais podem proceder a um inquérito entre os habitantes das redondezas de Fátima e da mesma terra.

2º Caso

(c) Examinar e averiguar qual a manifestação do fumo, antes de 13 de maio de 1917, as quais não consta tivessem lugar em Fátima a qualquer hora do dia, junto à azinheira.

(d) Iguamente averiguar e saber qual fosse a manifestação do fumo, depois de 13 de outubro, apesar de não constar que houvesse manifestação alguma.

As hipóteses (c) (d) de modo semelhante são facilímas de verificar e comprovar, pela nomeação de uma Comissão, 3 ou 5 vogais de pessoas de Santarém ou outra terra, pessoas inteligentes, ilustradas e respeitáveis.

Procederem a inquéritos rigorosos entre os habitantes das redondezas. Sistematizando os inquéritos (a), (b), (c), (d) pelo modo indicado é fácil averiguar o que se tem dado em Fátima, sobre a manifestação do fumo, nos 6 dias das aparições, nos meses de maio a outubro. E também se pode chegar à conclusão rigorosa de que em nenhum outro dia se deu alguma manifestação do fumo conhecida no mesmo local e sobretudo à mesma hora do dia. Se for provada por testemunhas oculares, fidedignas que nos dias 13 dos meses de maio a outubro, pela volta ou hora do meio dia, se deu a manifestação de fumo sempre; e se for comprovado pelas comissões nomeadas que não houve a manifestação nem vestígio de manifestação, no mesmo local, a qualquer hora, local de Fátima, junto à azinheira, fica demonstrado que as manifestações dadas e verificadas em Fátima são sobrenaturais e miraculosas.

Comprovadas ficam as declarações das três crianças de que a Virgem, com a designação do Rosário, apareceu por seis vezes junto a uma azinheira, no lugar de Fátima.

Rogo a V. Ex^a o favor de me acusar esta carta, e quando não possa ser por outro modo, por falta de tempo, espero a fineza de um bilhete postal que eu entendo.

Desejando a V. Ex^a a melhor saúde para melhor trabalhar em favor das aparições da Virgem do Rosário em Fátima.

De V. Ex^a
at^{to} a^{do} ag^{do} de^{do}

Gonçalo de Almeida Garret

P.S. Peço desculpa da extensão desta carta.

Esteve aqui a Sr^a D. Maria de Jesus Raposo. Diz que esteve em Fátima no dia 13 agosto (em que não estavam as crianças) de 1917. A manifestação do fumo foi muito maior, como uma espécie de globo que envolveu a azinheira.

Doc. 38
1918-10-07

Carta de Luísa da Madre de Deus da Cunha e Menezes, Marquesa da Ribeira Grande¹, para o Dr. Formigão, a descrever aquilo a que assistiu em Fátima no dia 13 de outubro de 1917.

Publ.: DCF, III-2 - Doc. 383

Sete de outubro 1918

Ex^{mo} Snr Padre Formigão

Neste dia de Nossa Senhora do Rosário, em que, mais uma vez, se manifestou a proteção da Virgem Maria na esperança dulcíssima da Paz! Humildemente cumpro a promessa que fiz a V. Ex^{cia}.

Sentindo faltar-me merecimento para bem descrever o que ouvi, ainda mais, do que o que vi, rezo a oração de S. Bernardo para que Maria Santíssima me inspire na tocante narração. Há quase um ano, a treze de outubro de 1917, que milhares de pessoas, se encontravam em Fátima, na piedosa aspiração de assistirem ao milagre que a Rainha do Céu, anunciara, em iguais dias, dos cinco meses anteriores.

Às 8 da manhã, já me encontrava no meu posto, junto ao local das Aparições.

Desde as 9 horas, que uma chuva ininterrupta nos encharcava, como se Nossa Senhora quisesse provar a paciência dos seus fiéis com essa pequena provação.

Como uma primeira bênção de sua misericórdia infinita, nenhum mal a registar, em tantas saúdes débeis, que a suportaram.

Perto do meio-dia, hora de Deus, chegam os Pastorzinhos, Lúcia, Jacinta e Francisco.

Como por encanto, cessa a chuva, enquanto os Pequenos rezam o Terço no que os acompanhamos devotamente, na tremura da aproximação da Hora Sagrada!

De repente, a voz de Lúcia:

– Lá está Ela, na carrasqueira.

Sensação eterna, sobrenatural a de saber a Mãe de Deus, junto de nós!

¹ Nasceu a 9 de novembro de 1843, em Lisboa. Casou a 11 de maio de 1867 com Francisco de Sales Gonçalves Zarco da Câmara. Faleceu a 9 de junho de 1923.

De rojo, no chão, mãos erguidas, na súplica, na contrição fervorosa, da miséria humana, perante a grandeza divina, a santidade das Santidades!

Então distintamente ouvi esta frase da Lúcia: – Vossemecê não faz hoje o milagre que me prometeu?

E a seguir estas singelas palavras dessa criança predestinada, à que ouvi a frase que destrói todas as dúvidas, esclarece toda a hesitação com que os sábios pretendem confundir o sobrenatural, como um fenómeno da natureza, ilusão que perturbou a firmeza de tantos crentes!

Olhem para o Sol.

E só depois, dessa exclamação de Lúcia, como uma ordem do Céu, é que a Rainha dos Anjos, fez surgir esse prodigioso milagre, esse sol glorioso que iluminou a sua Aparição, com uma luz, que nenhuma alma cristã, poderá apagar!

Mais quatro frases ainda afirmo ter escutado: – Vossemecê não manda hoje mais nada de mim?

E, após a pergunta, como que repetindo sílabas e palavras, que, do Céu, lhe murmurava a Mãe de Cristo: – Capela ou Igreja aqui?

E, pela primeira vez, com fisionomia, radiante, e batendo as mãos.

– É Nossa Senhora do Rosário.

Voltando-se novamente para a Jacinta, e baixando a cabeça da direita para a esquerda, como seguindo a mesma direção, que a Virgem Imaculada, exclamou:

– Foi para ali.

Findava a Aparição.

O que nunca findará nesta alma de Filha de Maria, é a crença bendita de que a Rainha do Santíssimo Rosário, esteve perto de nós, na sua clemência, para um povo outrora tão fervoroso, e hoje tão vacilante na sua Fé!

Doc. 39
1918-12-20, Fátima

Depoimento de Jacinto de Almeida Lopes, primeira testemunha do inquérito paroquial, sobre as aparições de Fátima, nos dias 13 de julho e 13 de outubro de 1917.

Publ.: DCF, I - Doc. 32 (Este documento faz parte do Processo Paroquial de Fátima).

Depoimento da 1ª testemunha

Jacinto de Almeida Lopes, casado, proprietário, natural e morador no lugar da Amoreira, desta freguesia de Fátima, sendo interrogado sobre o que presenciara, relativamente aos factos ocorridos no local chamado Cova da Iria, deste freguesia, disse que no dia treze de julho de mil novecentos e dezassete, tendo-se dirigido com antecedência para o local, ali permaneceu junto à carrasqueira onde estava quando chegaram as crianças. Chegaram, ornamentaram a carrasqueira, ajoelharam, rezaram o terço, levantaram-se e logo, com pouco tempo de demora, tornaram a ajoelhar, e, todos de joelhos, começa a Lúcia, como que estando a falar com alguém voltada para a carrasqueira onde tinha fixada a vista:

– Então o que é que me quereis?

A esta pergunta um bocadito em silêncio, tempo de uma breve resposta. E durante este silêncio ouviu ele, como que vindo da carrasqueira, uma voz muito sumida semelhante, diz, ao zumbir de uma abelha, mas sem distinguir palavra alguma.

– Em seguida diz a Lúcia: – Tenho aqui um pedido a fazer-Vos: Era se Vossemecê melhorava um aleijado de Aljustrel; se convertia uma mulher do Pedrógão; se convertia uma mulher de Fátima e seus filhos; se melhorava um homem da Atouguia ou o levava para o Céu o mais depressa melhor¹.

Dito isto... há um curto silêncio, como quem espera resposta, e ouve a mesma voz, que não ouvia enquanto a Lúcia falava.

– Vossemecê, – continua a Lúcia – não poderá fazer com que esta gente se converta?

¹ “O homem da Atouguia” tem sido identificado como sendo Manuel da Silva Reis, solteiro, proprietário, da Atouguia, concelho de Vila Nova de Ourém, pessoa estimada, muito crente, que veio a falecer com 85 anos de idade, no dia 18 de fevereiro de 1924.

Silêncio... depois de tempo de uma breve resposta, diz, – como que confirmando o que ouvira:

– Sim, que se reze o terço!... que se reze o terço!... sim... tudo se fará.

E enquanto assim falava fazia acompanhar as palavras com acenos de cabeça.

– Então e Vossemecê não poderá fazer com que esta gente toda acredite?

Silêncio...

Em seguida diz: – Não me quereis mais nada?

Espera... e logo diz:

– Eu também não.

Dito isto, que se levanta instantaneamente e voltando-se para o nascente disse:

– Querem ver Nossa Senhora?!!

E aponta na mesma direção.

No dia treze de outubro, dirigiu-se como tanta gente ao local das Aparições, na ansiedade de observar algum facto extraordinário, pois tinha ouvido dizer que a Senhora dissera à Lúcia que no último dia fazia milagre. A chuva fustigava-o fortemente, mas pouco o incomodava porque o seu objetivo estava na observação do extraordinário. Enquanto a hora se aproxima e o povo se vai aglomerando, observa que umas avezinhas andam volitando sobre a carrasqueira, saltitando de um lado para o outro. Vê, por cima do povo que rodeia a carrasqueira, por vezes, umas seguidas às outras, elevar-se da terra pequenas nuvens de fumo – ou lhe parece fumo – semelhante ao fumo do turíbulo em ocasião de incensação, ou às fumaradas de cigarro. Julga a princípio, – que era alguém que ali estava a fumar ou a fazer fogueira para se aquecer, mas veio averiguar que ali não estava lume de espécie alguma. A hora aproxima-se, e eis que, como que por encanto, a chuva suspende, o sol rompe as densas e negras nuvens e mostra-se dardejante com seus luminosos raios, que bem depressa tomam as cores do amarelo, encarnado e verde, tornando os objetos que estavam sob sua influência de iguais cores; e logo perde o seu brilho e cores, – podendo ser fixado a olho nu sem ferir a vista – e toma um vertiginoso movimento de rotação, parecendo precipitar-se sobre a terra. E enquanto observa estas maravilhas, todo o povo se encontra em altas exclamações. Isto durou, o máximo, uns cinco minutos, depois voltou ao seu estado normal. Mais disse, que no dia de Nossa Senhora da Purificação, isto é, no dia dois de fevereiro de mil novecentos e dezoito, por cerca das três horas da tarde, estando no mesmo

local, verificou no sol idênticos sinais aos do dia treze de outubro, o que não tem verificado em muitos outros dias em que lá foi. Mais disse, que está intimamente convencido que as crianças não faltam à verdade do que afirmam, e que, em virtude do que observou está realmente crente que Nossa Senhora é que esteve a falar com a Lúcia, e que os fenómenos que se deram nos dias mencionados são de ordem sobrenatural. E mais não disse dando assim por findo o seu depoimento que sendo-lhe lido o ratifica e sob juramento de que é verdadeiro o assina comigo.

Paroquial de Fátima, 20 de dezembro de 1918

A testemunha *Jacinto de Almeida Lopes*
O Pároco *Manuel Marques Ferreira*

Doc. 40
1918-12-31, Fátima

Depoimento de Manuel Gonçalves Júnior, segunda testemunha do inquérito paroquial sobre as aparições de Fátima, nos dias 13 de julho a outubro de 1917.

Publ.: DCF, I - Doc. 33 (Este documento faz parte do Processo Paroquial de Fátima).

Depoimento da 2ª testemunha

Manuel Gonçalves Júnior, casado, proprietário, de trinta e quatro anos de idade, natural e morador no lugar do Montelo, desta freguesia de Fátima, sendo interrogado sobre o que sabia relativo aos factos ocorridos na Cova da Iria, disse que no dia treze de julho de mil novecentos e dezassete se dirigiu àquele local, onde estava à hora indicada pelas crianças videntes para a Aparição, e que notou que a essa hora o calor, que era demasiado, começou a abrandar. Nesta ocasião, chegaram as crianças, rezaram o terço com o povo, aplicado pela Lúcia, – não sabendo se foi de iniciativa sua ou se foi a pedido de alguma outra pessoa. Em seguida notou que a mesma Lúcia, estando todos, povo e videntes, de joelhos, começou a falar para a carrasqueira, como quem está a falar com outra pessoa, fazendo perguntas e esperando respostas; mas não percebeu o que dizia, pela distância a que se encontrava. Passado pouco tempo, levanta-se de repente, e de mãos postas aponta para o lado nascente dizendo:

– Querem ver Nossa Senhora?!...

Nesta ocasião, também notou que a certa altura da carrasqueira se formou uma espécie de névoa ou de nuvem, que se foi elevando seguindo para o nascente, chegando a impallidecer o brilho do sol, e desapareceu.

Declarou mais que no dia treze de agosto do mesmo ano, pouco depois da hora marcada para a Aparição, quando se comentava o rapto das crianças, notou que houve um forte e inexplicável estrondo, junto à carrasqueira, que atemorizou todo o povo, começando a fugir e a gritar comovidamente, – havendo até algumas síncope –, e que junto do sol se formou uma nuvem com as cores do Arco-Iris.

Declarou, outrossim, que também no dia treze de setembro do mesmo ano, notara que a Lúcia estava a falar junto à carrasqueira, como quem está falando com outra pessoa, fazendo perguntas e esperando respostas,

e que na ocasião passava sobre a carrasqueira um não sei quê de extraordinário, parecendo flores brancas e que as outras pessoas também notaram tal fenómeno, dizendo serem estrelas.

– “Aqui aproveito a ocasião para dizer, que, neste mesmo dia treze, por cerca das três horas da tarde, veio a minha casa, residência paroquial, o Rev.^{mo} Dr. António Maria de Figueiredo¹ meritíssimo professor no Seminário Patriarcal de Santarém e declarou-me que viu estrelas numa região inferior à região estelar, que veio a minha casa de propósito para me fazer tal declaração –”.

Mais disse que em treze de outubro do mesmo ano, à hora marcada pelas crianças para as Aparições, depois de ter cessado a chuva, viu elevar-se por várias vezes, saindo da carrasqueira, uma espécie de fumo, semelhante ao fumo do incenso na ocasião da incensação, ouvindo dizer às pessoas que estavam a seu lado, que era fumo de cigarro ou de fogueira, mas a ele só lhe parecia fumo igual ao da incensação, não lhe constando que naquela ocasião houvesse ali fumadores ou fogueira de espécie alguma.

De olhos sempre fixos na carrasqueira a fim de ver alguma coisa de extraordinário, sem, propositadamente, olhar para o sol, notou que, na mesma ocasião em que o povo estava em altos gritos e exclamações pelo que via no sol, tanto as pessoas como as árvores, e tudo quanto a sua vista atingia na direção da carrasqueira tomou diferentes cores. E mais não disse dando assim por findo o seu depoimento que depois de lhe ser lido o ratifica e jura como sendo verdadeiro e comigo o assina.

Paroquial de Fátima, 31 de dezembro de 1918

A testemunha *Manuel Gonçalves Júnior*
O Pároco *Manuel Marques Ferreira*.

¹ Nasceu a 11 de julho de 1879, em Mata, concelho de Torres Novas. Doutorou-se em Filosofia e Teologia e bacharelou-se em Direito Canónico, em Roma. Foi ordenado sacerdote, a 19 de dezembro de 1902. Foi professor no Seminário de Santarém e pároco em várias paróquias, na mesma cidade e em Lisboa. Foi cónego da Sé de Lisboa. Faleceu a 5 de maio de 1963, em Torres Novas.

Doc. 41**1919-03-02, Fátima**

Depoimento de Teresa de Jesus¹, irmã de Lúcia, terceira testemunha do inquérito paroquial, sobre a aparição do dia 13 de julho de 1917.

Publ.: DCF, I - Doc. 34 (Este documento faz parte do Processo Paroquial de Fátima).

Depoimento da 3ª testemunha

Teresa de Jesus, casada, costureira, de vinte e quatro anos de idade¹, natural de Aljustrel e moradora no lugar da Lomba desta freguesia de Fátima, irmã da Lúcia – vidente – comparecendo perante mim e sendo interrogada sobre o que sabia relativamente ao ocorrido na Cova da Iria e em casa de seus pais, sobre o que sua irmã Lúcia dizia referente às Aparições de Nossa Senhora, declarou que no dia treze de julho de mil novecentos e dezassete chegou à carrasqueira na mesma ocasião que sua irmã Lúcia e primos videntes, e viu que a irmã – e primos – sem que ninguém mandasse, ajoelhou, pediu o terço, rezando-o com o povo depois de ter dito a este que ajoelhasse. Levantou-se, estando algum tempo de pé, tornou a ajoelhar e disse para a prima Jacinta que reparasse se via o relâmpago, porque estava chegando a hora. Passados poucos minutos, notou que sua irmã sentiu um tão forte abalo que a fez exclamar: Ai!! Nossa Senhora..., e voltada para a carrasqueira esteve falando, fazendo perguntas e esperando respostas como quem está a falar com outrem.

Declarou também que as perguntas foram: 1ª O que é que lhe queria. – 2ª Que havia ali um coxo para melhorar. – 3ª Que pedia para melhorar uma mulher do Pedrógão. – 4ª Que pedia para converter uma mulher e família de Fátima. – 5ª Que pedia para fazer um milagre a fim de o povo acreditar. Feitas estas perguntas que a Lúcia se levantou repentinamente e, voltada para o nascente, apontou dizendo: Voltem-se para acolá, se querem ver Nossa Senhora...

Declarou mais que a Lúcia depois de ter principiado o suposto diálogo com Nossa Senhora, foi advertida pela Jacinta, que estava a seu lado,

¹ Teresa de Jesus nasceu a 22 de maio de 1893, portanto ia fazer 26 anos

para responder à Senhora, dizendo-lhe: Não vêes que a Senhora já está a falar?!

Mais disse que a sua irmã Lúcia não foi ensinada pela mãe, nem pelos irmãos a pedir – presidir – o terço e a rezar a oração como fazia na Cova da Iria, tanto mais que em casa dos pais não era costume rezarem o terço em coro, mas só cada um *de per si*.

Mais não disse, dando assim por findo o seu depoimento que sendo-lhe lido o ratifica e jura por verdadeiro, e comigo o assina.

Paroquial de Fátima, 2 de março de 1919

A testemunha *Teresa de Jesus*

O Pároco *Manuel Marques Ferreira*

Doc. 42
1919-03-02, Fátima

Depoimento de Joaquim Inácio Vicente¹, quarta testemunha do inquérito paroquial, sobre o dia 13 de agosto de 1917.

Publ.: DCF, I - Doc. 35 (obs.: este documento faz parte do Processo Paroquial de Fátima).

Depoimento da 4ª testemunha

Joaquim Inácio Vicente, casado, canteiro, natural e morador no lugar da Chainça, de Santa Catarina da Serra, deste diocese de Leiria, homem de toda a confiança, declarou-me que no dia treze de agosto, tendo deixado o trabalho, à hora da sesta, da Igreja matriz desta freguesia onde se encontrava, foi à Cova da Iria e que pouco depois da hora indicada para as Aparições, quando o povo já estava desanimado e prestes a retirar-se, ouviu duas fortes detonações semelhantes ao estampido de bombas ou tiros vindos do lado da carrasqueira e no mesmo instante vê a grande massa de povo a fugir, fugindo ele também por julgar ser uma forte desordem que o povo se tinha envolvido, e sem saber como nem porquê, ao voltar para trás, pois era dos dianteiros por estar mais afastado da carrasqueira, vê o povo, como que arrastado por uma corrente elétrica, a correr e a concentrar-se junto da carrasqueira.

Esta hora foi para todos quantos lá se encontravam uma hora de terror. Uns perderam os sentidos, outros julgaram ser aquele o último dia de sua vida e ser ali o seu dia de Juízo, e para alguns, depois, foi uma maravilha ao verem as admiráveis cores que sucessivamente iam tomando as nuvens que embaciavam os raios solares, – cores de encarnado vivo passar a rosa e desta a azul – cor de anis como me foi declarado minutos depois em minha casa por várias pessoas.

Paroquial de Fátima, 2 de março de 1919

Pe. Manuel Marques Ferreira

¹ Nasceu a 21 de janeiro de 1891 e faleceu a 13 de agosto de 1989.

Doc. 43
1919-03-29, Torre

Carta de José Pereira Novo¹ ao Pároco de Fátima, pedindo a construção de uma capela na Cova da Iria e referindo várias curas e promessas.

Publ.: DCF, I - Doc. 39 (Este documento faz parte do Processo Paroquial de Fátima).

Torre 29 do 3 de 1919

Ex.mo Snr
Prior da Fátima

Tem esta carta por fim em dizer-lhe algumas coisas sobre a aparição⁵ de Nossa Senhora nas Covas [*sic*] da Iria ... Eu tenho ido a esse sítio bastantes vezes; no meu pensar creio e acredito que a Virgem dos Céus que veio a esse sítio nos dias 13 de cada mês - em 1917 - especialmente no dia 13 de outubro. Fui aí no dia 13 de Fevereiro de 1919 – essa mulher que lá recebe as esmolas² disse-me que o Snr. Prior me desejava de me falar – mas eu nunca pude conseguir falar-lhe – mas tive tenção de ir aí mandar fazer, ao menos, uma alpendurada por ver à chuva tantos devotos da Santíssima Virgem – mas lembrei-me de quem recebe as esmolas que as empregue em um edifício que tão preciso aí é – daqui da Torre tem-se ido cumprir promessas de milagres operados desse sítio, à Virgem Santíssima. Uma mulher daqui que tinha uma menina quase a morrer prometeu uma promessa a Nossa Senhora de ir às Covas da Iria rezar o terço e dar uma esmola; assim a cumpriu.

Eu que tinha um neto quase cego fui às Covas da Iria com ele e rezei lá o terço. Pedi lá à Senhora que o melhorasse e que havia de lá voltar e

¹ Nasceu a 6 de março de 1862, no lugar da Torre. Casou com Cristina de Jesus, a 27 de janeiro de 1889. Deve-se-lhe a direção da construção da Via-Sacra do Reguengo do Fetal à Cova da Iria e da Via-Sacra da Torre ao Vale de Ourém. Faleceu a 17 de fevereiro der 1944.

² Maria da Capelinha (Maria Carreira ou Maria dos Santos)

mais a mais do dito também cumpri a promessa também o pequeno teve logo melhoras.

Espero pois que o Snr prior se ponha em campo sobre este facto pois o acho verdade - Vejo, quando lá vou, muita fé.

O Snr. deve de lá mandar fazer um edifício.

Sem mais

José Pereira Novo da Torre.

Doc. 44
1919-04-18, Fátima

Termo de encerramento e correções do inquérito paroquial e aditamento ao inquérito paroquial sobre a morte do vidente Francisco Marto, a 4 de abril de 1919.

Publ.: DCF, I - Doc. 36 e 37

[Encerramento e correções]

Contém o presente caderno dezassete folhas que vão por mim numeradas e rubricadas com o sinal – Marques – constando a primeira folha do ofício do Excelentíssimo Senhor Arcebispo de Mitilene de Lisboa, ordenando-me o inquérito das crianças videntes e outras testemunhas fidedignas e contendo as restantes folhas os depoimentos das três crianças Lúcia, Jacinta e Francisco e mais de quatro testemunhas fidedignas. A seguir há um apêndice que consta: do depoimento de Maria do Carmo, da freguesia de Maceira, diocese de Leiria, datado de 18 de junho de 1918 e assinado pela depoente e seu Rev.do Pároco Manuel Antunes Marto; de uma carta de José Pereira Novo do lugar da Torre, freguesia do Reguengo do Fetal; de uma carta minha publicada no jornal “A Ordem” datada de 15 de agosto de 1917; de uma carta da Excelentíssima Sni^a D^a Maria José de Lemos Queirós publicada no *Jornal da Beira* datada de 30 de outubro de 1917; de um folheto impresso, por autorização do Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo Conde de Coimbra datado de outubro de 1917, cuja autora é a Excelentíssima Sra. D^a Maria Augusta Saraiva Vieira de Campo.

Mais não contém – ressalvo, a entrelinha a folhas dezassete que diz – depoimento de, – as rasuras que vão a folhas três – onde se lê – dois quilómetros, folhas oito onde se lê: Já me não quer mais nada?, folhas onze onde se lê desanimaram, folhas quinze onde se lê: Jura como, folha dezasseis onde se lê: nascente, folhas dez onde se lê: – à –

Paróquia de Fátima 18 de Abril de 1919
O Pároco *Manuel Marques Ferreira*

[*Aditamento*]

A tempo

O Francisco – vidente – faleceu às dez horas da noite, do dia 4 de abril corrente, vitimado por uma prolongada ralação de 5 meses da pneumónica tendo recebido os Sacramentos com grande lucidez e piedade – E confirmou que tinha visto uma Senhora na Cova da Iria e Valinho.

Paróquia de Fátima 18 de abril de 1919
O Pároco *Manuel M. Ferreira*

Doc. 45
1919-04-28, Fátima

Ofício do Pe. Manuel Marques Ferreira, pároco de Fátima, para D. João Evangelista de Lima Vidal, Arcebispo de Mitilene, a remeter o processo paroquial sobre as aparições.

Publ.: DCF, I - Doc. 43

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor
Arcebispo de Mitilene

Em cumprimento do que me foi ordenado por V^a Ex.^{cia} em ofício de 3 de novembro de 1917, tenho a honra de enviar a V^a Ex.^{cia} Rev.^{ma} o inquérito das crianças que dizem ter visto Nossa Senhora e de algumas testemunhas, rogando a graça de me relevar a grande demora, no cumprimento deste meu dever, motivada pela espetativa de observar alguma coisa mais do que foi passado no tempo marcado para as Aparições.

A V^a Ex.^{cia}, Rev.^{mo} Senhor, venho comunicar que a devoção e crença dos fiéis tem continuado, tendo havido visitantes ao local todos os domingos, senão todos os dias, mas principalmente nos dias treze, havendo peregrinações, procissões e muitos fiéis a cumprir votos. No passado dia treze foi calculado o número de fiéis visitantes em 1.500, de diferentes freguesias. Tenho-me abtido completamente de induzir os fiéis a tais visitas. Eu apenas fui ao local três vezes, a treze de setembro e outubro de 1918 e a treze do corrente mês.

Faço votos a Jesus e à Virgem Santíssima para que o Espírito Santo ilumine a Igreja a fim de que Ela possa bem depressa vir confirmar a fé e afervorar a devoção de tantos milhares de fiéis, rogando a V^a Ex.^{cia} se digne dizer se será conveniente ou não que eu ou outro eclesiástico cumpra os votos dos fiéis pregando no local das Aparições. A esta altura do ofício, aparece-me a pessoa encarregada de colher as esmolas ofertadas, dizendo que tem 357.000 reis de ofertas, quarenta litros de azeite, e que hoje mesmo, foi dado princípio a um pequeno oratório no local. O povo deseja muito ali uma Capela.

Aguardando os necessários e acertados conselhos de V^a Ex.^{cia} Rev.^{ma} faço votos para que

Deus guarde a V^a Ex.^{cia} Rev.^{ma}

Paroquial de Fátima 28 de abril de 1919
O Pároco *Manuel Marques Ferreira*

Doc. 46**1919-08-20, Torres Novas**

Carta de Gilberto Fernandes dos Santos para o Dr. Manuel Nunes Formigão, sobre a Imagem de Nossa Senhora para a Capela das Aparições.

Publ.: DCF, III-2 - Doc. 404

Torres Novas, 20 de agosto de 1919

Exm^o Rvm^o Snr. Dr. Formigão

Que o bom Deus guarde V. Ex^a de perfeita saúde, eis o que mais estimo.

Sou a participar a V. Ex^a que conforme noticiei há dias, fui a Lisboa para comprar a Imagem de Nossa Senhora para colocar na pequena Capela existente no lugar da Fátima. Sou pois, a dizer a V. Ex^a que nada encontrei que servisse. Tive portanto de mandar fazer aos Snrs. Fânzeres em Braga. Fiz a encomenda conforme as condições que V. Ex^a diz em sua carta. Se acaso há mais alguma coisa que por acaso V. Ex^a se esquecesse de dizer, agradeço dizer-me para eu transmitir aos Snrs. Fânzeres. Mandei fazer com 1 metro de altura, V. Ex^a é de acordo que fique assim bem?

Sem mais, V. Ex^a desculpará este maçador, que está às ordens de V. Ex^a e M^{to}. At. V^r. e M^{to}. Obg.

Gilberto F. Santos

¹ Nasceu a 31 de dezembro de 1892. Em 1920, ofereceu a primeira imagem de Nossa Senhora de Fátima para a Capelinha das Aparições. Faleceu a 18 de julho de 1964.

Doc. 47
1919-09-15, Guarda

Carta de Fernando Pais de Figueiredo para o Dr. Manuel Nunes Formigão, sobre a publicação dos artigos sobre Fátima no jornal “A Guarda”. Sugere que se publique em livro o relato dos acontecimentos e a parte documental.

Publ.: DCF, III-2 - Doc. 410

Empresa Veritas
Gabinete do Director
(Particular)

Meu Ex.^{mo} Amigo

Recebi em devido tempo e fora daqui a sua carta, limitando-me a mandar publicar os artigos que acho interessantes e reservando a resposta para o meu regresso, o que agora venho fazer.

Acho muito oportuna a publicação das suas cartas sobre os acontecimentos de Fátima, e tinha estranhado bastante a interrupção abrupta delas, mas está justificada essa falta.

Concordo com a ideia de publicar em volume o relato de todos os acontecimentos e a parte documental. O perigo de alguém aproveitar os documentos que fossem publicados para gananciar, não o vejo, porque não sendo os livros de piedade, as casas editoras católicas não publicam um livro que dê lucros apreciáveis; mas acho preferível publicá-los em livro pelas outras razões que indica e outras mais.

A *Empresa Veritas* não tem dúvida em publicar esse livro, preferindo sempre ficar com a propriedade e pagar o que se combinar ao autor; ou publicá-lo por conta do autor, pagando este as despesas com a publicação. Preferindo a primeira hipótese, dirá quanto quer receber, e o número de páginas que calcula poderá ter o livro.

A publicação devia-se começar já para se fazer com todo o vagar, mesmo não convém deixar perder muito a atualidade.

A Empresa encarrega-se de fazer todos os clichés que sejam precisos.

Aguardo as suas ordens e sou com estima

am^o mt^o ded^o

Guarda, 15-9-919

P. Fernando Pais de Figueiredo

¹Fundador do jornal “A Guarda”. Faleceu a 8 de dezembro de 1947.

Doc. 48**1920-01-14, Vila Nova de Ourém**

Carta do Dr. Luís António Vieira de Magalhães e Vasconcelos (Alvaiázere) para o Dr. Manuel Nunes Formigão, sobre a ida da Jacinta para um hospital de Lisboa.

Publ.: DCF, III-2 - Doc. 422

Vila Nova de Ourém
14 - janeiro -1920

Il^{mo} e Rev.^{mo} Senhor

Os pais da pequena Jacinta, com quem acabo de falar, resolveram deixar ir a pequena para Lisboa a fim de se tratar, tomando eu a responsabilidade de que nada lhe faltaria e em Lisboa velariam por ela com todo o cuidado.

Está pois a pobre pequena pronta para seguir.

Ela está muito doente e fraquíssima e por isso não sei se conseguiremos salvá-la.

Os pais apenas se responsabilizam pelas despesas da viagem e irão levá-la a Lisboa. Todas as despesas pois que a pequena fizer em Lisboa, ficarão a cargo da tal benemérita Senhora de que V. Ex^a. me falou.

Fico esperando pois instruções de V. Ex^a. para fazer seguir a pequena, sendo indispensável prevenir a Senhora a quem a pequena deve ser entregue em Lisboa, e dizer-me o nome e a morada dessa Senhora para eu informar os pais a fim de estes saberem onde e a quem a vão entregar.

Tudo precisa de ser bem ponderado e combinado para não ficarmos mal colocados e para que a pequena nada sofra.

Há muita urgência devido ao estado da pequena que não permite demoras.

Com a maior consideração

Sou de VEx^a
Respeitador e Mt^o At^o V^{dor}
Luís (Alvaiázere)

Doc. 49
1920-01-15, Lisboa

Carta do Dr. Eurico Lisboa para o Dr. Manuel Nunes Formigão, a colocar algumas questões sobre a Jacinta e sobre um recado deixado por ela.

Publ.: DCF, III-2 - Doc. 423

Lx^a 15 - jan^o 1920

Meu Ex^{mo} Am^o

Permita-me V. Ex^{cia} que como Amigo o trate pois como tal se manifestou nas atenções e amabilidades que me dispensou nos 3 dias que tive o prazer de estar com V. Ex^{cia}.

Creio que serão longamente perduráveis as impressões tão agradáveis que desses dias me ficaram, e que não serão facilmente esquecidas, antes avivadas sempre que falarmos do motivo da nossa viagem e da forma como ela se realizou.

Tudo nos leva a crer na realidade das aparições, estando bem vivas em nós a serenidade, a sinceridade e firmeza das afirmações da pequena Lúcia, em cujo corpinho se não pode ocultar a alma de uma artista, falsa e hipócrita. As suas afirmações impressionaram-nos de veras e deixou-nos crença absoluta.

Hoje criou-se no meu espírito uma dúvida que V. Ex^{cia} fará desaparecer:

A Aparição revelou um segredo que a Lúcia só poderia transmitir ao rapaz que faleceu. Desse segredo não tem também conhecimento a Jacinta?

Esta não ouvia o que a Aparição dizia?

Estou ansioso por que se faça um inquérito que satisfaça por completo o nosso espírito de crentes.

Satisfazendo o seu pedido, participo a V. Ex^{cia} que foi muito feliz e rápido o percurso de Santarém a Lisboa, onde chegámos cerca da 1 e ½ da tarde.

¹ Eurico Fernandes Lisboa. Médico oftalmologista em Lisboa. Nasceu a 4 de março de 1879 e faleceu a 25 de novembro de 1955.

Não escrevi ontem mesmo porque tive um movimento colossal de clientes e estava fatigadíssimo e com dores de cabeça.

Respeitosos cumprimentos de minha mulher. Um abraço do

De V. Ex^{cia}
At^o ded^o am^o obg.

Eurico Lisboa

Doc. 50
1920-02-19, Lisboa

Carta de Maria da Purificação Godinho¹ para o Dr. Manuel Nunes Formigão, a dar conta da estado grave em que se encontra a vidente Jacinta.

Publ.: DCF, III-2 - Doc. 438

Louvado seja o Santíssimo Sacramento

J. M. J

Senhor Padre

Vou dar-lhe uma notícia pouco agradável: a Jacintazinha vai morrer. Ficou é verdade bem da operação, mas agora piorou e os médicos estão admirados como ela tem durado tanto.

Escrevi agora também à mãe para ela vir para a ver porque não quero que ela morra sem lhe dizer adeus. A menina quer vir morrer aqui a nossa casa; está-me sempre a pedir, mas eu não quero fazer nada sem dizer a V. Rev^a e à mãe porque o Sr. Dr. disse-me que era uma grande responsabilidade ela vir para aqui e grandes despesas; só no trem do Hospital para aqui são dez mil réis para mais e não para menos, e uma boa enfermeira que agora não querem ganhar pouco e tudo o mais que é preciso para o estado em que ela está. Nossa Senhora há de nos ajudar, e a Deus nada é impossível, ela ainda podia escapar. Eu tenho uma coisa para contar a V. Rev^a mas não posso contar senão pessoalmente. O que é diz respeito ao Snr. Padre e a mim.

Digne-se V. Rev^a abençoar sua serva

Maria da Purificação

19 de fevereiro de 1920

¹ Nasceu a 24 de julho de 1877. Pertencia à Ordem das Clarissas do Desagravo. Em 1913 fundou, em Lisboa, o Orfanato da Senhora dos Milagres. Faleceu a 24 de junho de 1960.

Doc. 51
1920-02-p.20¹

Recado deixado pela vidente Jacinta Marto por Maria da Purificação Godinho e transcrito pelo Dr. Manuel Nunes Formigão.

Publ.: DCF, III-2 - Doc. 440

Nosso Senhor está profundamente indignado com os pecados e crimes, que se cometem em Portugal. Por isso um terrível cataclismo de ordem social ameaça o nosso país e principalmente a cidade de Lisboa.

Desencadear-se-á, segundo parece, uma guerra civil, de caráter anarquista ou comunista, acompanhada de saques, morticínios, incêndios e destruições de toda a espécie. A capital converter-se-á numa verdadeira imagem do inferno. Na ocasião em que a divina justiça ofendida infligir tão pavoroso castigo, todos aqueles que o puderem fazer, fujam dessa cidade. Este castigo agora predito convém que seja anunciado pouco a pouco e com a devida discrição.

¹ O recado da Jacinta para o Dr. Formigão terá sido transmitido pela Irmã Maria da Purificação Godinho, algum tempo depois da morte da vidente. Em carta de 19 de Fevereiro de 1920, véspera do falecimento, ao Dr. Formigão, em que a Irmã Maria da Purificação escrevia “a Jacintazinha vai morrer”, acrescentava: “Eu tenho uma coisa para contar a V. Rev.^a mas não posso contar senão pessoalmente. O que é, diz respeito ao Snr. Padre e a mim”. Noutra carta para Lúcia, a mesma senhora escrevia-lhe: “Tenciono ir se Deus quiser aí para maio” e “Quando o sr. Dr. Formigão aí for dá-lhe muitos cumprimentos meus”. À folha das “Despesas de D. Maria da Purificação na ida a Fátima” foi atribuída, pelo Dr. J. M. Alonso, a data de “1920-Mai-13”). Cerca dessa data, terá sido o encontro com o Dr. Formigão. Por isso, este terá redigido o documento agora publicado, só depois daquela data. O Dr. J. M. Alonso, em nota de leitura deste documento, diz que a ortografia antiga “hace subir este escrito al año 1920”. O Dr. A. M. Martins, atribui também este documento a 1920. A terminologia utilizada parece, porém, apontar para uma data mais tardia.

Doc. 52
1920-02-22, Lisboa

Carta de Eurico Lisboa para o Dr. Manuel Nunes Formigão, sobre a morte da Jacinta e dos preparativos para o seu funeral.

Publ.: DCF, III-2 - Doc. 442

22 de fevereiro

Meu Ex.^{mo} Am^o

Como V. Ex^a sabe tivemos o grande desgosto de ter falecido a pequenita Jacinta.

Almas piedosas vestiram-na ontem de branco. Foi encerrada em caixão de chumbo e, depois de várias hesitações foi há pouco depositada na Igreja dos Anjos tendo facilitado tudo o Rev.^{do} Prior, meu velho amigo Dr. Manuel Pereira dos Reis¹.

Resolvemos proceder assim porque é nossa intenção enviá-la num furgon para Chão de Maças de onde a transportarão para Fátima ou Vila Nova de Ourém, como a família quiser. Parece que ela mostrou desejo de não descer à terra.

Como hoje se torna quase impossível tratar do transporte nos Caminhos de Ferro, amanhã de manhã irei informar-me da forma de o fazer e das despesas que isso acarreta, tendo eu vaga informação de que poderá custar cerca de 50\$000.

O funeral, sem o caminho de ferro custa uns 165\$000, porque só o caixão de chumbo custa 70\$000. Estamos abrindo subscrições para isto tudo, o que foi iniciado pelo Snr. Cónego Baltasar² que, por ele e Família, dá 50\$000. Podemos contar já com uns 100\$000.

Muito bom seria que o meu bom Amigo aí abrisse subscrição com o mesmo fim, porque me parece consolador para a família que o corpinho seja conduzido para Fátima.

¹ Nasceu a 24 de janeiro de 1879. Foi pároco da Igreja dos Anjos, em Lisboa. Em 1920 confessou a Jacinta no Hospital de D. Estefânia, em Lisboa. Faleceu a 13 de maio de 1960.

² Cónego Tomás de Almeida Baltasar, Major Capelão, de Lisboa.

Como é provável que a família amanhã aqui apareça, resolvemos que o transporte para Chão de Maçãs só se faça na 3ª feira, 24, à tarde ou noite. Só saberemos isso ao certo amanhã pelo ½ dia.

Logo que isso se saiba ao certo enviarei telegrama a V. Ex^{cia} dizendo em que comboio vai porque talvez possa entrar aí nesse comboio e acompanhá-la a Chão de Maçãs, que é a estação mais próxima de Fátima.

Se V. Ex^{cia} entender conveniente que a pequenita fique aqui enviar-me-á um telegrama logo que esta receba, para suspender tudo e depositá-la num jazigo do Cemitério dos Prazeres.

Com mt^a elevada consideração sou

De V. Ex^{cia}
At^o V^{or} Am^o obrigado

Eurico Lisboa

Saudades do Amaro

Doc. 53
1920-04-09

Notas do Dr. Manuel Nunes Formigão sobre os videntes Francisco e Jacinta Marto.

Publ.: DCF, III-2 - Doc. 469

Fátima 9 de abril de 1920

Francisco Marto adoeceu no dia 22 ou 23 de dezembro de 1918; adoeceram todos na casa exceto o pai; as vizinhas ajudaram a tratar os enfermos bem como o pai. O Francisco esteve de cama com a força da doença uns quinze dias, levantando-se nos princípios de janeiro, muito fraco, cada vez mais. Dizia à mãe: ó mãe só posso rezar metade do terço, quando rezava o terço como de costume. Dizia: “Ó minha mãe não me atrevo a rezar o terço todo”. Respondia-lhe a mãe que se não o pudesse rezar de rijo, rezasse só com o pensamento. Dizia muitas vezes que a oração que Nossa Senhora lhe tinha dito nunca lhe esquecia. “Ó minha mãe, a oração que Nossa Senhora lhe ensinou nunca lhe esqueça, que eu nunca me esqueço”. “Mas, filho, às vezes esquece-me”. Dizia o pequeno “Quando fôr pelo caminho reze-a: “Ó meu Jesus perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levai as alminhas todas para o Céu principalmente aquelas que mais dele precisarem”. Ele rezava-a sempre quando o terço. Às vezes dizia: “Ó minha mãe, eu não sei oferecer o terço como muita gente sabe”. “Meu filho oferece-o a Nossa Senhora. Mas como tu entenderes”. Às vezes a mãe dizia-lhe e à pequena: “Vocês mentem! Nossa Senhora não lhes apareceu”. “Você é que mente”. “Mas eu nunca vi Nossa Senhora”. “Você não vê porque não quer, porque é muito ruim, muito mentirosa”.

O pequeno começou a sair, chegou a ir várias vezes à Cova da Iria. Nunca mais teve saúde. Diziam-lhe às vezes que ele melhorava. Ele dizia que não. Dizia que a madrinha Teresa de Jesus disse-lhe um dia: “se melhorares hei de te pesar a trigo para oferecer a Nossa Senhora da Ortiga”. Ele respondeu: “Já não é a tempo”. Disse-lhe isso mais de uma vez. (Quando pastava o gado a mãe mandava-o pelos montes da madrinha, e o pequeno dizia que a mãe não devia ensiná-lo a roubar, e se quisesse que ele fosse, avisasse a madrinha). No dia 3 de abril lá foi viaticado pelo pároco. “Então eu não hei de receber a Nosso Senhor?”

A família chamou o pároco para o confessar no dia 2. No dia 3 foi-lhe, pela manhã em jejum, administrado o Sagrado Viático. Ele pediu na véspera à mãe que o deixasse estar em jejum. “Está bem”, disse a mãe, “depois da meia-noite não tomarás mais nada”. Quis sentar-se na cama. A família não deixou. Ficou muito contente. Perguntou à mãe. “Não tornarei a receber a Nosso Senhor, minha mãe?”. “Não sei, filho”. Pediu durante o resto do dia água e leite. À noite à mãe pareceu-lhe que estava pior e perguntou-lhe como se sentia. Ele disse que não estava pior e que não lhe doía nada. Morreu no dia seguinte, 4, sexta-feira, pelas dez horas. Faria 11 anos, se fosse vivo, no dia 11 de junho. Nasceria às dez horas da noite pouco mais ou menos¹.

Meia hora antes de ele dar contas a Deus, a mãe disse-lhe. “Ó Francisco estás pior?”. “Não, o que desejava era ver a madrinha”. O pai foi chamá-la. Ela chegou e ele, logo que ela assomou à porta, disse: “Ó madrinha dê-me a sua bênção e perdoa-me?”. A madrinha abraçou-se a ele, não querendo crer que ele morresse ainda, dizia: “Ó Francisco, tu não morres ainda”. Dez minutos depois morreu. Quando morreu, deu um ar de riso e morreu. A Jacinta disse, “porque estão vocês a chorar, pois ele estava a rir”. “Então porque não choras?” Nunca chorou, não teve pena dele ou, se a tinha, não a mostrava. Nem pelo enterro chorou. E dizia “vocês é que hão de morrer. Ele não morreu. Morreu, mas foi para o Céu”. Mas reza por ele, quando a família lhe rezava por alma.

Jacinta Marto

Adoeceu no dia 22 de dezembro de 1918. Ainda no dia 20 tinha ido com a mãe à procissão de penitência de Boleiros, promovida por Manuel Paulo², indo o Santíssimo Sacramento de Fátima para Boleiros.

Esteve uns oito dias de cama; levantou-se, apareceu-lhe um tumor no lado esquerdo, tornou à cama no mês de janeiro ou fevereiro. Rebentou o tumor. Dois ou três meses depois, foi para o hospital de Vila Nova de Ourém, em junho e julho. Depois de o tumor rebentar foi a

¹ Segundo o assento de batismo, o Francisco nasceu no dia 11 de junho de 1908, às três horas da madrugada.

² Trata-se de Manuel António de Paula. Foi criado do General Sebastião Custódio de Sousa Teles, em Lisboa. Assistiu ao fenómeno solar de 13 de outubro de 1917 e acompanhou, de Lisboa, o funeral da Jacinta. Faleceu a 15 de abril de 1939.

mãe com ela ao colo, ao médico Dr. Preto duas vezes, com diferença de 15 dias ou mais. Da segunda vez é que ele disse que fosse para o hospital. No fim de dois meses disse ele à mãe que a retirasse, que mais não lhe podia fazer; só uma operação em Lisboa, mas que mesmo assim naturalmente não melhorava. Foi durante a doença muitas vezes a cavalo num burrinho à Cova da Iria, a pedido dela, que insistia. No dia 13 de janeiro foi lá pela última vez. Quando chegou à estrada, disse à mãe: “cale-se agora, não diga nada, que eu quero rezar dois terços, na Cova da Iria e oferecê-los a Nossa Senhora porque não queria que lhe fizessem perguntas, que não lhe dissesse nada”. Pouco dormia durante a doença. Mas não dava incómodo durante a noite.

Rezava o terço. Às vezes dizia: “Ó minha mãe já não posso rezar senão sentada. Então dizia a mãe: “se não pudeses rezar não rezes”. Durante a doença, enquanto podia andar de pé, chamava as crianças dos vizinhos e ensinava-lhes a doutrina. Enquanto foi viva havia sempre crianças à porta. Ela tinha dois laços de fita de seda que lhe tinham dado. Pediu à mãe, para os ir oferecer a Nossa Senhora à Cova da Iria. Pendurou-os e depois disse: nunca mais cá torno.

Uma vez que ela se confessou em Lisboa, antes de ir para o hospital, não percebeu bem o padre, e a mãe perguntou-lhe se tinha percebido a penitência e disse que sim e se se tinha confessado bem, e disse que sim, e acrescentou que não tinha pecados grandes, mas só ralhar aos cachopos quando faziam barulho ou rixavam, e faltas de paciência com o tratamento do buraco. Tinha sempre muitas dores. Queixava-se quando lhe mexiam da cintura para cima. Mudava de roupa duas ou três vezes por dia por causa do pus, e isso custava-lhe muito. Ia de vez em quando a pé (e só uma vez a cavalo) à igreja paroquial para se confessar e comungar. Em Lisboa confessou-se uma ou duas vezes e comungou três vezes, sendo duas na Igreja da Estrela. Fez a primeira comunhão há dois anos, um ano depois da última aparição.

Doc. 54
1920-04-26, Braga

Carta de Teixeira Fânzeres¹ para Gilberto Fernandes dos Santos, a informar que remeteu, pelo comboio, a imagem de Nossa Senhora de Fátima para a Capelinha das Aparições. Pede informações acerca do rosário ou terço da Imagem.

Publ.: DCF, III-2 - Doc. 481

Braga, 26-4-1920

Ex.mo Am^o e Snr. Gilberto
Torres Novas

Por este correio remeto guia do caminho de ferro para V. S^a mandar levantar da estação de Torres Novas uma caixa com a imagem grande de Nossa Senhora de Fátima. Resolvi remetê-la pelo caminho de ferro por o meu pessoal só ir para Pé de Cão em princípio de Maio. Espero chegue bem e ao seu agrado. Tenho já a fotografia tirada em tamanho maior; como pelas provas que junto mando, vi que são maiores e estava-se a encaixotar a imagem quando chegou a carta de V. Ex^a, tendo assim de tirar-se nova chapa, a qual será remetida amanhã para a casa do gravador Snr. Marques Abreu, Avenida Rodrigues de Freitas n^o 310 - Porto, para quem escrevo dizendo-lhe que envie a chapa competentemente bem acondicionada a V. Ex^a dando-lhe seu nome, morada e terra. E com a urgência máxima por ver esse seu todo empenho e também meu. Quanto à imagem pequena vai um destes dias como encomenda postal. Como não me deram o rosário a tempo, não foi tirada a fotografia com ele, mas essa é uma coisa que escapa. O rosário deve ser branco e com a corrente ou cordão amarelo, ou em metal branco? É rosário, não é verdade, ou é um terço?guardo a resposta pois para não causar demora encomendei as duas coisas. A gravura deverá ir na medida indicada nos 12x7½.

Peço o maior cuidado ao desencaixotar a imagem, que vai aparafusada na base e leva uma travessa também aparafusada. Como as cores são claras e os bordados vão um pouco frescos, é preciso

¹ Proprietário da Casa Fânzeres, em Braga, onde foi encomendada a primeira imagem de Nossa Senhora de Fátima.

todo o cuidado e limpeza a pegar na imagem só pela base e nas costas isto com panos bem limpos. É pena se a sujam. Não esqueceu a caixa que aqui deixou, vai junta. Sempre ao seu dispôr e espero tudo chegue bem. Cumprimentos de meu filho, e meus também ao Snr. Prior.

Seu Atº C.º
Vn. Mtº Obg.º

Teixeira Fânzeres

Doc. 55**1920-05-07, Santarém**

Telegrama do Governador Civil de Santarém (Dr. José Dantas Baracho) a Artur de Oliveira Santos, administrador do concelho de Vila Nova de Ourém, a dar instruções para que se proíba a comemoração do dia 13 de Maio.

Publ.: DCF, III-2 - Doc. 498

Nº356

Administrador do Concelho de Vila Nova de Ourém

Sua Ex^a o Ministro Interior determina que se evite repetição mistificação caso Fátima que se prepara para este mês devendo intimar dirigentes e principais responsáveis para não organizar cortejo ou qualquer préstito religioso sob as penas da Lei que aplicará em caso desobediência remetendo Juízo desobedientes com autos notícia devidamente testemunhados acompanhados intimações prévias ponto Mais determina Ex.^{mo} Ministro que este assunto seja tratado comigo diretamente sem intervenção outras pessoas.

Governador Civil

Doc. 56
1920-06-05, Vila Nova de Ourém

Ofício do Administrador de Vila Nova de Ourém, Artur de Oliveira Santos, para a Federação do Livre Pensamento, a acusar a receção do ofício enviado por essa Federação.

Publ.: DCF, III-2 - Doc. 527

Federação do Livre Pensamento
Largo do Intendente, 45 - 1º
Lisboa.

5-6-920

480A

Acuso a receção do ofício da Federação Portuguesa do Livre Pensamento de 15 do mês findo, próximo passado, e agradeço as felicitações com que se dignaram honrar-me embora imerecidas. A reação sofreu no dia 13 de maio, graças às providências do Governo da presidência do grande patriota e republicano ilustre cidadão António Maria Batista¹, um grande golpe que lhe destruiu a projetada parada com que pretendiam não só explorar mais uma vez com a ingenuidade do povo inculto, como também preparar um fio de onde fariam os seus ataques odiosos à República. Não desarmaram ainda os promotores da manifestação da Fátima (todos eles autênticos inimigos da República) pois que pretendem fazer com todo o aparato a trasladação de um cadáver de uma infeliz criança, falecida há tempos em Lisboa, a quem atribuem intermediadora da Virgem e ainda se servem da chamada vidente Lúcia dos Santos, criança de 13 anos, uma pobre doente, para melhor explorarem o povo ignorante. Mas os seus negregados projetos ficaram de vez sem efeito enquanto no nosso País governos como o atual e Associações como o Livre Pensamento cumprirem com a missão augusta de combaterem a mentira e defenderem a Liberdade.

(a) *Santos*

¹ Presidente do Ministério de 8 de março a 6 de junho de 1920.

Doc. 57**1920-06-23, Torres Novas**

Carta de Gilberto Fernandes dos Santos para o Dr. Manuel Nunes Formigão, sobre a sua ida a Fátima no dia 13 de junho.

Publ.: DCF, III-2 - Doc. 539

T. Novas 23/6/920

Ex^{mo} Snr D^r. Formigão

Que a Omnipotência Divina e Nossa Mãe do Céu nos abençoe e vos aguarde com uma bela saúde, eis o que sinceramente mais lhe deseja este humilde criado de V. Ex^a. Eu e meus vamos bons graças ao Bom Deus.

Cumpre-me participar-lhe que fui à Fátima em 13 do corrente. Como não houvesse perseguição alguma, resolvi o seguinte: assistir à Missa e sermão de festa de Santo António; em seguida resolvi levar a Imagem de Nossa Senhora de Fátima para o local das aparições para exposição no mesmo lugar. Eram 3 e meia horas oficiais quando cheguei com ela à porta da pequena ermida. Caso importante: pedi ao povo que tirassem os chapéus, pois que já estava benta; naquele mesmo momento tiro a tampa e a coloco imediatamente sobre uma pequena mesa e esta sobre o pequeno muro em frente da capela. Como ia dizendo, naquele mesmo momento eis que o povo de joelhos em terra gritava, rezavam a voz alta, choravam suplicando perdão de mãos erguidas pois que estavam presenciando o fenómeno solar tal qual o de 13 de outubro de 1917; no mesmo momento, além de também presenciar o mesmo fenómeno vejo em minha frente a Venerada Imagem completamente focada dum dourado transparente, celestial de certo; o rosto da Imagem transforma-se por completo (efeito do focado). Eu estava sobre o muro de pé, consertando o papel que forrava a caixa; ao ver tal milagre por duas vezes curvei em sua frente suplicando perdão, mas novamente tinha que me levantar para arranjar os papéis e uma cobertura azul sobre a caixa, ficando assim numa exposição linda pois que era tudo azul celeste e a Imagem branca. Em seguida acendo 4 velas e com uma outra as acendi. Esta tem a luz natural e acendendo as 4 velas dão estas luz encarnada, mas um encarnado lindo como fogo de artifício e a vela acendedora sempre

com a luz natural; em seguida, coloco esta espetada num ramallete de flores e imediatamente se transforma em cor encarnada, igual às outras 4. O povo exclama: olhem para as velas! Olha para as velas, em seguida, joelho em frente e medito o santo rosário e todos me acompanham à recitação. Durante a reza apagaram-se algumas velas pelo vento, acendidas segunda vez, dão luz cor de rosa. Findo a reza do Santo Rosário; o fenómeno solar acaba, a Imagem perdeu o focado e as mesmas velas dão a luz natural. Bendito seja Deus.

Queira acreditar-me como verdadeiro, não admitindo o mais pequeno exagero de minha parte, pois que tudo isto foi visto por mim. Havia quem dissesse que durante o caminhar da Imagem da estrada à Cova da Iria, a Imagem foi acompanhada por 2 estrelinhas brancas, mas isso, se foi verdade não sei. Eu nada vi, pois que a levava às minhas costas.

Sem mais por agora

Disponha deste criado de V. Ex^a M^{to} Obg^{do}

GFSantos

Doc. 58
1920-07-18, Parede

Carta do Dr. Eurico Lisboa para o Dr. Manuel Nunes Formigão, sobre um folheto e sobre a estadia de Lúcia em Lisboa.

Publ.: DCF, III-2 - Doc. 550

Parede, 18-VII-920

Meu Ex.m^o e presado Am^o

Temos o mesmo defeito ou a mesma qualidade: não sabemos escrever, nem aproveitar bem o papel. Parecendo a princípio que nada temos que dizer, os pensamentos sucedem-se e ainda fica assunto.

Estimei muito a sua cartinha e cá fico esperando o primeiro exemplar do seu opúsculo sobre Fátima. Poderá mesmo mandar-me 10 exemplares que eu tratarei de os vender.

Escrevo-lhe ainda debaixo da agradabilíssima impressão de ter convivido durante 24 horas com a pequena Lúcia, do que certamente já tem notícia.

Sua Ex.^{ma} Mana teve a gentileza de levar ao meu consultório a Lúcia, o que foi uma surpresa, apesar de o meu bom amigo me ter anunciado que ela viria a Lisboa. Pedi então e foi concedido que ela viesse à Parede, tanto mais que só assim minha mulher lhe poderia falar, visto que só com dificuldade se pode deslocar, pois está já no 8^o mês da gravidez.

Na 5^a feira fui buscá-la a Lisboa às 8 horas, sendo-me entregue na estação pelo meu *chauffeur*, um belo rapaz, de toda a minha confiança. Trouxe-a no comboio e aqui esteve connosco, indo de manhã e à tarde brincar com meus filhos, e na nossa presença, na praia, onde andaram descalços, molhando os pés.

Às 2½ horas fomos com ela ao Sanatório, onde há uma lindíssima capela, e aí rezou o Terço, na presença das Irmãs dominicanas, da criadagem e doentes, ficando todos encantados com a forma como a Lúcia rezou.

Fomos depois, acompanhados pelo Capelão, Superiora e mais Irmãs visitar aquele belo estabelecimento indo sempre, ou quase sempre, a Lúcia pelo braço da Superiora, uma excelente senhora que terminou por oferecer à Lúcia uma bonita medalha de S. Domingos.

Na 6^a feira de manhã levei a Lúcia para Lisboa, onde no meu automóvel a acompanhei a casa, falando aí com sua Ex.^{ma} Irmã a quem

muito agradei o favor que me tinha concedido e que muito apreciámos, tanto mais que sua Ex.^{ma} Irmã mais uma vez me disse que essa concessão tinha sido absolutamente excepcional. Pena me fica que esta visita se não possa repetir; contudo a todos frisei que sempre que a Lúcia aqui puder vir, terá sempre um quarto para se instalar por quantos dias quiser, o que a ela beneficiará corporalmente, recebendo nós salutareos benefícios espirituais.

Fica-me a esperança de que, quando o meu bom amigo aqui vier passar um dia, como me prometeu, se fará acompanhar da Lúcia. Quando vem? Espero-o dentro de 15 dias, pois no princípio de agosto somos forçados a ir para Lisboa para recebermos o novo filho.

Guardei o possível segredo da presença da Lúcia em Lisboa, tendo a certeza de que não serão incomodados por inconfidência minha.

Quando aparece por aqui? Desejava que viesse à Parede num domingo ou 5^a feira pois são os dias em que não vou a Lisboa.

Cumprimentos de minha mulher e beijos dos meus filhos. Com a maior consideração e estima

mt^o ded^o am^o e ad^{or} obgd^o

Eurico Lisboa

19-VII Acabo de saber pelo M.^{el} Paula de Boleiros que lhe escreveram da terra dizendo não só que a Lúcia estava aqui mas indicando mesmo a casa onde está hospedada.

É um segredo já muito divulgado.

Saudades da sua afilhada que se sente muito melhor.

E. L.

A sua afilhada Aida está quase boa, podendo retirar para Santarém dentro de 8 dias.

Doc. 59**1920-08-24, Torres Novas**

Carta de Gilberto Fernandes dos Santos para D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, sobre assuntos relacionados com Fátima.

Publ.: DCF, III-3 - Doc. 570

Ex.^{mo} Rv.^{mo} Snr D. José Alves Correia da Silva
Meritíssimo Bispo de Leiria

Cumprimentando V Ex.^a Rv.^{ma} a quem beijo o sagrado anel, ousou pedir ao bondoso coração de V. Ex.^a Rv.^{ma} a Sua altíssima atenção para o assunto que me parece digno de algumas atenções da Vossa parte, como mui Glorioso Ministro da Santa Igreja e representante das Suas eternas Verdades na terra.

Permita-me V. E. Rv.^{ma} que comece a minha exposição pelo seguinte:

Pelos casos extraordinários que presenciei em Fátima em 13 de setembro e 13 de outubro de 1917 e 13 de junho de 1920, não exagerando em nada que me foi dado presenciar sem qualquer efeito de sugestão, nem mesmo por quaisquer exageros, não me resta dúvida alguma que as 6 aparições da Santíssima Virgem foram um facto. E por tal motivo, o motivo poderoso da verdade, me é dado afirmar e propagar a fervorosa devoção da minha parte para com Nossa Senhora de Fátima. E, desejando eu ajudar a avivar a fé e a crença nos corações dos fiéis sobre as referidas aparições, mandei fazer uma Imagem que ofereci para colocar dentro duma pequena capela que fizeram nesse local.

A Imagem tem de altura 1 metro e foi feita segundo a descrição da feliz vidente Lúcia. E, para mais propagar a fé no povo, mandei também imprimir alguns milhares de estampas que distribuí grátis ao povo em 13 de maio, 13 de junho e 13 de julho do corrente ano. Novamente mandei fazer mais estampas com outra chapa que me parece ficarem melhores, juntando também uma pequena oração por Portugal, a qual oração mostrei a alguns sacerdotes daqui e me disseram que podia mandar imprimi-la por debaixo da fotogravura, mas esqueceram-se de me dizer que, segundo o direito canónico deve ser pedida a Autorização do “Imprimatur”, antes de impresso e não depois; desconhecendo eu esta praxe da lei eclesiástica, sou pois, muito humildemente, pedir a V. Ex.^a Rv.^{ma} me perdoe por tão grande falta, e podendo ser, espero que V. Ex.^a Rv.^{ma} autorizar-me-á o “Imprimatur” para as que mandar imprimir de

futuro. As referidas estampas com a oração já as comecei a distribuir em Fátima em troco de uma esmola à vontade dos fiéis as quais esmolas ficam em posse de uma mulherzinha que, desde os princípios tem recebido todas as ofertas ali levadas. Creio bem que a criatura tem tudo guardado, aguardando as Ordens de V. Ex Rv^{ma}.

Há também uma Senhora que deseja que eu mande imprimir uns folhetos com a Meditação do Santo Rosário em verso para serem vendidos também em Fátima, revertendo o produto para a mesma causa. Lembro-me que se V. Ex.^a Rv.^{ma} conceder também o “Imprimatur” ficarão depois com todo o valor desejado. Por este mesmo correio envio as estampas e o referido manuscrito para o folheto para a altíssima apreciação de V. Ex.^a Rv.^{ma} pelo qual peço e muito humildemente aceito toda a correção.

E se V. Ex.^a Rv.^{ma} se dignar fazer alguma oração própria para Nossa Senhora do Rosário de Fátima, com o maior gosto da alma mandarei imprimir nas estampas futuras. Creia V. Ex.^a Rv.^{ma} que tudo quanto seja para avivar o Santo caso de Fátima, e que esteja ao meu alcance, apesar de fracas forças, estou sempre pronto e para mim é sempre motivo de glória, pois que toda a minha intenção é só ajudar a avivar o referido Santo Caso de Fátima.

Graças ao Bom Deus e Nossa Mãe Santíssima já se vai colhendo abundante fruto sobre a referida minha intenção da propagação da fé; pois que, desde que os fiéis encontram no local a linda Imagem, tem ocorrido sempre muitíssimos fiéis e se tem avivado muito mais a devoção ao local. Como a pequena capela que fizeram está muito em deserto tenho receio que os ímpios sejam capazes de fazer o que muitas vezes nos parece impossível, e assim resolvi trazê-la para casa do mui digno Prior de Fátima, levando-a todos os dias 13 para o local das aparições colocando-a em exposição e veneração aos fiéis durante o dia e, à noite, regressando com Ela para casa do referido Prior (o trajeto não é feito processionalmente). Não a coloquei na Igreja de Fátima porque esta se encontra em reedificação, encontrando-se atualmente grande parte destelhada, e assim nada obstará que os ímpios fizessem das suas. Como parece realmente um pouco reparado andar com a Imagem em “bolandas” todos os meses, sou por esta a pedir muito humildemente a V. Ex.^a Rv.^{ma} se digne informar-me o que devo fazer em 13 de setembro próximo. Era desejo meu colocá-la definitivamente talvez em setembro ou outubro na sua Capelinha. Parece-me que Nossa Senhora não consentirá mais que ali a profanem. Enfim, muito humildemente acatarei as Venerandas Ordens de V. Ex.^a Rv.^{ma}.

Não sei se V. Ex^a Rv^{ma} já está informado do caso fenomenal que ali foi dado em 13 de junho passado. Há também algumas curas obtidas dali por pedidos de fé. O Snr Rv.^{do} D.^r Formigão atualmente professor no Seminário em Santarém tem apontado quase todos os casos de Fátima, é este Rv.^{do} D.^r que de tudo melhor poderá informar V. Ex^a Rv^{ma}.

Confiado na benevolência e caridade de V. Ex^a Rv^{ma} espero que perdoar-me-á esta tão minha longa maçada e estas rudes expressões, pois que sou um simples leigo que do fundo da alma deseja a continuação da proteção divina na propagação da devoção da Santíssima Virgem a Quem peço humildemente a sua Alta Proteção para V. Ex^a R^{ma} e sua Diocese.

Sem mais,

Do servo inútil que aguarda as Venerandas Ordens de V. Ex.^a Rv.^{ma}

Torres Novas 24-8-920

Gilberto Fernandes dos Santos

Doc. 60
1920-09-12, Santarém

Carta do Dr. Manuel Nunes Formigão para D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, a prometer informá-lo, em breve, sobre os acontecimentos de Fátima.

Publ.: DCF, III-3 - Doc. 574

Santarém
12-IX-920

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor

Soube pelo rev.do Pároco de Fátima que V. Ex.^{cia} Rev.^{ma} manifestara o desejo de que eu fosse falar-lhe a Leiria por motivo dos acontecimentos extraordinários que naquela freguesia se têm verificado nestes últimos três anos. Há mais tempo que eu desejava ter podido satisfazer esse desejo, que para mim era uma ordem, mas só agora se oferece para isso a ocasião oportuna. Talvez na próxima quarta-feira me seja dado procurar V. Ex.^{cia} Rev.^{ma} a fim de me pôr à sua disposição. A pedido de S. Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo de Mitilene, que governava então interinamente o Patriarcado, tomei nos fins de 1917, embora sem carácter estritamente oficial, o encargo de ir apontando, tanto quanto possível, tudo o que se passasse digno de registo em Fátima. Porém a regência das minhas aulas no Seminário e no Liceu desta cidade as múltiplas ocupações do meu ministério e sobretudo a distância e a dificuldade de transportes quase que não me permitiram que acompanhasse de perto, como tanto desejava, os sucessos que se iam dando, e procedesse ao estudo profundo e consciencioso desses sucessos. Entretanto o pouco que consegui apurar é mais que bastante para me convencer de que se trata de fenómenos dignos do exame atento e refletido das pessoas estudiosas e por ventura da atenção da autoridade eclesiástica. O certo é que até hoje ninguém conseguiu explicar satisfatoriamente a origem e natureza dos acontecimentos de Fátima, como por exemplo as inúmeras singularidades astronómicas e atmosféricas que durante seis meses se verificaram no local das aparições, o grandioso fenómeno solar de 13 de outubro de 1917, presenciado por cerca de 60.000 pessoas e pré-anunciado pelos videntes, as numerosas conversões, curas maravilhosas e outras graças espirituais e temporais

atribuídas à invocação da Aparição e a concorrência assombrosa de peregrinos incomparavelmente superior à de Lourdes na época das aparições, apesar da dificuldade do acesso. Pensei em redigir e enviar a V. Ex.^{cia}, antes de ir aí pessoalmente, um relato circunstanciado de tudo quanto tenho podido observar e apontar mas o estado de fadiga mental em que me achava, depois de concluídos os exames, obstaram a que o fizesse. Todavia levarei comigo os elementos de informação, aliás deficientes, que tenho em meu poder, e à vista deles e das informações colhidas doutras fontes, V. Ex.^{cia} Rev.^{ma} se dignará determinar o que me cumpre fazer para glória de Deus, incremento do culto de Nossa Senhora e salvação das almas.

Aproveitando o ensejo para felicitar V. Ex.^{cia} Rev.^{ma} pela sua feliz entrada na diocese, tenho a honra de me subscrever com a maior consideração e respeito de V. Ex.^{cia} Rev.^{ma}

M^{to} At^o Ven^{dor} e obg^r

P. Manuel Nunes Formigão

Doc. 61
1920-10-06, Santarém

Carta do Dr. Manuel Nunes Formigão para Pe. Faustino José Jacinto Ferreira, pároco do Olival, sobre os terrenos da Cova da Iria.

Publ.: DCF, III-3 - Doc. 584

Meu Ex.^{mo} Amigo

Santarém, 6-10-920

Um pouco por descuido e um pouco pelo desejo de previamente me informar bem, não respondi mais cedo à estimada carta de V. Rev.^{ma}.

Depois da nossa reunião em Ourém, fui à Fátima e, depois de pôr o pároco ao facto dos nossos planos, dirigi-me a casa da família Gonçalves, de Montelo, que ficou de se entender com os proprietários dos terrenos e de comunicar o resultado ao Dr. Alberto¹. Entretanto o Sr. Vigário de Torres Novas, que é natural da Fátima e parente próximo dos Gonçalves, teve de ir àquela povoação, onde reuniu os referidos proprietários, que se mostraram dispostos, atento o fim de que se tratava, a ceder gratuitamente ou por módicos preços a propriedade dos terrenos, com excepção dum irmão da Lúcia, que exige pela sua parte, aliás pequena, uns oito ou dez contos. O Dr. Alberto é de opinião que se constitua uma sociedade de três pessoas de confiança, em cujo nome fiquem os terrenos, que urge adquirir quanto antes. Lembrava para fazer parte dessa sociedade, além dele, a minha humilde pessoa e o Dr. Eurico Lisboa ou o Dr. Vasconcelos. Pelo que me diz respeito, se fosse preciso, não me recusava a tomar esse encargo, mas acho que da comissão não deve fazer parte nenhum eclesiástico, para se evitarem as insinuações malévolas das pessoas mal intencionadas. Quanto à importância necessária para a compra dos terrenos, não me parece difícil adquirí-la. Há grandes dedicações e entusiasmos pela Fátima. Se o processo da Fátima estivesse concluso e a sentença fosse favorável, uma subscrição aberta na imprensa católica cobriria em poucos dias as despesas. Mas como não o está, convém proceder com circunspeção.

¹ Alberto Dinis da Fonseca. Notário e jornalista. Nasceu na Guarda a 3 de setembro de 1884 e faleceu a 30 de agosto de 1962.

Posso desde já indicar os nomes e as quantias, digo as moradas de algumas pessoas que, estou certo disso, contribuirão com avultados donativos para a compra dos terrenos, desde o momento em que o Sr. Bispo autorize alguém a falar-lhes da sua parte. São o Dr. Gonçalo de Almeida Garrett – Castelo Branco, o Dr. Eurico Lisboa – Av. da Liberdade, Lisboa, D. Maria da Assunção Ribeiro de Avelar¹, rua da Arriaga, nº41 – Lisboa, D. Adelaide Braamcamp de Melo Breyner (Sobral) – Largo do Milagre, Santarém e D. Júlia Machado Vieira de Castro – Rua da Igreja de Cedofeita, nº 32 - Porto.

Folgo imenso de ver o caso da Fátima tão bem encaminhado e creia V. Rev.^{ma} que tive uma grande alegria com a leitura da sua carta. Terá soado finalmente a hora da Providência, hora que sempre esperei? Nossa Senhora do Rosário no-lo obtenha. Fico aguardando as ordens de V. Rev.^{ma}. Com a maior consideração e estima sou de V. Rev.^{ma}

M. At^o ven^{or} e obg^o

P. Manuel Nunes Formigão J^{or}.

¹ Vivia em Lisboa. Recebeu Lúcia em sua casa algumas vezes.

Doc. 62

1921-06-11, Vila Nova de Ourém

Ofício do Administrador do Concelho de Vila Nova de Ourém, António de Sousa Leitão, ao regedor da freguesia de Fátima, Francisco da Silva Reis, a comunicar as medidas que tomou, no sentido de impedir a peregrinação no dia 13.

Publ.: DCF, III-3 - Doc. 622

Serviço da República

Ad. do Conc^o
de V. N. de Ourém
N^o 588

V. N. de Ourém, 11 de junho de 1921

Ao Senhor Regedor da freguesia de Fátima
Amoreira

Constando nesta administração que na freguesia a seu cargo no próximo dia 13, se projeta uma manifestação religiosa jesuíta, no sítio da Cova da Iria, para o que pedem ao povo a sua comparência naquele local, onde pensam em fazer um sermão alusivo ao célebre milagre com convites a corporações do mesmo credo de fora do concelho, venho recomendar-lhe que em meu nome, não consinta tais manifestações que só denotam fanatismo e em nada dignificam a república nas suas leis fundamentais. Hoje mesmo se vão pedir praças da guarda republicana para assistirem às festas de Santo António, na sede dessa freguesia, e com recomendação para se apresentarem a Vossa Senhoria para o fim de manterem a ordem e o respeito às Leis do Regime vigente. Embora confiando no republicanismo de Vossa Senhoria, não deixo contudo de o tornar responsável por qualquer ato que mostre a sua benevolência em casos de um fanatismo religioso e fora dos limites determinados pelas leis. As praças devem chegar à sede da Fátima às 10 horas, devendo Vossa Senhoria ali aguardá-las.

Saúde e Fraternidade
O administrador do concelho

António de Sousa Leitão

Doc. 63
1921-09-14

Notas de D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, sobre a sua presença em Fátima, no dia 13 de setembro.

Publ.: DCF, III-3 - Doc. 640

Fátima

Fui à Cova de Santa Iria a 14 de setembro de 1921 a primeira vez. Rezei o terço na capela. Nesse dia foi feita a escritura da compra pelo sr. Prior de Santa Catarina, P^e. Neves.

Autorizei a que se celebrasse lá Missa nos dias 13.

Doc. 64
1921-11-18, Leiria

Carta de D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, para o Pe. Agostinho Marques Ferreira¹, pároco de Fátima, em que determina um conjunto de regras para serem cumpridas na Cova da Iria.

Publ.: DCF, III-3 - Doc. 669

PARA SE CUMPRIR

Rev.^{mo} Sr.

Chegou ao meu conhecimento que no dia 13 do corrente se lançaram foguetes na Cova da Iria e até havia vinho para vender nesse mesmo local!

Se permiti o culto naquele lugar, foi como manifestação de amor e reparação a Nossa Senhora, cujo auxílio precisamos de rogar, fazendo penitência pelas nossas próprias faltas, pelas do nosso querido Portugal e todo o mundo.

Aquele lugar é de oração e penitência. Mais nada.

Em vista do que, determino o seguinte:

1º Não é permitido o uso de foguetes na Cova da Iria. No caso de algum devoto ter feito a promessa de os lançar, autorizo V. Rev.^{cia} ou outro sacerdote, no exercício das suas ordens a comutá-la, revertendo a esmola a favor do culto a Nossa Senhora.

2º Não é permitida a venda de vinho ou outras bebidas alcoólicas naquele lugar. O abuso do vinho é infelizmente causa de muitas profanações e muitas desordens. Não posso permitir que o culto a Nossa Senhora seja ocasião de pecados.

Encarrego V. Rev.^{cia}, como Pároco dessa freguesia, de zelar pelo cumprimento exato destas determinações, e, no caso de não ser obedecido, o que não espero, proíbo a celebração da Santa Missa naquele lugar, sob pena de suspensão ao Presbítero que ousar fazê-lo.

¹ Nasceu a 13 de janeiro de 1882. Foi pároco de Fátima, de 2 de novembro de 1921 a fins de outubro de 1944. Faleceu a 28 de fevereiro de 1948.

V. Rev.^{cia} lerá este ofício na igreja paroquial, de forma que dele o povo tome boa notícia para ser cumprida.

Deus guarde a V. Rev.^{cia}

Leiria, 18 de novembro de 1921

Rev.^{mo} Sr.
Pároco da Fátima

† *JOSÉ, Bispo de Leiria*

Doc. 65
1922-01-05

Primeiro escrito da vidente Lúcia sobre as aparições, feito a pedido do seu confessor, no Asilo de Vilar, Pe. Manuel Pereira Lopes¹.

Publ.: DCF, III-3 - Doc. 685

ACONTECIMENTOS DE 1917

Maio 13-1917

Andava guardando as ovelhas na Cova de Iria na companhia do meu primo Francisco e da Jacinta, brincando, fazendo um muro à volta duma moita; e vimos um relâmpago; e disse eu para o Francisco, vamos embora porque está a dar relâmpagos e pode vir trovoadas; voltámos as ovelhas para nos virmos embora; chegando ao meio da fazenda, deu outro relâmpago e vimos uma Senhora em cima duma carrasqueira; ficámos muito assustados por vermos aquele resplendor que a envolvia. Então disse-nos Ela: “não tenham medo porque eu não vos faço mal”. Perguntei-lhe eu: “De donde é vosmecê?” “Eu sou do céu”. “O que é que vosmecê me quer?”. “Quero que venhas aqui durante 6 meses e no fim te direi o que quero”. Perguntei-lhe pela Maria do José das Neves² e Ela me disse: está no céu; perguntei-lhe pela Amélia³ e disse-me que estava no purgatório. Se me disse mais alguma coisa neste mês não me lembro. E nisto desapareceu subindo tão alta que chegou a ponto de não a vermos mais.

¹ Nasceu a 23 de julho de 1880. Foi Vigário Geral da Diocese do Porto, e confessor de Lúcia, no Asilo do Vilar, no Porto. Faleceu a 18 de junho de 1969.

² Maria das Neves ou Maria do Rosário. Era prima do Francisco e da Jacinta. Nasceu a 26 de fevereiro de 1897 e faleceu a 26 de fevereiro de 1917.

³ Amélia de Jesus, falecida a 28 de março de 1917.

Junho 13-1917

Estavámos à espera que a Senhora aparecesse junto da carrasqueira, e deu um relâmpago e a Senhora apareceu em cima da carrasqueira.

Perguntei-lhe o que me queria; a resposta: “Quero que continuem a vir aqui todos os meses, e que aprendam a ler”. Pedi-lhe para curar um coxo e algumas pessoas que me tinham pedido, umas doentes, outras pela conversão de alguns pecadores. Resposta: “Daqui a um ano serão curados”. Com isto desapareceu subindo para o lado do nascente e indo tão alta que as nuvens e o azul do céu não nos deixou ver mais. Se este mês aconteceu mais alguma coisa não me lembro.

Julho 13-1917

Pela hora do meio dia assim como todos os outros meses aproximámo-nos da carrasqueira para vermos a Senhora. Deu um relâmpago e apareceu a Senhora em cima da azinheira. Pergunta: “O que é que vosmecê me quer hoje?”. Resposta: “Quero que continuem a vir aqui o resto dos meses. Querem aprender uma oração?”. “Queremos sim”. É a seguinte: “Ó meu Jesus perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno e levai as alminhas todas para o céu principalmente aquelas que mais dele precisarem”.

Em seguida confiou-nos algumas palavrinhas, dizendo-nos: “Não digam isto a ninguém só o podem dizer ao Francisco”. “Quero-lhe pedir por algumas pessoas que me pediram para eu lhe pedir por elas, umas cegas outras aleijadas outras mudas”. “Daqui a um ano algumas serão curadas”.

E nisto subiu ao céu como todos os outros meses.

Agosto 13-1917

Íamos a caminho para o sítio da carrasqueira e disseram-nos que primeiro tínhamos de ir a casa do Senhor Prior ; fomos, pensando que ele nos queria alguma coisa; chegando lá, subimos para a varanda esperando pelas ordens que nos davam; ninguém nos queria para nada.

Disseram-nos então: Subam para este carro para que cheguem mais depressa lá ao sítio; primeiro, meu pai disse que nós íamos a pé; mas o Senhor Administrador mandou-nos subir de novo para o carro dizendo que indo no carro íamos livres do povo. Então por ordem do meu pai

subi para o carro e os meus primos; em vez de irem connosco para a Cova de Iria foram para Vila Nova de Ourém. Disse eu: “não é para aqui para este lado”; mas o Senhor Administrador respondeu dizendo que nós íamos a Ourém a casa do Senhor Prior e depois vínhamos num automóvel que ainda cá chegávamos a tempo; e assim que chegámos a Ourém, fechou-nos dentro dum quarto prometendo-nos não sairmos dali enquanto não disséssemos o segredo que a Senhora nos tinha confiado; e assim se passaram três dias, ameaçando-nos com diversos castigos e prometendo-nos algumas peças de ouro, mas nada conseguiram de nós. Então vieram-nos pôr em casa do Senhor Prior.

Chegando a nossa casa fomos logo pastar as ovelhas para um sítio chamado Valinho; andando na companhia do Francisco e do João; a Jacinta tinha ficado em casa; então eu desconfiava que Nossa Senhora nos fizesse alguma visita e por inspiração de Nossa Senhora, pedi ao João que fosse a casa chamar a Jacinta e como ele não quisesse ir, prometi dar-lhe um vintém que tinha; então ele foi; chegando a Jacinta deu um relâmpago e apareceu a Senhora em cima duma carrasqueira.

“Então o que é que vossemecê me quer hoje?” “Quero que continuem a ir o resto dos meses à Cova de Iria; se não tivessem ido embora, o milagre não era tão conhecido”. “A mulher que tem o dinheiro manda perguntar o que é que quer que se faça àquele dinheiro”. “Quero que façam dois andores no dia da festa de Nossa Senhora do Rosário; um leva-o o Francisco com mais três rapazitos, outro levam-no as meninas com mais duas”. “Quero-lhe pedir por algumas pessoas que me pediram para a Senhora as curar”; “daqui a um ano algumas serão curadas”. E nisto subiu como todos os outros meses, inclinada para o lado do nascente.

Setembro 13-1917

Pela hora do meio-dia lá estávamos à espera que a Senhora viesse. Deu então um relâmpago e apareceu a Senhora. “O que é que vossemecê me quer hoje?” “Quero que continuem a vir aqui o resto dos meses e que continuem a rezar o terço todos os dias”. “Quero-lhe pedir para fazer um milagre para que todo o povo acredite” “No último mês farei um sinal no sol para que acreditem; e virá Santo José com o Menino Jesus dar a bênção ao mundo, Nossa Senhora do Rosário, depois Nossa Senhora das Dores e Nosso Senhor”. “Quero-lhe pedir por algumas pessoas que me pediram para a Senhora as curar: umas coxas outras mudas outras cegas e outras doenças”. “Daqui a um ano algumas serão

curadas”. Se me disse mais coisas neste mês não me lembro. Subiu para o lado do nascente como todos os outros meses.

Outubro 13-1917

Como todos os outros meses dirigimo-nos ao pé da carrasqueira para vermos a Senhora. Deu um relâmpago e apareceu a Senhora. “O que é que vosmecê me quer hoje?” “Quero-te dizer que não ofendam mais a Deus Nosso Senhor porque já está muito ofendido e que continuem a rezar o terço todos os dias e quero que façam aqui uma Capelinha à Senhora do Rosário”. “Então como é que vosmecê se chama?” “Eu sou a Senhora do Rosário”. Agora eu compreendi que ela disse assim: “Quando Eu chegar ao céu a guerra acaba hoje”. Mas a minha prima Jacinta disse que ela tinha dito deste modo. “Se o povo se emendar, a guerra acaba hoje. Por isto não posso afirmar de qual foi o modo que ela pronunciou estas palavras. “Quero-lhe pedir por aquelas pessoas que me pediram para a Senhora as curar, umas coxas, outras cegas outras mudas, outras doentes”. “Umas curo outras não”.

E nisto subiu para o lado do nascente como todos os outros meses; indo a tal altura que o azul do céu e as nuvens não nos deixaram ver mais. Tendo-se escondido, olhámos para o sol e vimos ao lado direito do sol um homem da cinta para cima, com um menino ao colo fazendo cruzeiros † com a mão direita; e na outra tinha um menino vestidinho de branco, tinham em volta um grande resplendor que nos não deixava olhar à nossa vontade. Ao lado esquerdo, Nossa Senhora tal qual tinha descido à azinheira.

Acabando de fazer as cruzeiros Santo José com o Menino e Nossa Senhora desapareceram. Logo em seguida apareceu ao lado direito do sol Nosso Senhor vendo só da cinta para cima, tinha o vestido vermelho. Do outro lado Nossa Senhora das Dores com um manto roxo; e sempre cobertos com o resplendor que parecia cegar-nos; com isto desapareceram e nunca mais vi nada até hoje.

O vestido de Nossa Senhora era destas cores: o vestido era todo branco; tinha duas estrelas da cinta para baixo, uma na direção da outra; ao pescoço um cordão com uma bola chegava até à cinta; as mãos postas, e delas caíam umas contas não sei se era Rosário se era Terço branco com um crucifixo, também branco. O manto cobria-lhe a cabeça até ao fim do vestido. Tinha uma beirinha doirada; os pés não sei se tinham meias se vinham descalços, porque eu não lhe diferenciava os

dedos, era por causa da luz que me não deixava fitá-los; tudo em volta dela era uma luz tão brilhante e tão forte que me não deixava ver como eu queria porque parecia cegar-me.

Parece-me que já disse quase tudo se me falta alguma coisa do que ela disse para escrever não me lembro.

Peço desculpa de ir tão mal escrito mas não sei melhor. Ainda ando a estudar.

5-1-1922 *Lúcia de Jesus.*

Doc. 66**1922-03-06, Fátima**

Carta do Pe. Agostinho Marques Ferreira, pároco de Fátima, ao Dr. Manuel Nunes Formigão, a comunicar-lhe a dinamitação da Capelinha das Aparições, ocorrida na madrugada do dia 6 de março de 1922.

Publ.: DCF, III-3 - Doc. 709

Rev.^{mo} Snr. Dr.

Anda em chamas a capelinha da Cova da Iria!!!
Era de madrugada quando se ouviu o estampido da bomba. Arrancaram o gradeamento que estava junto do altar e deitaram-no para fora; arrancaram também o que servia de resguardo ao sítio onde está a raiz da azinheira!

Desculpe, é à pressa e nervosamente.

Fátima, 6-3-1922

Pe. Agostinho M. Ferreira

Doc. 67
1922-03-09, Lisboa

Carta de Eurico Lisboa para D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, a referir-se ao atentado à Capelinha das Aparições, ocorrido na madrugada do dia 6 de março de 1922, e à conveniência da publicação de uma entrevista, a protestar contra o atentado.

Publ.: DCF, III-3 - Doc. 717

LX^a 9-III-922

Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor.

É com profunda emoção que escrevo a V. Ex.^{cia} Rev.^{ma} depois de ter conhecimento da ação criminosa exercida sobre a modesta capelinha de Fátima.

Falei ontem sobre isso com o Dr. Lino Neto, pedindo-lhe para que no Parlamento fosse hoje lançado um protesto contra o malvado atentado, tendo-me ele hoje dito que tanto no Senado como na Câmara dos Deputados foi isso tratado com o devido carinho. No meu pedido frisei que a obra de Fátima é, não a obra da Igreja, mas a da devoção do povo, que submissamente espera a sanção da Igreja.

Lembrei-me e lembra-me também o Sr. Dr. P^e. Formigão a possível conveniência de numa entrevista publicada no “Diário de Notícias”, lançar um veemente protesto contra o atentado, aproveitando assim o ensejo para propaganda da obra e mesmo para se iniciar um movimento de subscrição de auxílio ao que se projeta sob a superior direção de V. Ex.^{cia} Rev.^{ma}.

Nada farei porém sem autorização e indicação de V. Ex.^{cia} Rev.^{ma}, pedindo por isso as suas valiosas instruções. Se V. Ex.^{cia} Rev.^{ma} com isso concordasse, poder-se-ia lembrar aos entusiastas e crentes que lhe enviassem as verbas com que desejassem subscrever?

O atentado de agora mais amor me provocou à inspirada orientação que V. Ex.^{cia} Rev.^{ma} der às obras que se vão iniciar, por reconhecer que assim feitas não serão facilmente destrutíveis, dada a sua amplitude, difusão e resguardo.

Se V. Ex.^{cia} Rev.^{ma} concordar com a entrevista, afigura-se-me conveniente que seja publicada com urgência para aproveitar a oportunidade e a indignação geral. E sendo assim, muito desejava que V. Ex.^{cia} Rev.^{ma} me respondesse com urgência, para talvez se fazer a publicação no domingo.

Pedindo perdão a V. Ex.^{cia} Rev.^{ma} por o vir importunar, peço para mim e para todos os meus a bênção de V. Ex.^{cia} Rev.^{ma} e com o mais profundo respeito me subscrevo

De V. Ex.^{cia} Rev.^{ma}
At^{to} vener^{or} e criado m.^{to} obrig.^o

Eurico Lisboa

Doc. 68
1922-05-03, Leiria

Provisão de D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, sobre os acontecimentos da Cova da Iria, freguesia de Fátima, em 1917, na qual nomeia uma Comissão para organizar um processo canónico, em ordem a uma declaração episcopal definitiva.

Publ.: DCF, II - Doc. 1 (obs.: as notas 1-13, são do próprio documento; as outras, a -1, são nossas)

PROVISÃO

JOSÉ ALVES CORREIA DA SILVA, POR GRAÇA DE DEUS
E DA SANTA SÉ, BISPO DA DIOCESE DE LEIRIA:

Aos que esta nossa Provisão virem: Saúde, Paz e Bênção em
Jesus Cristo, Nosso Senhor e Salvador:

Entre todas as provas com que Nosso Senhor Jesus Cristo demonstrou a divindade da sua missão sobre a terra estão em primeiro lugar os milagres. Imperou aos ventos e às tempestades¹; dominou as ondas do mar²; ressuscitou mortos³; curou leprosos⁴, deu vista a cegos⁵, ouvido aos surdos⁶, fala aos mudos⁷, andar aos paralíticos⁸, apelando frequentemente para esses prodígios, a fim de justificar a sua doutrina⁹.

A Santa Igreja tem sido também favorecida com milagres. A sua rápida expansão, apesar de tantos obstáculos, a sua estabilidade quando tudo muda no meio do mundo, a sua resistência às perseguições em que há todos os requintes da ferocidade, os efeitos admiráveis produzidos pela sua ação social, a constância dos mártires através dos mais atrozes

¹ *Marc IV, 39.*

² *Mat VIII, 23-27.*

³ *Mat IX, 18-26.*

⁴ *Luc XVII, 17-19.*

⁵ *Jo IX; Marc. VII, 32-47.*

⁶ *Mat XI, 5.*

⁷ *Marc VII, 32-47.*

⁸ *Mat IX, 1-7.*

⁹ *Jo X, 37.*

suplícios – além dos milagres e aparições extraordinárias realizadas pelos seus apóstolos e pelos seus santos – são outras tantas provas da sua origem e assistência divinas.

O milagre, de si raro, é um sinal sensível, excedendo, absoluta e relativamente, as forças da natureza visível ou invisível – não podendo, por consequência, ser atribuído senão a DEUS.

Por exemplo: a constância dos mártires em todos os séculos e idades é superior às leis morais; a ressurreição de um morto derroga as leis da ordem física, assim como as profecias sobre os futuros livres e contingentes não se explicam pelas leis intelectuais.

Para que um facto da ordem física, moral ou intelectual seja miraculoso – não basta ter a Deus por autor. Não são milagres, no sentido rigoroso da palavra, a criação do mundo, a criação das almas ou ainda os efeitos sobrenaturais dos Sacramentos, porque todos estes factos – embora produzidos diretamente por Deus – são fenómenos naturais, não excedendo a ordem natural.

Numa palavra, o milagre há de distinguir-se de tal maneira das forças da natureza criadas que, ao presenciá-lo, possamos dizer como os Egípcios à vista dos milagres de Moisés – está aqui o dedo de Deus!¹⁰

*

* *

E poderá Deus ir contra as leis infinitamente sábias que impôs aos seres?

Há leis, fundadas sobre a própria essência das coisas – e, como tais, imutáveis, absolutas, as quais o próprio Deus não pode abrogar. São desta espécie as leis matemáticas e geométricas: repugna um círculo quadrado, como repugna que a inteligência fique indiferente perante a evidência percebida.

Mas ao lado dessas leis necessárias e essenciais há a considerar as leis físicas cujo carácter é contingente, isto é, não repugna supôr a sua não existência, mudança ou modificação por imposição de ordem superior.

Todas as maravilhas da indústria humana consistem precisamente em modificar as leis da natureza, dominá-las ou dirigir o seu curso.

¹⁰ 10 Ex VIII, 19.

Pode um homem desviar as águas de um rio, utilizá-las para a produção de energia elétrica que nos dá luz, calor, movimento... Sendo assim, porque não admitir que a intervenção de uma vontade infinitamente superior qual é a de Deus possa também produzir efeitos muito superiores?

Por outro lado, o milagre, que é uma manifestação do poder de Deus, concorre para o esplendor de sua glória e bondade, vindo testemunhar alguma verdade ou preceito que o Senhor quer fazer acreditar ou praticar pela criatura.

É certo que o Senhor desdobra continuamente diante de nós as maravilhas da sua Omnipotência e Sabedoria. – Vemos a Deus na luz dos astros que rolam sobre nossas cabeças, na terra que se revolve debaixo dos nossos pés, nas ondas que se agitam no abismo dos mares, no raio que fende os espaços, no sol que nos alumia, na árvore gigantesca da floresta e na humilde flor dos vales... Os Céus e a terra cantam a Glória de Deus, diz David¹¹.

Mas essas maravilhas do mundo, por serem comuns, não nos comovem como os factos extraordinários chamados milagres.

E não se diga que o milagre transtorna a ordem da natureza e da ciência – uma tal objeção não pode opôr-se, porquanto de um lado o milagre é muito raro, de outro lado acresce que as modificações, introduzidas no mundo material, não lhe alteraram a face nem impossibilitaram as investigações científicas. – Não só os homens mas também os elementos da natureza de outro lado têm introduzido no mundo material muito mais mudanças do que todos os milagres do cristianismo – e contudo não destruíram as leis naturais.

*
* *

Se é certo que o campo dos conhecimentos humanos é muito restrito, se é certo que estamos muito longe de conhecer todas as leis que a Sabedoria infinita impôs às criaturas – também não é menos verdade que conhecemos as forças gerais da natureza relativamente a certos efeitos mecânicos, químicos, orgânicos, vitais, sensitivos, intelectuais... Se há factos extraordinários cujo caráter sobrenatural pode ser de tal maneira obscuro que é difícil demonstrá-lo – há outros cuja sobrenaturalidade é tão manifesta que razoavelmente não podem deixar

¹¹ Sl XVIII, 2

de admitir-se como verdadeiros milagres tais como: as curas rápidas de lesões orgânicas, ou a ressurreição de um morto, etc...

*
* *
*

A Santa Igreja tem sido sempre de uma grande exigência na verificação dos milagres. – O sábio Pontífice Bento XIV escreveu um livro cheio de regras admiráveis introduzidas no novo Direito Canônico – para guiar o teólogo na discussão do caráter sobrenatural dos factos apontados como miraculosos.

É conhecida a história de um senhor inglês, protestante, que, de passagem em Roma, foi apresentado ao ilustre Cardeal Lambertini, mais tarde Papa^a. O protestante apresentava dúvidas sobre os milagres. O Cardeal mostra-lhe um processo de canonização. O senhor inglês leu e estudou atentamente este processo e, voltando a restituí-lo, declarou: – “se todos os milagres fossem verificados como estes, nada se poderia objectar”. “Pois bem”, respondeu o Cardeal, “a Santa Igreja não julga essas provas suficientes...”

Todas estas generalidades vêm a propósito do muito que se tem dito e até escrito sobre certos factos passados na Cova da Iria, freguesia da Fátima, vigararia e concelho de Ourém.

Não é nem pode ser indiferente à ação pastoral que fomos chamados a desempenhar nesta diocese de Leiria qualquer facto que se ligue com o culto da nossa Santa Religião.

Mais ou menos todos os dias, mas especialmente no dia 13 de cada mês, há em Fátima grande concorrência de pessoas vindas de toda a parte, pessoas de todas as categorias sociais que vão aí orar e agradecer à Senhora do Rosário benefícios que, por seu intermédio, têm recebido.

Conta-se que no ano de 1917 houve ali uma série de fenómenos presenciados por milhares de pessoas de todas as classes da sociedade e anunciados com bastante antecedência por umas criancinhas rudes e simples a quem, diziam, a Senhora aparecera e fizera certas recomendações.

Daí em diante não mais deixou de haver concorrência.

^a Prospero Lambertini, Bento XIV (eleito a 17 de agosto de 1740 e coroado no dia 22 do mesmo mês e ano). Faleceu a 3 de maio de 1758.

Das três crianças que se diziam favorecidas pela Aparição, faleceram duas antes da nossa entrada nesta Diocese.

Interrogámos várias vezes a única sobrevivente.

A sua narração e as suas respostas são simples e sinceras – nelas não descobrimos nada contra a fé e moral. Poderia exercer aquela criança, hoje de 14 anos^b, uma influência tal que explicasse a concorrência do povo? Disporia ela de tal prestígio pessoal que ali arrastasse aquelas massas humanas? Impôr-se-ia pelas suas qualidades precoces a ponto de fazer convergir para junto dela tantos milhares de pessoas?

Não é provável – tratando-se de uma criança sem instrução de espécie alguma e de uma rudimentaríssima educação.

De mais a mais, a pequena saiu da terra, nunca mais lá apareceu – e não obstante o povo acorre ainda em maior número à Cova da Iria.

Explicará porventura este ajuntamento o aprazível e pitoresco do local? Não. É um sitio ermo, vulgar, sem arborização, sem água, longe do caminho de ferro, perdido nas dobras de uma serra, despido de todos os atrativos naturais.

Irá o povo por causa da Capela? As pessoas devotas tinham edificado ali uma pequena ermida, tão pequenina que nem se podia celebrar a Santa Missa dentro dela.

No mês de fevereiro deste ano^c, uns infelizes cuja má ação a Virgem Santíssima perdoe, foram lá de noite e com bombas de dinamite destruíram-na, lançando-lhe em seguida o fogo.

Aconselhamos a que não se reedificasse – não só na previsão de novos atentados, mas também porque queríamos experimentar os motivos que levam ali tamanho ajuntamento de povo.

Pois bem. Longe de diminuir, a multidão é de cada vez mais numerosa.

*
* *
*

A autoridade eclesiástica tem-se mantido na expetativa. O Rev. Clero desde o princípio absteve-se de tomar parte em qualquer manifestação: apenas ultimamente permitimos que houvesse lá uma missa rezada e sermão nos dias de grande concorrência popular.

A Autoridade civil tem empregado todos os meios – inclusive as perseguições, prisões a ameaças de toda a ordem para acabar com o movimento religioso naquele lugar. Todos esses esforços têm sido

^b Lúcia tinha quinze anos.

^c A dinamitação da capelinha ocorreu na madrugada do dia 6 de março de 1922.

infrutíferos. E ninguém poderá afirmar que a Autoridade eclesiástica impulse a fé nas Aparições – muito pelo contrário. Em vista de quanto acabamos de expôr, parece-nos ser nossa obrigação estudar e mandar estudar este caso, e organizar o processo segundo as leis canônicas.

Para este efeito nomeamos a seguinte Comissão:

Rev. João Quaresma^d, Vigário Geral da Diocese

Rev. Faustino José Jacinto Ferreira, Prior do Olival e Vigário da Vara de Ourém

Rev. Dr. Manuel Marques dos Santos^e, Professor do Seminário

Rev. Dr. Joaquim Coelho Pereira^f, Prior da Batalha

Rev. Dr. Manuel Nunes Formigão Júnior, Professor do Seminário Patriarcal com autorização de S. Em.cia.

Rev. Joaquim Ferreira Gonçalves das Neves^g, Prior de Santa Catarina da Serra

Rev. Agostinho Marques Ferreira, Pároco da Fátima

Esta comissão agregará a si ou proporá a nomeação de peritos (c.2088, §3; 2118, §1 e 2).

Nomeamos o Rev. Dr. Manuel Marques dos Santos promotor da Fé, o qual receberá, segundo as regras do Direito, o depoimento de testemunhas quanto possível oculares (c.2040).

Para auxiliar o R. Promotor da Fé nomeamos como notário, o R. Manuel Pereira da Silva, Professor do Seminário.

Ordenamos a todos os fiéis da nossa Diocese (c. 2023-2025) e pedimos aos de Dioceses estranhas que deem conta de tudo quanto souberem quer a favor quer contra as aparições ou factos extraordinários que lhes digam respeito, e testemunhem especialmente se nelas houve ou há qualquer exploração, superstição, doutrinas ou coisas deprimentes para a nossa Santa Religião.

Qualquer dos membros da Comissão fica autorizado a receber os nomes dos que devem ou querem depôr, os quais serão chamados na devida altura.

^d João Francisco Quaresma. Nasceu a 3 de dezembro de 1873. Foi pároco da Sé de Leiria desde 1916 e vigário geral desde 1918. Faleceu a 5 de outubro de 1957.

^e Nasceu no dia 2 de abril 1892. Foi diretor da “Voz da Fátima” e acompanhou, diversas vezes, a Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima pelo mundo.

^f Nasceu a 11 de agosto de 1872. De 6 de janeiro de 1899 a 7 de dezembro de 1929, foi pároco da Batalha, exercendo também as funções de consultor diocesano.

^g Nasceu a 6 de junho de 1856. Foi pároco de Santa Catarina da Serra de 5 de fevereiro de 1903 a 3 de janeiro de 1948, data da sua morte.

*
* *
*

A primeira lei da história, afirmava o grande Papa Leão XIII¹², é nunca dizer falsidades; a segunda é nunca rezear dizer a verdade.

A Igreja tem sede de verdade, porque foi fundada por Aquele que disse: “Eu sou a verdade”¹³.

Por isso, se os factos, passados na Fátima, que se apontam como sobrenaturais, são verdadeiros, agradeçamos a Nosso Senhor que se dignou mandar-nos visitar por Sua Santíssima Mãe para aumentar a nossa fé e corrigir os nossos costumes; – se são falsos, conveniente é que se descubra a sua falsidade.

Nos tempos de dúvida e desorganização que atravessamos, é de tal importância julgarmo-nos e estar de posse da verdade que esta consciência basta para resistir a todas as contrariedades e vencer todos os obstáculos.

A dúvida enerva e mata; a verdade alenta e vivifica.

A verdade é a grande força que a Igreja tem possuído sempre e ninguém lha tira.

Podem armar contra ela perseguições e fazer correr rios de sangue; podem arrancar-lhe os bens materiais e reduzi-la à mendicidade; – escarnecê-la e ludibriá-la. A Igreja, de posse da verdade, fica de pé no meio do túmulo dos seus perseguidores.

*
* *

Continuemos a invocar a Virgem Mãe do Céu, sejamos exatos no cumprimento dos nossos deveres cristãos, sejamos católicos de palavra e de obras, espalhemos a Oração do S. Rosário e esperemos pelo Juízo da Santa Igreja, certos de que este será o eco do Juízo de Deus.

Esta nossa Provisão será lida em todas as igrejas e capelas da Nossa Diocese para que dela todos tomem perfeito conhecimento.

Leiria, 3 de maio, dia da Invenção da Santa Cruz, de 1922.

† JOSÉ, Bispo de Leiria

¹² Encíclica *De Studiis historicis*.

¹³ Jo XIV, 6.

Doc. 69
1922-05-04, Leiria

Ata da 1ª sessão da Comissão Canónica Diocesana para a investigação dos acontecimentos de Fátima.

Publ.: DCF, II - Doc. 2

1ª Sessão

//

Em harmonia com a Provisão de S. Ex.^a Rev.^{ma} Dom José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, de 3 de maio de 1922 reuniu a Comissão nela nomeada, no dia seguinte 4 de maio, tendo comparecido o Rev. João Quaresma, Vigário Geral da Diocese de Leiria; Rev. Faustino José Jacinto Ferreira, Prior do Olival, Vigário da Vara de Ourém e Consultor Diocesano; Rev. Doutor Manuel Marques dos Santos, Professor no Seminário e Consultor Diocesano; Rev. Dr. Joaquim Coelho Pereira, Prior da Batalha e Consultor Diocesano; Rev. Dr. Manuel Nunes Formigão Júnior, Professor do Seminário de Santarém; Rev. Joaquim Ferreira Gonçalves das Neves, Prior de Santa Catarina da Serra; Rev. Agostinho Marques Ferreira, Pároco de Fátima e o Secretário da Comissão Rev. Manuel Pereira da Silva.

Depois da Missa do Espírito Santo celebrada por Sua Ex.^a Rev.^{ma} na Sé Catedral, a mencionada Comissão reuniu no Paço Episcopal tomando posse e prestando o juramento canónico.

Acordou-se na publicação de um boletim mensal a que se daria o nome de *Voz da Fátima* e que seria destinado a registar todas as notícias e informações relativas aos acontecimentos de Fátima.

Doc. 70
1922-06-05, Castelo Branco

Depoimento de Gonçalo Xavier de Almeida Garrett “A Miraculosa Nuvem de Fumo”, em que relata os fenómenos extraordinários, durante as aparições.

Publ: DCF, IV-1- Doc. 96

FÁTIMA

A MIRACULOSA NUVEM DE FUMO

COMP. E IMP. TIP.
EMPRESA VÉRITAS
GUARDA

A miraculosa nuvem de fumo

Os fenómenos maravilhosos manifestados em Fátima são de duas categorias distintas. Uns foram preditos e anunciados com antecedência. Outros, parecendo de menos valia, por não haver algum anúncio prévio da sua realização, têm uma importância máxima, por serem concomitantes com os primeiros, confirmando a veracidade destes, por factos evidentes, manifestos à nossa vista.

Dos primeiros fenómenos apenas o essencial. Infelizmente, os segundos embora vistos e observados à evidência, são pouco conhecidos. Sobre eles daremos alguns elementos e explicações que auxiliem um mais desenvolvido estudo.

A providência divina governa, dirige superiormente as coisas, nos seus desígnios, segundo as épocas e as circunstâncias.

Em Lourdes, a Virgem da Conceição apareceu, algumas vezes, a uma humilde pastorinha, não marcando previamente dias, nem horas. Os milagres de Lourdes são manifestados em diversas pessoas, atuando mais ou menos no sistema do organismo humano. Depois são autenticados rigorosamente por comissões médicas especiais.

De modo diferente, os fenómenos admiráveis em Fátima, têm sido, na sua maior parte, independentes da ação nervosa de cada pessoa.

Seja permitida uma breve e prévia narrativa:

No dia 13 de maio de 1917, pouco depois do meio dia, estavam três inocentes pastorinhos, duas meninas e um rapazinho, junto a uma pequena azinheira, no sítio da Cova da Iria. Muito admirados vieram singela e unicamente relatar terem visto no local uma Senhora com o rosário na mão, e com tristeza no rosto, ordenando que todos, e eles também, ali fossem rezar o rosário e fazer penitência. Falava e dirigia-se especialmente a Lúcia, que era a de mais idade.

Em plena confirmação da verdade de suas palavras e para que dessem crédito a tão singular narrativa das três crianças rudes e ignorantes, fez as seguintes promessas, para que todos soubessem, acreditassem e ali fossem.

1º. – Havia de aparecer, no mesmo sítio e à mesma hora, logo depois do meio dia, às três pastorinhas, nos dias 13 dos cinco meses seguintes até outubro. 2º. – Mais anunciou que no último mês daria sinais evidentes da sua presença, a todas as pessoas quantas ali comparecessem.

Esta extraordinária e unânime promessa feita a três inocentes pastorinhas, sem educação alguma, produziu rapidamente o assombro e curiosidade no país inteiro.

A concorrência a Fátima de pessoas de diversas categorias sociais, aumentou sucessivamente nos dias e horas previamente anunciadas e sendo enorme, em mais de cem mil pessoas, em outubro, mês destinado a Nossa Senhora do Rosário, dando-se os fenómenos solares admiráveis, por todos observados. A Imprensa ocupou-se detidamente do assunto.

As crianças compareceram sempre, com exceção do mês de agosto, sequestradas pela autoridade civil.

Numa das aparições, Lúcia mostrando desejo de saber qual a pessoa com quem falava, ouviu: “Sou a Senhora do Rosário”, venham todos rezar o rosário e fazer penitência.

Muitas pessoas de espírito reto, desejosas de conhecer toda a verdade dos acontecimentos notaram a transformação operada na fisionomia das três videntes, especialmente de Lúcia. Na ocasião das aparições esta dizia unicamente: Ela aí vem!

No mês de outubro, acrescentou: Olhem para o sol. – Em todas as aparições, a Senhora somente foi vista pelos pastores, tendo no mês de agosto toda a gente observado e admirado os extraordinários fenómenos solares que então se deram.

No início das aparições, elevava-se, junto à azinheira sagrada, na Cova da Iria, uma ténue nuvem de fumo semelhante à do incenso nos templos de Deus, como para anunciar, evidenciar com reverência a presença da Senhora do Rosário, no vastíssimo templo do Firmamento celeste!!

Este fenómeno da nuvem de fumo foi observado, por muitas testemunhas, em todas as aparições. Mesmo no mês de agosto em que foi vedada a presença dos pastorinhos, comprovando-se assim que a Senhora quis cumprir todas as promessas que havia feito. Verificou-se plenamente, quanto havia sido predito e anunciado. No período das cinco aparições, também outro fenómeno singularíssimo da nuvem de fumo se manifestou, o qual não havia sido anunciado previamente.

E este facto é pouco conhecido ao qual talvez se tenha ligado mediana atenção. Todavia é importantíssimo, naturalmente inexplicável, e pode e deve servir de elemento de prova da veracidade das aparições na Cova da Iria e convém ser aprofundado.

É um fenómeno físico, químico, independente da ação nervosa do organismo humano, e comprova a presença da Senhora, segundo a sua promessa.

No dia 13 de outubro deu-se uma circunstância providencial e que se deve especialmente mencionar para melhor certificar o fenómeno. Subiu a nuvem de fumo por três vezes, partindo do local da azinheira. A distância estavam quatro testemunhas fidedignas que viram e atestam este tríplice fenómeno singular.

Entre a grande multidão de pessoas que nesse dia concorreram a Fátima, estiveram pessoas conhecidas e de plena confiança, situadas mesmo no local da Cova da Iria, as quais atestam e confirmam não se ter feito lume algum nesse local que pudesse produzir a nuvem de fumo, o qual fora visto por aquelas quatro testemunhas, colocadas a distância.

Até nesse dia especial, apesar da grande afluência de gente de todos os pontos do país, se comprova o facto sobrenatural.

Não consta, em tempo algum, antes ou depois das aparições até ao presente, a manifestação da nuvem de fumo, no sítio da Cova da Iria, a qualquer hora. Deduz-se da conclusão lógica e rigorosa, que este fenómeno foi concomitante com as aparições em dias e horas designadas em 1917, e por conseguinte sobrenatural. Segundo a opinião de professores de ciências naturais das Universidades de Coimbra e Porto, que foram consultados, este fenómeno só podia ser produzido casualmente por uma evaporação, ou combustão incompleta ou reação química, mas não em dias e horas prefixas.

É pois, um elemento de toda e completa transcendência para comprovar rigorosamente a verdade das aparições em Fátima. É independente da ação nervosa do organismo humano. Convém um estudo minucioso e desenvolvido da prova testemunhal.

Para concluir, julgo conveniente dizer ainda algumas palavras sobre assuntos recentes.

Mão criminosa lançou bombas explosivas nos ângulos da pequena e devota capelinha erigida em Fátima, ficando completamente deteriorada. Havia pouco tempo que a Imagem da Senhora do Rosário tinha sido levada para a igreja da freguesia. Uma outra bomba deitada na Cova da Iria, junto à azinheira sagrada, começou de arder mas não explodiu! São dois factos miraculosos que devem causar remorso a tanta perversidade.

No descampado de Fátima, havia muita falta de água para quaisquer trabalhos até para os inúmeros romeiros beberem. Numa das últimas peregrinações, pessoas devotas notaram alguma humidade num local próximo da Cova da Iria e lembraram-se de cavar, brotando uma bela nascente de água, parecendo maravilha celeste. Foi logo ali feita uma taça provisória.

Se não é milagre, é um facto evidente da protecção especial da Senhora do Rosário.

Ao patrocínio valiosíssimo da Virgem de Fátima em fervorosas preces, são atribuídas muitas graças especiais, havendo algumas pessoas tomado água da nova nascente. Mencionam-se também algumas curas miraculosas, convido em todos os casos a maior circunspeção e sempre o exame e apreciação de médicos inteligentes e conscienciosos.

Nos tempos que vão decorrendo tudo se pretende atribuir a uma acção natural nervosa, e não sobrenatural.

Quanto fica dito é tudo sujeito à autoridade superior eclesiástica.

Castelo Branco 5 de junho 1922.

Doutor Gonçalo Xavier de Almeida Garrett,

Presidente da Comissão Promotora da Restauração da Diocese Albicastrense e Comendador das Ordens de S. Gregório Magno e S. Silvestre.

Doc. 71
1922-06-13, Fátima

Primeiro e único número de “A Voz de Fátima”.

Publ.: DCF, IV-1 - Doc. 108

A VOZ DE FÁTIMA

Ao Principiar

Sai hoje o primeiro número deste modesto mensário, destinado a recolher e arquivar algumas informações sobre factos que dizem respeito à vida piedosa do país.

Os chamados acontecimentos de Fátima tiveram o condão de prender e emocionar o país inteiro.

Até que ponto estes factos serão dignos de consideração?

Terão eles tido realmente um carácter sobrenatural?

Eis o que incumbe averiguar à comissão especialmente nomeada para esse fim pelo digno Prelado desta Diocese.

Entretanto e seja qual for o resultado do inquérito a que a mesma comissão vai proceder, iremos aqui arquivando quaisquer notícias, ou comunicados que possam interessar não somente à vida da nossa Diocese, mas até ao país em geral.

Assim Deus nos ajude.

[...]

Uma carta do Senhor Bispo de Leiria

Rev.^{mo} Sr.

Chega ao meu conhecimento e causa-me muita tristeza o facto de no dia 13 do corrente, se lançarem foguetes na Cova de Iria e até havia vinho para vender nesse mesmo local!

Se permiti o culto naquele lugar, foi como manifestação de amor e reparação a Nossa Senhora, cuja protecção precisamos de implorar fazendo penitência pelas nossas próprias faltas, pelas do nosso querido Portugal e de todo o mundo.

Aquele lugar é para orar e fazer penitência. Mais nada.

Em vista disso determino o seguinte:

1º – Não é permitido o uso de foguetes na Cova da Iria. No caso de algum devoto ter feito a promessa de os lançar, autorizo V. Rev^a a comutá-la, revertendo a esmola a favor do culto a Nossa Senhora.

2º – Não é permitida a venda de vinho ou bebidas alcoólicas naquele lugar. O vinho é infelizmente pelos abusos que com ele se cometem, causa de muitos pecados e muitas desordens. Não posso permitir que o culto a Nossa Senhora seja assim profanado.

Encarrego V. Rev^a, como Pároco dessa freguesia, de zelar pelo cumprimento exato destas determinações, e, no caso de não ser obedecido, o que não espero, não pode ser celebrada a Santa Missa naquele lugar, sob pena de suspensão ao Presbítero que ousar fazê-la.

V. Rev^a lerá este ofício na igreja paroquial, de forma que todo o povo tome dele boa notícia para ser cumprido.

Deus Guarde a V. Rev^a

Leiria, 18 de Novembro de 1921

† *José*, Bispo de Leiria

Rev.^{mo} Sr. Pároco de Fátima

A romaria de Maio

Foi realmente grandiosa, pelo número e pela compostura, a romaria do dia 13 de maio, ao local onde se diz que Nossa Senhora apareceu aos pastorinhos de Fátima.

Trinta a quarenta mil pessoas, segundo os melhores cálculos, se juntaram ali para prestar culto à Nossa Mãe Celeste e fizeram-no com devoção e sinceridade.

Lembrem-se todos que a melhor forma de chegarmos à convicção, de que ali houve qualquer coisa de celestial, é o manterem-se sempre os fiéis com aquele respeito, ordem e sincera piedade, que é de desejar em todos os atos do culto.

Nada de exibicionismos, nem de arraiais espetaculosos.

Muita fé, muita simplicidade, muita oração fervorosa, e muita penitência, é o que nos pode atrair as bênçãos de Deus e de Nossa Senhora.

[...]

ADVERTÊNCIA

Está já instalada a comissão canónica, nomeada pelo Excelentíssimo Prelado, desta diocese, para averiguar dos chamados acontecimentos da Fátima.

Quaisquer informações sobre testemunhos, curas e alvitres que possam guiar e orientar os trabalhos dessa comissão, devem ser remetidas ou diretamente ao Senhor Bispo de Leiria ou a qualquer dos membros dessa comissão, e em especial ao Dr. Manuel Nunes Formigão, Travessa da Lameira 13, Santarém, que provisoria e obsequiosamente figura também como diretor da Voz de Fátima, até que outra coisa seja definitivamente resolvida.

O produto líquido da venda deste jornal, será entregue ao Senhor Bispo de Leiria.

[...]

Doc. 72
1922-11-23, Lisboa

Depoimento de Inácio António Marques, sobre os acontecimentos de Fátima, enviado ao Promotor da Fé da Comissão Canónica.

Publ.: DCF, II - Doc. A

“... Sr. Promotor da Fé

Em maio de 1917 correu um boato que três crianças – pastores de gado – estando recitando o terço em coro no sítio da Cova da Iria, freguesia de Fátima, lhes tinha aparecido uma senhora vestida de branco dizendo-lhes que não tivessem medo que era Nossa Senhora do Rosário; que viessem ali todos os meses no dia 13 rezar o terço que lhes apareceria sempre, e que no dia 13 de outubro lhes diria um segredo. Esta voz correu logo pelos lugarejos em redor mas ninguém podia acreditar, parecendo quase impossível que a Virgem baixasse dos céus à terra e viesse aparecer a três rudes crianças nas chãs ásperas e arenosas da Serra de Aire. É chegado o dia 13 de junho e eu desejeo por saber o que se passa encaminho-me para o local a fim de me certificar do que há de verdade.

Eram 11 e 3/4 quando chego à dita Cova e encontro ali na expectativa umas 12 pessoas. Dirijo-me a alguém e pergunto: Então onde estão essas crianças que veem aqui Nossa Senhora? E uma voz me responde: espere que ainda não é tarde. Passados momentos, eis aí vêm elas, acompanhadas dum pequeno grupo. Ajoelham-se junto da célebre azinheirinha e principiam a rezar o terço. Conto as pessoas e vejo que estão presentes umas 40. Terminada a ladainha, a Lúcia diz: “Lá vem Ela”, e manda ajoelhar. Principia interrogando e respondendo a alguém que os meus olhos não veem nem os ouvidos ouvem. É a segunda aparição e mais uma vez ali afirma perante o reduzido número de espetadores – porque ainda se lhes não pode chamar crentes – que Ela lhe está dizendo que vem ali todos os meses e que a 13 de outubro será a última vez e então dirá um segredo.

¹ Nasceu a 9 de outubro de 1896, na Chainça. Residia em Lisboa, onde faleceu, a 24 de outubro de 1983.

A Lúcia volve o olhar através do espaço como que a acompanhar com a vista alguém que se eleva e como extasiada vai indicando o rumo que ela leva até se perder no Infinito. Eu como descrente quero negar mesmo até tudo que estou vendo, mas contemplando a atmosfera, vejo que tudo se encontra turvado. Parece que duas correntes de ar opostas se vêm encontrar ali levantando uma nuvem de poeira. O tempo escurece e parece-me estar ouvindo um trovão subterrâneo. Sinto que a temperatura é quase sobrenatural e tenho medo de estar ali. Regresso a casa pensando em tal fenómeno e cogitando uma maneira de o interpretar. Minha mãe pergunta-me o que vi, ao que respondi que não sei, mas tenho a certeza que, embora haja mistério, não vem a ser bom. Não quero crer e condeno em toda a parte tal aparição.

No dia 13 de julho há muito mais concorrência.

Dão-se os mesmos fenómenos que no mês passado. A fama alastra e agora o local é um dos grandes centros frequentados por pessoas de todas as classes.

Em 13 de agosto aumenta o povo e quem contempla a Cova, que forma uma bacia dos pequenos montes ou outeiros que a cercam, vê um espetáculo tocante.

De toda a parte chegam peregrinos entoando descantes sentindo-nos viver umas horas felizes. Já passa da hora e as crianças não aparecem; o povo espera impaciente quando corre uma voz por cima daquela massa de povo que o sr. administrador de Ourém as tinha levado. Ouvem-se protestos e, quando vão começar a debandar, ouve-se uma gritaria e uma onda de cabeças volve-se para o céu afirmando cada um o que está vendo. Eu então olho para o céu e vejo as nuvens mudando de cores e correndo em diversos sentidos.

O dia 13 de setembro amanheceu sem uma nuvem no horizonte. Um sol abrasador nos faz procurar a sombra. A Lúcia reza o terço à hora indicada. Segue-se a conversação com a dita Senhora e assim que diz: lá vai ela, o sol escurece a pontos de se ver a lua e as estrelas que circundam o firmamento. O calor diminui e uma aragem nos vem mimosear a fronte. Então veem-se lá muito em cima, cortando os ares do Oriente para o Ocidente, uns corpos muito pequeninos, brancos como a neve. Há quem afirme serem pombas mas vê-se perfeitamente que não são aves. Na encosta do lado do nascente estava o reverendo Padre sr. Joaquim Ferreira Gonçalves das Neves, pároco de Santa Catarina da Serra, e eu como vejo que talvez esteja olhando sem ver nada, dirijo--me a ele e pergunto-lhe o que vê, respondendo-me que não vê nada. Indico-lhe uma direção e imediatamente disse que já está

vendo. Passado o fenómeno vou encontrar o mesmo senhor de joelhos pedindo o terço. Parece-me ser este o primeiro ministro da Igreja que rezou em comum naquele recinto bendito.

O dia 13 de outubro acorda como um dia de pesada invernã, embora a chuva caia com lentidão. Durante toda a manhã chove sem cessar. Os caminhos e estradas vão repletos de gente que vindas de longes terras não faziam conta que chovesse em virtude de haver muitos meses que nem uma pinga caía. Chegados ao local iam acendendo fogueiras até que se aproximasse a hora.

Ao lugar da Chainça, que dista uma légua, foram ficar muitas pessoas entre elas dois senhores, um sr. Ferreira, de Leiria e outro de ao pé das Caldas, que dizem ser padre e dr. No dia seguinte, como chovesse muito e não estando acostumados ao rigor do tempo, não podiam seguir viagem demais não tendo com que se resguardar da água.

Não havia quem emprestasse guarda-chuvas porque os que havia eram poucos para as precisões. Eu então peguei num inutilizado e dando-lhe um conserto serviu para um e ao outro emprestei o meu, indo sem ele, chegando também todo a escorrer.

Chega-se o momento da aparição e passa-se o que todo o mundo sabe. O sol gira em torno de si mesmo e todos que se encontravam molhados aparecem enxutos como fui eu um deles. Apareceu um sr. de Leiria a distribuir ilustrações com os retratos das três crianças e de Nossa Senhora, encarregando-me dum maço apesar de me não conhecer.

Daí para o futuro encontra-se ali sempre um movimento de vai-vem de gente dominada pela fé: uns pedindo favores e outros agradecendo graças concedidas. Vem a gripe pneumónica que assolou o país e aí acorrem os crentes formando procissões nas suas terras, indo através das serras pedregulhentas e das charnecas desertas, altas horas da noite, debaixo dos maiores vendavais pedir a essa Virgem consoladora dos aflitos, proteção e misericórdia. A fé vai aumentando e de toda a parte se ouvem afamar os milagres.

Eu, apesar de tudo continuava a descrer, seguindo a prudência da Santa Igreja.

Havia 12 anos que eu padecia do estômago; vomitava tudo que comia. Consulto os melhores médicos com a esperança de me curar por meio da medicina, mas de balde o faço... Estou desenganado mas restam-me ainda os hospitais de Lisboa como único recurso. Dirijo-me ao hospital de S. José, sou observado pelo sr. dr. Damas Mora, diretor do Banco do mesmo hospital. Como o meu estado fosse pouco satisfatório, o mesmo sr. mandou-me baixar ao hospital do Desterro onde me operou a 18 de dezembro de 1917, tendo como ajudantes (ainda que não me

recorde bem) os srs. drs. Hermano Medeiros e Balbino do Rego. Devido ao muito frio constipei-me e, fosse por isso ou por outra causa, no dia seguinte estava ardendo em febre e com uma pneumonia.

É chamado o médico de serviço e, depois de me observar bem, diz que estou irremediavelmente perdido. Tenho os pulmões ambos atacados; a febre está sempre acima de 40 graus. Mandam-me aplicar ventosas, umas após outras, mas era preciso tomar remédios que combatessem a febre e isso é impossível porque no estômago não pode entrar nada. A operação era das mais melindrosas e por conseguinte só podia esperar a morte. Estava quase sempre variado mas, nos pequenos intervalos que tinha lucidez, pensava na minha situação e via que era crítica. Vejo que morro num hospital sem o conforto que os ministros duma religião levam às almas nas negras e atribuladas horas; sem ver à cabeceira do meu leito uma mãe, irmãos, irmãs, pessoas de família e amigos que me animem e fortaleçam. Antes que baixe ao coval de um cemitério, quero ainda escrever a minha mãe dizendo-lhe que morro, que peça e mande pedir por mim, que ali não tenho quem o faça.

Esse pedido foi feito pelo reverendo pároco de Santa Catarina parece-me que em dia de Natal à missa das Almas. Do mundo não posso esperar nada e então vem-me à imaginação tudo o que se passou nessa Cova bendita, dessa Virgem que disse ser a Consoladora dos aflitos.

Bem sei que tenho de morrer mas é triste não ter a consolação de ver nesse momento cruciante e transe doloroso, em volta de meu leito, quem ore e dê conforto. Então animado com uma grande fé peço a Nossa Senhora do Rosário da Fátima que, se possível fosse, eu ainda poder um dia ir à minha terra ver minha família, faria uma festa em sua honra e mandaria pregar um sermão, indo ao local rezar um terço. No dia seguinte já não tinha febre e passados dois dias estava completamente curado dos pulmões. Aos médicos parecia um sonho, quando me julgavam morto aparecia-lhes curado. Foi a medicina? Não, porque não tomei remédios. Então uma pneumonia e febre a 40 graus cura-se em três dias, e por acaso? Já escaparia alguém operado do estômago que fosse atacado por uma pneumonia? Que responda quem souber.

Poderão dizer que melhorava da mesma forma, mas como tenho a certeza que só escapei por meio dum grande milagre e da grande fé com que me apeguei com Nossa Senhora, hei de dizer isto sempre e em toda a parte, custe o que custar. Essa promessa mandei encarregar o sr. prior de Santa Catarina de a cumprir assim como pregou o sermão em ação de graças na dita festa na pequena ermida da Chainça em Setembro de 1919. A Cova da Iria é para mim um cantinho do Céu a quem devo

a vida... Desculpe V. o tempo que inutilmente lhe tomei. Sou um humilde católico que vejo na religião que professo o único pedestal onde o mundo se firma.

S. de V.
m.^{to} a.^{to} ven.^{or} e obg.^o.

Inácio António Marques

de 26 anos de idade, natural da Chainça, freguesia de Santa Catarina, filho de José António Novo (falecido) e de Josefa Marques, residente em Lisboa, Rua dos Heróis de Kionga, 43.

Aos 23 de novembro de 1922.

Inácio António Marques
empregado nos Correios

Doc. 73
1923-03-a.18¹

Os acontecimentos de Fátima - opúsculo da autoria do Visconde de Montelo (Dr. Manuel Nunes Formigão).

Publ.: DCF, IV-2 - Doc. 256

OS ACONTECIMENTOS DE FÁTIMA

PELO VISCONDE DE MONTELO²

COMP. E IMP. NA TIP. DA
EMPRESA VÉRITAS

GUARDA

Oficinas movidas a eletricidade

Pode imprimir-se
Leiria, 15 de janeiro de 1923
† José, Bispo de Leiria

[foto]

ACAPELINHA COMEMORATIVA DAS APARIÇÕES

¹ Embora este opúsculo tenha o seu imprimatur datado de 15 de janeiro de 1923, apenas foi distribuído no dia 13 de maio de 1923 (Cf. “Voz da Fátima”, Leiria, 1 (7), 13 abril de 1923, p. 3, col. 3, e “Voz da Fátima”, Leiria, 1 (9), 13 jun. 1923, p. 4, col. 3). No entanto, por um documento de 18 de março de 1923 (*DCF*, IV-2, Doc. 258), sabemos que nesta data, o opúsculo estava já concluído

² Pseudónimo usado pelo Dr. Manuel Nunes Formigão.

I AS APARIÇÕES DE FÁTIMA

Na manhã do dia 13 de maio de 1917 um menino e duas meninas andavam apascentando, como era seu costume, um pequeno rebanho de ovelhas pertencentes a suas famílias, numa propriedade da serra de Aire situada na freguesia de Fátima, concelho de Vila Nova de Ourém, diocese de Leiria.

A mais velha das três crianças, de nome Lúcia de Jesus, contava 10 anos e era filha de António dos Santos, que faleceu no ano seguinte¹, e de Maria Rosa dos Santos.

O menino e outra menina, que eram irmãos, chamavam-se Francisco e Jacinta, tendo aquele 9 anos e esta 7 anos de idade. Foram seus pais Manuel Pedro Marto e Olímpia de Jesus Marto. Eram primos da Lúcia. As habitações das duas famílias, que, não sendo ricas, possuíam contudo alguns bens de fortuna, ficavam próximas uma da outra, no lugar de Aljustrel, cerca de um quilómetro da igreja paroquial de Fátima. Nenhuma das crianças sabia ler nem escrever. A sua instrução era rudimentar. Só a Lúcia tinha feito a primeira comunhão.

Aproximava-se naquele dia memorável a hora do meio-dia astronómico. Segundo o seu costume, as três crianças, depois de se terem ocupado durante bastante tempo em divertimentos inocentes, puseram-se a rezar o terço do Rosário, devoção muito querida dos habitantes daquela freguesia. Mal tinham acabado de o recitar, quando viram de repente brilhar no espaço, a pequena distância delas, a claridade fulgurante de um relâmpago e aparecer quase simultaneamente, sobre a copa de uma pequena azinheira, um vulto radioso e encantador de mulher, de extraordinária beleza.

Assustadas com um sucesso tão insólito e tão inesperado, pensaram em fugir, mas logo as tranquilizou completamente a atitude benévola da Aparição, que numa voz dulcíssima prometeu que não lhes faria mal algum.

A Aparição parecia não ter mais de dezoito anos de idade. O vestido era de uma alvura puríssima de neve, assim como o manto, orlado de ouro, que lhe cobria a cabeça e a maior parte do corpo. O rosto, de uma nobreza de linhas irrepreensível e que tinha o que quer que fosse de sobrenatural e divino, apresentava-se sereno e grave e como que toldado

¹ O pai de Lúcia faleceu a 31 de julho de 1919.

de uma leve sombra de tristeza. Das mãos, juntas à altura do peito, pendia-lhe, rematado por uma cruz de ouro, um lindo rosário, cujas contas, brancas de arminho, pareciam pérolas. De todo o seu vulto, circundado de um esplendor mais brilhante que o do sol, irradiavam feixes de luz, especialmente do rosto, de uma formosura impossível de descrever e incomparavelmente superior a qualquer beleza humana.

Entre a Aparição e a Lúcia estabeleceu-se um diálogo, que durou cerca de dez minutos.

A Jacinta viu a Aparição e ouvia distintamente as palavras que ela pronunciava, dirigindo-se à Lúcia, mas nunca lhe falou nem tão pouco a Aparição lhe dirigiu a palavra. O Francisco só via a Aparição, não ouvindo nunca o que ela dizia à Lúcia, apesar de se encontrar à mesma distância e possuir excelente ouvido.

A Aparição convidou nesse dia os três pastorinhos a voltarem todos os meses no dia 13, durante seis meses consecutivos, àquele local, vulgarmente conhecido pelo nome de Cova da Iria e situado a pouco mais de dois quilómetros da igreja paroquial de Fátima, ao lado da estrada distrital de Vila Nova de Ourém à Batalha. A princípio ninguém prestava crédito às afirmações das crianças, que eram apodadas de mentirosas por toda a gente, mesmo pelas pessoas de família.

A 13 de junho umas cinquenta pessoas acompanharam os videntes ao local das aparições, na esperança de presenciarem coisas extraordinárias. Nos meses seguintes o concurso de devotos e curiosos aumentou consideravelmente, reunindo-se talvez cinco mil pessoas em julho, dezoito mil em agosto e trinta mil em setembro junto da azinheira sagrada.

No momento em que se verificava a aparição, inúmeros sinais misteriosos, de que muitas pessoas fidedignas dão testemunho, se sucediam uns após outros na atmosfera e no firmamento.

A Aparição recomendou insistentemente que todos fizessem penitência e rezassem o terço do Rosário. Comunicou às crianças um segredo, que não podiam revelar a ninguém. Prometeu-lhes o Céu.

Pedi que naquele local se erigisse uma capela em sua honra e declarou que no dia 13 de outubro havia de fazer um milagre para que todo o povo acreditasse que ela realmente tinha ali aparecido.

Em 13 de agosto, momentos antes da hora da aparição, as crianças foram ardilosamente raptadas pelo administrador do concelho, que as reteve em sua casa durante dois dias, ameaçando-as de morte se não se desdissem ou se pelo menos não revelassem o segredo que a Aparição lhes tinha confiado.

Nesse mês a aparição ocorreu no dia 19, no sítio chamado dos Valinhos, quando as crianças já não julgavam que ela se verificasse senão no mês seguinte.

No dia 13 de outubro, estando presentes cerca de setenta mil pessoas de todas as classes e condições sociais e de todos os pontos do país, terminado o dia e logo entre a Lúcia e a Aparição, que lhe declarou ser ela a Senhora do Rosário, a vidente recomendou aos circunstantes que olhassem para o sol. O firmamento estava completamente nublado. Chovia torrencialmente.

Como que por encanto rasgaram-se de repente as nuvens, e o sol no zénite apareceu em todo o seu esplendor e girou vertiginosamente sobre si mesmo como a mais bela roda de artifício que se possa imaginar, revestindo sucessivamente todas as cores do arco-íris e projetando feixes de luz de um efeito surpreendente.

Esse espetáculo sublime e incomparável, que se repetiu por três vezes distintas, durou cerca de dez minutos. A multidão imensa, rendida perante a evidência de tamanho prodígio, prostrou-se de joelhos; o Credo, a Avé Maria e o ato de contrição irromperam de todas as bocas e as lágrimas, – lágrimas de alegria, de gratidão ou de arrependimento, brotaram de todos os olhos.

Toda a imprensa, inclusivamente a de grande circulação, se referiu, em termos respeitosos e com bastante desenvolvimento, aos assombrosos acontecimentos de Fátima. As apreciações desses factos, mesmo no campo católico, não foram unânimes. As afirmações das crianças relativas ao fim próximo da grande guerra europeia contribuíram para essa divergência de opiniões.

Mas, apesar disso, de ano para ano, a devoção a Nossa Senhora do Rosário de Fátima aumenta e propaga-se por toda a parte. O concurso de peregrinos é cada vez maior e verifica-se especialmente no dia 13 de cada mês, nos domingos, nos dias consagrados à Santíssima Virgem, e, mais do que nunca, no dia 13 de maio e no dia 13 de outubro de cada ano.

As graças e curas prodigiosas atribuídas à intercessão de Nossa Senhora do Rosário de Fátima são inúmeras. Debalde os representantes da autoridade civil envidaram todos os esforços para pôr termo à corrente caudalosa e incessante das multidões atraídas pela voz humilde de três inocentes pastorinhos.

A intolerância e perseguição tiveram apenas, como sempre, o efeito de tornar ainda mais viva e mais intensa a fé e a piedade dos crentes. A concorrência de devotos, vindos de todos os pontos de Portugal, continua

a ser cada vez mais numerosa, mais fervente, mais perseverante, e parecia não haver forças humanas capazes de lhe pôr embargo. A autoridade eclesiástica, que iniciou o respetivo inquérito, ainda não ultimou os seus trabalhos, que são de sua natureza difíceis e demorados, nem proferiu o seu *veredictum*, que nos cumpre acatar, qualquer que ele venha a ser.

Enquanto aguardamos esse *veredictum*, procuremos viver como bons cristãos, cumprindo estritamente todos os nossos deveres, façamos penitência dos nossos pecados e rezemos com fervor o terço do Rosário, essa devoção tão querida de todos os portugueses, para que Nossa Senhora do Rosário, se Ela efetivamente apareceu em Fátima, se digne dissipar todas as dúvidas e tornar esse facto superior a toda a contestação de boa fé.

II CURAS EXTRAORDINÁRIAS

– Maria do Carmo, de 47 anos de idade, do lugar do Arnal, freguesia de Maceira, concelho de Leiria, tuberculosa, achou-se curada no dia 13 de outubro de 1917, no próprio local das aparições. A sua cura foi um motivo de assombro para todos os habitantes de Maceira, que julgavam a pobre senhora irremediavelmente perdida e com vida apenas para alguns dias.

– Aurélia do Patrocínio Lourenço, de 4 anos, filha de Joaquim Lourenço, canteiro da Batalha, adoeceu em fins de outubro de 1917, com uma febre infecciosa, que a teve às portas da morte. Algumas pessoas de família já não alimentavam esperanças de que a menina se salvasse.

Curou-se depois de várias promessas feitas pela mãe a Nossa Senhora de Fátima.

– Manuel Henriques Júnior, do Outeiro do Murtal, Ourém, estava cego de ambos os olhos, em virtude de uma pancada que aos 12 anos recebeu na cara. Foram-lhe feitas em Lisboa várias operações por distintos especialistas, mas sem resultado algum. Curou-se de um dos olhos depois de uma promessa da mãe, que desejava ardentemente que ele visse o bastante para poder trabalhar.

– Joaquim Vieira, de 47 anos, de Assentiz, Torres Novas, sofria de antigas e graves enfermidades, estando desenganado dos médicos. Curou-se no dia 13 de outubro de 1917.

– Amélia de Jesus, de 61 anos, do Perulhal, Reguengo do Fetal, Batalha, estava de cama, gravemente enferma, havia bastante tempo, com violentíssimos ataques de reumatismo. Os remédios receitados pelo médico, que duas vezes a foi visitar, não lhe fizeram bem algum. Curou-

-se, tendo já recebido os últimos sacramentos, depois que uma filha recorreu a Nossa Senhora de Fátima. No Reguengo do Fetal, sede da freguesia, chegou a correr o boato de que ela tinha falecido.

– José de Oliveira Rito, de 5 meses de idade, filho de Faustino de Oliveira Rito e Maria José Rito, da Chainça, Santa Catarina da Serra, Leiria, estava paralítico da perna esquerda havia algumas semanas, tendo sido inúteis todos os esforços para restituir a esse membro o movimento perdido. Curou-se depois de várias promessas feitas pela mãe a Nossa Senhora de Fátima.

– Maria Francesca Aloisi Fitipaldi, de 57 anos, natural de Nápoles, Itália, e residente há mais de dezanove anos em Leiria, sofria horrivelmente de diversas doenças que lhe tornavam quase insuportável a vida (dispneia, lesão do coração, úlcera no estômago, albumina, etc.). Não podia falar, nem deitar-se, nem sair de casa. No dia 12 de outubro de 1917, à noite, viu de uma das janelas de sua casa as multidões que se dirigiam para a Fátima e ficou com imensa pena de não poder ir também. Cheia de fé, pediu a Nossa Senhora de Fátima que ao menos a melhorasse de maneira que pudesse descansar um pouco. Sentindo sono, foi-se deitar e dormiu toda a noite. No dia seguinte de manhã, quando acordou, achou-se perfeitamente bem.

– Quitéria de Jesus, de 57 anos, da Chainça, Santa Catarina da Serra, tendo uma lesão grave num dos olhos produzida por uma violenta pancada, curou-se quase instantaneamente aplicando sobre o olho uma porção de terra extraída do local das aparições.

– José das Neves, de 10 meses de idade, filho de António das Neves e Maria José das Neves, da Loureira, Santa Catarina da Serra, foi sempre muito doente. Emagrecia cada vez mais. Todos diziam que era impossível criar-se. Vomitava todo o alimento que ingeria.

Um dia a mãe fez a promessa de ir com ele a Fátima e rezar lá o Rosário se Nossa Senhora se dignasse curá-lo.

No dia seguinte a criança começou a comer de tudo o que era próprio da sua idade, não tornando a ter vômitos.

– Manuel Vicente Marques, de Alcaidaria, Reguengo do Fetal, correndo o perigo de ter de cortar um braço ou de ficar defeituoso, invocou cheio de confiança Nossa Senhora de Fátima, a quem fez uma promessa, e curou-se completamente, ficando sem nenhum defeito.

– Noémia da Conceição Grego, de 18 anos, filha de Amílcar Augusto Grego e D. Maria Teresa Mautempo Grego, de Torres Novas, sofria de uma grave afeção pulmonar, resultante de uma pleurisia de que tinham ficado vestígios. Em virtude de sérios desgostos, por que passou e que

muito lhe amarguraram a alma, perdeu o uso da razão. Vários médicos a trataram sem obter nenhum resultado satisfatório. Alguns deles afirmavam que era um caso de meningite cérebro-espinal. Outros diziam francamente que não sabiam diagnosticar aquela estranha doença que se mostrava rebelde a todo o tratamento. A enferma era alimentada à força, pois recusava toda a espécie de comida. Tinha contínuos acessos de fúria. Julgando que a queriam levar a Fátima, deixou-se conduzir, enganada, até Lisboa, para onde de modo nenhum consentia em partir. Aí foi confiada aos cuidados do Dr. Egas Moniz, no Hospital de Santa Marta. Debalde aquele distinto especialista a submeteu a diversos tratamentos. Os resultados foram nulos.

Por último os drs. Júlio de Matos, Sobral Cid e Júlio Dinis fizeram-lhe uma conferência médica. A opinião concorde dos três clínicos, em extremo dolorosa para a família, foi que a enferma nunca se curaria ou, se a cura fosse possível, apenas se curaria passados muitos anos. Entretanto a mãe foi várias vezes a pé a Fátima com algumas meninas amigas da filha a fim de implorar a sua cura. Fazia toda a jornada sempre descalça, o que representava para ela um grande sacrifício, porque não estava habituada a andar descalça.

Com extraordinária surpresa dos médicos assistentes, a enferma recuperou o uso da razão, quando menos se esperava, e pôde, desde logo, sair do hospital e regressar a sua casa em Torres Novas, perfeitamente boa de saúde, não tendo desde então até hoje sentido nenhum incómodo.

– Francisco José Ferreira, de 50 anos, casado com Maria da Luz Ferreira, do Alqueidão, Torres Novas, tinha as pernas chagadas num estado tão lastimoso que inspirava a quem as via um sentimento misto de dó e de horror.

Atribuía-se o seu padecimento, que era já muito antigo, a caneladas que tinha dado quando ainda era criança. Curou-se completamente, depois de duas novenas feitas pela mulher na igreja da povoação e acompanhadas por ele em espírito, com loções de água misturada com terra do local das aparições.

– Delfina de Jesus Presume, de 30 anos, solteira, filha de Manuel Lopes Presume e Joaquina de Jesus Presume, do Alqueidão, de Torres Novas, sofria de uma doença desconhecida, gravíssima, horrorosa. Foi tratada sem resultado satisfatório pelo Dr. Augusto Mendes, de Torres Novas e pelo Dr. Augusto Correia, de Tomar. Fez uma novena de comunhões, aplicando todos os dias água com terra de Fátima. No fim da novena achou-se curada.

– Manuel Frazão, de 56 anos, de Alcaria, Porto de Mós, fogueteiro, sofria de uma grave doença gastrointestinal, que o levou às portas da morte. Curou-se depois de ter feito uma promessa a Nossa Senhora de Fátima, a quem pediu fervorosamente que o salvasse para não deixar na miséria a mulher e os filhos.

– Laurentino Carreira Poças, de 16 anos, filho de Adriano Carreira Poças e Joana Carreira Rebelo Poças, natural do Reguengo do Fetal, tuberculoso, curou-se depois que a mãe prometeu ir à Fátima e dar a volta de joelhos à capela com uma oferta à cabeça.

– Maria do Espírito Santo Mota, de 31 anos, do lugar dos Vargos, freguesia do Paço, concelho de Torres Novas, casada com José António Mota, estando muito doente com um ataque de bronco pneumonia, achou-se curada depois que o marido invocou Nossa Senhora do Rosário e fez a promessa de ir com a família à Fátima e dar uma esmola em harmonia com as suas posses se a mulher se curasse.

– Maria da Conceição, de 21 anos, natural do lugar da Carreirancha, freguesia do Alqueidão da Serra, distrito de Leiria, filha de Francisco Correia e Maria dos Anjos, teve um forte ataque de gripe, depois uma meningite cerebro-espinal, tuberculose e paralisia geral. Curou-se rezando o terço e uma estação ao Santíssimo Sacramento, durante nove dias consecutivos e utilizando todos os dias a terra do local das aparições dissolvida em água para uso interno e externo.

– António de Oliveira Dias, de 58 anos, do lugar dos Carrascos, freguesia do Paço, concelho de Torres Novas, sofria, havia doze anos, de uma faringite crónica, rebelde a todo o tratamento e considerada pelos médicos como incurável. Ficou curado depois de ter feito a promessa de ir à Fátima agradecer a sua cura a Nossa Senhora, se ela se dignasse alcançar-lhe essa graça.

– D. Maria Manuel dos Santos, de 25 anos de idade, filha de Carlos Alberto dos Santos, já falecido, e de D. Amélia Júlia dos Santos, moradora na rua de D. Estefânia, nº 115, 3º, Lisboa, sofrendo de uma coxalgia tuberculosa dupla, curou-se depois da peregrinação que uma sua irmã fez à Fátima a fim de pedir a cura a Nossa Senhora.

– António José, da Barreira, freguesia da Serra, Tomar, estava tuberculoso, tendo-lhe proibido o médico assistente que trabalhasse pelo seu ofício que é fazer tachas, de onde veio o ser cognominado pelo povo “o tacheira”. Tendo recorrido à intercessão de Nossa Senhora de Fátima, achou-se curado de um dia para o outro, como o constatou o próprio médico. O pároco, revº José Dias Rodrigues, em carta datada de 22 de novembro de 1921, diz textualmente: “sei que ele tem trabalhado pelo ofício e ainda há poucos dias o vi aparentando ter saúde.”

– Maria da Conceição Maia, de 47 anos de idade, casada com Joaquim Pedro Crispim, proprietário, moradora no Casal da Agreireira, concelho de Torres Novas, sofria diariamente, havia alguns anos, de adormecimento ou quase paralisia dos braços a ponto de o marido ter por vezes de lhos amparar para que pudesse alimentar um filho que tinha, precisando outras vezes de os aquecer com panos e de os esfregar muito para ganharem um pouco de ação. Cheia de confiança em Nossa Senhora de Fátima, lavou os braços por três vezes com água e terra do local das aparições achando-se logo completamente boa.

– Manuel Gaspar, de 35 anos, natural de Ribeiros, Vila de Rei, casado com Maria Umbelina, adoeceu gravemente em 15 de abril de 1922, passando os dias e as noites em altos gritos. O seu corpo era todo ele uma verdadeira chaga. Toda a gente o julgava perdido. Os médicos, ainda os mais afamados, não conseguiram curá-lo nem sequer descobrir a causa de tão horrível enfermidade. A 13 de maio muitas pessoas da sua freguesia foram em peregrinação a Fátima e de lá trouxeram água e terra do lugar das aparições, dizendo que possuíam uma eficácia prodigiosa e que já tinham feito muitas curas. O pobre enfermo ficou cheio de alegria e confiança, e, pondo de parte todos os medicamentos, mandou lavar as feridas com a água e empoá-las com a terra. Depois de alguns curativos desta natureza, experimentou notáveis melhoras e ao cabo de alguns dias todas as feridas tinham cicatrizado, encontrando-se agora de perfeita saúde.

– Maria José, de 10 meses de idade, de Viseu, foi atacada de constipação, seguida de rouquidão e bastante febre. A avó, D. Maria José de Lemos Queirós, recorreu a Nossa Senhora de Fátima, prometendo uma esmola para as obras do Santuário, se a criança melhorasse. A rapidez extraordinária com que ela se curou, logo depois da promessa, sem que a doença deixasse vestígios, foi considerada por toda a família como um sinal da intervenção benéfica da Santíssima Virgem.

– “Em princípios de maio de 1919 tinha um sobrinho gravemente doente. Era de compleição bastante fraca e, tendo já treze meses, ainda não tinha dente nenhum. Grandes eram as minhas apreensões e o médico não alimentava dúvidas acerca da gravidade do seu estado. Que fazer nesta aflição? Invocar Maria Santíssima do íntimo da alma para que intercedesse por mim junto de seu Divino Filho e dispensasse a sua maternal proteção ao inocentinho.

Tinha conhecimento da proteção da Santíssima Virgem sob a invocação de Nossa Senhora de Fátima pelo relato publicado no jornal “A Guarda”. Com este novo título a invoquei e, tendo colocado sob o travesseiro da criança uma porção de terra do lugar das aparições,

verifiquei que, logo depois, sem incómodo, lhe apareceu o primeiro dente, e após esse o segundo no dia 13 de maio, aniversário da primeira aparição. O seu estado geral melhorou e a dentição continuou a seguir o seu curso. Assim fui levada a reconhecer que mais uma vez Maria Santíssima por este facto, que considero miraculoso, manifestou a sua proteção a quem assim a invoca, para que desapareçam as dúvidas que se levantam sobre a realidade da sua aparição em Fátima.

Fiz promessa de, sendo ouvida a minha prece, tornar pública a narração que acabo de fazer, pois creio, enquanto a Igreja não disser o contrário, que mais uma vez em Fátima a Santíssima Virgem veio à terra escolher sítio onde um novo santuário Lhe seja dedicado, para que seus filhos saibam ser fervorosos no cumprimento dos seus deveres e caminhem pela estrada da virtude que é a que conduz à única felicidade possível neste vale de lágrimas e à verdadeira e eterna felicidade do Céu. – D. Maria do Carmo da Câmara (Belmonte)”.

III O PROJETO DOS SANTUÁRIOS

A piedade dos fiéis deseja ardentemente levantar no local das aparições um monumento grandioso em honra da augusta Mãe de Deus.

O projeto acolhido com mais entusiasmo é o da construção de um templo no cimo do outeiro que domina a Cova da Iria, no sítio onde os videntes dizem ter-se dado a primeira aparição, e de catorze capelas ladeando uma avenida que conduza da estrada distrital até ao templo-monumento.

Este será dedicado à coroação de Nossa Senhora e as capelas aos outros mistérios do Rosário.

Para estas obras era absolutamente indispensável encontrar água. Mas num raio de muitos quilómetros não aparece água na Fátima senão em pequena quantidade e proveniente da chuva recolhida em lagoas e cisternas. Por isso uma comissão de habitantes daquela povoação tomou a iniciativa de mandar proceder a sondagens nos terrenos adjacentes à capela comemorativa das aparições.

A primeira sondagem foi feita em 9 de novembro de 1921, depois da primeira missa campal, à distância de quarenta metros da capela. Tendo começado os trabalhos de manhã, ao meio-dia já todos os operários saciavam a sede com a água que jorrou abundante da rocha viva.

Nos últimos meses do verão a água quase desapareceu, depois que começaram os trabalhos destinados a tornar maior a capacidade do poço, vendo-se apenas lacrimejar uma das paredes. Em princípios de novembro de 1922, concluídas as obras do poço, que tem agora muitos

metros de profundidade, a água límpida da nascente, rebentando com força, em seguida às primeiras chuvas do Outono, encheu totalmente o vasto reservatório, como tiveram ocasião de ver os numerosos fiéis que em 13 desse mês visitaram o lugar das aparições.

IV DATAS E FACTOS MEMORÁVEIS

Francisco Marto adoeceu no dia 23 de dezembro de 1918 com um ataque de broncopneumonia e morreu no dia 5 de abril de 1919, depois de se ter confessado e de ter recebido o Sagrado Viático com os mais edificantes sentimentos de piedade.

– Jacinta de Jesus Marto, irmã do Francisco, caiu de cama a 23 de dezembro de 1918, atacada igualmente pela mortífera epidemia que então grassava por todo o mundo. Essa doença tão longa e tão cruel foi um verdadeiro martírio para a pobre criança que expiava no seu corpo inocente os pecados alheios. Morreu em Lisboa, no Hospital de D. Estefânia, no dia 20 de fevereiro de 1920, tendo-se confessado e comungado várias vezes durante a doença. Afirmou pouco antes de morrer que Nossa Senhora lhe tinha aparecido por duas vezes, dias antes, fazendo-lhe várias revelações, condenando os exageros do luxo e as modas indecentes e declarando que o pecado que levava mais gente à perdição eterna era o pecado da carne.

– Na época das aparições algumas pessoas de maus sentimentos que a propósito dos sucessos de Fátima ousaram blasfemar da Virgem Santíssima foram vítimas de desastres gravíssimos em que quase todas encontraram a morte. Meras coincidências? Casos não acasos? Só Deus o sabe.

– Durante a noite de 23 para 24 de outubro de 1917 alguns carbonários de Santarém arrebataram furtivamente os objetos que a piedade popular tinha colocado no lugar das aparições e no dia seguinte organizaram um cortejo sacrílego em que exibiram esses objetos e que percorreu as ruas principais daquela cidade com a complacência da autoridade administrativa e perante uma população inteira profundamente indignada e horrorizada. Consta que o governador civil e o administrador do concelho não só permitiram mas até auxiliaram este ignóbil e hediondo arremedo de procissão religiosa.

– As manifestações religiosas mais importantes que até hoje se realizaram em Fátima depois das aparições foram a de 13 de maio de

² Francisco faleceu no dia 4 de abril de 1919.

1920 e as de 13 de maio e 13 de outubro de 1922. Em 13 de maio de 1922, organizou-se uma grandiosa procissão que fez o percurso de mais de dois quilómetros, desde a igreja paroquial até ao sítio das aparições. Segundo os cálculos mais aproximados, feitos por oficiais do estado maior, que estavam presentes, concorreram a Fátima nesse dia cerca de setenta mil pessoas. Todas as manifestações tiveram sempre um carácter puramente religioso e efetuaram-se sempre com a maior ordem e respeito.

V

O ATENTADO DE FÁTIMA

O selo das obras de Deus é a perseguição. Esse selo não falta à obra de Fátima.

Tão formidável, tão sistemática e tão persistente tem sido a oposição promovida pelos emissários de Satanás, que muitas pessoas, insensíveis aos fenómenos e às curas extraordinárias, se renderam, finalmente convencidas, perante a força irrecusável desse argumento negativo.

Desde a prisão dos videntes, a 13 de agosto de 1917, até ao nefando atentado bombista contra a capela comemorativa das aparições, são inúmeras as manifestações, aliás ineficazes e até contraproducentes, da sanha infernal contra a obra de Fátima. Seria longa e não caberia nos estreitos limites deste opúsculo a narração pormenorizada de todas essas manifestações.

Limitar-nos-emos, pois, a dizer apenas duas palavras acerca do último atentado. Foi cometido no dia 6 de março de 1922, alta madrugada.

O receio das explosões da cólera popular levou os criminosos a executar o seu horrível desígnio com o favor das sombras da noite. Reaem fundadas suspeitas sobre alguns indivíduos de Lisboa, Santarém e Vila Nova de Ourém, indigitados como promotores, executores e cúmplices do nefando atentado e cujos nomes se citam. Os desgraçados arrombaram a porta da capela e a golpes de alvião abriram quatro buracos nas paredes, a distâncias iguais, dois palmos acima do pavimento, introduzindo em cada um deles uma bomba de grande potência. Essas quatro bombas rebentaram, comunicando o fogo ao madeiramento do teto e fazendo-o abater. Uma quinta bomba foi colocada na cova, em que se encontra a raiz da azinheira sobre a qual, no dizer dos videntes, pousavam os pés da Aparição, mas não explodiu. As paredes da capela, embora bastante danificadas, ficaram de pé.

VI O ESCÂNDALO DAS TABERNAS E VENDAS AMBULANTES

O célebre escritor francês convertido Huysmans³, no admirável livro “Lourdes”, demonstra que a serpente maldita, não podendo vingar-se por outra forma daquela que lhe esmagou a cabeça com o seu pé virginal, empenha-se com todo o ardor em estampar a nota do feio e do reles em todas as obras de arte e em todas as manifestações destinadas a honrá-la.

Em Fátima, logo de princípio se manifestou claramente essa guerra indireta do demônio, a pior de todas, à obra da Virgem.

E os instrumentos dessa guerra – triste é dizê-lo – não são ímpios ou descrentes, o que não seria para estranhar, mas pessoas de sentimentos cristãos que aproveitam o ensejo para explorarem comercialmente as aparições. Assim, pouco a pouco, têm-se construído próximo do local algumas tabernas, que põem uma nota triste e sobremodo desagradável em todo aquele formoso cenário. Nada pode ser mais contrário à vontade de Nossa Senhora do que essa profusão de lugares que são para tantas criaturas humanas a ocasião de se entregarem à prática de um dos vícios mais hediondos e repugnantes. Quantas transgressões da lei de Deus se cometem cada dia nesses antros malditos, que são a causa da desgraça e da miséria de tantas famílias! Homens e mulheres, em grande número, colocados em filas ao longo dos atalhos que vão da estrada até junto da capela, ou dispersos por vários sítios próximos, vendem toda a espécie de comestíveis e bebidas, convertendo aquela estância santificada pela presença da Rainha do Céu num autêntico arraial, ou pior do que isso, numa verdadeira feira.

Loreto e Lourdes, para não falar de outras terras igualmente visitadas pela augusta Mãe de Deus, são hoje centros de exploração mundial, em que assentaram arraiais, numerosos judeus e incrédulos que contribuem em larga escala para descristianizar a população daquelas cidades outrora tão florescentes sob o ponto de vista religioso.

A autoridade eclesiástica tem diligenciado pôr cobro a semelhante profanação, mas com pouco resultado. O único meio eficaz de o conseguir seria resolverem todos os peregrinos abster-se de comprar o que quer que fosse aos vendedores ambulantes e nas tabernas construídas

³ Joris-Karl Huysmans, escritor francês (1848-1907).

depois das aparições. Essa resolução, que para muitos representa um grande sacrifício, seria sem dúvida um dos atos mais meritórios e mais gratos a Nossa Senhora que os fiéis poderiam praticar em sua honra.

Praza a Deus que os peregrinos se compenetrem bem da importância dessa obrigação para que dentro em breve semelhantes vendas desapareçam por completo ou vão estabelecer-se a alguns quilómetros do local das aparições.

Só assim esse lugar conservará intacto o seu carácter sagrado, que tão intensamente concorre para aumentar a piedade e a devoção nas almas dos crentes.

Num ofício ao reverendo pároco de Fátima o Senhor Bispo de Leiria proíbe rigorosamente a venda de vinho e o lançamento de foguetes próximo do local das aparições, conferindo ao Pároco a faculdade de comutar em outras obras as promessas de deitar foguetes.

VII COMISSÃO DE INQUÉRITO

Quase cinco anos depois da primeira aparição, a 3 de maio de 1922, Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria, publicou uma notável provisão, em que nomeia uma comissão de eclesiásticos incumbida de proceder, segundo as leis canónicas, a um rigoroso inquérito aos acontecimentos maravilhosos de Fátima.

Essa comissão é composta dos seguintes membros:

Rev.º João Quaresma, Vigário Geral da Diocese

Rev.º Faustino José Jacinto Ferreira, Prior do Olival e Vigário da Vara de Ourém

Rev.º Dr. Manuel Marques dos Santos, Professor do Seminário

Rev.º Dr. Joaquim Coelho Pereira, Prior da Batalha

Rev.º Dr. Manuel Nunes Formigão Júnior, Professor do Seminário Patriarcal, com autorização de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa.

Rev.º Joaquim Ferreira Gonçalves das Neves, Prior de Santa Catarina da Serra

Rev.º Agostinho Marques Ferreira, Pároco de Fátima.

A comissão agregará a si ou proporá a nomeação de peritos. Sua Excelência Reverendíssima ordena a todos os fiéis da sua diocese e pede aos de dioceses estranhas que deem conta de tudo quanto souberem quer a favor quer contra as aparições ou factos extraordinários que lhes

digam respeito, e testifiquem especialmente se neles houve ou há qualquer exploração, superstição, doutrinas ou coisas deprimentes para a nossa Santa Religião.

Qualquer dos membros da comissão fica autorizado a receber os nomes dos que devem ou querem depôr e as informações e esclarecimentos úteis de todas as pessoas que estejam em condições de os poderem fornecer.

VIII PREPARAÇÃO PARA AS CURAS

“Na presença deste brilhante conjunto de milagres, acumulados, por assim dizer, uns sobre os outros, e cuja evidência se impõe à boa fé mais vulgar, alegremo-nos por sermos filhos da Santa Igreja Católica, que Deus não cessa de visitar, e à qual continua a dar o testemunho divino por excelência, o testemunho do milagre.

Nos primeiros tempos, o milagre, era a grande prova da verdade da fé, e, posto que atualmente não seja tão necessário, não é menos útil à nossa inteligência; e a experiência demonstra o poder com que ele reanima e consola a nossa fé.

Observemos no entanto que, por mais numerosos e incessantes que sejam os milagres de Lourdes, não se deve esquecer que aí, como em todos os santuários de Nossa Senhora, o milagre não é e não pode ser senão a exceção.

Quem diz milagre, diz intervenção extraordinária da Onnipotência divina nas coisas humanas. Seria pois ridículo imaginar que basta beber uns golos de água da gruta de Lourdes, ou fazer uma novena, ou mesmo ir em romaria à gruta milagrosa, para ser infalivelmente livre duma enfermidade.

A confiança na Imaculada Conceição nunca poderá ser assaz grande, assaz completa; mas é preciso que essa confiança seja sempre dominada por um profundo amor da vontade de Deus e pela submissão mais absoluta às vias ocultas pelas quais nos dirige a Divina Providência. Sempre, – atentai bem nisto! – sempre a Mãe de Misericórdia ouve e defere as nossas súplicas, mas Ela defere a seu modo, não ao nosso; atende-as divinamente, concedendo-nos o que é melhor, mais útil à nossa santificação. O sofrimento é muitas vezes a graça das graças e o mais real de todos os bens. Se a Virgem Santíssima nem sempre julga conveniente curar os males do nosso corpo, – não duvideis! – Ela nos obtém e nos confere as graças da resignação, da fé viva, mais úteis mil vezes do que todas as curas.

Vamos, pois, à Virgem Imaculada de Lourdes com estes sentimentos elevados, únicos dignos de corações cristãos, e porque não fomos favorecidos, como outros, pela graça dum milagre, não sejamos demasiadamente simples supondo inútil essa novena, essa aplicação da água da gruta, essa confiança no poder da Virgem, essa longa e penosa romaria, que não foi coroada dum cura ardentemente pedida e impientemente esperada.

O que é fora de dúvida é que nunca se implora em vão a Santíssima Mãe de Deus e que jamais poderá haver excesso em recorrer ao seu coração maternal”.

Até aqui Mons. de Ségur⁴.

Como o milagre é uma intervenção extraordinária da Providência, e Deus, fazendo-o e abrindo assim uma exceção às leis da natureza, tem em vista um fim de ordem moral, convém que o enfermo, que pretenda obter algum em seu favor, se prepare para ele, a fim de ter maiores probabilidades de ser atendido. Por isso importa recomendar que os doentes que vão à Fátima ou que em suas casas imploram o auxílio de Nossa Senhora de Fátima, além de receberem os santos sacramentos da confissão e da comunhão com as devidas disposições e de orarem e fazerem orar pela sua intenção as pessoas piedosas das suas relações, obtenham dos médicos que os tratam atestados tão completos e tão minuciosos quanto possível, datados e reconhecidos por um notário, para os entregarem oportunamente à comissão de inquérito.

Depois de curados deverão fazer-se observar pelos mesmos médicos e por outros que testifiquem a sua cura.

Doutra forma, essas curas, por mais extraordinárias que pareçam, não podem ser reconhecidas oficialmente como miraculosas, com prejuízo da glória de Nossa Senhora e do bem das almas.

IX CARÁTER DAS PEREGRINAÇÕES

As peregrinações do dia 13 de cada mês à Fátima têm um caráter inteiramente particular, não se assemelhando de modo algum às romarias que hoje se fazem a muitos santuários do nosso país e que em geral redundam em desprestígio da Igreja e em prejuízo das almas. A lembrança sempre viva das aparições e dos sucessos maravilhosos de que Fátima

⁴ Mons. Louis Gaston de Ségur (1820-1881).

é teatro, a atmosfera saturada de sobrenatural que ali se respira, o temor religioso que insensivelmente se apodera de todos os que se aproximam do centro das maiores manifestações periódicas de índole religiosa, que registam os anais de Portugal, impedem a explosão das paixões humanas e conservam à distância aqueles que por ventura sejam tentados a visitar o local das aparições sem sentimentos de piedade ou pelo menos de respeito.

Por isso os peregrinos durante a viagem entregam-se à oração, entoam cânticos em honra da Virgem ou guardam um relativo silêncio que não exclui a vivacidade natural e inocente da gente moça e a alegria sã das consciências sem mancha.

Às 10 horas da manhã há na igreja paroquial de Fátima missa, comunhão geral e bênção do Santíssimo, a que é de toda a conveniência que assistam os peregrinos. Os que desejarem comungar devem confessar-se de véspera nas suas terras. O local das aparições fica a pouco mais de dois quilómetros da igreja paroquial.

Quando a concorrência é mais numerosa e a autoridade civil não se lembra de pôr embargos, organiza-se uma vistosa e tocante procissão que sai daquele templo em direção à Cova da Iria. Ali celebra-se, ao meio-dia, sempre que o tempo o permite, uma missa rezada, em que se ministra a sagrada comunhão, e que é seguida de sermão pregado geralmente por um notável orador.

Como a igreja paroquial fica situada à beira da estrada que conduz ao local das aparições, os peregrinos, mesmo os retardatários, costumam louvavelmente suspender ali por instantes a sua jornada para fazer uma breve visita a Jesus Sacramentado.

X INFORMAÇÕES ÚTEIS

As pessoas que quiserem ir a Fátima utilizando a locomoção ferroviária podem tomar bilhete para as estações de Leiria, Torres Novas ou Chão de Maçãs, devendo partir na véspera do dia em que desejam fazer a visita ao local das aparições. Em todas as três estações de caminho de ferro há carros de carreira, respetivamente para Leiria, Torres Novas e Vila Nova de Ourém, mas apenas na de Leiria se encontram sempre lugares disponíveis em grande número. Também só naquela cidade existem hotéis com todo o conforto moderno, como o Hotel Lis, o Hotel Central e o Hotel Marques, havendo ainda muitas casas particulares que recebem hóspedes. Uma comissão permanente, presidida pelo ex.^{mo}

Comendador João Cortês da Silva Curado, encarrega-se obsequiosamente de fornecer esclarecimentos e prestar auxílio aos peregrinos a fim de conseguirem alojamentos e transportes sem correrem o risco de serem vítimas de odiosas especulações. Os rev.^{os} Dr. Manuel Marques dos Santos, no Seminário, e Dr. Sebastião Brites, na Sé, darão aos peregrinos as indicações que por estes lhes forem solicitadas. Em Torres Novas e em Vila Nova de Ourém também se podem obter, com relativa facilidade, meios de transporte para Fátima. Lembrem-nos, entre outras, as alquilarias de Espada, em Vila Nova de Ourém, e dos irmãos Isidros, em Torres Novas.

Em 13 de maio e em 13 de outubro costuma haver carreiras de *camions* de Torres Novas e de Leiria.

De Torres Novas o preço de cada lugar tem sido, até hoje de dez escudos, ida e volta, sendo necessário reservar lugares com algumas semanas de antecedência. Os outros meios de transporte para esses dias têm igualmente de ser alugados muito tempo antes.

De Torres Novas para a Fátima um trem para quatro ou cinco pessoas não custa menos de sessenta escudos. Em ocasiões de pouca concorrência obtêm-se alojamentos em Torres Novas no Hotel Madeira e em Vila Nova de Ourém no Hotel Espada e na Hospedaria Central de Maria Joana e irmã.

Alguns peregrinos do norte do país têm alugado carros em Tomar, onde as alquilarias são numerosas e estão bem providas de material e de gado, para os irem esperar à estação de Chão de Maçãs à chegada do comboio da madrugada do dia 13 e os reconduzirem à mesma estação a fim de tomarem o comboio da noite.

Em Fátima só com dificuldade e por favor se consegue hospedagem em casas particulares, de bons camponeses, que não podem proporcionar comodidades de espécie alguma aos seus hóspedes.

Distâncias em quilómetros: da estação à vila de Torres Novas sete quilómetros, da vila à Fátima vinte e cinco através da serra e quarenta por Vila Nova de Ourém, da estação de Chão de Maçãs a Vila Nova de Ourém doze, de Vila Nova de Ourém à Fátima catorze e de Leiria à Fátima vinte⁵.

⁵ Não se reeditam, nesta seleção, os capítulos XI (Promessas aos devotos do Rosário) e XII (Meditações do Rosário segundo o Beato Grignon de Montfort).

Doc. 74

1923-05-09, Santarém

Ofício do Governador Civil de Santarém, António Augusto de Castro, para o Ministro do Interior, a pedir orientações sobre a proibição da peregrinação a Fátima, prevista para o dia 13.

Publ.: DCF, IV-2 - Doc. 275

Serviço da República

Santarém, 9 de maio de 1923

Exc^o Snr. Ministro do Interior.

Lisboa.

Acaba de me ser entregue por um grupo de sinceros republicanos, desta cidade a inclusa representação que tenho a honra de enviar a V. Exc^a pela qual as comissões políticas do partido republicano português em Santarém pedem a minha intervenção no sentido de proibir uma manifestação de forças reacionárias que se pretende levar a efeito no próximo dia 13 na povoação de Fátima, deste Distrito.

Afigura-se-me de gravidade o facto, não só pela intenção nele posta, como a representação acusa, mas ainda e principalmente, por vir causar provável e grave alteração da ordem pública.

Por esse motivo venho rogar a V. Exc^a se digne com toda a urgência ordenar sobre o caso o que o ponderado e douto critério de V. Exc^a tiver por conveniente, cumprindo-me ponderar ainda que o número reduzido de soldados da Guarda Nacional Republicana aquartelada nesta cidade é atualmente muito reduzido e as tropas de infantaria só por ordem de Sua Exc^a o Snr. Ministro da Guerra podem deslocar-se para a Fátima que dista desta cidade mais de cinco quilómetros.

Aproximando-se o dia 13, rogo a V. Exc^a uma resposta urgente.

Saúde e Fraternidade
O Governador Civil.

Doc. 75**1923-05-14, Vila Nova de Ourém**

Telegrama do Administrador do Concelho de Vila Nova de Ourém, António de Sá Pavilon, para o Governador Civil de Santarém, António Augusto de Castro, a informar que a procissão de Fátima à Cova da Iria não se realizou.

Publ.: DCF, IV-2 - Doc. 283

Informo V. Ex^a que em obediência à Lei não se realizou ontem a procissão de Fátima à Cova da Iria a romaria que foi extraordinariamente concorrida correu sem novidade não havendo a mais pequena alteração da ordem pública as forças sob o comando de um Tenente chegaram ali às 9 horas e retiraram à tarde sem que tivessem ocasião de intervir.

Adm.^{or} Concelho

Doc.76**1923-05-14, Lisboa**

Intervenção do deputado António Lino Neto¹ sobre a proibição do culto católico em alguns locais, incluindo Fátima.

Publ.: DCF, IV-2 - Doc. 285

REPÚBLICA PORTUGUESA
DIÁRIO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS

SESSÃO Nº 82
EM 15 DE MAIO DE 1923

Antes de se encerrar a sessão. – *O sr. Lino Neto pede providências contra perseguições que diz terem sido praticadas contra católicos, respondendo o Sr. Presidente do Ministério.*

Antes de se encerrar a sessão

O Sr. Lino Neto: – Sr. Presidente: acabam de dar-se no país três factos que impressionaram a consciência católica, e sobre os quais peço as informações adquiridas ao Sr. Presidente do Ministério e Ministro do Interior.

O primeiro facto foi a proibição do culto na igreja de Santa Cruz de Coimbra, pelo respetivo administrador do concelho, quando esse culto estava sendo exercido à hora legal; o segundo foi a proibição duma manifestação religiosa, num descampado, no sítio denominado Cova da Iria, em Fátima, no concelho de Vila Nova de Ourém, estando presentes para mais de 60:000 católicos em ordem e no espírito mais conciliador e harmónico que é possível imaginar-se; e o terceiro facto foram insultos e afrontas ao Sr. Arcebispo de Évora, quando, no cumprimento da sua missão religiosa, visitava a freguesia da Igrejinha, no concelho de Arraiolos, há dias, sendo insultado por um grupo de díscolos, e, em tais condições, que não pôde exercer as suas funções tranquilamente e em paz.

Os católicos têm-se imposto sempre; eles são dignos de toda a consideração pelo seu número, pelas suas qualidades e pelo seu espírito de ordem.

¹ Professor e advogado nascido em Mação a 30 de janeiro de 1873. Foi leader dos deputados católicos até 1926. Faleceu a 16 de novembro de 1961.

Tais factos, portanto, são profundamente lamentáveis.

Peço ao Sr. Presidente do Governo para nos dar informações a esse respeito, e no caso de serem exatas as notícias, que têm sido dadas pela imprensa, nos dizer que providências tomou, como é de lei e de justiça. É necessário que não nos esqueçamos e que as autoridades administrativas deste País se não esqueçam que os católicos, pelo simples facto de o serem, não deixam de ser cidadãos portugueses.

Tenho dito.

O orador não reviu.

O Sr. Presidente do Ministério e Ministro do Interior (António Maria da Silva): – O Sr. Lino Neto refere-se a três factos.

O primeiro referente à proibição do culto na igreja de Santa Cruz de Coimbra.

Pelo respetivo administrador foi dito que as pessoas que prestavam esse culto não respeitaram a lei da Separação, praticando o culto de noite.

O Estado Português não tem vantagens em estar a perseguir quem quer que seja, mas é necessário que todos prestem respeito à lei.

Apartes.

Cumpram a lei da Separação essas pessoas que prestam o culto referido, que o Estado lhes permitirá as suas devoções.

Quanto ao caso da Fátima, o respetivo administrador observou que se queria fazer uma procissão, que não estava nos termos da Lei da Separação.

Trata-se pois de um outro caso de falta de respeito à lei.

Apartes.

O último caso a que S. Ex^a se referiu e do qual teve conhecimento, como disse, pela notícia de um jornal, diz respeito a ofensas ao Arcebispo de Évora, quando ia em visita a algumas igrejas.

Vou mandar saber a quem de direito pode informar, e não permitirei que se atente contra os direitos de quem quer que seja, mas não quero fazer juízos temerários porque não conheço o facto.

A todos recomendarei o respeito à lei, e V. Ex^a, Sr. Lino Neto, também da sua parte pode recomendar aos católicos o respeito às leis do país.

Tenho dito.

O orador não reviu.

Doc. 77
1923-05-18, Lisboa

Diário das Sessões do Senado, com intervenções sobre o caso de Fátima.

Publ.: DCF, IV-2 - Doc. 289

REPÚBLICA PORTUGUESA

DIÁRIO DO SENADO

SESSÃO Nº 39
EM 18 DE MAIO DE 1923

Antes de se encerrar a sessão

O Sr. Ramos de Miranda: – Antes de se entrar no assunto para que propriamente pedi a palavra, eu desejo associar-me à manifestação que o Senado fez há pouco aos Congressistas do Ribatejo que hoje inauguram o seu congresso em Santarém.

O assunto de que me vou ocupar é importante e eu muito desejaria que o Governo estivesse representado, porque queria chamar a sua atenção para este caso que pode assumir um carácter um pouco grave pelas circunstâncias em que se vai manifestando.

Como não vejo agora nenhum membro do Governo nesta Câmara, eu pedia a V. Ex^a, Sr. Presidente, a fineza de transmitir ao Governo o caso de que me vou ocupar, porque eu não quero perder a ocasião de o referir ao Senado.

O assunto é melindroso, e eu procurarei pesar bem as minhas palavras, porque eu não quero que delas possa surgir qualquer melindre mas que simplesmente delas ressalte a necessidade de os assuntos serem tomados por todos na sua devida consideração e de se não avolumar o carácter que muitas pessoas lhe queiram dar, e que pode ser prejudicial para todos.

Eu quero-me referir a um “milagre” que já está em voga, realizado anualmente num ponto do distrito que eu tenho a honra de representar nesta casa do Parlamento, no sítio de Fátima, no meio de uma planície escavada, próximo de Vila Nova de Ourém.

O Sr. Ministro da Instrução entra na sala.

O orador: – Eu torno a dizer que não tenho a intenção de agredir ninguém, nem de molestar nas suas crenças, nem nas suas superstições de quem quer que seja.

Eu simplesmente quero chamar a atenção do Governo para que este assunto seja ponderado, e que se lhe dedique a atenção que ele realmente merece.

E posso afirmar por conhecimento que tenho, visto pertencer à região, que inicialmente na Fátima havia um ou dois indivíduos que exerciam o ofício de curandeiros, ofício que o Governo vai permitindo, mas para o qual deve olhar com atenção.

Esse exercício de curandeiro transformou-se em ação quase milagrosa, por indicação ou antes por instigação de terceiras pessoas.

Foi-se avolumando esta superstição a ponto tal de se reunir em volta de um desses curandeiros uma romaria quase que impulsionada por sugestões alheias, e assim esse curandeiro, foi adquirindo, por assim dizer, um poder de ação medicamentosa, quase sobrenatural, sem no entanto possuir a consagração, nem os conhecimentos das faculdades científicas.

Depois o facto transformou-se em carácter religioso e esse curandeiro, penso que começou a dizer que a sua ação benéfica sobre os doentes que a ele acorriam provinha da presença de uma certa imagem, que ele possuía e que estava junto da sua habitação.

Mais tarde o curandeiro desaparece do lugar e a imagem toma foros de milagrosa e passa a ter a influência que o curandeiro até ali tinha.

Não sei o destino que teve o curandeiro, mas o que é facto é que um ou dois anos depois, num belo dia previamente anunciado, faz-se uma romaria ao planalto de Fátima, provocada não se sabe por quem, e instigada não se sabe por quem, para prestar homenagem à mesma imagem, para a qual já se tinha construído uma capela, e então começou toda a gente correndo para a água de uma lagoa.

Atualmente a superstição já está de posse de muita gente que vem de muitos pontos para ver o milagre, porquanto até se diz que nesse dia dança o sol.

A água da lagoa, por determinação do subdelegado foi classificada de água pútrida e mandada secar; mas para não perderem a sua qualidade milagrosa, abriram um poço com 15 metros de profundidade.

Nele aparece a água na época das chuvas que as recebe por estar aberto, e é com essa água que se fazem as curas milagrosas.

Ora chamo a atenção de quem para este assunto deve olhar.

Aparte do Sr. Vicente Ramos.

O orador: – Eu ponho a máxima cautela no que digo. Estou notando o que dizem.

Por consequência daí podem provir até infeções transmitidas por pessoas doentes que lá se tenham lavado.

É, portanto, um perigo para a saúde pública, além de uma sugestão a que é levada a gente dos arredores da serra.

Os instigadores desta crença podem provocar uma reação natural por parte dos espíritos esclarecidos ou que tenham conhecimentos científicos.

É preciso que se ponha cobro nessa brincadeira e se tenha mão nos sugestionadores.

Há tempo, ouvi dizer que tinha sido nomeada uma comissão da parte dos instigadores da romaria para saber se os factos eram ou não verdadeiros, tendo concluído que o eram. Essa comissão também terá suas culpas no caso de vir a dar-se qualquer conflito.

Limito por aqui as minhas considerações.

O orador não reviu.

O Sr. Dias Andrade: – Ouvi com atenção as considerações do Sr. Ramos de Miranda e começo por registar com aprazimento, o cuidado que S. Ex^a teve de se meter dentro de uma elevada correção referindo-se aos factos que se passam em Fátima. Nada sei da ação dos curandeiros da região.

Sei que, há alguns anos, e em certos dias ali vão muitos peregrinos prestar culto à Virgem.

Ainda no último domingo, 13 deste mês, essa romaria se realizou, juntando-se ali mais de 100:000 pessoas. O que ali se passou constituiu uma grandiosa manifestação de fé.

Com relação aos feitos sobrenaturais de Fátima, ainda a igreja se não pronunciou.

Foi iniciado o respetivo processo, que segue com o maior cuidado; concluído ele, Roma falará, e o seu juízo será acatado por todos os católicos.

A igreja procederá sobre a aparição de Fátima tal como se fez com a aparição de Lourdes.

Não tem razão o ilustre Senador nas suas apreensões e nos seus receios para o futuro.

A propósito eu vou citar um caso passado em França quando ali começaram as peregrinações a Lourdes.

Um dia no Eliseu, na presença do marechal Mac-Mahon, Presidente da República, houve alguém que estranhou que a essa peregrinação

fossem tantos militares fardados, ao que aquele marechal respondeu: “Tenho muito menos medo de cem pipas de água benta do que uma barrica de petróleo”.

Na verdade, não é na água benta que está o perigo para os Estados e para a ordem pública; esse perigo está noutra parte e para aí é que o ilustre Senador devia chamar as atenções do Governo.

O Sr. Ministro da Instrução Pública (João Camoesas): – Pedi a palavra para dizer ao Sr. Ramos de Miranda que transmitirei as suas considerações sobre os factos passados em Fátima ao Sr. Presidente do Ministério.

[...]

Doc. 78
1923-06-01

Impresso “Alerta! Povo Liberal!”, distribuído por um grupo anticlerical, no qual se chama a atenção para o que se tem passado em Fátima.

Publ.: DCF, IV-2 - Doc. 307

ALERTA!

Povo Liberal:

Para defesa da santa liberdade das consciências – garantida pela primitiva Lei da Separação da Igreja do Estado – das furiosas arremetidas do jesuitismo implacável, – o maior inimigo de toda a felicidade humana! – organizou-se nesta vila o Grupo Anticlerical, à semelhança do que se está fazendo em muitas terras do País!

Assim era necessário. Chamam-nos à luta. Apresentamo-nos corajosamente!

Trava-se novamente com entusiasmo, com ardor, a grande, a formidável batalha do progresso contra a Reação Ultramontana, da Liberdade contra a Tirania, da Verdade contra a Mentira!

A aurora redentora que o Povo português viu despontar em 5 de outubro de 1910 está prestes a eclipsar-se, intercetada pela aluvião imensa das batinas negras!... Mas na noite tenebrosa que pretende envolver a Razão; onde o sofrimento moral toma proporções de tragédia numa asfixia espantosa, vai novamente romper a Luz!... a luz consoladora dos espíritos elevados... e como um espantinho sinistro a torva reação fugirá apavorada!...

Povo liberal! Escuta-nos! Esta luta é terrível! Muitos dos nossos irão ficar, talvez, esmagados, torturados no campo da luta, mas que importa?!... Toda a guerra contra a reação é uma guerra santa porque liberta as consciências das garras dos seus inimigos!... É o combate da Justiça, contra a Iniquidade, do Amor contra o Ódio, do Bem contra o Mal!... À luta pois pelo Progresso que torna bela a vida; pela Liberdade que redime os povos e pela ciência que nos guia a todos como um farol eterno para a Luz da Verdade!

Gago Coutinho e Sacadura Cabral, dois gloriosos espíritos de Portugal, ante os quais as nossas almas joelham religiosamente; – rompendo ousadamente os ares com a certeza matemática de quem sabe o caminho a percorrer para ir de um ponto a outro ponto determinado; voando pelo azul imenso tão seguros da sua rota, como qualquer de nós caminhando sobre a terra, mostraram-nos que a ciência não é uma palavra vã!

É mais real e positivo o poder do seu sextante prodigioso, fruto de imensas lucubrações científicas, que a cruz de Cristo pintada no seu aparelho, que nem sequer os livrou da queda por falta de gasolina em pleno mar ao sabor das vagas...

Essa viagem extraordinária, cujas peripécias nos comoveram até às lágrimas, foi a mais retumbante vitória científica dos últimos tempos! Foi acima de tudo a afirmação potente da ciência!

Façamos portanto da ciência a nossa religião, e a religião científica é a Liberdade do Pensamento!

Ser Livre Pensador é amar a ciência imortal esperando ansiosamente que ela nos revele a verdade dos grandes enigmas do Universo! E só ela os poderá revelar!...

Povo! Lutemos sempre!

Da vitória do progresso, da ciência, da Liberdade, do Livre Pensamento, resultará a felicidade humana, a alegria, o amor, a fraternidade, o respeito pelas mulheres, a veneração pelas mães, a adoração pelas criancinhas, o carinho para os velhos, a proteção aos doentes, aos infelizes, aos torturados...

Da vitória da reação, do clericalismo, do jesuitismo negro, torvo e feroz, resultará: a força, os autos de fé com os seus destroços humanos, a perseguição, o exílio, o roubo, o incêndio, o desfloramento de mulheres, a matança das crianças, a tortura monstruosa de todos os espíritos livres!...

A história de tantos crimes praticados em nome de Deus horroriza-nos! A Inquisição trucidando, esfarrapando, queimando implacavelmente a carne de tantas vítimas, é ainda hoje, em pleno século XX um espectro sinistro a perseguir-nos!...

Ó mães santíssimas! Ó santas mães piedosas que tanto amais as meigas criancinhas! Tende compaixão dos vossos lindos filhinhos, frutos sagrados dos seus ventres benditos: Amai a Liberdade!...

Amai a Liberdade, ó mães extremosas, santas imaculadas do nosso altar! Suplicamos por eles... pelos vossos filhos, que são a luz dos vossos olhos cândidos, a vida da vossa vida... pelas criancinhas... por todas as crianças, mimosos botões de rosa que o retrocesso açoita furiosamente, – amai a Liberdade!...

Amái a Liberdade, ó mães santíssimas!...

E vós ó pais! Chefes de família que tanto estremeceis os vossos entes queridos, arrancai-os às garras ímpiedosas dos reacionários que lhe torcem o cérebro e matam a razão!

Escutai-nos todos, homens, mulheres e crianças; escutai: a Liberdade estorce-se em convulsões horríveis... vibra no espaço, repercutindo-se de serra em serra, um clamor angustioso pedindo socorro!...É a Liberdade que tomba aniquilada! É a Liberdade que morre nas garras cruentas do jesuitismo!

Corramos a salvá-la! Que nem um só de vós que adore a Liberdade, se detenha... porque defender a Liberdade é defender a vida... porque a vida de nada serve quando a Liberdade falte!...

Vamos ao combate, povo, vamos sem demora, que a Liberdade morre...

O que é essa ridícula manifestação da aparição da Fátima senão um pretexto para impunemente perante os nossos olhos espantados com tanto atrevimento, os padres, os jesuítas da casaca e chapéu fino, toda a corte de reacionários, fazerem uma parada das suas forças?!

O ataque à República, à Liberdade, é bem claro. Pois não dizem eles nos seus pasquins infames próprios da sentina, que nós os livre pensadores, é que somos os traidores, os inimigos da República?!... Que todo o ser que vive impenitente e morre recusando os sacramentos da igreja católica, vive como um bruto e morre como um cão?!...

Somos brutos, somos cães, porque, apesar dos nossos exemplos de virtudes cívicas, de bom comportamento social, não acreditamos na comédia da Fátima, nem em outras comédias semelhantes!

Povo, tens sentimento religioso? És crente?! Pois bem, guarda a tua crença, a tua fé, – que nós respeitamos, – mas não te deixes explorar! Não deixes violentar a tua consciência religiosa por esses negociantes da religião!

O Milagre da Fátima, povo, é uma ridícula mentira, é uma comédia, não é religião!

Vamos, liberais! Ergamo-nos todos desta apatia criminosa, e sem demora combatamos, não o sentimento religioso do povo português, povo tão bom, raça de heróis, mas combatamos a exploração que o clericalismo está fazendo ao povo, impingindo-lhe por bom preço, imagens da *santa* – de marca registada para evitar a concorrência de outros vampiros! – ó descaramento! – e levando-o pela sugestão a chafurdar e a beber loucamente, a água *milagrosa*, água porca, imunda, cheia de podridão, de pus e de micróbios pestíferos que as carnes chagosas de doentes ali deixam depositadas nas lavagens!...

Vamos, todos como um só homem, ao combate à reação obrigando-a a recuar e assim com o nosso esforço, salvaremos a República e a Terra Portuguesa do seu aniquilamento fatal!

Viva a República!

Viva o Livre Pensamento!

1 de junho de 1923.

GRUPO ANTICLERICAL

Doc. 79
1923-06-29, Lisboa

Testemunho do Dr. Henrique Weiss de Oliveira sobre os fenómenos atmosféricos a que assistiu, no dia 13 de maio de 1923, na Cova da Iria, enviado ao Dr. Formigão.

Publ.: DCF, IV-2 - Doc. 317

No dia treze de maio do corrente ano, tendo acabado de tomar uma refeição dentro de um automóvel na estrada junto à Cova da Iria, do meio-dia e meia hora para a uma da tarde, e, quando de novo voltava para junto da Capelinha, ouvia pelos grupos por onde ia passando exclamações admirativas sobre um fenómeno maravilhoso que afirmavam passar-se no sol para o qual dirigiam os seus olhares. Duvidando assaz da repetição dos fenómenos maravilhosos que a milhares de pessoas deslumbrara, segundo relatos fidedignos, quando da última aparição de Nossa Senhora em 1917, ia passar avante sem que mesmo me desse ao trabalho de olhar. Lembrei-me, contudo, de que, quando pela primeira vez fui a Fátima em treze de outubro do ano passado, e ao ouvir em volta de mim semelhantes rumores admirativos, nada vira à rápida inspeção que então fiz, e talvez por estar animado daquele espírito de dúvida. Quis, pois, certificar-me desta vez para com plena consciência poder dar o meu testemunho a quem e quando me fosse pedido. E, tendo parado junto a um grupo e fixando o sol com o cuidado de resguardar os olhos da incidência direta dos raios solares, como nada visse, logo dali me recomendaram insistisse que alguma coisa veria. Foi preciso uma demorada insistência para alcançar ver por fim o que a todos maravilhava, e causava espanto de por mim não ser visto. E vi com uma nitidez precisa e por duas vezes o que muito propriamente a gente do povo, na sua linguagem imaginada, semelhava = pétalas de flor de amendoeira. Caíam de uma grande altura (não as vendo já desprender-se do sol como as pessoas que me rodeavam as viam), e rápida e suavemente, ao mesmo tempo, quando chegavam próximo do solo desapareciam. Muito brancas e brilhantes, com um sol ardente e uma

¹ Nasceu em Lisboa em 1878. Pertenceu à Maçonaria, exercendo ao mesmo tempo as funções de Governador Civil de Aveiro. Em Lourdes, converteu-se ao catolicismo, assim como sua mulher Maria da Encarnação Weiss de Oliveira. Faleceu, a 25 de agosto de 1940.

atmosfera limpidíssima e serena, não me querendo logo pronunciar, nem para mim mesmo, acabei por fim, e ao cabo de bastante tempo, por concluir que não há fenómeno algum natural assim, nem conhecido, nem descrito, inclinando-me, portanto, para o sobrenatural. Hoje creio firmemente que assim foi, porque tive testemunhos que me permitem reconstituir o fenómeno como se me afigura se tenha dado segundo esses testemunhos. Primeiro podia-se fixar o sol demorada e impunemente vendo-se nele fenómenos magníficos de beleza e cor; depois começou uma chuva abundante das pétalas atrás mencionadas; e quando cheguei já não era possível fixar o sol e estava-se no final do fenómeno, que foi bastante demorado, o que explica a minha dificuldade em presenciá-lo já. Pela santidade da minha fé e pela minha honra, juro ser esta a expressão da verdade, e fazer livre e gostosamente a presente declaração, que já de viva voz fizera a quem de direito, e que graciosa e amavelmente me pede para sintetizar nestas curtas linhas.

Ano de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1923, 29 de junho – Avenida da Liberdade 176, 5º d.^{to} Lisboa

Henrique Weiss de Oliveira

ex-cirurgião dos Hospitais Civis de Lisboa

Doc. 80
1923-09-28, Fátima

Interrogatórios oficiais realizados pela Comissão Canónica a Manuel Pedro Marto e Olímpia de Jesus (pais dos videntes Francisco e Jacinta Marto), Maria Rosa (mãe da vidente Lúcia), Maria dos Santos e marido, Manuel António de Paula e José Alves, acerca dos acontecimentos de Fátima.

Publ.: DCF, II - Doc. 4

INTERROGATÓRIOS OFICIAIS
DE

Manuel Pedro Marto (pai de dois videntes)
Olímpia de Jesus (mãe de dois videntes)
Maria Rosa, viúva (mãe de Lúcia)
Maria dos Santos e marido
Manuel António de Paula e
José Alves¹
todos da freguesia de Fátima

Depoimento de Manuel Pedro Marto

Aos vinte e oito dias do mês de setembro de 1923, na freguesia de Fátima, concelho de Vila Nova de Ourém, Diocese de Leiria, por determinação de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, foram ouvidos os seguintes depoimentos de testemunhas ajuramentadas sobre os acontecimentos extraordinários de Fátima.

1. Manuel Pedro Marto de cinquenta e um anos de idade, é casado com Olímpia de Jesus e mora no lugar de Aljustrel. Sua mulher, que era viúva, teve do segundo matrimónio sete filhos, dos quais morreram cinco, entre eles os videntes Francisco Marto e Jacinta Marto, estando vivos seis no tempo das aparições.

¹ Nasceu em 1865. Residia na Moita. Lúcia e Jacinta ficaram várias vezes em sua casa. Faleceu a 13 de fevereiro de 1942.

No dia treze de maio de mil novecentos e dezassete, era já noite quando chegou ao lugar, de regresso do mercado da Batalha e só então soube dos acontecimentos desse dia na Cova da Iria. Em casa encontravam-se um cunhado e um sobrinho e todos ou quase todos os filhos, incluindo o Francisco e a Jacinta, que já tinham contado à Mãe o que se havia passado. Estavam a cear quando a mãe perguntou novamente à Jacinta o que tinha presenciado.

A pequena disse que Nossa Senhora lhes tinha aparecido, que antes tinham visto um relâmpago, que receram estivesse iminente uma trovoada ou chovesse, e já se preparavam para se irem embora, indo até tocar o gado para esse fim. O Francisco interrogado igualmente mais uma vez pela Mãe, disse que também tinha visto a Senhora, que a princípio a não vira e que a Senhora tinha dito que havia de aparecer seis meses a seguir. Em junho a Jacinta pediu à Mãe que não fosse à feira dos treze nas Pedreiras, a uma légua de Porto de Mós, para poder ir ver Nossa Senhora. A Mãe ao ouvir este pedido, disse-lhe: “Ah! tu não vais lá, Nossa Senhora não te aparece”. Ao que a pequena retorquiu: – “Aparece sim, Nossa Senhora disse que aparecia e por isso aparece.” A Mãe replicou: “Então não vais à festa de Santo António?” “Não, confirmou a pequena, Nossa Senhora é mais bonita que Santo António”. Quando chegaram da feira, onde foram apesar do pedido da filha, era já noite e antes de chegarem a casa ouviram dizer que os pequenos tinham ido ao local, e tinham dito que viram Nossa Senhora. Havia pessoas que se admiravam que as deixassem ir sozinhas. Em treze de julho os pais foram também à Cova da Iria, indo as crianças adiante. Um indivíduo da freguesia, de nome Matias, barbeiro², ao ver o pai das crianças, chamou-o para junto da azinheira onde já estava a mulher. Os três videntes iam sempre juntos. A princípio conservaram-se de pé, depois ajoelharam, tendo a Lúcia mandado fechar os chapéus que estavam abertos por causa do sol. O povo estava na sua maior parte por trás dos videntes. E estes num dado momento levantaram-se e depois tornaram a ajoelhar-se. Ouviram uma voz vinda do local ao pé da carrasqueira que disse: – “Que me quereis hoje?” Esperou um momento e depois disse: “Então não me quereis hoje nada?” A Lúcia disse, o que o pai ouviu: “Eu o que queria – ai! Nossa Senhora!”, e pediu a cura e a conversão de diversas pessoas, não se recordando o pai o nome delas.

² Manuel Rodrigues Matias. Era considerado um homem entendido na cura de maleitas. Era o encarregado do Posto do Registo Civil, que funcionava em sua casa, na Amoreira.

A Lúcia depois acrescentou: “diz que nem todas melhoram, porque algumas são más”. Declarou ainda que a Senhora tinha dito que rezassem todos o terço e que a guerra em breve ia acabar. Estavam então as crianças de joelhos, a Lúcia levantou-se rapidamente, ficando o vestido em balão, e disse apontando: “Olhem para acolá, se a querem ver” – e acrescentou logo: “Já não vão a tempo”. Ela estava voltada quase ao poente e voltou-se para o nascente a indicar a Senhora que se retirava. Fazia muita calma e logo depois o tempo tornou-se fresco. Logo que elas se levantaram, muitas pessoas fizeram perguntas, tiraram raminhos da carrasqueira e interrogaram as crianças. O pai pegou na Jacinta ao colo para atravessar mais facilmente por entre a multidão. Ela disse ter visto outra vez Nossa Senhora. Passados dias, a filha mais velha, Florinda, disse que a Jacinta tinha dito para a Lúcia: “Fala-lhe, Lúcia, que ela já está a falar”. Em treze de agosto, foi à fazenda buscar milho com a ideia de lá ir ao local à hora própria, sabendo, quando já estava na eira, pela Florinda³, que o administrador tinha chegado entretanto a sua casa. Ainda não eram dez horas. Voltou logo para casa e encontrou o administrador e um padre⁴ que não conhecia. O administrador perguntou: “Então, senhor Marto, sabe porque cá venho hoje? Quero lá ir acima à Cova da Iria, ao Milagre, quero ir ver. Sou como S. Tomé, ver e crer”. Manuel Marto disse: “Faz bem, senhor administrador”. Este declarou que levava as crianças no seu carro. Elas ainda andavam com o gado. Marto pediu a sua mulher que as chamasse, porque eram horas. Não chegou a chamá-las, mas elas vieram com o gado. A Lúcia sabendo que o administrador estava em casa dos tios, dirigiu-se logo para lá, e ele, assim que a viu, disse-lhe que as levava de carro, ao que ela retorquiu que não iam de carro. A pequena voltou a casa e depois veio com o pai. Ouviu-se nessa ocasião falar num segredo. Como a estrada não estava feita, o carro ficou à espera numa encruzilhada. O administrador disse que então os esperava na Fátima para lhes fazer umas perguntas em casa do Senhor Prior.

Dirigiram-se os pais das três crianças a casa do Senhor Prior, não estando ainda lá o administrador, que chegou pouco depois. Ficaram todos na varanda. Só a Lúcia foi chamada lá dentro para ser interrogada pelo senhor Prior em presença do administrador.

³ Florinda de Jesus, irmã de Francisco e Jacinta. Nasceu 3 de agosto de 1902 e faleceu a 20 de maio de 1920, vítima da pneumónica.

⁴ Pe. Manuel Carreira Poças.

Depois do interrogatório, o administrador convidou as crianças a descer as escadas da varanda e a subir para a charrete em que tinha vindo, deu uma volta à igreja e fugiu para Vila Nova de Ourém. O pai da Jacinta seguiu então para a Cova da Iria tendo ficado admirado da partida do administrador. Na Cova da Iria, depois de falar com várias pessoas, ouviu perfeitamente um estrondo seguido de poeira e nevoeiro. O povo fugiu. Quase todas as pessoas tiraram os chapéus, gritaram por Nossa Senhora e ficaram muito contentes, dizendo que tinham roubado as crianças, é verdade, mas que Nossa Senhora se tinha manifestado. Viu também uma espécie de globo luminoso girando nas nuvens. Parecia haver uma névoa em volta da carrasqueira, depois do estrondo. O povo queixava-se não só do administrador, como do senhor Prior, dizendo que ele também tinha culpa. O tio da Lúcia, António da Silva⁵, nesse dia à tarde, queria ir pedir satisfações ao senhor Prior, julgando-o culpado, mas não apareceu. O pai da Jacinta procurou o senhor Prior, supondo que ele sabia alguma coisa a respeito das crianças. Voltou depois com o cunhado para casa. O povo continuava a falar contra o senhor Prior, afirmando que ele é que tinha a culpa do roubo das crianças. O administrador trouxe os pequenos na quarta-feira, dia 15, depois da Missa, cerca das onze horas. No sábado, onze, tinham sido chamados a Ourém os pais de Lúcia e de Jacinta, indo só os pais e a Lúcia. Primeiro chamaram a Lúcia e os pais. Depois chamaram o pai da Jacinta. O pai respondeu que a não trouxera, porque ela, sendo tão pequena, não podia ir a pé, nem sabia ir de burra. Replicou o administrador: “Então desobedece?!”. “Não, porque aqui estou”, acentuou Manuel Marto. Mais tarde, quando as veio trazer a Fátima, disse-lhe que já nesse dia tinha tido tenção de prender as crianças. Logo que chegou levou as crianças a casa do senhor Prior. Declarou que acusavam o regedor e o senhor Prior do rapto das crianças, mas que só ele tinha a culpa, que podiam perguntar às crianças, se as tinham tratado mal, e que já não queria saber de nada, que elas podiam ir ao local, quantas vezes quisessem. O que é certo porém, é que pelo caminho, no regresso de Ourém, já tinha dito às crianças que tornaria a prendê-las se fossem outra vez à Cova da Iria.

Quando o administrador tomou a direção de Ourém, a Lúcia e a Jacinta disseram-lhe que a Cova da Iria não era para aquele lado, retorquindo ele nestes termos: “levo-as a casa do senhor Prior de Ourém

⁵ Foi casado em primeiras núpcias, com Teresa de Jesus, irmã de António dos Santos, pai de Lúcia.

que as quer interrogar e depois vêm em automóvel, que ainda chegam a tempo”. Logo que chegaram, pediram-lhe que as levasse a casa do senhor Prior, mas o administrador disse que primeiro haviam de comer, ao que elas se prestaram.

No dia dezanove de agosto, ao chegar a casa, depois de ter passado pelos Valinhos, propriedade particular de António Ferreira Rosa, para ir a uma fazenda sua, ouviu dizer que Nossa Senhora tinha aparecido nesse dia naquele sítio. Chegaram a mulher e a Jacinta e ele perguntou à filha o que havia, tendo ela dito que Nossa Senhora tinha aparecido; que quem ia com o gado eram o João, a Lúcia e o Francisco, que o João chamou-a e que, logo que ela lá chegou apareceu Nossa Senhora, e que haviam de aparecer Nossa Senhora das Dores, (segundo lhe parece), Nossa Senhora do Rosário, S. José e o Menino Jesus.

Em treze de setembro foi também à Cova da Iria. Estava um pouco afastado das crianças. Não viu nada, nem ouviu nada, mas ouviu dizer que algumas pessoas tinham visto coisas extraordinárias na atmosfera. Ouviu dizer às crianças que Nossa Senhora havia de dizer em outubro o que é que queria e havia de fazer um milagre para que todo o povo acreditasse. Desde treze de setembro as visitas a sua casa foram numerosas. Em treze de outubro chovia. Aconselharam-no a que não fosse porque lhe podiam fazer mal, embora o não fizessem às crianças, por serem crianças. Foi em companhia delas. Estava então muita gente no local convertido num lamaçal enorme. Ouviu a Jacinta gritar que não a apertassem. A Lúcia disse: “Já cá está!” O povo afirmava ver cores no sol e no céu. O sol não fazia nenhuma impressão à vista. Não ouviu voz nenhuma. Ouviu dizer ou à Lúcia ou a outras pessoas que Nossa Senhora queria que não se ofendesse mais a Nosso Senhor, o qual estava muito ofendido e que a guerra ia acabar.

O Francisco um ano depois adoeceu com a pneumónica e pediu a Sagrada Comunhão que recebeu por Viático. Morreu a sorrir-se.

A Jacinta morreu mais tarde, também em consequência da pneumónica⁶.

A testemunha não sabe escrever.

A rogo da testemunha

Joaquim Pereira dos Reis

Doutor Padre Manuel Nunes Formigão Júnior, relator

Doutor Padre Manuel Marques dos Santos, promotor da fé

⁶ Francisco faleceu a 4 de abril de 1919 e Jacinta a 20 de fevereiro de 1920.

Depoimento de Olímpia de Jesus

2. Olímpia de Jesus, de cinquenta e quatro anos, casada em segundas núpcias com Manuel Pedro Marto, do qual teve sete filhos (tendo mais dois, ainda vivos e casados, do primeiro matrimónio⁷), sendo apenas dois atualmente vivos⁸; é natural e moradora em Aljustrel, freguesia de Fátima. Estava de regresso àquele lugar no dia treze de maio de mil novecentos e dezassete, depois do sol posto, já de noite, do mercado que há todos os domingos na Batalha. Ao chegar a casa a Jacinta, muito alegre abraçou-se a ela, o que não costumava fazer e disse: “Ó minha mãe, vi hoje Nossa Senhora na Cova da Iria”. A mãe retorquiu: “Não acredito; és uma boa santa para veres Nossa Senhora”. A pequena mostrou-se um pouco triste e insistiu: “Acredite, minha mãe”. Tinha então sete anos. Isto passou-se ainda na rua à porta de casa. Entraram e logo ela disse: “Minha Mãe, vou rezar o terço com o Francisco, que foi o que Nossa Senhora mandou que nós fizéssemos”. A mãe deixou-os ir rezar. Depois de terem rezado, a criança, voltando-se para a mãe, disse: “Minha mãe, tem que rezar o terço todos os dias”. “Não é esse o costume, observou a mãe, então vou agora rezar o terço?!”. “Reze, minha mãe, reze!”, tornou a filha com intimativa. Vendo que as crianças continuavam a rezar todos os dias o terço, ou quando andavam com o gado ou em casa, os pais resolveram-se a rezá-lo também todos os dias em comum com toda a família. E se algum dia se deixava de fazer tal devoção, por qualquer motivo extraordinário, ficava triste e dizia com voz magoada: “Minha mãe, já rezei o terço e vossemecê ainda o não rezou”. A mãe com pouca fé na realidade das aparições, esperou o dia treze de junho. A uma pergunta dos pais nesse sentido, a pequena respondeu que Nossa Senhora tinha dito, que fossem lá durante seis meses no dia treze que ela lhes apareceria, e que rezassem o terço. Os videntes compreenderam que essa recitação devia ser feita todos os dias. Dizia Nossa Senhora que rezassem o terço, que o espalhassem pelo mundo e que Deus estava muito ofendido. O Francisco disse que via a Senhora a mexer os beijos, abrir as mãos e fechá-las, mas não ouvia as suas palavras. Disse a Jacinta que a Senhora só falava com a Lúcia. A Lúcia disse que via uma mulher muito bonita, com um resplendor ao cabo da cabeça, que cegava. No princípio da aparição, quando a Lúcia dizia que via Nossa Senhora, o

⁷ António Ferreira Rosa e Manuel Ferreira Rosa.

⁸ À data deste interrogatório, estavam vivos José dos Santos Marto e João dos Santos Marto.

Francisco não vendo nada, aconselhou a prima a atirar-lhe com uma pedra e a Lúcia disse à Senhora: – “Então vossemecê é Nossa Senhora do Céu e o Francisco não a vê?” – Já a Senhora lhe tinha dito que era do Céu. Nossa Senhora disse à Lúcia: “Diz-lhe que reze o terço e já me verá”. O pequeno contou que então meteu a mão no bolso do colete, onde tinha as contas da Missa e começou a rezar e quando tinha seis ou sete Avé Marias rezadas, já via a Senhora e não pôde rezar mais. Na ocasião em que já a via, notou que as ovelhas começaram a ir para um trigal que havia na parte mais baixa da Cova da Iria e disse que as ia voltar. Estava para se pôr a caminho quando a Lúcia lhe disse: “Ó Francisco, não vás, que Nossa Senhora diz que o gado não come o trigo”. Ele então observou: “Então as ovelhas já vão pelo trigo dentro e não o comem?!” E voltou para trás. A mãe perguntou-lhe: “Depois de Nossa Senhora sair, as ovelhas comiam o trigo?” Respondeu ele: “Ah, se as deixassem comiam-no todo”. No dia 13 de junho, Olímpia de Jesus e seu marido foram para uma feira, apesar de a Jacinta ter dito na véspera à noite: “Minha Mãe, não vá amanhã à feira, vá à Cova da Iria, vem lá Nossa Senhora”. E a Mãe não queria acreditar e disse à filha: “Tu queres ir para Santo António, não queres ir para a Cova da Iria!” Como que a dar a entender que era um pretexto para ir à festa. Ela respondeu: “O Santo António não é bonito”. “Porquê?”, interrogou a mãe. “Porque Nossa Senhora é mais bonita”, concluiu a filha. “Eu vou à Cova da Iria mais a Lúcia e o Francisco e se Nossa Senhora disser que vamos ao Santo António então vamos”. No dia treze à noite, quando a mãe chegou, contaram-lhe que Nossa Senhora lhes tinha aparecido outra vez, como em treze de maio, e que tinha dito à Lúcia que fossem lá todos os meses e que fizessem penitência. Passaram-se os dias até treze de julho. Destas três vezes, a mãe não foi com as crianças. Deixava-as ir, mas tinha receio de que o povo lhes fizesse mal, porque se julgava que enganavam. Um dia chegou a fazer menção de querer bater no filho e na filha para não andarem a enganar o povo. “Eu bato-lhes, dizia ela, porque vocês andam a enganar o povo e já lá vai muita gente”. Os filhos disseram que não chamavam para lá ninguém, que quem quisesse ir fosse, quem não quisesse não fosse, que eles iam, quem não quisesse acreditar sofreria castigo e que ela, mãe, também sofreria. Quando a Jacinta começou a dizer que sabia um segredo comunicado por Nossa Senhora, começou a ser chamada a várias partes, mesmo fora da freguesia. Segundo afirmava a pequena, o Francisco não ouviu o segredo e fora a Lúcia que lhe dissera da parte de Nossa Senhora. O Francisco, pedindo-se-lhe para revelar o segredo, declarou que nem que o

matassem o poderia dizer. Aconteceu por várias vezes serem interrogados e oferecerem-lhes riquezas para o dizerem e eles respondiam que nem que lhes oferecessem o mundo inteiro o poderiam dizer. Brincavam exatamente como antes. Não era costume até então rezarem o terço em família. Não notavam diferença nos pequenos para melhor depois das aparições. O que faziam a mais era rezar o terço. Mostraram-se mais verdadeiros daí em diante, por exemplo, contando o que fazia o gado. Pediam licença para rezar o terço e rezavam-no todos os dias e à noite rezavam-no sempre, embora não raro tivessem rezado duas e três vezes o terço quando andavam com o gado. Pela manhã benziam-se e rezavam uma Avé Maria ou um Padre Nosso ao Anjo da Guarda e partiam com o gado.

Em treze de julho foram lá e contaram que Nossa Senhora tinha aparecido como nos meses anteriores. Em treze de agosto o Administrador do Concelho chegou a casa de Manuel Marto de manhã cedo e a mulher não o conhecia. Ele pediu muito que preparassem os pequenos que andavam com o gado, para irem para a Cova da Iria. Olímpia de Jesus dizia que era muito cedo, que andavam com o gado e que não costumavam ir para lá senão ao meio-dia. O administrador mostrava-se muito aflito, porque queria que os videntes regressassem mais cedo. Chegaram quase às horas do costume e ainda não queriam ir. A mãe tinha-os mandado chamar. A Lúcia declarou que ainda era muito cedo. O administrador disse à Lúcia que haviam de vir à Fátima a casa do senhor Prior para serem interrogados e que dali seguiriam no carro para a Cova da Iria. E assim os enganou. As três crianças foram em companhia dos pais. As mães ficaram em casa. A mãe da Jacinta soube no caminho da Cova da Iria, para onde se dirigia, que o Administrador tinha levado as crianças para Ourém. Voltou então para trás e foi dar parte do sucedido à cunhada, mãe da Lúcia. “Ó Maria, disse ela, então não levaram os cachopos para a Aldeia!” Ela sorriu-se e disse: “Então não andem a mentir!”. “Ai, o que lhes farão por lá!” exclamou a mãe da Jacinta. – “Não tenhas medo que não os comem por lá!”, disse a mãe de Lúcia. Em casa da cunhada quando ouviram o povo a gritar, disse: “O que irá por lá?” A mãe da Lúcia olhou para o sol e disse: “O sol está diferente”. Veio o povo e contou que se tinham visto sinais no sol e no céu.

As crianças chegaram no dia quinze de agosto de manhã em que o administrador as veio trazer. Ele disse às crianças, na presença da mãe da Jacinta: – “Agora podem ir à Cova da Iria quantas vezes quiserem”. Disse o administrador ao pai da Jacinta que “eles diziam ver e ouvir

coisas extraordinárias por causa de uma doença que tinham”. No dia dezanove era um domingo. A Lúcia andou a guardar o gado em companhia dos primos, Francisco e João, ao pé dos Valinhos. Tinham vindo pouco antes da Missa. A Jacinta ficou em casa para a mãe lhe tratar da limpeza da cabeça, indo o irmão João com as ovelhas em vez dela. Passado um bocado, o João apareceu em casa em procura da Jacinta, dizendo que a Lúcia o tinha mandado ir lá para a levar. A mãe perguntou: “Então para que querem lá a Jacinta? Ainda te parecem poucos os que lá andam para a brincadeira? O João explicou então: “A Lúcia deu-me um vintém para a vir chamar e que não dissesse à minha mãe para o que era”. A mãe agarrou no João e disse: – “Ou tu me hás de dizer para que é ou também não te deixo ir a ti”. Então o pequeno declarou que a Lúcia lhe dissera que já via os sinais no Céu, que Nossa Senhora também aparecia nesse dia e que queria que a Jacinta também lá estivesse. A mãe disse ao João: “Vai chamar a Jacinta que está na casa da madrinha e venham por aqui”. A mãe fez essa recomendação porque queria ir com os filhos para ver o que diriam ou fariam. Mas eles foram por outro caminho. Como tardassem, foi à sua procura, a casa da madrinha, onde perguntou pelo seu paradeiro. A madrinha respondeu: “O teu João esteve aí, disse uma espécie de segredo à Jacinta e abalaram a correr por a serventia da estrada dos talhos acima, direitos aos Valinhos. Olímpia de Jesus, que desejava ir ter com eles, esperou um bocado e por fim pôs-se a caminho. Mas então já vinham de regresso a casa o Francisco e a Jacinta, dizendo que Nossa Senhora tinha tornado a aparecer, mas que o João não a tinha visto. Quando o João veio à noite, a mãe perguntou se tinha visto alguma coisa. Ele respondeu que viu a Lúcia, o Francisco e a Jacinta de joelhos, ao pé da azinheira, ouviu a Lúcia falar e quando a Lúcia disse: – “Ela já lá vai, ó Jacinta” – ouviu uma rugida como de um foguete, mas não viu nada. E acrescentava que até lhe doía os olhos de olhar para o ar. Contava então onze anos de idade.

Em treze de setembro, depois de as crianças partirem para a Cova da Iria, foi chamar a cunhada para irem ambas em segredo, isto é, de maneira que ninguém as visse. Chegaram e deixaram-se ficar na encosta, não indo para o pé das crianças para não serem vistas. Quando o povo gritou que via sinais, não perceberam o que ele dizia, mas pareceu-lhes ver um fumozinho subir do meio do povo ao pé da azinheira. Logo que notaram que as crianças se vinham embora e que o povo as seguia, disse a mãe da Jacinta: “Elas estão salvas, vamo-nos embora”, voltando para suas casas. Parece-lhe ter ouvido à Lúcia que a Senhora lhe tinha

recomendado que aprendesse a ler. Ela e outras pessoas interrogaram a Jacinta e o Francisco. A pequena era mais interrogada. Uma vez foram a casa deles umas senhoras muito ricas e ofereceram à Jacinta várias jóias que traziam para ela lhes dizer o segredo. A Jacinta disse que por coisa nenhuma o diria, nem que lhe dessem o mundo inteiro. Mesmo durante a última doença a mãe lhe dizia: “Eu desprezo-te e não quero saber de ti se não me disseres o segredo”. E a filha replicava que não o podia dizer. “Ao menos há de me dizer se é bom ou mau”, insistia a mãe. Ela respondia que era bom para quem quisesse acreditar. “Acreditar no quê?”, perguntava a mãe. “Em Deus”, concluía a filha. E acrescentava que era mau para quem não quisesse acreditar.

Em treze de outubro a mãe foi de novo à Cova da Iria e ficou ao pé das crianças. A Jacinta, como a mãe ouviu, depois de dizerem que Nossa Senhora já tinha aparecido, acotovelou a Lúcia e disse-lhe: “Fala-lhe Lúcia, que Nossa Senhora já lá está”. A Lúcia tomou a respiração por duas vezes, como pessoa a quem faltasse o ar. Em seguida disse: “Que é que me quereis hoje?”. Daí a poucos momentos, a Lúcia disse mais: “Queria que me melhorasse os doentes.” Depois declarou: “Nossa Senhora disse que os não podia melhorar todos, que eram muito maus”. Passados alguns momentos levantou-se muito rapidamente e disse: “Se a quiserem ver voltem-se para o nascente”. Mas logo a seguir exclamou: “Já a não veem”. Já em casa a Jacinta disse à mãe: “Ó minha mãe, eu vi-a entrar no Céu”, e acrescentou que se lhe representara quando a viu entrar no Céu, que os pés se lhe entalavam. O Francisco e a Jacinta por ocasião da pneumónica adoeceram e morreram em consequência dessa doença. O Francisco sabia que ia morrer e antes de morrer disse: “Ó minha mãe, olhe que luz tão bonita ali está na nossa janela”. E depois afirmou que já a não via. Deu um ar de riso e ficou-se, que nunca mais respirou. Foi sempre firme em afirmar, mesmo durante a doença e próximo da morte, que era verdade tudo quanto tinha dito a respeito das aparições. Alguns dias antes da morte, disse que tinha pena de morrer sem receber Nosso Senhor, porque nunca tinha comungado. Fez a primeira comunhão por viático na véspera da morte. A Jacinta já tinha feito a primeira comunhão, no ano seguinte ao das aparições e comungou depois várias vezes. Morreu em Lisboa no dia 20 (vinte) de fevereiro de mil novecentos e vinte.

A testemunha não sabe escrever.

A rogo da testemunha *Eduardo dos Santos*

Doutor Padre Manuel Nunes Formigão Júnior, relator

Doutor Padre Manuel Marques dos Santos, promotor da fé

Depoimento de Maria Rosa

3. Maria Rosa, viúva de António dos Santos, de cinquenta e cinco anos de idade, natural da Perulheira e batizada no Reguengo do Fetal, atualmente moradora em Aljustrel, teve sete filhos, morrendo um à nascença. São todos mais velhos que a Lúcia. No ano anterior ao das aparições, ouviu a filha Lúcia e outras dizerem que tinham visto noutro lugar uma pessoa embrulhada num lençol. Não fez caso de tais palavras. Em mil novecentos e dezassete, no dia treze de maio, a Lúcia não disse nada em casa do que se tinha passado na Cova da Iria. No dia seguinte, a mãe ouviu dizer a umas vizinhas que tinham perguntado à filha o que é que ela tinha visto. Julgou que se referiam ao ano anterior e ficou admirada de falarem em coisas tão antigas. Elas disseram que tinha sido na véspera e que o Francisco e a Jacinta tinham dito tudo em casa. A mãe de Lúcia continuou a não ligar importância ao que se contava. As duas filhas, Maria dos Anjos e Carolina, interrogaram a Lúcia sobre os acontecimentos da véspera e foram para casa e disseram que realmente a irmã tinha visto alguma coisa. Por fim, a mãe perguntou-lhe também o que vira. Ela disse que via uma mulherzinha muito bonita; que o vestido que trazia era todo branco, que à pergunta – “de onde era” – apontara para o Céu dizendo que era de lá, e que tendo-lhe perguntado se não iam para o Céu o Francisco, a Jacinta e ela Lúcia, a aparição respondeu que sim. A Mãe, ao ouvir estas palavras exclamou: “Que felizes que vocês são!”. Disse a Senhora que queria que fossem lá seis meses a fio e que por fim diria o que queria. A mãe abstinha-se de fazer muitas perguntas à pequena. Resolveu ir para a Cova da Iria, se visse que ela voltava lá, para a observar escondida sem que ela visse, julgando que não iria mais ninguém. Mas logo se ajuntou gente no dia treze de junho para a acompanhar e por isso não foi. Nesse dia, entre as pessoas que a acompanhavam estavam duas mulheres de Boleiros. Deixou ir a filha. Vestiu-a melhor porque ia dali para a festa de Santo António na igreja paroquial. A mãe foi para a festa para ouvir a missa. No caminho encontrou um grupo de cinco ou seis pessoas que iam de Fátima para Aljustrel. Julgando que queriam ir à festa, disse-lhes: “Os senhores estão enganados, a festa é para ali”. “Nós não vimos para a festa”, retorquiram eles, “vimos em cata de três crianças que dizem ter visto Nossa Senhora”. Admirou-se da resposta e perguntou-lhes de onde eram. Disseram que eram dos Carrascos. Não lhes confessou que era a mãe de uma das crianças. Eles perguntaram onde estavam as crianças.

Respondeu-lhes que estavam em Aljustrel e seguiu para a Missa. Ia cada vez mais pensativa, julgando que fazia mal em não ir ao local das aparições, porque podiam bater nas crianças por mentirem, mas não queria passar pela vergonha a que se expunha se não houvesse nada. As crianças, logo que tudo acabou, foram ter à Fátima. Quando saíam da missa já lá estavam, vendo-se muita gente em roda delas. O povo afirmava que as pessoas que tinham ido à Cova da Iria tinham vindo muito satisfeitas, julgando que era verdade o que as crianças diziam. Dizia também o povo que a Lúcia à volta pelo caminho tinha vindo pedindo o terço, do que a mãe se admirou por não saber onde ela tinha aprendido a pedir o terço, visto que em casa todos rezavam o terço só individualmente. Quando mais tarde pude chegar ao pé dela, perguntou-lhe o que tinha visto. Respondeu que tinha visto a mesma mulherzinha do outro dia. Perguntou-lhe o que ela tinha dito. Disse que tinha dito que continuassem a ir lá e que aprendessem a ler. Esta proposta tornou-a descrente porque lhe parecia que Nossa Senhora não tinha vindo à terra para lhe dizer que aprendesse a ler. Tornou-se tudo mais sabido e chegando a notícia dos acontecimentos mais longe, concorrendo para isso a festa onde se reunira tanta gente de fora. Veio com a filha para Aljustrel. Ela era boa e humilde. Vinha com a mesma alegria de antes. Depois desta aparição a pequena tinha-lhe mostrado três vinténs e meio em moedas de dez réis que lhe tinham dado. Uma vizinha disse: “Então a Lúcia faz bem em andar a espalhar estas coisas, porque já lhe deram cinco tostões em prata, como ela própria declarava”. A mãe perguntou-lhe se era verdade. A pequena disse que não tinha dito isso. Ao que a mãe respondeu: “Pois ela uma mulher de mais de sessenta anos, afirmou que tu lhe tinhas dito isso e tu negas? Quem faz um cesto faz um cento”. E bateu-lhe, dando-lhe umas poucas de solhas. Ela chorou e disse sempre que tinham dado cinco tostões à Jacinta, mas a ela não. E a Jacinta apareceu realmente com eles. Ficou então convencida de que era mentira tudo o que as crianças diziam. Foi ter com o senhor Prior para lhe dizer que o que estavam para averiguar que estava já averiguado, pois era tudo mentira. E contou-lhe o que se tinha passado, concluindo que era tudo mentira. O Pároco disse que não batesse na filha, nem andasse a meter-lhe medo, que ele a apanharia em mentira, se realmente ela fosse mentirosa. O Pároco já a tinha interrogado uma vez. Em treze de julho as crianças voltaram à Cova da Iria. Encheu-se-lhe a casa de povo. Acompanharam-nas pessoas de todas as classes. A mãe da Lúcia não foi porque o senhor Prior a aconselhava a que não fosse. À volta encheu-se-lhe também a casa de povo, que fazia à filha muitas perguntas.

Quase todos os dias a procuravam, não podendo ir apascentar o gado, tendo de se fazer substituir. Dizia a pequena, que a Senhora Ihe tinha dito um segredo que não podia dizer a ninguém e que ela tinha pedido por alguns doentes e que Ihe parece que a Senhora dizia que uns melhoravam outros não. Neste mês o marido e a Lúcia foram chamados a Ourém à presença do administrador.

Em treze de agosto a Lúcia saiu pela manhã com as ovelhas e quando veio já estava a casa cheia de gente. Estava com tenção de ir à Cova da Iria, como nos meses anteriores, mas o administrador levou-a para Ourém, tendo sido a notícia da prisão comunicada à mãe pela cunhada que, indo para a Cova da Iria, ouviu dizer que o administrador tinha abalado com as crianças. A mãe da Lúcia ficou magoada, mas não se apoquentou porque sabia que não comiam as crianças, pensando ao mesmo tempo que se elas mentiam, mereciam algum castigo e que se diziam a verdade, Nossa Senhora as defenderia. Vieram depois, à tarde muitas pessoas que procuravam confortá-la, dizendo que iam agora mais crentes, porque foi o primeiro dia em que apareceram os sinais. Os irmãos de Jacinta foram de bicicleta observar o que se passava em Ourém e vieram dizer que tinham visto as crianças a brincar na varanda do administrador, que os tratava bem. O administrador veio trazê-los à Fátima no dia quinze num carro e foi pô-las na varanda do senhor Prior. A mãe da Lúcia, que estava lá, veio com a filha para casa. As crianças mostraram-se como dantes contentes e prontas para brincar, dizendo que lhes tinham feito muitas perguntas e que tinha ido um médico examiná-las. O administrador disse que o povo estava com uma doença por ter visto sinais, e o cunhado Marto disse-lhe que então estava muita gente doente.

No dia dezanove, a Lúcia chegou a casa à noite, trazendo na mão um raminho de azinheira e disse que Nossa Senhora Ihe tinha aparecido um pouco antes do sol posto, aí pelo meio da tarde, às quatro horas, tendo estado ao meio-dia com o gado em casa. A mãe pegou no ramo e notou que cheirava muito bem. O cheiro não se podia comparar com nenhum outro cheiro. Ela era descrente e ficou um pouco quebrada, um pouco mais convencida. Disse a filha que a Senhora tinha dito que continuassem a ir à Cova da Iria e que havia de fazer um milagre em outubro na Cova da Iria, que os militares haviam de vir da guerra, que havia de vir Nossa Senhora das Dores e outras coisas mais. Em treze de setembro veio muita gente. Passou-se tudo como das outras vezes. Em treze de outubro a mãe foi ao local pela primeira vez, apesar da recomendação em contrário do senhor Prior. Foram vestir as pequenas

para casa da cunhada, porque uma senhora do Pombalinho trouxe uns vestidos, uns véus e umas grinaldas. A mãe da Lúcia foi com as crianças. Mas, como ia muito povo, perdeu-as de vista. Na Cova da Iria furou e ficou mesmo ao pé delas. Como diziam que as matavam, que as faziam em postas, e como por outro lado ficava com tanta pena de tudo acabar e não ver nada, resolveu ir. As crianças diziam a hora em que se dava a aparição e queriam ir para estar a essa hora. Da última vez demoraram-se um quarto de hora junto da azinheira antes de começar a aparição. Estavam todos três de pé. A mãe da Jacinta estava perto. O povo dizia por trás que não haveria nada, porque ia a passar a hora e não se estava dando nada de extraordinário. Todos três a um tempo deram um grito, um ai! A Lúcia disse: “Lá vem ela! Calem-se que já deu um relâmpago”. Tinha estado a chover toda a manhã. A azinheira estava enfeitada com fitas e rosas, quase não se via nada dela.

Depois a Lúcia disse: “Já cá está”. Falava alto. A mãe não via nada. Só notou o mesmo cheiro do raminho dos Valinhos, quando a filha disse: “Já cá está!” A Lúcia perguntou: “O que me quer hoje?” Calou-se por um pouco e em seguida parece que lhe pediu um milagre para que todo aquele povo acreditasse. Depois ficou outra vez calada. Daí a momentos disse-lhe que tinha muitos pedidos de muitos doentes para lhe fazer. Ela estava de pé, de mãos postas, voltada para a azinheira. As outras estavam na mesma posição. A Jacinta ficava no meio. As outras duas crianças não diziam nada. A Lúcia de vez em quando ia para levantar os olhos e baixava-os logo, e perguntando-lhe o senhor Prior mais tarde porque fazia isso, disse que era porque cegava. Estavam as duas meninas vestidas com um vestido azul claro e um véu branco e tinham na cabeça uma grinalda de flores brancas artificiais de papel. Durou tudo pouco tempo. A Lúcia por fim disse: “Lá vai ela, lá vai ela!... Veem-na?... Olhem para acolá!”, apontando com o braço na direção do nascente para onde estava e esteve sempre voltada durante todo o tempo. Depois, naturalmente quando a perdeu de vista, voltou as costas para a azinheira e dirigindo-se ao povo que estava atrás disse: “Olhem que Nossa Senhora disse que se emendassem de ofender a Deus, que já estava muito ofendido e que a guerra ia acabar”. E a cunhada Olímpia disse: “Ó Lúcia, então tu não pediste a Nossa Senhora que fizesse um milagre para todo o povo acreditar?” A isto a Lúcia respondeu: “Então ainda querem maior milagre do que é a guerra acabar?”. Disse mais a Lúcia que Nossa Senhora tinha dito que fizessem ali uma capelinha, que ela era a Senhora do Rosário, que a guerra ia acabar logo que chegasse ao Céu. Tornou-se a virar e repetiu: “Já lá está!... Veem-na?... Já lá vai a

chegar” (A pequena não se lembra de ter mandado o povo olhar para cima, digo, para o céu, para o sol). Foi então que o povo começou a olhar para cima. A mãe da Lúcia olhou e viu o sol três vezes a desandar e a descer, podendo olhar--se para ele. Todo o povo olhava e gritava. Dizia o povo: “Olhem, olhem!” A mãe da Lúcia chegou a recear que as crianças fossem maltratadas. Um senhor doutor de Torres Novas⁹, pegou na filha ao colo e abalou com ela para a estrada. A mãe não sabia se era para bem ou para mal. Veio para casa da cunhada, enchendo-se a casa de gente e depois para sua casa.

Uma das coisas que tornava a mãe duvidosa era que às vezes aos serões de inverno lhe falava nas aparições de Nossa Senhora da Ortiga, Nossa Senhora do Fetal, etc. Pensava porém, que era bom que ela aparecesse agora porque isso contribuiria para fortificar a fé.

A testemunha não sabe escrever.

A rogo da testemunha *Luís Ribeiro*

Doutor Padre Manuel Nunes Formigão Júnior, relator

Doutor Padre Manuel Marques dos Santos, promotor da fé

Depoimento de José Alves

4. José Alves, de cinquenta e oito anos de idade, casado com Maria Rosa das Neves, é natural da freguesia de Santa Catarina da Serra e residente há vinte e três anos, no lugar da Moita, freguesia de Fátima. A Cova da Iria fica a cerca de um quilómetro da Moita. Em maio de mil novecentos e dezassete ouviu dizer a pessoas do lugar e de fora, e especialmente a sua mulher, que era quem mais falava com essas pessoas – e aquilo era coisa mais relativa a mulheres que a homens – que Nossa Senhora tinha aparecido a umas crianças nos lados dos Barreirões. Havia ali uma propriedade de suas sobrinhas, de que elas já tomaram conta, e quando para lá se dirigia, olhava para as árvores a ver se descobria alguma coisa, porque ouvia dizer que a aparição se dava em cima de uma azinheira. Nunca viu nada de extraordinário. Antes do dia treze de maio, não conhecia as crianças, mas conhecia as famílias. Depois de treze de maio começou a conhecê-las, porque as via na Cova da Iria mesmo fora do dia treze e em sua própria casa, onde iam algumas vezes ficar de noite, depois que travaram conhecimento com suas sobrinhas

⁹ Dr. Carlos de Azevedo Mendes.

que as convidavam para ir lá, indo não raro lá ter mesmo sem as convidarem. Notou que as crianças eram como as outras crianças, perfeitamente normais, com o juízo no seu lugar. Pareciam-lhe sérias. Alguma coisa lhes ouviu sobre as aparições, mas pouco, porque falavam sobre isso principalmente com a mulher e sobrinhas e mais do que ninguém com sua mulher que lhe fazia perguntas. O que elas diziam era sempre a mesma coisa, pelo que lhe contava a mulher. Nunca se quiseram desdizer. Teve-as por isso sempre como sinceras. A mulher disse um dia à Jacinta, na sua ausência, tendo-lhe contado depois: “Ó Jacinta diz-me o segredo que eu dou-te o meu cordão”. O Francisco não estava presente; se estava era a Lúcia. O Francisco nunca ficou em sua casa e foi lá só uma vez ou duas. A Jacinta disse: “se você me dá aquele santinho, eu digo-lhe”. A mulher retorquiu-lhe: “Eu não te posso dar, que ele não é meu, é da minha sobrinha”. A sobrinha disse: “Ó Jacinta mas diz-me o segredo, que eu dou-te”. Ao que ela respondeu: “Nem que vossemecê me desse o mundo inteiro”. Uma vez estando a mulher em sua casa a fazer perguntas à Lúcia, a Jacinta meteu-se na conversa e disse: “Nossa Senhora vinha dali (e apontou para o nascente) e foi para ali (e apontou para a direção da Cova da Iria). A mulher perguntou ao Francisco na Cova da Iria se tinha visto Nossa Senhora e ele disse que não. E perguntou-lhe se lhe via os pés. E ele disse que não, que só via um resplendor muito lindo nos pés. Naturalmente referia-se ao princípio da primeira aparição em que ainda a não via, antes de começar a rezar o terço.

Um dia, no princípio das aparições, a mulher ia à Cova da Iria e perguntou ao Francisco o que andava a fazer. Ele disse que andava a fazer um serradinho e a Lúcia e a Jacinta chegavam-lhe a pedra. Nessa ocasião a Lúcia disse: “Deu agora um relâmpago e nós temos água”, e as três crianças meteram pela encosta e quando chegaram à Cova é que Nossa Senhora lhes apareceu em cima duma azinheira que foi estronchada pelo povo. A Senhora disse: “Não tenham medo, que eu sou lá de cima, do Céu”. E foi então que lhes disse que viessem lá todos os meses e que rezassem o terço. Quase todos os meses José Alves foi lá no dia treze depois de maio e não viu nada, só ouvia dizer aos outros que viam coisas no céu. Não ouviu o estrondo em agosto. Ouvia dizer muitas vezes que aparecia um fumozinho. Nunca lhe apeteceu tirar o chapéu, mas agora nunca se atreve a passar por lá sem tirar o chapéu e sem rezar algumas Avé Marias. Deu uma propriedade para a obra e deu-a com muito gosto e não está arrependido de a ter dado.

Um dia o senhor Prior esteve em sua casa e disse que aquilo ou era

coisa muito má ou coisa boa. Achou-o bastante descrente. Ele disse ao senhor Prior: “coisa má não, porque se fosse não mandava rezar terços, nem fazer oração”. E o senhor Prior retorquiu: – “Está enganado”. E acrescentou: “o diabo serviu-se até dos sacramentos”, o que não gostou de ouvir. Uma ocasião em que a Lúcia foi à Cova da Iria, dois guardas que pareciam ser oficiais marcharam de lá com ela adiante dos cavalos e vieram trazê-la a Aljustrel a casa da mãe e no caminho disseram-lhe: “Nós apeamo-nos e a menina agora vai a cavalo”. Mas a pequena não aceitou o convite. E acrescentou: “eu do que tenho medo é que os cavalos me pisem”. Então já que não quer ir a cavalo, vá lá para diante, que nós não a deixamos pisar”. E depois foram levá-la a casa da mãe e impuseram-lhe o preceito de naquele dia de lá não sair. Mas apenas voltaram as costas saiu, ainda com uma hora de sol e foi ficar a sua casa. Quando soube que tinha ido adiante dos cavalos ficou magoado e quando ele e os seus a viram voltar, ficaram muito contentes.

A testemunha não sabe escrever.

A rogo da testemunha *Anastácio Ferreira*

Pe. Manuel Marques dos Santos, Promotor da fé

Doutor Padre Manuel Nunes Formigão Júnior, relator

Depoimento de Maria dos Santos

5. Maria dos Santos, de cinquenta anos de idade é casada com Manuel Carreira e reside no lugar da Moita, freguesia de Fátima.

Soube pelo marido e por outras pessoas que a Lúcia dizia que lhe tinha aparecido Nossa Senhora no dia treze de maio de mil novecentos e dezassete, assim como a seus primos Francisco e Jacinta, pela hora do meio dia solar.

No dia treze de junho antes do meio-dia, dirigiu-se ao local das aparições onde não encontrou ninguém. Foi esperar ao caminho as crianças, por ouvir dizer que elas vinham nesse dia. Não as conhecia por serem pequenas, mas conhecia as famílias. Antes da sua chegada, apareceram algumas mulheres de Boleiros, que tiveram que arrostar com a troça das pessoas da sua terra. Juntaram-se todos, vindo com as crianças algumas pessoas do termo de Torres Novas. Seguiram todos até ao local. Ali perguntaram à Lúcia qual era a azinheira sobre a qual tinha aparecido a Senhora e ela indicou-a com a mão. Depois dirigiram-se para a sombra de uma azinheira grande que ficava próxima, onde estiveram algum tempo à espera. Pouco depois, tendo-lhe perguntado se a Senhora tardava muito tempo, respondeu que não. Uma rapariga

pediu que rezassem todos a ladainha, declarando a Lúcia que já não havia tempo. Quase ao mesmo tempo levantou-se e disse que lá vinha Nossa Senhora, pois já tinha feito o relâmpago. Correu para o pé da azinheira, ajoelhou-se e todos fizeram como ela. Momentos depois perguntou à Aparição: “Vossemecê mandou-me aqui vir, faça favor de me dizer o que me quer”. Ouviu uma zunida que vinha da azinheira, não compreendendo uma só palavra da resposta. A Lúcia olhava para a azinheira, assim como as outras duas crianças, estando todos de mãos postas. A depoente não compreendeu bem o que ela depois disse à Aparição mas as outras pessoas disseram-lhe que a pequena lhe tinha perguntado se lhe queria mais alguma coisa. Em seguida disse: – “Olhem! Querem-na ver?... Lá vai ela, lá vai ela!” Ouviu-se então uma espécie de assobiar de foguete, quando ganha força para subir. Olhou e viu uma nuvem de fumo elevando-se da azinheira e dirigindo-se e subindo para o nascente, apontando a pequena para ela. Viu-se também muito alta e muito longe. Por fim desapareceu da vista. A nuvem era um nevoeiro muito leve. Fazia sol e muito calor, estando o tempo bastante descoberto.

Antes da aparição, viu os grelos da azinheira viçosos e muito direitos. Depois da aparição os grelos estavam como que inclinados, numa rodinha em cima, para o nascente como se os vestidos os tivessem tombado nessa direção. O povo começou a tirar raminhos da azinheira, recomendando a Lúcia que não tirassem de cima, mas de baixo, tirando então o povo folhas e raminhos da parte de baixo. Fizeram por fim uma pequena devoção antes de se retirarem.

Este depoimento foi confirmado com juramento pelo marido, que chegou ao local das aparições pouco antes da chegada dos três videntes. Esse depoente porém, acrescentou mais nada, digo, não acrescentou mais nada de notável.

No domingo seguinte foi ela com as duas filhas mais velhas rezar o terço junto da azinheira. No outro domingo voltaram só as filhas e já se juntaram mais algumas pessoas a rezar. Ao domingo e mesmo de semana começava-se a rezar no local.

Foi lá também em treze de julho. Tinha pedido à Lúcia que deixasse estar o filho João ao pé deles, ao que ela acedeu. Levou uma pedra e sentou-se. Estava muita gente, que começou a vir cedo. Quando a Lúcia disse que vinha a Senhora, o filho escorregou e caiu. Pediu-lhes que rezassem por ele, ao que ela disse que a Senhora tinha dito que o melhorava ou que lhe daria meios de se governar e que rezasse sempre o terço a Nossa Senhora com a família. Estavam todos ajoelhados. Disse a Lúcia: “Já lá vem Nossa Senhora”. Ouviu-se a mesma zunida

quando falava e o mesmo assobio de foguete à partida. Antes da aparição rezaram o terço. O marido disse que ela olhava para a Senhora e de vez em quando para o lado e que lhe perguntou porque fazia isso, ao que ela respondeu que era porque cegava a vista com o resplendor que tinha. Pediu a Lúcia pelas melhores duma pessoa de Pedrógão, pela conversão duma família de Fátima, e por um homem da Atouguia que lhe pedira que Nossa Senhora o levasse para o Céu quanto antes. Depois a depoente ouviu dizer que a pequena tinha afirmado que Nossa Senhora dissera que não tivesse pressa, porque bem sabia quando o havia de levar.

Afirmou também a Lúcia que a Senhora lhe tinha dito o segredo. Na ocasião da aparição ouviu-se um *ai*, ficando a pequena assustada. Depois desse dia muitas pessoas a procuravam e lhe perguntavam o segredo. Um dia vieram umas senhoras e uma delas perguntou-lhe se o segredo era bom ou mau, e ela disse que para uns era bom, para outros era mau, e para ela e para os primos era bom.

Em agosto juntou-se muita gente. A depoente estava presente à espera das crianças. À hora do meio-dia soube-se que o administrador levou as crianças presas para Vila Nova de Ourém. O povo ficou pesaroso e indignado. Houve um rumor ao pé da azinheira que causou tão grande susto ao povo, que pareciam estar todos doidos, soltando grandes gritos e julgando que morriam. O povo, pouco a pouco, foi-se retirando. A depoente não viu nada de extraordinário. Levantou algumas esmolas para as guardar a pedido de outras pessoas. Ninguém, nem os pais da Lúcia a quem pertencia o terreno, nem os pais da Jacinta, nem o pároco, quiseram aceitar as esmolas, recomendando este, que as guardasse até ver no que dava tudo aquilo.

Quando as crianças voltaram à Cova da Iria, disse-lhes que perguntassem à Senhora o que havia de fazer ao dinheiro. Nos Valinhos, quando se deu ali a aparição, a dezanove do mesmo mês, a pequena fez realmente à Senhora essa pergunta e a Senhora disse que fizessem dois andores e os levassem para a igreja de Nossa Senhora do Rosário. Muitas pessoas ficaram com pena de que o dinheiro não se aplicasse em alguma coisa a fazer no local e disseram à Lúcia que pedisse autorização para fazer uma ermida no local, autorização que a Senhora deu em treze de setembro, com a condição de darem metade do dinheiro existente para a Senhora do Rosário da Fátima. Reuniu-se a quantia de treze mil quinhentos e quarenta, em treze de setembro. E cumpriu-se o que a Senhora ordenou.

Em treze de setembro, a depoente voltou de novo ao local. Nos Valinhos perguntou a Lúcia à Senhora, a pedido da depoente, se Nossa

Senhora tinha aparecido a mais alguém na Cova da Iria, e a Senhora respondeu que não era ela, mas sim um anjo, o vulto que a Carolina, filha mais nova da depoente, de doze anos, e uma pequena de sete anos, de Espite, viram a vinte e oito de julho junto da azinheira, de pequena estatura, muito lindo, de cabelo loiro, vulto que depois a Carolina viu em cima da azinheira.

Em treze de outubro quando a Lúcia disse: “Já lá vem Nossa Senhora, estando uma das filhas da depoente, chamada Maria, em cima de uma pedra, a um metro da azinheira, do lado do nascente, para guardarem o arco para o povo o não estragar, a rapariga sentiu uma pancada na cara, viu uma luz muito bonita ao pé dela e deu um grito dizendo: “Ai! Nossa Senhora!”. A depoente olhou e viu uma estrela, uma bola, não inteiramente redonda, como um ovo, muito bonita, das cores do arco celeste, mas muito mais vivas, tendo uma cauda de metro e meio de cores brilhantes. Passou muito rapidamente e perto da azinheira, e desapareceu a um palmo da terra. Viu o sol que desceu muito.

Depois de treze de setembro disse à Lúcia que perguntasse à Senhora quem ela era. A azinheira abanava muito quando ela disse que vinha a Senhora. Ouviu a Lúcia perguntar: “A Senhora deu licença para fazer a capelinha, agora diga com que título havemos de a adorar”. Quando ela se levantou, depois da aparição, perguntou-lhe que título ela tinha dito e a pequena disse que era Nossa Senhora do Rosário. Nesse dia a Lúcia disse também: “Agora fechem os chapéus”, que já vem S. José ao sol e o Menino deitar a bênção, em bem Nossa Senhora chegando ao Céu”. Depois que ela disse isto o sol bailou. Daí em diante, a concorrência tornou-se cada vez maior. Indivíduos mal intencionados vieram de longe fazer um desacato. O povo queria que se fizesse uma capela. Ela pediu ao senhor Prior que desse licença para se fazer uma capelinha a fim de se guardarem as esmolas que se recebessem em géneros e ele deu licença.

A depoente falou com um pedreiro e fez-se a capela. Mandou fazer o poço o ano passado. A água apareceu há dois anos.

Este depoimento foi confirmado com juramento pelo marido, que não acrescentou nada digno de nota. Nem a depoente nem o marido sabem escrever.

A rogo da testemunha *António dos Santos*
Doutor Padre Manuel Nunes Formigão Júnior, relator
Doutor Padre Manuel Marques dos Santos, promotor da fé

Depoimento de Manuel António de Paula

6. Manuel António de Paula, de sessenta e um anos de idade, natural do lugar de Boleiros, freguesia de Fátima e morador em Lisboa, na rua de Santa Marta, número duzentos e dezoito, primeiro andar, passou os meses de setembro e outubro de mil novecentos e dezassete na sua terra natal. Antes dessa época, soube por cartas de pessoas das suas relações e de confiança, de Boleiros e de outros lugares da freguesia, que se tinham verificado acontecimentos extraordinários no céu à hora da aparição de Nossa Senhora a três crianças que só conheceu depois no mês de setembro. Ficou muito admirado e tratou de indagar o que havia de verdade, escrevendo a um amigo de Boleiros, António Borralho, filho de Jacinto Borralho, tendo ido por esse motivo a mãe dele falar com os pais das crianças. O António respondeu que não era falso o que as crianças diziam, porque havia todos os indícios de que falavam verdade.

Em setembro apressou a sua vinda por estar ansioso de saber bem e presenciar o que se passava. Em treze de setembro foi à Cova da Iria, mas não viu senão muito povo, que muitos calculavam em cinquenta mil pessoas. Esteve pouco mais ou menos à distância de sete metros das crianças, que viu chegar no meio de uma grande multidão que as acompanhava e viu-as ajoelhadas junto da azinheira a rezar o terço. A certa altura as pessoas que estavam próximo disseram que se descobrissem, porque as crianças o tinham mandado por Nossa Senhora estar presente. Onde ele estava todos se descobriram respeitosamente. Uns estavam de pé, outros de joelhos. Quase todos ajoelharam quando elas deram a ordem. Houve pessoas que disseram ter visto uma estrela. Outros lastimaram-se de não ter visto nada. Em seguida foi a casa das crianças e primeiro à da Jacinta. Ali encontrou muita gente. Um senhor estava interrogando a Jacinta e pedindo-lhe que rezasse para que acabasse a guerra. Por isso foi para casa da Lúcia. Estavam ela e os pais. Falou com a mãe. Também estava a casa tão cheia de povo, que quase ninguém podia lá mover-se. Perguntou então à mãe o resultado. A mãe respondeu que a filha depois da primeira aparição foi para casa à noite e que lhe disse ter visto Nossa Senhora na Cova da Iria. Não quis acreditar porque a filha não era o que ela desejava que fosse, com méritos para ver Nossa Senhora. Quis bater-lhe. A Lúcia com medo dela, começou a dizer por fora o que se passava e não queria contar à

mãe mais nada. Como a mãe soubesse, disse-lhe: “Então tu andas a dizer por fora, que Nossa Senhora te aparece e a mim não me dizes nada?” A pequena respondeu: “Então a minha mãe queria-me bater!” Depois perguntou à filha que tamanho a Senhora tinha. Ela disse que a comparava com uma menina dali de quinze anos. Era de uma beleza tal que nunca tinha visto igual. Um sacerdote de longe pediu licença ao pai para falar à filha, e ele disse que não consentia, porque não acreditava nas aparições e davam cabo da filha, que estava ao pé do pai muito sucumbida. Ouviu dizer que por fim sempre tinha conseguido falar-lhe. Depois o depoente dirigiu-se com o pai a casa de uma tia dele, de nome Teresa, com quem queria falar, o qual o acompanhou para lhe indicar onde ela morava. A tia perguntou-lhe se tinha visto alguma coisa na Cova da Iria. Respondeu que não tinha visto senão uma borboleta branca, ao que ela disse: “Isso há por aí muitas; depois senhor Manuel” acrescentou ela, “que será de nós?”. “Porquê?” perguntou o depoente. “Porque passaram por aqui pessoas fazendo os seus comentários, ameaçando e dizendo que os pequenos e as famílias precisavam de ser processados, porque andavam a enganar o povo. O depoente disse-lhe desta maneira: “esteja descansada, porque se for obra de Deus ou de Nossa Senhora, não há razão para se assustarem, porque nada havia nem podia haver contra ela”. O pai estava um pouco exaltado e por isso não lhe falou em mais nada.

No dia treze do mês de outubro quando saiu de Boleiros com outras pessoas, começou a chover. A irmã estava com medo de não voltar, porque diziam que lançavam bombas, mas ele sossegou-a dizendo que se fosse Nossa Senhora que ali aparecia, não lhe sucederia mal algum, pois Nossa Senhora não o havia de consentir. A chuva era muita e o vento soprava com força de maneira que se molhou bastante apesar de levar chapéu de chuva. Por isso quando chegou ao pé da igreja paroquial foi a casa de uma prima e enxugou-se. A certa altura da conversa que teve com ela, disse-lhe: “Naturalmente as crianças não vão lá com esta chuva.” – “Vão, disse ela, nem que chova a potes”. Muitas pessoas estavam aflitas por causa dos animais que as tinham transportado, mas não consta que lhes sucedesse mal por causa da chuva. Tendo passado a chuva, cerca da uma hora, dirigiu-se para o local e perto da estrada encontrou um sacerdote de Penacova, que lhe perguntou onde era o local da aparição, indicando-lhe o depoente o ponto onde se via uma névoa, um fumozinho, bastante denso, que não estranhou por julgar que era incenso queimado em honra de Nossa Senhora, ficando depois admirado quando lhe disseram que não havia lá fumo nenhum, que não

se tinha lá feito lume de qualidade nenhuma, nem um fósforo se tinha acendido. De repente o sacerdote olha para o sol e diz que o sol em eclipse não era assim. O depoente olhou também e viu que o sol não dava luz; sobre ele corria uma névoa branca, era uma lua sem brilho. O sol ficava à esquerda, estando o resto do céu encoberto. Tirando os olhos do sol, viu o povo de um encarnado muito vivo; e exclamou: “Ai, senhores, o povo como está todo encarnado!” E respondeu-lhe o sacerdote: “serão lenços encarnados?” Ao que ele observou: “Como pode ser? Então tinham-se todos combinado para terem lenços encarnados sobre as costas?! “Depois o povo apareceu da cor do ouro. Os movimentos de rotação do sol não os viu. O povo nessa ocasião gritava muito, ajoelhado e com as mãos levantadas, gritando por Nossa Senhora, não se importando com a lama que era muita, invocando repetidamente Nossa Senhora. A impressão do povo foi extraordinária. Depois das aparições tem ido várias vezes no dia treze à Cova da Iria e consta-lhe que tem havido vários fenómenos e milagres e que a concorrência é cada vez maior.

A testemunha Manuel António de Paula
Doutor Padre Manuel Nunes Formigão Júnior, relator
Doutor Padre Manuel Marques dos Santos, promotor da fé.

Doc. 81
1923-10-08, Santarém

Ofício do Governador Civil de Santarém, António Augusto de Castro, para o Administrador do Concelho de Vila Nova de Ourém, Artur de Oliveira Santos, a ordenar que este proíba a peregrinação do dia 13, a Fátima.

Publ.: DCF, IV-2 - Doc. 342

SERVIÇO DA REPÚBLICA

Santarém, 8 de outubro de 1923

Ex.^{mo} Snr. Administrador do Concelho de
Vila Nova de Ourém

Estando-se preparando para o próximo dia 13 do corrente uma manifestação de caráter reacionário, sob o pretexto de culto religioso no lugar da Fátima, venho pedir a V. Ex.^a que, a bem da Lei e da ordem pública que o caso ameaça naturalmente perturbar, se digne proibir qualquer procissão ou cívico que do seu concelho se destina àquela localidade, devendo apenas permitir o culto religioso nos locais ou recintos a ele destinados.

Estou também informado de que no local da Fátima e fora do templo se construiu um altar e um púlpito para neles se praticar o culto. Queira pois evitar que sejam utilizados em atos de culto que representam apenas um sofisma ao cumprimento da Lei.

Saúde e Fraternidade

O Governador Civil
Augusto de Castro

Doc. 82
1924-07-08, Porto

Interrogatório oficial de Lúcia de Jesus, realizado pelos Padres Drs. Manuel Nunes Formigão e Manuel Marques dos Santos, membros da Comissão Canónica, acompanhados pelo Pe. Dr. Manuel Pereira Lopes, que serviu de notário, acerca dos factos ocorridos na Cova da Iria em 1917.

Publ.: DCF, II - Doc. 8

Interrogatório oficial de Lúcia de Jesus feito em 8 de julho de 1924

In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti Amen. Aos oito dias do mês de julho de mil novecentos e vinte e quatro, reuniram-se no Asilo de Vilar os reverendos doutores Manuel Nunes Formigão Júnior, Manuel Marques dos Santos e Manuel Pereira Lopes, nomeados pelo Senhor Bispo do Porto, a pedido do Senhor Bispo de Leiria, para procederem, na diocese do Porto, a um inquérito acerca dos acontecimentos extraordinários que, segundo é voz corrente, se deram em Fátima, concelho de Vila Nova de Ourém, diocese de Leiria, servindo o primeiro de presidente, o segundo de promotor da Fé, e o terceiro de notário. Perante eles, no mesmo Asilo de Vilar, da cidade e diocese do Porto, compareceu Lúcia de Jesus, de dezassete anos de idade, filha legítima de António dos Santos, já falecido, e de Maria Rosa, natural da freguesia de Fátima e atualmente educanda no referido Asilo. Ajuramentada aos Santos Evangelhos, prometeu dizer toda e só a verdade. Às perguntas do senhor presidente sobre nome, idade, filiação e naturalidade, respondeu: chamo-me Lúcia de Jesus, tenho dezassete anos, sou filha de António dos Santos, já falecido, e de Maria Rosa, e nasci no lugar de Aljustrel, freguesia de Fátima, concelho de Vila Nova de Ourém.

– Quando fizeste a primeira Comunhão? Respondeu: Fiz a primeira Comunhão aos sete anos; o senhor Prior não me queria dar por eu ser muito pequena, mas por fim fez-me a vontade, a pedido do senhor Padre Pena¹.

Aconteceu-te alguma coisa importante na Cova da Iria? Respondeu: aconteceu-me o seguinte: No dia treze de maio de mil novecentos e

¹ António Rodrigues Pena. Foi pároco de Fátima entre 1909 e 1914.

dezassete, andava eu a guardar o gado no sítio da Cova da Iria, da freguesia de Fátima, na companhia dos meus primos Francisco Marto e Jacinta Marto; depois de rezarmos o terço, como de costume, começámos a brincar, fazendo um muro à volta duma moita, quando vimos um relâmpago para o lado do nascente, e, receando que viesse trovoada, embora estivesse bom tempo, eu disse ao Francisco que era melhor irmos para casa recolher o gado quando chegámos ao meio da fazenda, deu outro relâmpago, e, dois passos adiante, vimos em cima duma carrasqueira, que teria um metro de altura aproximadamente, uma Senhora muito formosa, com aparências de nova, talvez de dezoito a vinte e dois anos, envolta num clarão mais brilhante que o sol. Ficámos muito assustados por vermos aquele resplendor que a envolvia, mas a Senhora a meia voz, mas bem inteligível, disse-nos: “Não tenham medo, porque eu não vos faço mal”. Eu perguntei-lhe: “donde é Vossemecê?” ao que ela respondeu: – “Eu sou do Céu” – “O que é que Vossemecê me quer?” Ela respondeu: – “Quero que venhas aqui durante seis meses, e no fim te direi o que quero”. Perguntei-lhe pela Maria, do José das Neves, e ela disse-me que estava no céu; perguntei-lhe pela Amélia, e disse-me que estava no purgatório. Se me disse mais alguma coisa neste mês, não me lembro. Nisto, desapareceu, subindo muito alto para o lado do nascente”.

– “Como estava vestida a Senhora?”. Respondeu: “Estava vestida de branco, coberta desde a cabeça até à extremidade do vestido com um manto galoado a ouro, preso com um cordão dourado, terminado por uma borla também dourada, nada tendo sobre a cabeça além do manto; as mangas do vestido chegavam até às mãos postas à altura do peito e donde pendiam umas contas brancas, terminadas por uma cruz também branca; parece-me que não vinha descalça, mas não posso determinar bem porque pousava sobre folhas envoltas em luz e porque não reparei bem nos pés; via-se um pouco das orelhas, mas não posso precisar se tinha brincos ou não, parecendo-me contudo que tinha um fiozinho de ouro”.

– “Qual era a tua idade e a dos teus primos nessa ocasião?”. Respondeu: – “Eu nesse tempo tinha dez anos, o Francisco nove e a Jacinta seis”.

– “Os teus primos também viram e falaram com essa Senhora?”. Disse: – “Os meus primos não fizeram perguntas, mas a Jacinta dizia tê-la ouvido e o Francisco via-a, mas não a ouvia”.

² Jacinta tinha já sete anos.

– “E não te lembras de mais nada que acontecesse nesse dia?”. Disse: “Agora lembra-me isto: quando a Senhora me disse que ela era do Céu, eu perguntei-lhe se eu ia para o Céu, e ela disse que sim; se ia a Jacinta e ela disse que sim; se ia o Francisco e ela disse que sim, mas que ele devia rezar o terço; também me lembro que, depois de desaparecer a Senhora, veio um homem dizer que as ovelhas tinham ido para os chicharos e que já lhes tinha atirado com pedras e que os chicharos estariam comidos; foi por lá ver para avisar o dono, e depois disse ao dono, José Matias, que as ovelhas tinham ido para os chicharos, mas que eles não estavam comidos”.

– “A Aparição durou muito tempo? Tiveste medo durante ela? Contaste a alguém o que viste?”. Disse: “A Aparição durou pouco tempo e durante ela não tive susto nenhum; ao irmos para casa, combinei com os meus primos não dizer nada a ninguém, e nos dias seguintes íamos, quando podíamos com as ovelhas para a Cova da Iria, ou passaríamos lá ao recolher o gado, rezando aí uma Avé Maria”.

– Estiveste lá no dia treze do mês seguinte? Respondeu: “No dia treze de junho era festa de Santo António e a minha mãe não tinha muita vontade de me deixar ir à Cova da Iria, porque queria que eu fosse à festa de Santo António, mas algumas pessoas que tiveram conhecimento da Aparição foram buscar-me e à Jacinta e acompanharam-nos até à carrasqueira, aí pela volta do meio-dia. A Jacinta contou à mãe que na Cova da Iria tinha visto uma coisa muito bonita e, por insistência dela, disse-lhe o que foi; eu, só passados oito dias, a uma pergunta da minha mãe, disse o que se tinha passado. Foi assim que se soube.

Quando chegámos junto da carrasqueira, rezámos; e, terminada a oração, vi um relâmpago, estando um dia de muito calor, e a seguir apareceu a Senhora em cima da carrasqueira, vestida da mesma moda. Perguntei-lhe: “O que me quer Vossemecê?” A resposta dela foi: – “Quero que continuem a vir aqui nos outros meses, que rezem o terço todos os dias e que aprendam a ler”. Como me tinham recomendado, pedi à Senhora que curasse um entrevado, e ela respondeu que, se ele se convertesse, ficaria curado dentro dum ano. Depois subiu para o lado do nascente e desapareceu entre as nuvens e o azul do céu”.

– “As pessoas presentes também viram a Senhora?” Respondeu: “O povo perguntou-me e eu disse o que vi, mas não sei se mais alguém viu; depois rezámos o terço, cantámos e fomos para a festa”.

– “Depois dessa Aparição foste visitada por pessoas que te interrogassem sobre ela?”. Respondeu: “Fui visitada por muitas pessoas, e entre elas alguns sacerdotes, que me apertaram com perguntas e me

ralharam muito, dizendo-me pessoas da minha família que eu mentia, e a minha mãe chegou a bater-me com o cabo duma vassoura”.

– “Voltaste a Cova da Iria no mês de julho?”. Respondeu: “Voltei no dia treze de julho, como a Senhora recomendara; estava lá bastante gente, pela hora do meio dia. Rezámos o Terço ao pé da carrasqueira; depois de acabar, estando de pé, deu um relâmpago, e apareceu a Senhora em cima da azinheira. E eu perguntei-lhe: o que é que Vossemecê me quer hoje? A Senhora respondeu: – “Quero que continuem a vir aqui o resto dos meses e continuem a rezar o terço”. Depois a Senhora disse: “Querem aprender uma oração?”. “Queremos sim”, respondi. E a Senhora ensinou assim: – “Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno e levai as alminhas todas para o Céu, principalmente aquelas que mais precisarem”.

Em seguida, confiou a mim e à Jacinta algumas palavrinhas, recomendando-nos que não as disséssemos a ninguém, só as podendo dizer ao Francisco. Como me tinham pedido, pedi à Senhora a cura de algumas pessoas, umas cegas, outras aleijadas e outras mudas, e ela disse que dentro dum ano algumas seriam curadas. E nisto subiu ao Céu como das outras vezes”.

– “No mês de agosto, passou-se tudo da mesma maneira?”. Respondeu: “No mês de agosto foi diferente. Antes do dia 13 de agosto, eu e meus primos fomos chamados à Administração; o meu tio não levou lá os filhos, mas eu fui com meu pai. O senhor Administrador interrogou-me, quis insistentemente que eu lhe revelasse o segredo da Senhora, o que eu não fiz; depois de escrever mandou-me embora. No dia treze íamos para o sítio da carrasqueira, quando nos disseram que primeiro tínhamos de ir a casa do Senhor Prior. Lá fomos, subindo para a varanda da casa. Depois de estarmos algum tempo à espera, apareceu o Senhor Administrador que nos mandou entrar para um carro, dizendo que assim íamos mais depressa para a Cova da Iria.

Meu pai disse que nós íamos a pé, mas o Senhor Administrador teimou que era melhor irmos no carro, porque íamos livres do povo. Então, por ordem de meu pai, subi para o carro com os meus primos. O carro deu uma volta e seguiu na direção de Vila Nova de Ourém. “Não é para este lado”, disse eu, mas o Senhor Administrador respondeu que íamos a Ourém a casa do Senhor Prior e que ainda viríamos a tempo porque vínhamos de automóvel. Quando chegámos a Ourém, fecharam-nos num quarto e disseram que não sairíamos dali enquanto não declarássemos o segredo que a Senhora nos confiou. No dia seguinte³, uma senhora de idade interrogou-nos sobre o segredo; depois levaram-

-nos para a Administração, onde fomos de novo interrogados, oferecendo-nos peças de ouro para revelarmos o segredo. Voltámos para casa do Senhor Administrador, onde tínhamos ficado na noite anterior e de tarde fomos outra vez interrogados sobre o segredo. Levaram-nos à cadeia, e ameaçaram-nos de lá ficar, se o não disséssemos. Tornámos para a Administração, e como não disséssemos o segredo, prometeram que nos iam fritar com azeite. O Senhor Administrador mandou-nos retirar e disse a um homem que aprontasse uma caldeira com azeite quente. Chamou depois a Jacinta, dizendo que era a primeira a ser queimada. Ela foi prontamente, sem se despedir. Interrogaram-na e meteram-na num quarto. Chamaram a seguir o Francisco; disseram-lhe que a Jacinta já estava queimada e que ele teria a mesma sorte se não declarasse o segredo. Interrogaram-no e mandaram-no para o mesmo quarto. Foi depois a minha vez; disseram que os meus primos já estavam queimados e que eu teria a mesma sorte, se não dissesse o segredo. Embora pensasse que era certo, não tive medo. Mandaram-me para ao pé dos meus primos, e um homem disse que não tardaria a sermos queimados todos três. Levaram-nos para casa do Administrador, e lá ficámos aquela noite no mesmo quarto. No dia seguinte⁴, foi quase a mesma coisa: interrogatórios de manhã e à tarde, com muitas promessas e ameaças. No dia dezasseis⁵, fomos outra vez à Administração pelas dez horas, mas nada conseguiram de nós, como das outras vezes. Então o Senhor Administrador mandou-nos subir para um carro, e deixou-nos em casa do Senhor Prior, na varanda. Chegando a nossa casa, fomos logo com as ovelhas para um sítio chamado Valinho na companhia do Francisco e do João. A Jacinta tinha ficado em casa. Deu um relâmpago, e eu mandei chamar a Jacinta pelo João, irmão dela. O João não queria ir, e eu prometi-lhe dois vinténs para ele ir. Quando chegou a Jacinta, disse-lhe que tinha dado um relâmpago e que provavelmente a Senhora ia aparecer. Descemos por um atalho, e vimos a Senhora em cima numa azinheira. “O que é que Vossemecê me quer?”, perguntei eu. Ela disse: – “Quero que continuem a ir à Cova da Iria o resto dos meses até outubro e que rezem o Terço”. Perguntei mais: “O que se há de fazer ao dinheiro que estava na Cova da Iria?” A Maria do Rosário, da Moita⁶, tinha tomado conta dele e

³ Dia 14 de agosto.

⁴ Dia 15 de agosto.

⁵ Lúcia acrescenta, por engano, um dia. O regresso a Fátima foi no dia 15 de agosto, feriado, Assunção de Nossa Senhora.

como nem os meus pais nem os dos meus primos quisessem ficar com ele, disse-me a mim que perguntasse à Senhora o que se havia de fazer desse dinheiro. A Senhora respondeu: “Façam dois andores, no dia da festa da Senhora do Rosário; um leve-o o Francisco com mais três rapazitos, o outro levem-no as duas com mais duas meninas”. Pedi-lhe a cura de algumas pessoas, e Ela disse que dentro dum ano algumas seriam curadas. Pedi-lhe também um milagre para o povo acreditar e Ela disse que no último mês fazia um sinal no sol, que todos haviam de acreditar; que com São José viria o Menino Jesus dar a bênção ao mundo, e Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Dores; que Nosso Senhor viria dar a paz ao mundo. Depois desapareceu como nos outros meses para o lado do nascente.”

– “Viram todos a Senhora?” – Respondeu: – “Eu e a Jacinta vimos e ouvimos; o Francisco como das outras vezes viu-a, mas não ouviu o que ela disse, e o João não viu nem ouviu nada”

– “Foi muita gente a tua casa perguntar pela Senhora?”. Respondeu: “foi muita gente, e até muitos sacerdotes, alguns dos quais me trataram de intrujona”.

– “Foste à Cova da Iria no mês de setembro?”. Respondeu: – “Fui lá várias vezes porque a cada passo algumas pessoas nos vinham pedir para lá irmos rezar com elas o terço. No dia treze também lá fui acompanhada por muito povo; já lá estavam os meus primos com muita gente. Pela hora do meio dia deu um relâmpago e a Senhora apareceu como das outras vezes. Eu perguntei: “O que e que Vossemecê me quer?”. Ela respondeu: – “Quero que venham aqui no mês seguinte e que continuem a rezarem o Terço”. Por lembrança da Maria do Rosário⁶, perguntei se Ela queria que fizessem ali uma capelinha, e Ela disse que fizessem ali uma capelinha em honra de Nossa Senhora do Rosário. Pedi a conversão e a cura de algumas pessoas e Ela respondeu que dentro dum ano algumas seriam curadas e outras não.

– “E no mês de setembro não aconteceu mais nada?”. Respondeu: – “Pedi outra vez que fizesse um milagre para o povo acreditar, porque diziam que eu era uma intrujona que devia ser enforcada e queimada. A Senhora deu-me a mesma resposta da outra vez; retirou-se como de costume”.

– “Foste à Cova da Iria no dia treze de outubro?”. Respondeu: – “O povo veio buscar-nos. Eu já estava em casa dos primos, quando uma senhora apareceu com um vestido azul e quis que eu o levasse; deu

⁶ Trata-se de Maria dos Santos ou Maria Carreira, da Moita.

outro branco à Jacinta. Levámos também uma grinalda de flores artificiais na cabeça. Chovia muito. Quando chegámos à Cova da Iria não se podia romper com o povo; a estrada estava cheia de carros e automóveis. À hora do meio-dia deu um relâmpago e a Senhora apareceu na carrasqueira: “O que é que Vossemecê me quer?”, perguntei eu. Ela respondeu: “Quero-te dizer que não ofendam mais a Deus Nosso Senhor, que já esta muito ofendido; continuem a rezar o terço todos os dias; quero que façam aqui uma capelinha à Senhora do Rosário”. Então como é que Vossemecê se chama? Ela respondeu: – “Eu sou a Senhora do Rosário”. Parece-me que disse ainda deste modo: “Convertam-se, a guerra acaba hoje, esperem pelos seus militares muito breve”. A minha prima Jacinta disse-me em casa que a Senhora falou assim: “Convertam-se que a guerra acaba dentro dum ano”. Como estava a pensar nos pedidos que queria fazer a Senhora, não deitei bem sentido. Fiz-lhe os pedidos e ela deu-me a resposta das outras vezes. Nisto subiu para o lado do nascente, escondeu-se nas nuvens. Pouco antes de a Senhora aparecer, parou a chuva; e quando ela desapareceu, olhamos para o sol. Dum lado do sol vimos um vulto de homem, da cinta para cima, com o Menino Jesus nos braços, e do outro lado a Senhora que tinha estado na azinheira. O Menino Jesus abençoava o povo. Veio-me a ideia de que o homem seria S. José. Estava um resplendor tão grande que não nos deixava ver à vontade. Desapareceram e depois apareceu do lado direito do sol Nosso Senhor, que só se via da cinta para cima, vestido de vermelho, e do outro lado Nossa Senhora, vestida de roxo, parecendo Nossa Senhora das Dores. Nosso Senhor fazia várias cruces. Parece-me que ainda vi outra figura, que parecia ser Nossa Senhora do Carmo, porque tinha qualquer coisa pendurada na mão direita. Desapareceu tudo e nunca mais vi nada, até hoje”.

– “Os teus primos falaram alguma vez com a Senhora?”. Respondeu: “Nunca falaram; uma vez combinámos que a Jacinta lhe falasse, mas, chegando lá, a Jacinta não disse nada.”

– “O semblante da Senhora era risonho?”. Respondeu: “Era triste; quando falava, abria as mãos que estavam juntas e erguidas de encontro ao peito”.

– “Os teus primos onde estão?”. Respondeu: “Já morreram. O Francisco esteve doente, alguns meses, e dizia que queria ir para junto da Senhora; a seu pedido, rezei com ele o terço, algumas vezes, durante a doença. A Jacinta morreu em Lisboa; fui vê-la ao hospital de Vila Nova de Ourém e lá rezei também com ela”.

– “Tens a certeza de que viste realmente uma Senhora em cima da

carrasqueira e de que não te enganaste?”. Respondeu: “Tenho a certeza de que a vi e de que não me enganei; ainda que me matassem, ninguém me faria dizer o contrário.

– “E quem era essa Senhora?”. Respondeu: “Antes de ela dizer que era a Senhora do Rosário, não sabia quem era; agora estou convencida de que era Nossa Senhora”.

Tendo acabado de prestar estas declarações, foi-lhe lido pelo notário o depoimento que ela achou em tudo conforme a verdade, exceto na resposta à pergunta acerca da sua primeira Comunhão, porquanto o senhor Prior é que se chamava Padre Pena e era ele que lhe recusava a Comunhão por a achar muito nova, mas por fim cedeu às suas instâncias por ver que sabia o Catecismo.

Assim o disse e confirmou com a mão nos Santos Evangelhos, assinando em seguida o seu nome na presença dos senhores presidente, promotor da Fé e notário, que, em testemunho da verdade, vão também assinar após a declarante. Era ut supra.

Lúcia de Jesus

Doutor Padre Manuel Nunes Formigão Júnior

Pe. Manuel Marques dos Santos

Cónego Manuel Pereira Lopes

Doc. 83
1925-06-13, Leiria

Ofício de D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, a dar um conjunto de recomendações aos peregrinos de Fátima.

Publ: DCF, IV-3 - Doc. 614

**RECOMENDAÇÃO DO EX.^{MO} SR. BISPO DE LEIRIA AOS
PEREGRINOS**

As peregrinações a Nossa Senhora do Rosário da Fátima devem conservar o seu caráter primitivo de piedade, penitência e caridade.

Vai-se à Fátima para orar, fazer mortificações e pedir à Virgem Santíssima a saúde espiritual e física de doentes de alma e corpo que ali acodem de cada vez em maior número a implorar Aquela que é a – Salvação dos enfermos.

Sempre, mas especialmente pelo caminho e na Cova da Iria, os peregrinos devem ajudar-se mutuamente, orar uns pelos outros e conservarem-se com o máximo respeito e recolhimento durante os atos religiosos.

Os doentes, sejam ricos ou pobres, têm sempre o primeiro lugar. Abre-se alas à sua passagem e ajudam-se sempre que seja preciso.

Os peregrinos devem obedecer às indicações dos – Servos de Nossa Senhora do Rosário da Fátima – a fim de tudo correr em ordem.

A desordem desagrade a Deus. “Fazei tudo com honestidade e com ordem”, recomenda S. Paulo (1 Cor XIV, 40).

Havendo ordem, embora sejam muitos, todos são servidos: o pouco chega para todos. Não havendo ordem, o muito não chega a nada.

Vede como isto se verifica nas famílias e na sociedade.

Por isso, Nosso Senhor, quando no deserto deu de comer a milhares de pessoas, multiplicando os pães e os peixes, começou por marcar a cada um o seu lugar. (Marc VI, 40).

É esta ordem aliada à piedade, penitência e caridade que desejo ver observada sempre pelos peregrinos.

Às suas orações e boas obras recomendo as necessidades da Santa Igreja, do nosso Portugal, e dos Servos de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, cujos trabalhos a prestar e dedicação, desde já agradeço.

Leiria, 13 de junho de 1925.

† José, Bispo de Leiria

Doc. 84
1926-02-p.15, Pontevedra

Carta de Lúcia para Mons. Manuel Pereira Lopes, seu confessor, sobre a devoção dos cinco primeiros Sábados. Revela a aparição do Menino Jesus.

Publ.: DCF, IV-4 - Doc. 735

Rev.mo Senhor Doutor

Venho com todo o respeito agradecer a amável cartinha que a caridade de V. Rv.cia fez o favor de me escrever.

Quando a recebi e vi que ainda não podia atender aos desejos de Nossa Senhora, senti-me um pouco triste mas logo refleti que os desejos de Nossa Senhora eram que eu obedecesse às ordens de V. Rv.^{cia}; fiquei tranquila e no dia seguinte quando recebi a Jesus Sacramentado li-lhe a carta e disse: Ó meu Jesus eu com a vossa graça, a oração, a mortificação e a confiança farei tudo quanto a obediência me permitir e vós me inspirardes e o resto fazei-o vós.

Assim fiquei até ao dia 15 de fevereiro; esses dias foram duma contínua mortificação interior; pensava se teria sido um sonho mas sabia que não; pensava que tinha sido a realidade, mas como tendo eu correspondido tão mal às graças recebidas até ali, Nosso Senhor se dignava aparecer-me outra vez? Chegava-se o dia de me ir confessar e não tinha licença de dizer nada; dizia-o à Madre Superiora mas durante o dia as minhas ocupações não mo permitiam; à noite estava com dores de cabeça e eu, temendo faltar à caridade pensava: fica para amanhã, ofereço-vos este sacrifício minha querida Mãe; e assim se passaram uns atrás de outros todos, os dias até hoje.

No dia 15 andava eu muito ocupada com o meu ofício e quase nem disso me lembrava e indo eu deitar um apanhador de lixo fora do quintal onde alguns meses atrasados tinha encontrado uma criança à qual tinha perguntado se ela sabia a Avé-Maria e respondendo-me que sim, lhe mandei que a dissesse para eu ouvir mas, como ela se não resolvia a dizê-la só, disse-a eu com ela três vezes e ao fim das três Avé-Marias, pedi-lhe para que dissesse só mas, como ela se calou e não foi capaz de dizer só a Avé-Maria, perguntei-lhe se ela sabia qual era a Igreja de Santa Maria, respondeu-me que sim; disse-lhe que fosse lá todos os dias e que dissesse assim: ó minha Mãe do Céu dai-me o vosso Menino Jesus. Ensinei-lhe isto e vim-me embora; no dia 15-2-1926, voltando

eu lá como é de costume, encontrei ali uma criança que me parecia ser a mesma e perguntei-lhe: então tens pedido o Menino Jesus à Mãe do Céu? A criança volta-se para mim e diz: e tu tens espalhado pelo mundo aquilo que a Mãe do Céu te pediu; e nisto transforma-se num Menino resplandecente. Conhecendo então que era Jesus, disse: meu Jesus vós bem sabeis o que o meu confessor me disse na carta que vos li; dizia que era preciso que aquela visão se repetisse, que houvesse factos para que fosse acreditada, e a Madre Superiora só a espalhar este facto nada podia.

É verdade que a Madre Superiora só nada pode mas com a minha graça pode tudo, e basta que o teu confessor te dê licença e a tua superiora o diga para que seja acreditado, até sem se saber a quem foi revelado. Mas o meu confessor dizia na carta que esta devoção não fazia falta no mundo, porque já havia muitas almas que vos recebiam, aos primeiros sábados em honra de Nossa Senhora e dos 15 mistérios do Rosário. É verdade, minha filha, que muitas almas os começam mas poucas os acabam e as que os terminam é com o fim de receberem as graças que aí estão prometidas; e me agradam mais as que fizerem os 5 com fervor e com o fim de desagrar o Coração da tua Mãe do Céu que os que fizerem os 15, tíbios e indiferentes;

Meu Jesus, muitas almas têm dificuldade em se confessar ao sábado; se Vós permitísseis que a confissão de 8 dias fosse válida?

Sim, pode ser de muitos mais dias ainda, contanto que estejam em graça no primeiro sábado quando me receberem e que nessa convicção anterior tenham feito a intenção de com ela desagrar o Sagrado Coração de Maria.

Meu Jesus, e as que se esquecerem de formar essa intenção? Podem-na formar logo na outra confissão seguinte, aproveitando a primeira ocasião que tiverem de se confessar. Nisto desapareceu sem que até hoje eu saiba mais nada dos desejos do Céu e quanto aos meus, são que nas almas se acenda a chama do amor divino e que elevadas neste amor consolem muito o Sagrado Coração de Maria.

Eu tenho ao menos os desejos de consolar muito a minha querida Mãe do Céu, sofrendo muito por seu amor, mas por agora fico só com os desejos porque quando se me oferece alguma ocasião de sofrer uma repreensão, uma palavrinha que me venha ferir o amor próprio ou uma pequena contrariedade no meu ofício, logo que posso me vou queixar a Jesus Sacramentado e até algumas vezes à Madre Superiora, contando tudo quanto me aconteceu e esperando sempre que Jesus me diga que está contente por eu me ter calado ou ter feito prontamente aquilo que

me foi mandado; e se algum dia me parece que Jesus está triste comigo já só me apetece chorar e não sei que mais hei de fazer para que esteja contente comigo.

Termino com todo o respeito pedindo a V. Rv.^{cia} se digne responder-me, dizendo-me o que tenho a fazer para satisfazer os desejos do Céu.

Respeitosamente peço a V. Rv.cia que se digne abençoar-me e pedir a Jesus por esta que é a mais humilde e obediente serva

De V. Rv.cia

Maria Lúcia de Jesus Santos

Doc. 85
1926-03-26, Leiria

Ofício de D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, sobre os peditórios em Fátima.

Publ.: DCF, IV-4 - Doc. 753

FÁTIMA

Peditórios – Os pobrezinhos

Começando a haver abusos por ocasião das peregrinações a Fátima quanto a peditórios, determinamos, por agora o seguinte:

1°. São proibidos os peditórios, sob qualquer pretexto, dentro do terreno murado, pois aquele local é exclusivamente reservado para a oração.

2°. Acorrendo de muitos pontos, como nas romarias, mendigos nem sempre necessitados, são os pobrezinhos convidados a não fazerem os seus peditórios por ocasião das peregrinações.

3°. Os pobrezinhos dos concelhos vizinhos da Fátima que não esmolarem nas peregrinações, de maio e outubro, receberão uma esmola extraordinária dirigindo o seu pedido ao R. Pároco da Fátima com um atestado do seu R. Pároco em que, sob juramento, este declare: – a) que o requerente é pobre miserável; b) que não esmolou na peregrinação.

4°. Os pobrezinhos das outras terras, que não esmolarem, dirigir-se-ão ao *servita* encarregado e este os ajudará.

5°. Recomendo aos peregrinos que, sendo o mais caridosos com todos, não deem esmolos aos pedintes sem averiguarem da veracidade dos seus lamentos, para não serem explorados nem concorrerem para a vagabundagem.

6°. Devem os peregrinos depositar as suas esmolas para os pobrezinhos nas mãos dos *servitas* que as entregarão como for de justiça.

Leiria, 26 de março de 1926

† José, Bispo de Leiria

Doc. 86
1926-05-13, Lisboa

Artigo do jornal “A Época”¹, que publica uma entrevista com D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, sobre as aparições de Fátima.

Publ.: DCF, IV-4 - Doc. 768

TERRA DE SANTA MARIA
NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Conversando com o Venerando Prelado de Leiria
A devoção do povo português
Aspeto religioso das peregrinações a Fátima
Romagem de meditação e penitência
Lourdes e Fátima – A chama da fé

Do cumprimento do dever sempre advém alguma grata compensação. Assim é que da missão especial que nos trouxe à Extremadura, com o fim de colher impressões sobre o projetado caminho de ferro de Tomar à Nazaré, podemos agora derivar uma crónica, cheia de oportunidade e interesse, a propósito das grandes peregrinações a Fátima e fornecer, aos leitores de *A Época*, alguns pormenores curiosíssimos sobre os motivos de piedade e de fé que desde há alguns anos têm feito concentrar na charneca da Fátima muitas centenas de milhares de pessoas, que ali vão, no só propósito de render à Virgem do Rosário as suas homenagens de louvor e reconhecimento.

De passagem por Leiria, deparou-se-nos o grato ensejo de ir apresentar cumprimentos ao venerando prelado da diocese, sr. D. José Alves Correia da Silva, a quem nos prendem gratas e antigas relações.

A S. Ex^a. Rev.ma o sr. D. José Alves Correia da Silva, prelado duma erudição tão vasta como profunda, devemos a melhor parte da nossa educação religiosa. E da sua ação benemérita e verdadeiramente apostólica e social, como antigo orientador e assistente do Círculo Católico de Operários do Porto, pode com razão fazer-se a melhor e mais honrosa nota biográfica do insigne e bondoso prelado que

¹ Diário monárquico, fundado em 25 de março de 1919. Diretor: Fernando de Sousa (Nemo)

atualmente governa a diocese de Leiria. O prestígio de que goza na sua diocese é deveras notável e excecional.

– O sr. D. José é um dos mais notáveis bispos portugueses – ouvimos comentar a um grupo, em que se discutiam assuntos de arte religiosa. – Possuindo uma sólida cultura e uma rara erudição, nunca o nosso venerando Prelado deixou de emitir uma opinião segura e criteriosa, acerca de qualquer assunto, sobre o qual tenha sido consultado.

– Ainda há pouco – referia de lado o Rev. Padre Lacerda, estimado pároco da freguesia dos Milagres – foram feitas a S. Ex.^a Rev.ma algumas perguntas, das que vulgarmente se chamam de algibeira, porque raro é encontrar-se alguém habilitado a responder de pronto e com segurança. Pois o sr. Bispo de Leiria não hesitou um momento em dar a resposta desejada, apesar de se tratar dum assunto, em que se requerem conhecimentos especializados. O sr. Bispo de Leiria é um Prelado culto e sabedor que dá honra ao venerando corpo do Episcopado Português, e da sua ação disciplinadora e apostólica muito tem a esperar a Igreja em Portugal e particularmente a diocese de Leiria.

Como duma visita de cumprimentos, se deriva uma conversa cheia de interesse e oportunidade

Foi, pois, no cumprimento dum grato dever de cortesia e reconhecimento, que no edifício do atual Paço Episcopal fomos procurar S. Ex.^a Rev.ma o sr. Bispo de Leiria.

Fizemo-nos anunciar com um simples cartão de visita. E alguns momentos passados, um reposteiro se abre, deixando aparecer a figura veneranda do sr. D. José, a quem o debruado vermelho da batina e a Cruz que lhe pendia do peito imprimiam um tom de Patriarcal majestade.

– Então por Leiria? – perguntou o Prelado com bondade.

– É verdade sr. D. José. Vim como delegado do meu jornal, assistir à reunião que se realizou no Edifício da Câmara, por motivo do novo Caminho de Ferro de Tomar à Nazaré. E uma vez nesta cidade, não devia retirar-me sem cumprir o dever de vir cumprimentar S. Ex.^a Rv.ma.

– E gosta de Leiria?

– Gosto muito. Admiro sobretudo o aspeto imponente do seu castelo.

– Demora-se muito por cá?

– Apenas o tempo indispensável para colher os elementos de estudo necessários a uma série de crónicas que me proponho escrever, tomando para assunto o novo Caminho de Ferro de Tomar à Nazaré. Para isso tenciono percorrer toda a região servida por este Caminho de Ferro, indo daqui para Alcobça, Nazaré, Batalha, Porto de Mós, Ourém,

Tomar e depois Fátima, onde tenciono estar no próximo dia 13, por ocasião da peregrinação.

– É um itinerário interessante e do qual poderá colher ótimas impressões.

– Certamente: mas interessar-me-ão sobretudo as impressões sobre Fátima, tanto mais que na opinião dos defensores do projeto, o problema de Fátima é um dos mais poderosos fatores, que se devem ter agora em conta, ao advogar a construção desta linha. É neste ponto que, por assim dizer, começa o interesse e oportunidade desta crónica, em que pretendemos pôr principalmente em relevo o grandioso significado das peregrinações que se têm realizado a Fátima.

As aparições de Fátima

O sr. Bispo de Leiria tem atualmente uma missão muito delicada a cumprir. Dentro da sua diocese deram-se há poucos anos acontecimentos de carácter sobrenatural, que tiveram como consequência imediata uma intensa manifestação de fé religiosa. Dum ao outro extremo do país se dirigem a Fátima pessoas de todas as idades, sexos e condições, que ali vão em piedosa romagem prestar à Virgem o fervoroso culto das suas devoções e das suas homenagens, tornando-se pequeno o recinto para comportar a multidão enorme de pessoas que, no dia 13 de maio sobretudo, ali se reúnem, sujeitando-se a penosas viagens e privando-se de todo o conforto.

Competindo à autoridade eclesiástica tomar providências imediatas para se evitar o perigo duma superstição, o sr. D. José Alves Correia da Silva viu-se logo no começo da sua missão episcopal colocado ante o problema de Fátima. Segundo as declarações inocentes e por isso mesmo fidedignas duns pastorinhos, deram-se em Fátima os mesmos fenómenos de aparições sobrenaturais que há sessenta e seis anos sucederam em Lourdes. A notícia destas aparições correu veloz por todo o país e logo principiaram a acudir ali muitas dezenas de milhares de pessoas, que animadas dos melhores sentimentos de religiosidade e de fé, invocavam a Virgem Senhora, com uma doce e salutar confiança na sua poderosa e eficaz intercessão como mãe carinhosa e refúgio seguro dos pecadores.

Analogamente ao que se dera em Lourdes, o vento da impiedade começou a soprar sarcasmos e ironias blasfemas, que não conseguiram, apesar de tudo, conter a onda de fiéis que para ali se iam dirigindo, avolumando-se dia a dia, até ao ponto do venerando Prelado da diocese, procedendo com todas as reservas, que a delicadeza do assunto impunha, autorizar tais manifestações de culto público, tratando, simultaneamente,

de instaurar o respetivo processo canónico, que se está julgando, com a acuidade e prudência, de uso em casos semelhantes e que são garantia segura para a decisão.

Que são as peregrinações a Fátima ou o que têm elas de comum com as que de toda a parte se dirigem atualmente a Lourdes?

Na opinião autorizada do sr. Bispo de Leiria, as peregrinações a Fátima têm mais grandiosidade e mais imponência que as peregrinações a Lourdes.

Sendo os mesmos os motivos e os fins dessas peregrinações, que todas nasceram de factos sobrenaturais, em que o *Digitus Dei* se manifestou dum modo incontestável, diferentes contudo são as características que numas e noutras se notam, como muito judiciosamente nos explicou o venerando antístite que tão generosamente nos recebera.

Fátima é um vastíssimo templo, onde os portugueses vão rezar,
fazendo meditação e penitência

O motivo que nos levara até junto do sr. Bispo de Leiria fôra somente, como já dissemos, o cumprimento dum grato dever de cortesia. Longe de nós o propósito de abusar da sua bondade a ponto de lhe solicitarmos a hora duma entrevista, para a qual nem sequer levávamos esboçado qualquer plano.

A conversa foi, porém, derivando para o assunto de Fátima e julgamos não cometer abuso de inconfidência, reproduzindo aqui, e a propósito dum assunto de tal magnitude, alguns dos pontos mais interessantes da amena e instrutiva palestra, que com S. Ex^a. Rev.ma nós mantivemos.

Após ligeiras considerações sobre as vantagens que, da construção do novo Caminho de Ferro, poderão advir para o caso da Fátima, o sr. Bispo de Leiria que, se não fora o estorvo duma visita pastoral feita a Porto de Mós, teria ido assistir à reunião que no dia 2 se realizou no edifício da Câmara, elucida-nos:

– As peregrinações de Fátima são mais imponentes e significativas que as de Lourdes. Em Fátima juntam-se num só dia muito mais pessoas do que habitualmente se juntam em Lourdes, apesar de todo o conforto e comodidades que a pequena cidade dos Pirenéus oferece aos peregrinos.

Nunca em Lourdes se viu tanta gente reunida, como se vê em Fátima, no dia 13 de maio, principalmente.

– Dizem que no ano passado deviam estar lá cerca de 400.000 pessoas.

– Tanto não sei dizer; o que posso afirmar-lhe com dados certos, é que Fátima tem sido visitada por muitas centenas de milhares de pessoas, vindas de todos os pontos do país, o que me levou a adotar providências, no sentido de regular as atos do culto e de assegurar aos peregrinos algumas facilidades para a prática das suas devoções.

– Pelo visto, Fátima será uma nova Lourdes, a Lourdes portuguesa.

– Consoante o significado que quisermos imprimir a essa antonomásia. Bem vê que entre Fátima e Lourdes há uma diferença radical e característica, que sempre terá de manter-se. É preciso levar-se em conta a dificuldade de transportes e a ausência absoluta de quaisquer comodidades, para se poder avaliar justamente do generoso espírito de sacrifício, que anima os milhares de pessoas que vão a Fátima rezar e fazer penitência.

“Em Lourdes há certamente grandes e edificantes manifestações de fé; mas em Fátima há essas mesmas manifestações de fé, animadas, porém, dum maior espírito de sacrifício e duma mais profunda concentração de pensamentos cristãos. Em Lourdes reza-se mas goza-se também do ambiente sobrenatural, que lá se respira e disfrutam-se comodidades e confortos, que em Fátima não existem nem poderão existir.

O caso de Fátima tem aspetos muito diferentes dos de Lourdes e mais profundamente característicos. Em Fátima reza-se igualmente, mas fazendo-se meditação e penitência. É só para isto que ali se reúnem todos os meses e particularmente em maio e outubro tantas dezenas de milhares de pessoas, vindas de toda a parte, privadas de qualquer conforto, sujeitas a toda a espécie de sacrifícios e privações, animados tão somente dum só propósito de dar testemunho público da grandeza e intensidade da sua devoção para com a Virgem, em honra da qual entoam hinos de louvor e cuja intercessão invocam, no sentido de obterem graças.

Como vê, se Fátima tem alguns pontos de contacto ou semelhanças com Lourdes, tem também outros aspetos característicos, que lhe dão um excecional relevo e imprimem às nossas peregrinações maior grandiosidade e um significado mais comovente.

– Pelo que respeita a comodidades, ouvi dizer que se pensava na construção de grandes hotéis...

– Pura fantasia. Primeiramente, nada há ainda de definitivo sobre esse assunto; e além disso, o terreno não é propício a construções dessa natureza, acrescendo ainda a circunstância de nem sequer haver lá água. A pouca água que lá existe foi já descoberta depois do fenómeno das aparições e essa mesma está sendo canalizada para uma cisterna que eu mandei construir por um espírito de providência e com destino a reter a

água das chuvas. Calcule que a falta de água naquele sítio é de tal ordem, que os seus habitantes têm de ir buscá-la a uma distância de quinze quilómetros... Nestas condições, como pensar na construção de hotéis?

– E com a construção do novo caminho de ferro?

– Pouco virão a melhorar as condições difíceis em que atualmente se organizam as peregrinações a Fátima. A concorrência de fiéis é já enorme e vai crescendo de ano para ano. Ora o novo caminho de ferro, na hipótese da sua construção ser uma realidade, não poderá satisfazer às necessidades do movimento, por ocasião das peregrinações, porque na melhor das hipóteses e supondo ainda que a companhia exploradora tenha avultado o número de carruagens, apenas poderá transportar algumas dezenas de milhares de pessoas, que nada representam em relação aos muitos milhares, que a Fátima se dirigem nesses dias de imponentíssima manifestação de fé religiosa.

– Mas nenhuns melhoramentos há ainda em projeto?

– Certamente que houve necessidade de se estudar o problema, sob todos os aspetos que ele oferece. Pela parte que diretamente me diz respeito, como Prelado da diocese, mandei já vedar o recinto, onde se praticam os atos religiosos; desse recinto tenciono fazer um vastíssimo templo, onde possam realizar-se todos os atos do culto; tenho já entre mãos o respetivo projeto, cujos delineamentos são grandiosos, como convém ao fim a que se destina.

– E quando principia a construção desse monumento?

– Quando a oportunidade se oferecer. Há circunstâncias que é preciso ter em conta, antes de se começar com um empreendimento desta natureza.

– E sobre outros melhoramentos, nada há ainda estudado ou definitivamente assente?

– Pouco sei dizer a tal respeito. A mim só compete providenciar pelo lado religioso que é a principal característica das peregrinações da Fátima. Julgo contudo que pouco mais se adiantara, visto como nunca de Fátima se poderá fazer uma segunda Lourdes, com todas as comodidades e confortos que se encontram na linda e miraculosa cidade do Gave. As peregrinações a Fátima manter-se-ão sempre com o espírito de sacrifício e penitência, que são a sua principal e mais simpática característica. O resto é com Nossa Senhora, que saberá manter na alma portuguesa aquele entusiasmo e aquele deslumbramento, que a sua devoção sempre inspirou, a ponto de ser escolhida como excelsa Padroeira da nossa Pátria e de ter sido a sublime inspiradora das nossas glórias.

* * *

O sr. Bispo de Leiria continuou ainda por algum tempo a deliciar-nos com a sua conversa, sempre carinhosa e atraente, versando ora o problema de Fátima, sobre o qual aqui reproduzimos uma parte interessantíssima das suas palavras, ora o assunto palpitante do novo Caminho de Ferro, por motivo do qual nos encontrávamos então em Leiria.

Tempo era de dar por finda a nossa visita. Feitos os últimos cumprimentos de despedida o venerando Antístite fez descer sobre nós a sua bênção, enquanto beijávamos, com protestos de muito respeito e submissão, a esmeralda do seu anel. E só então refletimos que muito havíamos abusado da sua extrema condescendência fazendo prolongar demasiado a visita de cumprimentos, que ao seu Paço nos levaria.

* * *

Do que fica exposto, algo se conclui de forma a encher-nos de alegria e contentamento, na nossa emotividade de portugueses e de crentes. A gloriosa Mãe de Deus que tão pródiga se tem mostrado para com os portugueses, que lhe devemos a benéfica inspiração dos nossos heroísmos e a mais larga concessão de graças, dignou-se fazer irradiar para junto de nós, para a Pátria de que é excelsa Padroeira, alguns raios daquele sol de fé intensa e sobrenatural que ilumina com deslumbramentos de milagre a linda cidade dos Pirinéus, a pequena terra de Bernadete.

E o povo português, sempre cioso das suas tradições e tendo o santo orgulho da sua fé, vai correspondendo dignamente ao convite que a Virgem do Rosário lhe dirigiu, por intermédio duns humildes e inocentes pastorinhos, acudindo em massa ao local das aparições, com o fim único de orar e fazer penitência.

Prestemos todos o novo concurso a fim de que ao Venerando Prelado de Leiria não faltem nunca os elementos precisos para levar a efeito a construção desse monumento, cujo projeto está já delineado e que será como um complemento necessário e lógico das imponentíssimas manifestações de fé que caracterizam e assinalam superiormente as nossas romagens a Fátima.

Dentro de poucos dias, no próximo dia 13, realizar-se-á a grande peregrinação nacional. Em Fátima juntar-se-ão certamente centenas de milhares de pessoas.

Deus e a SS.ma Virgem estarão por certo com os peregrinos que a fé leva àquela charneca triste da Cova da Iria.

Leiria, 10-5-926

ARMANDO VIEIRA.

Doc. 87
1927-01-20, Leiria

Oração a Nossa Senhora de Fátima, com imprimatur de D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria.

Publ.: DCF, IV-4 - Doc. 878

ORAÇÃO A NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Virgem Imaculada, que pelo vosso santo Rosário extinguistes outrora no seio da Igreja a nefasta heresia dos Albigenses, por ele libertastes a cristandade do perigo muçulmano e robustecestes a piedade dos fiéis; extingui também no povo português pela prática mais intensa da vossa devoção os germens de morte que fazem definhar a sua Fé, libertai-o de todos os perigos internos e externos que ameaçam a pureza de seus costumes, fortalecei-o mais e mais, fazendo rejuvenescer nele o genuíno espírito de piedade que no passado o fez um povo cristianíssimo, fidelíssimo e evangelizador.

E já que por uma inefável prova de celestial predileção vos dignastes visitar este povo que se ufana de ser vassalo vosso, mostrando-lhe dos montes da Fátima quão caro é ao vosso Coração, não deixeis nunca, Mãe amorosíssima, de o acalentar com esse mesmo amor de predileção. Descansai sobre ele olhares de misericórdia, fazei-lhe sentir mais e mais vossa suavíssima proteção e os doces atrativos do vosso Coração que é coração de mãe.

Abençoi, ó Virgem Imaculada, a terra que vos dignastes visitar, atraí a vós todos os portugueses, patenteai-lhes os tesouros do vosso amor, revelai-lhes os arcanos de vosso Coração materno, fazei de cada coração português um órgão que vibre de amor por vós e de Portugal inteiro um Santuário de amor que corresponda com seu filial afeto ao vosso carinho maternal e assim mereça agora e sempre ser chamado – a Terra de Santa Maria. – Assim seja.

Pode imprimir-se e concedemos 50 dias de indulgência aos fiéis, por cada vez que recitarem esta oração com um Padre Nosso e uma Avé Maria pelas necessidades da Santa Igreja.

Leiria, 20 de janeiro de 1927.

† JOSÉ, BISPO DE LEIRIA.

Doc. 88
1927-07-a.13, Leiria

Ofício de D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, a criar uma capelania no Santuário de Fátima.

Publ.: DCF, V-1 - Doc. 1

O CULTO NO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DO
ROSÁRIO DA FÁTIMA

Atendendo aos pedidos instantes que não só os devotos de toda a parte de Portugal como os operários que trabalham nas obras e a nova povoação da Cova da Iria têm feito ao Ex.mo Senhor Bispo de Leiria, Sua Excelência Reverendíssima criou uma Capelania permanente no Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

A escolha recaiu no Rev.do Manuel de Sousa¹, ex-Pároco de Seiça. Todos os dias será celebrada a Santa Missa a horas certas orando-se pelas necessidades espirituais e temporais recomendadas a este Santuário e pelos doentinhos.

O Rev. Capelão atenderá os peregrinos que o procurem.

¹ Nasceu nos Marinheiros, Marrazes, a 1 de fevereiro de 1899. Foi ordenado sacerdote a 27 de junho de 1924, indo paroquiar a freguesia de Seiça, Ourém. Em 1927, foi nomeado capelão (reitor) do Santuário de Fátima, cargo que ocupou até 1937. Faleceu a 13 de outubro de 1950.

Doc. 89
1927-07-24

Carta de Lúcia à Mãe, sobre a devoção dos cinco primeiros sábados.

Publ.: DCF, V-1 - Doc. 2

J M J

24-7-1927

Minha querida Mãe

Como sei que, ao receber uma carta minha, recebe ao mesmo tempo uma consolação resolvi escrever esta para a animar a oferecer a Deus o sacrifício da minha ausência; em verdade compreendo o quanto sente esta separação, mas creia que se nós nos não separássemos voluntariamente encarregar-se-ia Ele de o fazer; senão vejamos: o tio Manuel que dizia não deixar sair de casa os filhos e como Deus lhós levou; por isso eu queria que a Mãe com generosidade oferecesse à Santíssima Virgem esse ato de reparação pelas ofensas que Ela recebe dos seus filhos ingratos; queria também que a Mãe me desse a consolação de abraçar uma devoção que sei é do agrado de Deus e que foi a nossa querida Mãe do céu quem a pediu; logo que tive conhecimento dela, desejei abraçá-la e fazer com que todos os demais a abraçassem. Espero portanto que a Mãe me responderá a dizer que a faz e vai procurar fazer com que todas essas pessoas que aí vão a abracem também, não poderá nunca dar-me consolação maior do que esta. Consta só em fazer o que vai escrito neste santinho; a confissão pode ser noutra dia e os 15 minutos é o que me parece lhe vai fazer mais confusão, mas é muito fácil; quem não pode pensar nos mistérios do Rosário? Na anunciação do Anjo e na humildade da nossa querida Mãe que, ao vêr-se tão exaltada, chama-se escrava; na paixão de Jesus que tanto sofreu por nosso amor e a nossa Mãe Santíssima junto de Jesus no Calvário; quem não pode assim nestes santos pensamentos passar 15 minutos junto da Mãe mais terna das Mães. Adeus, minha querida Mãe, console assim a Nossa Mãe do Céu e procure que muitos outros a consolem também, e assim dar-me-á também a mim uma inexplicável alegria.

Sou sua filha muito dedicada que lhe beija a mão

Maria Lúcia de Jesus

Doc. 90**1927-11-01, Tuy**

Carta de Lúcia a sua madrinha, Maria Filomena Morais Miranda¹, sobre a devoção dos cinco primeiros Sábados.

Publ.: DCF, V-1 - Doc. 58

J M J

Tuy 1-11-1927

Minha querida Madrinha

Venho hoje agradecer a sua amável cartinha à qual já devia ter respondido há muito, mas espero que me perdoará o meu prolongado silêncio. Gostei muito de saber que tinha feito a viagem a Lourdes sem novidades e que, aos pés da nossa querida Mãe do Céu, não esqueceu esta pobre alma; eu nas minhas fracas orações também não esquecerei ainda a minha boa Madrinha. Não sei se já tem conhecimento da devoção reparadora dos sábados ao Imaculado Coração de Maria, mas como ainda é nova, lembrou-me de lha inculcar por ser uma coisa pedida por a nossa querida Mãe do Céu e por Jesus ter manifestado desejo que seja abraçada; pareceu-me por isso que a Madrinha estimará muito não só de ter conhecimento dela para dar a Jesus a consolação de a praticar mas também a de a fazer conhecer e abraçar por muitas outras pessoas. Consta no seguinte: durante 5 meses, ao primeiro sábado, receber Jesus Sacramentado rezar um terço fazer 15 minutos de companhia a Nossa Senhora, meditando nos mistérios do Rosário e fazer uma confissão; esta pode ser antes alguns dias e se, nesta confissão anterior, nos esquecemos de formar uma intenção, podemos oferecer a confissão seguinte, contanto que no primeiro sábado se receba a Sagrada Comunhão em estado de graça com o fim de reparar as ofensas que se

¹Nasceu a 21 de janeiro de 1879. Filha de António Joaquim de Campos Miranda e de Sofia Emília Morais de Miranda. Foi Servita de Fátima e manteve com Lúcia, de quem foi madrinha do Crisma, uma relação muito próxima. Foi ela quem acompanhou Lúcia, de Leiria até ao Asilo do Vilar, no Porto, quando Lúcia saiu de Fátima (junho de 1921). Faleceu em Santo Tirso, a 12 de novembro de 1934.

proferem contra a Santíssima Virgem e que têm amargurado o seu Imaculado Coração. Parece-me minha boa Madrinha que somos felizes por poder dar à nossa querida Mãe do Céu esta prova de amor que sabemos deseja que se lhe ofereça; quanto a mim, confesso que nunca me sinto tão feliz como quando chega o primeiro sábado, e não é verdade que a nossa maior felicidade está em sermos todas de Jesus e Maria e amá-los a Eles só sem reserva? Vemos isto tão claro na vida dos Santos. Eles eram felizes porque amavam, e nós, minha boa Madrinha, havemos de procurar amar como eles, não só para gozar de Jesus, que é o menos, se o não gozarmos cá gozá-lo-emos lá, mas para darmos a Jesus e Maria a consolação de serem amados, e se o pudéssemos fazer de modo que Eles se vissem amados sem saber de quem, e que assim em troca deste amor salvassem muitas almas? Então me parece que era de todo feliz; mas já que isto não podemos, ao menos amemo-los para Eles serem amados.

Adeus minha boa Madrinha, abraços nos Corações Santíssimos de Jesus e Maria

Maria Lúcia de Jesus

Doc. 91**1927-12-04, Tuy**

Carta de Lúcia para o Pe. José Aparício da Silva¹ a agradecer uma carta deste. Refere-se à devoção dos cinco primeiros sábados e a algumas dificuldades com que se tem deparado.

Publ.: DCF, V-1 - Doc. 67

J.M.J.

Tuy, 4-12-1927

Ex.mo e Rev.mo Senhor Padre Mestre

Venho respeitosamente agradecer a amável cartinha de V. Rev.^{cia}. Não imagina quanto a estimei por tudo o que me dizia. Alguns dias antes de a receber tinha andado bastante preocupada com vários pensamentos a respeito do novo Instituto e como não tinha um meio fácil de os comunicar a V. Rev.^{cia}, escrevendo em carta fechada, pois que a Rev.^{da} Madre Provincial me tinha recomendado para com a Madre Mestra maior confiança e que não lhe encobrisse nada, resolvi então dizer tudo à Rev.^{da} Madre Mestra e pedi para me fazer o favor de me chamar logo que pudesse. Deus porém não quis e permitiu que se chegasse a hora da Rev.^{da} Madre Mestra entrar de retiro sem eu lá ir; já estava na capela quando me bate no ombro, chama-me fora a uma sala e diz-me: Ó filha não tive tempo de a chamar; a Irmã não pode esperar para depois do retiro; já está o Padre para começar as práticas. Sim, Madre Mestra, peço fique descansada. Pensei então que Nosso Senhor não queria que lhe dissesse nada e para ficar descansada a este respeito expus a Nosso Senhor o seguinte.

¹ Pe. José Aparício de Silva. Nasceu a 14 de fevereiro de 1879. Filho de Joaquim Aparício da Silva e de Ludovina da Silva. Foi ordenado sacerdote a 12 de junho de 1912. Foi confessor e diretor espiritual de Lúcia de setembro de 1927 a dezembro de 1938, altura em que foi para o Brasil. Foi o grande apóstolo do Imaculado Coração de Maria e da devoção dos cinco primeiros sábados, quer em Portugal, quer no Brasil. Faleceu no Recife, Brasil, a 21 de maio de 1966.

Meu Deus bem sabeis que por mim só não faço nem resolvo coisa alguma; os meios humanos que tinha vós tirastes-mos, portanto não leveis a mal que exija de vós o seguinte para conhecer se sois vós ou se é o demónio que me quer enganar.

Se me mandardes uma doença pela qual as minhas Superiores me mandem embora e depois lá fora me restituirdes de novo a saúde irei então entrar nesse Instituto; se me conservardes a saúde até fazer os votos neste, fico sabendo que era o demónio que me queria enganar. Com respeito ao que V. Rev.^{cia} me dizia desse Instituto, pareceu-me que apesar de tudo isso a obra pode ser de Deus pois que vemos na história da fundação da companhia a ordem que deu o Santo Padre para que acabasse; vejo também na fundação do Instituto em que me encontro que houve os mesmos obstáculos e outros ainda maiores; tiveram até depois de terem vivido bastante tempo em comunidade de voltar de novo à casa paterna. Portanto o que me falta a mais é só saber ao certo a vontade de Deus.

Agora que a Rev.^{da} Madre Mestre foi a Portugal aproveitei a pedir para escrever carta fechada e pedir a V. Rev.^{cia} o favor de continuar a auxiliar-me com os seus conselhos, os quais seguirei sempre como expressão viva da vontade de Deus. Não imagina V. Rev.^{cia} quanta consolação senti ao saber que tinham já aí abraçado a devoção reparadora do Imaculado Coração de Maria; soube também pela Rev.^{da} Madre Superiora de Lisboa que toda a Comunidade, meninas e mesmo famílias a tinham já começado; com muito gosto soube que em Fátima muitas pessoas a tinham já copiado dum santinho que mandei com ela escrito à Minha Mãe. Termino desejando a saúde e as bênçãos do Céu para V. Rev.^{cia} e toda a Comunidade, recomendando-me às vossas orações.

Sou de V. Rev.^{cia} a mais humilde serva

Lúcia de Jesus Santos

Doc. 92**1927-12-25, Tuy**

Carta de Lúcia para sua Mãe a dar as boas-festas natalícias. Refere-se à devoção ao Imaculado Coração de Maria.

Publ.: DCF, V-1 - Doc. 72

JMJ

Minha querida Mãe

Venho cheia duma santa alegria escrever esta cartinha para lhe dar os sinceros cumprimentos de boas-festas pelo grande dia de Natal, aniversário do nascimento do nosso querido Jesus; espero que o nosso Divino Infante lhe conceda um novo ano cheio de graças e bênçãos do Céu assim como a toda a mais família; quanto a mim espero que a Divina Misericórdia continue a conceder-me as graças de que tenho necessidade para fazer sempre e em tudo a sua Santíssima vontade. É isto a única coisa que nos deve ocupar, fazer a vontade de Deus.

Como são felizes as almas que só fazem esta vontade santa; se esses grandes da terra que chegam a arriscar a própria vida para adquirir dinheiro, julgando achar aí a sua felicidade, soubessem quanto é fácil ser feliz e provassem quanta doçura se goza neste cumprimento da vontade Divina, estou certa que não havia um só que se não abraçasse com ela.

Vamos pois nós minha boa Mãe a abraçar-nos com tudo o que o Menino Jesus nos quiser pedir e estejamos certas que por mais cruces que Ele nos quiser mandar e por mais que elas custem à natureza são sempre para nosso bem. Lembro-me agora duma coisa. A Mãe dizia quando eu aí estava e que o pai ainda era vivo, num dia em que o Céu lhe enviava a cruzinha. Dizia a Mãe: se eu soubesse que era certo o que dizia o Senhor Prior na Igreja que, quando se tinha alguma coisa que sofrer, era Deus que assim o permite em desconto dos nossos pecados e que quem sofresse com paciência lhe era descontado o purgatório. Dizia então a Mãe, se soubesse que isto é verdade, levava tudo com paciência mas eu sei lá se depois de tudo isto, não terei um purgatório ainda?

Agora, minha boa Mãe, melhor do que então, agora lhe posso dizer sem medo de me enganar: é verdade tudo o que dizem os Padres e ainda eles não disseram tudo; por isso minha boa mãe não deixe passar

nada sem o oferecer a Nosso Senhor com amor. Recebi a sua cartinha e juntamente o dinheiro que me mandou e agradeço-o; nas minhas orações não esquecerei o que me foi recomendado. Peço para fazer e continuar a fazer conhecer e praticar a devoção reparadora ao Imaculado Coração de Maria. Sou sua filha que muito me recomendo nas suas orações.

Lúcia

A minha direção agora é a seguinte: Calle Martínez Padín - Hermanas Doroteas - Tuy

Doc. 93**1928-01-27, Tuy**

Carta de Lúcia para o Pe. José Aparício da Silva a agradecer uma carta deste; a pedir desculpa por ter usado uma expressão incorreta na carta anterior e que, a conselho da Madre Superiora, queimou os papéis onde escreveu a devoção dos cinco primeiros sábados.

Publ.: DCF, V-1 - Doc. 85

J M J

27-1-1928

Rev.^{mo} Senhor Padre Mestre

Recebi ontem já quase noite a cartinha que V. Rv.^{cia} fez o grande favor de me escrever e agradeço-a imenso, principalmente por me fazer conhecer a falta que cometi sem o saber, nem querer, pois que escrevi absolutamente o contrário do que queria dizer e do que sentia, quando falei a respeito da prudência. Eu ao pensar nos pedidos que fazia, como de consultar a Nosso Senhor etc., lembrou-me que parecia ter pouca confiança na prudência de V. Rv.^{cia} e foi então que resolvi escrever aquele bocadinho para dizer que não era assim, pois bem sabia que não havia perigo algum; mas agora já que Deus permitiu que escrevesse o contrário do que queria dizer, espero que também fará com que agora V. Rv.^{cia} conheça o engano do qual peço humildemente desculpa. É no tocante aos pedidos que fiz peço a V. Rv.^{cia} para não fazer caso, que eu deixei-me levar simplesmente do receio que se apoderou de mim, julgando que me tinha enganado. O que me vale é V. Rv.^{cia} conhecer já as minhas misérias e ter virtude para as suportar com paciência; não imagina V. Rv.^{cia} quanto agradeço a Nosso Senhor o ir assim manifestando o meu nada; o que lhe peço é que comece por fazer com que todos me lancem no esquecimento e no desprezo.

De resto entrego tudo nas mãos de V. Rv.^{cia} para fazer o que lhe parecer melhor e mais da vontade de Deus e glória do Imaculado Coração de Maria o qual desejo ardentemente ver conhecido, amado e reparado segundo a vontade de Deus.

Termino esta carta que teve por fim só pedir a V. Rv.^{cia} humildemente perdão; de resto tudo continua na forma do costume.

Sou de V. Rv.^{cia} a mais humilde e obediente serva que respeitosamente beija a mão de V. Rv.^{cia}.

Lúcia de Jesus Santos

Senhor Padre Mestre

Deixe-me perguntar ainda uma coisa que não sei se fiz mal. É o seguinte: Nas revelações dos 5 sábados quando as comuniquei ao meu confessor que era então o Senhor D. Lino, mandou-me que escrevesse tudo o que a isto dizia respeito e guardasse esses papéis que podiam ser precisos; obedeci e escrevi; mas, entretanto, vim para o noviciado e até hoje tenho-os conservado sem saber o que lhe havia de fazer; agora que já bastantes pessoas tem conhecimento da devoção que eles tratam, pensei que os podia queimar porque posso morrer e não queria que de mim ficasse memória e sucedendo encontrarem-mos depois da morte não será já tão fácil ficar no esquecimento; não quis contudo fazer isto só por minha cabeça e, numa ocasião em que falava com a Rv.^{da} Madre Provincial, perguntei-lhe se podia queimar uns papéis que me tinha mandado escrever o meu confessor, quando estava em Pontevedra. A Madre Superiora ficou-se calada por um momento e depois perguntou-me se eu achava que se podiam queimar? Respondi que me parecia que sim. Mas a Rv.^{da} Madre Superiora perguntou ainda: se a Irmã se não importasse que eu os lesse entregava-mos e eu então via se se podiam queimar. Tive receio que a Madre Superiora os não queimasse e fiquei calada por um instante; depois respondi; não me importa que V. Rv.^{cia} os leia, eles tratam de algumas coisas que aconteceram em Pontevedra. A Rv.^{da} Madre Superiora, conhecendo a pouca vontade que eu tinha de os entregar, disse: Olhe meta-os dentro dum sobrescrito e ponha por fora, coisas de consciência; assim já ninguém os lê. Fiquei sem dizer palavra; então a Rv.^{ma} Madre Superiora disse: a Irmã tem vontade de os queimar não é verdade? É sim, Madre Superiora. Mas nunca mais ninguém lhos pediu nem lhe falou neles? Não, Madre Superiora. Então acho que os pode queimar e se for preciso depois a Irmã torna a contar tudo, não é verdade? Sim, Madre Superiora, mas parece-me que não é preciso. Então, queime-os. Agora, Senhor Padre Mestre, tenho receio de ter ido contra a vontade de Deus, mostrando demasiado desejo de os queimar antes que entregá-los.

Senhor Padre Mestre, pelo amor de Deus, perdoe-me tanta confiança e tão grande maçada que só Deus pode recompensar e nas minhas fracas orações nunca esquecerei quem tanto bem me tem feito. Beija com toda a humildade e respeito a mão de V. Rv.^{cia}

Lúcia

Doc. 94
1928-06-03, Roma

Artigo do jornal “L’Osservatore Romano” sobre a peregrinação do dia 13 de maio a Fátima [data de redação: 26 de maio de 1928].

Publ.: DCF, V-1 - Doc. 218 (em italiano)

DE PORTUGAL
O SANTUÁRIO MARIANO DE FÁTIMA

Uma peregrinação de 300 mil pessoas
(As nossas informações).

LISBOA, 26.

Fátima é uma pequena aldeia perdida sob as faldas da Serra de Aire, no centro de Portugal.

Até há onze anos, era desconhecida de todos.

Hoje, Fátima – disse-o há dias D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria – é o lugar escolhido pela Virgem para manifestar o seu poder, a sua bondade e o seu amor.

As estradas que aí se dirigem são más, a viagem difícil, a localidade privada de albergues cómodos; porém, é nela que se congregam milhares e milhares de pessoas, de todas as classes sociais, numa atitude de recolhimento, rezando devotamente.

Quem aí vai uma vez, sente vontade de voltar.

E não foi o clero o organizador deste movimento tão grandioso, porque nos primeiros anos, por ordem dos seus superiores, o clero abstinha-se de intervir; nem as autoridades civis, nem as atrações que costumam caracterizar as manifestações religiosas e cívicas aí realizadas...

Bendita a Virgem Santíssima Nossa Senhora, que transformou aquele lugar árido, desconhecido, num paraíso donde aspergem graças e bênçãos sobre os seus filhos...

A Lourdes portuguesa

Fátima é hoje o maior centro de peregrinação de toda a Península Ibérica, a Lourdes Portuguesa.

Mais de três milhões de pessoas já a visitaram em piedosa peregrinação.

Não há uma única aldeia, casa, ou pessoa que não tenha, pelo menos uma vez, ouvido falar de Fátima.

Há onze anos que, ano após ano, vemos vir enormes multidões, que se contam pelas centenas de milhar de pessoas.

A história de Fátima

Duas palavras de história.

Quando, no ano de 1917, fervilhava a guerra, três jovens – duas raparigas e um rapaz – contaram à família ter visto uma Senhora sobre os ramos de uma pequena árvore. Era, segundo afirmavam, a Senhora do Rosário, e que a mesma os tinha exortado a rezarem o terço e a fazerem penitência.

A família não lhes deu qualquer crédito, mas a notícia correu de aldeia em aldeia.

Nos meses que se seguiram, com a fé de alguns, mas com a dúvida da maioria, esses factos continuaram, os espectadores cresceram e o 13 de outubro contou com a presença de 70 a 80.000 pessoas.

Estes são os factos.

Depois disso, as graças extraordinárias, as curas e as conversões por intercessão da Virgem Maria sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, são agora inumeráveis.

Falemos agora da peregrinação destes dias.

A grande peregrinação

Durante vários dias, os peregrinos encaminham-se para Fátima.

Porém, em 12 de maio, a turba aumenta e cresce cada vez mais. Uns dirigem-se a pé, caminhando por muitas dezenas de quilómetros, outros em pacientes burros ou mulas, outros a cavalo, em automóveis e camiões. As informações oficiais dizem-nos que chegaram a Fátima mais de 11.000 automóveis.

À noite, o grande retângulo murado, onde decorrem as cerimónias religiosas e onde vão surgindo, a pouco e pouco, as capelas e outros edifícios, estava apinhado de gente.

Às 10 horas, um sacerdote faz a meditação dos mistérios do Rosário.

Terminada a Recitação do Rosário e a Ladainha, tem início a “Procissão das Velas” e aquela multidão de 150.000 pessoas estende-se por um enorme rio de luz, desdobrando-se ao longo das paredes,

da avenida central, à volta do grande poço e das capelas, como se quisesse iluminar o céu com o seu esplendor.

Terminada a procissão, à meia-noite, todos se reúnem em volta do altar onde será exposto o Santíssimo Sacramento.

D. José Correia da Silva faz a meditação dos mistérios do Rosário e aquelas 150.000 pessoas escutam as suas palavras calmas num religioso e devoto silêncio.

Pelos altifalantes instalados no recinto, quer se reze quer se cante, é sempre um extraordinário unísono que se eleva ao céu.

É admirável a veneração daquela boa gente para com os Bispos.

Neles, veneram também o Chefe máximo da Igreja, o Papa.

A adoração noturna dura até às 3 horas da manhã.

Começam então as Missas, cuja celebração prossegue até ao meio-dia nos seis altares ali erigidos. Celebraram a Santa Missa cerca de 120 sacerdotes.

A Comunhão, que começou às primeiras horas da manhã, continua até ao meio-dia e são mais de 18.000 as pessoas que se abeiram da Mesa Sagrada.

O lançamento da primeira pedra

Pelas 10 horas da manhã do dia 13, D. Manuel Mendes dos Santos, Arcebispo de Évora, acompanhado de D. José Correia da Silva, dirige-se ao local onde irá ser benzida e lançada a primeira pedra da futura igreja.

Rodeiam-no, em respeitoso silêncio, muitos sacerdotes, escuteiros e “Servitas de Nossa Senhora de Fátima”, para além de fiéis de todas as idades, condições e sexos.

“Ali deve surgir o maior monumento moderno da devoção de Portugal a Nossa Senhora”, disse D. Manuel Mendes dos Santos, Arcebispo de Évora.

A procissão com a imagem de Nossa Senhora

Os momentos mais solenes são os da Missa, ao meio-dia, e da Bênção dos Doentes. A Missa é celebrada por D. José Correia da Silva e a Bênção é dada por D. Manuel Mendes dos Santos. Assistem 300.000 pessoas.

E quando a imagem de Nossa Senhora de Fátima, antes da Missa, é levada em procissão até junto do altar onde vai ser celebrada a Missa perante os doentes, em número superior a 400, os lenços daquelas 300.000 pessoas agitam-se no ar, quase em delírio, aclamando a Virgem.

Os aplausos, as aclamações, as lágrimas que correm pelos rostos de todos, dos Bispos aos humildes condutores dos automóveis, conferem àquele momento uma singular grandiosidade. Dir-se-ia um imenso bando de pombas brancas esvoaçando em direção ao céu.

E a mesma cena repete-se no final, quando a imagem da Virgem volta a ser colocada no local onde se diz ter aparecido aos pastorinhos.

As invocações a Nossa Senhora durante a Bênção dos Doentes foram feitas pelo Padre Dr. Marques dos Santos.

E Jesus passa, abençoando, confortando, vergando aquelas almas, entre as quais algumas até agora afastadas d'Ele, e tantas outras que, pelo contrário, desejam aproximar-se cada vez mais d'Ele.

Dada a Bênção também ao povo, D. Manuel Mendes dos Santos faz, desde o púlpito, uma calorosa exortação aos seus irmãos para que cantem em Fátima e em toda a parte as glórias da Virgem Padroeira de Portugal.

“Foi – segundo disse – a maior manifestação religiosa jamais realizada e que talvez nunca volte a ver-se em Portugal”.

E depois do “Avé de Lourdes” e de tantas outras melodias do culto Mariano, todos juntos, como prova da sua fé, cantam o “Queremos Deus” e renovam a consagração a Nossa Senhora.

Duas horas depois, aquele lugar de mistério, onde cada pedra respira devoção e atesta atos de penitência e sacrifício, volta a ser habitado pelo silêncio no meio da solidão.

E assim termina a maior Jornada Mariana de Portugal.

Peregrinos ilustres

Seria impossível fazer um elenco das personalidades que participaram nesta peregrinação. Entre os mais notáveis devemos sublinhar a presença da senhora e da menina Vicente de Freitas, esposa e filha de Sua Excelência o Chefe do Governo que, logo pela manhã, se aproximaram, elas também, da Sagrada Comunhão, e da senhora e da menina Carmona, esposa e filha de Sua Excelência o Presidente da República Portuguesa.

Com a aprovação do Bispo de Leiria é impresso um pequeno jornal intitulado “Voz da Fátima”, com o fim de dar notícias relativas à Senhora de Fátima e de publicar as graças obtidas por Sua intercessão. No passado do dia 13 de maio foram distribuídos 60.000 exemplares desse jornal.

Doc. 95
1928-10-08, Santarém

Carta do Dr. Manuel Nunes Formigão para Aida da Purificação Santos¹, sobre a profissão religiosa de Lúcia. Refere que D. José, Bispo de Leiria, não presidiu à festa por causa de uma “panne” no automóvel em que seguia. Dá a conhecer a Devoção Reparadora ao Imaculado Coração de Maria, dizendo que D. José autorizou a sua propagação, particularmente, e que em breve a iria recomendar em documento público e oficial.

Publ.: DCF, V-1 - Doc. 365

†
R.R.R.

8 de outubro 1928

Muito boa Cecília

Acabo de chegar de Espanha. Assisti à profissão da Lúcia que se realizou no dia 3, dia de Santa Teresinha. O Sr. D. José não presidiu à festa, que foi encantadora, por causa dum panne que teve o automóvel em que seguia para o rápido. A pequena é a mesma de sempre, como tu a conhecestes. É dotada de uma simplicidade e humildade admiráveis. Que profunda piedade, aliás tão natural e tão alegre! Que extraordinário espírito de obediência! Que amor ao sacrifício e à mortificação! Fui a única pessoa a quem, na véspera, em que já tinha acabado o retiro, se concedeu a permissão de lhe falar e estar com ela, a sós. Foram horas de inefável prazer espiritual! Nunca mais me esquecerão. Eu já tinha conhecimento, há meses, por uma carta da mestra de noviças, de que ela fora objeto dum nova revelação. Trata-se do seguinte. Nosso Senhor está profundamente desgostoso com as ofensas que se fazem a sua Santíssima Mãe e já as não pode suportar por mais tempo. Devido a esses pecados, pecados de injúria e blasfémia, que tanto fazem sofrer o seu Coração de Filho amantíssimo, muitas almas têm caído no inferno e outras estão em perigo de se perderem. Nosso Senhor promete salvá-

¹Madre Cecília. Foi batizada em 1917, tendo sido seu padrinho, o Dr. Formigão. Frequentou o colégio Luísa Andaluz. Foi a primeira Superiora Geral da Congregação fundada pelo Dr. Formigão, em 1926, Congregação das Religiosas Reparadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima (atualmente, Religiosas Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima). Faleceu a 24 de fevereiro de 1990, em Fátima.

-las, à medida que se for praticando esta devoção com o fim de reparar o Imaculado Coração de nossa Santíssima Mãe: Devoção Reparadora ao Imaculado Coração de Maria.

Durante 5 meses, no primeiro sábado de cada mês, receber a Sagrada Comunhão, rezar um terço, fazer 15 minutos de companhia a Nossa Senhora, meditando nos mistérios do Rosário, e fazer uma confissão com o mesmo fim de reparar as ofensas feitas à Santíssima Virgem. A Santíssima Virgem promete assistir na hora da morte às almas que assim A tiverem procurado consolar com todas as graças necessárias para se salvarem. O Senhor D. José, com quem fui falar a Braga, sobre este assunto, autorizou-me a propagar, desde já, particularmente, a devoção reparadora, que Ele promulgará brevemente, recomendando-a e indulgenciando-a, em documento público e oficial. O Pe. Matéo veio intensificar a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, a Lúcia vem agora intensificar a devoção ao Imaculado Coração de Maria, que é um complemento necessário daquela, reparando-se assim, com estas duas devoções reparadoras, as ofensas que se fazem ao Filho e à Mãe, como é absolutamente justo. Ontem à tarde corri o Porto de automóvel a tornar conhecida esta devoção, que é acolhida com o maior entusiasmo.

Fui ontem e anteontem dizer a santa Missa e fazer uma prática à casa da Anunciação ou casa das criadas de servir. A D. Margarida Reto, que teve conhecimento da minha ida lá, foi de propósito assistir à missa àquela casa para me falar. A convite dela, fui visitar a sua Obra, que é diferente da de Fátima, embora esteja sob a proteção de Nossa Senhora de Fátima. Tenciono ir aí celebrar a santa Missa na próxima quinta-feira, à hora do costume.

Não se admirem se comigo for o Senhor D. Manuel C. Mas naturalmente não irá. Orem com mais fervor pelas nossas intenções.

Dizem-me que S. D. L. está sofrendo muito por causa das negociações que se andam fazendo e das resoluções que se estão tomando. Não sei do que se trata. Por isso vou na quarta-feira e tento falar com o Sr. D. M. C.

Pe. Formigão

P. S. Já me esquecia de te dizer que falei com a senhora D. Julieta Fonte, Rua do Breyner, nº 214 Porto. Quero que lhe escrevas uma carta comprida, o mais comprida que possa ser e o mais depressa também que possa ser. É sobrinha da senhora D. Júlia. E como alma de fogo, mais ainda do que a D. Maria Elisa Cruz Vieira, de Braga. Vai entrar para alma vítima. Quer dedicar toda a sua vida à obra. Desejo

auxiliá-la desde já. Falei-lhe em roupas brancas, bordadas. Fala-lhe sobre isso, de que percebes mais do que eu. Podes abrir-te com ela com toda confiança como se fosse a D. Júlia ou a tua Madrinha. Por toda a parte, sempre, sejam conhecidos honrados, benditos, amados, servidos e glorificados o Divino Coração de Jesus e o Imaculado Coração de Maria.

P. Formigão

Doc. 96
1928-10-11, La Guardia

Carta do Pe. José Aparício da Silva, S.J., para D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, a enviar uma cópia de um documento escrito por Lúcia sobre as aparições de 10 de dezembro de 1925, 15 de fevereiro de 1926 e 17 de dezembro de 1927.

Publ.: DCF, V-1 - Doc. 370

Colegio de Santa Maria de OYA
La Guardia (Pontevedra) Espanha

11 de outubro de 1928

Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor

Começando por saudar e cumprimentar afetuosa e humildemente a Sua Excelência Rev.ma tomo a ousada liberdade de me dirigir a S. EX. REV. para expôr um assunto particular no qual está muito interessada a Irmã Lúcia de Jesus Santos, cuja direção espiritual tive durante os últimos 14 meses que estive em TUY. Durante este último ano ainda alguma vez se me dirigiu a tirar as suas dúvidas e a pedir conselhos. Certamente o assunto já não é novidade para Sua EXC. REV., mas não importa, assim cumprirei a minha obrigação.

Talvez ainda Sua EXC. REV se lembre de ter falado em TUY com quem escreve estas linhas; no caso contrário o P. Magalhães poderá esclarecer a Sua EXC. REV.

Esperava poder falar pessoalmente a Sua EXC. REV. na prometida visita para os primeiros dias do corrente. Infelizmente não se pode realizar.

Sirva isto só de informação, deixando à prudência de Sua EXC. REV. as medidas ou meios a tomar sobre o caso. Não farei mais que trasladar para aqui o que a própria LÚCIA escreveu a meu pedido, cuja cópia tenho à vista e conservo. Rogou-me que se ocultasse o seu nome. É o seguinte: narra-o em terceira pessoa por minha indicação:

“No dia 17-12-1927, foi junto do sacrário perguntar a Jesus como satisfaria o pedido que lhe era feito, se a origem da devoção ao Imaculado

Coração de Maria estava encerrada no segredo que a Santíssima Virgem lhe tinha confiado. Jesus com voz clara fez-lhe ouvir estas palavras: minha filha, escreve o que te pedem e tudo o que te revelou a Santíssima Virgem na aparição em que falou desta devoção, escreve-o também; quanto ao resto do segredo, continua o silêncio”.

O que em 1917 foi confiado a este respeito é o seguinte: Ela pediu para os levar para o céu: a Santíssima Virgem respondeu: sim a Jacinta e o Francisco levo-os em breve, mas tu ficas cá mais algum tempo; Jesus quer servir-se de ti para me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração; a quem a abraçar prometo a salvação e serão queridas de Deus estas almas, como flores postas por mim a adornar o seu trono. Fico cá sozinha?, disse com tristeza. Não, filha, Eu nunca te deixarei, o meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus.

Dia 10-12-1925, apareceu-lhe a Santíssima Virgem e ao lado, suspenso em uma nuvem luminosa, um Menino.

A Santíssima Virgem pondo-lhe no ombro a mão e mostrando ao mesmo tempo um coração que tinha na outra mão, cercado de espinhos.

Ao mesmo tempo, disse o Menino: tem pena do coração de tua SS. Mãe que está coberto de espinhos que os homens ingratos a todos os momentos lhe cravam, sem haver quem faça um ato de reparação para os tirar.

Em seguida, disse a Santíssima Virgem: “Olha; minha filha, o meu coração cercado de espinhos que os homens ingratos a todos os momentos me cravam com blasfêmias e ingratidões; tu ao menos vê de me consolar e diz que todos aqueles que durante 5 meses no primeiro sábado se confessarem, recebendo a Sagrada Comunhão, rezarem um terço e me fizerem 15 minutos de companhia, meditando nos 15 mistérios do Rosário com o fim de me desagrar, EU prometo assistir-lhes na hora da morte com todas as graças necessárias para a salvação dessas almas.

No dia 15-2-1926 apareceu-lhe de novo o Menino Jesus. Perguntou se já tinha espalhado a devoção à sua Santíssima Mãe?

Ela expôs-lhe as dificuldades que tinha o confessor e que a Madre Superiora estava pronta a propagá-la, mas que o confessor tinha dito que ela só nada podia.

Jesus respondeu: é verdade que a tua Superiora nada pode, mas com a minha graça pode tudo; apresentou a Jesus a dificuldade que tinham algumas almas em se confessar ao sábado e pediu para ser válida a confissão de 8 dias; Jesus respondeu: sim, pode ser de muitos mais

ainda, com tanto que quando me receberem estejam em graça e que tenham a intenção de desagravar o Imaculado Coração de Maria.

Ela perguntou: Meu Jesus, as que se esquecerem de formar essa intenção? Jesus respondeu: podem formá-la na outra confissão seguinte, aproveitando a primeira ocasião que tiverem de se confessar”.

Até aqui a LÚCIA.

Sem mais outro assunto peço licença para beijar o sagrado anel de Sua Excelência Reverendíssima.

De Vossa Exc. Rev. ínfimo servo em Jesus Cristo.

Pe. José Aparício S. J.

Doc. 97**1928-10-20, Tuy**

Carta de Lúcia para D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, a manifestar a pena que teve por D. José não estar presente na sua profissão religiosa. Diz também ter ficado muito contente com o facto de o Pe. José Aparício ter contactado D. José, no sentido da aprovação da Devoção ao Imaculado Coração de Maria.

Publ.: DCF, V-1 - Doc. 387

J M J

20-X-1928

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor Bispo

Recebi a amável cartinha de V. Ex.^{cia} Rv.^{ma}. Agradeço-a muito e de uma maneira muito particular agradeço ter-se lembrado de mim no Santo Sacrifício da Missa.

Não falo já do quanto me custou V. Excelência não ter vindo, foi um sacrifício que só o nosso bom Deus pode compreender, só Ele sabe entrelaçar assim os espinhos entre as pétalas das mais encantadoras flores; que Ele seja bendito e que se cumpra sempre e em tudo a sua Santíssima vontade. Agradeço muito a V. Ex.^{cia} Rv.^{ma} o ter cá vindo o Senhor Doutor Formigão; gostei muito de o ver e de lhe falar, assim como o Senhor Padre Augusto.

Fiquei surpreendida ontem ao ler numa carta que recebi do Senhor Padre Aparício que Nosso Senhor lhe inspirou a fazer o mesmo pedido que eu enviei escrito, por meio do Senhor Doutor Formigão, pois que me tinha já há muito tempo concedido simplesmente licença para o fazer; espero pois que o bom Deus se dignará dar a V. Excelência uma inspiração favorável para sua maior honra e glória, de resto estou nas mãos de Deus disposta para o que Ele quiser submetendo-me a tudo o que V. Excelência Rv.^{ma} determinar.

Termino pedindo respeitosamente a V. Excelência Rv.^{ma} se digne abençoar esta que nas suas fracas orações pedirá sempre muito por V. Ex.^{cia} e por toda a Diocese.

Maria Lúcia de Jesus

r. de S. D.

¹ Pe. Augusto de Sousa Maia. Nasceu a 14 de abril de 1879. Foi professor do Seminário de Leiria, secretário de D. José, Bispo de Leiria, e foi nomeado cônego em 1943. Faleceu a 10 de junho de 1959.

Doc. 98
1928-11-04, Tuy

Carta de Lúcia para o Pe. José Aparício da Silva a agradecer o facto de este ter enviado a D. José, Bispo de Leiria, o pedido para a aprovação da devoção ao Imaculado Coração de Maria.

Publ.: DCF, V-1 - Doc.402

J M J
Rv.mo Senhor Padre Mestre

Tuy 4-11-1928

Era meu dever ter já escrito a agradecer a carta, santinho e orações de V. Rv.^{cia}, mas espero que terá desculpado a minha falta de empenho em cumprir este dever.

Senti grande alegria ao saber que tinha enviado ao Ex.^{mo} e Rv.^{mo} Senhor Bispo a explicação e súplica para a propagação da devoção ao Imaculado Coração da Nossa Santíssima Mãe do Céu; quanto a mim devia já ter participado a V. Rv.^{cia} o que fiz sobre este particular; pelo Rv.^{mo} Senhor Doutor Formigão e com licença da Rv.^{ma} Madre Provincial em pouquíssimas palavras fiz o mesmo pedido; Sua Ex.^{cia} Rv.^{ma}, julgando talvez o Senhor Padre Barros¹ ao facto do que se passava, numa carta que escreveu a Sua Rv.^{cia}, pedia para me dizer que estivesse em paz a respeito do assunto de que tratava o Senhor Padre Aparício; responderia depois. Espero portanto que o nosso Bom Deus se dignará inspirar a Sua Ex.^{cia} Rv.^{ma}, uma resposta favorável e que colherei entre tantos espinhos esta flor, vendo ainda na terra amado e consolado o Maternal Coração da Santíssima Virgem. Agora é este o meu desejo, porque é esta também a vontade do bom Deus; a maior alegria que sinto é ver o Imaculado Coração da Nossa Terníssima Mãe conhecido, amado e consolado por meio desta devoção.

Com respeito ao dia dos meus santos votos, não digo nada porque o que então se passou não se pode dizer, é só para se sentir; demais o nosso querido Jesus quis fazer-me graça de desfolhar aos pés do seu Sacrário as rosas do sacrifício; que mais devo desejar? Recebeu-me

¹ Foi confessor da Irmã Lúcia, depois de o Pe. José Aparício ter partido para o Brasil.

por esposa na Cruz, estou contente e agradeço os seus desígnios a meu respeito.

Termino pedindo o auxílio das orações de V. Rv.^{cia} para progredir sempre no caminho da perfeição segundo a vontade Divina. Nas minhas fracas orações nunca esquecerei a V. Rv.^{cia}

Maria Lúcia das Dores
r. de S. D.

Doc. 99**1928-12-20, Tuy**

Carta de Lúcia para o Pe. José Aparício da Silva a enviar os votos de boas-festas natalícias e a manifestar a sua alegria pelo facto de D. José ter respondido positivamente ao seu pedido de propagação da devoção ao Imaculado Coração de Maria.

Publ.: DCF, V-1 - Doc. 424

J M J

Tuy 20-12-1928

Rv.mo. Senhor Padre Aparício

Como se aproxima o feliz dia de Natal aproveito já esta ocasião para apresentar a V. Rv.^{cia} os meus respeitosos cumprimentos de boasfestas e os votos ardentes que faço junto do Presépio do Nosso Divino Jesus para que se digne conceder a V. Rv.^{cia} e a todo esse Noviciado um novo ano repleto de graças e bênçãos do Céu. Agradeço as palavrinhas que se dignou escrever-me tão consoladoras, meu Deus que alívio; cada dia que se passava sem resposta era uma nova tribulação, fazendo-me imaginar que o Ex.^{mo} e Rv.^{mo} Senhor Bispo se ia opôr à propagação da querida devoção, mas, graças ao nosso bom Deus e à nossa Terníssima Mãe do Céu, não foi assim; agora desejava ver quem trabalhasse em a propagar mas entrego tudo ao Imaculado Coração de Maria já que eu não posso fazer mais que orar e sofrer; sei que os Rv.^{mos} Senhor Padre Rodrigues e Senhor Doutor Formigão desejam trabalhar na propagação da devoção e pediram-me para lhes participar a resposta do Ex.^{mo} e Rv.^{mo} Senhor Bispo, se ela fosse favorável, mas diversas coisas se me apresentam que me impedem de escrever a suas Rv.^{cias}, e sinto muito não o poder fazer, pois que suas Rv.^{cias} dariam nesta devoção muita glória ao Imaculado Coração de Nossa Santíssima Mãe; mesmo ao Senhor Doutor Formigão seria talvez fácil arranjar umas estampas com o Imaculado Coração de Maria pedindo a devoção com a aprovação do Ex.^{mo} e Rv.^{mo} Senhor Bispo, sem que se saiba a origem, pois que isto não queria de maneira alguma que se venha a saber; o Senhor Padre Barros recebeu grande consolação ao saber a resposta de Sua Ex.^{cia} Rv.^{ma}, prometeu inculcá-la a todas as pessoas que lhe fosse possível e perguntou se não se poderia propagar com mais

eloquência; a isto só respondi que era esse o meu desejo. Agora queria expôr tudo o que na minha alma se tem passado, o que seria para mim um grande alívio, mas o bom Deus pede-me este sacrifício e eu não devo recusar-lho, fica para quando a sua Divina misericórdia me conceder a graça de o poder fazer pessoalmente, se para isso o bom Deus me der também palavras pois que muitas vezes guardo silêncio por me não poder exprimir, mas que Jesus seja bendito na verdade; o que a mim mais me convém é o silêncio, que a sua Divina misericórdia me conceda na mesma abundância deste silêncio que só Ele sabe quanto custa o esquecimento das criaturas; é este o meu grande desejo.

Termino apresentando mais uma vez os meus sinceros cumprimentos de boas-festas e recomendando-me às orações de V. Rv.^{cia} de quem sou serva dedicadíssima em Nosso Senhor.

Maria Lúcia de Jesus
r. de S. D.

Doc. 100
1929-01-20, Lisboa

Artigo publicado no jornal “Novidades”, assinado por “Lemnis”, sobre a oferta, por Pio XI, de uma pagela com novena de Nossa Senhora de Fátima, aos alunos do Pontifício Colégio Português, em Roma.

Publ.: DCF, V-2 - Doc. 467

CARTAS DE ITÁLIA
FÁTIMA EM ROMA – UMA OFERTA DO PAPA

Fátima não é hoje íman que apenas atrai os corações de todos os portugueses e os prostra aos pés da Santíssima Virgem, agradecendo os benefícios da sua misericórdia e implorando perdão para os desvios do passado, com as bênçãos do seu generoso amor para um Portugal maior.

Fátima não é unicamente para os portugueses, a cintilação de todas as estrelas, o perfume de todas as flores, que vem espargindo ondas de luz e fragrâncias para consolação e alívio dos seus males.

No estrangeiro já se fala nesse abençoado cantinho da nossa terra, tão singularmente favorecido por Nossa Senhora. Na Europa e nas Américas, Fátima vai despertando a atenção, que passa facilmente ao louvor. Devemos confessar, porém, que não temos sabido apregoar esta maravilha da nossa pátria, tornando conhecidos, pela imprensa das diversas nacionalidades, os factos extraordinários que tanto nos honram. Diria mesmo que é bem superior ao mérito do nosso esforço e divulgação da miraculosa Fátima.

É sempre característico o nosso egoísmo comodista e indolente, quando não chegar a fechar os olhos perante o que a Pátria nos oferece de belo e peregrino, para contemplar esquecidamente as glórias estranhas!! Trata-se, é certo, duma obra divina, mas nem por isso dispensa a colaboração dos elementos humanos.

¹ Jornal diário, fundado em 1855, por Emídio Navarro. Foi suspenso em 1913, reaparecendo, como diário católico, em dezembro de 1923, sem indicação de diretor. Em 1939, esse cargo foi assumido por Fernando Pais de Figueiredo. Deixou de publicar-se após 25 de abril de 1974.

Há em Fátima o sobrenatural?? Tal é persuasão de quantos estudam cabalmente os factos que aí se vêm verificando, e a confissão espontânea de cultos e sinceros espíritos, que não se envergonham de dobrar o joelho e repetir o “Venceste Galileu!!”, perante a evidência do milagre.

Que resta para que esta crença possa ser abraçada seguramente por todos, e Fátima seja proclamada oficialmente a Lourdes Portuguesa? A confirmação autoritativa de quem a Providência constituiu depósito infalível² da verdade, a aprovação do Vigário de Cristo na terra. Urge, pois, apressar o seu veredictum solene. Como conseguí-lo, porém? Tornando conhecida, ao longe e ao largo, Fátima, o que além de tudo é patriótico, e assim violentar o coração da Virgem do Rosário de Fátima a confundir a soberba incredulidade dum jacobinismo relapso e impenitente.

A prudência divina da Igreja não é perturbada pelo entusiasmo da nossa crença, contentando-se apenas com documentos sérios e factos inegáveis.

É, todavia, doloroso o que notamos. Com toda a intensa vida do sobrenatural em Fátima, há 12 anos, ainda hoje estamos sem uma obra rigorosamente crítica e científica, que apresente devidamente as curas miraculosas e as conversões. O que tem aparecido é muito pouco; é, diremos francamente, nada ou quase nada, para quem desejar fazer um estudo sério e completo através dos livros.

É absolutamente inadiável a publicação duma obra, já prometida, em que os acontecimentos sejam metodicamente estudados e em que se analisem criticamente os factos. Para isso não faltam ótimos elementos, requerendo-se apenas quem, embora com sacrifício de outras ocupações, os aproveite valiosamente.

Há dias, contando o que se tem passado em Portugal a um distinto filósofo e primoroso escritor francês, com mágoa o dizemos, ficámos embaraçados quando nos pediu uma história e documentos, pois desejava estudar demoradamente. A propósito, diremos que recebeu com visível agrado a novidade, sem temer que se eclipse o brilho de Lourdes, e afirmando que “hoje é tão preciso o sobrenatural, como nos primeiros tempos da Igreja”.

É necessária a propaganda séria de Fátima, e neste sentido tem havido muitas deficiências.

Temos ficado em quieta e pacífica admiração dos factos, sem os procurar valorizar convenientemente, tal foi a nossa conclusão ao pensarmos no que vimos de dizer.

² *No texto*, infantil

E, se a propaganda de Fátima em toda a parte é útil, há uma nação e uma cidade, onde dum modo particular ela se impõe.

Refiro-me à Itália, e sobretudo a Roma. A Cidade Eterna é, sem dúvida, religiosa. Ali encontram-se filhos de todas as nacionalidades, que vão, junto do Pai Comum, beber a verdade católica, e formar-se para as exigências do Apostolado Moderno.

Sabemos que os alunos do Colégio Português em Roma, no entusiasmo do seu amor à Virgem do Rosário de Fátima, não se têm, felizmente poupado a fadigas e canseiras para tornar conhecidos os prodígios, cujo teatro é um canto da sua muito amada pátria. Hoje, em Roma, na Universidade Gregoriana, estudantes espanhóis, franceses, belgas, alemães, ingleses, italianos, etc., etc. interessam-se pela vida de Fátima e pedem continuamente pormenorizadas informações.

O jornalzinho “Voz da Fátima” é distribuído sollicitamente, e as dificuldades da língua são facilmente superadas. Os jornais italianos têm feito várias referências a tão privilegiado Santuário de Maria, e hoje Fátima não é completamente ignorada, na Itália, mesmo nas mais altas esferas, embora haja ainda muito a fazer. Consolador, porém, é o facto que passamos a expôr, e de que cada um poderá tirar as conclusões que quizer, sem contudo desvirtuar o seu alto significado.

No dia 9 do corrente, foram os alunos do Colégio Português em Roma recebidos, em audiência particular pelo Santo Padre, que olha por aquela casa de formação eclesiástica com um escolhido carinho paternal e com singular afeto. Antes de dar o anel a beijar, Mons. Caccia que o acompanhava, entregou-lhe uma estampazinha que concentrou todos os olhares. Foi com a máxima surpresa que os Rev.mos Mons. Reitor, Diretor Espiritual e os alunos do Colégio ouviram o Papa ler: “Madre Clementíssima – (e em português) Salvai Portugal”. Depois, olhando para os alunos, diz paternal e bondosamente: “**sono arrivato proprio adesso con francobolli dal Portogallo, e sono mandate dalla Divina Providenza per voi. Vi do due: una per voi, e l'altra per mandare alle vostre famiglie anche pregare per il Papa**”.

Traduzimos fielmente para quem não perceber o fá cil italiano. Depois de ler em italiano e português, como indicamos, a invocação “Mãe clementíssima, salvai Portugal, disse: “**Chegaram mesmo agora com selos de Portugal, e foram mandadas pela Divina Providência para vós. Dou-vos 2; uma para vós, e outra para mandar às vossas famílias para também rezarem pelo Papa**”.

Não é necessário dizer que se trata dumas estampas de Nossa Senhora de Fátima, editadas pelo “Apostolado da Imprensa”, Porto, que além da invocação da primeira página a que aludimos, têm na segunda,

terceira e quarta a Novena à Virgem do Rosário de Fátima com o “Imprimatur” do Venerando Prelado de Leiria, em 17 de maio de 1926.

Como e por quem foram enviadas tais estampas ao Santo Padre, ainda o ignoramos, mas não podemos deixar de ver aqui mais um episódio interessante, para a história de Fátima. Que importância tem o facto? Para os incrédulos e indiferentes, que vivem bramindo e escabujando na sua miséria moral, – nenhuma, absolutamente nenhuma. Porém para os católicos, para os crentes, para os filhos submissos da Igreja, para quem não acredita inútil o “**Ego rogado pro te ut non deficiat fides tua**” do Divino Mestre a Pedro, não é esta uma banal e insignificante atitude do Santo Padre.

Não se trata evidentemente duma definição perentória, duma afirmação solene da sobrenaturalidade de Fátima, e seria insensato tal pretender. Contudo, ouvimos já a alguém, de grande autoridade pelo seu saber e virtude, cujo nome calamos para obedecer às exigências da sua modéstia, chamar a tal facto “uma aprovação implícita”. Se parecer exagerada esta apreciação autorizada, ninguém recusará ver aqui uma simpatia do Vigário de Cristo, bem para assinalar. O papa conhece as maravilhas de Fátima, o Papa pensa em Fátima, e isto já é muito para os que conhecem a vida providencial da Igreja, para os que sabem ter assim começado as coisas mais gloriosas, que hoje são reconhecidas como verdades inegáveis e factos indestrutíveis.

Os alunos do Colégio Português em Roma, guardarão, sem dúvida, avaramente, essa relíquia de Fátima, que “o Papa entregou a cada um pela própria mão”, e esperamos, em Deus e na Virgem, que um dia constituirão uma página gloriosa de Fátima, início do triunfo dum processo histórico.

[...]

Que a devoção à Virgem de Fátima progrida e se intensifique, que a nação lusa se mostre devidamente grata aos céus, e Maria será sempre a chave da nossa história, dessa história que iluminou o mundo com os seus refulgentíssimos rasgos de luz.

LEMNIS³

³ Este pseudónimo foi interpretado pelo Padre José Maria Félix como sendo inspirado na palavra *amnós, cordeiro*, e atribuiu a autoria do artigo ao Reitor do Colégio Português, na época, Mons. Porfírio da Silva Mendes *Cordeiro*, da Diocese de Portalegre.

Doc. 101
1929-02-13, Roma

Carta de Joaquim Carreira para o Pe. Arnaldo de Magalhães a informar do que se tem passado em Roma, relacionado com Fátima, e a perguntar qual foi a reação, em Portugal, ao facto de o Santo Padre ter distribuído estampas de Nossa Senhora de Fátima pelos alunos do Pontifício Colégio Português, em Roma.

Publ.: DCF, V-2 - Doc. 502

COLÉGIO PORTUGUÊS
Via Banco S. Spirito, 12
ROMA XII

Meu caro Sr. Pe. Magalhães

Acho que era bem tempo de responder à sua carta de 27 de dezembro (do ano passado!) – que me trouxe muita satisfação, como, aliás, todas as suas. Muito obrigado pelas boas notícias que me dava, assim como pelas expressões de amizade que a acompanhavam. Vejo que o meu amigo ainda me não pôs de parte, como já fizeram outros. Ainda bem que encontrei em V. Rev.^a um coração devotado e gentil, que me sabe compreender. Bem haja. Por minha parte cá o vou recomendando a Nossa Senhora de Fátima, pedindo-lhe também que Ela me deixe tornar a abraçá-lo, aí no nosso querido Seminário...

Ainda por aí não chegou a gripe? (Refiro-me ao seminário!). No Colégio já foram à cama uma meia dúzia deles. Eu, felizmente, tenho escapado. O inverno é que tem sido tremendo. Ninguém se lembra em Roma de um frio assim, há mais de 50 anos.

¹ Nasceu no Souto de Cima, Leiria a 8 de setembro de 1908, entrou no Seminário de Leiria, em outubro de 1920, e, em 1926, foi para o Colégio Português, em Roma. Depois de ordenado (1931), regressou a Portugal e, durante 10 anos foi capelão da Boavista (Leiria). Entretanto assumiu as funções de vice-reitor do colégio Português, em Roma, e, em 1946, de reitor. Faleceu, em Roma, a 7 de dezembro de 1981.

² Nasceu no Rio de Janeiro, a 18 de dezembro de 1870. Entrou na Companhia de Jesus, em 1885, tendo sido ordenado sacerdote em 1903. Foi diretor espiritual do Seminário de Leiria, de 1925 a 1942. Faleceu, em Coimbra, a 11 de janeiro de 1953.

Tem chegado a 10 negativos (e não sei se mais). Há dias, chegámos à Universidade e dentro do pátio estava 2 ½ abaixo de zero. Isto às oito horas. E quem se levanta às 5h e ¼!

É que a vida nem sempre é um mar de rosas; – por enquanto vai sendo, mas é um mar de gelo!

Isto quanto ao tempo.

Está nomeado um vice-reitor para o Colégio: um Padre da Madeira (Dr. Teodósio) que eu não conheço. Não sei quando virá. Talvez depois da Páscoa.

Nos dia 2 do corrente, fizemos uma academia em honra do Papa e de Nossa Senhora, cujo programa lhe envio. Assistiram: Alguns brasileiros, 3 franciscanos (um dos quais veio para Roma o ano passado, e é lá dos meus lados. O Sr. Dr. Marques deve conhecê-lo – é o Sr. Pe. Jacinto da Costa, dos Matos, patrício do A. Manso); dois jesuítas brasileiros; o Sr. Pe. Fonseca, o Sr. Pe. Fazenda e o Sr. Pe. J. M. Moreira. Presidiu o Sr. Bispo de Meliapor. Correu tudo menos mal.

Aí vai também um programa para o Sr. Dr. Marques. Gostei muito de falar com o Moreira. Fiquei a conhecê-lo bem. É um belo rapaz: franco, alegre e sobretudo um apóstolo de Fátima.

Como tal nunca vi! A propaganda de Fátima que ele fez pelo Brasil já V. Rev^a a conhece, creio eu. No entanto, deixe-me dizer-lhe alguma coisa. Pela região onde ele estava foram já distribuídas mais de 2.000 estampas de Nossa Senhora (daquelas que trazem a novena). Artigos em jornais e revistas escreveu uma porção deles. A propósito de um artigo que escreveu num dos jornais dali (O “Jornal Pequeno”), contou-nos o seguinte: – O artigo intitulava-se a “Lourdes Portuguesa”. Ora quando há um artigo excepcional saem os garotos para a rua a anunciá-lo por toda a parte. Foi o que fizeram também com este. E toda a gente queria saber do que se tratava. O caso é que, passado pouco tempo, estavam vendidos todos os jornais. Havia ali um célebre espiritualista – e dos mais avançados a quem um amigo levou o jornal para que ele lesse também. “Ná! Não leio.”

– “Há-de ler; pois porque não?”. E na verdade para comprazer com o amigo, leu... E, antes de terminar a leitura, volta-se para ele e diz:

– “Mas isto é bonito!...”.

– “Pois sim, mas leia tudo”.

E o espiritualista continuou a ler até ao fim. E diz-lhe o amigo que advertira já na impressão que lhe causara a leitura daquele modesto artigo (em que descrevia brevemente a história das aparições e a peregrinação de maio do ano passado): “Então que lhe parece?”.

– “Que lindo!...”.

– “Agora desta vez sempre se converte ou ainda não? E o espiritualista incrédulo já lhe não deu resposta. Pôs-se a chorar, e... converteu-se!... Bendita seja Nossa Senhora de Fátima! Voltando ao nosso Moreira, digo mais que ele aqui continua com a propaganda. Já tem os professores na Gregoriana quase todos convertidos!

Uns pedem informações, outros santinhos. Uns lêem “As Grandes Maravilhas de Fátima” – os outros falam do assunto. Diz ele que tem pena de não saber falar bem o italiano. Entre os professores entusiasmados estão: Pe. Restrejo (colombiano, professor do 1º ano de Direito – a quem deu todos os meses a “Voz da Fátima”). O Pe. Boyer (professor do 2º ano de Teologia, que pediu um livro ao Venâncio para ler a história dos acontecimentos); o Pe. Van Laak e o Pe. Zapelena (professores do 1º ano de Teologia). O Pe. Mostaza (2º ano de Direito); e outros que o Moreira conhece. Anda um jesuíta tuberculoso a fazer uma novena a Nossa Senhora de Fátima, por conselho do mesmo. Peço o favor de me responder a esta pergunta: que impressão causou aí a carta da Itália sob o título de “Fátima em Roma”? Note que não era dos leirienses. Não soubemos nada senão quando a lemos nas “Novidades”.

O Venâncio manda perguntar se aquelas gravuras que vêm no livro “As Grandes Maravilhas de Fátima”, a págs: 181, 187 e 193, representando três aspetos do fenómeno solar em 13 de outubro de 1917, são fotografias autênticas, tiradas então ao sol. Peço o favor de lhe dizer se sim ou não.

Uma outra pergunta (por enquanto *sub secreto*): Que se diria por aí (ou que lhe parece) se houvesse alguém que se atrevesse a publicar um opúsculo, aí de umas 50 páginas, contendo em largos traços a história das aparições e das peregrinações? Era destinado a fazer propaganda de Fátima pelo estrangeiro, devendo por isso ser escrito em duas ou três línguas (francês, italiano e alemão).

Seria prudente uma empresa destas? Seria uma coisa boa? Procure informar-se, como puder, e depois tenha a bondade de me comunicar. V. Rev^a sabe que nós andamos há tempos para arranjar uma estátua de Nossa Senhora de Fátima para o Colégio. Quer saber mais um pouco? – Há quem no-la ofereça! É o Tedim. Disse ele que não nos manda já para maio (como nós queríamos) uma que lá tem quase pronta, porque quer empregar todo o cuidado na que há de oferecer ao Colégio: que há de ser uma obra, a melhor que possa produzir a sua arte, ajudada com a graça de Deus! Peço o favor de não divulgar. A mim ninguém me pediu segredo, todavia...

Quando me escrever peço o favor de nos mandar dizer o mais que puder sobre Fátima e sobre o Seminário, já que mais ninguém é capaz de o fazer... Eu precisava de alguns santinhos de Nossa Senhora de Fátima; mas não tenho *cum quibus*...; por outro lado envergonho-me de os pedir diretamente ao Sr. Bispo ou ao Sr. Dr. Marques. É claro que não eram para mim: eram para distribuir por esse mundo além. Quererá V. Rev^a fazer-se meu intercessor?

Da questão romana que quer que lhe conte? Notícias abundantes devem vir nas “Novidades”. Limito-me a algumas impressões particulares. Os italianos estão contentíssimos (pudera!). Eu nunca vi tanto entusiasmo em Roma toda e em S. Pedro como no dia 12 p.p. É claro que nada disto se compara ao entusiasmo de Fátima, porque os italianos são muito frios. Durante todo o cortejo pontifício (e eu pude observar tudo muito bem porque ia encorporado nele, a servir de secretário de sua Em^{ia}, o Sr. Cardeal Bisletti) os vivas e as palmas eram contínuas. Até aqui parece que os italianos não gostavam nada do Cardeal Gasparri; mas agora!?... Ao longo do cortejo todos perguntavam por ele, todos apontavam para ele, e muitos lhe davam vivas!

Um dos vivas que, por umas poucas de vezes me feriu os ouvidos, foi este: “Viva il Papa della Conciliazione!”

No fim do Pontifical, o Papa deu, no centro da Basílica, a bênção papal com indulgência plenária a todos os presentes. Estavam muitos oficiais italianos de vários regimentos e da milícia fascista; e todos perguntavam pelo Gasparri. Bendito seja Deus! Foi um dia completamente cheio.

Graças a Deus que já se vê a bandeira arvorada em Roma ao lado da Italiana, não só nas casas particulares mas até nos edifícios do estado!

É a melhor obra de Mussolini. Soube no dia 12 em casa do cardeal Bisletti que o rei não queria assinar o tratado de conciliação; foi preciso ser obrigado pelo filho, o príncipe Umberto, (que é muito piedoso) e por Mussolini. Basta ele ser maçónico. O príncipe Umberto há muito que andava deserto que se chegasse a este acordo.

Como esta já vai de légua e meia, e, o que é pior, sem pés nem cabeça, vou terminar pedindo a fineza de desculpas para todas as faltas que encontrar ao longo destas 15 páginas. Ao menos é uma vez boa!

O Sr. Pe. Fonseca pede-me para lhe apresentar muitos cumprimentos. Ele vem ficar ao Colégio, mas durante o dia não está. Vem às 6^{as}, ceia conosco e sai de manhã pelas 6 horas e meia, pouco mais ou menos. Como vê é muito pouco tempo. Paciência. A rapaziada aí teve festa todos os três dias de Carnaval, não é verdade? E que tal? Nós aqui não tivemos divertimento nenhum.

Peço a fineza de apresentar muitos e respeitosos cumprimentos aos Srs. P^{es}. do Seminário e de dizer ao Sr. Pe. Silva que recebemos as cartas do Sr. Bispo por causa do serviço militar. É claro que a gente devia escrever ao Sr. Pe. Silva, mas já que deixámos passar tanto tempo...

De Leiria quem vem a Roma este ano? Não sabe se o meu pároco tenciona cá vir?

Cumprimentos do Almeida³.

Do muito sincero amigo e servo em Jesus Cristo

Roma, 13 de fevereiro de 1929

Joaquim Carreira

³ José Fernandes de Almeida.

Doc. 102**1929-05-12, Lisboa**

O jornal “Novidades” transcreve da revista “Reinado Social”, um artigo sobre a expansão de Fátima, da autoria do Pe. Manuel Pereira dos Reis.

Publ.: DCF, V-2 - Doc. 648

“O PRESTÍGIO DE FÁTIMA”

É da magnífica revista “Reinado Social” o artigo que hoje publicamos, da pena brilhante do sr. dr. Pereira dos Reis.

**FÁTIMA É NO DIA DE HOJE O MAIS LUZIDO ALTAR DA
PADROEIRA DE PORTUGAL**

Na oração magnífica que sobe da abençoada Cova da Iria até ao trono da Mãe de Deus – a Mãe dos portugueses – unamo-nos todos, com a alma ajoelhada, e as mãos erguidas em gesto de um perdão que nos salve, na promessa de uma ressurreição que nos reabilite

Sobre o primeiro milagre de há 12 anos – fá-los hoje – outros milagres se repetem: já se pode ver na poalha de ouro e de luz, que anda a pairar no céu de Fátima, o sinal de uma redenção que há-de salvar Portugal a Maria e Maria a Portugal

FÁTIMA ainda não figura – graças a Deus! – nas eruditas páginas dos Baedekers internacionais, nem os loquazes e soberbos agentes da *Cook and Sons* nos metem à força nas mãos, por essas estações ferroviárias de Portugal, convidativas cadernetas fotográficas luxuosas ou papelinhos de cor, pequeninos e espertos, persuadindo-nos a excursão aliciante.

Os mesmos amigos de Fátima, ainda os mais dedicados e entusiastas, não se atrevem a dizer que tal jornada seja outra mais do que uma verdadeira peregrinação – uma peregrinação de penitência bem dura, pela dificuldade dos meios de acesso e pela absoluta falta de cómodos, ainda os mais rudimentares.

É contudo, a grande vaga das multidões a caminho de Fátima nos dias 13 de cada mês, mormente em maio e outubro, engrossa de ano para ano.

Quem peregrina uma vez à Cova da Iria sofre a fascinação dominadora daquele lugar sagrado; e, ao despedir-se, traz uma saudade que se lhe prende a alma, como no coração do exilado se prende a nostalgia da pátria distante...

É possível que não volte, mas sentirá necessariamente o desejo de voltar.

A que atribuir tão estranho poder de atração?

* * *

Nada, ou quase nada sabemos, ao certo, das aparições de Fátima. A Santa Igreja vem longamente meditando, há doze anos, o ensinamento que um dia nos fará ouvir. Enquanto se agita a nossa impaciência de humanos, cuja vida se conta por dias, a Igreja, segura da sua imortalidade que domina os séculos, guarda silêncio e não pronunciou ainda a palavra que há-de esclarecer o segredo da Cova da Iria.

Quando a pronunciará?

Só Deus sabe.

A nós basta saber o prestígio inegável de Fátima e o eterno prestígio do divino quando se manifesta ante dos nossos pobres olhos humanos.

* * *

Já foi assim quando o Senhor chamou Pedro, Tiago e João a presenciar a visão triunfal do Tabor: – “Ó Senhor! como é bom estar aqui! Vamos levantar três tendas para Ti: para Moisés e para Elias que vemos a teu lado. Nós dispensamo-las: basta-nos a felicidade sem limites de ver as claridades da Tua glória.

As multidões de Portugal, ouvindo o pregão das criancitas ignorantes, edificaram em Fátima as tendas modestas – santuários pobrezinhos que são a casa do Senhor –, ajuntam-se cada vez mais numerosas na Cova da Iria, e enlevadas na beatitude da visão de Cristo que passa, ainda até agora não careceram de tendas onde repousar.

... E Cristo, compadecido das turbas que sofrem, “passa fazendo o bem”, como percorreu outrora a terra da Judeia e da Galileia.

Mas, como em Caná, assim também na Cova da Iria é Maria, a Mãe de Jesus, quem, intercedendo por nós, inspira as obras de misericórdia de seu Filho e nos ensina a merecê-las: – “Fazei o que Ele vos ordenar”.

Cristo “passa fazendo o bem”: – “Os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem... e o Evangelho é pregado aos pobrezinhos”.

* * *

Para suplicar o milagre ou para o milagre presenciar, as multidões correm a Fátima, como se o milagre fosse o objetivo principal da passagem de Jesus entre os homens...

O nosso egoísmo faz-nos esquecer que os milagres do Senhor constituíram simples incidentes e que o fim *único* da vida terrestre do Homem-Deus, foi trazer-nos a “mensagem do Pai”, “iluminar os que estavam imóveis nas trevas e nas sombras da morte”, fazer-nos um com Ele próprio, tornar-nos noutros Cristos pela Redenção.

Esquecemos...

Queremos ver prodígios...

E em Fátima, por disposição da Providência de Deus que “bem conhece o barro de que somos feitos”, Maria, a Medianeira de todas as graças, acolhe as nossas pobres súplicas e, com a sua onnipotência de Mãe junto do Filho, apresenta-os a Jesus. E Cristo “passa fazendo o bem”: sara os nossos males, livra do sofrimento os Seus humildes irmãos pecadores.

E para quê?

Para que o Evangelho “seja anunciado aos pobrezinhos”.

Fátima é a repetição da história evangélica da Judeia e da Galileia.

* * *

Na charneca ainda estéril da Serra de Aire, Jesus passa, pregando Ele próprio a sua doutrina e “confirmando-a com sinais” divinos. Quando amanhã a ciência, após metucioso estudo, vier terminantemente fazer confissão da sua impotência para explicar por meios naturais os prodígios da Cova da Iria, estaremos em presença do milagre – o fenómeno sensível, extraordinário, que atrai todos os olhares, que se impõem a todas as inteligências, que se proclama com entusiasmo, que é narrado, descrito, demonstrado.

Estaremos em presença do *facto apologético de Fátima*, denunciando a intervenção direta de Deus, a Quem apraz revelar a sua onnipotência por uma forma tangível, indubitável.

E com que fim?

Para confirmar a fé dos que creem e para acender a luz da crença nas almas de boa vontade onde ela não brilha, dispensando-as de buscar algures, à custa de mais longo e mais penoso esforço, as consoladoras e fortes certezas da doutrina que salva.

Fátima surgiu providencialmente para que o Senhor possa ouvir ali, como ouviu outrora na Judeia, o brado angustiado dos corações portugueses, onde a esperança renasce: – “Senhor, a quem iremos? Só tu tens palavras de vida eterna!...”.

* * *

Maria –, *a linda Senhora* dos pastorinhos de Fátima –, ouve e abençoa o brado da nossa fé.

A vasta multidão aglomerada na Cova da Iria, e vibrando unida no mesmo amor a Jesus e à Virgem, é composta de almas, cada uma das quais por Maria é conduzida a Jesus, à intimidade com Deus, à união com Deus.

Por isso a atmosfera de Fátima é uma atmosfera de oração. Uma graça poderosa parece impregnar o ar que ali se respira. A prece, feita de adoração da bondade e da grandeza de Deus, de contrição dos nossos pecados, de ação de graças por benefícios recebidos, de súplica pelas nossas grandes necessidades, sai dos corações tão abundante como a água que jorra da fonte miraculosa.

Reza-se e deseja-se fazer sempre mais. Mesmo quando as forças do corpo esgotadas, não podem mais, a alma não está ainda saciada.

Maria quer ver as almas no convívio estreito com Jesus. *Ad Jesum per Mariam*.

* * *

Maria, concebida da mente do Eterno para dar aos homens o Verbo de Deus, continua a completar em Fátima a sua missão de colaboradora indispensável do Senhor na obra da Redenção humana, dando os homens a Jesus.

E Jesus-Hóstia, oculto sob as espécies sacramentais, olha enternecidamente o mar humano que a seus pés se espraia por toda a vastidão dos senhorios da Virgem, no mistério e na sombra das longas noites de adoração.

Das multidões joelhadas ergue-se até à custódia de oiro, agora o murmúrio lento das orações, logo a rajada impetuosa e triunfal dos cânticos saudando a Cristo Rei no Sacramento do seu amor infinito.

O clamor imenso das aclamações, sobe até às estrelas. Toda a montanha estremece e se abraza, e “arde na glória do Senhor”.

Fátima é a nova Tabor. A alma portuguesa, no deslumbramento do vulto fulgurante de Jesus que “passa fazendo o bem” e ali reina pelo amor do Seu Coração, ouve a voz do Céu – “Este é o meu filho bem amado no qual pus as minhas complacências. A vós cumpre ouvi-lo”.

“– Ó Senhor! como é bom estar aqui...!”

Pe. Manuel Pereira dos Reis

Doc. 103**1929-08-07, Lubango**

Carta de Ângela do Amaral Canduzeiro para o Pe. Manuel Pereira da Silva, sobre o aumento do culto de Nossa Senhora de Fátima em Angola.

Publ.: DCF, V-3 - Doc. 842

– Voz da Fátima (Março)

Lubango, 7 de agosto de 1929

Ex.^{mo} e Reverendíssimo
Sn^r P^e. Manuel P. Silva

Não imagina V. Ex^a o bem enorme que vem espalhando a leitura do jornalzinho “Voz da Fátima” de que sou muito devotada assinante, pois a sua leitura amena e desprestenciosa, as curas maravilhosas e extraordinárias obtidas por intercessão da nossa Mãe Santíssima, operam nos nossos espíritos, ávidos das coisas divinas, as maiores transformações, e a corrente caudalosa de crentes engrossa dia a dia!

A devoção pela Virgem Santíssima de Fátima, tem tomado verdadeiras proporções, não havendo já (sem receio de mentir) casa de família alguma, onde a Virgem não seja venerada e invocada com fervor, nos transe angustiosos da vida. As graças obtidas pela sua intercessão são numerosas, sendo algumas verdadeiramente extraordinárias. Afastados como estamos de centenas e centenas de quilómetros dessa estância gloriosa e bendita, necessário se tornava para a piedade dos fiéis um altar com a imagem da Santíssima Virgem, onde pudessem ir piedosamente a seus pés, implorar a proteção de que carecessem e em comum com os seus irmãos em Fátima, render-lhe as homenagens a tão Excelsa Padroeira!

Mandámos então vir uma Imagem e, curiosa coincidência inexplicável, chegou aqui, e pela primeira vez em terras africanas, pudemos contemplar a Imagem gloriosa e Bendita, a cópia fiel da de Fátima, no dia 13 de novembro próximo passado!! A Santíssima Virgem quis também fazer a sua primeira aparição em África, num dia 13, para provar aos seus filhos africanos que era esse o dia escolhido para a sua Glória! Organizámos então uma comissão para realizar a primeira festa em honra de Nossa Senhora de Fátima em terras de África e para que tivesse

maior brilhantismo, fez-se pela primeira vez o mês de Maria, e a 13, comemorando a primeira aparição em Fátima, fez-se a festa, que constou de missa cantada. O comovente e edificante sermão do reverendo Pe. Pereira, Diretor da Missão do Muninho que com eloquentíssimas palavras, exaltando as glórias da Santíssima Virgem, fez derramar copiosas lágrimas de emoção no atento e numeroso auditório. Após a missa foram distribuídos o Santo Crisma, a centenas de crianças e alguns adultos, não havendo memória até hoje, de se ter juntado tanta gente, nesta pequenina e encantadora Igreja desta linda terra africana!

Vieram dezenas de automóveis e camionetes das localidades mais próximas para assistirem a essa modesta e encantadora festa religiosa, que deixou as melhores impressões em todos aqueles que tiveram a dita de a ela assistirem. E que linda estava a Santíssima Virgem! no seu trono profusamente ornamentado das mais lindas flores, e com o seu meigo e terno olhar parecia envolver todos no mesmo amplexo de paz e amor que irradiava em torno de si, como a prometer que doravante teriam uma Protetora a quem recorressem. Desde maio que se celebra todos os dias 13 a missa em sua honra, e está sempre a Igreja cheia de devotos de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Praza a Deus e para maior glória da Santíssima Virgem, que as graças obtidas pela sua intervenção, sejam o elo que nos una ao trono de Deus, e o caminho que nos conduz à Bem-aventurança eterna!!

Junto remeto a V. Rev.^{ma} a esmolinha de 300\$00 para a Nossa Senhora de Fátima por duas graças obtidas, e em cumprimento de promessa! 250\$00 são de José M. Góis pela cura de seus filhos, duma morte iminente e 50\$00 duma Senhora a quem a Santíssima Virgem lhe valeu numa grande aflição!

Que a nossa querida Mãe do Céu continue derramando a luz sobre os que a invocam com fé e amor, as mais abundantes graças, e que todos os corações se sintam abraçados do mais vivo ardor pela misericórdia infinita de tão Augusta Mãe, são os desejos veementes duma simples devota que com a maior consideração se subscreve

De V. Rv.^{ma}

M^{to}. At.^{ta} Ver^a e obr.^{ma}

Ângela do Amaral Canduzeiro

Caixa Postal nº 22
África Ocidental
Via Mossâmedes
Lubango

Doc. 104**1929-09-20, Santa Maria de Oya**

Carta do Pe. José Aparício da Silva para D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, sobre Lúcia.

Publ.: DCF, V-3 - Doc. 924

SANTA MARIA DE OYA

20 de setembro de 1929

Il.^{mo} e Reverendíssimo Senhor

Saudando e cumprimentando respeitosamente a V. Exc.^{ia} Rev.^{ma}, aproveito a ida do R. P. Arnaldo Magalhães para confiar umas coisas, que de outra maneira não confiaria ao papel nem aos correios por serem de *íntima confidência*.

Consta-me que a irmã Maria Lúcia está desejosa de falar com S. Ex.^{cia} Rev.^{ma} e julgo que lhe faria um grande bem, se S. Ex.^{cia} Rev.^{ma} pudesse dar uma fugida até TUY.

Dois sacerdotes: um, religioso, deu-lhe há tempos a notícia da fundação do Novo Instituto que tem atualmente a sua sede no Porto – Quinta Amarela; e outro, secular, aconselhou-lhe imprudentemente o ano passado que o seu lugar não era ali, mas noutro Instituto. Como ela só deseja fazer em tudo e sempre a vontade de Deus, tanto a notícia como o imprudente conselho trouxeram-lhe ao espírito não pequena perturbação. Ora eu julgo, pelo menos nas circunstâncias atuais, que seria um grande erro, se ela se deixasse levar por estas imprudências que praticaram estes dois sacerdotes. Tenho-a dissuadido disso sempre, e ainda ultimamente no dia 16 do p.p. em que estive em TUY, aconselhando-lhe que se santifique no Instituto que abraçou e em que vive, que seja modelo de observância etc., porque é esta a Vontade de Deus, até sua divina Magestade manifestar claramente o que quer dela.

Parece-me ter ficado sempre sossegada.

Está também desejando ansiosamente ver propagada a devoção dos 5 primeiros sábados em honra de Nossa Senhora.

No dia 30 do corrente e dias seguintes espero estar em TUY de passagem para outra casa, se a Santa Obediência não determinar outra coisa.

Isto queria e desejava comunicar a Vossa Exc. Rev. para estar prevenido na hipótese que fale com ela.

Beijo respeitosamente o sagrado anel de V. Exc. Revma.

De V. Exc. Rev. ínfimo s. atº e Obr.^{do}

José Aparício, S. J

Doc. 105**1929-09-25, Roma**

Carta de João Pereira Venâncio¹ para o Pe. Manuel Pereira da Silva a informar que já tinha tomado o subdiaconado e a referir a pena que tiveram, pelo facto de o escultor José Ferreira Thedim se ter atrasado na conclusão da Imagem de Nossa Senhora de Fátima, destinada à Capela do Pontifício Colégio Português, em Roma.

Publ.: DCF, V-3 - Doc. 937

COLEGIO PORTOGHESE
VIA BANCO S. SPIRITO, 12
ROMA (XII)

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor P. Silva

Estou-lhe a escrever já subdiácono. Tomei-o hoje, dia de S. Mateus, na Igreja dos Carmelitas – S. Teresa. Devia... ter-lhe pedido – eu só sei pedir! – as suas fervorosas e valiosíssimas orações antes de o tomar, mas fui guardando – há de ser sempre a mesma coisa! – e depois... chegou-se o dia da entrada para exercícios sem eu poder fazer o que queria e... devia!, porque não se tratava só de egoísmo – Santo egoísmo, não é assim, Snr. P. Silva? – mas dum dever que eu tinha de lhe participar a minha próxima ordenação. Mas... – e cá vem o costumado refúgio – o Snr. P. Silva tudo e mais alguma coisa desculpará.

Os peregrinos já cá estão há 7 dias e ainda não falei com o Snr. Dr. Marques dos Santos; nem tão pouco o vi, nem a ele, nem ao snr. P. Miguel², nem ao Snr. P. Margalhau³. Vamos a ver se amanhã, domingo,

¹ Nasceu em Monte Redondo, Leiria, a 8 de fevereiro de 1904. Foi para o Colégio Português, em Roma, em 1923, e foi ordenado a 21 de dezembro de 1929. Foi sagrado Bispo a 8 de dezembro de 1954, tornando-se Bispo Auxiliar de Leiria, função que desempenhou até à morte de D. José Alves Correia da Silva, a 4 de dezembro de 1957. Nesse dia, foi nomeado vigário capitular até ser nomeado Bispo residencial, a 13 de setembro de 1958. A 13 de dezembro de 1958, tomou posse como Bispo da Diocese de Leiria. Faleceu a 2 de agosto de 1985.

² Pe. Miguel Jorge. Nasceu nas Sesmarias, Marrazes, a 25 de março de 1864. Estudou no Seminário de Coimbra e foi ordenado a 3 de agosto de 1890. Faleceu a 14 de março de 1951.

³ Pe. Joaquim Gonçalves Margalhau. Nasceu a 3 de maio de 1878, em Santana, Ferreira Nova, Figueira da Foz. Foi ordenado a 7 de março de 1903. Faleceu a 6 de junho de 1952.

22, os vejo, ou, pelo menos, o Snr. Dr. Marques dos Santos, que naturalmente virá cá, ao Colégio, assistir à nossa Academia em honra do Peregrino. Esta devia ser a coroação da festa da inauguração da Capela de Nossa Senhora de Fátima, deste Colégio, mas à última hora, mesmo à última hora – quer dizer já há umas 2 semanas ou 3! –, recebemos a inesperada notícia de que o Snr. Thedim, por motivo de doença, – ainda mal, ou ainda bem, um certo sentido, não sei... – não pôde terminar a estátua a tempo, como tanto desejava – e talvez nós mais ainda! Paciência. Fica para daqui a mais algum tempo.

E, Snr. P. Silva, cá estou eu subdiácono: por dever de estado – livremente aceite e escolhido, é verdade – todo pertença de Deus, de Jesus e só *Dele*: alma e corpo! Para que não seja uma coisa só “oficial”, mas de veras, de alma e coração, peço-lhe muito as suas orações. Estou bem certo, certíssimo, que o senhor P. Silva me as não nega – como nunca tem negado – não só pela amizade que tão generosamente me tem sempre dispensado e me continuará a dispensar – o coração não se engana – mau grado os meus subidos – ou descidos! – desmerecimentos, mas ainda porque quando se trata do aperfeiçoamento dum futuro – *Deo volente* – Sacerdote e de qualquer sacerdote, trata-se da salvação não duma alma só, mas sabe Deus de quantas!...

Isto escreveria eu no dia da minha ordenação. Mas entretanto vieram os cumprimentos etc. etc. e lá se passaram estes dias sem que eu pudesse continuar e terminar esta pequenina carta. O Snr. Dr. Marques dos Santos cá veio ao Colégio assistir à Academia que fizemos em honra dos peregrinos e... quis ter a amabilidade de me dar um abraço amigo. Falei também com o Snr. Pe. Miguel, só o Snr. Pe. Margalhau é que ainda não vi e provavelmente já não vejo, a não ser amanhã na estação, à partida, se lá fôr, do que duvido. Daqui a um ano o verei... E... pronto, Snr. P. Silva. Não me esqueça nunca e faça-me lembrado de alguma boa alma que o Snr. P. Silva deve conhecer. Entretanto vou esperando pela sua cartinha, ou melhor *Cartona* (que assim são mais saborosas...). Pode bem ser que tome presbítero pelo Natal, mas ainda não sei decerto. Orações muitas orações, é só do que eu mais preciso, para não ir vazio de todo quando daqui fôr...

O Almeida e o Carreira recomendam-se muito e estão bons. Peço-lhe que me recomende muito ao Snr. P. Góis. O Snr. Pe. Miguel teceu-nos um grande elogio da sua pessoa e da sua obra – o que não foi novidade para nós, é claro. Disse-nos que é a freguesia dele onde há maior número de comunhões nas primeiras Sextas-feiras. Diga-lhe, Snr. P. Silva, que se recorde também de mim... junto do sacrário.

E então adeus. Deite-me a Sua bênção e recorde sempre nas suas orações este Seu Criado... humilde – (oxalá!...)

Colégio Português, 25-IX-929

J. P. Venâncio

Doc. 106
1929-09-29, Braga

Carta de D. José Alves Correia da Silva para o Pe. José Aparício da Silva, a acusar e a responder a uma carta deste, sobre a devoção dos cinco primeiros sábados.

Publ.: DCF, V-3, Doc. 950

Rev. mo Snr
Pe. José Apparicio
Calle San Telmo, 21
Tuy
Galicia Espanha

Braga, 29 de setembro de 1929

Rev.^{mo} Snr.

Por intermédio do Snr. Pe. A. de Magalhães recebi a carta de V. Rev.^{cia} que li com toda a atenção.

Por agora não vou aí, porque não me parece necessário. Irei mais tarde, se Deus quiser. Sobre a mudança, disse-lhe por carta o que entendi, reprovando-a por completo. Supunha mesmo que essa fantasia ou tentação já tinha passado.

A devoção dos primeiros sábados está bem, mas ainda não lhe chegou a hora, o que não quer dizer que não se propague nas casas e colégios religiosos.

Agradeço todo o interesse que V. Rev.^{cia} tem tido por aquela boa Alma que Nosso Senhor santificará para Sua maior honra e glória.

Encomendando-me às boas orações de V. Rev.^{cia}, subscrevo-me

De V. Rev.^{cia}
Servo em JC
† José

Doc. 107
1929-10-11, Leiria

Novena de Nossa Senhora de Fátima integrada no “Ofício Menor e Novena a Nossa Senhora de Fátima”, com *pode imprimir-se* de D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, de 11 de outubro de 1929.

Publ.: DCF, V-3 - Doc. 985

NOVENA A NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Oração preparatória

Santíssima Virgem, que nos montes de Fátima Vos dignastes revelar a três humildes pastorinhos os tesouros de graças contidos na prática do vosso Santo Rosário: incuti profundamente em nossa alma o apreço em que devemos ter esta devoção para Vós tão querida, afim de que, meditando os mistérios da nossa Redenção que nela se comemoram, nos aproveitemos de seus preciosos frutos e alcancemos a graça... que Vos pedimos nesta novena, se for para maior glória de Deus, honra vossa e proveito de nossas almas. Assim seja – P. N., A. M., G. P.

V. Regina Sacratissimi Rosarii.

R. Ora pro nobis.

I

Virgem *Santíssima*, inundada do mais puro *gozo* pela presença do Verbo Divino, incarnado em vosso seio puríssimo e alimentado a vosso peito virginal, fazei que imitando na terra a pureza que resplandece no mistério da vossa Anunciação, a caridade da vossa Visitação a Santa Isabel, o amor terno a JESUS recém nascido no presépio, a humildade e obediência com que Vos apresentastes no Templo de Jerusalém a cumprir com as prescrições da lei, mereçamos também como Vós, por prémio da nossa solicitude constante em buscar a JESUS durante a vida, encontrá-Lo alfim no templo da Glória, para nunca mais dEle nos separarmos. Assim seja. – 5 *Avé-Marias*.

II

Virgem *Dolorosíssima*, viva estátua de dor aos pés da cruz de Vosso Filho, que depois de agonizar e suar sangue no Horto, de ser cruelmente flagelado e coroado de espinhos, sobe convosco o monte Calvário para aí morrer crucificado à vossa vista; ensinai-nos o segredo dessa paciência divina que Vos associou à Paixão de JESUS e Vos fez a corredentora do género humano, a fim de que aprendamos de Vós o caminho do Calvário, a resignação cristã no sofrimento e no amor à cruz de vosso Filho. Assim seja. – 5 *Avé-Marias*.

III

Virgem *Gloriosíssima*, mais do que ninguém participante dos triunfos da Ressureição e gloriosa Ascensão de JESUS Cristo, inundada pela plenitude do Espírito Santo que sobre Vós visivelmente descansou no Cenáculo, Vós que depois de uma vida de perfeitíssima santidade, transportada ao Céu em corpo e alma merecestes ser coroada com o diadema de excelsa Imperatriz da Glória, fazei que acompanhando-Vos também nos mistérios da vossa vida gloriosa e triunfante, mereçamos ser um dia incorporados às numerosas falanges dos vossos servos e devotos, para com eles Vos rendermos a vassalagem perene de nossos corações. Assim seja. – 5 *Avé-Marias*.

V. Rogai por nós, Virgem do Rosário de Fátima.

R. Para que sejamos dignos da promessas de Cristo.

Oremos

Eterno Pai, que pela vida, morte e ressurreição do vosso Filho Unigénito nos proporcionastes o prémio da vida eterna; concedei-nos que honrando estes mesmos mistérios, ao comemormos o aparecimento em Fátima da Rainha do Santíssimo Rosário, imitemos os exemplos que eles contêm e alcancemos as graças que nos prometem. Pelo mesmo JESUS Cristo Nosso Senhor. Assim seja.

ORAÇÃO A NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Virgem Imaculada, que pelo vosso santo Rosário extinguistes outrora no seio da Igreja a nefasta heresia dos Albigenses, por ele libertastes a cristandade do perigo muçulmano e robustecestes a piedade dos fiéis, extingui também no povo português, pela prática mais intensa da vossa devoção, os germens de morte que fazem definhar a sua Fé, libertai-o de todos os perigos internos e externos que ameaçam a pureza de seus costumes, fortalecei-o mais e mais, fazendo rejuvenescer nele o genuíno espírito de piedade que no passado o fez um povo cristianíssimo, fidelíssimo e evangelizador.

E já que por uma inefável prova de celestial predileção vos dignastes visitar este povo que se ufana de ser vassalo vosso, mostrando-lhe dos montes da Fátima quão caro é ao vosso Coração, não deixeis nunca, Mãe amorosíssima, de o acalentar com esse mesmo amor de predileção. Descansai sobre ele olhares de misericórdia, fazei-lhe sentir mais e mais vossa suavíssima proteção e os doces atrativos do vosso Coração que é coração de mãe. Abençoai, ó Virgem Imaculada, a terra que vos dignastes visitar, atraí a Vós todos os portugueses, patenteai-lhes os tesouros do vosso amor, revelai-lhes os arcanos do vosso Coração materno, fazei de cada coração português um órgão que vibre de amor por Vós e de Portugal inteiro um Santuário de amor que corresponda com seu filial afeto ao vosso carinho maternal, e assim mereça agora e sempre ser chamado – a Terra de Santa Maria – Assim seja.

Concedemos 50 dias de indulgência aos fiéis, por cada vez que recitarem esta oração com um Padre Nosso e uma Ave Maria pelas necessidades da Santa Igreja.

Leiria, 20 de janeiro de 1927

† JOSÉ, BISPO DE LEIRIA

Doc. 108
1929-10-17, Orte (Itália)

Carta de Joaquim Carreira para o Pe. Arnaldo de Magalhães, a descrever a festa em honra de Nossa Senhora de Fátima que teve lugar em Orte, no dia 13 de outubro.

Publ.: DCF, V-3 - Doc. 1023

Rev.^{mo} Sr. P. Magalhães
meu bom e saudoso amigo:

Peço desculpa por tão tarde responder à sua prezada carta de 1 de agosto, p. p., que muito lhe agradeço. Isto, em férias, há mais tempo e não se faz quase nada. No princípio, ainda tivemos umas aulas de alemão e de eloquência sagrada que nos dava o Sr. P. Fonseca, num excesso daquela bondade que lhe é tão característica. Com a peregrinação, lá fomos a Roma passar uns doze dias de convivência (*latissimo et improprio sensu*, já se vê!) com os nossos compatriotas.

Voltámos depois a Orte, onde nos encontramos ainda. Partiremos para Roma no próximo sábado (dia 19). É claro que vão sendo horas de recolher ao ninho; mas em todo o caso não se estaria por cá mal mais uns dias. O pior é que a vindima já está quase pronta!... Vá lá, que temos tido sorte este ano, quanto às uvas.

As minha férias não foram más. Poupei as forças quanto pude: muito poucas vezes joguei à bola; passeios violentos também os não dei, como o ano passado: – o maior que dei a pé foi de 15 km (30 ida e volta); mas, apesar disso, não me restabeleci como o ano passado. Paciência.

O resto vai indo como Deus é servido. Uma vida de sacrifícios, Sr. P. Magalhães, e que só poderão conhecer aqueles que por cá tiverem passado. Peça a Nossa Senhora de Fátima que me conceda em abundância aquelas graças de que eu preciso para corresponder ao que o Sr. Bispo espera de mim. Não se esqueça de lhe recomendar em especial o ponto que V. Rev.^{ma} bem conhece.

Os nossos exercícios espirituais devem começar no dia 21 à noite. Entretanto devem vir chegando os novos, que pelo jeitos não serão muitos. Que pena não poder vir nenhum de Leiria!...

Agora uma notícia interessante para a “Voz da Fátima” (se lá houver lugar para ela, já se vê).

Não julgue Sr. P. Magalhães que o dia 13 de outubro foi um dia de festa só para Portugal ou só para os portugueses; também nós participámos e fizemos participar os outros, quanto pudemos, das alegrias da nossa pátria. Cá fizemos, pois, uma festinha na nossa capela da Senhora das Graças, em Orte, comemorando assim o 12º aniversário da última aparição de Nossa Senhora em Fátima. O Vigário Geral não só nos deu licença de fazer a festa, mas até nos aconselhou a arranjar uns programas e afixá-los na cidade para chamar o povo. A notícia da festa lá se espalhou por toda a parte, apesar de só se ter feito um programa, que foi afixado a uma das portas da Catedral.

Às 6 e 7 horas da manhã missas rezadas, e comunhão geral à missa das 7, que foi celebrada pelo Rev.^{mo} Sr. P. Fonseca.

Além dos alunos, dos criados e das religiosas, que estão connosco, comungaram umas 15 pessoas de fora, – o que representa muito neste meio de Orte, onde a instrução religiosa é quase nula. Foi com grande prazer, que vimos aproximar-se nesse dia do confessorário e da mesa eucarística uma velhota, nossa vizinha, que não punha os pés na igreja há uma porção de anos. Uma graça de Nossa Senhora de Fátima? – Assim o cremos. Durante a missa e à comunhão cantaram-se alguns versos em honra do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora. Cá o nosso bom “Pedro” teve a amabilidade de nos fazer uma tradução ou adaptação dos versos de Fátima para italiano, que cantámos durante a missa e à noite no fim do terço e da bênção. Aí lhe envio uma cópia, que o meu amigo fará circular.

Apesar de serem feitos um pouco à pressa, creio que não envergonham o autor.

Às 9 horas houve missa cantada.

O celebrante foi o Sr. Vice-Reitor. Serviu de diácono o Rev.^{do} P. Sebastião, do Porto; e de subdiácono o nosso caro Venâncio, que nesse dia exerceu a ordem pela primeira vez.

Tanto a missa cantada, como a da comunidade pela manhã, foi a da Senhora do Rosário (tal qual como em Fátima), para o que obtivemos licença da Congregação.

Às 4 horas da tarde, Vésperas solenes (de Nossa Senhora também). Depois prática pelo Sr. Pe. Fonseca que descreveu em breves traços as aparições de Fátima, explicando também as raízes da festa, e terminou recomendando aos ouvintes a recitação do terço, aduzindo várias razões, que temos, para o rezar com fervor todos os dias.

Passados três ou quatro dias, dizia-me uma mulherzinha, que era capaz de me repetir toda aquela prática!... O que mostra que a tinha ouvido com atenção.

Depois da prática rezou-se o terço e deu-se a bênção com o Santíssimo, terminando a função com o canto dos versos de Fátima, em italiano.

Distribuímos nesta ocasião cerca de cem estampas de Nossa Senhora de Fátima (daquelas que trazem a novena).

É pena que tudo aquilo fosse em português. Em todo o caso, não se perderá tudo, porque ao menos lá hão de ficar com a lembrança.

Uma festa, como vê, muitíssimo simples, mas que decorreu muito bem e que nos faz viver uns momentos daquele dia na abençoada Cova da Iria.

E, para que nada faltasse até houve jantar de festa!

Peço o favor de mandar dizer se há à venda e qual o preço daquelas estampas de que eu lhe falava, há tempos.

Junto envio 5\$00, para que V. Rev.^{ma} me mande uma ou duas dessas tais, e o resto em selos de propaganda como o exemplar que aí lhe mando.

E depois não se esqueça de nos contar muitas coisas da peregrinação, da Cova da Iria (isto é: das obras) e do nosso Seminário.

A nossa estátua da Senhora de Fátima já está em Roma, creio eu. Depois de a ver contarei as minhas impressões.

Por hoje basta. Desculpe a minha pressa, que por isso escrevi tão mal.

Cumprimentos respeitosos aos Srs. Padres do Seminário e aos amigos.

Uma saudade deste seu humilde servo, que a bênção lhe pede.

Orte, 17 de outubro de 1929.

Joaquim Carreira

Doc. 109
1929-10-17, Lisboa

O jornal “Novidades” publica o discurso do Pe. Luís Gonzaga da Fonseca no Pontifício Colégio Português, em Roma.

Publ.: DCF, V-3 - Doc. 1025

DE FÁTIMA A ROMA

*Discurso pelo Snr. Dr. Luís
Gonzaga da Fonseca,
diretor espiritual do Colégio.*

Ex.mos e Rev.mos Senhores,
Ex.mo Snr. Ministro,
Minhas Senhoras
Meus Senhores:

Todos vós tendes presente o delicioso episódio dos Doze de Inglaterra, como o descreve Camões no Canto VI dos Lusíadas.

“Dos onze a ilustríssima companhia” vão-se de rota batida do Porto a Londres, enquanto o Magriço, com “desejo de ver mais águas, que as do Doiro e Tejo, várias gentes e leis e várias manhas”, vai só por terra, rodeando meia Europa.

Em Londres fervem os preparativos do torneio: no labutar febril os dias passam rápidos; está-se já na véspera, e tudo prestes. Só do Magriço nem a pessoa nem notícias. A dama, a quem a sorte o dera por campeão, esperançada primeiro, inquieta depois, despacha correios sobre correios a esquadrihar todas as estradas, manda recados sobre recados aos companheiros do herói; mas ninguém o viu, ninguém recebeu novas dele, ninguém sabe onde para.

Amanhece finalmente o dia aprazado, veste-se a cidade de gala; do rei aos campeões, dos nobres ao último vassalo vai geral alvoroço. Só a dama, ansiada entre o desespero crescente e a esperança moribunda, aguarda suspirando a um balcão a resposta às últimas diligências que mandava fazer.

Nisto, soa a hora de entrar em liça: é o dobre de finados que lhe mata a última esperança:

“Com tristeza se veste, por não ter quem nomeado seja seu cavaleiro nesta empresa”, e assim enlutada, toma o seu lugar “no sublime e público teatro”, onde se assentara “o rei inglês com toda a corte”.

E já os arautos iam a dar o sinal, para a justa, quando num dos ângulos da praça um enorme reboiço atrai todas as atenções; era o Magriço que, armado de ponto em branco, irrompia a galope pela praça dentro, saudava garbosamente o rei e as damas e corria a abraçar e enfileirar-se ao lado dos companheiros, com os quais dividia os perigos do combate primeiro, logo as glórias do triunfo.

Meus Senhores:

Eu não sou Magriço, nem a minha pena tem pretensões de se medir com a sua espada. Mas verdade, verdade!, algo parecido nos sucedeu nesta academia, com a agravante que o desenlace não é tão poético como o do torneio inglês.

Tinha-se planeado para estes dias a inauguração da belíssima capela no andar nobre do Colégio. O altar-mor reservado para a Senhora do Rosário de Fátima estava pronto a recebê-la, e, de um dia para outro, esperávamos a chegada da imagem que nos prometem primorosíssima.

Entretanto ferviam os preparativos da festa. A religiosa havia de juntar-se uma literária, em que o Colégio, juntamente com o preito filial à Virgem Mãe e ao Padre Santo, rendesse as devidas homenagens aos ilustríssimos Prelados que nos honram com a sua presença e aos distintos compatriotas que de tão longe vieram celebrar o jubileu de S. Santidade, trazendo-nos a nós no aspeto franco, no sorriso simpático, na fala conhecida o mais perfumado ramalhete de saudades, com que matar as que por cá se sentem da pátria distante.

Um pedido formulado primeiro pela briosa juventude do Colégio, ao qual o coração me inibia de responder com uma negativa, e depois gentilmente repetido em forma de desejo por pessoa a cujos desejos devo obediência, multava-me uma boa parte dos gastos da festa, cabendo-me em sorte – sorte aliás invejável – ser paladino da Virgem do Rosário. E eu esperava ansioso que ela chegasse, para ver se à luz do seu olhar e ao calor materno do seu sorriso se inspirava e acendia o meu entusiasmo.

Mas os dias passavam, passavam depois as horas e a celeste Peregrina... andaria talvez por terras de Espanha, ou pela ribeira de França, ou pelas históricas paragens de Itália?! Mas, Senhora, que achais vós por aí que vos prenda, se não são Terras de Santa Maria? Se dificilmente encontrais por lá a fé simples e sincera, a devoção profunda e sentida, o amor acendrado e entusiasta dos vossos portugueses?

Se nos quereria Ela fazer a surpresa de aparecer à última hora?...

Bem vedes, Senhores, não apareceu!

O nicho na capela continua deserto e a inauguração não se fez. Quase diria que a capela se vestiu de luto; luto que pesa um bocadinho também sobre os nossos corações.

E aqui me tendes condenado a falar dum assunto que, antes de existir, se desvaneceu...

Felizmente não é a imagem material a que importa; não é ela que nós homenageamos; não é ela que vos assiste a vós no vosso peregrinar de um mês, a nós na nossa romaria de anos? Convencido estou de que a Virgem do Rosário, essa não nos falta: aqui está, aqui nos assiste, aqui nos fita, aqui nos sorri paraísos, aqui nos envolve em eflúvios de amor o seu coração materno!...

Eu vejo-a com os olhos da fé; e vós, se a tendes mais viva, se tendes a alma mais inocente, mais infantil, mais digna de ser recompensada com graças privilegiadas, abri os olhos, aplicai os ouvidos, alerta o coração!... Quem sabe se sentireis na realidade, como os inocentes pastorinhos da Fátima?!...

Terra de Santa Maria! Abençoada terra portuguesa! Abençoada pela mão do Criador que a colocou ali “onde a terra se acaba e o mar começa”, como coroa de safiras e esmeraldas na cabeça da Europa. No seu céu de um anil sem par acendeu as estrelas mais brilhantes; da sua gleba fez um jardim perfumado, onde floresce eterna e canta a primavera.

Colocou-a ali como caravela ancorada às portas do mar oceano, berço pequenino de um grande povo, para cujo arrojo aventureiro os mares seriam pequeno teatro, e as balizas do mundo acanhada meta, pois que “se mais mundo houvera lá chegara”.

Terra de Santa Maria! Abençoada terra portuguesa!

Abençoada na alma nobre e boa, sóbria e generosa, arrojada e prudente, alegre e sonhadora dos filhos que Deus lhe deu; capazes, como os melhores, de se assinalarem em todos os campos da humana atividade: tão destros em manejar a espada como a lira, na ciência de bem dizer como na arte de bem fazer, nas artes como nas letras, em sondar e explorar mares, ilhas, continentes, como em devassar as mais árduas regiões do espírito.

Terra de Santa Maria! Abençoada Terra portuguesa!

Abençoada sobretudo porque o Salvador ao nascer lhe deu as suas chagas por brasão, a crismou seu Apóstolo, a consagrou jardim, feudo, solar, terra de Santa Maria! E Maria com carinhos de Mãe, com desvelos

de Padroeira, com generosidade de rainha ao pequenino Portugal embalou-lhe o berço, amparou-lhe os primeiros passos, bem difíceis e contrastados, com que tomou posse da terra sua, – conduziu-o depois pela mão nas arrojadas empresas de dilatar a fé e o império através do mar tenebroso, desde as balizas do mundo conhecido aos últimos confins do desconhecido.

Que palmo de terra há no continente e ilhas, que não esteja assinalado por algum benefício da Mãe de Deus? E em correspondência, que monte onde não alveje um santuário de Maria, meta de fervorosas romagens? Que cidade, vila ou aldeia onde as melhores igrejas não sejam em sua honra? Talvez todas as igrejas na terra, talvez todos os altares na igreja, talvez todas as imagens no altar são de Maria; em cada encruzilhada uma imagem, em cada palavra um oratório, em cada casa um altarzinho, até em cada choça ao menos um registrozinho em papel, pegado com miolo de pão na porta desengonçada.

De facto Portugal era isto: cada palmo de terra uma memória, cada coração uma lâmpada a arder em honra de Maria!

Terra de Santa Maria! Abençoada terra portuguesa!

Não admira se naquele jardim, cuidado por mãos tão mimosas de tal Mãe, se arreigou profunda a fé, floresceu a religião e a piedade, o amor ao Senhor dos Passos e a Jesus Sacramentado e ao Coração de Jesus, a devoção inquebrantável ao Vigário de Jesus Cristo, o amor à Santa Igreja tão filial, que até os dias todos da vida quis receber da sua mão santificados: baste a prová-lo a denominação dos dias da semana, que enquanto nas outras nações tem ressaibos de paganismo antigo, só em Portugal é puramente cristã e eclesiástica. Não admira que lá desde o princípio vicejasse e se expandisse incoercível o zelo apostólico; zelo talvez rude e manifestado em poderosas cutiladas aos agarenos ou em feras lançadas aos turcos na Índia, mas sempre ardente e poderoso, que durante dois séculos inundou de missionários a África, a Ásia, a Oceânia e grande parte da América, bem mais de meio mundo: fazendo em poucos lustros tais prodígios de evangelização, que não creio tenham sido igualados por nação nenhuma em muitos séculos.

Mas era tão pujante de seiva o amor da fé na terra de Santa Maria, que precisava de estender ao longe a copa dos seus ramos: ansioso de abrigar sob eles, se possível fora, a todo o mundo. Brotava tão copiosa a fonte da cristandade no coração português, que não bastava a pequenina taça lusitana para conter as suas águas; transbordava em catadupas, corria ao longe em rios caudalosos a regar e fecundar mais de meio mundo. Ardia tão poderosa a chama da caridade, que bastava

a alumiar e aquecer a quantos num e no outro hemisfério estavam ainda sentados nas terras do gentilismo e nos gelos da morte.

Terra de Santa Maria! Abençoada terra portuguesa!

Oh! Porque mudaram os tempos? Porque passou a primavera que devia ser perpétua? porque veio o inverno carrancudo e gelado? Nortou o vento da indiferença e crestou todo aquele viço! No jardim desfolharam-se as flores, definharam as plantas, caíram pecos os frutos; e a Terra de Santa Maria ameaçava tornar-se um pragal maninho onde pululasse todo o mal, uma charneca árida e ressequida para o bem.

Felizmente que Maria velava do céu sobre o paraíso, sobre a terra sua!

E Ela desceu do Céu a horas de meio-dia, como se o repicar das Avé Marias fosse toque a rebate que a chamasse; desceu sobre a azinheira enfezada, na charneca maninha. A charneca era realmente o símbolo da terra ressequida; a azinheira a imagem da árvore frondosa, que, por falta de chuva do céu, por efeito da secura da terra se ia, dia a dia, cada vez mais definhando.

A divina jardineira desceu; e ao encanto da sua voz, ao império do seu olhar, ao contacto milagroso da sua mão, na charneca árida brotou uma fonte de fé e de milagres, milagres do corpo e milagres da alma, onde Portugal (pródigo que volta à casa materna!) vem lavar os andrajos, curar as chagas, beber a fé antiga, e com ela rejuvenescer as forças, retemperar a saúde, recuperar todas as virtudes dos avós.

Mas a Virgem do Rosário, não contente com que os filhos venham a Ela, vai Ela a buscá-los, de monte em monte, de vale em vale, em romaria apostólica, a todas as terras, a todos os casais, a cada família. Quem há hoje por lá que não conheça, que não tenha visto, que não tenha falado na oração simples e confiada com a Senhora do Rosário de Fátima? E que da conversação não tenha saído ou prometido sair melhor? A Virgem do Rosário é hoje a grande Missionária de Portugal. Graças a Ela, a terra de Santa Maria será sempre a abençoada terra portuguesa.

Havia porém uma nesgazinha de Portugal, separada por meia Europa do solo pátrio, uma pedra preciosa desengastada lá dos nossos montes e engastada aqui neste grande relicário da cristandade, nesta coroa do mundo que é Roma: o Colégio Português onde filhos de Portugal,romeiros da fé e do saber, da piedade e das letras, da santidade e da ciência se formam para serem a luz do mundo e o sal da nossa terra, para brilharem como lâmpada sobre o candelabro, como farol sobre a torre, como

cidade sobre a montanha, para resplandecer como estrelas no firmamento de Portugal.

Viu-os de longe a Virgem de Fátima, e lá vem Ela de romaria à Cidade Eterna, lá vem seguindo os passos dos seus peregrinos, lá vem não para voltar como vós, mas para ficar aqui nesta sua casa, ali na capela contígua e dali animar os trabalhos, aliviar os recreios, velar os sonos, aquilatar a piedade, santificar os triunfos destes seus portugueses, fazendo-os dignos de Portugal e da Igreja, do altar e de Deus.

Não é verdade que eles estão destinados a ser instrumento da Mãe Santíssima nos milagres talvez físicos, decerto morais que amanhã há de operar na nossa pátria? E por isso mesmo não é justo que presida à sua formação? Que Ela mesma, artista divina e divinamente primorosa, com sua mão afeiçoe e aperfeiçoe a seu talante, os seus instrumentos? Com aquela mão infinitamente delicada, com aquele coração imensamente terno, com aquele desvelo, com aquela perícia, com aquela aplicação e entusiasmo com que colaborou à formação do Sacerdote divino, Jesus?

Realmente nem melhor *artista*, nem mais acabado *modelo*, nem mais sublime *ideal* pode propôr-se à juventude, que ao sacerdócio se destina. Já que Maria, a “Virgo Sacerdos”, de Santo André Cretense, é o mais subido ideal da dignidade sacerdotal, o mais acabado modelo da perfeição sacerdotal, a mais desvelada artista e eficaz protetora da formação sacerdotal.

Sublime ideal da dignidade. Ela que com o seu “fiat” onnipotente tirou o Verbo do seio do Padre e o deu aos homens feito Carne, Ela que viu o sol divino em tudo obediente às suas ordens, Ela que unindo o sacrifício da alma ao holocausto do Redentor com ele e nele se imolou; Corredentora do género humano, Ela que sublimada à direita do Pontífice Eterno com ele no conspecto de Deus “*semper vivit ad interpelandum pro nobis*”, – não verifica Ela em si o ideal do Sacerdote que todos os dias chama do céu sobre o altar ao mesmo Filho de Deus, que o vê tão sujeito ou mais, se mais é possível, às suas ordens, que o pode também sustentar nos braços, embalar no Coração, oferecer a Deus, apresentar à adoração dos homens, que com ele renova o sacrifício da Cruz, que com ele ora pelo povo medianeiro entre Deus e os homens? E se Maria a Medianeira universal das graças de Deus, não é também o sacerdote medianeiro e medianeiro universal? Afinal toda a vida sobrenatural da Igreja ao sacrário se refere e flui do Sacrário num fluxo e refluxo perene e divino: e o sacrário pode lá existir sem o sacerdote?

Nem é Maria menos *acabado modelo da perfeição sacerdotal* ou consideremos o sacerdote na preparação, ou na receção, ou no exercício das ordens.

Na preparação: lembrai a inocência imaculada, a pureza mais que angélica, o recolhimento todo endeusado, a correspondência à graça e progresso na virtude sem hesitações, sem intermitências, sem desfalecimento da Cheia de Graça.

Na recepção: lembrai a fé que a tornou bemaventurada, a humildade que do seio do Padre ao seu atraiu o Verbo, o pleno abandono, a vontade de Deus, a virgindade miraculosa, virtudes com que o Espírito Santo fabricou e mobilou dignamente aquela morada do Filho de Deus.

No exercício: uma união com Deus contínua que a torna assento da Sabedoria e sacrário do Espírito Santo, um zelo incansável que a faz rainha dos Apóstolos, um espírito de sacrifício que vai até ao Calvário e a coroa rainha dos Mártires, uma caridade divina e humana sob ambos os respeitos única, que a constitui rainha dos santos e anjos todos: ah! se o padre todos os dias se revisse neste espelho, se compusesse por este modelo, copiasse este exemplar!

E se o ideal mais que sublime, é divino, se o modelo é capaz de desalentar e desesperar os mais generosos, quem assistirá o seminarista na sua formação, quem lhe infundirá, dia a dia, novo alento, quem o levará pela mão nas ascensões árduas e difíceis aos vértices quase inacessíveis dos Alpes da Santidade? Quem, senão a Rainha do Clero, “a padroeira nata da santidade, da saúde, do saber, como a invoca aquele anjo de inocência por Bento XV, canonizado com o título de “modelo dos seminaristas”?

Ela assitiu Jesus quando no remanso do pequenino seminário de Nazaré, sob o olhar materno crescia em sabedoria, idade e graça, diante de Deus e dos homens: Ela, mais ainda e sobretudo, porque é este o fundamento ontológico de ser Maria a Mãe, a protetora, a formadora, a artista nata do sacerdócio. Ela forneceu a humanidade santíssima segundo a qual é, e sem a qual não podia o Verbo ser sacerdote. Ela foi o templo onde se celebrou a função mais grandiosa que nunca viram os séculos, a Consagração pelo Espírito Santo do Sumo Pontífice Jesus. Ela foi o primeiro altar onde o neo-sacerdote divino principiou o seu holocausto, que com Ela ao lado se havia de consumir no Calvário.

Mas o sacerdócio católico não é senão a permanência através dos séculos do mesmíssimo sacerdócio de Jesus; os que nos formámos para ser ou somos sacerdotes, propriamente não sucedemos ao sacerdote divino, senão que por Ele vamos sendo sublimados a participar a dignidade e a exercer na terra o múnus do seu sacerdócio. Por isso é que Maria gerando-o a ele sacerdote eterno, fornecendo-lhe a vítima, assistindo, sendo o templo e altar da sua consagração e primeiro sacrifício, ficou sendo a mãe daqueles que misticamente se compreendiam, contraiu

o direito de os assistir na sua educação, formação e consagração sacerdotal. É a continuação e exercício da mesma maternidade divina. No seminário—casa de Nazaré, somos crianças, somos Jesus em via de formação: quer-se o conchego do coração materno, quer-se Maria a velar por seus filhos, a velar por Jesus: e ela aí vem, ela aí está que vela!

E ainda quisera acrescentar, Senhores, que para esta missão foi muito significativamente escolhida Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Não digo só, como até agora, porque sob este título é ela hoje o grande apóstolo de Portugal, e estes jovens hão-de ser os seus arautos e instrumentos de evangelização; mas porque, *Senhora do Rosário*, nos mistérios que nos ensina a meditar consigo, compendia a vida do sacerdote, e essa meditação é uma lição, um conforto, um estímulo perene.

Nos *mistérios gozosos* tendes o gozo e paz tranquila do seminário, onde se nasce para a vocação sacerdotal, onde se combatem as primeiras lutas, onde no recolhimento, no trabalho, na obediência, sob a direção dos doutores, se forma o futuro Cristo “*in mensurum aetatis plenitudinis Christi*”.

Nos *dolorosos*, os goivos e os martírios da Paixão; neles ensina a Virgem a seguir a Jesus do Horto ao Calvário, com a cruz às costas e ali oferecê-lo até morrer com ele pela glória de Deus e salvação do mundo. É a vida do sacerdote ao altar onde se imola com Jesus, e fora dele onde se imola por Jesus.

Nos *gloriosos*, tendes a Igreja que animada pelo Espírito Santo, sob a proteção de Maria, enceta a marcha triunfal de propagação através do mundo, numa contínua e gloriosa ascensão e assunção ao céu. É ainda a vida do sacerdote, que animado pelo Espírito de Deus e zelo das almas trabalha por as reconduzir ao Senhor e as subir consigo ao céu.

Venha pois a Virgem do Rosário, venha da sua Fátima a Roma, estabeleça aqui morada permanente e consigo traga mais um penhor de bênçãos do céu a este Colégio, a este cantinho de Portugal: seja ela mais um laço que o prenda não só a Portugal, mas ao coração de todos os portugueses; nem só ao dos Ex.mos Prelados, que tendo aqui alguns dos seus filhos, aqui terão sempre algumas fibras do coração ou antes o coração todo, porque a caridade de Cristo os faz todos para todos, mas ao coração de cada um dos portugueses que amam Portugal e a rainha e Mãe da Terra de Santa Maria, a Virgem Santíssima do Rosário de Fátima.

Aqui, meus Senhores, onde tendes o melhorzinho de Portugal, seja dito sem ofensa de ninguém; mas é assim: em cada nação os seminários são as primícias de seus filhos oferecidos ao Senhor: ora aqui tendes o escol dos Seminários, as primícias escolhidas dentre as primícias e ofertadas ao Papa. Aqui, pois, onde tendes o melhorzinho de Portugal, deveis ter o coração.

O Colégio, como está no coração do Padre Santo, devia estar no de todos os portugueses. Todos o deviam ajudar e promover. Todos devem honrar-se de que portugueses frequentem e se distingam na Universidade que o Papa chama sua, e pela qual vela desde a primeira pedra. Que aqui se formem aos pés de Pedro, como cordeiros prediletos da sua grei. O demais rebanho vai colhendo o pasto por esses prados férteis da Igreja. Estes cordeiros preferidos recebem-no, por assim dizer, das próprias mãos de Pedro. Vistes no rebanho algum cordeiro preferido pelo pastor, que o quer sempre ao lado, para o qual colhe as ervas mais saborosas, as franças mais tenras, com o qual reparte até do seu minguado farnel? E o cordeirinho sempre cerzido com o pastor, roça-se-lhe nas pernas, dorme-lhe na orla do manto; se o perde de vista, inquieto, saudoso, tremendo por ele, chama com balidos lancinantes.

Tais são e tais devem ser estes seminaristas ao pé do Vigário de Cristo.

Aqui se formam – *absit invidia verbo!* – ou têm obrigação de formar-se mais cristãos, mais católicos, mais apostólicos, porque mais romanos. Aqui bebem as águas mais límpidas, porque as aures da rocha vaticana donde brotam; aqui têm o pasto mais salutar, porque escolhido e ministrado pelo pastor dos pastores; aqui a fé mais iluminada porque imediatamente acesa no sol de Pedro; aqui a piedade mais funda porque tudo lhes fala de santidade; aqui o zelo mais ardente porque é a Sede Apostólica.

Bem sei que noutras partes se poderiam formar mais desempenados, mais faladores, mais conhecedores por experiência do mundo. Mas, à parte que alguns desses *mais* num Padre podem não raro ser verdadeiros *menos*, é certo que essa tal qual falta é bem compensada por um acréscimo de espírito romano, por mais funda e sentida piedade, por um saber mais sólido, por mais íntimo conhecimento do funcionamento da Igreja no seu elemento divino, e também o que não é para desprezar, na sua engrenagem humana.

É por isso que a nossa vizinha Espanha, que tem bons seminários e ótimas universidades pontifícias, manda aperfeiçoar em Roma os melhores talentos; a França tem o seu Colégio regorgitando de seminaristas; os alemães não têm lugar no *Germânico* apesar de recentemente aumentado; a Irlanda tem o seu Colégio, a Inglaterra dois; a América dois e o Brasil vai levantar um próprio; a Checoslováquia acaba de inaugurar um enorme; e a Rússia ainda trancada ao catolicismo, já tem o seu magnífico e foi o Papa mesmo que lho construiu.

Nós portugueses, graças à generosidade de ilustríssimos fundadores, a quem a Igreja de Portugal deverá eterna gratidão, nós temos aqui o nosso Colégio, que nos honra à face da Igreja, que tem lugar de destaque no coração do Pai comum dos fiéis, e que na mesma Universidade Gregoriana, pelo comportamento, pela aplicação e pelos loiros colhidos está bem conceituado.

Mais o estará ainda dentro em pouco, se puder convenientemente desenvolver-se e progredir; e podê-lo-á, se para ele convergirem todas as simpatias e com as simpatias os auxílios espirituais e materiais de quantos amam a pátria e o seu maior bem e todas as suas glórias.

Ex.mos e Rev.mos Senhores!
Senhores!

Daqui a pouco, voltareis ao lar-pátria santificados, reconfortados, contentes; santificados pelo jubileu, reconfortados com a bênção do Vigário de Jesus Cristo, contentes com a vossa peregrinação; – e lá contareis a todos das maravilhas de Roma neste ano jubilar, sobretudo das maravilhas que é Pedro vivo em Pio XI.

Não esqueçais de contar também destes seminaristas portugueses, que aqui vistes formando coroa ao Vigário de Jesus Cristo. Eles bem sabem que não são esquecidos da Pátria por quem e para quem trabalham; mas sentirão conforto nas lides escolares e nos combates da virtude ao pensamento de que são positiva e frequentemente lembrados.

Não os esqueçais principalmente nas vossas peregrinações espirituais ou reais a Fátima. Orando por eles é por vós e pelos interesses vossos e dos vossos, que orais. Essas orações subindo como perfumada nuvem de incenso ao Coração da Virgem, descerão em chuva de graças a fertilizar este abençoado torrão.

E então que visão magnífica nos oferecerá o futuro!

A Virgem do Rosário aqui no seu Colégio, canteiro escolhido do seu jardim, numa auréola de luz que reflete o paraíso, vestida de neve, símbolo

da pureza sacerdotal, de olhos baixos para a terra a sorrir, a chamar, a confortar, a ensinar, de mãos erguidas a convidar à oração, com os dedos maternos a desfilar delicadamente pelas contas, rosários de graças, e à volta dela, revendo-se nela, por ela assistidos e ensinados estes alunos, esperanças da Pátria e da Igreja, a multiplicar-se, a crescer, a revestir-se de flores, a carregar-se de frutos da ciência e virtude, e depois, a um aceno da celeste jardineira, a desparzir-los, a mãos cheias, na terra pátria, para saciar a quantos pequeninos por lá choram pedindo pão!

Visão de luz!

Benditos de Deus e da Virgem quantos contribuirem para a realizar.

Doc. 110
1929-12-07, Pombal

Carta do Pe. Manuel Marques Ferreira para o Dr. José Galamba de Oliveira¹ a responder a questões relacionadas com os acontecimentos de Fátima, durante o período em que foi pároco de Fátima (1914-1919).

Publ.: DCF, V-3 - Doc. 1138

Rev.mo. Senhor

A respeito do que me pergunta, sou a dizer que a autoridade nunca me escreveu – que eu me lembre.

A respeito de perseguições, só me lembro – 1º - Que em certa noite foi roubado na Cova da Iria, um quadro, 2 lanternas e uns ramos de azinheira cortados em vários – fazendo-os passar por aquela onde Nossa Senhora aparecia – isto foi levado para Santarém onde estive em Exposição, e onde andaram parodiando pelas ruas em procissão. Parece que não foi alheio a isto Artur de Oliveira Santos. – 2º - Um comício, que foi resolvido em Vila Nova de Ourém, para se realizar em Fátima, às 11 horas, à saída da missa paroquial, de propaganda contra as Aparições e a ida dos fiéis à Cova da Iria – tendo eu tido conhecimento dois ou três dias antes, preveni o povo – avisei e mandei avisar às missas da manhã que a missa do dia era na Ortiga, onde fui celebrar. Chegando os comiceiros à hora da Missa não encontrando ninguém a não ser algum

¹ Nasceu no dia 4 de fevereiro de 1903, no lugar de Aldeia Nova, freguesia do Olival, concelho de Ourém. Entrou no Seminário Patriarcal de Santarém, em 1914. Após o curso de preparatórios, ingressou na Universidade Gregoriana de Roma, em 1919, concluindo o doutoramento em Filosofia em 1922 e o bacharelato em Teologia e Direito Canónico. Por falta de saúde, interrompeu os estudos em 1924, regressando a Portugal e concluiu os estudos teológicos em 1926, no Seminário Diocesano de Leiria. Foi ordenado presbítero por D. José Alves Correia da Silva, a 11 de julho de 1926. Fundou o semanário “A Voz do Domingo”, a 19 de março de 1933. Foi nomeado cónego da Sé de Leiria em 1943 e Monsenhor em 1983. Sempre ligado aos acontecimentos de Fátima, escreveu o livro “Jacinta” (1938), que teve oito edições em português, e “Fátima à prova” (1946). Foi um dos maiores estudiosos e divulgadores da história e do conteúdo da Mensagem de Fátima. Faleceu a 25 de setembro de 1984.

mirone ou alguém enviado meu, barafustaram, perguntando por mim, mandaram vigiar, por guardas, a residência, e porque naquele dia não voltei a casa, não me encontraram nem eu os vi; – parece que a casa onde me recolhi aquela noite também foi, de noite, rondada às ordens ou complacência de Francisco da Silva, que era o democrático da terra, creio que Regedor também. Não me lembro se nesta altura era administrador Artur de Oliveira Santos, creio que sim. – 3º - Recebi uma carta anónima, de pessoa amiga, avisando-me que foi resolvido na chafarica em Santarém (ou não me recordo, em Torres Novas) sequestrar-me de noite e aos videntes, pelo que avisei que não saía de noite, em virtude das ciladas, que me estavam armando, a não ser em casos extremos quando chamado por pessoas de reconhecida confiança e aos pais dos videntes preveni-os de que se acautelassem e não entregassem seus filhos a pessoas desconhecidas ou que não fossem acompanhadas por mim, ou por minha indicação. 4º - Quanto ao rapto das crianças no dia 13 de agosto, vem descrito no meu relatório das Aparições referente ao mês de agosto, que me consta S^a. Ex.cia o Senhor Bispo tem em seu poder.

Nada mais me consta de sensacional. As bombas e destruição da capela não são do meu tempo.

Seu amigo mtº obgo.

Pe. Manuel Marques Ferreira

Doc. 111
1929-12-12, Roma

Carta de João Pereira Venâncio para D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, a acusar a recepção da “Revue du Rosaire” e do “Jornal de Macau” que D. José lhe havia enviado. Conta como foi a chegada e a bênção da imagem de Nossa Senhora de Fátima, por Pio XI. Informa ainda, que será ordenado presbítero no dia 21 de dezembro.

Publ.: DCF, V-3 - Doc. 1146

Ex.^{mo} Rev.^{mo} Senhor Bispo

Agradeço muito reconhecido o número único da Revue du Rosaire e o Jornal de Macau que V. Ex.^a Rev.^{ma} quis ter a bondade de me mandar. Aos restantes dei o destino que V. Ex.^a Rev.^{ma} se dignou indicar. O jornal de Macau – que tão bem mostra quanto do amor e devoção Nossa Senhora de Fátima sabe grangear em toda a parte – foi lido no nosso refeitório. Os números da “Revue” dos leirienses já andam a circular. Está muito bem feito e francês toda a gente percebe.

Nossa Senhora de Fátima já está no Colégio. Chegou a Roma no dia 13 do mês passado e ao Colégio na véspera da Apresentação de Nossa Senhora. É uma beleza! Todos quantos a viram não se fartavam de a admirar. É tão delicada, tão perfeita e tão cheia de vida que parece estar a falar com quem a contempla! O Senhor Thedim disse que queria fazer obra tão perfeita, quanto o podiam fazer mãos humanas ajudadas pela graça. Parece que assim foi. Até o Santo Padre – quando a benzeu, o que se dignou fazer no dia 6 deste mês – se deteve a admirá-la. Como ninguém do Colégio pôde assistir, bem a nosso pesar, ainda não sabemos o que é que o Santo Padre terá dito; mas logo que Mons. Reitor tenha ensejo de falar com os Monsenhores que acompanhavam Sua Santidade, já o poderemos ficar a saber. Os empregados do Vaticano não se fartaram de a admirar e elogiar o artista, sobretudo quando lhes observámos que era toda de madeira, o que, à primeira vista, ninguém suspeitava, tão finamente ela é trabalhada. O manto, sobretudo, tão naturalmente caído e tão fino que quase não excede a espessura dum manto natural; as mãos tão delicadas e de dedos tão bem torneados e distintos e o rosto que é todo celeste.

Não sofreu nada na viagem de Portugal para cá, nem nas que fez aqui, pois foi tratada com todo o carinho que merecia.

A inauguração foi no dia 8, com Missa solene a que assistiu o Sr. Dr. Trindade Coelho¹ e Ex.^{ma} Esposa, que fez e ofereceu a toalha do altar. Nós comprámos os castiçais, 10, e flores, tudo por umas 700 liras, que temos vindo juntando desde que resolvemos arranjar a Imagem de Nossa Senhora de Fátima para o Colégio.

De tarde fizemos uma Academia, a que assistiu o Snr. Ministro e Ex.^{ma} esposa e quase toda a colónia portuguesa. Saiu-nos a festa mais cara do que ao princípio pensávamos e até, por isso, o Presidente da Congregação Mariana me disse que tinha escrito a V. Ex.^a Rev.^{ma} a pedir uma esmola. – Agora esperamos que Nossa Senhora nos continue a ajudar como até aqui e ainda mais.

Depois de amanhã irei, se Deus quiser, para os Exercícios Espirituais, preparação para a minha Ordenação de Presbítero no próximo dia 21.

Queria e devia tê-lo participado a V. Ex.^a Rev.^{ma}, há mais tempo, mas só agora o soube com certeza. Tive de pedir dispensa dos estudos e ainda estes dias há-de ser pedida outra, dos interstícios, mas esta é mais fácil de obter.

A Primeira Missa cantá-la-ei, se Deus quiser, logo no dia 22, na Igreja de S. Teresa do Menino Jesus.

Peço humildemente a V. Ex.^a Rev.^{ma} me abençoe dum modo especial no dia em que solenemente vou fazer, nas mãos do Prelado Ordenante, a promessa formal de obediência inteira a V. Ex. Rev.^{ma}. Que Nosso Senhor se digne dar-me tudo o que me falta para que venha a ser um sacerdote segundo o Seu Coração.

E peço licença de terminar, renovando os meus profundos agradecimentos, e pedindo a Bênção Episcopal para os três leirienses.

Colégio Português em Roma, 12 de dezembro, 1929

João Pereira Venâncio

¹ Henrique Trindade Coelho. Nasceu em 1885. Foi Embaixador na Itália de 27 de julho a agosto de 1929, passando depois a Embaixador junto da Santa Sé. Faleceu em 1934.

Doc. 112
1929-12-13, Atouguia

Carta do Pe. Manuel Bento de Moreira¹ para o Dr. José Galamba de Oliveira, a responder a questões relacionadas com os acontecimentos de Fátima, durante o período em que foi pároco de Fátima (1919-1921).

Publ.: DCF, V-3 - Doc. 1148

Atouguia, 13 dezembro

Meu caro Sr. Dr.

Recebi a sua carta, e, a respeito das informações que me pede acerca de perseguições na Fátima, só me lembro do que se deu no meu curto estúdio ali, isto é, em 13 de maio do ano em que este dia coincidiu com a Ascensão, veio uma força de muitas praças da guarda republicana de Santarém que logo apareceu de manhã cedo albergando-se muitos deles que vieram por Ourém, nos moinhos de Fátima, porque nessa ocasião chovia e trovejava, procuraram a todo o transe desviar os peregrinos de ir à Cova da Iria, mas os que iam a pé ludibriavam a vigilância da guarda, indo pelas propriedades e por carreiros e bem me lembro que estando na varanda da residência algumas famílias finas de longe, comendo os seus farnéis pela tarde, foram obrigadas de repente a meter nos seus cestos tudo o que restava das refeições por presenciar no largo da igreja um começo de alteração da ordem provocado pela tropa que de carabinas nas mãos, empurraram os peregrinos dizendo “vá-se daqui embora”; a um sargento da guarda que a cavalo e de espada em punho pretendeu cortar o pescoço a um homem (creio que da Amoreira ou Montelo) que teve a feliz ideia de escudar o pescoço e cabeça com um valente guarda chuva que o livrou certamente da morte; entre os soldados haviam os bons que eram religiosos como me contou uma senhora que esteve lá em casa e falou com alguns soldados.

¹ Nasceu na Atouguia (Ourém), em 1881. Assina o registo paroquial de Ourém, de 22 de fevereiro a 21 de março de 1909. Foi pároco de Fátima, entre junho de 1919 e novembro de 1921. Faleceu, na Casa de Saúde de Torres Novas, a 30 de agosto de 1965.

A história da prisão das crianças não a sei bem, assim como o caso das bombas que estoíram o teto da capelinha; creio que isso se deu no tempo do P^e. Agostinho. Não lhe sei dizer mais nada.

Sempre ao seu dispôr o

Colega e muito amigo

P. Manuel Bento Moreira

Doc. 113
1929-12-15, Tuy

Carta de Lúcia para o Pe. José Aparício da Silva sobre vários assuntos relacionados com ela própria.

Publ: DCF, V-3 - Doc. 1154

JMJ

Tuy, 15-12-1929

Rv.^{mo} Senhor Padre Aparício

Recebi em outubro um cartão, a direção e agora há pouco os cumprimentos de V. Rv.^{cia} que muito estimei e agradeço. Quanto à resposta do Ex.^{mo} e Rv.^{mo} Senhor Bispo foi para mim um golpe bem custoso, mas que se faça a Santíssima vontade de Nosso bom Deus que na infinita misericórdia achou meio de me animar, fazendo-me saber que com a sua graça está acendendo insensivelmente nas almas o amor e desejo de reparar o Imaculado Coração da Nossa Santíssima Mãe; o mensageiro veio também confirmar-me nisto mesmo pelo que dizia das Comunhões reparadoras nos 1º Sabados; até hoje ainda não recebi carta de sua Ex.^{ma} Rv.^{ma} a qual esperava para participar a V. Rv.^{cia} alguma coisa de importância que me dissesse; já escrevi duas e contra o costume ainda não recebi resposta, na primeira dava simplesmente conta do meu estado; na segunda pedia para Sua Ex.^{cia} impedir que os retratos se continuassem a propagar e se pudesse ser, se queimassem os existentes.

Agora vou falar-vos do estado da minha alma que tem sido péssimo; só um Deus tão bom e tão cheio de misericórdia e amor e a intercessão de uma Mãe tão terna podem suportar tantas infidelidades e ingratidões. Isto fá-lo-ei conhecer por dois factos um pouco maiores que muitos outros que me é impossível narrar.

Há já bastante tempo que ouvia falar do jornal de Fátima e a curiosidade de o conhecer era grande; ora o demónio, pois não podia ser outro, encarregou-se de me satisfazer; um dia, entro na rouparia e vejo um jornal com o meu retrato por fora em cima da mesa; desdobro-o, Deus inspira-me que ofereça o sacrifício de não ler pela conversão dos pecadores, mas digo, afinal não tem mal que o leia; não li muito; Deus fez-me sentir bem depressa a minha falta, sinto que me faz estas

perguntas. Onde está a promessa que fiz a Nossa Senhora de não lhe negar nada durante a sua Novena!

Quantos pecadores teria salvado se me tivesse mortificado? E a maior perfeição? Nosso Senhor como estará agora descontente? O jornal foi imediatamente para o fogão, mas o demônio tinha conseguido já tirar-me a paz mas ainda não estava contente. Aproxima-se de mim uma Irmã e diz-me: ai que horror fui-me confessar e no fim o Senhor Padre não me faz esta pergunta? (não digo o que foi porque acho que não devo). Que horror: a Irmã não deve dizer isso a ninguém. A Irmã reconheceu que fez mal e pediu-me imediatamente desculpa e segredo; assim lho prometi, no entanto a revolta interior, a repugnância que já sentia aumentou a tal ponto que disse comigo mesma: nunca mais voltarei a confessar-me; depois começo a pensar se Nosso Senhor gostará deste meu procedimento? Com que tristeza olhará Nosso Senhor hoje para mim? Quantas faltas e não sei se pecados cometi neste dia! É já noite, não há tempo para me ir confessar, amanhã não posso assim ir à Sagrada Comunhão, vou ficar sem Ela mas que será de mim sem Nosso Senhor e logo na Novena da Imaculada Conceição; resolvo fazer o seguinte: de manhã, assim que terminar a missa da Comunidade, aproximo-me da Madre Superiora e peço para ir fora a confessar-me e fazer a Sagrada Comunhão; ao chegar à Igreja, aproximei-me do primeiro confessor que encontrei e confesso era tal a minha aflição que, ao chegar a casa, não soube dizer à Rv.^{ma} Madre Superiora se me confessei a um sacerdote espanhol, se português. Só sabia dizer que Nosso Senhor me tinha feito a graça dele me compreender muito bem a mim e eu a ele e de me tranquilizar.

Quero dizer-vos que a pergunta acima mencionada para um espírito bem disposto e que não fosse mesquinho como o meu não seria grande coisa.

Aproveito desde já para apresentar a V. Rv.^{cia} os meus respeitosos e sinceros cumprimentos de boas-festas e as preces ardentes que farei junto do Divino Infante para que conceda a V. Rv.^{cia} e a toda essa casa uma cópia abundante de graças e bênçãos do Céu.

Peço humildemente se digne abençoar a mais indigna serva de V. Rv.^{cia}.

Maria Lúcia das Dores
r. de S.D.

Doc. 114
1929-12-18, Torres Novas

Carta do Pe. José António da Silva¹ para Dr. José Galamba de Oliveira, a responder a algumas questões relacionadas com as aparições de Fátima.

Publ.: DCF, V-3 - Doc. 1161

Ex^{mo} e Rev^{mo}. Snr.

Por ter estado doente, e depois com muito trabalho, não tenho podido responder à sua carta. Hoje vou resumir o que escrevi e depreendi dos que observaram:

Em 13-V-917 fala a Senhora da guerra, da penitência, recitação do terço, etc., e quer ali na Cova da Iria uma capela.

Em 13-VI-917 fala a Senhora às 3 crianças da instrução e quer que aprendam a ler etc. a boa instrução.

Em 13-VII-917 fala das modas e vícios e dos remédios e barreiras que se lhes devem opôr.

Em 13-VIII-917 foram as crianças presas e houve a aparição em 19-VIII-917 em Valinhos, e trata e fala a Senhora do perdão das injúrias, acarinhando as crianças.

Em 13-IX-917 fala a Senhora às 3 crianças da fé e oração e da idolatria das festas de hoje, e dos andores para Jesus, Maria e José na Cova da Iria.

Em 13-X-917. Há os fenómenos do Sol, promessa da paz da grande guerra, diz a Senhora, que é a Senhora do Rosário e ameaça, se não houver emenda, com a peste e houve depois a terrível pneumónica.

Das perseguições: A prisão das crianças levadas para Vila Nova de Ourém em 13-VIII-917 e submetidas aos mais rigorosos interrogatórios, já juntas, já separadas, já com carícias e promessas, já com terríveis ameaças, com armas para as espetar e com fogo, como aos meninos de Babilónia, chorando por vezes, mas falando sempre das aparições, sem nunca se contraditarem, até que as mandaram entregar aos pais, sem apurarem nada do que queriam sobre padres e Jesuítas.

¹ Pároco de São Tiago, Torres Novas.

José do Vale

Depois, digo, não muitos dias depois, foram profusamente espalhadas folhas soltas aqui em Torres Novas e noutras terras do país em que o José do Vale, orador da maçonaria, dizia mil impropérios contra as aparições, obra dos Jesuítas, que cobria de injúrias, convidando o povo liberal a comparecer no domingo próximo à saída da missa do lugar e freguesia de Fátima para ele, José do Vale, fazer um comício à multidão para a desiludir. Efetivamente foram intimados toda a polícia de Torres Novas, de Vila Nova de Ourém, de Leiria etc. para nesse dia e a essa hora os cabos da freguesia de Fátima, estarem à porta da Igreja de Fátima. Era um exército para guardar as costas do José do Vale e do Administrador de Vila Nova de Ourém! Mas oh espanto! além da polícia, cabos, José do Vale e latoeiro de Ourém, nem viva alma compareceu ao convite da folha panfletária! O prior tinha mandado, de véspera, às 11h da noite avisar os lugares, que a missa, no dia seguinte, era na capela da Ortiga (para onde foi o povo) e mandado fechar a Igreja paroquial. Logro e decepção.

Receção de Gala

Mas o mais bonito é o que se segue: José do Vale, polícia & C^a julgam que o povo já está todo para a Cova da Iria. E ei-los lá! Mas oh espanto! Um ratão de bom gosto fez com que todos que tinham jumentos os fossem prender junto à estrada da Cova da Iria, os quais jumentos os recebiam com um zurrar ensurdecador, sem mais viva alma, que os ouça e aplauda!

José do Vale fala à polícia e aos cabos, junto da carrasqueira. Nisto chega o povo da missa da Ortiga a um outeiro próximo e faz uma apupada tremenda! E os burros a azurrar e o Zé do Vale desesperado, que nem um possesso, manda, a berrar, aos cabos prender o povo, os quais cabos se juntam ao povo e com o povo apupam, e foge o homem no meio duma algazarra ensurdecadora!!

As crianças mal falam, vem toda a gente; José do Vale com panfletos, e aparato, e o poder do mundo, não tem, não aparecem ouvintes, nem os próprios liberais-maçónicos, só burros e os forçados o escutam!

Santarém:

Satan muda de tática. Agora pelo ridículo. A maçonaria de Santarém anuncia grandes festas da Senhora de Fátima em Santarém e convida o povo a vir esperar os automóveis que tinham mandado à Cova da Iria

buscar a carrasqueira (que diziam que era onde Nossa Senhora tinha pousado os seus pés; enganaram-se pois a verdadeira lá ficou), os postes, lanternas e outros objetos que o povo tinha ofertado, para depois, à noite, se fazer como se fez uma procissão aparatosa (parodiando) isto com capas ou opas de panos de apanhar azeitona, farragoilos, lanternas, panos dos mesmos farragoitos, varas do pátio = varas ou varejões de varejar azeitona, cânticos = a ladaíinha à desgarrada, e pelo meio, da procissão em fingido triunfo, os objetos trazidos da Cova de Iria. Aqui e acolá parava a procissão, aparecia um orador empoleirado, com grandes elogios afetados à Senhora de Fátima, com grandes gargalhadas da assistência (que não passava da canalha ordinária e mirones a maior parte indignados). Até que no melhor da paródia uma mulher, indignada, dum janela lança sobre o magote avinhado a tigela da casa, deixando-os a escorrer em porcaria! Levanta-se em volta, digo, na frente da casa da mulher toda aquela paródia blasfemando e gritando!... E a mulher foi no dia seguinte chamada à administração para pagar multa, que ela não quis pagar, sem multarem primeiro os promotores dos insultos às suas crenças e às do povo português. Fizeram depois uma exposição dos objetos que trouxeram da Cova de Iria, com quota de entrada. Só a canalha lá foi. Santarém indignou-se! Quando foram oferecer o produto da exposição à misericórdia (uma bagatela) o seu digno Provedor indignou-se e que não aceitava o produto dum insulto e dum mixórdia que indignou toda a gente séria de Santarém! E despediu-os. O diabo paga bem a quem o serve.

Lisboa. A imagem e em volta da imagem.

Em Lisboa, pela maçonaria principalmente, corre o boato que pela Ascensão de 1920, vindo, para Torres Novas, de Braga, uma imagem das aparições, se faria de Torres Novas à Fátima uma romaria, com essa imagem, em que viriam milhares de automóveis de Lisboa e de outras partes e com gente a cavalo, em carros, a pé, em centenas e centenas de milhar, a reação se poria em campo, com milhares de padres, de jesuítas, com centenas de crianças vestidas de anjos etc., se faria uma parada nunca vista igual. Boatos, sem provas, tendenciosos da maçonaria para esmagar ou melhor para obter tropas do governo para esmagar a reação e destruir de vez a crença nas aparições de Nossa Senhora de Fátima. O diabo ainda que tudo isto fosse exagerado acertara no que dizia respeito à imagem; porque uns dias antes da Ascensão chegou a imagem de Braga a casa do Gilberto, que a ofereceu depois.

Foi tal o encanto, quando a imagem chegou, que quase todos os católicos daqui a foram ver e admirar. Constando isto logo, o administrador de Torres Novas mandou o Gilberto comparecer na administração para lhe proibir de sair com a imagem, e a casa dele foi cercada de tropa para a imagem não poder sair. Mas saiu! porque o pai do Gilberto meteu no pátio, numa carreta, o caixotim com a imagem, cobriu-a com utensílios de lavoura e outras coisas agrícolas, passou pelo meio da tropa, fingindo que ia para a sua fazenda, sem ninguém dar pela imagem na carreta. Em Fátima meteu a imagem na igreja, na sacristia, onde é benta. Nisto chega ou já tinha chegado cavalaria, infantaria, guarda republicana, que vedam as passagens para a Cova de Iria. Ribombam os trovões e chove a bom chover. O povo reprezado pela tropa, com a chuva, enche a Igreja e as casas particulares. Tentam alguns passar, há correrias, há espadeiradas até dentro da igreja e dentro das casas particulares, sobre os que lá se refugiam. Abranda um pouco a chuva. Neste comenos o Gilberto distribui pela tropa e povo milhares de estampas com os dados das aparições. Nisto vem nova trovoadas. Os militares todos molhados ouvem a voz do comando que grita: Embora! Meia volta à direita!! Marchar! E é ver como os militares vão em marcha e com sofreguidão e interesse, vão lendo o relato das estampas! E, sem o dique das tropas, a multidão se precipita, em massa, na Cova da Iria, onde um outro grosso de tropas tinha feito correrias sobre os que tinham ido por caminhos transversais e atalhos – mas que a chuva e a lama já os tinham também obrigado a retirar!

O diabo fica derrotado, em toda a linha!

Vem por lá e fica tosquiado!

Capela na Cova de Iria

Sobre a construção da capelinha – sobre as bombas que destruíram a capelinha sobre as peripécias do automóvel, das bombas – sobre a inquinação da água do primeiro nascente. Tudo isso e outras perseguições são coisas que o Dr. Carlos e a Voz da Fátima já têm relatado. Mais tropas lá vieram mas não me consta que perseguissem o povo.

Por falta de tempo desculpe não passar isto a limpo nem corrigir quaisquer erros ortográficos.

Todo seu muito at^o, v.^{or} e m.^{to} ob.^{go}

S. C., Torres Novas 18 de dezembro de 1929.

P. José António da Silva.

Doc. 115
1930-01-01, Lisboa

Artigo do jornal “Novidades” sobre a inauguração de uma nova capela no Colégio Português, em Roma.

Publ.: DCF, V-4 - Doc. 1182

CARTAS DA ITÁLIA
FÁTIMA EM ROMA**A Festa da Padroeira, no Colégio Português**

Quando, em setembro último, os Peregrinos Portugueses aqui vieram, a trazer ao Papa a mensagem de honra da Nação Fidelíssima, o Colégio Português quis dedicar-lhes uma Festa de homenagem, que ficou decerto como uma das recordações mais gratas dessa romagem, inolvidável à Cidade Eterna. Foi uma tarde de encanto e de saudade – uma tarde bem portuguesa – como dizia S. Ex^a Rev.ma o Senhor D. Manuel Cerejeira, nas palavras paternais e amigas, que então dirigiu aos alunos do Colégio. – Mas no meio da alegria franca, íntima e portuguesa, que nessa Festa reinou, pairava nos seus corações uma nuvem ténue de mágoa e de tristeza. Adivinhavam-na e compartilhavam-na os romeiros de Portugal. Adivinhou-a e compartilhou-a, quem teve a felicidade de sentir vibrar nessa bela tarde, em estos de Amor ao Papa e de Amor à Virgem, a grande alma católica Portuguesa!

É que os rapazes do Colégio Português, enquanto se preparavam, com entusiasmo, para a santa comunhão espiritual que é o abraço amigo, em terra estranha, de gente da mesma terra, – aguardavam ansiosamente, com a ansiedade com que a gente aguarda o abraço terno das nossas mães, a vinda de uma bela imagem de Nossa Senhora de Fátima, oferta gentilíssima do exímio escultor J. Ferreira Tedim. Destinavam-lhe o altar mais rico de uma linda Capela, concluída, há meses, no andar nobre do edifício.

Tudo estava a postos: o nicho para a receber; a saudação filial que em nome do Colégio lhe dirigiria o snr. Dr. Gonzaga da Fonseca; e, sobretudo, o altarzinho dos corações dos portugueses, que vivendo embora longe, se não esquecem nunca de que a Virgem é a Rainha de Portugal...

Um dia, porém, o laconismo desolador de uma notícia ia dizer-lhes que já não teriam a Senhora de Fátima na Festa da sua Capela nova. Foi por isso que a Capela do Colégio não se inaugurou em Setembro. Foi por isso que na homenagem aos Peregrinos, o luto da Capela pesava um pouco sobre as almas dos portugueses que vivem em Roma, e dos Portugueses da Romagem Nacional.

* * *

Mas a Virgem preparava-lhes uma surpresa, que era um mimo do Seu terno coração de Mãe... A linda imagem da Senhora de Fátima chegava a Roma nas vésperas da Festa da Imaculada Conceição, a oferecer aos rapazes do Colégio o poema sublime desta simples coincidência: – no mesmo dia em que, há 75 anos, Pio IX definia ao mundo a Conceição Imaculada de Maria, – a Casa de Portugal em Roma – a *nossa casa em Roma*, como nos dizia Mgr. Cordeiro – consagrava à Senhora de Fátima o altar mais rico desse cantinho português, – símbolo místico da grande consagração: a consagração das almas de todos os que lá trabalham, à Celeste Padroeira da nossa Terra!

E onde a fria perspicácia dos *livres-de-pensar* veria apenas a colisão banal de duas linhas matematicamente estúpidas – a alma, cristã e portuguesa, dos rapazes do Colégio, viu um mimo carinhoso da Bondade materna da Virgem!

E assim, no mesmo dia em que Roma toda acorria em festa à *Praça de Espanha*, a cobrir de flores o monumento à Imaculada, flores brancas de Amor, flores brancas de Pureza, – a colónia portuguesa em Roma, tributava à Senhora de Fátima – na Casa que o Papa nos deu – a homenagem sentidíssima ao Portugal da Imaculada, ao Portugal da Fé antiga, ao Portugal do Amor ao Papa.

Não quiseram faltar, na bela Festa do Colégio Português, o nosso ilustre Ministro no Vaticano e sua Ex.ma Esposa.

Foi uma grande honra e um prazer gratíssimo, para os rapazes do Colégio.

Porque assim, na Festa da sua Capela nova, eles não viam apenas a grande Instituição de que a Virgem é Mestra e Mãe! Eles viam, numa visão de Fé e de saudade que lhes enchia a alma, a representação fidalga do Governo da sua Pátria, e, através dela, o velho Portugal das Quinas, o grande Portugal das Quinas, com toda a sua História incomparável de amor ao Papa, de Amor à Virgem, de Amor a Cristo!

Não há diplomata português, sobre o qual pese tão gloriosamente toda a nossa epopeia nacional, como sobre o Embaixador distinto na

Casa augusta do Vigário de Cristo. Porque – reconhecamo-lo sinceramente – não há Nação no mundo que tenha amado o Papa como Portugal.

Íamos quase a dizer: não há Nação no mundo que tenha amado a Virgem, que tenha amado a Cristo como Portugal!

Não é uma hipérbole da retórica; é a afirmação solene de toda a nossa “grande e bela História” como dizia o Papa, em setembro último, aos Romeiros de Portugal.

Risquem o nome do Papa do pergaminho sagrado da nossa História: – arranquem o Rosário da Virgem das mãos calosas dos nossos marinheiros; – apaguem as chagas de Cristo do pendão da nossa Glória; – e a nossa História não mais terá sentido, – e a epopeia das caravelas não mais será grande, – e a glória das conquistas não será mais nossa!

O Portugal da História – a grande Pátria que cá fora ainda se respeita e ainda se admira, como Pioneiro glorioso da Civilização – é o Portugal da Fé, é o Portugal da Imaculada, é o Portugal do Amor ao Papa, é – podemos já dizê-lo – o Portugal da Senhora de Fátima.

É só esse Portugal que é grande.

É só esse – o único verdadeiro – que o nosso Embaixador representa no Vaticano, e representava, domingo último, na Festa do Colégio Português.

Lá vimos, de manhã, na solene inauguração da Capela, e à noite, na bela sessão académica, em honra da Senhora de Fátima.

Lá estavam também, – além de numerosa representação do Colégio Espanhol, que honra com muito brilho, aqui em Roma, a grande Pátria de Suarez e de Lugo, – quase todos os religiosos portugueses, que têm, nestas festas íntimas, um “perfumado ramalhete de saudades, com que matar as que por cá se sentem”... Nos filhos da Nação irmã, o Colégio Português tinha a Espanha Cristianíssima, de que a Virgem é também Rainha e Padroeira. Nos religiosos que o sectarismo expulsou da Pátria, o Colégio Português via os obreiros maiores da nossa grandeza nacional, os paladinos devotados do Amor à Virgem.

Ficava assim mais bela e mais completa a consagração do nosso Colégio em Roma, à celeste Padroeira da nossa Terra.

* * *

Decorreu com muito brilho a sessão solene realizada, à noite, no salão nobre do Colégio. Executado o hino de Nossa Senhora de Fátima, que a gente ouviu com a alma cheia de saudade, o Rev. A. Ribeiro, Presidente da Congregação Mariana do Colégio, que promovera esta

academia, pronunciou um breve mas entusiástico discurso de apresentação e boas vindas.

Deu-se, em seguida, início ao programa: – magnífico, primoroso. A música foi encantadora. Foi portuguesa, portuguesíssima – sem todavia cair no faduncho, insuportável sobretudo quando o vestem, como anda agora na moda, dos batuques infernais do *jazz-band*. – A *Schola Cantorum* do Colégio, sob a hábil regência do aluno Renato Abreu¹, foi ouvida com muito agrado e aplaudida entusiasticamente. Salientaremos de todo o programa, todavia, alguns números que, executados em qualquer parte do mundo seriam um triunfo para os nomes já consagrados que os subscrevem: – os *Romeiros que passam*, terníssima canção do grande artista que é Armando Leça; um belo trecho de Artur Ferreira; e – o último número do programa – a *Canção de Aveiro* de Viana da Mota, uma das coisas mais lindas das *Cenas Portuguesas* do ilustre pianista. A parte literária, preparada sob a direção competente do sr. Dr. Gonzaga da Fonseca, foi também simplesmente primorosa. O aluno J. Soares da Rocha² apresentou um belo trabalho, largamente documentado, sobre a “Coroação da Virgem na Liturgia Católica”. Evocação sentida das apoteoses triunfais que têm sido todas as coroações da Virgem, ficava bem naquela festa de homenagem à Senhora de Fátima, no grande dia da Imaculada.

Fátima foi, de resto, o tema belo de todos os outros números da parte literária do programa: – uma mimosa poesia de Manuel Nunes³, e um *Diálogo* encantador de Angelino Barreto⁴, que os alunos F. Silva⁵ e J. Mendeiros⁶ recitaram com muita alma. Foi um dos números mais apreciados do programa.

E com uma breve mas sentidíssima alocução de Mgr. Reitor, terminava a bela Festa da Capela nova do Colégio Português, – em que o olhar materno da Senhora de Fátima será, para todos os que lá vivem, a afirmação perene de que, apesar de tudo, não morreu ainda, não morrerá nunca, o Portugal Fidelíssimo de Amor ao Papa, o Portugal glorioso da Imaculada!

Giovani Pamphili

¹ Renato Abreu Castelo Branco, da diocese de Angra.

² José Soares da Rocha, da diocese do Porto.

³ Manuel Nunes, da diocese de Beja.

⁴ Angelino de Sousa Barreto, da diocese do Funchal.

⁵ Francisco Maria da Silva, da diocese de Évora.

⁶ José Filipe Mendeiros, da diocese de Évora.

Doc. 116
1930-01-18, Lisboa

Artigo do jornal “Novidades” sobre a festa de inauguração da imagem de Nossa Senhora de Fátima, na igreja de Santo Cristo dos Milagres, no Rio de Janeiro [data de redação: 4 de janeiro de 1930].

Publ.: DCF, V-4, Doc. 1220

UM MÊS A BORDO DO “NIASSA”

Contam-se histórias... – O culto de Nossa Senhora do Rosário de Fátima no Rio de Janeiro e uma igreja muito portuguesa

(Do nosso enviado especial)

A bordo, 4 de janeiro de 1930.

Acabei de ler agora algumas estâncias do canto sexto dos “Lusíadas”. Lá encontrei o remédio que os nautas empregavam para tornar doce o por vezes fastidioso tempo da viagem.

E nem só para tornar doce o tempo, mas também para espalhar o sono!

Remédios contra o sono buscar querem,
Histórias contam, casos mil referem!

Tinham muita razão.

Esta continuada vida de bordo sem “algum conto de alegria” traz-nos uma soneira insuportável.

A maior parte da gente acha melhores os tais contos que os marinheiros de Quinhentos tinham como maravilhosos...

Eu, para me distrair com coisas lindas, não preciso senão de recordar alguns dos belos momentos que venho de passar no Brasil.

Falarei hoje dum desses momentos.

Enquanto o rememoro entretenho-me e dou aos leitores um bocadinho do prazer que senti.

Que eu cá sou muito inclinado a repartir pelos outros as maiores consolações que sinto.

A avareza, verse sobre o que versar, é uma coisa detestável.

Um insistente convite de gente amiga levou-me na manhã de 26 de Dezembro – pouco antes do “Niassa” levantar ferro – até à Matriz do Senhor Santo Cristo dos Milagres.

Dou-me por muito afortunado em ter acedido ao convite. Fui lá encontrar a primeira imagem de Nossa Senhora de Fátima exposta à veneração dos fiéis no Brasil.

Foi soleníssima a festa da inauguração, celebrada a 9 de junho do ano findo.

A imagem é uma bela obra de arte, feita em Portugal. Antes de ser enviada para o Rio de Janeiro, foi benzida pelo Senhor Bispo de Leiria e tocada na que se venera na Capela da Cova da Iria.

O bondoso vigário do Santo Cristo, sr. Benzerath, não se conteve ao ver-me na sua Igreja, sem mandar chamar os meus bons amigos sr. António Cravo e dr. Fernando Cravo.

E enquanto eles não chegavam, foi-me referindo as benemerências daqueles dois amigos e de suas famílias, que lá longe honram a sua terra e a fé que professam.

Eram eles, disse, quem mais o ajudava e auxiliava no desempenho da missão paroquial em bairro tão difícil.

A fábrica da família Cravo era ali pertinho. Sem uma tão boa vizinhança não lhe teria sido possível fazer o que vem fazendo.

E o bom do sr. Padre, alemão de nacionalidade, estendia os elogios à Pátria e à terra em que nasceram e a que pertencem os seus valiosos cooperadores.

Momentos depois, os irmãos Cravo e o sr. Padre Pedro falavam-me entusiasmados, da festa de 9 de junho.

A procissão das velas foi um encanto e um delírio!

Não se coube na Igreja, durante todo o dia.

E o culto de Nossa Senhora do Rosário de Fátima está a propagar-se extraordinariamente.

Foi depois ereta, canonicamente, uma confraria e os associados são já às centenas.

Passámos depois a falar da origem da Igreja e do seu nome.

Fica bem, na verdade, o culto de Nossa Senhora de Fátima numa Igreja de tão belas tradições portuguesas.

A devoção do Senhor Santo Cristo dos Milagres começou na Ilha de S. Miguel, no Arquipélago dos Açores.

Nos meados do século XVIII, diz a tradição, aparecera Nosso Senhor, coroadado de espinhos, à beata Teresa da Anunciada, humilde religiosa do Convento dos Capuchinhos da mesma ilha.

Seguiram-se muitos milagres e culto prestado a Jesus Cristo, sob a invocação de Santo Cristo dos Milagres, espalhou-se não só pelo Arquipélago como por grande parte do mundo católico.

No ano de 1850, alguns portugueses da Ilha Terceira, que iam frequentemente ao Brasil fazer carregamentos diversos, impulsionados pelos mesmos sentimentos de gratidão dos seus conterrâneos, deliberaram erigir à beira-mar, uma pequena capela e aí colocaram uma cópia da imagem do “Ecce Homo”, em tudo igual à da sua pátria distante. Esta capelinha foi custeada pelos pescadores e marujos a que se associaram os moradores do lugar. E nesta capela tão simples, que as ondas do mar vinham beijar, aos domingos e dias festivos se reuniam os devotos do Senhor Santo Cristo, solicitando graças e favores para suas famílias. Os negociantes também ali acorriam, pedindo para serem bem sucedidos nas suas empresas.

Bem hajam esses homens do mar que, fortes na sua crença, gratos à proteção divina, criaram nos seus corações bons e generosos o culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres e assim introduziram esta devoção no Brasil. De tal modo se generalizou, que a pequena capela já não comportava o elevado número de fiéis.

Em fins de dezembro de 1857 era constituída a irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres, tendo o seu compromisso sido aproveitado pelo bispo de então, D. Pedro Maria de Lacerda, e confirmado pela carta imperial de 15 de janeiro de 1858.

Em 29 de julho de 1873, com toda a pompa e solenidade, a Irmandade deu início à construção da nova capela, que é hoje a atual igreja de Santo Cristo, nos mesmos terrenos em que foi edificada a primeira capelinha. A primeira pedra foi benzida pelo bispo-conde, capelão-mor, com assistência dos imperadores. A sua construção terminou no ano de 1879, tendo sido benzida em 13 de julho, desse mesmo ano, pelo padre José Herculano da Costa Brito.

Em 15 de agosto de 1901 foi a capela do Senhor Santo Cristo elevada à categoria de igreja matriz, por decreto do sr. D. Joaquim Arcoverde, atual cardeal, então arcebispo Metropolitano de S. Sebastião do Rio de Janeiro, sendo para esse fim cedida pela Irmandade.

E aqui têm os leitores um resumo do que ouvi na manhã de 26 de dezembro, na Igreja do Senhor Santo Cristo dos Milagres. Em todo o Brasil estamos quase que como em Portugal.

Todavia pareceu-me que dentro daquela igreja, fundada por portugueses, diante da imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, a diferença era ainda muito menor.

M. C.

Doc. 117**1930-03-05, Leiria**

Carta de D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, para o Dr. Luís Fischer, a enviar o trabalho sobre as perseguições a Fátima e a responder a um conjunto de perguntas sobre as aparições.

Publ.: DCF, V-4 - Doc. 1332

Leiria, 5 de março de 1930

Rev.^{mo} Senhor

Recebi a carta de V. Rev.cia de 22 de fevereiro. Muito obrigado.

Em nome da Santíssima Virgem agradeço a V. Rv.^{cia} todos os trabalhos que tem tido e a propaganda que tem feito da glória da Mãe do Céu.

A história das perseguições a Fátima vão com esta carta. Vou responder às perguntas que me faz.

1) A Lúcia, hoje religiosa é a única vidente viva, aludiu a um segredo que a Santíssima Virgem lhe declarou. Não me disse, nem eu insisti.

2) A água não tem relação com as Aparições. Como ali não havia água, era preciso fazer obras, mandei abrir um depósito para recolher a água das chuvas. A 1m de profundidade apareceu a água que nunca

¹ Nasceu em Munique, Alemanha, no dia 30 de maio de 1890. Sacerdote, foi professor de História da Igreja e de Patrologia na Universidade de Bamberg, na Alemanha. Tomou conhecimento dos acontecimentos de Fátima, através de um artigo de "L'Osservatore Romano" de 3 de junho de 1928. Esteve presente, em Fátima, na peregrinação de 12 e 13 de maio de 1929. Desde aí escreveu artigos e proferiu conferências sobre Fátima. Em 13 de outubro de mesmo ano fundou, em Munique, o grupo "13 de Munique" que se dispôs a fazer, todos os dias 13, uma peregrinação penitencial ao Santuário de Maria Eich. Em 1931, fundou a "Fatima-Verlag", editora responsável pela publicação de alguns dos seus livros e da revista "Bote von Fatima" (Mensageiro de Fátima). Em 1929, 1932 e 1935 esteve em Fátima, onde procedeu a rigorosas investigações sobre o assunto e, em resultado delas, escreveu diversas obras sobre Fátima: "Fátima, a Lourdes Portuguesa" (1929), "Fátima à luz da autoridade eclesiástica" (1931); "Jacinta, a florinha de Fátima" (1934); "A mensagem de Nossa Senhora de Fátima" (1937). Em 1935, assistiu à trasladação dos restos mortais de Jacinta Marto, para o cemitério de Fátima. Visitou Fátima, pela última vez, no Verão de 1954, vindo a falecer, em Bamberg, no dia 3 de janeiro de 1957.

mais faltou. Como naquelas montanhas essencialmente calcárias não há água e como coincidiu com a celebração da primeira Missa que autorizei no local, daí a devoção do povo.

3) O lugar da primeira Aparição foi onde está a pequena Capela erguida pelos fiéis e que guarda a imagem de Nossa Senhora de Fátima;

4) Ouvi falar de aparições à Jacinta, quando estava no hospital em Lisboa onde morreu, mas nada sei de positivo;

5) Nunca falei com a Jacinta que tinha falecido quando vim para Bispo de Leiria;

6) A sentença canónica será talvez este ano, mas não está ainda resolvido.

Todas as informações que V. Rv.^{cia} deseje e lhe possa dar, com todo o gosto as envio.

Encomende-me às orações de V. Rv.^{cia} e peço à Santíssima Virgem o proteja.

De V. Rv.^{cia}
servo em J. Cristo

† José, Bispo de Leiria

Doc. 118**1930-03-23, Roma**

Carta de Joaquim Carreira para D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, acerca das suas impressões sobre a propaganda de Fátima que se faz na Itália.

Publ.: DCF, V-4 - Doc. 1372

Colégio Português
Via Banco S. Spirito, 12
ROMA

Ex.mo e Rev.mo Sr. Bispo:

Sinto hoje um prazer especial ao escrever a V. Ex. Rev.^{ma}, pois estou certo que esta carta há de levar muita alegria e satisfação ao coração de V. Ex.^{cia}.

Até que enfim, sempre conseguimos arranjar algumas fotografias, que poderão dar uma ideia bastante aproximada da beleza da nossa imagem da Senhora de Fátima. A fotografia, que o Sr. Dr. Valente deve ter mandado a V. Ex.^{cia}, assim como também mandou para o colégio, está muito bem tirada como fotografia; mas, infelizmente não dá ideia da imagem. Destas, mesmo, a que mais se aproxima é o nº 12, que foi tirada no dia 7 de dezembro passado, já depois das Ave-Marias; é por isso que ficou tão escura. As outras também não estão mal, como vê. Tudo isto é obra do nosso querido Sr. P. Fonseca. Nossa Senhora de Fátima vai sendo cada vez mais conhecida e amada cá por estas paragens.

Nem admira. Porque, aumentando os bons Apóstolos, necessariamente hão de aumentar também os convertidos. A remessa da “Voz da Fátima” engrossou um bocado. Ficámos muito contentes com o “Secretário de Nossa Senhora”. Mas não bastava ainda; porque, nesta Babilónia de línguas, o português, posto que seja ainda bastante conhecido, não pode passar por uma língua universal. Era esta a nossa dificuldade, que por enquanto nos parecia insuperável. Em boa hora, porém, teve V. Ex.^{cia} a abençoada lembrança de nos mandar alguns exemplares da “Revue du Rosaire”. Agora sim, que já podemos correr meio mundo!...

Pouco depois, o nosso Rev.^{do} P. Venâncio mandou vir de França mais 28 exemplares da mesma revista. Da Alemanha mandámos vir 13 (coincidência curiosa...) exemplares do livro do Dr. Fischer. Eram mais quarenta e tantos bons missionários, que entravam em campo. Como era de esperar, o incêndio não tardou a manifestar-se.

V. Ex.cia não levará a mal, que eu me detenha um pouco a contar algumas impressões sobre a propaganda de Fátima, que por aqui se faz.

Num Colégio de Salvatorianos austríacos, aqui em Roma, leu-se no refeitório o livro do Dr. Fischer, que causou a melhor impressão no meio de todos, começando já alguns deles a pedir-nos fotografias para ilustrar os artigos, que querem escrever sobre os acontecimentos de Fátima.

Um dia, à saída da aula, aproximei-me de um holandês, já meu conhecido, e falei-lhe de Nossa Senhora de Fátima, passando-lhe para a mão a “*Révue du Rosaire*”. E como ele não tinha grande dificuldade em entender o português escrito, levei-lhe também, pouco depois, “*As Grandes Maravilhas de Fátima*”. Ficou muito contente, e prometeu escrever alguns artigos sobre Nossa Senhora de Fátima numa revista semanal, publicada na Holanda pelos padres da Congregação do Verbo Divino, a que o mesmo pertence. Falou-me também numas estatuetas de Nossa Senhora de Fátima, que uma fábrica pertencente a essa Congregação tinha posto no mercado alemão.

Doutra vez, estava eu muito sossegado no quarto, quando me bate à porta o Rev.^{mo} Sr. Vice-Reitor a pedir santinhos de Nossa Senhora de Fátima e qualquer coisa escrita sobre as aparições. Era a Madre geral de umas freiras polacas, que mandava ao Colégio a pedir informações sobre os acontecimentos de Fátima. Levaram dois exemplares da “*Revue*” e quantos santinhos havia à mão, que, por sinal, já eram bem poucos. Depois disso, já cá vieram várias vezes a pedir mais revistas, que queriam mandar para a Polónia, dizendo que lá não se conhece Nossa Senhora de Fátima. Por causa destes pedidos já se mandaram vir mais exemplares.

Um polaco muito meu amigo, pertencente a uma espécie de Congregação de sacerdotes, que se dedicam de um modo especial à boa imprensa, está preparando um artigo para publicar na Polónia em maio, porque passa então o aniversário da primeira aparição. Este mesmo, falando-nos de Fátima, depois de ter lido a “*Revue*” e o livro do Dr. Fischer, dizia-nos: “*Mi piace molto questa benedeta Madonna di Fatima!...*”.

Um outro polaco, da Congregação da Ressurreição, está traduzindo um artigo que, sobre as Aparições de Fátima, acaba de ser publicado

na revista mensal “Stella Matutina” – órgão oficial das congregações marianas de Itália – artigo, que será continuado no número seguinte.

Atualmente estamos preparando três artigos, que devem ser publicados numas revistas da “Obra Cardeal Ferrari”, editadas em Bolonha.

Os leirienses acabámos de constituir uma sociedade (de responsabilidade limitada) e vamos fazer uma edição de estampas de Nossa Senhora de Fátima, em fotografia. A tiragem desta primeira edição, que é mais a título de experiência, será de 1500 exemplares, e serão vendidos a trinta ou trinta e cinco centésimos cada um; ou seja a 30 ou 35 liras o cento. Baratinhos, como vê, comparando com os que aí vende a casa “Estrela dos Peregrinos”, que custam nada menos que 1\$00 cada um. O ganho, que houver, servirá para ajudar a pagar uma coleção de umas setenta fotografias, que pedimos ao Rev. Pizarro. Afinal, é uma reprodução, em ponto maior, da coleção dele. Estas fotografias servirão para ilustrar umas conferências de propaganda de Nossa Senhora de Fátima, que o nosso dedicadíssimo Sr. P. Fonseca se propõe fazer no salão do Instituto Bíblico durante as férias da Páscoa. Oxalá que essas conferências sejam muito concorridas, como, aliás, é de esperar, tratando-se de um assunto destes, e por demais, ilustrado com projeções luminosas.

Segundo nos consta, um lente da faculdade de Filosofia, também empregado na redação da “Civiltà Cattolica”, está pensando num artigo sobre Fátima, que publicará no fim deste ano escolástico – lá para Agosto. E talvez que este mesmo professor por aí apareça neste verão; pois, se me não engano, irá também ao congresso do Apostolado da Oração.

Tomo agora a liberdade de narrar a V. Ex^a. uma das aventuras mais curiosas da minha vida. É o seguinte:

No dia 8 do corrente, quando chegámos ao Pincio depois das aulas da tarde, encontrei ali sentado um Padre oriental cuja figura e hábito me impressionaram profundamente. E, não sei porquê, senti-me tentado a ir ter com ele e falar-lhe em Nossa Senhora de Fátima. Comuniquei este pensamento aos colegas, e todos tomámos o caso a rir, dizendo que era uma ideia extravagante como tantas que vêm à cabeça de rapazes novos. Mas tomando o ponto mais a sério, e não fazendo caso da única dificuldade, que teria pela frente – a questão da língua, que ele falaria – aproximei-me, pedindo-lhe desculpa e perguntando-lhe em italiano se ele falava italiano ou latim. Respondeu-me que não, em Francês. Claro está que não tive outro remédio, senão ir arranhando o meu francês, conforme pude. Quem havia de ser este sacerdote? Um Arquimandrita

de Constantinopla, que está em Roma trabalhando na codificação do código para a Igreja Oriental. De Roma voltará para a Suíça, onde vive habitualmente, não podendo tornar a Constantinopla, visto ser um perseguido dos turcos, que o matariam, se o lá apanhassem. Era cismático e converteu-se há quase dois anos, entrando na Igreja Católica. Falei-lhe em Nossa Senhora de Fátima de que ele não conhecia nada, e prometi mandar-lhe a “*Révue du Rosaire*”, o que fiz, mandando-lhe juntamente o livro do Dr. Fischer e uma fotografia da imagem de Fátima. Ficou contentíssimo, e desfazia-se depois em agradecimentos, não duvidando que Deus é que me tinha mandado ir ter com ele, para lhe falar de Nossa Senhora de Fátima, de que ele não conhecia nem, sequer, o nome. Já veio ao Colégio visitar a nossa linda imagem, gostando muito. Dei-lhe também um exemplar de as “*As Grandes Maravilhas de Fátima*” que me pediu um rapazinho português das suas relações que se encontra na Suíça num sanatório de tuberculosos. Levou também o artigo, sobre as aparições de Fátima, ultimamente publicado na “*Stella Matutina*” a que atrás me referi, e disse que o ia mandar à família real da Grécia, que se encontra exilada em Florença, e cujos membros apesar de serem cismático ferrenhos são muito devotos de Nossa Senhora.

Prouvera a Deus, que, por intercessão de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, essa nobre família seguisse o exemplo deste arquiandrita, entrando também na Barca de S. Pedro – sujeitando-se ao único Pastor do rebanho de Cristo, ao Pontífice Romano...

Havia muito mais que dizer continuando na mesma ordem de ideias, mas como esta já vai tão longa, forçoso é pôr ponto no discurso.

Antes porém, de terminar, quero pedir a V. Ex^a mais alguma coisa. É que nós precisamos muito de fotografias para ilustrar os artigos a que me tenho referido. Por isso, peço a V. Ex^a o favor de dar ordens, para que nos sejam mandadas bastantes fotografias, e o mais breve possível, se entender que elas poderão concorrer alguma coisa para tornar Nossa Senhora de Fátima mais conhecida e mais amada por esse mundo além.

Permito-me apontar algumas de preferência: As que veem reproduzidas na “*Revue du Rosaire*” a págs. 13, 15, 25, 32, 34, 35, 36, 37; a gravura reproduzida na capa de “*As Grandes Maravilhas de Fátima*”; e outras neste género, que são as que impressionam mais estes estrangeiros sempre muito exigentes. Talvez não ficasse mal também uma ou outra dos monumentos históricos da região, especialmente da Batalha.

Por agora, precisava também de um exemplar de “*As Grandes Maravilhas de Fátima*” para um sacerdote de Módena, muito meu amigo,

que promete propagar, o mais que puder, a devoção à Senhora do Rosário de Fátima na sua Diocese, para onde retira já este ano, depois da Láurea de Teologia.

Finalmente queira V. Ex^a Rev.^{ma} perdoar e não ter em conta as muitas incorreções, que, sem dúvida, há-de ter encontrado no português tão mal alinhavado, que acabo de escrever.

A festa de S. Pedro no dia 19 p.p., foi muitíssimo concorrida, e decorreu com um entusiasmo extraordinário. O S. Padre, à saída, ia muito comovido com toda aquela manifestação de simpatia e de amor, que se acentuava cada vez mais. Ao fundo da Basílica era um delírio, a ponto de o Papa se levantar na Sede Gestatória para abençoar o povo mais uma vez, e despedir-se com o gesto de uma pessoa que se afasta.

Como isto faz bem à nossa fé, Senhor Bispo!...

E, para concluir, não me resta, senão prostrar-me aos pés de V. Ex^a Rev.^{ma} e implorar da bondade do seu coração uma bênção particular, não só para mim, mas para os três leirienses.

ROMA, 23 de março de 1930

Joaquim Carreira

Doc. 119
1930-04-01

Aprovação de D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, à edição portuguesa do livro do Dr. Luís Fischer “Fátima a Lourdes Portuguesa (Impressões de Viagem)”, Lisboa, Tip. União Gráfica, 1930. Tradução da 2ª edição pelo Pe. Sebastião da Costa Brites.

Publ.: DCF, V-4 - Doc. 1387

APROVAÇÃO DE S. EXC^a REVM^a
O SENHOR BISPO DE LEIRIA

Ao aparecer a versão das impressões da viagem a Fátima do Snr. Dr. Luís Fischer, ilustre professor da Universidade de Bamberg, na Baviera, devo, como Bispo da Diocese de Leiria, – a mais pequenina de Portugal e, por isso mesmo, escolhida pela Santíssima Virgem para manifestar a sua glória – referir-me à expansão do culto de Nossa Senhora da Fátima nos países germânicos.

O Snr. Doutor Fischer foi o instrumento de que a Providência divina se serviu para divulgar em nações tão diversas da nossa – pelos costumes e língua – a caridade que a excelsa Padroeira da nossa terra teve para conosco.

A primeira edição do livrinho do Snr. Doutor Fischer de 10.000 exemplares consumiu-se em 4 meses. A segunda de igual tiragem aparecerá no meado de abril!

Qual a razão de um tal sucesso?

A meu ver é a devoção do ilustre autor para com Nossa Senhora e o atrativo com que apresenta as suas impressões.

O erudito Professor veio à Península Hispânica, seguindo na esteira dos antigos peregrinos bávaros, ao Célebre Santuário de Santiago de Compostela. De caminho foi revolvendo os tesouros que a Espanha conserva nas suas ricas bibliotecas.

E porque tinha ouvido uma leve referência à Senhora de Fátima, perguntava?

– Onde é a Fátima?

Ninguém lho soube dizer.

À semelhança dos magos que partiram do Oriente guiados por uma estrela e inquiriam: “onde está o Rei dos Judeus, que é nascido?” (Mat 2, 2), assim o piedoso peregrino veio de terra em terra perguntando – onde era a Senhora da Fátima? – até que Santiago, o bom Apóstolo, o guiou e dirigiu à Cova da Iria.

Ali assistiu à grande peregrinação de maio do ano passado.
O seu livro dá-nos conta da impressão profunda que lhe causou a fé do povo português.

Viu no culto à Santíssima Virgem de Fátima o meio de avivar a crença e derreter o gelo das almas presas pelo protestantismo na sua Pátria.

A atividade que o erudito Professor tem desenvolvido em conferências com projeções luminosas, artigos de jornais, revistas e discussões, é admirável.

Este entusiasmo transbordou da sua Alemanha e espalhou-se pela Holanda, Áustria, Checoslováquia, Jugoslávia, Roménia, etc.

E como a Santíssima Virgem tem abençoado os seus trabalhos!...

Basta dizer que já em diferentes centros da Alemanha, santas almas passam as noites de 12 para 13 de cada mês em adoração diante do Santíssimo Sacramento terminando pela Sagrada Comunhão em união espiritual com os atos de piedade que se realizam nas peregrinações da Fátima!

Várias pessoas aprendem o português para poderem ler a “Voz da Fátima”, o pequenino órgão do Santuário cuja tiragem tem atingido cem mil exemplares e que está encarregado de levar por todo o mundo o conhecimento das graças que a Santíssima Virgem tem concedido ao nosso Portugal.

Como são inspiradas as quadras que o ilustre poeta e servita Snr. Dr. Afonso Lopes Vieira¹ compôs para a inauguração da sua capelinha, em S. Pedro de Muel e peço licença para aqui transcrever:

Bendita seja nos Céus e na Terra
Santa Maria, que, para nos salvar,
falou em Fátima aos zagais da serra
e a Quem ora, reza e canta o mar.

¹ Escritor português nascido em Leiria a 26 de janeiro de 1878. Ainda em criança foi viver com os pais para Lisboa, mas nunca perdeu o contacto com a região onde nasceu. Durante o verão residia em S. Pedro de Muel. Deixou várias obras: Poesia - *Os versos, Onde a terra se acaba e o mar começa*; Teatro - *Auto da Sebenta e Rosas Bravas*; Romance - *A paixão de Pedro o Cru*; Conferências e estudos: - *Demanda do Graal e Nova Demanda do Graal*. Em 1929, escreveu a letra do cântico *Avé de Fátima*. Faleceu, em Lisboa, a 25 de janeiro de 1946.

Bendita seja pela nova chama
que arde nas almas, já livres do mal;
bendita pela Pátria que Ela ama
e pelo amor que Lhe tem Portugal.

Ó Formosa, ó Piedosa, ó Mãe, ó Estrela,
Senhora nossa, alta e divina flor;
Seja por Ti cada alma pura e bela,
Avé Maria, em teu Divino Amor!

Leiria, abril de 1930

† José, Bispo de Leiria

Doc. 120
1930-04-13

Relatório da Comissão Canónica Diocesana sobre os acontecimentos de Fátima.

Publ.: DCF, II - Doc. 9 (neste documento usou-se uma numeração própria. As folhas 1 a 3 estão em branco. Por isso o documento inicia-se na fl. 3v).

[3v] Os videntes e os inquiridos oficiais

In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti. Amen.

Na manhã do dia 13 de maio de mil novecentos e dezassete, a cerca de dois quilómetros e meio da igreja paroquial de Fátima, concelho de Vila Nova de Ourém, distrito de Santarém, na direção do oeste, a margem da estrada distrital, num sítio vulgarmente chamado “Cova da Iria”, três crianças apascentavam um pequeno rebanho. Eram duas meninas e um rapaz. A mais velha das meninas, que tinha dez anos de idade, chamava-se Lúcia de Jesus e a mais nova, apenas com seis anos¹, Jacinta Marto. O nome do rapaz, de nove anos, era Francisco Marto. Moravam em Aljustrel, uma das quarenta aldeias da vasta freguesia de Fátima, e uma das mais próximas da igreja e do presbitério. O Francisco e a Jacinta eram irmãos e a Lúcia sua prima coirmã. Os pais desta foram António dos Santos, que faleceu no ano seguinte², e Maria Rosa dos Santos, e os daqueles Manuel Pedro Marto e Olímpia de Jesus Marto. As crianças possuíam uma instrução religiosa muito rudimentar, tendo só a Lúcia feito a sua primeira Comunhão. Nenhuma delas sabia ler e escrever. Aproximava-se a hora do meio-dia solar. A devoção mais querida naquela região é a recitação do terço do Rosário. É rara a família, cujo chefe, à noite, depois da lida dos campos, não reze o terço juntamente com os seus, antes da ceia que é a refeição principal. As três crianças, como era seu costume, rezaram o terço em comum, e depois puseram-se a fazer uma casa em miniatura, servindo-se para isso das pedras soltas que havia em grande abundância no local, como há quase por toda a parte na serra de Aire. De repente, um relâmpago, de luz viva e brilhante,

¹ Jacinta tinha já sete anos (nasceu a 11 de março de 1910, data oficial; cf. Doc. 1, nota 5).

² António dos Santos faleceu, dois anos depois, a 31 de julho de 1919.

sulcou o espaço. As crianças suspenderam o seu entre-[4]tenimento e olharam admiradas para as alturas. O céu estava diáfano e sem nuvens, não soprava a mais leve brisa e o sol brilhava em pleno zénite. Não obstante, a Lúcia convidou os primos a retirarem-se sem demora para casa, com o receio de que se desencadeasse alguma trovoada. Eles acederam sem relutância e todos três puseram-se a tocar o gado pela encosta abaixo. Ao chegarem ao ponto, onde se encontra atualmente a primeira fonte, veem fuzilar um novo relâmpago e, a poucos passos de distância, de pé sobre uma pequena azinheira, no sítio onde mais tarde foi erigida a capela das aparições, um vulto de Senhora bastante nova, de incomparável formosura. Assustadas com a inesperada aparição, as crianças tiveram vontade de fugir e preparavam-se para isso, mas conteve-as um sinal da Senhora, que disse que não tivessem medo, porque não lhes fazia mal. A Aparição parecia não ter mais de dezoito anos de idade. O vestido era duma alvura puríssima de neve, assim como o manto, orlado de ouro, que lhe cobria a cabeça e a maior parte do corpo. O rosto, duma nobreza de linhas irrepreensível e que tinha um não sei quê de sobrenatural e divino, apresentava-se sereno e grave e como que toldado duma leve sombra de tristeza. Das mãos, juntas à altura do peito, pendia-lhe, rematado por uma cruz, um lindo rosário, cujas contas, brancas de arminho, pareciam pérolas. De todo o seu vulto, circundado dum esplendor mais brilhante que o do sol, irradiavam feixes de luz, especialmente do rosto, duma formosura impossível de descrever e incomparavelmente superior a qualquer beleza humana. Entre a Aparição e a Lúcia travou-se um diá-[4v]logo que durou cerca de dez minutos. A Aparição convidou as crianças a voltarem lá todos os meses, no dia treze, até outubro seguinte, assegurando que no último dia lhes diria quem era e o que queria. No dia quinze de outubro, o então pároco de Fátima, rev.^{do} Manuel Marques Ferreira, enviou a Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. João Evangelista de Lima Vidal, arcebispo de Mitilene e governador do Patriarcado de Lisboa, durante o desterro de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca, D. António Mendes Belo, um ofício em que lhe comunicava o que de extraordinário se estava passando na área da sua freguesia e pedia instruções sobre a atitude a tomar em face dos acontecimentos. Em resposta a esse ofício, recebeu o pároco outro, do Excelentíssimo Governador do Patriarcado, datado de três de novembro seguinte, em que lhe ordenava que procedesse a um inquérito consciencioso sobre os factos ocorridos, ouvindo testemunhas fidedignas e principalmente as crianças que se diziam favorecidas com graças singulares do Céu. Ao mesmo tempo, o Vigário

de Porto de Mós, rev.^{do} Joaquim Vieira da Rosa, era convidado pelo Senhor D. João a proceder a um inquérito semelhante. Em vinte e oito de abril de mil novecentos e dezanove, o reverendo pároco enviou ao Senhor Governador do Patriarcado um ofício que acompanhava o relatório de dezoito folhas, e em que dava conta do grande concurso de peregrinos ao local das aparições e da continuação da crença e devoção dos fiéis. No dia onze de novembro de mil novecentos e dezassete, já o venerando Vigário da Vara de Porto de Mós se havia desempenhado do encargo que lhe confiara o venerando Prelado, enviando os depoimentos de várias testemunhas fidedignas, acompa-[5]nhados dum ofício. Como consta do relatório paroquial, as aparições eram seis, todas no dia treze de cada mês, desde maio a outubro, exceto em agosto, em que se realizou alguns dias depois, segundo parece, no dia dezasseis³, por terem sido presos os videntes no dia treze, pela autoridade administrativa. Reproduz-se aqui, em resumo, o relato das aparições.

A Senhora diz que o seu lugar é o Céu, promete a felicidade eterna às três crianças, comunica-lhes um segredo que a ninguém poderão revelar, ensina-lhes uma pequena oração⁴, recomenda a Lúcia que aprendam a ler, manda que todos rezem o terço, para que a guerra acabe, anuncia o aparecimento de Nosso Senhor, de S. José com o Menino Jesus, de Nossa Senhora sob as invocações do Rosário, do Carmo e das Dores, recomenda de novo a recitação do terço, declara que a guerra acabava brevemente e no último dia afirma que Nosso Senhor está muito irritado com os pecados dos homens, suplica que não O ofendam mais, insiste mais uma vez em que rezem o terço, declara que ela é a Senhora do Rosário e ordena que se edifique ali uma capela em sua honra. O depoimento da Jacinta confirma, dum modo geral, o depoimento da Lúcia, assim como o do Francisco, que contudo só via a Senhora, não ouvindo nada do que ela dizia a sua prima.

Sinceridade dos videntes e verdade das suas declarações

Consideram-se reproduzidos aqui o relatório do inquérito paroquial os documentos n^o 7, 8, 9 e 10, isto é, a coleção da “Voz da Fátima”, e

³ Segundo declaração do pároco de Fátima, no interrogatório de 21 de agosto de 1917 e no Processo Paroquial, concluído a 28 de abril de 1919, a aparição de foi no dia 19 de agosto, domingo, nos Valinhos.

⁴ Jaculatória: Ó Meu Jesus perdoai-nos...

os livros “Fátima”, por Leopoldo Nunes, “Fátima, das portugiesische Lourdes” von Hochschulprofessor Dr. Ludwig Fischer, e “As grandes maravilhas de Fátima”, pelo Visconde de Montelo. Se se provar que as crianças eram sinceras e que não [5v] se enganaram, há o dever moral de admitir o seu testemunho e de crer na realidade sobrenatural das aparições. 1º Não se pode duvidar da sinceridade das crianças. Como podiam desempenhar uma comédia três crianças simples e ignorantes, uma de dez anos de idade, outra de nove e outra de seis⁵? Como podiam manter as suas afirmações, apesar das ameaças que lhes faziam, das perseguições de que foram alvo, e da prisão que sofreram? Nenhuma das crianças sabia ler na ocasião em que se deram os acontecimentos e a sua inteligência não era superior à das outras crianças da sua idade. Evidentemente não eram cabeças onde pudesse germinar o gigantesco desígnio de mistificar toda a gente.

De resto, que fim podiam ter em vista com uma mentira tão inverosímil? Não pretenderam aproveitar-se das suas visões, nem mesmo para satisfazer a sua vaidade. Elas não falavam nesse assunto senão quando eram interrogadas. E até um facto constatado por muitas pessoas que elas fugiam e se escondiam não raras vezes, quando eram procuradas para serem submetidas a interrogatórios.

Se se prestavam a isso, e então faziam-no de boa vontade e com a maior candura e singeleza, era unicamente para obedecerem a seus pais. O desinteresse que manifestavam e que aliás era próprio de crianças da sua idade excluía absolutamente toda a suspeita de intenções gananciosas. Suas famílias, que são abastadas, não permitiriam tão pouco que elas recebessem dádivas valiosas. A treze de setembro, depois da aparição, um cavalheiro espanhol, que estava presente, ofereceu a Lúcia uma pequena medalha de metal branco de pouco valor que ela a princípio não queria aceitar, supondo que era uma moeda de prata. Portanto, nem o amor próprio, nem a ambição, podiam ter induzido as crianças a procurar o papel que desempenharam, ainda quando, o que era impossível, semelhante [6] ideia tivesse germinado nos seus pobres cérebros, inquestionavelmente incultos e acanhados. Inúmeras pessoas, de todas as classes e condições sociais, interrogaram as crianças. Nenhuma, depois de as ouvir, ficou com a mais leve dúvida acerca da sua sinceridade. A indiferença com que falavam, o encanto natural da sua narrativa, a simplicidade com que respondiam e a ingenuidade das

⁵ Cf. nota 1.

suas reflexões não podiam deixar de impressionar e comover o espírito mais cheio de prevenções. Nas suas feições reflete-se um encanto tanto mais suave e penetrante, quanto é certo que nele só se descobre a efusão de almas cândidas. É impossível alimentar a seu respeito a mais ligeira suspeita de impostura. O próprio administrador do concelho de Vila Nova de Ourém, que as interrogou no dia 13 de agosto, e as conduziu presas para sua casa, onde as conservou durante dois dias, procurando pela ameaça e pelo terror obrigá-las a desdizerem-se, mostrou-se depois desse dia visivelmente impressionado e declarou que não mais tornaria a interferir em semelhante assunto. Era a sinceridade das crianças que se impunha a todos, categórica, decisiva, fulminante. As suas afirmações eram feitas de tal maneira que afastava por completo todo o receio de má fé. As crianças juntam os seus rebanhos numa propriedade pertencente à família da Lúcia e situada à beira da grande estrada distrital. Enquanto o gado anda pastando, entretêm-se inocentemente a brincar e, num dado momento, rezam em comum o terço do Rosário, como costumavam fazer todos os dias. Nenhum acontecimento, pois, foi menos preparado, mais espontâneo, mais visivelmente inesperado para as crianças que dele foram os protagonistas. Mas a cena celeste, em que de modo nenhum tinham pen-[6v]sado, antes de serem testemunhas dela, tinham em seguida consciência de a haverem contemplado; nada pode impedi-las de o dizer, e elas disseram-no e resolutamente, com uma segurança que não se entibiava jamais. 2º Mas se a sua boa fé é certa, se ninguém pode duvidar nem duvida de que elas julgaram verdadeiramente ver e ouvir o que afirmaram ter visto e ouvido, não foram vítimas duma ilusão, que teriam em seguida feito inocentemente partilhar? Não foram influenciadas por um temperamento nervoso, que produzisse nelas, alucinações da vista e alucinações do ouvido? Eis a questão que importa resolver: a) Para sofrer o império duma natureza nervosa, a primeira condição é evidentemente... ter uma natureza nervosa. É este o caso das crianças? Não se encontraram nelas sintomas de nenhuma enfermidade. Mais: nunca estiveram doentes. Nenhum indício permite crer que os nervos tivessem parte preponderante no seu temperamento. Não apresentaram nunca um só dos sintomas que se observam nos nevropatas; não os apresentaram antes dos acontecimentos da Cova da Iria, nem os apresentaram depois. Eram, pelo contrário, dum caráter pacífico e equilibrado. Não se mostravam concentradas nem pensativas. Despreocupadas e expansivas, gostavam de brincar com as crianças da sua idade. Naturalmente alegres, a sua alegria era simples, franca, infantil. A exaltação de que se deveria acusá-las, uma

vez que de tal se acusam, seria a exaltação religiosa, porque é a alucinações religiosas que ela teria dado ocasião. Ora a sua piedade não era superior à das crianças da sua idade. O Francisco e a Jacinta não tinham feito sequer a sua primeira comunhão. Nenhuma das crianças sabia ler e por isso só com dificuldade e muito incompletamente puderam aprender a doutrina. A Lúcia, interrogada [7] depois das aparições acerca do poder de Nossa Senhora, declarou com a maior ingenuidade que o julgava superior ao de Deus. Eis o estado em que se encontrava, em matéria de religião, o espírito dos videntes de Aljustrel, quando a Santíssima Virgem lhes apareceu. Seria, pois, um contrassenso admitir que a sua cultura religiosa as tivesse preparado de antemão para uma excitação mística tão desordenada que lhes perturbasse os seus cérebros juvenis. Por outro lado, nunca mostraram nenhuma inclinação para o misticismo, sem excetuar o período da sua vida que se seguiu imediatamente às visões. Um ilustrado professor de instrução primária⁶, que, ainda antes do fim do mês de outubro, assistiu no local das aparições à recitação do terço presidida pela Lúcia, declarou ter ficado mal impressionado ao ver a distração da criança, que ele esperava que se recolhesse e concentrasse num alheamento quase estático de todas as coisas do mundo no sítio em que tivera a ventura incomparável de contemplar a Rainha do Céu. Um cavalheiro de elevada categoria que no mesmo mês foi visitar a Cova da Iria, afirmou ter-lhe causado estranheza ouvir a Lúcia responder às perguntas que lhe faziam relativamente às aparições, dizendo tudo sem um certo sentimento de piedade e sem ter bem consciência da graça recebida. Não se notava nas crianças nada que as distinguisse das melhores crianças suas companheiras, nem uma comoção extraordinária, nem um recolhimento excecional. Tinham as suas distrações e as suas leviandades, como as outras. A sua devoção era sã e simples, sem atrair particularmente a atenção. Tais eram as almas ingénuas do zagaleta e das duas pastorinhas. Ninguém de boa fé deixara, pois, de reconhecer que estavam pouco predispostas para as alucinações religiosas. O seu temperamento bem equilibrado preservava-as das alucinações [7v] em geral, e, se porventura tivessem propensão para elas, as tendências das suas almas tê-las-iam impedido de misturar a religião com os seus sonhos de doentes. Para ter

⁶ Tratar-se-á do Professor António Lalandá dos Santos. Há uma carta deste para Maria Piedade Ordaz, datada de fins de outubro de 1917, descrevendo o que viu no dia 13 de outubro.

alucinações religiosas, teria sido mister que contrariassem simultaneamente as suas disposições físicas e as suas disposições morais. E então qual teria sido a origem delas? Donde lhes teriam vindo? Por isso, comete-se um grande erro, que é ao mesmo tempo uma grande injustiça, quando se assemelham a algumas alucinadas dos hospitais. As alucinações destas e as visões daquelas têm caracteres tão diferentes que evidentemente não se está em presença do mesmo fenómeno. Para obter as alucinadas dos hospitais é necessário escolher naturezas em que os nervos sejam particularmente excitáveis. Cumpre notar, de passagem, que a infância mal se presta as alucinações. Não é nessa época da vida que elas se produzem facilmente. Escolhem-se as mulheres ou as raparigas mais nervosas dum hospital de doenças nervosas. São precisas verdadeiras doentes, cérebros desarranjados, criaturas desequilibradas. E ainda não é tudo; desenvolvem-se cuidadosamente, por meio de atos repetidos, essas disposições doentias. É só então que essas infelizes chegam a ter alucinações duma maneira muito sensível. O que há na verdade de comum entre essas pobres doentes, escolhidas entre mil e cuja doença recebera de propósito uma espécie de cultura intensiva, e os pequenos videntes da serra de Aire, simples filhos da natureza, de nervos calmos, de imaginação regrada e tranquila como os seus nervos? Para sofrer alucinações, é preciso estar predisposto duma certa maneira. Ora os videntes da Fátima não tinham essa predisposição necessária, nem no físico, nem no moral. Estude-se agora a alucinação nos caracteres particulares que ela apresenta e estude-se sob três pontos [8] de vista distintos: antes das visões, no momento em que se verificam, e depois delas.

Antes das visões

A treze de maio, dia da primeira aparição, Lúcia e Jacinta, as duas crianças que dizem ter ouvido as palavras pronunciadas pela Aparição, contaram que o ente celeste que se lhes manifestara lhes tinha pedido que voltassem durante seis meses, de mês a mês. As crianças mostravam assim que se julgavam destinadas a gozar das suas visões ainda cinco vezes. Ora as alucinadas não fazem profecias sobre o que devem ver e ouvir, sobretudo profecias que se realizam: nunca se constatou que tivessem anunciado quantas crises alucinatórias haviam de experimentar. A sua persuasão absoluta, se tivessem alguma sobre este ponto, e que veriam sempre o que veem e que não podem deixar de ver: nenhuma dúvida tem entrada na sua alma, porque é o seu próprio organismo que

forma a sua convicção. Além disso, para voltarem cada mês no dia treze ao mesmo local, como realmente sucedeu, foi preciso que as crianças tivessem uma lembrança muito nítida, uma docilidade perfeita, um sentimento exato e claro do que tinham a fazer: coisas estas de que um alucinado não é capaz. Acresce que as crianças fizeram outras profecias, como por exemplo a relativa ao sinal de Deus e que se verificou no dia pré-anunciado. Convém ainda notar que a alucinação, se produz em certas condições, cujo conjunto é indispensável. Para os videntes de Fátima, pelo contrário, sucedem nas circunstâncias mais variadas. Dir-se-á que é precisa aos jovens videntes a influência da multidão? Observemo-los a treze de maio, o primeiro dia: eles estão sós. Observemo-los a treze de junho, dia de Santo António: estão presentes apenas [8v] cerca de cinquenta pessoas. Julgar-se-á que tenham necessidade da solidão? Vejamo-las a treze de setembro e a treze de outubro: a multidão aperta de todos os lados as pobres crianças aflitas a ponto de chorarem; há vinte mil espetadores no primeiro dia e uns setenta mil no segundo. Habitualmente a visão começa depois de as crianças terem rezado o terço de joelhos. Mas a dezasseis⁷ de agosto, no sítio dos Valinhos, a Senhora aparece-lhes improvisamente, sem que elas o esperassem e sem terem estado em oração. Não há condições requeridas para as suas visões e é o contrário do que sucede nos sonhos dos alucinados. Não é certamente assim que a alucinação procede. Ela tem o que quer que seja de fatal; não se encontra nunca nas suas manifestações essa independência absoluta a respeito das condições que lhe dão a existência.

Durante as visões

Estudemos agora os acontecimentos da Fátima em si mesmos, na maneira como eles se verificaram. Nas histéricas alucinadas, a imaginação conserva qualquer coisa de vago e de vaporoso. As formas que veem ficam um pouco imprecisas, flutuantes e, pelo menos em certas partes indeterminadas. Consideremos agora as visões dos videntes de Aljustrel. Elas apresentam uma precisão absoluta, até nas mais insignificantes particularidades. O vestido, o véu, o rosário, tudo deixa neles uma impressão franca, clara, decisiva. Podem descrever tudo, descrevem tudo: o comprimento do vestido e do véu, a maneira como este está

⁷ Cf. nota 3.

colocado sobre a cabeça, a cor das contas e da cadeia, tudo é observado com uma exatidão minuciosa. É esta a diferença capital entre os dois estados. Outra consideração acerca da alucinação em geral e as visões de Fátima e que estas foram fecundas, ao [9] passo que aquela é estéril. O alucinado não descobre coisa alguma nos seus sonhos doentios; não cria nada, nem nas formas que a sua imaginação lhe apresenta, nem nas ideias que essas formas lhe sugerem; não inventa, recorda-se simplesmente. As visões da Cova da Iria são completamente diferentes. As crianças anunciam com meses de antecedência um sinal misterioso, um milagre, prometido pela celeste aparição e destinado a fazer que todo o povo acreditasse que era a Virgem do Rosário que aparecia, como uma promessa de bênçãos, em terras de Portugal. E no dia marcado, treze de outubro, setenta mil pessoas, de todas as idades, classes e condições sociais, vindas de todos os pontos do país, e até do estrangeiro, acumulam-se nas faldas da serra de Aire para presenciar o sinal profetizado. E o espetáculo maravilhoso, o fenómeno estupendo, o prodígio inaudito que as crianças, que ninguém jamais tinha visto, faz cair de joelhos aquela multidão imensa, em que os incrédulos e os ímpios, de envolta com os crentes, choram, soluçam, rezam, todos rendidos, comovidos e estupefactos, perante a evidência empolgante e irrecusável de tão assombroso milagre.

Depois das visões

Um alucinado mostra-se orgulhoso, irritável, insubordinado e insensível às afeições de família. Os videntes de Fátima não eram assim. Foram sempre crianças humildes, mansas e dóceis. Tendo a mãe da Lúcia proibido a filha que tornasse a ir a Cova da Iria, esta dispôs-se a obedecer e, se voltou lá, foi porque a mãe, a pedido de várias pessoas, revogou a proibição que fizera. Modesta e simples, era para a pobre pequena um verdadeiro suplício ter de descrever os espetáculos celestes que presenciava, prestando-se a isso por obediência ou por delicadeza, fazendo-o então com bondade e sem deixar transparecer nenhum sinal de enfado. Para com a mãe e para com as demais pessoas de sua família foi sempre muito carinhosa, manifestando um vivo e constante interesse por tudo o que lhes dizia respeito e principalmente pelo seu bem espiritual. As numerosas cartas que tem escrito para a mãe, desde que saiu de casa para se educar, são modelos admiráveis de piedade filial e de caridade para com os seus parentes mais próximos. Graças às

suas súplicas e às suas diligências, uma das sobrinhas foi admitida gratuitamente numa casa de educação, dirigida por religiosas⁸. Foi sempre alegre e jovial e ainda hoje, depois da profissão religiosa, a sua simplicidade, a sua boa disposição e a sua alegria interior, que se lhe espelha no rosto, encantam todas as pessoas que dela se aproximam. As visões de que gozou não só não prejudicaram o seu estado moral, senão que contribuíram para a elevar, acima da vida comum, às culminâncias da perfeição completa e especial no estado religioso. Importa ainda frisar que as visões tiveram por epílogo um facto material e sensível que prova a sua realidade sobrenatural: o fenómeno solar. Nada de semelhante acontece nas alucinações. Por isso as visões não eram alucinações. É uma conclusão que se impõe como absolutamente irrecusável. Acresce que as alucinações degradam o carácter e diminuem a inteligência. Mas, depois das aparições, Lúcia de Jesus, assim como os seus primos, mostraram-se superiores ao que eram, tanto em relação ao carácter, como em relação ao espírito. Finalmente, as aparições de Fátima, afirmadas pelos videntes, como factos reais, têm por garantia da sua realidade e da sua realidade sobrenatural sucessos maravilhosos que a alucinação é incapaz de produzir.

[10] A liturgia da Igreja no dia da primeira aparição

A primeira aparição realizou-se no dia treze de maio de mil novecentos e dezassete, à hora do meio dia solar, quando os pastorinhos andavam brincando e não podiam prever o que se ia passar de extraordinário. Fátima estava, na ocasião das aparições, incorporada no Patriarcado de Lisboa. O calendário diocesano marca para esse dia, como festa própria e privativa, a festa da dedicação da igreja de Santa Maria dos Mártires. Na época da reconquista cristã da Península Ibérica, o fundador da nacionalidade portuguesa, D. Afonso Henriques, tendo já conquistado aos mouros quase todo o território situado ao norte da foz do Tejo, pôs cerco à cidade de Lisboa e, com o auxílio que lhe prestou uma armada de cruzados que se dirigia à Terra Santa, apoderou-se dela depois duma luta renhida, em que pereceram também muitos cristãos. O valoroso primeiro rei da dinastia afonsina tinha implorado fervorosamente a

⁸ Maria Júlia Pereira, nascida a 26 de fevereiro de 1918. Filha de Teresa de Jesus, irmã de Lúcia, e de José Pereira. Foi para o Asilo de Vilar em março de 1929, mas faleceu a 7 de novembro de 1931.

proteção da augusta Mãe de Deus para a sua heróica empresa e prometido que, se ela fosse coroada de êxito, mandaria edificar duas basílicas em honra da Santíssima Virgem, uma na parte ocidental e outra na parte oriental da cidade conquistada. Concluída a empresa com felicidade, deu-se pressa em cumprir o voto que fizera e ordenou que na basílica ocidental fosse colocada a imagem da Virgem Santíssima, cuja presença, no campo da batalha, aonde fora levada por um dos chefes quando o êxito era ainda incerto, incutiu nos soldados cristãos uma coragem tão grande que lhes fez alcançar vitória. Como nesse tempo era costume chamar mártires aos soldados cristãos que morriam em combate contra os infiéis e esta basílica tivesse sido construída no local onde os seus cadáveres estavam sepultados, come-[10v]çou a ser vulgarmente designada pelo nome de igreja de Santa Maria dos Mártires, título que se conservou até aos nossos dias com o consentimento dos Prelados diocesanos e com a aprovação do Santo Padre o Papa Urbano sexto, sendo a festa da sua dedicação celebrada em Roma no mesmo dia em que é celebrada em Lisboa. Esta igreja é a primeira da capital portuguesa em que, depois da reconquista, se celebrou o culto cristão. Por esse motivo, a pedido dos Bispos seus titulares e dos reis de Portugal, os Sumos Pontífices conferiram-lhe especiais privilégios. A partir do ano mil oitocentos e cinquenta e um, por concessão de Sua Santidade o Papa Pio IX, de saudosa memória, esta festa, que possui ofício e missa especiais, celebra-se com rito duplex de primeira classe e oitava na própria igreja e com rito duplex de segunda classe sem oitava em todo o Patriarcado. As primeiras palavras do próprio, no ofício divino, são as que formam o versículo e o responsório de vésperas: “Saístes para salvação do vosso povo, alegrai-vos, para salvação com Cristo, alegrai-vos”. A primeira antífona de laudes diz que apareceu no Céu um grande sinal: uma mulher que tinha o sol por manto, a lua por cabelo e na cabeça uma coroa de doze estrelas. O hino de vésperas proclama que a Virgem Santíssima se eleva entre os astros. O versículo e o responsório insistem no motivo da sua vinda. Finalmente a antífona do Benedictus diz: “Bendito seja o Senhor, que por meio da bem-aventurada Virgem Maria visitou o nosso povo e a nossa cidade e nos libertou da mão de todos aqueles que nos odiavam e dirigiu os nossos pés para o caminho da paz”. De resto, por todo o ofício, são contínuas as alusões à ação benéfica da Rainha dos Anjos em prol do seu povo, de quem é a Padroeira, é a alegria, confiança e entusiasmo com que ele a aclama nas suas [11] apoteoses de Fé e piedade. É em extremo consoladora para todos os católicos portugueses a concorrência desta festa com o primeiro dia das

aparições. É decerto permitido ver em tão singular coincidência mais um indício da sua sobrenaturalidade.

O êxtase

A azinheira sobre a qual aparecia a misteriosa Senhora tinha pouco mais dum metro de altura, e os três videntes, de pé ou ajoelhados junto dela, não podiam facilmente ser vistos e observados de frente pelas pessoas presentes. Todavia, num dos depoimentos sobre as aparições, encontram-se algumas palavras, que parecem denunciar o estado de êxtase na Lúcia, tanto mais que esse depoimento é duma pessoa rude, embora fidedigna, que decerto nunca tinha ouvido falar nesse fenómeno sobrenatural. Trata-se do depoimento de Maria Rosa Pereira, de sessenta e três anos de idade, casada com José Pereira Lopes, do Casal da Fonte, freguesia de Assentiz, concelho de Torres Novas. O rev.do António Lopes Laranjeiro⁹, antigo professor do Seminário Patriarcal em Santarém, e então capelão no lugar das Moreiras Grandes, da mesma freguesia, declarou que conhecia perfeitamente a testemunha e que a considerava muito séria e absolutamente digna de crédito. Este depoimento foi feito a treze de novembro de mil e novecentos e dezassete e refere-se à aparição do dia treze de outubro anterior. Diz a testemunha que nesse dia se achava próximo das crianças quando se deu a aparição, vendo-as muito bem do lugar onde estava. O povo comprimia-se cada vez mais, de tal maneira que as crianças corriam perigo de ser esmagadas apesar do esforço que empregavam as pessoas que as rodeavam para conter aquela onda humana. Todos queriam ver e ouvir de perto, o que era impossível. A Jacinta distraída e cheia de medo chorava [11v] por causa dos empurrões que recebia. A Lúcia acariciava-a e pedia-lhe que não chorasse, porque ninguém lhe faria mal. O Francisco também estava distraído por causa do povo. De repente, a prima disse-lhe que olhasse para a azinheira. *O rosto da menina fez-se mais lindo do que era, tornando-se corada e adelgaçando-se-lhe os lábios*¹⁰. Maria Pereira que se expressou nestes termos com a maior simplicidade e naturalidade, ignorando o que eles podiam significar de muito extraordinário, era pessoa

⁹ Nasceu na freguesia de Assentiz, concelho de Torres Novas, em 1880. Frequentou o Seminário de Santarém e faleceu a 26 de junho de 1922, em Moreiras Grandes.

¹⁰ A depoente utilizou a palavra “beijos”.

de condição humilde, sem cultura literária, possuindo uma educação religiosa elementar. Não podia, por isso, de modo nenhum, constatar com precisão as características essenciais dum êxtase. Mais ainda. É certo que ela nunca ouviu pronunciar essa palavra ou, se a ouviu alguma vez, não compreendeu nem conhecia a sua significação teológica. O seu depoimento, feito com toda a ingenuidade da sua alma sincera profundamente crente, oferece portanto, um grande valor e permite supôr que, pelo menos na Lúcia, se verificou realmente, no último dia das aparições, e porventura, nos outros dias também, o fenómeno sobrenatural a que os teólogos místicos chamam êxtase. Acresce, como se depreende dos depoimentos dos videntes, que a Lúcia, algumas vezes, durante o tempo da aparição, parecia alheia a tudo quanto a rodeava, não tendo consciência do que se dizia e fazia ao pé dela e achando-se como que fora de si.

As nascentes de água

Desde a época das aparições e sobretudo depois que os videntes afirmaram ter a Senhora manifestado a sua vontade de que se edificasse uma capela na Cova da Iria, a piedade dos fiéis desejou cada vez mais ardentemente levantar no local sagrado um monumento grandioso em honra da augusta Mãe de Deus. O projeto acolhido [12] com mais entusiasmo é o da construção dum templo no cimo do outeiro que domina a Cova da Iria, no sítio onde os videntes dizem que viram o primeiro relâmpago precursor da aparição de treze de maio. Pouco tempo após as aparições, uma comissão de habitantes das imediações da Cova da Iria resolveu, por devoção e para memória dos acontecimentos, mandar levantar a expensas suas, uma pequena capela ao pé do local onde estava a azinheira, em cuja copa pousara os pés a misteriosa Senhora aparecida¹¹. Quando, mais tarde, a autoridade eclesiástica tomou conta da capela e autorizou que nela se celebrasse o culto público, a devoção e o entusiasmo dos fiéis cresceram sem medida e para logo se aventaram planos grandiosos e imponentes de construções maravilhosas como as de Lourdes. O Senhor Bispo de Leiria tomou a seu cargo a direção suprema de todos os traçados de planos e de todos os trabalhos que deviam fazer da charneca árida e deserta uma esplendorosa cidade da Virgem. Para estas obras, assim como para os peregrinos que às centenas

¹¹ A Capelinha das aparições foi construída entre 28 de abril e 15 de junho de 1919.

de milhar acorriam a Fátima, para os animais que os transportavam até ali, e para atender os pedidos de inúmeros fiéis que mais tarde de toda a parte solicitavam continuamente remessas de água por mera devoção ou para a cura de enfermidades próprias ou alheias, era absolutamente necessário que na Cova da Iria houvesse água e água com abundância. Mas num raio de muitos quilómetros não aparece água na Fátima senão em pequena quantidade proveniente da chuva e recolhida em lagoas, poços e cisternas. Por isso uma comissão de habitantes daquela povoação tomou a iniciativa de mandar proceder a sondagens nos terrenos adjacentes à capela comemorativa das aparições. A primeira sondagem foi feita em nove de novembro de mil novecentos e vinte e um, depois da primeira missa campal, a dis-[12v]tância de quarenta metros da capela. Tendo começado os trabalhos de manhã, ao meio-dia já todos os operários saciavam a sede com a água que jorrou abundante da rocha viva. Nos últimos meses de verão a água quase desapareceu, depois que recommençaram os trabalhos destinados a tornar maior a capacidade do poço, vendo-se apenas lacrimejar uma das paredes. Em princípios de novembro de mil novecentos e vinte e dois, concluídas as obras do primeiro poço, que tem agora muitos metros de profundidade, a água límpida da nascente, rebentando com força, em seguida às primeiras chuvas do outono, encheu totalmente o vasto reservatório, como tiveram ocasião de ver os numerosos fiéis que em treze desse mês visitaram o lugar das aparições. Nos últimos anos, por ordem da autoridade eclesiástica, foram abertos mais dois poços, um de cada lado do poço primitivo, os quais fornecem água abundante que chega para satisfazer a sede dos peregrinos e as exigências da sua devoção, para as obras que incessantemente se estão realizando no local das aparições, para as necessidades da população, já numerosa, da povoação da Cova da Iria e até para ser expedida em latas para muitas terras de Portugal e do estrangeiro. Coisa singular! O segundo poço, mais largo e mais fundo que o primeiro, foi mandado fazer para receber as águas que no inverno transbordavam, como era costume, do poço primitivo. Logo que ficou concluído, a meia altura e no fundo, jorrou água em tanta quantidade que o encheu por completo dentro de poucas horas. Nos primeiros tempos após as aparições, muitas pessoas que não acreditavam na sobrenaturalidade dos acontecimentos maravilhosos, e entre elas alguns sacerdotes, protestavam que só acreditariam se, naquele terreno árido e estéril, aparecesse água, como apareceu em [13] Lourdes, junto do rochedo de Massabielle. A realização daquilo que reputavam impossível abalou profundamente, como era

natural, esses cristãos de pouca fé, muitos dos quais se tornaram mais tarde grandes devotos de Nossa Senhora de Fátima e apóstolos ardorosos do seu culto.

Atitude dos pais de Lúcia de Jesus

Maria Rosa dos Santos, mãe de Lúcia de Jesus, era, à data das aparições, casada com António dos Santos ou António dos Santos Abóbora, de quem enviuvou um ano depois¹². Tinha então quarenta e oito anos de idade. Além da Lúcia, possuía mais quatro filhas e um filho todos mais velhos do que a vidente. Os pais da Lúcia eram de condição humilde, mas não absolutamente pobres. Possuíam algumas terras, que cultivavam e cujos rendimento bastavam para os sustentar a si próprios e a seus filhos. E, se não viviam com mais desafogo, era por causa do pai, que se descuidava muitas vezes do amanhã das suas propriedades. O local da Cova da Iria, onde se verificaram as aparições, pertencia a um irmão da Lúcia, que havia regressado do Brasil pouco tempo antes da primeira aparição. Um dia, por ocasião duma das aparições, o pai da Lúcia, contrariado com a ida de tão grande multidão àquele lugar, onde poderia causar prejuízos nas sementeiras e nos frutos, envidou, aliás sem resultado, os maiores esforços para impedir o concurso de povo. Um ano depois falecia vítima duma congestão cerebral, sem nunca ter manifestado o mínimo entusiasmo pelos estranhos sucessos da Cova da Iria e sem crer sequer na missão sobrenatural de sua filha. A mãe da Lúcia é uma mulher de arreigados sentimentos religiosos e piedosa, como o são as mulheres do campo, que vivem entregues aos trabalhos agrícolas, longe da igreja paroquial, de maneira [13v] que não podem frequentar assiduamente os atos do culto e os sacramentos da confissão e comunhão. Tipo da mulher cristã e da boa dona de casa, entregue às lides domésticas, procurou sempre inspirar aos filhos o santo temor de Deus e levá-los ao cumprimento de todos os seus deveres morais e religiosos. Dotada dum bom senso fora do vulgar e duma prudência e dum tato extraordinário, preocupavam-na altamente os sucessos que atraíam a todo o momento as atenções de milhares de pessoas para a sua pobre habitação, até havia pouco tempo ignorada do mundo e notava-se desde logo que o seu espírito hesitava, numa ansiedade inquieta, entre a esperança de que sua filha fosse realmente privilegiada

¹² Cf. nota 2.

com a aparição da Virgem e o receio de que ela fosse vítima duma alucinação que lhe trouxesse desgostos e cobrisse de ridículo toda a sua família. Foi pela família dos outros dois videntes, Francisco e Jacinta, seus sobrinhos, que ela soube que Nossa Senhora tinha aparecido à filha da primeira vez, porque a Lúcia aconselhou os seus companheiros a não dizerem nada, com receio de que lhes ralhassem. Esta, só depois de interrogada pela mãe, é que disse o que tinha visto. Era com a maior bondade e delicadeza que Maria Rosa recebia todas as pessoas que desejavam ver sua filha e falar com ela, mas ao mesmo tempo com a prudente reserva que as circunstâncias impunham. Reconhecia que era uma graça muito extraordinária o aparecimento da Santíssima Virgem à Lúcia, mas por isso mesmo o seu espírito debatia-se numa grande incerteza, tanto mais que a vidente possuía apenas – e ninguém melhor o sabia do que ela – uma virtude e uma piedade vulgares. A consideração do peso enorme das responsabilidades que a realidade das aparições da Rainha do [14] Céu acarretava sobre toda a sua família perturbava-lhe a alma e enchia-a de temor. Mas o que mais a preocupava era a dúvida em que vivia acerca da origem e natureza dos sucessos maravilhosos da Cova da Iria. A princípio não acreditava na sinceridade das crianças. Perante a concorrência das multidões à Cova da Iria nos dias treze, o seu desejo era obstar a ida de sua filha a esse local em tais dias. Só a muito custo e guiando-se pelos conselhos de pessoas de autoridade, que a aconselhavam a dar liberdade à filha para fazer o que lhe aprouvesse, é que se resolvia a permitir a sua partida. Temendo que a filha andasse a enganar o povo com falsas declarações, embora não a tivesse por mentirosa, exprobase-lhe severamente o seu procedimento, ameaçando-a várias vezes com pancadas, e uma ocasião, num dos primeiros meses das aparições, chegou até a bater-lhe com um chinelo, tratando-a de impostora. Não raro a boa mulher manifestava o receio de que a Lúcia fosse vítima duma ilusão, embora encarasse com íntimo júbilo a hipótese duma felicidade tão grande como a escolha da filha pela Santíssima Virgem para sua confidente. Com o decorrer do tempo e à medida que os acontecimentos se iam desenrolando, convenceu-se da sinceridade dos videntes, mas, enquanto a autoridade eclesiástica não permitiu o culto público no local das aparições, era inclinada a crer que se tratava duma grande ilusão natural ou diabólica. Nunca deu mostra de enfado quando lhe apareciam pessoas a visitá-la por motivo das aparições, apesar do transtorno que não raro essas visitas causavam à lida da casa e ao amanhã das suas propriedades, quando se realizavam nos dias úteis. O seu desinteresse foi sempre manifesto, assim como o

do marido. Honesta, reli-[14v]giosa, amante do trabalho, ardentemente suspirava pela paz e sossego do seu lar, anteriores às aparições e que não voltariam mais, senão a troco da perda da filha que, resignada à vontade de Deus, mas com o coração dilacerado de dor, previa estar iminente.

Atitude dos pais do Francisco e da Jacinta

Segundo o depoimento de Manuel Goncalves Júnior, do lugar de Montelo, da freguesia de Fátima, testemunha absolutamente fidedigna, “os pais do Francisco e da Jacinta, Manuel Pedro Marto e Olímpia de Jesus Marto, são pessoas muito boas, profundamente religiosas e respeitadas e estimadas por todos. O pai tem fama de ser o homem mais sério do lugar (Aljustrel). É incapaz de enganar alguém. Muito laboriosos, ocupam-se no amanho das suas propriedades, de cujos rendimentos vivem. Posto que não sejam ricos, no sentido rigoroso da palavra, possuem abundantes meios de fortuna, ao contrário da família da Lúcia, que pode considerar-se apenas remediada e vivendo numa discreta mediania. Perante os sucessos desenrolados na Cova da Iria, puseram-se incondicionalmente, desde a primeira hora, ao lado dos filhos, cuja inocência simples e ingénuas bem conheciam e de cuja sinceridade nem por sombras podiam duvidar. A sua própria piedade, ao mesmo tempo profunda e desacompanhada duma sólida cultura religiosa, induzia-os, na sua rude franqueza de pessoas honradas, que consideravam um dever de consciência julgar os outros por si, a acreditar plenamente nas declarações das crianças. Dir-se-ia, ao ouvir as suas observações e os seus comentários, que consideravam tão obrigatória a crença nas aparições como nos dogmas definidos da fé crista. Bons e humildes co-[15]mo eram, crentes sem fanatismo, defendiam com sereno e calmo entusiasmo os seus pontos de vista na matéria, mas não ofendiam, nem sequer ao de leve, com as suas palavras cheias de calor e de vida e repassadas da mais evidente sinceridade, as pessoas, geralmente vizinhos, com quem conversavam e discutiam ao serão, que negavam a realidade ou a sobrenaturalidade dos sucessos maravilhosos ou punham em dúvida a manifesta boa fé dos videntes. E, se porventura um ou outro dos contraditores se exaltava ao sustentar a sua opinião, irredutível na sua intransigência, para logo aquelas duas boas almas, cheias de caridade e amigas da paz, se remetiam ao silêncio, pondo assim termo à discussão, antes que ela tomasse por um caminho que repugnava ao temperamento e aos seus sentimentos cristãos. E é muito para notar que só o amor da

verdade e da justiça os norteava em tudo quanto diziam. Podiam enganar-se, enganavam-se talvez, muitas vezes, nos juízos que formavam, mas era por desvio inconsciente da inteligência e não por erro contumaz da vontade. Nem o interesse, nem a vaidade, nem qualquer outra paixão inconfessável, foi jamais o móbil das suas palavras ou das suas atitudes. As suas virtudes cristãs, atestadas por todos aqueles que os conheciam no seu viver íntimo, assim como a sua reconhecida despreocupação de objetivos de ordem material excluía por completo a possibilidade de que assim fosse. De resto não havia ninguém que não lhes fizesse essa justiça. A resignação admirável com que suportaram o grande golpe da perda dos dois filhos mais novos, que a Virgem Santíssima, como eles criam sem hesitação alguma, privilegiara com as suas divinas aparições, perda que para eles representava o malogro de todas as esperanças huma-[15v]nas que porventura tivessem alimentado, é mais um testemunho da sua sinceridade e do seu desinteresse e um indício seguro de que o espírito profundamente cristão que os animava fazia-lhes pressentir e como que adivinhar a única solução a dar ao momentoso problema de Fátima.

A morte do Francisco

Francisco Marto, primo de Lúcia de Jesus, a protagonista das aparições de Fátima, adoeceu gravemente no dia vinte e três de dezembro de mil novecentos e dezoito, atacado da terrível epidemia broncopneumónica, que então grassava em todo o mundo. Nessa data, todas as pessoas da sua família estavam de cama, feridas pelo mesmo flagelo, à exceção do pai. Este e algumas vizinhas caridosas tratavam desveladamente dos enfermos, envidando todos os esforços para que nada lhes faltasse. Durante cerca de quinze dias a inocente criança ficou retida no leito “com a força da doença”, segundo a expressão da mãe, levantando-se nos princípios de janeiro num estado de grande fraqueza que, longe de diminuir, foi pelo contrário aumentando de dia para dia. Uma vez, durante as aparições, tendo a Lúcia perguntado à misteriosa Senhora que lhe falava, se ela e a Jacinta iriam para o Céu, e obtendo resposta afirmativa, fez idêntica pergunta acerca do Francisco, respondendo a Visão que também lhe caberia tamanha ventura, mas que primeiro havia de rezar muitas vezes o terço. Desde esse momento até adoeecer, o ditoso vidente nunca mais deixou passar um dia sem oferecer essa singela homenagem à Rainha do Céu. Depois que se levantou da cama, não sentindo às vezes forças para rezar o terço inteiro,

dizia tristemente à mãe que não podia rezar senão metade. A boa mulher procurava tranquilizá-lo, lembrando [16] que, se lhe custasse pronunciar as palavras da Oração Dominical e da Saudação Angélica, dissesse essas orações só com o pensamento, que Nossa Senhora lhe aceitaria o seu obséquio com o mesmo agrado. Recomendava frequentemente à mãe que não se esquecesse da oração que a Santíssima Virgem tinha ensinado aos três videntes, porque ele nunca se esquecia de a rezar. E, quando a pobre mulher se lamentava de que não raro a omitia por lapso de memória, o pequeno ponderava-lhe que a podia rezar mesmo pelos caminhos. Uma vez por outra queixava-se sentidamente de que não sabia oferecer o terço como muita gente tinha a felicidade de saber, o que lhe causava bastante pena. Apesar de nunca mais ter tido saúde, de quando em quando, dava um pequeno passeio, chegando a ir até à Cova da Iria. Quando alguém lhe asseverava que havia de melhorar, a sua resposta era logo um “não”, proferido com um ar misterioso e num tom que impressionava extraordinariamente. Como um dia sua madrinha Teresa de Jesus promettesse, na presença dele, pesá-lo a trigo, se Nossa Senhora o melhorasse, declarou perentoriamente que era inútil fazer essa promessa, porque jamais alcançaria a graça da sua cura. Possuía uma consciência em extremo delicada, sem embargo da sua pouca idade e de haver recebido uma formação religiosa muito deficiente e rudimentar. Uma vez em que o aconselhavam a levar as ovelhas, confiadas à sua guarda, pela orla das propriedades da madrinha, que decerto se não opunha a isso, não quis fazê-lo sem licença expressa dela por julgar que fosse um roubo. No dia dois de abril, a família, achando-o pior de saúde, mandou-o recolher à cama e chamou o pároco para o confessar. Não tinha ainda feito a sua primeira comunhão e por isso receava que não lhe fosse permitido [16v] receber Nosso Senhor. Grande, extraordinária até, foi pois, a sua alegria, quando o pároco lhe prometeu trazer no dia seguinte de manhã o Sagrado Viático. Na véspera pediu à mãe que o deixasse estar em jejum até essa hora, pedido a que ela acedeu sem relutância, assegurando-lhe que não lhe daria nada a tomar depois da meia-noite. Quando chegou o pároco com o Santíssimo Sacramento, quis sentar-se na cama para se confessar e comungar, o que não lhe foi consentido. Ficou radiante de contentamento por ter recebido pela primeira vez no seu peito o Pão dos Anjos e, quando o pároco se retirou, perguntou à mãe se não tornaria a comungar, ao que ela retorquiu que o não sabia. Durante o resto do dia pediu de tempos a tempos água e leite. À noite pareceu agravar-se ainda mais o seu estado, mas, perguntando-lhe a mãe como se sentia, declarou que não estava pior e

que não lhe doía nada. No dia seguinte, sexta-feira, cinco de abril¹³, pelas dez horas da manhã, sem agonia, sem um gemido, sem um ai, com um ligeiro sorriso à flor dos lábios, a alma daquele anjo da terra desprendia-se suavemente dos frágeis liames do corpo e voava para o seio de Deus¹³. Contava dez anos, nove meses e quatro dias de idade, pois tinha nascido no dia onze de junho de mil novecentos e oito, às dez horas da noite. As suas últimas palavras foram para a madrinha, a quem pediu, alguns instantes antes de soltar o derradeiro suspiro, quando a viu assomar a porta, que o abençoasse e perdoasse os desgostos que porventura lhe tivesse dado. Os seus despojos mortais jazem sepultados em campa rasa no humilde cemitério paroquial de Fátima.

A morte da Jacinta

É crença geral entre o povo que toda a família dos videntes [17] de Fátima, assim como também estes, estão condenados a desaparecer dentro de pouco tempo, e acrescenta-se que isso lhes teria sido anunciado pela Aparição. Qualquer que seja o fundamento desta crença, o certo é que o pequeno Francisco, irmão da Jacinta, já faleceu, a Jacinta também, assim como uma irmã¹⁴, o pai da Lúcia da mesma forma, e a mãe esteve há pouco tempo à morte. Das três crianças, resta apenas a Lúcia, que era a que conversava com a Senhora, segundo ela afirma. A Jacinta, que era relativamente robusta, foi acometida pela pneumónica, donde lhe resultou uma pleurisia purulenta, seguida doutras complicações. Tendo vindo a Fátima um distinto especialista da capital, e tendo observado a pequena, empenhou-se em que ela fosse para Lisboa, a fim de ver se, por meio duma operação, ainda era possível salvá-la. Buscou-se-lhe alojamento em casa dalguma pessoa abastada, mas não se conseguiu.

Foi então hospedar-se na pobre morada duma modesta criatura, que a recebeu de bom grado, com grande contentamento da pequena que, tirada do seu meio provinciano, toda ela era acanhamento e confusão. Para fazer a operação escolheu-se o hospital de D. Estefânia. Antes, porém, de recolher ao hospital, a criança disse que a Senhora lhe havia

¹³ Segundo o assento de óbito, Francisco faleceu no dia 4 de abril, às 22 horas. Tinha 10 anos.

¹⁴ Em 1930 tinham já falecido três irmãs de Jacinta: Teresa (nascida a 27 de fevereiro de 1901 e falecida a 11 de outubro de 1902); Florinda (nascida a 3 de agosto de 1902 e falecida a 7 de maio de 1920) e uma segunda Teresa (nascida a 5 de outubro de 1904 e falecida a 3 de julho de 1921).

aparecido, assegurando-lhe que “morria”, e por esse motivo achava que a operação era inútil. Apesar disso, e muito embora ela insistisse em afirmar que tudo era inútil, fez-se-lhe a operação, que correu bem, conquanto sem êxito feliz, como se viu. Quatro dias antes de morrer, como a pequena tivesse grandes dores e se queixasse, dizia-lhe a criatura que a havia recolhido e a quem tratava por “madrinha”, que suportasse com paciência as suas dores, que isso seria muito agradável a Deus. Na manhã do dia seguinte disse-lhe a Jacinta: “Olhe, madrinha! Eu já não me queixo! Nossa Senhora tornou-me a aparecer, dizendo que em breve me viria buscar e que me tirava [17v] já as dores!”. E de facto, desde esse dia até que morreu, segundo consta, não tornou a queixar-se nem deu mostras de sofrimento. Tendo sucedido a “madrinha” passar ou sentar-se ao pé da cama, não longe do sítio em que “a Jacinta disse ter visto a Senhora”, a vidente exclamou: “Tire-se daí, madrinha, que aí esteve a Senhora!...”. E a mesma preocupação se lhe apresentava, quando alguma enfermeira passava pelo mesmo sítio. Como fossem ao hospital algumas pessoas, imodestamente vestidas, ou visitá-la ou ver outros doentes, e algumas enfermeiras se apresentassem com certos exageros no traje, dizia, indicando essas pessoas e referindo-se a determinados enfeites e decotes: “Para que serve aquilo!? Se soubessem o que é a eternidade!...”. Falando dalguns médicos que ela julgava serem incrédulos, lastimava-os, dizendo: “Coitados, mal sabem o que os espera!”. Afirmava a vidente que Nossa Senhora lhe havia comunicado: “que o pecado que leva mais gente à perdição, era o pecado da carne, que era preciso deixarem-se de luxos, que não deviam obstinar-se no pecado como até aqui, e que era preciso fazer muita penitência”. E parece que a Senhora, ao dizer isto, se mostrava muito consternada, porque a pequena acrescentava: “Ai! Eu tenho muita pena de Nossa Senhora! Tenho muita pena!”. Enquanto esteve em casa, antes de ir para o hospital, vivia em companhia doutra pequenita, a quem recomendava muitas vezes “que fosse muito obediente, que não fosse preguiçosa e que nunca faltasse à verdade”. Pouco antes de morrer, perguntando-se-lhe se queria tornar a ver a mãe, respondeu: “que a família dela durava pouco tempo e que em breve se encontrariam no Céu”. Disse mais que Nossa Senhora “devia ainda aparecer outra vez, mas não a ela, porque com certeza morria, segundo ela lhe disse”. Pediu licença para se confessar, muito embora se tivesse confessado e comungado antes de entrar para o hospital. Foi confessá-la o rev.^{do} prior [18] dos Anjos, dr. Pereira dos Reis, mas não teve tempo de lhe dar a Sagrada Comunhão. Entrou para o hospital no dia dois de Fevereiro

e morreu no dia vinte. Depois de falecer, alguém aventou a ideia de a transportarem para a terra da sua naturalidade e assim se fez, promovendo-se uma subscrição para esse fim. Muitas pessoas que a não tinham querido receber em sua casa, depois que a pequena morreu já se mostravam solícitas em lhe prestar homenagem, até talvez com um bocadinho de exagero, o que provocou alguns reparos justos dum ilustre sacerdote. Esteve o cadáver da pequena na casa de despacho da igreja dos Anjos, aguardando a remoção para a estação e as necessárias formalidades, saindo depois com grande acompanhamento. Alguém notou a coincidência de, quando saiu o enterro, se achar na igreja o Dr. Domingos Pinto Coelho¹⁵ e algumas pessoas de família, que por incidente ali haviam ido, e relacionou este facto com o célebre artigo escrito por esse ilustre advogado em outubro de mil novecentos e dezassete, o qual, apesar de ortodoxo, motivou reparos dalguma gente que ferve em pouca água. A pequena deixou dois segredos para uma pessoa que se tem interessado por este assunto¹⁶. Em suma e em conclusão: Deus permita que a luz da verdade resplandeça sobre este caso, não só pelo que possa ter de miraculoso, como pelas consequências que daí possam resultar para a regeneração espiritual desta nossa querida Pátria. Entretanto, seja como for, vamos nós cumprindo a exortação que a pequena atribuiu a Nossa Senhora e que é, afinal, a doutrina da Igreja: “Façamos penitência! Evitemos o luxo e o pecado da carne! Não nos obstinemos no pecado”, para que não nos suceda como a uns infelizes a quem a pequena se referiu, quando, dizendo-lhe a madrinha que era preciso também orar por sua intenção, ela respondeu: “Pois sim, madrinha, mas esses já não têm remédio!”

[18v] O concurso de peregrinos

Um dos aspetos mais impressionantes do caso de Fátima é a concorrência enorme de fiéis ao local das aparições, que assume

¹⁵ Advogado. Nasceu em Lisboa a 8 de outubro de 1855. Foi diretor da Associação Central da Agricultura e do jornal “A Época”. Colaborador em vários jornais: “O Portugal”, “A Nação”, “A Ordem”, “Novidades”, “A Voz”. Foi autor de vários livros em matéria jurídica. Fez parte da direção legitimista e da Lugar-Tenência de D. Miguel II. Foi eleito senador e vice-presidente do senado durante o governo de Sidónio Pais. Faleceu a 14 de julho de 1944. Assinava os seus artigos com o pseudónimo: A. de F.

¹⁶ O próprio Dr. Formigão.

proporções verdadeiramente assombrosas no dia treze de cada mês, durante os meses da Primavera e do Estio. Há o que quer que seja naquele local bendito que fascina e encanta os crentes, que atrai e prende as almas, que empolga e arrebatava os corações. Já na época dos sucessos maravilhosos, as multidões se elevavam a dezenas de milhar de pessoas, excedendo em muito nas últimas aparições o número das multidões de Lourdes no período correspondente da sua história. Em Fátima, calcula-se em cerca de setenta mil o número das pessoas que assistiram ao grandioso fenómeno solar. Principalmente depois que foi permitido o culto público na Cova da Iria¹⁷, o concurso de peregrinos intensificou-se de tal maneira, que nos últimos anos, no dia treze de maio e no dia treze de outubro, devia ter passado por Fátima cerca de meio milhão de pessoas de ambos os sexos, de todas as idades e de todas as classes e condições sociais. A surpresa e a admiração que este facto desperta sobe de ponto, se se considerar que a concorrência tem sido até hoje constituída na sua quase totalidade por portugueses, que Portugal é um país apenas de seis milhões de habitantes, que a estação de caminho de ferro mais próxima fica a cerca de vinte e cinco quilómetros de distância e que o acesso ao local das aparições é difícil por causa do mau estado das estradas e excessivamente dispendioso. Numa revista alemã, a *Katholische Kirchenblatt-Korrespondenz*, no seu número de vinte e três de novembro de mil novecentos e vinte e nove, Bety Arenz conclui assim um artigo reproduzido em outros jornais alemães: “Quem esteve uma vez, em treze de [19] outubro em Fátima, pode contar as horas que aí passou como as mais belas da sua vida. Só em treze de maio último, estiveram lá trezentos mil peregrinos. Cada vez este lugar se está tornando mais belo... Certamente tempo virá em breve em que a “Lourdes Portuguesa” será semelhante em tudo ao “Lugar de Graça” dos franceses: “o número dos peregrinos é hoje em Fátima já superior ao de Lourdes”.

Os inquiridos oficiais

Dada a importância que, desde o seu início, tiveram os acontecimentos de Fátima, cujo eco se repercutiu duma maneira assombrosa por todos os recantos do país e em breve passou além das próprias fronteiras, a

¹⁷ A 13 de outubro de 1921, é permitida, pela primeira vez, a celebração de missa, junto da Capelinha das Aparições.

autoridade eclesiástica deu-se pressa em intervir no seu desenrolar, promovendo inquéritos cujos resultados a habilitassem a pronunciar-se com segurança sobre a origem e a natureza desses acontecimentos. Na época das aparições, a Santa Sé já tinha restaurado a diocese de Leiria, suprimida nos fins do século passado durante a vigência do regime monárquico, por acordo entre o Sumo Pontífice e o Real Padroeiro. A nomeação do primeiro Bispo da diocese restaurada devia demorar ainda algum tempo. Entretanto o governo eclesiástico achava-se repartido entre o Patriarcado de Lisboa e o Bispado de Coimbra, dioceses às quais estavam anexados os dois tratos de território de que ela se compunha. A região de Fátima fazia parte da circunscrição eclesiástica do sul, o Patriarcado de Lisboa. Presidia então aos destinos da primeira diocese portuguesa em dignidade o excelentíssimo e reverendíssimo Senhor D. João Evangelista de Lima Vidal, Arcebispo de Mítilene e Vigário Geral, na ausência do Eminentíssimo Cardeal Patriarca, D. António Mendes Belo¹⁸. Em ofício [19v] datado de três de novembro de mil novecentos e dezassete, e junto ao processo, o venerando prelado ordenava ao pároco de Fátima, reverendo Manuel Marques Ferreira, que procedesse a um inquérito consciencioso sobre os factos ocorridos na paróquia a seu cargo, no dia treze do mês de outubro anterior, ouvindo testemunhas fidedignas e principalmente as crianças que se diziam favorecidas de graças singulares do Céu. No dia vinte e oito de abril de mil novecentos e dezanove, o relatório do inquérito, acompanhado dum ofício, é finalmente remetido ao venerando Prelado. Consta de dezassete folhas e contém os depoimentos dos três videntes e de mais quatro pessoas que foram testemunhas presenciais dos acontecimentos. Por ofício datado do mesmo dia, o Senhor Arcebispo incumbiu o rev.^{do} Vigário de Porto de Mós de proceder a um inquérito semelhante, de que ele dá contas em onze de novembro de mil novecentos e dezassete em documento que consta de cinco folhas e contém os depoimentos de dezasseis testemunhas ajuramentadas aos Santos Evangelhos. No dia três de maio

¹⁸ D. António Mendes Belo nasceu em Gouveia a 18 de junho de 1842. Em 27 de novembro de 1883, foi nomeado Vigário Geral do Patriarcado de Lisboa e foi sagrado Arcebispo de Mítilene no dia 27 de abril de 1884. No dia 20 de novembro de 1907, foi nomeado Patriarca de Lisboa. A 28 de dezembro de 1911, o governo republicano expulsou-o do distrito de Lisboa, tendo ido viver para Santarém, sendo expulso, segunda vez, em agosto de 1917. Em dezembro, o governo de Sidónio Pais revogou o decreto de expulsão. Governou o patriarcado até à sua morte, a 5 de agosto de 1929.

de mil novecentos e vinte e dois, Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria, publicou uma provisão sobre os sucessos da Fátima. Nesse documento, depois de fazer uma breve exposição dos factos e de recordar a doutrina da Igreja, nomeia a comissão canónica encarregada de estudar o caso de Fátima e organizar o respetivo processo, segundo as leis canónicas. Esta comissão, depois de todos os seus membros terem prestado o juramento do estilo, iniciou os seus trabalhos, de cujos resultados apresenta agora o competente relatório, assim como os documentos numerosíssimos onde se encontram os elementos em que baseou os estudos a que procedeu e as considerações que fez. Entre os documentos importa destacar pela sua excepcional importância o relató-[20]rio do inquérito oficial ordenado por Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo de Leiria e realizado no Porto, em mil novecentos e vinte e quatro, com a devida autorização do venerando Prelado desta diocese, à vidente Lúcia de Jesus, que era nesse tempo aluna do Asilo de Nossa Senhora de Vilar daquela cidade, dirigido pelas religiosas de Santa Doroteia, cujo Instituto ela abraçou dois anos mais tarde¹⁹.

As contrafações

A notícia das aparições de Fátima tinha-se espalhado ao longe e ao largo, por toda a vasta extensão da terra portuguesa, com a rapidez fulminante dum relâmpago. No dia treze de cada mês, nos últimos meses, próximo do meio-dia solar, hora marcada pelos videntes para o contacto místico entre a terra e o Céu, muitos milhares de pessoas comprimiam-se em volta da azinheira sagrada, sobre cuja copa a Visão celeste pousava os seus pés virginais. A multidão, crente e piedosa, aguardava com ansiedade, rezando em recolhimento e silêncio, que se renovasse o colóquio misterioso de Lúcia com a Virgem e que mais uma vez se produzissem os fenómenos extraordinários que tinham acompanhado as aparições anteriores. Chegou o momento ardentemente suspirado e os videntes, que tinham acabado de recitar o terço do Rosário, ajoelhados no chão agreste e pedregoso da charneca árida e escalvada, volveram os olhos para o alto, embevecidos na contemplação do Ente sobrenatural que se dignava dirigir-lhes a palavra. Entretanto, as potências do inferno aliadas com as do mundo lançavam mão de todos os meios para

¹⁹ Lúcia, depois de ter estado no Asilo do Vilar, no Porto, desde 1921, entrou para o Instituto de Santa Doroteia, a 24 de outubro de 1925.

desacreditar as aparições de Fátima, cobrindo-as de ridículo, e impedir a todo o custo as imponentes manifestações de Fé e piedade a que elas davam lugar. Um desses meios, aliás já utilizado sem êxito em Lourdes, foi o lançamento pelo país inteiro duma larga rede de fictícias visões e aparições celestiais. E desde então até hoje jamais cessaram as maquinações do espírito das trevas, procurando arrastar nas malhas dessa rede as massas populares, ignorantes e facilmente crédulas, servindo-se para a execução dos seus planos de auxiliares ambiciosos, interesseiros e sem escrúpulos. Barral, Alcanhões, Póvoa de Santarém, Estremoz, Póvoa de Varzim, Estarreja, Bitarães, Abelheira e Constância são outras tantas malhas dessa rede que, mercê da má-fé dalguns e da ignorância e espírito supersticioso de muitos outros, têm forçado a autoridade eclesiástica a adotar medidas severas, mas justas e necessárias, para pôr cobro a explorações ignóbeis que redundavam em desprestígio e menosprezo da Religião. Essas manifestações pseudo-sobrenaturais, que provocaram grandes levantamentos de povo durante muitos dias, caíram todas por si, desaparecendo como que por encanto, depois de tanta excitação e de tanto entusiasmo, por não terem a fecundá-las a seiva divina que alimenta Lourdes e que alimenta Fátima. A moeda falsa desaparece depressa da circulação.

A oposição do clero

Os acontecimentos extraordinários de Fátima, na época das aparições e durante os primeiros anos que se lhes seguiram encontraram o clero português ocupando várias posições em face deles. A grande maioria dos ministros da Igreja conservava-se numa expectativa de absoluta indiferença e de extrema frieza, considerando a raridade das aparições sobrenaturais [21] e a dificuldade de provar a sua origem divina. Um número bastante apreciável de sacerdotes guardava, juntamente com a prudente reserva que a Igreja aconselha perante factos desta natureza uma expectativa benévola, mas desacompanhada de qualquer intervenção no desenrolar dos sucessos. Ninguém poderia afirmar com sombra de verdade que o clero, mais interessado que nenhuma outra classe da sociedade no que se estava passando, concorresse em qualquer medida, por mais insignificante que fosse, com o seu trabalho, com o seu apoio material ou moral ou sequer com o seu incitamento e aplauso, para a solução do caso de Fátima num sentido favorável aos interesses da Igreja. Alguns dos seus membros até, levando longe de mais a necessidade de acautelar o prestígio da Religião, atacaram desde logo o caso de Fátima

como uma superstição e um embuste, sem mesmo se terem dado ao incómodo de colher previamente, como exigem as regras mais comezinhas da crítica histórica, elementos de informação suficientes para fundamentar um juízo seguro e imparcial sobre a origem e a natureza dos sucessos maravilhosos. O jornal católico “A Ordem”, de Lisboa, no seu número de quinze de novembro de mil novecentos e dezassete, inseriu uma carta do reverendo José Freire, daquela cidade, em que o autor diz que se deliciara com a leitura dum artigo, dias antes publicado, em que se procurava reduzir às mais insignificantes proporções o fenómeno solar de treze de outubro com todas as suas circunstâncias. E logo a seguir, o mesmo sacerdote acrescenta: ‘Muito bem! Principalmente aquelas palavras de Cristo – ‘Se não virdes maravilhas, não credes’ – saíram-lhe muito felizes. Apoiado, sr. redator. O seu artigo merecia ser escrito em letras de ouro. Oxalá que estes católicos tomem juízo e estejam nos seus deveres até se ouvir no meio destas trevas aquela voz do Senhor: ‘Faça-se [21v] a luz’. No mesmo jornal e no mesmo número, o reverendo abade José Castro, em carta dirigida à redação, publica o seguinte: “Envio sinceros parabéns pela sua atitude jornalística, a propósito do caso de Fátima. Defende V. Ex.^{cia} a boa doutrina. Aqueles que querem impôr à força o ‘milagre’ são os seus piores inimigos, e não pode aproveitar-se o seu testemunho... Só factos posteriores podem autorizar o sobrenatural”. O reverendo Manuel Marques Ferreira, pároco de Fátima, em carta datada de quinze de agosto de mil novecentos e dezassete, publicada no mesmo jornal, defende-se das acusações que injustamente lhe são feitas de cumplicidade com o administrador do Concelho de Vila Nova de Ourém no rapto dos videntes realizado no dia treze desse mês. Afirmo nela que a sua vida chegou a correr perigo, tão grande era a excitação dos ânimos, provocada pelo rapto e pela calúnia que lhe foi assacada. Finalmente, expõe as razões da sua ausência sistemática do local das aparições no dia treze de cada mês, a qual é devida à convicção em que se acha de que a sua presença não é necessária, se as aparições são realmente sobrenaturais, e ao desejo de não fornecer aos inimigos da Igreja um pretexto para que atribuam a fé da multidão à presença ou aos conselhos do pároco de Fátima. É um facto geralmente reconhecido que os videntes muitas vezes procuravam fugir ou esconder-se, quando sabiam que algum eclesiástico os procurava para lhes falar, porque sabiam que eram por eles apertados com muitas perguntas capciosas e repreendidos e escarnecidos, como se fossem mentirosos e impostores. No inquérito a que foi submetida, quando era educanda do Asilo de Vilar, no Porto, Lúcia de Jesus declarou que,

depois da primeira aparição, foi visitada por muitas pessoas, e entre elas alguns sacerdotes, que a apertaram com perguntas e lhe ralharam muito, dizendo-lhe pessoas da sua família que ela mentia e [22] chegando a própria mãe a bater-lhe com o cabo duma vassoura. Declarou também, noutra altura do interrogatório, que, depois do dia treze de agosto, alguns sacerdotes que foram a casa dela para lhe falar a trataram de intrujona. Antes de ser permitido o culto público na Cova da Iria numa espécie de comício que até realizaram pessoas de sentimentos religiosos, crentes na verdade das aparições, mas pouco instruídas, um orador lamentou sentidamente que o clero se alheasse do que ali se passava, censurando os párocos da freguesia de Fátima e freguesias circunvizinhas e considerando-os quase como inimigos dos interesses da Religião e da Igreja.

A perseguição particular: os atentados

Durante a noite de vinte e três para vinte e quatro de outubro de mil novecentos e dezassete, alguns carbonários de Santarém arrebataram furtivamente os objetos que a piedade popular tinha colocado no lugar das aparições e no dia seguinte organizaram um cortejo sacrílego em que exibiram esses objetos e que percorreu as ruas principais daquela cidade com a complacência da autoridade administrativa e perante uma população inteira profundamente indignada e horrorizada. Consta que o governador civil e o administrador do concelho não só permitiram mas até auxiliaram este ignóbil e hediondo arremedo de procissão religiosa. O jornal “Diário de Notícias”, de vinte e quatro de outubro de mil novecentos e dezassete em correspondência de Santarém, publica o seguinte:

“O milagre da Fátima – Durante a noite de ontem, algumas pessoas que se fizeram transportar num automóvel a Fátima, foram ao local onde se deu o tão afamado fenómeno do dia treze do corrente mês, e de que tanto a imprensa se tem ocupado e, munidos dum ma-[22v]chado, cortaram a carvalheira, sob a qual as três crianças (pastoras) se apresentaram naquele dia. Trouxeram a árvore assim como uma mesa, sobre a qual alguns crentes haviam armado um modesto altar, onde foi encontrada a fotografia duma imagem religiosa (Nossa Senhora), um arco que a encimava, feito de rama de murteira, duas lanternas de folha, duas cruzes, sendo uma de madeira e outra de cana, envolta em papéis de seda. Todos estes objetos, assim como dois vasos com plantas, deram entrada nesta cidade às nove horas de hoje, encontrando-se em exposição

num primeiro andar do largo do Seminário. O automóvel, na ocasião da partida do referido local, teve uma “pane”, não ganhando o “chauffeur” e seus companheiros para o susto, receosos de serem ali encontrados. O caso deve ter produzido grande sensação no espírito dos crentes e bons católicos da Fátima e suas cercanias. Constatou-se que iam ser pagas as entradas para a visita aos ramos da árvore e imagens e que o apuro reverteria em benefício das Cantinas Escolares desta cidade, mas sabemos que a direção desta instituição de caridade recusa qualquer quantia que daí provenha. O jornal “O Século”, do dia vinte e seis de outubro de mil novecentos e dezassete, em reportagem do seu correspondente de Santarém refere-se nos seguintes termos à vil torpeza: “A noite passada muitos populares organizaram um cortejo à laia de procissão, levando à frente uns tambores e a seguir os ramos da célebre árvore da aparição da Virgem em Fátima. Pelo mesmo cortejo eram conduzidos o arco de murta, as lanternas acesas, a cruz e mais objetos que os crentes tinham colocado no improvisado altar. O acompanhamento entoava pitorescas ‘ladainhas’, e, num passo cadenciado, percorreu as principais ruas da cidade, dispersando na praça Sá da Bandeira, de onde tinha saído, indo muitos dos manifestantes depois juntar-se defronte duma janela, na rua Direita, de onde tinha sido lançado um balde de água, que apanhou alguns manifestantes e um dos polícias que no cortejo se tinham incorporado, e ali permaneceram algum tempo, em atitude hostil ao dono da casa, até que um cabo e um guarda da polícia cívica apareceram, pedindo aos manifestantes para dispersarem o que depois fizeram. A “Ordem”, de Lisboa, refere o seguinte no seu número de vinte e sete de outubro de mil novecentos e dezassete, sob a epígrafe “Uma torpeza livre-pensadeira com o consentimento da... autoridade”. O “Diário de Notícias” publicou ontem a seguinte correspondência de Santarém: “Ao Sr. Ministro do interior – Às nove horas da noite de ontem, um grupo de populares exibiu um cortejo pelas três principais ruas da cidade, conduzindo alguns deles, processionalmente, os objetos há dias trazidos da Fátima, onde se deu o afamado fenómeno do dia treze do corrente mês. Um dos populares conduzia a carrasqueira, um outro, acolitado por mais dois, figurando de eclesiásticos, conduziam, sob um chapéu de sol, uma cruz e, por fim, uns outros transportavam a estampa duma imagem religiosa, sendo encimada por um arco de murtinheira, ladeada por duas lanternas. Ao som do badalar duma campainha e do rufar dum tambor, cerca de cem populares entoavam uma ladainha, sendo sobre os mesmos e um polícia civil lançado um [23] balde de água, quando passavam próximo da ourivesaria Lemos.

A senhora que lançou a água foi multada pela polícia, mas o marido resolveu não pagar a multa e fazer escândalo no tribunal. Toda a gente estranha ao cortejo, especialmente os católicos, comentam verberantemente a indiferença ou consentimento de tal desacato por parte da autoridade administrativa, que, durante a sua estada, aqui só tem revelado uma manifesta incompetência no desempenho da sua missão, não sabendo evitar factos vexatórios [23v] e impróprios duma cidade, como o que vimos relatando. O Sr. Dr. José António dos Reis Júnior poderá ser um bom advogado, um bom chefe duma secretaria e um bom cidadão, qualidades que não lhe contestamos, mas o certo é que Deus não o fadou para o cargo para que nunca deveria ter sido nomeado. Desde o desacato de há dois anos que teve o seu início à saída da praça dos touros e que teve o final de ato no hotel Central, que esta cidade vem perdendo o conceito de longa data mantido pela disciplina hoje desusada. O facto de ontem que representa um vibrante desacato à lei de separação da Igreja do Estado, e ao livre pensamento dos outros que não pensam como o sr. administrador do concelho, deveria ter-se evitado, porque desde manhã que se tornou do domínio público. Desde que a citada lei proíbe procissões religiosas sem consentimento da autoridade administrativa, esta tinha a estrita obrigação de proibir o facto exibido. O semanário “O Mensageiro”, de Leiria, no seu número de vinte de dezembro de mil novecentos e dezassete, insere o seguinte: “O caso da aparição da Virgem aos três pastores no sítio do Vale da Iria está causando sérios engulhos aos nossos livres-pensadores. Um terno deles lembrou-se de vir até Vila Nova de Ourém ver se conseguia arranjar adeptos, e, de camaradagem com o administrador do concelho, o mestre funileiro, apareceram no dia um, no fim de muito anunciados, no Centro Republicano, para falar às turbas contra o milagre da Fátima. Tanto essa conferência como um comício, fizeram-nos anunciar em alguns jornais da capital e em panfletos distribuídos nesta vila e por todo o concelho, no dia de mercado e já no domingo anterior. O que se sabe, porém, é que para o milagre, ou como lhe queiram chamar, não foi preciso convites e no local da aparição da Virgem, no dia treze de outubro, reuniram-se para cima de cinquenta [24] mil pessoas, não tendo sido precisa a intervenção da autoridade para manter a ordem, nem força militar, não obstante a grande quantidade de automóveis, carros de diversas qualidades, bicicletas, etc., etc., não havendo o mais pequeno desastre. Haja agora em vista o tão anunciado comício, no local da aparição da Virgem, que não chegou a efetuar-se porque só apareceram os célebres oradores, acompanhados do administrador do concelho e

por mais seis indivíduos daqui, e guardados por uma força de guarda republicana desta vila e outras vindas de Tomar e de Torres Novas, que foram obrigados a ir ao local da Fátima, visto a consciência da seriedade e do papel que iam desempenhar os oradores! Então, srs. ministros do Interior e da Guerra, as tropas republicanas desviam-se dos seus serviços para guardar as costas aos srs. republicanos? Foi um verdadeiro fiasco, já a conferência no Centro, e muito maior no lugar de Fátima, onde os oradores tiveram de desistir, visto que o povo do concelho, por desprezo, não concorreu ao local, não obstante tanto convite que lhe foi feito, pois que ali só apareceram oito pessoas para os ouvirem, à exceção de grande número de mulheres que à sua chegada entoaram o Bendito, voltando-lhes logo as costas. Eis pois, o paralelo entre os dias treze de outubro e dois de dezembro. Por isso lhes dizemos: outro ofício, e a quem vos convidou, para a sensaboria que apanharam e o susto, quando no trajeto de regresso a esta vila foram mimoseados com algumas pedradas, pelo que o sargento comandante da força teve que fazer fogo.”

O segundo atentado foi cometido no dia seis de março de mil novecentos e vinte e dois, alta madrugada. O receio das explosões da cólera popular levou os criminosos a executar o seu horrível desígnio com o favor das sombras da noite. Reclam fundadas suspeitas sobre alguns indivíduos de Lisboa, Santarém e Vila Nova de Ourém, indigitados [24v] como promotores, executores e cúmplices do nefando atentado e cujos nomes se citam. Os desgraçados arrombaram a porta da capela e a golpes de alvião abriram quatro buracos nas paredes, a distâncias iguais, dois palmos acima do pavimento, introduzindo em cada um deles uma bomba de grande potência. Essas quatro bombas rebentaram, comunicando o fogo ao madeiramento do teto fazendo-o abater. Uma quinta bomba foi colocada na cova, em que se encontra a raíz da azinheira sobre a qual, no dizer dos videntes, pousavam os pés da Aparição, mas não explodiu. As paredes da capela, embora bastante danificadas, ficaram de pé. A Associação do Registo Civil e a Federação do livre Pensamento editaram um longo panfleto com a epígrafe: “Aos liberais portugueses” e as subepígrafes: “A reação campeia desenfreada! !! Contra a torpe especulação feita com a comédia ridícula de Fátima protestam energicamente a Associação do Registo Civil e a Federação Portuguesa do Livre Pensamento”²⁰.

²⁰ O relator equivoca-se ao datar o panfleto depois do atentado de 6 de março de 1922. O panfleto refere-se ao dia 13 de outubro de 1917 (cf. Doc. 27).

A perseguição oficial

O primeiro ato de perseguição oficial foi o rapto dos três videntes efetuado no dia treze de agosto de mil novecentos e dezassete pelo administrador de Vila Nova de Ourém pouco antes da hora marcada para a quarta aparição. Chefe local do partido democrático, que na vigência do novo regime foi o partido que assumiu uma feição mais acentuadamente anticlerical e antirreligiosa, inteligente, audaz, mas sem cultura literária ou científica, o administrador que tinha a profissão de funileiro, procedia no exercício das suas funções como um verdadeiro déspota, seguro da impunidade, cometendo toda a casta de arbitrariedades contra a Igreja e contra o clero, como instrumento da maçonaria [25] que na sede do concelho possuía um triângulo. A notícia do rapto que se espalhou rapidamente e foi levada sem demora à Cova da Iria, onde uma multidão de muitos milhares de pessoas aguardava a chegada das crianças, causou a mais profunda impressão nas pessoas que dele tiveram conhecimento. A mãe da Lúcia, quando lhe disseram que a filha tinha sido presa, respondeu: “Se foi por Deus, Deus os guardará, se mentiram, não continuam!...”. E, enquanto muitas pessoas choravam de pena ou de indignação, ela conservava a serenidade dum alma verdadeiramente cristã. O administrador tinha um ardente desejo e alimentava a esperança de descobrir a interferência e manejos secretos da reação clerical no caso de Fátima, que tanto o preocupava. Por isso submeteu as crianças, durante os dias em que as conservou em sua casa, a interrogatórios repetidos e capciosos, tentando debalde fazê-las cair em contradições e recorrendo, também sem resultado, a promessas e ameaças, já para as obrigar a confessar que estavam desempenhando uma comédia ensaiada, já para lhes arrancar o segredo que, segundo elas diziam, a Aparição lhes comunicara e que a ninguém podiam revelar. Este abuso inqualificável da autoridade administrativa, que tão profunda como justa indignação provocou em toda a gente de bem, constituiu um ato providencial, que veio reforçar a convicção geral, nesse tempo já tomada, de que as crianças não faltavam conscientemente à verdade. No dia treze de maio de mil novecentos e vinte, quinta-feira da Ascensão, devia realizar-se uma das mais esplendorosas manifestações de Fé e piedade em honra da gloriosa Senhora aparecida. A Maçonaria, sabendo o que se preparava, fez correr em Lisboa o boato de que a peregrinação seria uma grande manifestação política. O seu intuito era conseguir que o governo proibisse a peregrinação, o que realmente sucedeu. O

administrador de Torres Novas, tendo conhecimento de que devia ser exposta à veneração pública uma imagem [25v] de Nossa Senhora de Fátima oferecida por um devoto daquela vila, não permitiu que ela saísse para Fátima, mandando cercar por tropa a casa onde estava guardada. Um piedoso estratagema frustrou os planos da autoridade. Para a Fátima tinham sido enviados, por ordem do governo grossos destacamentos de tropa de linha, infantaria, cavalaria, e uma força da guarda republicana a pé e a cavalo, comandada por um tenente. As forças formaram dois cordões: um na Cova da Iria e o outro a dois quilómetros de distância junto da igreja paroquial de Fátima. No concelho de Vila Nova de Ourém e noutros concelhos não foi permitido alugar carros. Uma trovoadade se desencadeou formidável, acompanhada de chuva abundante, obrigou a tropa a retirar. Os peregrinos, que já antes se dirigiam por atalhos através dos campos para as imediações da Cova da Iria, vendo livres as estradas, acorreram em massa ao local das aparições. Em treze de maio de mil novecentos e vinte e dois tenta-se novamente proibir a grande peregrinação nacional. Em Torres Novas e noutras terras foi largamente distribuído um manifesto intitulado “A comédia de Fátima”. O governador civil de Santarém, democrático e livre-pensador, enviou ao administrador de Vila Nova de Ourém o seguinte telegrama que ele declarou ser reprodução doutro recebido do ministério do interior: “Proíba terminantemente essa grande parada de forças reacionárias em Fátima”. O presidente do ministério engenheiro António Maria da Silva, disse a um redator do jornal “A Época”, que o entrevistou sobre esse assunto, que o governo não tinha proibido a peregrinação. O administrador do concelho respondeu ao governador civil: “que não proibia de modo algum essa peregrinação em que tomavam parte cerca de cinquenta mil pessoas; que proibí-la era desprestigiar o próprio regime; que a sua resolução inabalável tinha o apoio de todos os [26] democráticos e republicanos de várias cores do concelho, os quais consultara”. Houve ainda outra tentativa de proibição, procedimento por vias legais contra dois professores de instrução primária por não terem dado aula num dia treze, casos isolados de difamação e zombarias e ataques à Religião e à Igreja nas colunas da imprensa sectária por motivo das manifestações de Fátima.

O Senhor D. José Alves Correia da Silva e a “Obra de Fátima”

O Senhor D. José Alves Correia da Silva foi nomeado Bispo de Leiria dois anos depois das aparições e dos sucessos maravilhosos.

Ainda não tinha recebido a sagração episcopal quando um seu colega no episcopado o felicitou por estar sujeita à sua jurisdição a futura Lourdes portuguesa. O motivo dessas felicitações era para o venerando Antístite mais uma fonte de preocupações e responsabilidades. Por isso uma sombra de tristeza toldou-lhe o espírito, ao ouvir essas palavras de parabéns, que lhe recordavam um dos espinhos mais agudos do seu múnus episcopal. Quando um membro do clero do Patriarcado, a quem o Excelentíssimo Senhor Arcebispo de Mitilene, na ausência do Eminentíssimo Senhor Cardeal Patriarca, tinha encarregado de acompanhar de perto e estudar os acontecimentos de Fátima, se dirigiu a Leiria, um mês depois que Sua Excelência Reverendíssima tomou posse da sua Sé episcopal, para o cumprimentar e receber as suas instruções sobre a orientação dos trabalhos relativos à propaganda de Fátima, pôde facilmente descobrir, entre as demonstrações cativantes de bondade e gentileza, uma frieza e uma indiferença difíceis de disfarçar por tudo o que interessava ao fim principal da vi-[26v]sita. Um mês depois, o venerando e saudoso pároco do Olival e vigário da vara de Vila Nova de Ourém, escrevia-lhe, após uma entrevista que tivera com o Excelentíssimo Prelado, dizendo que ele, posto ao corrente de tudo quanto se tinha passado na Cova da Iria, reconheceu claramente o dedo da Providência suscitando tantas maravilhas e, longe de criar obstáculos à propaganda de Fátima, a permitia de bom grado, ressaltando porém, como não podia deixar de ser, os direitos do magistério eclesiástico quanto à apreciação da natureza dos sucessos reputados maravilhosos. Desde esse momento, a ação desenvolvida pelo ilustre e incansável Prelado tem sido verdadeiramente colossal. Que o diga a intensificação da propaganda *pró Fátima* que tem chegado aos recantos mais afastados de Portugal e até aos confins do mundo. Que o diga a difusão do mensário “Voz da Fátima”, pregoeiro das glórias da Virgem, cuja tiragem se eleva a muitas dezenas de milhar de exemplares e cuja circulação não é igualada por nenhuma outra publicação congénere. Que o diga a majestade e imponência das grandiosas manifestações de Fé e piedade, realizadas no recinto das aparições. Que o diga o zelo admirável que dedica à Obra de Fátima, promovendo a construção dos santuários da Cova da Iria e dos seus anexos, tomando parte nas grandiosas manifestações de Fé, esforçando-se por coibir toda a sorte de abusos, fomentando a fé e a piedade dos peregrinos, organizando a obra dos retiros, instituindo a Confraria de Nossa Senhora do Rosário e as Associações de servos e servas de Nossa Senhora do Rosário, fundando um albergue para os peregrinos e proporcionando

com a maior solicitude e carinho toda a sorte de comodidades aos peregrinos pobres e doentes. E, facto culminante na vida do ínclito e apostólico Prelado, cerca de cinco anos depois da primeira aparição, a Santa Igreja levanta pela primeira vez a sua voz para falar dos acontecimen-[27]tos de Fátima pela boca do venerando Prelado de Leiria. A três de maio de mil novecentos e vinte e dois, o Senhor D. José Alves Correia da Silva publica uma provisão – o primeiro documento oficial sobre tão momentoso assunto –, não para se pronunciar acerca da origem e natureza dos fenómenos extraordinários, mas para preparar os elementos em que se há-de basear a autoridade eclesiástica, a fim de poder proferir com pleno conhecimento de causa o seu veredicto. Nessa provisão nomeia a comissão encarregada de estudar os factos considerados miraculosos e organizar o respetivo processo canónico. É esta comissão que tem a honra de apresentar agora a Sua Excelência Reverendíssima o resultado dos trabalhos a que procedeu em obediência às determinações dessa provisão.

O interrogatório oficial de Lúcia de Jesus

Em virtude da importância excepcional que possui um assunto desta natureza, convém examinar detidamente o relatório do processo verbal a que foi submetida a principal protagonista das aparições em tal época e em tais circunstâncias da sua vida que o seu depoimento não pode deixar de oferecer as mais seguras garantias de credibilidade. Foi no dia seis de julho de mil novecentos e vinte e quatro que Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria, em ofício endereçado ao Senhor Bispo do Porto, D. António Barbosa Leão, requereu licença para que os reverendos Doutores Monsenhor Cónego Manuel Pereira Lopes, professor do Seminário do Porto, Manuel Marques dos Santos, professor do Seminário de Leiria e Manuel Nunes Formigão, professor do Seminário de Santarém, interrogassem a única vidente sobrevivente, reduzindo a auto as suas declarações para serem juntas ao processo eclesiástico que estava correndo na diocese de Leiria acerca dos acontecimentos sucedidos em Fátima em mil novecentos e dezassete. Lúcia de Jesus [27v] tinha então dezassete anos de idade, e estava internada no Asilo de Vilar, da cidade do Porto, dirigido pelas religiosas do Instituto de Santa Doroteia. O interrogatório realizou-se a oito de julho do mesmo ano, precisamente no dia seguinte ao último do primeiro Congresso

Mariano Nacional²¹, realizado em Braga. Ajuramentada aos Santos Evangelhos, Lúcia prometeu dizer toda a verdade e só a verdade. A leitura desse processo verbal não pode deixar de impressionar profundamente toda a pessoa que o ler de boa fé. De cada resposta da vidente, de cada afirmação sua, ressalta, com uma evidência dominadora, a sinceridade das suas declarações, a verdade do seu depoimento. Exprime-se com uma serenidade, uma calma, uma simplicidade, um acento de firmeza e de convicção tão íntima, e ao mesmo tempo com uma humildade tão grande, como se se tratasse de coisas que não lhe dissessem respeito, que o seu depoimento não deixa nada a desejar e não é de modo nenhum inferior sob qualquer ponto de vista, ao da Beata Bernadette Soubirous, a angélica vidente de Lourdes, no processo canônico que foi instaurado por ordem de monsenhor Bertrand-Sévère Laurence, Bispo de Tarbes. Nas declarações de Lúcia de Jesus, por ocasião deste inquérito, há três pontos que convém focar. Um dos pontos é a prisão da vidente e dos seus covidentes no dia treze de agosto com os episódios que se desenrolaram durante os dias em que estiveram presos. O administrador do concelho, jacobino exaltado, que em nada se pode comparar com o comissário de policia de Lourdes, Jacomet, estava empenhadíssimo, por ódio à Religião e à Igreja, em pôr termo às manifestações de Fé e piedade de que era teatro a Cova da Iria, havia quatro meses²². Por esse motivo, no dia em que devia realizar-se a quarta aparição, como já se disse mais atrás, apodera-se à falsa fé das pobres crianças e leva-as numa *charrette* para sua casa em Vila Nova de Ourém, sede do concelho. [28] Ali fecha-as num quarto, interroga-as, servindo-se de toda a espécie de *trucs* policiais para as fazer cair em contradição, para as obrigar a desdizerem-se e para lhes arrancar o segredo que dizem ter-lhes sido confiado pela Aparição. É preciso não esquecer que nessa data a Lúcia tinha dez anos de idade, o Francisco nove e a Jacinta quase sete²³, que todos três eram crianças ignorantes e tímidas e que nunca tinham saído da sua terra. Não há promessas nem ameaças de que a autoridade não lance mão para conseguir os seus fins. Logo que chegaram a Ourém, as crianças são fechadas num quarto e dizem-lhes que não sairiam dali, enquanto não declarassem o segredo que a Senhora lhes tinha confiado. No dia seguinte, depois de interrogadas por uma

²¹ O relator queria referir-se ao 1º Congresso Eucarístico Nacional, realizado em Braga, de 2 a 6 de julho de 1924.

²² Três meses (maio, junho e julho).

²³ Cf. nota 1.

senhora, são conduzidas à administração do concelho e novamente interrogadas, havendo quem lhes ofereça peças de ouro para revelarem o segredo. À tarde foram outra vez interrogadas sobre o segredo. Levaram-nas à cadeia e ameaçaram-nas de lá as fazerem ficar, se o não dissessem. Como elas o não quisessem dizer, ameaçaram que as iam fritar em azeite. Nessa altura, na presença das crianças, o administrador disse a um indivíduo que estava próximo que aprontasse uma caldeira com azeite quente. Chamou depois a Jacinta, dizendo que era a primeira a ser queimada. Ela foi prontamente, e a Lúcia, no seu depoimento, acrescenta ingenuamente que foi sem se despedir. Interrogaram-na e meteram-na num quarto. Chamaram em seguida o Francisco, disseram-lhe que a Jacinta já estava queimada e que ele teria a mesma sorte, se não declarasse o segredo. Interrogaram-no e mandaram-no para o mesmo quarto. Foi depois a vez da Lúcia. Disseram-lhe que os primos já estavam queimados e que ela teria a mesma sorte, se não dissesse o segredo. Embora pensasse que era certo, a vidente não teve medo, como ela própria declara. Mandaram-na para junto dos primos e um homem disse que não tardariam a ser queimados todos três. Levaram-nos [28v] para casa do administrador e lá ficaram mais uma noite no mesmo quarto. No dia seguinte, sucedeu quase a mesma coisa: interrogatórios de manhã e de tarde, com muitas promessas e ameaças. No dia dezasseis²⁴ foram outra vez à administração, pelas dez horas, mas nada conseguiram dos videntes, como das outras vezes, até que por fim o administrador os foi levar à residência paroquial de Fátima. Quem é que não vê o que há de extraordinário, assombroso mesmo, nesta atitude das crianças? Não se apalpa, por assim dizer, em tudo o que se passa com elas em Vila Nova de Ourém, uma proteção sobrenatural a protegê-las, a ampará-las, a confortá-las? Sem uma força do Alto, era fácil fazê-las cair em contradição, arrancar-lhes o segredo, obrigá-las a desdizerem-se. Crianças tão novas, tão rudes, tão ignorantes, como poderiam vencer os laços que lhes armavam a inteligência e a impiedade e resistir a promessas tão sedutoras e sobretudo a processos de intimidação tão horrorosos, se não estivessem na posse segura da verdade e não tivessem Deus por si? Outro ponto é o que diz respeito à predição do fenómeno solar do dia treze de outubro, presenciado por cerca de setenta mil pessoas, que a predição espalhada rapidamente por todo o país atrairia naquele dia ao local das aparições.

²⁴ Cf. nota 3.

A dezasseis de agosto²⁵, dia da quarta aparição, depois dos tristes episódios de Ourém, a Lúcia pediu à Senhora um milagre para que o povo acreditasse, e Ela disse que no último mês faria um sinal no sol e que todos haviam de acreditar. Depois do que se passara na sede do concelho e em face das dúvidas que tantas pessoas manifestavam acerca da realidade e sobrenaturalidade das aparições, era natural que a Lúcia se lembrasse de pedir à Senhora uma prova evidente de que ela não era mentirosa, como muitos pretendiam. Se não se lembrou, decerto alguém a aconselharia a fazer esse pedido. No dia treze de setembro, a Lúcia insistiu pelo cumprimento da promessa. Eis as palavras textuais que constam do relatório a fls. 5²⁶: “Pedi outra vez [29] que fizesse um milagre para o povo acreditar, porque diziam que eu era uma intrujona que devia ser enforcada e queimada. A Senhora deu-me a mesma resposta da outra vez”. O terceiro ponto e em si mesmo de nula ou insignificante importância, mas serve admiravelmente para mostrar a delicadeza de consciência e o escrúpulo que a Lúcia teve em todo o seu longo depoimento, para que não escapasse nenhuma inexatidão, por mais pequena que fosse. No princípio do interrogatório, a fls. 1²⁷, depois da pergunta do estilo: “Quando fizeste a primeira Comunhão?”, está exarada esta resposta: “Fiz a minha primeira Comunhão aos sete anos; o senhor Prior não ma queria dar por eu ser muito pequena, mas por fim fez-me a vontade, a pedido do senhor Padre Pena”. Ou porque a vidente não se exprimiu com suficiente clareza, ou porque as palavras lhe atraíçassem o pensamento ou enfim porque o notário não ouvisse ou não compreendesse bem a resposta, a última parte dela, acima sublinhada, era inexata. Quando, depois de ter acabado de fazer as suas declarações, lhe foi lido pelo notário o seu depoimento, ela achou tudo conforme a verdade, exceto na resposta à pergunta acerca da sua primeira Comunhão, porquanto, como ela mesma diz, “o senhor Prior é que se chamava padre Pena e era ele que lhe recusava a comunhão por a achar muito nova, mas por fim cedeu às suas instâncias por ver que sabia o catecismo”. Feliz engano, que foi ocasião de se obter uma contraprova de peso considerável em favor da sinceridade perfeita e da minuciosa exatidão das declarações da vidente!

²⁵ Cf. nota 3.

²⁶ Trata-se do interrogatório a Lúcia, no dia 8 de julho de 1924 (cf. Doc. 82).

²⁷ Cf. nota 26.

A profissão religiosa de Lúcia de Jesus

Realizado no dia treze de outubro de mil novecentos e dezassete o estupendo sinal de Deus, que Lúcia de Jesus, a privilegiada da Virgem, anunciara dois meses antes para [29v] confirmação da veracidade dos seus depoimentos e a que assistiram com assombro e extrema comoção mais de sessenta mil pessoas de todas as classes e condições sociais e de todos os pontos do país, a feliz vidente tinha concluído a sua missão de embaixatriz da Mãe de Deus, augusta Padroeira de Portugal. À semelhança do precursor S. João Batista, a partir desse momento, ela tinha de se diminuir, de se apagar, de quase desaparecer aos olhos do mundo, para que só a Virgem fosse glorificada e a sua obra assumisse as proporções da mais colossal maravilha do século vinte... Era indispensável que momentaneamente caísse no olvido o instrumento frágil e desproporcional de que a Divina Providência se dignou servir para iniciar essa obra. Como Bernadette Soubirous, a humilde pastorinha dos Pirenéus, a feliz vidente de Fátima foi preparar-se para outra missão que mais de perto lhe interessava, porque a ela estavam ligados os seus destinos imortais, a tarefa grandiosa da sua santificação e salvação eterna. Terminada a sua educação num colégio do Norte, onde viveu muitos anos entregue à prática de todas as virtudes, obedeceu sem hesitar ao chamamento divino, saindo do seu país e entrando no Noviciado duma das mais ilustres e beneméritas Congregações religiosas, a Congregação de Santa Doroteia. A atmosfera do Noviciado, toda impregnada de oração, de sacrifício e de amor, era sem dúvida o elemento que convinha à sua vida espiritual, após a formação do Colégio. Ali, ocupada nos serviços mais grosseiros da casa, edificava a todos com a sua profunda humildade e a sua exata observância do regulamento e a Rainha do Céu favorecia-a com novos privilégios, como penhor da sua predileção especial. Um ano depois, no dia três de outubro de mil novecentos e vinte e oito, dia de Santa Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face, na casa de Noviciado de Tuy (Espanha), nessa estância de paz bendita, onde cada ano, tantas almas, cândidas e inocentes, contraem místicos esponsais com [30] Jesus, o divino rei dos reis, uma falange escolhida de virgens faz os derradeiros preparativos para o enlace misterioso há muito tempo suspirado, o sublime e inefável himeneu com o celestial Esposo. Todos estão já a postos para a tocante solenidade que se vai realizar.

Um sacerdote português, honra e lustre da sua nobilíssima classe, entra na linda e devota capela, onde vítimas voluntárias de reparação e expiação todos os dias elevam para o Céu o incenso das suas preces fervorosas, a mirra das suas virtudes acrisoladas e dos seus sacrifícios e o ouro dum amor precioso e sem liga, heróico e santo. Era sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, primeiro Bispo de Leiria, depois da restauração da diocese, que devia presidir à cerimónia, expressamente convidado para esse fim. Motivo de força maior inibiu-o de comparecer. O recinto sagrado regorgita de fiéis. Em lugares de destaque veem-se alguns convidados de elevada categoria. Aproxima-se o momento solene, ansiosamente esperado, dos místicos esposais, das venturosas donzelas que vão consagrar-se para sempre, dum modo especial ao serviço daquele adorável Senhor, a quem servir e reinar. Em atitude modesta e recolhida, e na mais perfeita e edificante compostura, mas palpitantes de intenso e comovido júbilo, elas ali estão, em fila, nas longas bancadas da capela, de mãos postas e olhos postos no Céu, orando incessantemente e com fervor. Confundida com as demais, há uma, que nada assinala a atenção dos circunstantes, mas que merece uma referência sobremaneira particular. É Lúcia de Jesus, a feliz vidente de Aljustrel, a principal protagonista das Aparições de Nossa Senhora de Fátima, a Lourdes de Portugal. Tem vinte e um anos de idade. Esta tenra e mimosa flor dos campos, colhida entre as urzes e azinheiras da serra de Aire, e transplantada do pátrio solo para uma nesga de terra estrangeira, onde o respeito dos direitos da Consciência humana não se reduz [30v] a uma palavra vã e a liberdade para o bem não é uma ficção, lá se vê, no meio das flores, nascidas noutros climas e sob outros céus, pronta a embalsamar perenemente com o seu delicioso aroma a ara santa e o ambiente do augusto santuário. O ilustre oficiante²⁸ revestido dos paramentos sacros, entoa o “Veni Creator”, invocando sobre as futuras esposas do Redentor, as luzes e graças do Divino Paráclito, o Amor incriado e consubstancial. A comunidade religiosa e a multidão dos fiéis cantam o admirável hino litúrgico, que o órgão acompanha com a sua voz majestosa e plangente, convertendo-o num cântico de glória, num hino vibrante de ressurreição e de triunfo. Em seguida o ministro sagrado, pronunciando as orações do Ritual benze o crucifixo destinado à futura professa, asperge-o com água lustral, servindo-se para isso do hissope, e depois procede da mesma forma à

²⁸ Pe. Cândido Mendes.

bênção do véu. Concluída a última oração, volta-se para a noviça e diz-lhe: “Minha filha, que é que pedes?”. Lúcia de Jesus, grave e austera na sua graciosa simplicidade, responde com uma voz firme e pausada: “Pelo Amor de Deus e de Maria Santíssima, minha terna e cara Mãe, peço a graça de ser admitida neste santo Instituto, para nele me consagrar de todo ao serviço de Deus e à salvação do próximo, e de me ligar também com os votos de Pobreza, Castidade e Obediência, que desejo fazer segundo o espírito e regras deste mesmo Instituto”. E o interessante e comovente diálogo continua, cada vez mais vivo e animado, entre o venerando sacerdote, que representa a Santa Igreja e fala e procede em nome dela, encarecendo a grandeza e importância do ato da profissão religiosa e os deveres e responsabilidades que lhe estão inerentes, e a humilde e despretensiosa menina, que responde sem hesitar, firme e inabalável na sua generosa resolução e cheia de confiança [31] filial na bondade onipotente do Altíssimo. “Tens pensado bem nas obrigações que andam anexas a estes votos?”. “Sim, seriamente o tenho pensado, e espero, com o auxílio de Deus e a intercessão de Maria Santíssima e da Santa Padroeira deste Instituto, poder cumpri-los e é por isso que peço a graça de mos receber”. “Renunciaste com toda a liberdade e com todo o coração ao século e a todas as pretensões mundanas?”. “Sim, Reverendíssimo Senhor”. “Então queres tomar a Jesus Cristo por teu Esposo?”. “Sim, com todo o meu coração”. Nesta altura o ministro do Senhor apresenta o crucifixo à noviça e, dando-lho a beijar, diz: “Recebe, minha filha, esta cruz na qual esta pregado Aquele que deve ser o teu modelo e o único objeto de todo o teu amor”. E acrescenta as palavras seguintes que são como que a forma substancial dos místicos desponsórios, que se estão realizando: “Seja o teu Amado como um fascículo de mirra e faça do teu coração a sua morada permanente, em penhor duma união eterna e dum eterno amor. *Sit tibi fasciculus myrrhae dilectus tuus, et super cor tuum comoretur, in signum amoris et unionis sempiternae.*” Segue-se a imposição do véu, durante a qual o oficiante diz: “Recebe o jugo do Senhor; o seu jugo é suave e o seu peso é leve”. Proferidas estas palavras, dá-lhe a bênção e depois paramenta-se para rezar a santa Missa. Começa o incruento sacrifício dos nossos altares. O silêncio é mais profundo, o recolhimento mais intenso, a oração de todos mais fervorosa. Pairam vagamente naquele ambiente sagrado harmonias celestiais. Dir-se-ia que os Anjos da guarda do Sacrário, onde repousa na Hóstia sacrossanta o Divino Rei de amor, unem dum modo sensível as suas alegrias e o seu gozo aos júbilos das almas congregadas naquela casa de Deus. É chegada a ocasião de ministrar o

Pão vivo descido do Céu. Mas, [31v] antes disso, o celebrante volta-se, com o Santíssimo Sacramento nas mãos, para a eleita do Senhor que, com voz clara, mas comovida, pronuncia, em face do Céu e da terra a sua consagração – a fórmula dos votos de Pobreza, Castidade e Obediência. Feitos estes votos, a irmã aspirante entrega à Superiora a fórmula dos mesmos assinada por sua própria mão e depois recebe o Pão dos Anjos. Terminada a Missa, o representante da Igreja faz uma exortação à Irmã aspirante. São palavras paternais dirigidas à ovelhinha querida da grei espiritual do venerando Prelado de Leiria, à Bernadette da Lourdes da sua privilegiada Diocese. Intima-lhe, mais uma vez, o dever rigoroso de cumprir as promessas sagradas e invioláveis que acaba de fazer perante os santos altares. Recomenda-lhe com particular empenho a observância das constituições e regulamentos da gloriosa e benemérita congregação a que tem a honra e a ventura de pertencer. E, concluindo, faz ardentes votos ao Céu para que, fiel às inspirações da graça divina, se eleve nas asas da humildade e da confiança, aos páramos da perfeição espiritual, às culminâncias da santidade. O cântico do “Te Deum”, versículos e orações do estilo, pôs remate a esta solenidade simultaneamente singela e grandiosa, a que os ritos e cerimónias da liturgia cristã imprimem um cunho de beleza e majestade incomparável. Lúcia de Jesus, em religião Irmã Maria Lúcia das Dores, flor dos campos hoje convertida em mimosa flor do claustro, será mais um pára-raios erguido sobre esta infeliz terra de Portugal, outrora pátria de heróis e de santos, a fim de desarmar a cólera divina, irritada com as culpas individuais e com os desvarios coletivos, e atrair para este abismo insondável de iniquidade torrentes caudalosas e incessantemente renovadas de perdão, de graça e misericórdia.

[32] O culto de Nossa Senhora de Fátima no
continente de Portugal, nas ilhas adjacentes e nas
possessões ultramarinas

Talvez nunca em todo o mundo uma devoção fosse acolhida com tanto alvoroço e entusiasmo pelos fiéis e propagada com tanta rapidez por toda a parte como a devoção a Nossa Senhora de Fátima. Estes caracteres, que a singularizam entre tantas outras devoções e formas de culto, mostram bem a sua origem providencial. Já na época das aparições é extraordinário e inexplicável tudo quanto se passa a este respeito. No dia treze de outubro de mil novecentos e dezassete, por ocasião da última aparição, reúnem-se na Cova da Iria cerca de setenta mil pessoas,

e contudo não se tinha feito o mais insignificante anúncio, não se tinha publicado nenhum convite, e a dificuldade do acesso ao local era enorme pela distância e pela carestia de transportes. Seria longo e ocioso fazer aqui a exposição circunstanciada das diferentes fases do incremento da devoção e culto de Nossa Senhora de Fátima em todas as províncias e dioceses de Portugal continental, insular e colonial. A “Voz da Fátima”, não dizendo aliás tudo, é um vasto repertório dos elementos para a história do culto de Fátima. É rara a igreja nos domínios da República que não tenha um altar ou ao menos uma imagem de Nossa Senhora de Fátima. São bem poucas as famílias, onde a Virgem de Fátima não seja piedosamente venerada e o seu patrocínio confiadamente invocado. Até nos meios mais refratários a todas as ideias e sentimentos religiosos este culto admirável consegue penetrar e produzir abundantes frutos de bênção. Nos Açores e na Madeira, em Cabo Verde, em S. Tomé e Príncipe, em Angola e em Moçambique, na Índia e na China, enfim em todas as colónias portuguesas, a devoção de Fátima espalha-se e radica-se dia a dia cada vez mais. No decurso de cada [32v] ano e sobretudo nos meses de maio e outubro os jornais vêm cheios de notícias relativas às festividades e procissões que se realizam em honra de Nossa Senhora de Fátima tanto nas grandes cidades como nas mais humildes povoações. Os doentes recorrem com confiança à proteção da Virgem de Fátima. O terço é rezado em particular e publicamente como nos tempos áureos da devoção do Santíssimo Rosário. A água da fonte miraculosa é levada pelos romeiros ou expedida pelo correio para todos os recantos do país. O concurso de peregrinos ao Santuário das aparições intensificou-se de ano para ano e todos aqueles que vão a Fátima uma vez anseiam por lá voltar mais vezes, sendo aquela viagem a única que não cansa o espírito e que produz sempre sensações novas e inolvidáveis. Fátima, a Lourdes portuguesa, é verdadeiramente um cantinho do Céu, que fascina todas as almas e prende e cativa todos os corações.

O culto de Nossa Senhora de Fátima nos países estrangeiros

Se é verdadeiramente admirável e sobremaneira consoladora a propagação do culto de Nossa Senhora de Fátima em todo o país, não menos admirável e não menos consolador é o ato da rapidez espantosa com que esse culto se difundiu e criou raízes sólidas e profundas nas principais nações do mundo. É ainda sobretudo a “Voz da Fátima” que, em diferentes números, apresenta perante os olhos extasiados dos

crentes, as fases e os progressos dessa difusão, humanamente inexplicável. À frente deste assombroso movimento de propaganda estão o *Osservatore Romano*, na Itália, *La Croix*, *La Revue Sociale*, *La Revue du Rosaire* e *Bulletin du Rosaire Perpétuel*, cuja tiragem mensal se eleva a cento e setenta e cinco mil exemplares, em França, *Die Schildwache*, na Alemanha, *De Illustratie*, na Holanda, *El Santísimo Rosario*, *Sal Terrae* e *Santuarios* [33] *Católicos*, em Espanha, e o *Jornal Pequeno* e o *Mensageiro do Rosário*, no Brasil, entre muitos outros jornais e revistas de todos os países e de todas as línguas. Em português, espanhol, catalão, francês, inglês, italiano, alemão, polaco, checo, húngaro, em todas as línguas cultas, correm mundo folhetos de todos os tomos e formatos, anunciando as glórias incomparáveis da augusta Rainha do Rosário no seu santuário predileto de Fátima. Até na China e no Japão a imprensa se ocupa da Lourdes portuguesa, descrevendo as aparições e as curas maravilhosas, e numerosos apóstolos da devoção à Virgem de Fátima promovem homenagens públicas e solenes em sua honra. Em mil novecentos e vinte e oito o rev. do Fr. Louis Marie Baron, ilustre diretor da *Revue du Rosaire*, tendo acompanhado a Lourdes a grande peregrinação do Rosário, organizada pelos Padres Dominicanos, que conduziu aos pés de Maria Imaculada nada menos de doze mil devotos, falou por três vezes ao clero e aos fiéis, reunidos no venerando santuário de Massabielle, sobre as grandes maravilhas de Fátima, sendo ouvido, como ele mesmo declara, com interesse, edificação e proveito. Se o culto de Nossa Senhora de Fátima está perfeitamente consubstanciado com a alma portuguesa, não é menos certo que, à medida que esta devoção se vai tornando conhecida nas diversas partes do mundo, inúmeras almas de eleição de todas as nações se associam às homenagens que o nosso bom povo presta à gloriosa Mãe de Deus no Santuário da sua predileção.

As conversões

Há um aspeto importantíssimo do caso assombroso de Fátima que, mercê da sua natureza íntima, que o coloca dentro das balizas sagradas e invioláveis da consciência, não permite nem poderá jamais permitir que se faça incidir sobre ele a luz forte da investigação histórica. [33v] É o que se refere às conversões de almas. Se o Santuário de Nossa Senhora de Lourdes é, por antonomásia, o santuário dos milagres físicos, das curas das doenças de toda a espécie, de que enferma a pobre humanidade, pode dizer-se com verdade que o Santuário de Nossa

Senhora de Fátima é, por excelência, o Santuário das conversões e das graças espirituais. Apesar do segredo que envolve estas ressurreições mais belas e mais admiráveis do que a de Lázaro, quando saiu do sepulcro à voz portentosa do Senhor, que o chamava de novo à vida, não há quem não conheça o movimento consolador de confissões, incessante e intenso, que se realiza em Fátima, principalmente no dia treze de cada mês. A igreja da Penitenciaría, destinada às confissões, está nesses dias, completamente repleta de fiéis, que desejam ardentemente aproximar-se do santo tribunal da penitência. Na primavera e no verão, quando de véspera se realiza a procissão das velas, as confissões duram toda a tarde e toda a noite e prolongam-se quase até ao fim da tarde do dia seguinte. Muitas vezes, além dos sacerdotes peregrinos e chefes de peregrinações, ajudam a ouvir as confissões brigadas de sacerdotes diocesanos enviados por Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo de Leiria expressamente para esse fim. É um espetáculo que comove profundamente a alma daquela longa teoria de homens e rapazes, às centenas e aos milhares, que, durante horas a seguir, ao frio, ao vento, à chuva, de pé, cansados e em jejum, não raro até ao pôr do sol, aguardam com uma paciência e uma coragem verdadeiramente heróica a sua vez de se reconciliarem com Deus, sem que às vezes o consigam, devido à grande afluência de fiéis. Segundo o testemunho de todos os sacerdotes que ali, naquele lugar bendito, exercem o mistério de confessor, as graças e as bênçãos com que o Senhor coroa o seu trabalho são superiores a tudo quanto se possa imaginar. É por assim dizer, impossível que ali se faça uma confissão sacrílega, uma [34] confissão mal feita, uma confissão sem as devidas disposições da parte do penitente e sem fruto para a sua alma. De todos os pontos de Portugal vem àquela verdadeira piscina probática um sem número de almas infelizes e atribuladas, que ali se purificam e transfiguram, transformando-se de ímpias, incrédulas, indiferentes ou túbias que eram, em profundamente crentes e fervorosas, quando não em apóstolos e santos. Basta percorrer alguns números da “Voz da Fátima” para se adquirir logo a certeza de que assim é. E que dizer das conversões sem conto que se operam por toda a parte, de norte a sul de Portugal, graças à propaganda do culto de Nossa Senhora de Fátima e aos milagres que a sua bondade misericordiosa opera a cada momento? Fátima é, pois, incontestavelmente, uma fábrica maravilhosa de conversões em laboração incessante, caldeando a alma portuguesa na frágua do amor e da devoção à Virgem e preparando-a para altos e sublimes destinos. Bendita seja a augusta Rainha do Rosário, Mãe de misericórdia e refúgio dos pecadores, que veio do Céu à terra,

descendo a estância sagrada de Fátima, para dar Deus a Portugal e Portugal a Deus!

O afervoramento da fé e da piedade

Quando em outubro de mil novecentos e dez caiu o antigo regime e foi implantada a forma de governo republicana em Portugal, a decadência do espírito cristão, da piedade e da própria Fé tinha-se acentuado dum modo espantoso. No intuito de derrubar as instituições então vigentes, aluindo pelos alicerces o seu edifício multissecular, os chefes do movimento antimonárquico dirigiram os seus ataques mais violentos contra a Religião e contra a Igreja Católica. Por outro lado, a Igreja vivia com o Estado em regime de concordata e as rela-[34v]ções entre os dois poderes, eclesiástico e civil, eram tão íntimas que a sociedade religiosa e a sociedade civil pareciam constituir um todo único. Mercê do espírito liberal que saturava as instituições e os homens públicos, o Estado interferia no governo e na administração da Igreja, abusando dos privilégios que a Concordata lhe conferia ou arrogando-se direitos que não lhe competiam. A política que influía em larga escala nas nomeações para os cargos eclesiásticos, até para os graus mais elevados da hierarquia, convertia, por força das circunstâncias, os ministros sagrados em serventários do Estado. Nos benefícios mais rendosos muitas vezes eram providos, não aqueles sacerdotes que se distinguiam pelo seu talento, virtudes e méritos, mas os que mais e melhores serviços tinham prestado aos partidos políticos e aos seus chefes. Assim sufocada a fecunda vitalidade da Igreja, que não tinha as condições necessárias para se expandir e produzir os seus frutos de bênção, um largo campo ficava livre aos inimigos da Fé para exercerem a sua ação nefasta. Estes, aproveitando as circunstâncias políticas, que lhes eram favoráveis, iniciaram por meio da imprensa e dos comícios de propaganda, uma guerra desleal e acintosa contra a Igreja, para mais facilmente poderem derrubar o trono, uma vez derrubado o altar. As regiões do centro e sul do país, pela proximidade a que ficavam da capital, que era o principal foco revolucionário, foram as que mais sofreram os efeitos dessa propaganda tenaz e formidável. Principalmente as grandes cidades e outros aglomerados de população mais importantes descristianizaram-se e paganizaram-se quase completamente. Como a instrução religiosa era deficientíssima em geral e em muitas partes nula, os homens, perdendo a fé ao ouvir os sofismas contra a Religião e as calúnias contra o clero, e com a fé, [35] a nobreza de sentimentos e os bons costumes,

abandonaram a frequência dos sacramentos e das práticas religiosas. A impiedade e a indiferença lavravam por toda a parte. A falta de fé viva, de piedade ardente e de espírito de sacrifício da parte dos poucos cristãos que ficavam fiéis fazia que nenhuma resistência séria e eficaz se opusesse à onda do mal, que tudo pretendia avassalar. O campo católico, bastante reduzido, carecia de organização apropriada para a defesa e para o combate. Como a Igreja estava unida ao Estado, fiava-se deste a defesa daquela e entretanto os católicos cruzavam comodamente os braços ou juntavam-se em volta do trono supondo que, amparando-o, amparavam eficazmente a Igreja. Veio finalmente a República. Desencadeou-se oficialmente contra a Igreja a mais terrível campanha que se pode imaginar. O pouco que ainda restava do edifício grandioso e secular das instituições religiosas e que o camartelo do liberalismo tinha poupado, desmantelou-se por completo. Mas, ao mesmo tempo que a fúria iconoclasta dos novos detentores do poder quebrava as algemas da escravidão secular da Igreja, esta, pobre mas livre, começou a levantar-se do meio das suas ruínas. Sete anos depois, no recanto ignorado duma serra, uma Visão de Paraíso anunciava que a guerra ia findar... Dentro de poucas semanas fechou-se o ciclo da perseguição religiosa com a revolução triunfante de Sidónio Pais, que teve o seu termo no dia 8 de Dezembro, festa da gloriosa Padroeira de Portugal e desde então Fátima tornou-se o foco mais intenso de Fé e piedade que jamais houve neste país. Cidades, vilas e aldeias, graças a esta devoção providencial, recristianizam-se e regeneram-se como que por encanto. Em todas as províncias da gloriosa terra de Santa Maria, a Fé aviva-se, a piedade cresce, o amor a Jesus [35v] Sacramentado, culto tão querido da alma portuguesa, intensifica-se, e a devoção à bendita Virgem de Fátima propaga-se, subjugando até as almas mais frias e os corações mais duros e mais refratários. Dir-se-ia que a Rainha do Céu quis ligar ao seu culto sob a invocação de Fátima um poder misterioso de sedução que a todos prende e arrasta invencivelmente. Basta ler a “Voz da Fátima” para se fazer uma ideia do bem imenso que, sob o ponto de vista espiritual de avigoramento da Fé e da intensificação da piedade tem produzido a doce e encantadora devoção de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Ditoso país que na hora porventura mais dolorosa e mais trágica da sua existência histórica foi objeto do amor misericordioso do Coração da Mãe de Deus que o salvou do abismo em que estava prestes a cair!

Fátima e o Papa

O glorioso Pontífice, felizmente reinante, Sua Santidade o Papa Pio XI, recebendo no dia 9 do mês de janeiro de mil novecentos e vinte e nove, em audiência particular, os superiores e alunos do Colégio Português em Roma, dignou-se presentear cada um deles com duas lindas estampas de Nossa Senhora de Fátima – uma para eles e outra para suas famílias – com a recomendação de orarem pelo Papa. O grande e excelente diário católico de Lisboa “Novidades”, no seu número de vinte de janeiro do mesmo ano, inseria uma extensa carta de Itália, subordinada à epígrafe “Fátima em Roma” e tendo por subtítulo “Uma oferta do Papa”, em que se descrevia esse gesto do Supremo Hierarca da Igreja que, seja qual fôr o seu significado, tem, em relação aos acontecimentos maravilhosos da Lourdes Portuguesa, o mérito de conter em respeito os [36] adversários leais e de impôr ao menos um silêncio deferente e obsequioso aos poucos e cada vez mais raros contraditores no campo católico. É certo que, com esse ato singelo, embora altamente significativo, o Sumo Pontífice não pretendeu emitir o seu juízo definitivo acerca da natureza desses acontecimentos, mas também não sofre dúvida que ninguém poderá recusar-se a ver nesse ato a manifestação da viva simpatia do Augusto Chefe Visível da Cristandade pela “Pérola de Portugal”, como ainda há pouco chamava a Fátima a revista espanhola “Sal Terrae”, uma das mais acreditadas no país vizinho. E tanto se impõe essa atitude do Vigário de Cristo na terra, atitude de modo nenhum banal e insignificante, que um ilustre Prelado, de grande autoridade pela sua virtude e saber, não hesitou em classificar tal facto, que ficará arquivado em letras de ouro nos anais de Fátima, como uma verdadeira “aprovação implícita”. No mês de dezembro do mesmo ano, a pedido dos superiores e alunos do Colégio Português em Roma, Sua Santidade dignou-se benzer uma linda estátua de madeira de Nossa Senhora de Fátima, feita e oferecida pelo escultor português José Ferreira Tedim para o altar-mor da nova capela do Colégio Português em Roma. Sua Excelência Reverendíssima o Sr. D. Domingos, da Ordem de S. Domingos, venerando Bispo de Portalegre, era talvez o único Prelado português que se mostrava renitente em autorizar o culto público de Nossa Senhora do Rosário de Fátima na sua diocese. Depois da visita que fez *ad sacra limina* no meado do ano mil novecentos e vinte e nove, cessaram todos os seus escrúpulos e não só deu licença para se prestar culto nas igrejas e capelas públicas do seu bispado a Nossa Senhora do Rosário sob a invocação de Fátima,

senão que até com muito regozijo se prestou desde logo a benzer solenemente algumas das suas imagens, inaugurando esse culto nalguns pontos do [36v] seu bispado. Segundo consta, o ilustre Bispo de Portalegre declarou que se reconheceria obrigado a adotar essa atitude porque vira prestar culto público a Nossa Senhora de Fátima em plena capital do catolicismo e entendia que não podia nem devia ser mais papista que o Papa. Houve quem julgasse ter sido esta mudança de atitude a consequência duma consulta feita pessoalmente ao Papa pelo Senhor D. Domingos por ocasião da sua visita *ad sacra limina*.

A grande guerra

Lúcia de Jesus Santos, a principal protagonista das aparições de Fátima afirmou no dia vinte e sete de setembro de mil novecentos e dezassete que pouco depois do dia treze de outubro seguinte seria concedida a paz ao mundo. No dia 13 de outubro declarou que a Aparição assegurara que a guerra acabava nesse mesmo dia. Tendo um sacerdote perguntado à vidente, pouco depois da aparição, se a Senhora dissera que o grande conflito europeu terminaria brevemente, e não naquele dia, ela contestou, insistindo em que a Visão havia afirmado que a guerra acabava nesse mesmo dia treze, porque empregara a palavra hoje. “Ela disse que a guerra acaba hoje, hoje” foram as palavras textuais da vidente. Sendo factos históricos absolutamente incontestáveis que o armistício, que pôs termo ao grande conflito armado, em que se degladiavam as maiores potências do mundo, foi assinado em Rethondes às onze horas da manhã do dia onze de novembro de mil novecentos e dezoito e a paz foi firmada definitivamente pelo tratado de Versailles a vinte de junho de mil novecentos e dezanove, como é que se podem conciliar esses atos com a declaração da vidente, de cuja sinceridade não há motivo plausível para duvidar? Pode admitir-se que a realidade insofismável dos acontecimentos infligiu um desmentido [37] decisivo, categórico e, por assim dizer, brutal, à predição de Lúcia de Jesus? Esta dificuldade, porventura aparentemente a mais grave que há a opôr contra a origem sobrenatural das aparições de Fátima pode, segundo parece, resolver-se de vários modos, qualquer deles razoavelmente satisfatórios para inteligências sensatas e cultas, que conheçam a história eclesiástica e tenham o sentido das proporções. Vejamos, pois, quais são as diversas soluções que se podem apresentar. 1ª - À palavra “hoje”, que a Lúcia, diz ter sido pronunciada pela Visão, pode atribuir-se a significação lata que tem muitas vezes na Sagrada Escritura do Antigo Testamento. Assim

como no texto sagrado não raro a palavra “dia” indica um período de tempo mais ou menos longo, às vezes até de milhares de anos, assim também a palavra “hoje” tem com frequência o mesmo valor que o advérbio “brevemente”. Desde o momento em que se aceite esta interpretação, a ninguém é lícito negar que a profecia se tivesse verificado com rigor, porque, durando a guerra havia três anos e cessando, como de facto cessou, em virtude do armistício, cerca dum ano depois do dia treze de outubro, era verdade dizer-se nesse dia que acabava “brevemente”. 2ª - O advérbio “hoje” pode significar o mesmo que a expressão “nesta ocasião” ou “nesta altura”, mas só daí a um ano. É que nesse dia a guerra estava, por assim dizer, no seu auge. As notícias provenientes do campo de batalha, recebidas por meio de telegramas publicados nos jornais, falavam ainda na véspera do dia treze de importantes operações militares que se estavam desenrolando e que não podiam ter o seu desfecho no dia seguinte com a suspensão definitiva das hostilidades. A guerra só poderia acabar no dia seguinte, mediante um prodígio estupendo, uma intervenção brusca, violenta, fulmi-[37v]nante, do poder divino, que paralisasse por completo a ação consciente e livre dos agentes humanos. Sobre a terra não havia nenhuma entidade que de tanto fosse capaz. Ora nada, absolutamente nada, tornava indispensável um prodígio desta ordem. Ninguém tinha o direito de o esperar, segundo o princípio teológico-filosófico, absolutamente consagrado, “*miracula non sunt multiplicanda sine necessitate*”. Tudo, pelo contrário, fazia prever que a guerra havia de continuar com mais ou menos intensidade durante algum tempo, e até as pessoas mais propensas a crer na sobrenaturalidade das aparições entendiam que a profecia da vidente não devia ser interpretada à letra, significando apenas que a guerra teria o seu termo num prazo mais ou menos curto. 3ª - A profecia pode referir-se principalmente à guerra religiosa desencadeada em Portugal e só secundariamente à grande guerra europeia. A circunstância das aparições se realizarem no nosso país e decerto sobretudo para bem dos portugueses, parece autorizar esta interpretação. Havia oito anos que a Santa Igreja era cruelmente oprimida pelos poderes públicos. A guerra religiosa ateadada pelo governo provisório com os decretos tirânicos que tinha promulgado, enchera de ruínas morais e sociais a infeliz nação portuguesa. A supressão da embaixada junto da Santa Sé, a interrupção das relações diplomáticas com a mais alta potência moral do mundo, o desterro dos bispos depois de expulsos dos seus paços, a usurpação dos bens eclesiásticos, a proibição dos atos do culto público, enfim a supressão de toda a liberdade religiosa

constituem outros tantos aspetos dessa guerra encarniçada feita pelo Estado à Igreja e de que era teatro todo o território da República. Ora foi precisamente quando esta luta formidável e sem tréguas atingia o seu período mais agudo que a Augusta Rai-[38]nha do Céu, a Imaculada Padroeira da nossa terra, se dignou aparecer num recanto ignorado da serra de Aire, no centro geográfico do país, para aí estabelecer um foco intenso inesgotável de vida espiritual. A decadência moral e religiosa da sociedade portuguesa, sobretudo depois da queda do antigo regime, por motivo da perseguição à Igreja, acentuou-se duma maneira pavorosa, especialmente nos grandes centros, produzindo uma larga sementeira de males de toda a ordem. Foi decerto para obviar a estes males e para opôr um dique à onda assoladora da impiedade e da desmoralização, que alastrava sem peias, mercê da complacência das autoridades, que a Virgem Santíssima suscitou uma nova Lourdes na terra de Santa Maria. Mas, para que se visse dum modo bem patente a eficácia da sua intervenção, era preciso que a guerra religiosa cessasse, ou pelo menos abrandasse os seus furores. E com efeito assim sucedeu. Enquanto os humildes videntes de Aljustrel contemplavam na charneca de Fátima a inefável Visão, durante seis meses consecutivos, desde maio a outubro, os dois meses consagrados dum modo especial pela Igreja e pela piedade dos fiéis ao culto da Rainha dos Anjos, uma plêiade de homens valorosos e amigos da verdadeira liberdade procurava pôr termo à tirania que esmagava os portugueses e preparar o advento de dias melhores para a pátria querida. A oito do mês de dezembro seguinte, dia da Imaculada Conceição, padroeira de Portugal, passado pouco mais dum mês depois da última aparição, o Major Sidónio Pais vence definitivamente os seus inimigos e proclama o regime da República nova. Imediatamente são reatadas as relações entre a Igreja e o Estado para nunca mais até hoje serem interrompidas. Um decreto de Moura Pinto, ministro da justiça de Sidónio Pais, que foi Chefe do governo e depois Presidente da República, veio pôr termo às lutas religiosas e [38v] preparar a liberdade da Igreja com a renúncia, por parte do Estado, a uma intromissão opressora na sua organização interna. E desde esse momento, não obstante os inimigos da Religião terem mais tarde ascendido de novo às culminâncias do poder, nunca mais foram renovadas contra a Igreja as medidas draconianas promulgadas pelos governos anteriores a Sidónio Pais. 4ª - A Aparição queria que se rezasse o terço e se fizesse penitência para que Deus se dignasse pôr termo ao grande flagelo da guerra que assolava tantas nações, produzindo milhões de vítimas e semeando por toda a parte toda a sorte de ruínas morais e materiais. Anunciou que o

tremendo flagelo acabaria, ou, melhor, teria acabado, no dia treze de outubro, se os homens se arrependessem e emendassem dos seus pecados e aplacassem a justiça divina, orando e fazendo penitência. A Lúcia enganou-se, considerando como absoluta a afirmação da Visão. A condição, implicitamente posta por esta, não se cumpriu e por isso a guerra não acabou. Já no Antigo Testamento Jonas se tinha enganado fazendo, por ordem de Deus, uma profecia, que ele julgava absoluta e que era apenas condicional. A cidade de Nínive seria destruída no dia marcado pelo profeta, se os seus habitantes não fizessem penitência. “*Adhuc quadraginta dies et Ninive subvertetur.*” A população da cidade acreditou na ameaça, e todos, desde o rei até ao último dos seus súbditos e até aos próprios animais, se vestiram de cilício e de cinza. Por esse motivo Nínive foi poupada com grande admiração e até com um certo despeito de Jonas, que, não conhecendo os desígnios misericordiosos do Senhor, pretendia a todo o transe que a profecia se cumprisse, para que ninguém duvidasse de que ele falara em nome e por ordem de Deus. Coisa muito semelhante sucedeu a S. Leonardo de Porto Maurício, o grande apóstolo da Europa na Idade Média. Na sua pregação, anunciava o fim do mundo para dois anos depois. Chegou a [39] ressuscitar um morto, que era levado para o cemitério, a fim de confirmar a verdade da sua pregação. O morto assegurou que era certo tudo quanto ele dizia. Mas os dois anos passaram, e o mundo não acabou, porque a Europa converteu-se com as pregações de S. Leonardo de Porto Maurício. De resto, a Virgem Santíssima podia ter permitido o engano da Lúcia de propósito para a manter num espírito de profunda humildade pela confusão que para ela advinha do facto de ter errado, pelo menos aparentemente, num ponto de capital importância. Nem a circunstância de ter caído num equívoco obsta a que os seus depoimentos mereçam todo o crédito. Esse equívoco tinha a sua razão de ser providencial e de modo nenhum embaraçava, como de facto não embaraçou, o curso regular dos acontecimentos, que fizeram de Fátima a Lourdes Portuguesa. 5ª - A Aparição anunciou que a guerra devia acabar no dia 13 de outubro de mil novecentos e dezassete, se os dirigentes de todos os povos beligerantes tivessem sinceros e vivos desejos duma paz justa e honrosa e a voz do Vigário de Cristo na terra fosse ouvida. O jornal francês “Le Matin”, no seu número de catorze de agosto de mil novecentos e vinte, falando dos segredos do governo, publica a carta de M. Briand a M. Ribot, ministro dos negócios estrangeiros, em que ele formulava, a vinte de setembro de mil novecentos e dezassete, as condições em que o antigo presidente do conselho teria

aceitado a conversação que lhe pedia a Alemanha. Nessa carta, M. Briand invoca a opinião do rei de Espanha, as cartas do imperador da Áustria, as propostas dum agente direto do imperador da Alemanha e até uma determinada conversa confidencial do Eminentíssimo Cardeal Gasparri, confirmando, segundo informações duma das melhores agências de informações do mundo, o Vaticano, que o governo alemão estava pronto a restituir à França a Alsácia e a Lorena²⁹. São conhecidas as diligências que fizeram durante o ano de mil novecentos e dezassete o Santo Padre Bento XV e o imperador da Áustria para se pôr termo à guerra o mais rapidamente possível. No interrogatório que foi feito a Lúcia, aos dezoito anos da sua idade³⁰, quando estava internada no Asilo de Vilar no Porto, a vidente diz textualmente o seguinte: “parece-me que a Senhora me disse ainda deste modo: “convertam-se, a guerra acaba hoje, esperem pelos seus militares muito breve. Minha prima Jacinta disse-me em casa que a Senhora falara assim: “convertam-se, que a guerra acaba dentro dum ano. Como estava a pensar nos pedidos que queria fazer a Senhora, não deitei bem sentido”.

As obras na Cova da Iria

Desde que a radiosa Aparição disse a Lúcia no dia treze de outubro de mil novecentos e dezassete ser sua vontade que se edificasse na Cova da Iria uma capela, a piedade dos fiéis desejou ardentemente levantar no local das aparições um grandioso monumento em honra da augusta Mãe de Deus. O projeto acolhido com mais entusiasmo foi o da construção dum templo no cimo do outeiro que domina a Cova da Iria, no sítio onde os videntes diziam ter visto o primeiro relâmpago que lhes anunciou a aparição do dia 13 de maio. Poucos meses depois das aparições, a população de Fátima construiu uma pequena capela, precisamente no ponto onde tinha estado a azinheira sagrada. Quando a autoridade eclesiástica autorizou o culto público a Nossa Senhora do Rosário no local das aparições, embora reservando o seu juízo acerca da natureza e origem dos factos reputados sobrenaturais que ali se tinham verificado, edificou-se a pequena distân-[40]cia do padrão comemorativo

²⁹ A Alsácia-Lorena foi cedida pela França à Alemanha pelo Tratado de Frankfurt de 1871. Foi reincorporada na França pelo Tratado de Versailles de 1919, situação que a Alemanha veio a reconhecer, mais tarde, pelo Tratado de Locarno de 1925.

³⁰ Lúcia tinha apenas 17 anos. Nasceu a 22 (28) de março de 1907.

das aparições outra capela, um pouco maior, chamada a capela das missas e em frente desta um grande pavilhão para os doentes, sustentado por altas e grossas colunas de cimento armado. Pouco tempo depois, elevava-se por trás da sacristia da capela das missas, uma igreja, graciosa e vasta, destinada às confissões dos homens e à celebração dos atos do culto nos dias em que o mau tempo impedisse que se realizassem ao ar livre. Entretanto, procedia-se à abertura de três grandes avenidas, a construção de mais dois poços e ao levantamento dos pórticos e das colunatas laterais. Depois de feita a casa do capelão, onde, durante alguns anos, esteve instalado o Posto de verificações médicas, que ultimamente mudou a sua sede para o Albergue, e ainda hoje é o quartel general dos servitas, iniciou-se a construção do Albergue de Nossa Senhora do Rosário³¹, edifício enorme, gigantesco, de que já está concluído um dos lanços. Finalmente, no dia treze de maio de mil novecentos e vinte e oito, Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. Manuel Mendes da Conceição Santos, venerando arcebispo de Évora, estando presente o ilustre prelado da Diocese de Leiria, o Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor D. José Alves Correia da Silva, perante uma multidão de cerca de meio milhão de fiéis de todos os pontos de Portugal, benzeu solenemente a primeira pedra da monumental Basílica³² do Rosário, de proporções tão vastas que ficará sendo um dos maiores templos do mundo. Fora do recinto sagrado, onde há treze anos não existia uma única habitação humana, num raio dalguns quilómetros, veem-se já centenas de edifícios, alguns deles de extraordinária grandeza, construídos por iniciativa particular. São hotéis, restaurantes, estabelecimentos comerciais de todos os géneros, casas de habitação e outros edifícios [40v] que, pouco a pouco, vão ocupando, numa grande extensão, o espaço livre em volta do local das aparições. É tão assombroso o movimento de peregrinos, em todas as épocas do ano, e sobretudo na Primavera e no Verão, que as câmaras municipais estão procedendo à construção de estradas largas, de direção única, das suas regiões para Fátima, e as Companhias Nacionais de Caminhos de Ferro estudam planos de novas vias férreas que vão levar e buscar os romeiros à nova cidade da Virgem. O próprio governo tem-se interessado imenso nos últimos tempos pela urbanização do sítio de Nossa Senhora de Fátima. Por sua iniciativa e sob o seu alto patrocínio constituiu-se uma

³¹ Mais tarde, Albergue de Nossa Senhora das Dores.

³² O título de Basílica Menor, foi concedido a 12 de novembro de 1954, pelo Papa Pio XII.

importante e numerosa comissão, de que fazem parte entidades oficiais categorizadas e distintos engenheiros e arquitetos, que acordou na adoção dum anteprojecto de urbanização, que fará da vasta planície situada em frente da entrada do recinto dos santuários uma das maiores e mais belas cidades de Portugal. Sua Excelência o Senhor Presidente da República, general Óscar Carmona, assim como o senhor presidente do ministério já o tinha feito anteriormente com outras personalidades oficiais interessadas no assunto, visitou no dia doze de maio de mil novecentos e vinte e nove, acompanhado pelo venerando prelado de Leiria, o local das aparições, os santuários e o sítio destinado à futura cidade de Fátima, a Lourdes portuguesa.

O fenómeno da nuvem de fumo

Por ocasião de cada uma das aparições, elevava-se no espaço, junto da azinheira sagrada, na Cova da Iria, uma ténue nuvem de fumo semelhante à que costuma produzir a combustão do incenso nos atos litúrgicos realizados no interior dos templos. Este fenómeno, verdadeiramente extraordinário foi observado por grande número de testemunhas, mesmo no mês de agosto, em que a autoridade administrativa reteve os videntes, para que eles não pudessem ir ao local das aparições. Um ilustre lente jubilado de astronomia na Universidade de Coimbra, recentemente falecido, o doutor Gonçalo Xavier de Almeida Garret, num interessante opúsculo que publicou com o título de “Fátima” e o subtítulo de “A miraculosa nuvem de fumo”, diz que este facto, ao qual talvez se tenha ligado mediana atenção, é todavia importantíssimo, naturalmente inexplicável, e pode e deve servir de elemento de prova da realidade das aparições na Cova da Iria. Na sua autorizada opinião, era um fenómeno físico-químico, independente da ação nervosa do organismo humano. No dia treze de outubro, durante a última aparição, a nuvem de fumo tornou-se visível a grande distância e da estrada distrital distinguia-se com a mais perfeita nitidez. Parecia sair da azinheira, envolver os videntes e elevar-se a uma altura superior a seis metros, ocupando uma área de cerca de seis metros quadrados. Entre a grande multidão de pessoas que nesse dia concorreram a Fátima estiveram pessoas conhecidas e de toda a confiança, que atestam não se ter feito lume algum nesse local que pudesse originar a nuvem de fumo. Não consta que, em tempo algum, antes ou depois das aparições até ao presente, houvesse a manifestação da nuvem de fumo, no sítio da Cova da Iria, a qualquer hora.

Este fenómeno foi concomitante com as aparições em dias e horas determinados. Segundo a opinião de professores de ciências naturais das Universidades de Coimbra e Porto, que foram consultados, só podia ser produzido casualmente por uma evaporação ou combustão incompleta, mas não em dias e horas prefixos. O dr. José [41v] Maria de Proença de Almeida Garrett diz o seguinte acerca deste fenómeno: “Devia ser uma e meia (treze e meia) quando se ergueu, no local preciso onde estavam as crianças, uma coluna de fumo, delgada, ténue e azulada, que subiu direita até dois metros talvez, acima das cabeças para nesta altura se esvaír. Durou este fenómeno, perfeitamente visível a olho nu, alguns segundos. Não tendo marcado o tempo da duração, não posso afirmar se foi mais ou menos de um minuto. Dissipou-se bruscamente o fumo e passado algum tempo voltou a repetir-se o fenómeno uma segunda e uma terceira vez. Das três vezes e sobretudo da última, destacaram-se nitidamente os postes esguios na atmosfera cinzenta. Dirigi para lá o binóculo. Nada consegui ver além das colunas de fumo, mas convencido fiquei de que eram produzidas por algum turíbulo, não agitado, em que se queimava incenso. Depois pessoas dignas de fé afirmaram-me que era de uso produzir-se o acontecimento no dia treze dos cinco meses anteriores, e que nesses dias, como neste, nunca ali se queimara nada nem se fizera fogo. No inquérito paroquial, a primeira testemunha, Jacinto de Almeida Lopes diz que, no dia treze de outubro de mil novecentos e dezassete, “viu, por cima do povo, que rodeava a carrasqueira, diversas vezes, elevarem-se do solo pequenas nuvens de fumo ou que lhe pareciam de fumo – semelhante ao fumo dum turíbulo em ocasião de incensação ou ao fumo de cigarros. Julgou a princípio, porque se achava afastado da carrasqueira, onde via o fumo, que era alguém que ali estava a fumar ou a fazer uma fogueira para se aquecer, mas depois veio a averiguar que ali não havia lume de espécie alguma. Sobre o mesmo assunto depõe a segunda testemunha, Manuel Gonçalves Júnior, dizendo que “em treze de outubro do referido ano, à hora designada pelas crianças para a aparição, depois de ter cessado a chuva, viu elevar-se por várias vezes, saíndo da carras-[42]queira, uma espécie de fumo semelhante ao fumo de incenso em ocasião de incensação, ouvindo dizer às pessoas que estavam a seu lado que era fumo de cigarro ou de fogueira, mas a ele só lhe parecia o fumo igual ao da incensação, não lhe constando que naquela ocasião houvesse ali fumadores ou fogueira de qualquer espécie.

O fenómeno solar e predição da Lúcia

No dia vinte e sete de setembro de mil novecentos e dezassete, e portanto com dezasseis dias de antecedência, a vidente Lúcia de Jesus declarou ao autor do folheto “Os Episódios Maravilhosos de Fátima”, na presença de várias pessoas, entre elas as senhoras D. Adelaide Braamcamp de Melo Breyner e D. Maria de Jesus do Rosário, de Santarém, na própria casa de habitação da vidente, em Aljustrel, que a Senhora que lhe aparecia tinha dito que no dia treze de outubro faria um sinal para que todo o povo acreditasse que ela realmente aparecia. A folhas cinco do inquérito paroquial, no interrogatório sobre a terceira aparição, que se verificou a treze de julho de mil novecentos e dezassete, a Lúcia depõe que, tendo dito a Senhora: “Faça um milagre para que todos acreditem!”, esta respondeu: “Daqui a três meses faço então com que todos acreditem”.

Esta predição da vidente foi feita por ela a tão grande número de pessoas que rapidamente voou dum extremo ao outro de Portugal, atraindo ao local das aparições no dia treze de outubro uma enorme multidão, computada em cerca de setenta mil pessoas, vindas de todos os pontos do país. É uma profecia tão conhecida e tornada tão pública, antes do dia treze daquele mês que ninguém de boa fé pode contestar que ela tivesse sido feita. E, com efeito, no dia [42v] prefixo, e precisamente à hora em que a Lúcia anunciava que o sinal se daria, opera-se um prodígio assombroso – o fenómeno solar – que fez render, perante a evidência dos factos, dezenas de milhar de crentes, indiferentes e incrédulos. Seria fácil organizar uma lista interminável de pessoas que foram testemunhas desse prodígio, assim como reproduzir um sem número de relatos acerca dele publicados nos jornais da época. Eis como o autor do folheto “Os Episódios Maravilhosos de Fátima”, que foi uma das testemunhas oculares, descreve nesse folheto, a páginas 9, o que presenciou: “No dia treze de outubro, estando presentes cerca de setenta mil pessoas de todas as classes e condições sociais e de todos os pontos do país, terminado o diálogo entre a Lúcia e a Aparição, que lhe declarou ser a Senhora do Rosário, a vidente recomendou aos circunstantes que olhassem para o sol. O firmamento estava completamente nublado. Chovia torrencialmente. Como que por encanto, rasgaram-se de repente as nuvens, e o sol no zénite apareceu em todo o seu esplendor e girou vertiginosamente sobre si mesmo, como a mais bela roda de fogo de artifício que se possa imaginar, revestindo

sucessivamente todas as cores do arco-íris e projetando na direção da terra, feixes de luz dum efeito surpreendente. Esse espetáculo sublime e incomparável, que se repetiu por três vezes distintas, durou quase dez minutos. A multidão imensa, rendida perante a evidência de tamanho prodígio, prostrou-se de joelhos, o Credo, a Avé-Maria e o ato de contrição irromperam de todas as bocas e as lágrimas, lágrimas de alegria, de gratidão ou de arrependimento, marejaram todos os olhos. O dr. José Maria Proença de Almeida Garret, outra testemunha ocular, descreve assim o fenómeno, [43] pág. vinte e dois e pág. vinte e quatro dos “Episódios Maravilhosos de Fátima”: “O sol momentos antes tinha rompido ovante a densa camada de nuvens que o tivera escondido, para brilhar clara e intensamente. Voltei-me para este íman que atraía todos os olhares e pude vê-lo semelhante a um disco de bordo nítido e aresta viva, luminosa e luzente, mas sem magoar. Não me pareceu bem a comparação, que ainda em Fátima ouvi fazer, de um disco de prata fosca. Era uma cor mais clara, ativa e rica, e com cambiantes, tendo como que o oriente de uma pérola. Em nada se assemelhava à lua em noite transparente e pura, porque se via e sentia-se ser um astro vivo. Não era, como a lua, esférica, não tinha a mesma tonalidade nem os claros-escuros. Parecia um rodela brunida cortada no nácar duma concha. Isto não é uma comparação banal de poesia barata. Os meus olhos viram assim. Também se não confundia com o sol encarado através de nevoeiro (que aliás não havia aquele tempo), porque não era opaco, difuso e velado. Em Fátima tinha luz e calor e desenhava-se nítido e com a borda cortada em aresta, como uma tábula de jogo. A abóbada celeste estava enevoadada de cirros leves, tendo frestas de azul aqui e acolá, mas o sol algumas vezes se destacou em rasgões de céu limpo. As nuvens que corriam ligeiras de poente para oriente não empanavam a luz (que não feria) do sol dando a impressão facilmente compreensível e explicável de passar por detrás, mas por vezes esses flocos que vinham brancos, pareciam tomar, deslizando ante o sol, uma tonalidade rosa ou azul diáfana. Maravilhoso é que, durante longo tempo se pudesse fixar o astro labareda de luz e brasa de calor, sem uma dor nos olhos e sem deslumbramento na retina que cegasse. Este fenómeno com duas breves interrupções, em que o sol bravio arremessou os seus raios mais coruscantes e refulgentes, e que obrigaram a desviar o olhar, devia ter durado cerca de [43v] dez minutos. Este disco nacarado tinha a vertigem do movimento. Não era a cintilação dum astro em plena vida. Girava sobre si mesmo numa velocidade arrebatada. De repente, ouve-se um clamor, como que um grito de angústia de todo aquele povo. O sol, conservando

a celeridade da sua rotação, destaca-se do firmamento e sanguíneo avança sobre a terra ameaçando esmagar-nos com o peso da sua ígnea e ingente mó. São segundos de impressão terrífica. Durante o acidente solar que detalhadamente tenho vindo a descrever, houve na atmosfera coloridos cambiantes. Não posso precisar bem a ocasião, porque já lá vão dois meses passados e eu não tomei notas. Lembra-me que não foi logo no princípio e antes creio que foi para o fim. Estando a fixar o sol, notei que tudo escurecia à minha volta. Olhei o que estava perto e alonguei a vista para o largo até ao extremo horizonte e vi tudo cor de ametista. Os objetos, o céu e a camada atmosférica tinham a mesma cor. Uma carvalheira arroxeadada, que se erguia na minha frente, lançava sobre a terra uma sombra carregada. Receando ter sofrido uma reação da retina, hipótese pouco provável, porque, dado este caso, não devia ver as coisas em roxo, voltei-me, cerrei as pálpebras e retive-as com as mãos para intercetar toda a luz. Ainda de costas abri os olhos e reconheci que, como antes, a paisagem e o ar continuavam da mesma cor roxa. A impressão que se tinha não era de eclipse. Vi um eclipse do sol, que em Viseu onde estava, foi total. À medida que a lua marcha a esconder o sol, a luz vai-se acinzentando até que tudo se torna baço e negro. A vista alcança um pequeno círculo, para lá do qual os objetos se vão ornando cada vez mais confusos até que se perdem no negrume. Baixa a temperatura consideravelmente e dir-se-á que a vida da terra se extinguiu. Em Fátima, a atmosfera, embora roxa, permaneceu transparente até [44] aos confins do horizonte que se distingue e vê claramente, e eu não tive a sensação de uma paragem na energia universal. Continuando a olhar o sol, reparei que o ambiente tinha aclarado. Logo depois ouvi um campónio que cerca de mim estava a dizer com voz de pasmo: “esta senhora está amarela!”. De facto tudo agora mudara, perto e distante, tomando a cor de velhos damascos amarelos. As pessoas pareciam doentias e com icterícia. Sorri-me de as achar francamente feias e desairosas. Ouviram-se risos. A minha mão tinha o mesmo tom amarelo. Dias depois fiz a experiência de fixar o sol uns breves instantes. Retirada a vista, vi, após alguns momentos, manchas amarelas, e regulares na forma. Não se vê tudo de uma cor uniforme, como se no ar se tivesse volatilizado um topázio, mas nódoas ou malhas que com o movimento do olhar se deslocam. Todos estes fenómenos que citei e descrevi observei-os eu sossegada e serenamente sem uma emoção ou sobressalto. A outros cumpre explicá-los ou interpretá-los. Para terminar, devo fazer a afirmação de nunca nem antes nem depois do dia treze de Outubro, vi iguais fenómenos solares ou atmosféricos”. O distinto

jornalista Avelino de Almeida publicou no número seiscentos e dez, segunda série, de “A Ilustração Portuguesa”, um relato de que se reproduz o seguinte trecho, transcrito nos “Episódios Maravilhosos de Fátima”, pág. vinte e sete: “E, quando já não imaginava que via coisa mais impressionante do que essa rumorosa mas pacífica multidão animada pela mesma obsessiva ideia e movida pelo mesmo poderoso anseio, que vi eu ainda de verdadeiramente estranho na charneca de Fátima? A chuva, à hora pré-anunciada, deixar de cair; a densa massa de nuvens romper-se e o astro rei – disco de prata fosca – em pleno zénite aparecer e começar dançando num bailado violento e convulso, [44v] que grande número de pessoas imaginava ser uma dança serpentina, tão belas e rutilantes cores revestiu sucessivamente a superfície solar. Milagre, como gritava o povo; fenómeno natural, como dizem sábios? Não curo agora de sabê-lo, mas apenas de te afirmar o que vi... O resto é com a Ciência e com a Igreja”. Várias vezes este fenómeno se tem renovado, não só no local das aparições, mas ainda noutros lugares mesmo distantes de Fátima, e a diversas horas do dia, embora sem se verificarem as mesmas circunstâncias e sem ter a mesma retumbância que teve em treze de outubro de mil novecentos e dezassete. O livro “As grandes maravilhas de Fátima” insere três fotografias do fenómeno solar tiradas num dia treze por um peregrino a alguns quilómetros da Cova da Iria, pouco antes do pôr do sol³³. Interrogado por um redator do jornal “O Século”, de Lisboa acerca das perturbações solares observadas em Fátima, o distinto astrónomo Frederico Oom³⁴ respondeu: “A ser um fenómeno cósmico, os observatórios astronómicos e meteorológicos não deixariam de o registar. E eis precisamente o que falta: esse registo inevitável de todas as perturbações no sistema dos mundos, por mínimas que sejam. Estas palavras constataam que o fenómeno presenciado em Fátima por algumas dezenas de milhar de pessoas não deixou vestígios nos aparelhos astronómicos e meteorológicos, como teria deixado se se tratasse de um fenómeno puramente natural. Em face do que fica dito, pode concluir-se que o fenómeno sucedido no dia treze de outubro de mil novecentos e dezassete, quer seja de natureza astronómica, quer seja de natureza meteorológica, é de origem sobrenatural. É sobrenatural, porque não

³³ As fotografias não são do fenómeno solar de 13 de outubro de 1917. Foram tiradas a 13 de maio de 1921, por Alfredo J. de Mendonça.

³⁴ Nasceu a 9 de abril de 1864. Astrónomo Oficial de Engenharia. Em 1891 foi nomeado para astrónomo do Observatório da Tapada da Ajuda. Em 1919 foi nomeado diretor do Observatório. Faleceu a 30 de abril de 1930.

registado por nenhum aparelho, é sobrenatural por se ter realizado ao meio-dia solar, quando o sol está em pleno zénite, e é por isso mais difícil operar-se um fenómeno se-[45]melhante, é sobrenatural por causa das circunstâncias especiais e extraordinárias em que ele se verificou, na ocasião e como fecho da sexta e última aparição, e sobrenatural enfim, e é isto o que mais impressiona e assombra em virtude da sua coincidência com as declarações da vidente Lúcia, que dias e meses antes o anunciou como prova da aparição da Virgem Santíssima e da verdade do que ela dizia. Podia, porventura, admitir-se que a Rainha do Céu permitisse que fossem vítimas duma ilusão ou dum erro as setenta mil pessoas que acorreram a Fátima para serem testemunhas duma prova irrecusável das suas aparições, assim como Portugal e o mundo inteiro, quando é certo que ninguém, absolutamente ninguém, de boa fé, ousa negar que esse fenómeno apresenta caracteres duma realidade sugestiva e empolgante?

Bibliografia de Fátima

Há cerca de treze anos que Fátima vem sendo teatro das cenas portentosas que enchem Portugal inteiro de assombro entusiasmo e alegria. Desde então, nas colunas dos jornais e nas páginas das revistas, Fátima e as suas maravilhas têm fornecido assunto para milhares de artigos, crónicas e locais, acompanhados de gravuras relativas aos acontecimentos, às suas consequências e às pessoas que neles intervieram ou com eles estão relacionados. Seria impossível colecionar ou sequer enumerar todos os escritos desse género, publicados não só nos jornais do continente, como ainda nos das ilhas adjacentes e províncias ultramarinas. E o que é simplesmente notável é que, à medida que os anos passam, Fátima é invocada cada vez com mais interesse e com mais carinho pela maior e melhor parte da imprensa de Portugal. No dia treze de outubro de mil novecentos e vinte [45v] e dois, saiu em Leiria, à luz da publicidade, com a aprovação do venerando Prelado diocesano, o primeiro número dum jornal mensal intitulado “Voz da Fátima”, destinado a tornar conhecidas as maravilhas da Lourdes portuguesa. Nesse primeiro número, inicia-se a publicação da Provisão de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo de Leiria sobre o caso de Fátima, em que o ilustre Prelado, como já se disse, nomeia a comissão encarregada de proceder a um inquérito rigoroso e de organizar um processo canónico para a averiguação da origem e do carácter dos acontecimentos reputados sobrenaturais e ao mesmo tempo convida todos aqueles que tiveram conhecimento pessoal desses acontecimentos a prestar as suas declarações e a fazer os seus depoimentos perante os

membros da referida comissão. A “Voz da Fátima”, que se tem publicado todos os meses sem exceção até hoje, atingiu nos últimos anos uma tiragem mensal que oscila entre cinquenta e os cem mil exemplares, sendo gratuita a sua distribuição. Este jornal cujos exemplares são espalhados com profusão pelas cinco partes do mundo, onde quer que haja portugueses, tem levado por toda a parte, juntamente com o nome bendito de Fátima, a admiração e o assombro pelas maravilhas que a Virgem Santíssima ali opera. Entre os opúsculos, folhetos e livros redigidos em língua portuguesa sobre as coisas de Fátima, merecem especial referência os seguintes: “A minha peregrinação a Fátima”, opúsculo de catorze páginas por D. Maria Augusta Saraiva Vieira de Campos, publicado em outubro de mil novecentos e dezassete, com a aprovação do Senhor Bispo-Conde de Coimbra; “Os episódios maravilhosos de Fátima”, folheto de setenta e duas páginas, pelo Visconde de Montelo, publicado em agosto de mil novecentos e vinte um, com aprovação do Senhor Bispo da Guarda; “Cartas sobre Fátima”, livro de Gilberto Fernandes dos Santos, publicado em mil novecentos e vinte e sete com a [46] aprovação do Senhor Cónego Manuel Anaquim, governador do Patriarcado; “Os acontecimentos de Fátima”, folheto de quarenta páginas, pelo Visconde de Montelo, publicado em Março de mil novecentos e vinte e três, com a aprovação do Senhor Bispo de Leiria; “Fátima”, livro de oitenta e oito páginas e ilustrado com numerosas gravuras, por Leopoldo Nunes, publicado sem aprovação canónica em abril de mil novecentos e vinte e sete; “O manual do peregrino em Fátima”, livro publicado em mil novecentos e vinte e sete pelo rev.^{do} dr. Manuel Marques dos Santos, professor no Seminário de Leiria, com aprovação do Excelentíssimo Prelado Diocesano. Já saiu a segunda edição deste livro; “As Grandes Maravilhas de Fátima”, livro de quatrocentas e catorze páginas, ilustrado com numerosas gravuras, pelo Visconde de Montelo, publicado em dezembro de mil novecentos e vinte e sete, com aprovação do Senhor Bispo de Leiria; “O poema de Fátima”, livro em verso publicado em mil novecentos e vinte e oito; “Romagens de Fátima”, livro de noventa e seis páginas, ilustrado com gravuras, por D. Maria Feio, publicado em Lisboa em mil novecentos e vinte e nove, sem aprovação canónica. Nos últimos anos a propaganda de Fátima nos países estrangeiros das diferentes partes do mundo e mormente nos países da Europa intensificou-se dum modo prodigioso. Não falando dos jornais diários e periódicos, entre as revistas que se têm ocupado dos acontecimentos de Fátima, algumas em longas séries de artigos, acompanhados de gravuras, merecem especial referência, “Sal Terrae”,

“El Santíssimo Rosário” e “Los santuarios católicos”, em Espanha, “Revue du Rosaire” e “La vie sociale”, em França, “La revue des idées et des faits”, na Bélgica; “De Illustratie”, na Holanda; “Stella matutina”, na Itália; “Die Schildwache”, na Alemanha; “Kalendarium Srca Isusova i Marijina”, [46v] na Jugoslávia e o “Mensajeiro árabe do Coração de Jesus”. Entre os livros já se podem mencionar “Fátima, das Portugiesische Lourdes” livro de cento e trinta e duas páginas, ilustrado com gravuras, publicado pelo rev.^{do} dr. Luís Fischer, professor na Universidade de Bamberg, em novembro de mil novecentos e vinte e nove, com aprovação da autoridade eclesiástica. Está prestes a sair a segunda edição deste livro, o que mostra o excelente acolhimento que ele teve na Alemanha. Da primeira edição fez-se uma tiragem de dez mil exemplares. “Die Erscheinungen von Fatima”, pelo rev.^{do} dr. Luís Fischer, prestes a sair do prelo. “Les grandes merveilles de Fatima”, tradução francesa prestes a sair do prelo do livro “As grandes maravilhas de Fátima” do Visconde de Montelo, publicada pelo rev.^{do} G. Tournebise, diretor da “Revue sociale”, de Paris, com aprovação de Sua Eminência o Senhor Cardeal Arcebispo de Paris.

As manifestações de fé e piedade

Falar das manifestações de fé e piedade que há treze anos se realizam periodicamente, sobretudo na Primavera e no Verão, na montanha mais santa de Portugal, é evocar as cenas mais belas, mais comoventes e mais grandiosas que tem sido dado presenciar sobre a terra, segundo testemunhos insuspeitos, como o do dr. Luís Fischer, professor da Universidade de Bamberg, na Baviera, que foi expressamente a Fátima, no dia treze de maio de mil novecentos e trinta³⁵, para assistir às cerimónias religiosas desse dia. Não houve jamais nem há no mundo inteiro nenhum espetáculo que possa comparar-se com o que oferece a cidade da Virgem num dos dias de maior concurso de peregrinos. O dr. Artur Bivar³⁶, o eminente publicista e crítico tão inteligente como erudito do norte de Portugal, que percorreu os [47] principais santuários da Europa,

³⁵ A data está errada. O dr. Luís Fischer esteve em Fátima no dia 13 de maio de 1929.

³⁶ Polígrafo português. Nasceu em Vila Viçosa, a 10 de julho de 1881. Entrou para o Colégio Português em Roma, em 1900, formando-se, depois, em Filosofia na Universidade Gregoriana de Roma. Participou em várias revistas (“Ilustração Católica”, “Lumen” e “Renascença”) e jornais (“Portugal”, “Liberdade”, “Diário do Minho”, “Novidades”). A sua obra mais notável é o *Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa*. Faleceu, em Lisboa, a 15 de julho de 1946.

já em maio de mil novecentos e vinte e três³⁷, afirmava que nunca tinha assistido a cenas tão empolgantes e que nunca tinha visto, nem mesmo em Lourdes, uma tão viva e uma piedade tão ardente como a das multidões que acorriam a Fátima. Seria um nunca acabar, pretender fazer a descrição exata do que se passa de maravilhoso e tocante num dia treze de maio ou num dia treze de outubro, ou mesmo no dia treze doutro mês. Desde a cena bíblica, soberba e indescritível, da última aparição, quando o milagre anunciado pelos videntes, verificando-se à hora prefixa, fez cair de joelhos a rezar e a chorar de comoção, uma multidão de setenta mil pessoas, até à portentosa manifestação de fé e piedade do dia treze de maio de mil novecentos e vinte e nove, em que cerca de meio milhão de peregrinos passou pela Cova da Iria, nesse longo período de doze anos, quantos prodígios da onipotência do Senhor, quantos testemunhos da bondade da Virgem, quantas graças derramadas sobre as almas, quantas bênçãos descidas sobre os corpos, quantos preitos de adoração a Jesus-Hóstia, quantas provas de devoção e confiança na augusta Mãe de Deus! Quem quiser fazer uma ideia aproximada do que sejam essas inauditas maravilhas dos nossos tempos leia a coleção da “Voz da Fátima” ou algum dos livros que se ocupam dos acontecimentos da Lourdes Portuguesa. O concurso de dezenas de milhares de peregrinos de ambos os sexos, de todas as idades, classes e condições sociais e de todos os pontos de Portugal e até do estrangeiro, muitos deles percorrendo a pé dezenas de léguas, durante dias consecutivos, para chegarem ao lugar das aparições e para regressarem depois aos seus lares distantes, o cumprimento de promessas, levando tantas pessoas de todas as categorias, a pé e descalças ou de joelhos em terra, dando voltas à capela das aparições [47v] ou seguindo desde longe até à capela, a deslumbrante procissão das velas com as suas vagas encapeladas em que se mistura o brando ciciar das preces com o cântico entusiástico do Avé de Fátima, a comoventíssima cerimónia da adoração noturna a Jesus-Hóstia exposto na Sagrada Custódia sobre um trono de luzes e de flores, a comunhão longa e interminável administrada por dezenas de sacerdotes a dezenas de milhar de pessoas, durante horas consecutivas, a missa e a bênção dos doentes com o Santíssimo Sacramento, as confissões aos milhares, as conversões retumbantes, as curas miraculosas, e as procissões da Virgem são outras tantas estrofes desse poema de misericórdia e de amor que é o divino poema de Fátima. Quando, durante a procissão das velas, um peregrino

³⁷ Trata-se de 1922 e não 1923 (19 de maio de 1922 - DCF, IV-1, Doc. 44).

retardatário chega ao alto da colina sobranceira à Cova da Iria e contempla o mar de fogo que abrasa aquele vasto anfiteatro, julga-se transportado a um país de sonhos e de encanto e os seus olhos deslumbrados marejam-se de lágrimas de comoção e dos seus lábios saem exclamações irreprimíveis de assombro e de júbilo. Não menos viva e profunda mas mais suave e mais tocante ainda, é a impressão que ele experimenta ao volver os olhos de repente para o trono de amor em que repousa o Rei Divino, oculto sob as espécies eucarísticas, e para a multidão imensa prostrada a seus pés, adorando, orando e desagravando, e ao ouvir as orações e os cânticos levados ao longe e ao largo pela voz potente dos megafones. Nesses dias inolvidáveis veem-se, em grande número, eclesiásticos, titulares, magistrados, parlamentares, oficiais do exército, professores dos mais importantes estabelecimentos de ensino, escritores e poetas, médicos, advogados, jornalistas, grandes proprietários do Norte, da Extremadura, das duas Beiras e do Alentejo, e senhoras da primeira nobreza de Portugal, numa promiscuidade altamente comovedora, irmanados pela mesma Fé [48] e pelos mesmos sentimentos, lado a lado de homens e mulheres da mais humilde condição social, de pobres e rudes, mas dignos e honrados habitantes das aldeias e dos campos. Ninguém jamais vai a Fátima, sem trazer consigo a recordação imperecível dessas cenas duma beleza e majestade supremas e a saudade inefável daqueles lugares benditos em que a alma se sente liberta dos liames do corpo, mais longe da terra, mais perto de Deus.

As três inovações de Nossa Senhora

Portugal é por ventura o único país do mundo civilizado onde, há cerca dum século, desde a implantação do regime constitucional, eivado de regalismo e liberalismo até à medula, a liberdade de associação religiosa tem sido tão precária e tão cheia de peias que torna praticamente quase impossível a existência de conventos e casas de congregações religiosas. Esta restrição e quase total esmagamento do direito que assiste às almas chamadas por Deus a servi-lo na prática da perfeição especial e completa pela profissão religiosa e pela emissão dos votos de castidade, pobreza e obediência segundo a regra e as constituições dalgum Instituto de votos solenes ou simples, aprovado pela Santa Sé, constitui uma violação tão flagrante e tão revoltante do direito natural e da independência da Igreja e da sua legislação canónica, quanto é certo que, a par de semelhante tirania, se proporcionam as maiores facilidades para o estabelecimento de toda a casta de instituições que têm por

objetivo a defesa e a propaganda de doutrinas prejudiciais à Religião e aos bons costumes e se toleram complacentemente as licenças mais desbragadas, os vícios mais abomináveis, a corrupção e a [48v] imoralidade mais infames. O mal, que já era grande à data da implantação da República, agravou-se espantosamente durante os primeiros anos do novo regime, em pleno período revolucionário de perseguição à Igreja e de dissolução de costumes, pela promulgação das chamadas leis de família e, dum modo especial, pela autorização do divórcio e pelo incremento verdadeiramente inaudito da prostituição legal e ilegal, sobretudo nos grandes centros de população. A vida dos institutos religiosos, já difícil em face das disposições da legislação civil, mais difícil se tornava ainda por causa da manifesta hostilidade duma parte do povo português, desorientado pelas campanhas caluniosas dos órgãos da imprensa liberal e jacobina contra as Ordens e Congregações religiosas, particularmente durante o período que precedeu e se seguiu imediatamente à queda do antigo regime. Fechadas as casas religiosas, pela revolução de cinco de outubro de mil novecentos e dez, e dispersos os religiosos e as religiosas que se viram obrigados, na sua quase totalidade, a tomar o caminho do exílio e a fixar a sua residência em países estrangeiros, a vida religiosa da população portuguesa sofreu um abalo tremendo, tanto mais que o clero secular, em quase todas as dioceses, senão em todas, era reduzido em número e não estava preparado para satisfazer as exigências cada vez mais crescentes de evangelização cristã e de formação piedosa. Por outro lado, as ruínas morais e religiosas acumuladas pela revolução, o flagelo tremendo da epidemia broncopneumónica, que ceifou muitos milhares de existências na flor da idade, e a grande guerra europeia, que nos arrebatou o escol da mocidade masculina, provocaram, com as bênçãos de Deus, uma vasta floração de almas eleitas que se ofereciam em holocausto para reparação de tantos males, detendo assim os golpes da justiça divina ofendida. Impunha-se mais do que nunca, a necessidade de restaurar, de reparar e regenerar [49] tudo em Nosso Senhor Jesus Cristo, sob a proteção da Augusta Padroeira da Nação. Segundo as declarações da vidente Lúcia de Jesus, profetizara com meses de antecedência uma tríplice aparição da Santíssima Virgem, no dia treze de outubro de mil novecentos e dezassete, a Rainha do Céu manifestou-se nesse dia memorável sucessivamente sob três invocações diferentes, a do Rosário, a das Dores e a do Carmo. Qual a razão desta tríplice aparição? Circunstâncias verdadeiramente providenciais, que seria longo enumerar aqui, levaram uma nobre e piedosa dama de Santarém, a Senhora D. Luísa Maria do

Vadre Santa Marta de Mesquita e Melo (Andaluz)³⁸ a fundar, sob o alto patrocínio de Suas Excelências Reverendíssimas os Senhores Arcebispo de Évora e Bispo de Leiria uma obra de caráter apostólico e reparador, intitulada *Obra Apostólica e Reparadora de Nossa Senhora do Rosário*, com três ramos distintos, tendo por celestial padroeira a Virgem Santíssima, respetivamente sob as inovações do Carmo, do Rosário e das Dores. O primeiro ramo, cuja sede é em Santarém, tem por fim o apostolado sob várias formas, principalmente pelo ensino e pela imprensa, e possui já dez casas em regular funcionamento, dispersas por quatro dioceses do país. O segundo ramo, com a sua sede em Lisboa, consagra-se à vida contemplativa, mitigada em harmonia com as prescrições mais recentes da Santa Igreja, e propõe-se reparar dia e noite as ofensas que se fazem a Nosso Senhor, adorando e desagravando exposto em perpétuo lausperene, no seu sacramento de amor. A existência deste ramo parece ter íntima relação com umas predições que a vidente Jacinta Marto comunicou, na véspera da sua morte, dizendo terem sido feitas por Nossa Senhora, que nessa ocasião lhe aparecera por duas vezes. O terceiro [49v] ramo, que tem a sua sede em Portalegre, dedica-se à preservação das pessoas do sexo feminino que se encontram em perigo moral e à regeneração das que já se extraviaram. O pessoal dos três ramos da Obra, sem incluir o numeroso elemento auxiliar, orça por cem pessoas, umas de coro e as outras de serviço. As casas estão espalhadas por cinco dioceses. O bem que esta benemérita instituição tem feito é incalculável. Nossa Senhora de Fátima parece tê-la sob a sua proteção especial, cumulando-a de graças e bênçãos de toda a ordem. Tem já organizada a casa de formação do seu pessoal, que principiará a funcionar ainda no corrente ano de mil novecentos e trinta, sob o alto patrocínio de Sua Eminência Reverendíssima o Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira, ilustre e venerando Cardeal Patriarca de Lisboa

As curas extraordinárias

Se o augusto Santuário da Lourdes portuguesa tem sido, há treze anos a esta parte, um manancial fecundo de graças e bênçãos espirituais, também não tem deixado de ser um manancial de saúde para os corpos, uma fonte inesgotável de curas verdadeiramente maravilhosas. Ainda na época das aparições, muitas pessoas doentes recorriam, cheias de

³⁸ Luísa Maria Langstroth Figueira de Sousa Vadre Santa Marta de Mesquita e Melo.

confiança, ao poder e à bondade daquela que é a Saúde dos enfermos, e essa confiança não era frustrada. Mas sobretudo depois das aparições e especialmente desde o aparecimento da primeira nascente de água no próprio local das aparições, por ocasião da celebração da primeira missa campal à medida que se propagava o culto de Nossa Senhora de Fátima, as curas extraordinárias atribuídas à sua intercessão multiplicavam-se assombrosamente, tornando Fátima tam-[50]bém sob esse ponto de vista, uma segunda Lourdes não menos maravilhosa que a primeira. Essas curas operavam-se, umas vezes durante ou no fim de novenas feitas em honra de Nossa Senhora, outras vezes por efeito da aplicação da terra do local das aparições amassada com água, outras vezes depois do uso interno ou externo de água das fontes da Cova da Iria. Muitos doentes de ambos os sexos e de todas as idades e condições, abandonados e declarados incuráveis, cujos males tinham resistido aos tratamentos mais enérgicos e mais prolongados, recuperaram assim a saúde, ora em poucos dias ou em poucas horas, ora subitamente. Estas curas tiveram uma repercussão enorme em todo o país e o seu eco chegou aos países estrangeiros. Dos diversos pontos de Portugal e doutras nações chovem incessantemente os pedidos de água das fontes de Fátima, reputada miraculosa. Um sem número de doentes, muitos deles em perigo de vida, alguns até em estado comatoso, são transportados no meio do maior desconforto, devido à distância e à dificuldade do acesso, até ao planalto sagrado de Fátima e, depois de passarem pelo posto das verificações médicas, vão ocupar, em longas filas, as bancadas do respetivo pavilhão, onde assistem aos atos religiosos, rezam, choram e cantam e por fim recebem a bênção do Santíssimo Sacramento e com ela, por vezes, a cura instantânea e completa ou o alívio das suas enfermidades e sempre graças abundantes de conforto e resignação cristã para suportarem o peso da sua cruz com glória para Deus e com proveito para as suas almas. Estas curas maravilhosas, operadas mercê da intercessão de Nossa Senhora de Fátima, são permanentes. Qual é o poder que as produz? Um poder meramente natural? A ciência consul-[50v]tada a este respeito respondeu negativamente. As curas de Fátima excedem as forças criadas; portanto são obra de Deus. E como têm a mais íntima relação com a Aparição, porque foi ela que inspirou a confiança dos doentes, e são verdadeiramente sobrenaturais e divinas, também a Aparição é sobrenatural, também a Aparição é divina. Desta sorte, os milagres de Fátima constituem por si só, uma prova evidente, empolgante e irrecusável da sobrenaturalidade das aparições. Em seguida vão enumeradas algumas das curas mais importantes atribuídas à

intercessão de Nossa Senhora de Fátima, que constam de documentos que fazem parte do processo canónico e que são reconhecidas como humanamente inexplicáveis por médicos conscienciosos e competentes³⁹.

1º caso: Cecília Augusta Gouveia Prestes, de Torres Novas. Tuberculose pulmonar e peritoneal com ascite. Atestado dos drs. Eugénio Ribeiro de Almeida e Augusto de Azevedo Mendes. “Voz da Fátima”, nº 20, de 13 de maio de 1924. *2º caso:* José de Oliveira Carvalho, do Porto. Mal de Pot lombar. Atestado do dr. António do Couto Soares Júnior. “Voz da Fátima”, nº 32, de 13 de maio de 1925. *3º caso:* José Rodrigues Vala, de Ribeira de Baixo (Porto de Mós). Pleurisia purulenta tuberculosa. Atestado do dr. Adelino Pereira da Silva. “Voz da Fátima”, nº 33 de 13 de junho de 1925, e nº 43, de 13 de abril de 1926. *4º caso:* Etelvina da Conceição Barroso, de Santarém. Úlcera gástrica. Atestado do dr. António Baptista Leite de Faria. “Voz da Fátima”, nº 44, de 13 de maio de 1926. *5º caso:* Rosa Maria Ribeiro, de Ponte da Barca. Úlcera gástrica. Atestado dos drs. Bernardo Maria Coelho Vieira Ribeiro e Albino Domingues dos Santos. “Voz da Fátima”, nº 49, 13 de outubro de 1926, e nº 59, de 13 de agosto de 1927. *6º caso:* Dr. Acácio da Silva Ribeiro, (médico), de Lisboa. Fraturas [51] ósseas. Atestado-relatório do próprio médico curado. “Voz da Fátima”, nº 61, de 13 de outubro de 1927. *7º caso:* Maria Emília Fernandes, de Vilar (Cadaval). Ciática esquerda com escoliose homóloga. Atestado do dr. Mário Pereira da Costa. “Voz da Fátima”, nº 73, de 13 de outubro de 1928. *8º caso:* Aurora da Silva Tavares, do Porto. Otite média supurada crónica direita. Atestados dos drs. António Teixeira Lopes Júnior e António Caetano Ferreira de Castro. “Voz da Fátima”, nº 75, de 13 de dezembro de 1928. *9º caso:* D. Maria Margarida Teixeira Lopes, de Lousada. Abscessos exteriores. Atestado do dr. Joaquim Hermano Teixeira de Carvalho. “Voz da Fátima”, nº 75, de 13 de dezembro de 1928, e nº 76, de 13 de janeiro de 1929. *10º caso:* Maria Augusta Dias, de Alter do Chão (Alentejo). Atrofia dos nervos óticos com um dos olhos completamente cego e com o outro mal percebendo a luz, considerada incurável pelos mais célebres especialistas de Lisboa. “Voz da Fátima”, nº 78, de 13 de março de 1929. *11º caso:* Amélia da Silva, de S. Martinho da Arada, Ovar. Úlcera gástrica e laringite crónica Atestado do dr. Benjamim Tiago Valente de Brito (Feira). “Voz da Fátima”, nº 79, de 13 de abril de 1929. *12º caso:* Maria Pereira Soares, de Guilhufe (Penafiel). Gastrite

³⁹ DCF, II - p.277-372.

ulcerosa. Atestado do dr. Guilherme Augusto Pereira Cunha. “Voz da Fátima”, n° 79, de 13 de abril de 1929. *13° caso*: D. Maria José dos Santos Nunes, de Lisboa. Lesão grave do sistema nervoso central de natureza bacilar. Atestado do dr. Fernando Wanzeler Pessoa. “Voz da Fátima”, n° 80, de 13 de maio de 1929. *14° caso*: Emília Martins Batista, de Aldreu (Barcelos). Atestado do dr. José Gomes de Matos Graça. “Voz da Fátima” n° 80, de 13 de maio de 1929. *15° caso*: Arnaldo Duarte da Silva, de Igreja Nova (Mafra). Meningite tuberculosa. [51v] Atestado do dr. João Torrado da Silva. “Voz da Fátima”, n° 82, de 13 de julho de 1929. *16° caso*: D. Emília de Jesus Marques, de Lousada. Paralisia completa do braço e perna esquerdos. Atestado do dr. Joaquim Hermano Mendes de Carvalho. “Voz da Fátima”, n° 83, de 13 de agosto de 1929. *17° caso*: Albina de Matos, de Avanca. Ptose visceral generalizada. Atestação do dr. António de Abreu Freire. “Voz da Fátima”, n° 87 de 13 de dezembro de 1929.

Considerações finais

Em presença de tudo quanto fica exposto até esta altura, resta formular, recapitulando e resumindo, as considerações finais deste relatório, que não podem deixar de ser inteiramente favoráveis à realidade das aparições e à origem sobrenatural e divina das mesmas aparições, assim como dos outros sucessos extraordinários que as acompanharam e que se lhes seguiram. Os videntes, como consta da análise psicofisiológica das suas pessoas e do exame atento e rigoroso dos seus depoimentos, não se enganaram nem pretenderam enganar nas afirmações que fizeram, nas declarações que prestaram. Algumas contradições, mais aparentes que reais, admitem explicações plenamente satisfatórias. O próprio caso da predição, relativa ao fim próximo da grande guerra europeia, pode ter mais que uma solução plausível e que deixe inteiramente tranquilo o espírito mais exigente. O princípio jurídico *nemo malus nisi probetur* tem aqui cabal aplicação. Nada prova que alguma das crianças faltasse conscientemente à verdade. Nada prova tão pouco que alguma delas fosse vítima de qualquer ilusão ou alucinação. Ninguém pode duvidar da sua sinceridade. Ela impõe-se a todos os espíritos e a todas as consciências bem formadas, graças à sua inocência, a sua candura e a sua simpli-[52]cidade encantadora. As cenas de que foram testemunhas, descrevem-nas sem afetação e com uma tocante ingenuidade, como se fossem coisas que não lhes dissessem respeito. A crença nas suas afirmações é conquistada pela força de convicção que

as caracteriza. O seu desinteresse é manifesto. As ofertas mais generosas deixam-nas absolutamente indiferentes. As ameaças terríveis que lhes são dirigidas, até pela própria autoridade administrativa e as rudes provações a que são sujeitas, embora logrem intimidar o Francisco e a Jacinta, a ponto de os fazer chorar, não os impedem de manter constantemente as suas afirmativas e nem sequer são capazes de arrancar o segredo que a Aparição lhes comunicou e que elas guardam, religiosa e inviolavelmente, com uma fidelidade e uma firmeza a toda a prova, impossíveis de explicar na sua tenra idade sem uma assistência especial do Alto. E como admitir que os videntes se enganaram? Como supôr que não viram nem ouviram aquilo que julgaram ver e ouvir? Como considerá-los vítimas duma alucinação? A sensatez das suas respostas, aliada a uma ingenuidade infantil, revela um espírito normal, uma imaginação serena e calma, um bom senso fora do vulgar. Não havia nas crianças nenhuma afeção mórbida que as dispusesse para produzir criações imaginárias. A sua idade, o seu temperamento, a sua educação e a sua piedade, que em nada se distinguia da piedade das outras crianças suas companheiras, excluem por completo qualquer exaltação do sentimento religioso proveniente dalguma desordem da inteligência e dos sentidos ou dalguma deformação orgânica. Por outro lado, importa não esquecer que as visões dos pastorinhos foram fecundas, ao contrário das visões dos nevropatas, que são de todo ponto estéreis, como efeitos dum espí-[52v]rito exaltado e duma imaginação desordenada. Além disso, a notícia das aparições de Fátima, como a das aparições de Lourdes, propagou-se com a rapidez de relâmpago e já por ocasião da sexta e última aparição, sem ter havido nenhum convite, nenhum anúncio, nenhuma organização prévia, se reuniu na Cova da Iria uma multidão de peregrinos verdadeiramente assombrosa, pela sua quantidade e qualidade, se se atender às circunstâncias do tempo, da distância e do acesso. Dir-se-ia que um poderoso íman espiritual fazia convergir para a cumeada da serra de Aire as almas e os corações dos portugueses. E, encerrado definitivamente o ciclo das aparições, o concurso de peregrinos intensificou-se sobremaneira e há treze anos que essa torrente incessante e caudalosa das multidões que acorrem à Lourdes portuguesa, constitui um dos espetáculos mais belos e mais comoventes que é dado presenciar sobre a terra. As almas túbias afervoram-se, as indiferentes regressam às práticas religiosas e as pecadoras reconciliam-se com Deus. Todos os corações aflitos e atribulados encontram naquele foco bendito de graças celestes o conforto e a consolação, de que carecem para abraçar com resignação a sua cruz. A atitude, tanto dos pais da Lúcia, como dos pais

do Francisco e da Jacinta, correta e absolutamente desinteressada, mais abona ainda a veracidade das crianças. Essa veracidade é proclamada por muitas pessoas que as conheciam e as consideram incapazes de mentir, como pode ver-se em vários documentos que fazem parte do processo canónico. A circunstância das aparições terem tido o seu início em maio e terem acabado em outubro, meses especialmente consagrados pela Santa Igreja em todo o mundo católico ao culto da Santíssima Virgem, e este último mês precisamente [53] sob invocação do Santíssimo Rosário e num sábado, dia em que a Igreja também dedica a Nossa Senhora, e a coincidência da primeira aparição, com a festa portuguesa, prescrita pelo calendário eclesiástico do Patriarcado, em honra de Nossa Senhora dos Mártires, cujo ofício e missa parecem uma glorificação antecipada das maravilhas de Fátima, são bem de molde a causar profunda impressão em quem vê nos acontecimentos, como se deve ver, o plano admirável da Divina Providência a desenrolar-se com suavidade e firmeza, como uma promessa consoladora de graças e bênçãos. O êxtase que se verificou na Lúcia, pelo menos no dia 13 de setembro, durante a penúltima aparição, constitui, como efeito de ordem sobrenatural, um argumento valioso da realidade da aparição. O fenómeno da nuvem de fumo e o fenómeno solar são factos que não se podem explicar naturalmente. Muito menos se pode explicar naturalmente a predição da Lúcia relativa ao fenómeno solar e verificada no dia e à hora que a vidente designou. As declarações prestadas pelos videntes nos inquéritos a que a autoridade eclesiástica procedeu e, dum modo particular, o depoimento da Lúcia, que é, sem contestação, a principal vidente, no inquérito do Porto, aos dezoito anos de idade⁴⁰, quando estava prestes a abraçar como a beata Bernadette Soubirous, a vida religiosa na Congregação de Santa Doroteia, onde já professou, não permitem alimentar dúvidas acerca da sinceridade das crianças. Morte edificante de Francisco Marto e a morte não menos edificante de sua irmã Jacinta Marto, verdadeiramente extraordinária pelas circunstâncias que a revestiram, com a confirmação implícita, feita tanto por um como pela outra, de todas as declarações, que até então tinham produzido, relativas às aparições, são elementos de prova que não se devem desprezar. As falsas aparições, a oposição do clero, as perseguições particulares e oficiais, em que se recorreu a toda a sorte de expedientes para sufocar o grande movimento nascente de renovação moral e religiosa que alastrava por todo o país, dum modo inesperado e assombroso, são, por assim dizer, a contraprova da verdade das

⁴⁰ Cf. nota 30

aparições e da origem sobrenatural dos acontecimentos. O aparecimento duma fonte de água abundante no próprio local das aparições, numa região onde não há nascentes mas só poços com água das chuvas, é um facto verdadeiramente providencial, se se atender sobretudo à necessidade imperiosa e urgente que havia de água para os peregrinos, para os habitantes das imediações do local, para os animais utilizados na condução dos peregrinos e para as obras grandiosas a realizar na Cova da Iria e no sítio da futura cidade de Fátima. Forçado pela evidência empolgante da verdade, Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria, em mil novecentos e vinte e dois, depois de ter autorizado na Cova da Iria o culto público a Nossa Senhora do Rosário, independentemente da realidade ou não realidade das aparições, nomeou uma comissão canónica para proceder a um longo e minucioso inquérito sobre os acontecimentos de Fátima. O concurso de peregrinos, cujo número é incomparavelmente superior ao dos peregrinos de Lourdes, no decurso de cada ano, apesar das distâncias, das dificuldades do acesso e da falta de consideráveis contingentes de elementos estrangeiros, as conversões numerosas e incessantes operadas não só em Fátima mas em todo o país, principalmente no dia treze de cada mês, graças [54] a esta devoção providencial, o afervoramento da Fé e da piedade do povo português alimentado com a correlativa frequência dos sacramentos da Penitência e da Eucaristia, a difusão estupenda e sumamente inexplicável do culto de Nossa Senhora de Fátima na nossa pátria e nos demais países do mundo, a afluência de esmolas, tantas e tão avultadas, muitas delas, que permitem a construção imediata dum dos maiores templos da cristandade, a fundação duma grande Obra de apostolado, reparação e regeneração que tem espalhado e continua espalhando por toda a parte uma soma incalculável de benefícios de ordem temporal e de ordem espiritual e, finalmente, as grandes manifestações de Fé e piedade, de que é teatro a Cova da Iria ou, para melhor dizer, Portugal inteiro, nos dias treze de maio e treze de outubro de cada ano e que não têm nada que se lhes compare no universo, são outros tantos argumentos de grande valor em prol do ato sobrenatural de Fátima. E como confirmação última, definitiva e irrefragável, de que a Virgem Santíssima apareceu em Fátima para salvação de tantas almas, aí está a atestá-lo a longa série de curas miraculosas, muitas das quais constatadas como tais pelo veredito da Ciência.

[54v] Índice das matérias

1. Os videntes e os inquiridos oficiais
2. A liturgia no dia da primeira aparição
3. O êxtase de Lúcia de Jesus
4. As nascentes de água
5. A atitude dos pais de Lúcia de Jesus
6. A atitude dos pais de Francisco e Jacinta Marto
7. A morte de Francisco Marto
8. A morte de Jacinta Marto
9. O concurso de peregrinos
10. Os inquiridos oficiais
11. As contrafações
12. A oposição do clero
13. As perseguições particulares: os atentados
14. As perseguições oficiais
15. O Senhor Bispo de Leiria e a Obra de Fátima
16. Interrogatório Oficial de Lúcia de Jesus
17. A profissão religiosa de Lúcia de Jesus
18. O culto de Nossa Senhora de Fátima em Portugal e colónias
19. O culto de Nossa Senhora de Fátima no estrangeiro
20. As conversões
21. O afervoramento da Fé e da piedade
22. Fátima e Sua Santidade o Papa Pio XI
[Fátima e o Papa]
23. A grande guerra europeia de 1914
24. As obras na Cova da Iria
25. O fenómeno da nuvem de fumo
26. O fenómeno solar
[O fenómeno solar e a predição de Lúcia]
27. Bibliografia de Fátima
28. As manifestações de Fé e piedade
29. As três inovações de Nossa Senhora
30. As curas maravilhosas
[As curas extraordinárias]
31. Considerações finais

[55]A grande guerra europeia

A Aparição queria que se rezasse o terço e se fizesse penitência para que Deus se dignasse pôr termo ao grande flagelo da guerra que assolava tantas nações, produzindo milhões de vítimas e semeando por toda a parte toda a sorte de ruínas morais e materiais. Anunciou que o tremendo flagelo acabaria, ou melhor, teria acabado no dia 13 de outubro, se os homens se arrependessem e emendassem dos seus pecados e aplacassem a justiça divina, orando e fazendo penitência. A Lúcia enganou-se, considerando como absoluta a afirmação da Visão. A condição, implicitamente posta por esta, não se cumpriu e por isso a guerra não acabou. Já no Antigo Testamento, Jonas se tinha enganado, fazendo por ordem de Deus, uma profecia, que ele julgava absoluta e que era apenas condicional. A cidade de Nínive seria destruída no dia marcado pelo profeta, se os seus habitantes não fizessem penitência. “*Adhuc quadraginta dies et Ninive subvertetur!*” A população da cidade acreditou na ameaça e todos, desde o rei até ao último dos seus súbditos e até aos próprios animais, se vestiram de cilício e de cinza. Por esse motivo Nínive foi poupada com grande admiração e até com um certo despeito de Jonas, que, não conhecendo os desígnios misericordiosos do Senhor, pretendia a todo o transe que a profecia se cumprisse, para que ninguém duvidasse de que ele falara em nome e por ordem de Deus. Coisa muito semelhante sucedeu a S. Leonardo de Porto Maurício, o grande apóstolo da Europa na Idade Média. Na sua pregação, anunciava o fim do mundo para dois anos depois. Chegou a ressuscitar um morto, que era levado para o cemitério, a fim de confirmar a verdade da sua pregação. O morto assegurou que era certo tudo quanto ele dizia. Mas os dois anos [55v] passaram, e o mundo não acabou, porque a Europa converteu-se com as pregações de S. Leonardo de Porto Maurício. De resto, a Virgem Santíssima podia ter permitido o engano da Lúcia, de propósito, para a manter num espírito de profunda humildade pela confusão que para ela advinha do facto de ter errado, pelo menos aparentemente, num ponto de capital importância. Nem a circunstância de ter caído num equívoco obsta a que os seus depoimentos mereçam todo o crédito. Esse equívoco tinha a sua razão de ser providencial e de modo nenhum embaraçava, como de facto não embaraçou, o curso regular dos acontecimentos, que fizeram de Fátima a Lourdes Portuguesa. No interrogatório oficial que foi feito a Lúcia,

aos dezoito anos da sua idade⁴¹, quando estava internada no Asilo de Vilar, no Porto, a vidente diz textualmente o seguinte: “parece-me que a Senhora disse ainda deste modo: convertam-se, a guerra acaba hoje, esperem pelos seus militares muito breve. A minha prima Jacinta disse-me em casa que a Senhora falara assim: convertam-se, que a guerra acaba dentro dum ano. Como estava a pensar nos pedidos que queria fazer a Senhora, não deitei bem sentido”.

⁴¹ Cf. nota 31.

Doc. 121
1930-04-14

Ata de aprovação do Relatório da Comissão Canónica.

Publ.: DCF, II - Doc. 10

Aos treze de abril de mil novecentos e trinta, no Seminário desta cidade de Leiria, reuniu a Comissão nomeada pelo Ex.^{mo} Rev.^{mo} Senhor D. José Alves Correia da Silva, Bispo desta Diocese, na sua Provisão de três de maio de mil novecentos e vinte e dois para averiguar sobre os acontecimentos da Cova da Iria, freguesia de Fátima, no ano de mil novecentos e dezassete.

Nesse mesmo dia treze, o Rev.^{mo} Senhor Dr. Manuel Nunes Formigão, Cónego da Sé Patriarcal de Lisboa e Professor do Seminário de Santarém, e que desde princípio tem acompanhado o desenrolar dos acontecimentos, apresentou aos outros membros da Comissão o Relatório que vai junto, começando-se imediatamente a sua leitura e discussão que foi continuada no dia seguinte. O Relatório foi aprovado por unanimidade, excetuando o capítulo vinte e três (“A grande guerra europeia de mil nove centos e catorze”) que ficou redigido e substituído pelo apêndice junto.

Em seguida a comissão depôs nas mãos do Ex.^{mo} Rev.^{mo} Senhor Bispo desta Diocese o referido Relatório, dando assim por terminados os seus trabalhos sobre este assunto, do que se lavrou a presente ata que vai ser assinada por todos os membros da Comissão (à exceção de dois já falecidos¹), isto é, pelo Rev.^{mos} Snr^s. P^º. João Quaresma, Vigário Geral da Diocese, Dr. Manuel Marques dos Santos, Vice-Reitor e Professor do Seminário desta cidade de Leiria, Cónego Dr. Manuel Nunes Formigão, P^º. Joaquim Ferreira Gonçalves das Neves, Prior de Santa Catarina da Serra, e Agostinho Marques Ferreira, Prior da freguesia da Fátima.

Seminário de Leiria, 14 de abril de 1930.

P^º. João Quaresma

P^º. Manuel Marques dos Santos

Cónego Manuel Nunes Formigão Júnior

P^º. Joaquim Ferreira Gonçalves das Neves

P^º. Agostinho Marques Ferreira

¹ Padres Faustino José Jacinto Ferreira (1924) e Joaquim Coelho Pereira (1929).

Doc. 122
1930-05-16, La Guardia

Carta do Pe. Luís Gonzaga Cabral¹ para o Pe. José Bernardo Gonçalves², sobre a sua ida a Fátima, no dia 13 de maio.

Publ: DCF, V-5 - Doc. 1509

La Guardia, 16 de maio de 1930

Meu saudoso P. Gonçalves
P. C.

[...]

E aqui tem V. Rev.^a num resumo muito pálido, o que foi neste último quadriénio a minha segunda excursão para fora da Baía.

A terceira realizou-se em fins de 1929, e ainda hoje dura. É a que me permite estar escrevendo esta carta deste querido Colégio de La Guardia, em vez de assiná-la como assinei as outras, do Colégio “António Vieira” da Baía.

[...]

O Rev. P. Provincial que então estava na Baía, resolveu dar cumprimento à prescrição médica, trazendo-me consigo à Europa, no fim de dezembro, para só regressar nos princípios de agosto. E esta é a terceira saída nestes quatro anos, que me resta contar-lhe agora antes de encerrar a minha extensa carta.

[...]

As minhas ocupações têm sido aqui, além de preparar alguns volumes para a imprensa, a excursão a Braga para dar os Exercícios aos Oradores, a peregrinação a Fátima para pregar lá os sermões do dia 13

¹ Nasceu na Foz do Douro a 1 de outubro de 1866. Entrou na Companhia de Jesus e foi ordenado sacerdote em 1898. Entre 1903 e 1908 foi director do Colégio de Campolide, em Lisboa. Em 1917, partiu para o Brasil. Pregou em Fátima na peregrinação aniversária de 13 de maio de 1930. Faleceu na Baía, Brasil, a 28 de janeiro de 1939.

² Nasceu em Moreiras Grandes, Torres Novas, em 2 de fevereiro de 1894. Entrou para a Companhia de Jesus, a 24 de janeiro de 1911, e foi ordenado a 26 de julho de 1925. Foi confessor da Ir. Lúcia. Em 1941, foi para Moçambique onde se manteve até 1958, altura em que regressou a Portugal. Faleceu, em Lisboa, a 22 de agosto de 1966.

de maio e a pregação quotidiana do mês de Maria aos alunos deste Colégio de La Guardia.

Duas palavras sobre Fátima, antes de concluir.

Nunca imaginei que iria encontrar o que vi. Nem creio mesmo que haja palavra humana, escrita ou falada, que possa traduzir os sentimentos que se experimentam lá. Só visto! Só visto! Tinha lido pouco antes “Fátima, a Lourdes Portuguesa” do Dr. Fischer, professor na Universidade de Bamberg. O livro é notável, o melhor penso eu, de quantos até aqui se publicaram sobre o assunto, e com a circunstância de ser escrito por um estrangeiro, que se dirige aos seus compatriotas alemães, propondo-lhes Portugal como modelo. Mas, depois de lá ir, tive que confessar: a impressão em mim produzida por aquela leitura foi nada, em comparação do que lá fui encontrar. Começa a diferença pela aproximação que encerra o título: “Fátima, a Lourdes Portuguesa”! Estive em Lourdes por várias vezes, estive em Roma no dia de um dos seus maiores concursos. Pois declaro que, nem naquela nem nesta, pude fazer ideia do que depois vi em Fátima.

A começar pelas multidões, que têm que ver as de Fátima, com as *foules de Lourdes*?! E com a circunstância que as peregrinações da Cova da Iria se renovam todos os dias 13 de cada mês, e que em maio e outubro se repete todos os anos o mesmo espetáculo sem diminuição ou fadiga, senão com aumento progressivo?

Naquele dia tinha ali diante de mim passante de 250.000 pessoas, talvez 300.000.

Pois essas multidões não se reúnem numa nação de 50, 60, ou 100 milhões de habitantes; mas num país que escassamente terá uma população de 7 milhões!

A Cova da Iria tem aliás uma topografia maravilhosamente adaptada a estas inverosímeis assembleias. Forma um imenso anfiteatro, tão regularmente traçado, que mais parece aberto geometricamente pela engenharia, do que espontaneamente cavado pelas forças naturais. Os rebordos são em suave declive, a ponto de parecerem os degraus de um imenso anfiteatro. De ao pé do altar, onde eu estava, podia ver, sem que uma prega ou ondulação o escondesse parcialmente, aquele mar imenso de cabeças, como do alto da tribuna do César se poderiam ver, em Roma, as multidões do Coliseu, envoltas nas suas togas ou *peplums*. Mas no Coliseu cabiam, quando muito, 80.000 espetadores; aqui centenas de milhares!

O recinto, quando estiverem terminadas as obras, já hoje muito adiantadas, será limitado, do lado da entrada pelo extenso Pórtico de

colunatas, aberto ao centro por um imenso arco triunfal. Em frente à entrada, no limite oposto do recinto, a vastíssima basílica, o maior templo de Portugal. À direita deste, vão-se arqueando pela periferia do anfiteatro, a igreja românica destinada às confissões dos homens, o grandioso albergue destinado aos doentes também do sexo masculino, a hospedaria dos peregrinos, e a casa dos Servitas. Do lado esquerdo construir-se-ão outros tantos edifícios iguais aos precedentes, para penitentes, enfermos, peregrinos e Servitas do sexo feminino.

Em Leiria, tinha eu pregado nos dias precedentes duas conferências, uma a homens, outra a mulheres; tinha feito uma prática a seminaristas e um sermão na Catedral para o exercício do mês de Maria. À noite do dia 12, pelas 9 horas, saí de Leiria em automóvel com o Sr. Bispo, o seu Secretário e Frei David, O. F. M. Quando nos aproximámos da Cova da Iria, fiquei assombrado com o número de automóveis, caminhões e outros veículos que já bordavam o local, em linhas triplicadas, do lado de cima do rebordo circular.

Às 10 ½ começou a procissão das velas. O efeito não se parece em nada com o de Lourdes. Lá, o serpentear das luzes assemelha-se a um rio coleando por entre as várzeas; aqui, não é como um rio; é antes como as correntes oceânicas, que são os rios do mar. Com efeito, a multidão imensa que se aperta na Cova da Iria dá-nos o efeito de um mar de luzes, pois raros são os que não compram a sua vela, por mais pobrezinhos que sejam; e é dentro desse mar, que a parte móvel da procissão se aperta mais ainda, deslizando em torcicolos no interior da gigantesca mó de fogo, desenhando através dela uma tira muito mais intensa que vai em zig-zags, tomando o caminho do majestoso pórtico. Os cânticos sucedem-se, predominando porém sempre o *Avé, avé, avé Maria!*

À meia-noite, exatamente no primeiro momento do dia 13, começou o terço. Era para ele que se destinavam os meus 6 sermões da noite. Eram pregados diante do microfone, e comunicados com assombrosa nitidez àquela enorme multidão. Expus no primeiro sermãozinho o assunto geral da pregação daquela noite: a Penitência. Cada um dos restantes cinco sermões versou o respetivo mistério doloroso, pois o dia 13 de maio caíu em terça-feira. A cena era por tal forma impressionante, que ali mesmo senti a necessidade de seguir um rumo bem diverso do que costume seguir no púlpito. A cada passo passava a pregação a ser dialogada, e o imenso auditório era convidado a acompanhar-me nas súplicas, exclamações e jaculatórias.

Às duas horas estava terminado o meu trabalho da noite, e fui celebrar

a Santa Missa. É uma das maiores dificuldades de Fátima obterem os sacerdotes a sua vez de celebrar. Desta vez éramos 212 os sacerdotes ali presentes. Já de véspera tinha sido ininterrompida a assistência às confissões dos peregrinos, e raro seria o sacerdote, se algum houve naqueles dois centos deles, que não passasse algum tempo a ouvir confissões.

A missa da comunhão geral começou às cinco horas. Devo dizer a V. Rev.^a que para mim, o momento mais comovedor de Fátima foi o da distribuição da Sagrada Eucaristia. Sobre o altar foram consagradas por várias vezes duas píxides de dimensões, penso eu que nunca vistas, contendo cada uma 6.000 partículas. Estas não saíram de sobre o altar. As píxides portáteis traziam-nas os distribuidores da comunhão ao altar, enchiam-nas, e depois de esvaziadas, tornavam a ir enchê-las. Essas píxides portáteis têm as tampas divididas ao meio por dobradiças que permitem distribuir as hóstias, sem que haja perigo de serem levadas pelo vento.

As linhas duplas dos comungantes enfileiram-se em forma de estrela para os vários pontos cardeais da Cova da Iria. Eu distribuí sem interrupção o pão eucarístico por espaço de 2 horas e um quarto. Na última hora foram meus acólitos, um com a vela resguardada em redoma, outro com o pratinho de prata doirada, um tenente-coronel, fardado de grande gala, com numerosas condecorações, que me disse mais tarde: Eu raras vezes uso estas honrarias. Mas, quando venho a Fátima, venho assim. É um tributo prestado à Mãe Santíssima, uma profissão de fé e um exemplo que me julgo obrigado a dar. O outro acólito era um distinto advogado. Mas o mais interessante é que o primeiro fora meu aluno no Colégio de S. Fiel, Luís Torquato de Freitas Garcia; o segundo, meu discípulo em Campolide, o Dr. António Tinoco Madeira.

Vários antigos alunos meus, que me supunham no Brasil e que, distanciados do púlpito não podiam ver-me, reconheceram-me pela voz, apesar dos altofónios. Quando depois conseguiram chegar até mim, abraçaram-me com comovidíssimo agradecimento. Houve até quem rompesse em soluços.

Mas voltemos às Comunhões. No meio daquelas filas intermináveis de comungantes de todos os sexos, idades e condições sociais, onde, na mais simpática promiscuidade, se encontravam, lado a lado, ajoelhados sobre a relva, ou na terra nua, o aristocrata e o camponês, a dama da melhor sociedade e a pobrezinha quase andrajosa, o estudante da escola superior e o operário, encontrei, à distância de uma hora aproximadamente, duas meninas vestidas de primeiras comungantes. A

cada uma perguntei se faziam, ali, naquele momento, a primeira comunhão. Como respondessem afirmativamente, ali mesmo, com Jesus na mão, lhes fiz um brevíssimo fervorinho de primeira comunhão, acentuando muito a felicidade de poderem ligar para toda a sua vida a lembrança deste grande dia ao nome e à peregrinação a Fátima.

As lágrimas corriam-me abundantes, sem que um lenço viesse enxugá-las. Iam cair ao chão ou talvez misturar-se às muitas que choravam os comungantes. Nunca experimentei comoção igual.

Às 9 da manhã, já se tinham dado em Fátima dezanove mil e quinhentas comunhões. E ainda se deram comunhões até à tarde. Não há espetáculo igual no mundo todo!

Na cerimónia da tarde, com o Santíssimo exposto, depois da reza solene do terço, entremeado de fervorosas invocações e cantos eucarísticos, entoados por aquelas centenas de milhares de vozes, foi dada a bênção com a custódia individualmente a cada um dos numerosíssimos doentes. O fervor das súplicas em favor dos pobres enfermos é coisa que não pode traduzir-se em palavras. O maior milagre de Fátima é a piedade fervorosa daquelas multidões, a sua fé robusta e a sua resignação serena mais de admirar nos mesmos enfermos. É por tal forma impressionante este milagre, que os milagres das curas dir-se-ia que nos comovem! Duas pessoas foram curadas, enquanto presenciávamos aquelas incomparáveis manifestações: uma senhora de seus 45 anos, um rapaz dos seus 17. Este último passou mesmo rente de mim, subindo ágil os degraus do altar, para se ir atirar de joelhos ao pé da estátua da Senhora de Fátima, debulhado em lágrimas. Acompanhava-o o servita que o assistia.

Terminada a bênção dos doentes, chegou-me a vez de fazer o sermão de conclusão. Não sei o que disse; sei que falou ali o coração do cristão, do português, do Padre; sei que falei chorando quase sem interrupção, e que, apesar disso, as lágrimas não embargavam a voz; sei que aquela multidão imensa me acompanhava a unísono nos hinos da gratidão a Maria, nas súplicas ardentes por Portugal e pela Igreja. Nunca em minha vida preguei mais sem normas de oratória, nem mais profundamente comovido!

Mas ainda me era reservada nova comoção, no derradeiro ato da peregrinação: a despedida da Senhora de Fátima.

A Imagem da Senhora, que na primeira procissão das velas tinham trazido da sua Capelinha para o altar erguido no pavilhão dos enfermos, regressava à sua ermida. O trajeto foi longo e forçadamente lento. Os Srs. Bispos de Leiria e do Algarve lá iam ao pé do andor. Um bom

grupo de cantores entoava ininterrompidamente, em popularíssimas redondilhas, a história das aparições de Fátima; aquela massa imponentíssima, coral de centenas de milhares de vozes, respondia com o coro, *Avé, avé, avé, Maria!* E cada vez que o coro recomeçava, instantaneamente, como se aquela mó humana fosse movida por uma só mola oculta, erguia-se uma floresta de braços, mastros vivos de outras tantas bandeiras alvíssimas: os lenços de cada um.

Foi coisa que me fez cuidar que ninguém naquela imensa multidão, por muito pobre que seja, vem a Fátima sem trazer um lenço branco. Aquele mesmo lenço, que já tantas vezes, nestas horas do céu, enxugou lágrimas de felicidade, agita-se agora, em frêmitos de gratidão e amor, e parece viver, no adejo vibrante de uma pomba, que se debatesse para alcançar a liberdade entre as mãos de quem a segurasse presa. Ninguém resiste àquele espetáculo. Vi sacerdotes, engenheiros, médicos, advogados; vi novos e velhos, cavalheiros distintos e homenzinhos do povo, por cujas faces deslizavam às quatro e quatro, lágrimas suavíssimas, que o sorriso dos lábios interpretava como lágrimas de alegria, e não de tristeza. Que povo o nosso! Que bom povo, o povo português!

Meu querido P. Gonçalves, depois disto, não sei dizer mais, a não ser que um povo assim não morre, e que dou graças a Deus por me ter trazido do Brasil a Portugal para presenciar uma cena destas.

Alegro-me por ter podido comunicar a V. Rev.^a, detido pela enfermidade, na cama de um modesto quarto de enfermaria, uma parcelazinha da felicidade que eu gozei, naquelas horas incomparáveis da Cova da Iria.

Foi uma vantagem de só em fins de maio terminar esta carta começada em abril.

Nos SS./SS. de V. Rev.^a muito me encomendo.

De V. Rev.^a irmão muito amigo e servo inf. em Jesus Cristo

LUÍS GONZAGA CABRAL, S. J.

Doc. 123
1930-05-22, Roma

Carta do Joaquim Carreira para D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, acerca da conferência sobre Fátima do Pe. Luís Gonzaga da Fonseca, proferida no Instituto Bíblico, em Roma, e a comemoração do 13º aniversário da aparição de Nossa Senhora, em Fátima.

Publ.: DCF, V-5 - Doc. 1537

COLEGIO PORTOGHESE
VIA BANCO S. SPIRITO, 12
ROMA (XII)

Ex^{mo} e Rev^{mo} Sr. Bispo:

Bendito seja Deus, que já Nossa Senhora de Fátima pode contar mais dois dias de triunfo em terras de Itália!...

Refiro-me à conferência do Rev.^{mo} Sr. P. Fonseca, do nosso querido Sr. P. Fonseca, que já se pode chamar um verdadeiro apóstolo da Senhora do Rosário de Fátima, realizado no dia 11 do corrente, e à festa com que no colégio comemorámos o 13º aniversário da primeira aparição de Nossa Senhora aos pastorinhos de Fátima.

Da conferência do Sr. P. Fonseca não se podiam esperar melhores frutos. Só ela valeu mais que toda a propaganda feita até então.

O salão do Instituto Bíblico estava literalmente cheio, ficando ainda muita gente de pé, estudantes sobretudo.

Assistiram dois Em.^{mos} Cardeais: Scapinelli e Frühvirt. Este último, Dominicano e bem conhecido do Rev. Dr. Fischer, de quem nos falou com muitos elogios. Assistiram os Srs. Ministros, junto do Quirinal e junto da Santa Sé, com suas Ex.^{mas} esposas e quase toda a colónia portuguesa.

Estavam presentes vários professores do Instituto e da Universidade Gregoriana. Para alguns destes e para a maior parte dos assistentes, a conferência do Sr. P. Fonseca foi uma verdadeira revelação. Tanto assim, que logo a seguir um sacerdote polaco, e professor no Instituto, foi pedir ao Sr. P. Fonseca para lha deixar traduzir e publicar em língua polaca. Não conseguiu, porém, o seu intento, porque o Sr. P. Fonseca tenciona repeti-la ainda noutras partes, e fazer um trabalho mais completo, em três conferências, que estão projetadas para os princípios do próximo ano letivo. Então poderá ser tudo publicado, como esperamos.

Nos princípios do mês de junho irá repeti-la a um Colégio das Doroteias aqui em Roma, para onde já foi convidado.

Um dos chefes dos “Retiros dos operários”, um leigo, veio, há dias, ao Colégio visitar a Senhora de Fátima e pedir alguma coisa escrita sobre os acontecimentos de Fátima, porque tencionava escrever alguma coisa sobre esse assunto nas folhas de propaganda dessa associação, dirigida por um P. Jesuíta, e que conta já muitos milhares de operários. Deseja também que o Sr. P. Fonseca lá vá fazer-lhes alguma conferência sobre Fátima, numa sala que comporta umas duas mil pessoas. Creio que lá irá nos fins de outubro ou princípios de novembro.

Mas voltemos ao nosso ponto. À conferência assistiram alunos de vários colégios e nações: brasileiros, mexicanos, da América Central, americanos do norte, ingleses, franceses, alemães, austríacos, polacos, italianos, armenos, indianos, australianos, portugueses, espanhóis. Lá estavam jesuítas, dominicanos, capuchinhos e de outras congregações. Também não faltaram as doroteias com algumas das alunas educadas por elas.

Eu só queria que V. Ex^a. presenciasse o interesse e a avidez com que todos ouviam o Sr. P. Fonseca, cujas palavras foram por várias vezes sublinhadas com prolongadas salvas de palmas. Estavam todos suspensos dos seus lábios; não só pela novidade do assunto – o que já seria bastante – mas também pelo entusiasmo com que ele falava. “Bem se via, que era um orador da raça latina, que estava a falar!”, dizia-nos no outro dia o nosso professor de grego. E um armeno, contando as suas impressões ao Almeida, dizia que tinha ido oito vezes ao Instituto assistir a conferências e sempre de lá viera com sono. Naquele dia, porém, nem as sombras do Morfeu por ele passaram!

O entusiasmo da assembleia – composta na sua maior parte de estudantes ou de professores (que também conhecem as fraquezas dos estudantes!) – foi enorme, quando o Sr. P. Fonseca se saiu com estas palavras, um pouco antes de concluir: “os estudantes gostam de invocar a Senhora de Fátima como protetora especial nos exames: algumas gotas de água de Fátima refrescam as ideias, e a imagem invocada ou trazida sobre o coração resolve todas as dificuldades! Aviso aos numerosos candidatos às Laureas Doutorais para o próximo junho!”

Até os professores lhe acharam uma graça enorme. No fim da conferência, um sacerdote francês, professor na faculdade de Filosofia, falando com alguns alunos do Colégio, dizia que já não precisávamos de estudar mais, uma vez que temos por nós a Senhora da Fátima. “Basta levar um frasquinho de água de Fátima para o exame, que não há dificuldade que ela não resolva!”. A um outro professor soube um

espanhol dizer também que não basta que o aluno beba da água de Nossa Senhora de Fátima, mas é preciso que o professor... beba também!

O caso é que já várias pessoas cá vieram pedir água de Fátima: umas para os doentes e outras... para os exames (como, por exemplo, as doroteias, que no dia 13 vieram ao colégio, dizendo que já não há quem sossegue as alunas, sem água de Nossa Senhora de Fátima!).

Outros, então, contentam-se com uma imagenzinha da Senhora, a quem fazem as suas novenas; e Deus sabe com quanto fervor!...

Depois da Conferência do Sr. P. Fonseca já vieram visitar a nossa imagem cerca de 300 pessoas, a maior parte no dia 13. Ficam todos encantados com a linda Senhora.

Tenho notado muito interesse até nos franceses.

No dia 13 foi um dia de festa no Colégio – talvez a maior que nunca se fez aqui. Todos os sacerdotes, quer os da casa, quer os que vieram de fora, celebraram a Missa do Rosário, tal qual como em Fátima. À Missa da Comunidade, que foi celebrada pelo Rev.^{mo} Sr. P. Fonseca, houve comunhão geral, cantando-se, durante uma e outra, alguns versos a Nossa Senhora de Fátima e ao Santíssimo Sacramento.

Às 10h½ houve missa cantada, sendo celebrante o Sr. Vice-Reitor, que celebrava nesse dia o seu aniversário natalício. Assistiram também, entre outras pessoas, os Srs. Ministros. Durante o dia, como dizia, há pouco, vieram visitar a Senhora de Fátima cerca de 200 pessoas, a quem se oferecia uma estampa da imagem.

Um jesuíta (inglês, se não estou em erro) pediu-nos uma estampa para oferecer a uma família protestante muito sua amiga, e que procura converter por intercessão da Senhora de Fátima.

Um salvatoriano austríaco também pediu duas estampas e água de Fátima para mandar aos pais, que estão ambos enfermos. Sensibilizou-me bastante este pedido, e prometi recomendar as suas melhoras à boa Mãe, que tantas graças tem dispensado. E se me é permitido, eu peço também a V. Ex.^a Rev.^{ma} se digne recomendar a mesma intenção à bondade de Nossa Senhora de Fátima.

Outras coisas interessantes, que havia a contar ainda, deixo-as ao Rev. P. Venâncio para contar aí no próximo agosto.

Recebi, há dias, 50 exemplares da tradução do livro do Sr. Dr. Fischer, que já se anda a ler no refeitório (e eu já o li todo por minha conta).

Ontem recebi também a carta de V. Ex.^a, que agradeço penhorado. Ofereci imediatamente um exemplar ao Mons. Reitor, ao Sr. Vice-Reitor e ao Sr. P. Fonseca, conforme as indicações de V. Ex.^a, a quem todos me encarregaram de agradecer em seus nomes.

Os outros exemplares vamos dá-los também, provavelmente.

Como V. Ex.^a. já deve saber, fizémos uma edição de estampas em heliogravura, com uma tiragem de 4.000 cópias. Umas com inscrição em português, outras em francês e outras em italiano. As fotografias demoraram um pouco mais. Estão entregues a uma fotógrafa que no-las vai fazendo pouco a pouco: até agora só fez 200.

Esperemos que até ao fim do ano tenha feito um milhar delas.

No mesmo correio seguem dois centos de estampas para V. Ex.^a.

Ontem estive no Colégio o Rev.mo P. Matéo, que nos fez uma praticazinha de cinco minutos. Demorou-se muito pouco tempo. Mostrou-nos uma medalha de Nossa Senhora de Fátima, que traz sempre com ele.

No próximo dia 5 de junho temos exame de grego bíblico.

Antes de terminar, vejo-me obrigado a pedir desculpa a V. Ex.^a de ter sido tão maçador com esta carta.

Em meu nome e no dos outros leirienses, agradeço mais uma vez tudo quanto V. Ex.^a tem feito por nós, e peço se digne abençoar-nos e aos nossos trabalhos escolares, para que sejam coroados de bom êxito.

Pedindo licença para beijar o sagrado Anel de V. Ex.^a. Rev.^{ma}, passo a subscrever-me

O mais indigno dos seus filhos.

Roma, Colégio Português, 22-V-930

Joaquim Carreira

Doc. 124**1930-05-29 (a)**

Conjunto de questões colocadas a Lúcia pelo Pe. José Bernardo Gonçalves sobre a devoção ao Imaculado Coração de Maria.

Publ.: DCF, V-5 - Doc. 1556

1930 12 junho de 1930

Por essa ocasião fiz à Irmã Lúcia as seguintes perguntas. Responda por escrito e como souber, numa folha de papel de carta, ao seguinte:

1º - *Quando, como e onde*; isto é, dizer a data (se souber), e a ocasião ou modo como sentiu essa manifestação da devoção dos 5 sábados.

2º - *Condições requeridas*: ou o que é que se requer para cumprir tal devoção.

3º - *Vantagens*: que graças se prometem a quem a fizer pelo menos uma vez?...

4º - *Porque* hão de ser “5 sábados”, e não 9, ou 7 em honra das Dores de Nossa Senhora?...

5º - E quem não puder cumprir com todas as condições no sábado, não satisfará com os domingos? A gente do campo, por exemplo, não poderá muitas vezes por viver longe...

6º - Com relação à *salvação* da pobre *Rússia*, o que é que desejava, ou queria?

Doc. 125**1930-05-29, Tuy**

Carta de Lúcia ao Pe. José Bernardo Gonçalves sobre a devoção ao Imaculado Coração de Maria.

Publ.: DCF, V-5 - Doc. 1557

J. M. J

1930 Tuy 29/V/930

Rvr.^{mo} Senhor

O que me parece ter-se passado entre Deus e a minha alma a respeito da devoção reparadora do Imaculado Coração de Maria e da perseguição da Rússia.

Parece-me que o nosso bom Deus no fundo do meu coração insta comigo para que peça ao Santo Padre a aprovação da devoção reparadora que o próprio Deus e a Santíssima Virgem se dignaram pedir em 1925 para, de atenção a esta pequena devoção, dar a graça do perdão às almas que tiveram a desgraça de ofender o Imaculado Coração de Maria, prometendo a Santíssima Virgem às almas que do seguinte modo a procurarem reparar, assistir-lhes à hora da morte com todas as graças necessárias para se salvarem.

A devoção consiste em, durante 5 meses seguidos, ao primeiro sábado, receber a Sagrada Comunhão, rezar um Terço e fazer 15 minutos de companhia a Nossa Senhora, meditando nos mistérios do Rosário e fazer uma confissão com o mesmo fim; esta poder-se-á fazer noutro dia. Se me não engano, o bom Deus promete terminar a perseguição na Rússia, se o Santo Padre se dignar fazer, e mandar que o façam igualmente os Bispos do mundo Católico, um solene e público ato de reparação e consagração da Rússia aos Santíssimos Corações de Jesus e Maria, prometendo Sua Santidade, mediante o fim desta perseguição, aprovar e recomendar a prática da já indicada devoção reparadora.

Declaro recear muitíssimo enganar-me e o motivo deste receio é, por não ter visto pessoalmente Nosso Senhor, mas só sentido a sua Divina presença.

Quanto à repugnância que sinto em ir dizer isto à Rv.^{ma} Madre Superiora, não sei bem donde procede; parte será talvez do receio que tenho de que Sua Rv.^{cia} irá desaprovar tudo isto ou dizer que é uma ilusão, uma sugestão do demónio e coisas assim deste género.

Beijo respeitosamente a mão de V. Rv.^{cia}

M^a.

Doc. 126**1930-06-01, Vaticano**

Correspondência do jornal “L’Osservatore Romano” sobre a peregrinação a Fátima, nos dias 12 e 13 de maio [data de redação: 24 de maio de 1930].

Publ.: DCF, V-5 - Doc. 1577 (em italiano)

A GRANDE PEREGRINAÇÃO AO SANTUÁRIO DE FÁTIMA

(As nossas informações).

LEIRIA, 24 – Tal como nos anos anteriores, também neste, no mês dedicado a Nossa Senhora e por Ela escolhido para fazer a sua primeira aparição em Fátima, uma multidão imensa ocorreu em piedosa peregrinação, nos dias 12 e 13 de maio.

O grosso dos peregrinos chegou na tarde do dia 12.

Todos os meios de transporte, desde os burros da Estremadura até aos luxuosos automóveis vindos de todas as cidades de Portugal, eram ali aglomerados em grandes manchas, fora dos muros.

E a multidão de peregrinos que ia chegando em maior número a pé, de algumas dezenas de quilómetros, crescia cada vez mais.

Ao cair da noite, um pouco depois do pôr do sol, a Cova da Iria assemelhava-se a um grande campo de concentração de populações salvas à pressa de um qualquer desastre. Porém, a paz espelhada nos rostos daquelas dezenas de milhar de peregrinos fez-nos mudar de opinião e acreditar que estávamos na antecâmara do Paraíso.

Oh, a paz de Fátima! Quer chova quer faça calor, quer a lama suje as roupas quer o pó as cubra, nunca aqui se sente o mais pequeno arrependimento de ter vindo ou a amarga confissão de mal-estar.

Pelas 10 horas da noite do dia 12 começa a peregrinação oficial.

As celebrações prosseguem até às 3 horas do dia seguinte.

E quase não se distingue cada um dos peregrinos no meio daquela multidão imensa.

Dir-se-ia que Portugal inteiro e não apenas uma região estava ali.

Um cortejo interminável, que se estendia ao longo das estradas em construção, com milhares de velas acesas, cantava “Avé de Fátima”. À sua chegada, os peregrinos encaminhavam-se para o espaço que

circundava o “Pavilhão dos doentes”, onde iria decorrer a adoração noturna.

À meia-noite, o Padre Luís Gonzaga Cabral iniciava a “Hora de Reparação Nacional”, durante a qual falou sobre os Mistérios Dolorosos e a Recomendação de Penitência, feita por Nossa Senhora.

Até às 5, houve ainda outras horas de adoração, tendo-se seguido a celebração do Santo Sacrifício nos dez altares provisórios.

A recitação do Rosário, feita por mais de cem mil fiéis, é de uma profunda emoção. Faz bem ver e sentir tanta gente em comunhão de almas e afetos. E são tantos, tantos aqueles que, desta forma, se deixam cair nos braços de Deus!...

Bendito seja Deus que nos concedeu a graça de podermos ver espetáculos tão belos e de desfrutar manifestações da mais profunda piedade eucarística e mariana!

Presidiram às celebrações os Bispos de Faro, D. Marcelino Franco, e de Leiria, D. José Alves Correia da Silva.

Às 5 horas da manhã, o Bispo de Leiria celebrou a Santa Missa.

Ao “Communio”, vinte e cinco sacerdotes distribuíram-se pelo meio do povo, levando Jesus às almas.

O belíssimo canto “Santos Anjos e Arcanjos” irrompe então, pleno de vida e amor, de todas as bocas e de todos os corações.

E Jesus passa e desce ao coração dos seus filhos diletos, que ali acorreram para beber na Fonte da Vida.

Para a Missa dos Doentes, todo o vasto recinto delimitado pelo Hospital, pela Fonte e pelo Pavilhão dos doentes, estava apinhado de gente.

Durante a Missa e a procissão final, a nossa aviação militar também quis manifestar a sua homenagem a Nossa Senhora de Fátima.

Quatro ou cinco aparelhos surgiram no céu, sobrevoando aquele local sagrado, tendo de um deles sido lançados ramos de flores.

Doc. 127**1930-06-11, Tuy**

Carta de Lúcia a sua mãe, a acusar a receção de uma carta da sua irmã Glória. Refere-se ao sofrimento como forma de agradar a Deus e aconselha a mãe a oferecer os sacrifícios pela conversão da Rússia.

Publ.: DCF, V-5 - Doc. 1590

J M J

Tuy, 11-6-1930

Minha querida mãe

Recebi ontem a cartinha que a Glória fez o grande favor de me escrever; desejava, há muito, as suas notícias, e agora sinto muito o seu estado de sofrimento, mas repitamos até ao fim: *Faça-se a Santíssima Vontade do nosso bom Deus*, esta vida é para sofrer. Depois teremos uma eternidade para gozar, então lá no Céu, tudo o que tivermos sofrido nos parecerá nada e, se pudéssemos ter pena, seria de não termos sofrido mais por amor de Nosso Senhor; agora dirá a mãe: a minha filha Lúcia não compreende o meu sofrimento, por isso, fala assim. Nada disso, compreendo e acompanho-a de cá em todas as suas dores, tanto físicas como morais; o sacrifício de não poder abraçar todos os seus filhos fá-la sofrer tanto ou mais que o mal corporal, mas pede-nos este sacrifício quem no-lo pode pedir, e quem também primeiro por nosso amor, se separou de Sua Santíssima Mãe e de uma maneira muito mais dolorosa, que foi pela morte de Cruz; diante deste exemplar, abracemos a Cruz com amor, procurando ajudá-lo a salvar o mundo e agora dum modo particular ofereçamos os nossos sacrifícios pela conversão da pobre Rússia. Agradeço muito à Glória ter-me escrito e em vistas de a Mãe estar em casa dela, não sei agora a sua direção; mando a carta com a antiga e depois, quando me escreverem dizem-me. Gostava também de saber como está a Carolina e em que terra, que depois, quando puder, vou também escrever-lhe.

Queria também que a Teresa me dissesse se o Manuelito¹ já fez o exame de Admissão ao liceu para ver se se poderá arranjar a entrar na

¹ Manuel Joaquim Pereira, sobrinho de Lúcia. Nasceu a 10 de outubro de 1919. Seguiu a vida sacerdotal, nos jesuítas. Foi missionário, em Moçambique. Faleceu a 4 de fevereiro de 2009.

Escola Apostólica. Quanto à Maria Amélia², não sei se poderá vir; a Comissão está firme em não receber meninas de fora do distrito do Porto e, em vistas disto, terá talvez ela que ficar com os pais; vamos a ver o que Nossa Senhora faz. Mando aqui uns santinhos da minha Madre Fundadora que foi Beatificada no dia 8 deste mês e que faz muitas graças. Recebi também a notícia da morte do Tio de Leiria³; peço todos os dias pelo seu eterno descanso. A Laura coitadinha como está? Quanto à minha saúde não lhe dê cuidado, estou bem graças a Deus. Abraço a Glória e todos os seus filhinhos, recomendo-me muito a todas as mais Irmãs e cunhados; a si abraço-a afetuosissimamente nos Santíssimos Corações de Jesus e Maria.

Sua filha, que pede a bênção

Maria Lúcia de Jesus
r. de S. D

² Maria Amélia de Jesus Pereira, sobrinha de Lúcia. Nasceu a 29 de julho de 1921. Foi religiosa de Santa Doroteia, onde professou. Mais tarde, entrou no Carmelo de Coimbra, adotando o nome de Maria das Dores. Foi depois para o novo Carmelo de Braga, onde exerceu os ofícios de conselheira, mestra de noviças e priora. Faleceu a 20 de julho de 2006.

³ Manuel Ferreira Rosa, irmão de Maria Rosa (mãe de Lúcia), falecido a 19 de fevereiro de 1930.

⁴ Laura, filha de Manuel Ferreira Rosa.

Doc. 128**1930-06-12, Tuy**

Carta de Lúcia ao Pe. José Bernardo Gonçalves a responder a um conjunto de questões sobre a devoção ao Imaculado Coração de Maria.

Publ.: DCF, V-5 - Doc. 1593

J M J

1930 12/6/930

Rv.^{mo} Senhor

Depois de implorar a assistência dos Santíssimos Corações de Jesus e Maria vou quanto me fôr possível, responder às perguntas de V. Rv.^{cia} no tocante à devoção dos cinco sábados.

1º – Quando?) A 10-12-1925

Como?) Aparecendo-me Nosso Senhor e a Santíssima Virgem mostrando-me o seu Imaculado Coração cercado de espinhos pedindo reparação.

Onde?) Pontevedra, Travessia de Isabel II, a primeira aparição no meu quarto, a segunda junto do portão da quinta, onde andava a trabalhar.

2º – Condições requeridas?) Durante cinco meses, ao primeiro sábado, receber a Sagrada Comunhão, rezar o Terço, fazer 15 minutos de companhia a Nossa Senhora, meditando nos mistérios do Rosário e fazer uma confissão como o mesmo fim. Esta poder-se-á fazer em outro dia, contanto que ao receber a Sagrada Comunhão se esteja em graça.

3º – Vantagens ou promessa) Às almas que deste modo procurarem desagrarar (fala Nossa Senhora), prometo assistir-lhes à hora da morte com todas as graças necessárias para a Salvação.

4º – Porque hão-de ser “5 Sábados” e não 9 ou 7 em honra das dores de Nossa Senhora?) [*caligrafia do Pe. Gonçalves:*] a) Primeiro respondeu-me que não sabia; mas que Nossa Senhora pediu 5”.

Ficando na capela com Nosso Senhor, parte da noite do dia 29 para 30 deste mês de maio de 1930, e falando a Nosso Senhor das duas perguntas 4ª e 5ª, senti-me de repente possuída mais intimamente da Divina Presença e, se me não engano, foi-me revelado o seguinte:

Minha filha, o motivo é simples, são cinco as espécies de ofensas e blasfêmias, proferidas contra o Imaculado Coração de Maria.

1ª – As blasfêmias contra a Imaculada Conceição.

2^a – Contra a sua Virgindade.

3^a – Contra a Maternidade Divina, recusando ao mesmo tempo recebê-la como Mãe dos homens.

4^a – Os que procuram publicamente infundir nos corações das crianças a indiferença, o desprezo e até o ódio para com esta Imaculada Mãe.

5^a – Os que a ultrajem diretamente nas suas Sagradas Imagens.

Eis minha filha, o motivo pelo qual o Imaculado Coração de Maria me levou a pedir esta pequena reparação e de atenção a ela, mover a minha misericórdia ao perdão, para com essas almas que tiveram a desgraça de a ofender. Quanto a ti, procura sem cessar com as tuas orações e sacrifícios mover-me à misericórdia para com essas pobres almas.

5^o – E quem não puder cumprir com todas as condições no Sábado não satisfará com os Domingos?) Será igualmente aceite a prática desta devoção no Domingo seguinte ao primeiro Sábado, quando os meus Sacerdotes, por justos motivos assim o considerarem às almas.

6^o – Com relação à Rússia.) Se me não engano, o nosso bom Deus promete terminar a perseguição na Rússia, se o Santo Padre se dignar fazer e mandar que a façam igualmente os Bispos do mundo católico, um solene e público ato de reparação e consagração da Rússia aos Santíssimos Corações de Jesus e Maria, prometendo Sua Santidade, mediante o fim desta perseguição, aprovar e recomendar a prática da já indicada devoção reparadora.

[*caligrafia do Pe. Gonçalves:*] N. B. Entregou-me isto no quarto, quando doente com uma gripe – a 12 de Junho de 1930. –

J. G.

Doc. 129**1930-06-13, Tuy**

Carta do Pe. José Bernardo Gonçalves para D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, a enviar a transcrição (datilografada) do documento que recebeu de Lúcia sobre a Devoção ao Imaculado Coração de Maria.

Publ.: DCF, V-5 - Doc.1597

S. Telmo, 21 – Tuy
13-VI-930

II.^{mo} e R.^{mo} Senhor

A folha adjunta que envio a V.^a Ex.^a R.^{ma} é transcrita à letra –, para não perder o sabor –, dum papel que a “Irmã Maria das Dores” me entregou. O motivo foi este. Ela tem-se confessado e aberto comigo algumas vezes, ainda que não muitas. Certamente por eu ter substituído aqui em Tuy o Sr. P. Aparício, que era quem a dirigia antes.

Com o Sr. P. Barros, que é atualmente o Confessor ordinário daquela casa, ainda que se dê bem, não sente contudo muita confiança com ele. Aliás isso sucede também com bastantes; talvez pelo feitio dele.

Ora bem: para sossego da Lúcia, pois me pediu que tornasse o assunto dessa folha à minha conta, escrevo hoje a V. Ex.^a R.^{ma}.

Ela, 1.^o) sente certo acanhamento, e é natural, em falar destas coisas; 2.^o) receia equivocar-se no referente à Rússia: “e o motivo deste receio, diz, é por não ter visto pessoalmente Nossa Senhora, mas só sentido a sua Divina presença”; – 3.^o) não falou também sobre o caso à Rev. M.^e. Provincial, “porque ela em geral prefere desaproveitar tudo, dizendo que é ilusão, que é sugestão do demónio, etc.”. Por outro lado teme também não ser bastante fiel e generosa com Nossa Senhora, acovardando-se perante as dificuldades e repugnâncias.

Tenho-a procurado tranquilizar bem.

Para completo sossego e paz da sua alma, disse-lhe – depois de bastante instado – que tomava o assunto à minha conta. Que faria chegar tudo ao Santo Padre, por algum meio, deixando depois, nas mãos da Divina Providência, o resultado. Uma vez que da nossa parte fizemos o que pudermos, Nossa Senhora fará o resto.

Ao dizer-lhe, à Irmã Dores, que precisava de algum – “medianeiro” –, mostrou-me grande vontade de que fosse V.^a Ex.^a R.^{ma}, com quem tem

a máxima confiança. Ela deseja muito que se propague essa devoção reparadora, mas também gostaria imenso que se ocultasse, quanto possível, a “origem”.

Cumpro pois com o que prometi. V^a Ex^a Rv.^{ma} fará agora o que melhor entender. Pelo menos arquivar.

A dita Irmã tem estado estes dias de cama com um pouco de gripe, mas não é coisa de cuidado. Espera ver e falar a V. Ex^a R.^{ma} brevemente, porque parece ter-lhe prometido uma visitinha por ocasião do Congresso do Apostolado de Oração.

Certamente V^a Ex^a R.^{ma} não se recordará de quem escreve esta carta. Mas já aí estive há 2 anos, acompanhando o Rev. P. Visitador, Henrique Carvajal; e foi também um dos dois missionários de Albergaria dos Doze.

Beijando respeitosamente o sagrado anel de V^a Ex^a R.^{ma} sou com a maior cons. c.m.d.

José Bernardo Gonçalves

“DEVOÇÃO REPARADORA AO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA”

O que me parece ter-se passado entre Deus e a minha alma a respeito da “devoção reparadora” ao Imaculado Coração de Maria e da perseguição na Rússia, é isto:

Parece-me que o nosso bom Deus no fundo do meu coração insta comigo para que peça ao Santo Padre a aprovação da “devoção reparadora” que o próprio Deus e a Santíssima Virgem se dignaram pedir em 1925.

Se me não engano, o bom Deus promete terminar a perseguição na Rússia se o Santo Padre se dignar fazer – e mandar que o façam igualmente os Bispos do mundo católico – um solene e público ato de reparação e consagração da Rússia aos Santíssimos Corações de Jesus e Maria, prometendo Sua Santidade, mediante o fim desta perseguição, aprovar e recomendar a prática da já indicada “devoção reparadora”.

– “Em que consiste?” – Em durante cinco meses seguidos, no primeiro sábado, receber a Sagrada Comunhão, rezar o Terço, fazer 15 minutos de companhia a Nossa Senhora meditando nos mistérios do Rosário e fazer uma confissão com o mesmo fim. Esta poderá fazer-se noutro dia, contanto que ao receber a Sagrada Comunhão se esteja em graça.

– “Fim”: – Em atenção a esta pequena devoção quer dar a graça do perdão às almas que tiverem a desgraça de ofender o Imaculado Coração de Maria, prometendo a Santíssima Virgem às almas que do seguinte modo a procurarem reparar assistir-lhes à hora da morte com todas as graças necessárias para se salvarem. – “As almas que me procurarem assim desagravar, prometo assistir-lhes à hora da morte com todas as graças necessárias para a salvação”.

– “Origem”: – Foi a 10-12-1925, em Pontevedra, aparecendo-me Nosso Senhor e a Santíssima Virgem mostrando-me o seu Imaculado Coração cercado de espinhos, pedindo reparação. A primeira aparição foi no meu quarto; a segunda junto do portão da quinta, onde andava a trabalhar.

Doc. 130
1930-06-27, Lisboa

Artigo do jornal “Novidades” sobre a conferência de Luís Gonzaga da Fonseca, no Instituto Bíblico, em Roma.

Publ.: DCF, V-5 - Doc. 1622

CARTAS DA ITÁLIA
FÁTIMA EM ROMA

A conferência do sr. dr. Gonzaga da Fonseca no “Pontifício
Instituto Bíblico”

[I]

É hoje a Itália uma das nações em que mais se fala de Fátima.

Os rapazes do Colégio Português, não contentes com venerar a Mãe Celeste no altar mais rico da sua linda Capela nova, constituíram-se seus paladinos, e vão Itália em fora, em revistas e em jornais, a cantar as glórias de Fátima, a cantar as glórias de Portugal.

Por sua iniciativa, o “Messaggero del Cuore di Maria” e a revista de Alba – *Maria nella Famiglia* – publicaram vários artigos sobre Fátima. *L’Osservatore Romano* vem há anos informando os seus leitores do que se passa no planalto sagrado da Serra de Aire. E ainda há pouco, a Revista do P.e Garagnani – *Stella Matutina* – publicava três belíssimos artigos sobre a Lourdes portuguesa.

Para muito breve, falarão também largamente de Fátima – ao que nos consta – a grande revista das famílias – *La Festa* – e o *Avvenire d’Italia* – importante quotidiano de Bolonha.

Foi assim que nasceu a ideia de uma conferência sobre Fátima, com projeções. O conferencista... estava naturalmente indicado.

O sr. Dr. Gonzaga da Fonseca, – o professor distintíssimo que nas cátedras do “Bíblico” e na direção do *Verbum Domini* tanto honra o nome de Portugal, – o apóstolo escondido e humilde a quem a Santa Sé confiou, há dois anos, a Direccção Espiritual dos rapazes portugueses de Roma –, o sr. Dr. Gonzaga da Fonseca é um apóstolo entusiasta de Fátima.

No Instituto Bíblico

Quando chegámos ao “Bíblico”, o vasto salão já regorgitava de assistentes. Nas primeiras filas, Cardeais, Prelados, diplomatas,

professores, S. Eminências os Senhores Cardeais Frühwirt e Scapinelli conversam animadamente sobre Portugal, com os nossos ilustres representantes no Vaticano e no Quirinal. Está presente quase toda a colônia portuguesa: os Superiores do Colégio Português, os Snrs. Condes de Campo Belo, que se encontravam de passagem em Roma, o pessoal das Legações, Mons. Machado, estudantes, religiosas, etc.

Alguns nomes, do corpo docente das Universidades de Roma: P.^e Vidal, o conhecido continuador da obra monumental de Werny; P.^e Mostaya; Silva Tarouca, o ilustre historiador da “Vaticana”; René Arnou, do Instituto de Paris, que agora ensina Filosofia em Roma; P.^e Lazzarini, Prefeito de Estudos da Gregoriana; muitos outros sacerdotes e estudantes, sobretudo muitos estudantes, do Brasil, da Itália, de Espanha, de todo o mundo, – que serão depois, pelo mundo fora, apóstolos da Senhora de Fátima, Missionários de Portugal.

Os nossos Ministros não ocultam a alegria que lhes vai na alma, ao ver as bancadas, as galerias, o próprio Museu Bíblico, a regorgitar de capas negras que se agitam, nervosas, na ânsia imensa de conhecer as predileções do Coração da Virgem para com a “Sua Terra de Santa Maria!”

Que página sublime, na história da propaganda da nossa Terra!

* * *

Às 5 horas, em ponto, o sr. Dr. Gonzaga da Fonseca sobe à mesa dos oradores.

Chegam ainda alguns convidados, que a custo conseguem atravessar a multidão compacta das capas negras.

Vai começar a conferência.

É um momento soleníssimo, para o nosso coração de portugueses.

No olhar humilde do ilustre Jesuíta, a gente lê a comoção profunda que lhe vai na alma.

Vai falar a um auditório seletíssimo – ao que Roma tem de mais fino – vai falar ao mundo inteiro, porque o mundo inteiro se encontra ali representado, – das glórias da Senhora da Fátima, das glórias da Nação Fidelíssima!

No incêndio da Grande Guerra

“Corria o ano 1917 e a Europa ardia sempre no incêndio da guerra mundial. Debalde (ao menos assim parecia), debalde o grande Pontífice da Paz, Bento XV, envidava todos os esforços humanos e sobrehumanos

para o apagar. O incêndio alastrava, em pavorosas proporções, de terra em terra, de continente em continente, ameaçando arrastar no turbilhão das suas labaredas as nações de todo o globo.

Havia um ano já que chegara a vez do pequeno Portugal que, dia a dia, via desaparecer os seus filhos e os seus minguados recursos no vértice pavoroso! ... Por toda a parte lágrimas, dores, desolação, morte.

Senão quando, em meio dos rumores sinistros da guerra, começou a circular do norte ao sul do país, uma notícia que soava como uma promessa de paz, um convite que sorria como um arco-íris em meio da tempestade: A Fátima! Vamos a Fátima!

“Fátima? ...”

“*Chi é costui?...*”

O erudito alemão – como prescrevem todos os tratados de metodologia – correria logo a folhear ponderosos dicionários de Geografia e História, e – em última análise – a novíssima edição dos *Baedekers* mais bem informados:

– Fátima – célebre filha de Maomé – nascida em Meca ali por 610...

– Fátima – epónimo donde derivava o seu nome a famosa dinastia dos Fatimitas, no Século X...

Fátima... Mais nada. E poisando os livros com um desdenhoso encolher de ombros sentenciou: “A Fátima”?... deve ser o título de algum novo romance.

E contudo, meus Senhores, hoje o nome de Fátima corre de boca em boca Portugal inteiro, – passou fronteiras, cavalgou cordilheiras, atravessou continentes, sulcou oceanos, – e Fátima – mais ou menos estropiado conhece-se em todas as nações da Europa, e fora dela, nos Açores e na Madeira – em Angola e Moçambique – nas Índias e na China, nos Estados Unidos e no Brasil. Fátima conhece-se, bendiz-se com devoção, celebra-se com entusiasmo.

Não é uma praça forte como Anvers, cuja conquista mostrasse a potência destruidora dos formidáveis 420; não é uma capital como Paris que desse que falar dos obuses da *Grosse Bertha*; não é um Verdun, padrão eterno de incríveis heroísmos; não é uma Jutlândia assinalada por mortíferas batalhas navais... Não é nem sequer uma Versailles ou uma Locarno... onde se firmassem, laboriosamente, laboriosos tratados de uma paz que não chega nunca. – Não é nada disso e é mais que tudo isso: – uma fortaleza, uma “testa de ponte”, um ponto estratégico, na grande, na imane guerra que o céu leva travada com o inferno.

É uma praça forte inconquistável e soberanamente conquistadora, na ingente ofensiva do Sobrenatural contra este mundo imerso, na matéria, na descrença, na imoralidade. Ide-lo ver!”

“Fátima é um pequenino lugarejo na diocese de Leiria, perdido num dos contrafortes da serra de Aire, a 100 quilómetros de Lisboa, quase no centro de Portugal.

... ..

A região é uma das mais celebradas nas histórias da península ibérica.

Ali se travaram no século XII alguns dos mais gloriosos feitos de armas que consagraram Portugal cavaleiro de Cristo na guerra contra o *crescente*.

Ali se resolveu, no século XIV, uma das maiores crises da história portuguesa: foi naquele planalto que em duelo de heróis se decidiu se Portugal continuaria nação independente, ou seria apenas uma minúscula província do império das Hispânicas.

Foi das rochas daquela serra que o montante do Santo Condestável, – o herói nacional Português, – talhou o pedestal em que o pequenino Portugal se havia de erguer para estreitar meio mundo num abraço salvador, com os braços da civilização e da Fé!

Grandiosos monumentos de Arte

E esses feitos ainda hoje o *turista* os pode ver eternizados em grandiosos monumentos.

Passo em revista alguns, com o auxílio da lanterna mágica: apenas uma amostra para espicaçar a vossa curiosidade”.

E passam então ante os nossos olhos, em nítidas projeções luminosas, algumas das preciosidades mais finas do nosso opulentíssimo património artístico.

Nota-se na assistência uma impressão profunda de admiração e... de espanto.

É tão pouco conhecida a riqueza artística de Portugal, que muita gente cá por fora aprecia com a mesma gentileza daquele napoletano que dizia um dia ao P.^e Castro: “Oh! Portugal?... Conheço muito bem!... Uma cidadezinha ao pé de Madrid em que há muitas revoluções....”.

O sr. P.^e Fonseca tudo vai explicando, com todo o amor do seu grande coração de português.

Mais uma vez, às glórias da Igreja, andavam associadas as glórias de Portugal!

O ilustre orador tem uma referência especial para o grande mosteiro da Batalha.

– “Santa Maria da Vitória – Convento – levantado por D. João I em preito de gratidão à Virgem pela batalha de Aljubarrota ganha pelos portugueses neste mesmo lugar, na vigília da Assunção, em 1385. É uma verdadeira jóia de arte gótica, talvez a mais sugestiva de Portugal.

Vista geral de oeste.

Fachada principal. Uma nota interessante: para entrar no templo não se sobe; descem-se alguns degraus: – é necessária a humildade cristã para bem se falar com Deus.

Nave central do templo. As colunas altíssimas formam um conjunto imponentíssimo de majestade, a que dá mais relevo a semi-obscuridade da luz policroma dos “vitrais”, e a simplicidade, ou melhor, a ausência quase completa de ornamentos, em flagrante contraste com a fachada.

O artista profundamente cristão, baniu quanto pudesse distrair a atenção da oração.

O grandioso monumento da Batalha foi confiado aos RR. Padres Dominicanos. Principal cuidado do seu zelo foi propagar no povo dos arredores a devoção à Senhora do Rosário. Devoção aliás tão portuguesa que, vai para meio século, quase não havia família em Portugal que o não rezasse todos os dias.

Era espetáculo belíssimo, entrando numa aldeia com uma hora da noite, ouvir em todas as casas através das frestas das portas, ou dos caixilhos quebrados das janelas, o coro da família reunida em torno do lar, rezando o terço ou a coroa seráfica.

Houve tempo – que belos tempos aqueles! – em que nos quartéis se rezava o terço! – em que as campanhas de pescadores divididos em dois coros na praia, o rezavam antes de embarcarem para a pesca! – em que... Mas não aumentemos o nojo do presente com aumentar a saudade do passado!

Se bem que esta devoção hoje mesmo em muitíssimas regiões de Portugal continua no seu pleno vigor. Entre estas regiões abençoadas, prima a Diocese de Leiria, e nesta não ocupa o último lugar a paróquia de Fátima. Foi talvez esta devoção que atraíu sobre aquela minúscula terra as preferências da Mãe de Deus, que dela fez um novo Horeb, uma segunda Lourdes, e de um dia para outro a tornou célebre no mundo.

Exponho singelamente os factos, como resultam dos processos eclesiásticos em curso, sem prevenir o juízo definitivo da autoridade competente”.

E o sr. P.ª Fonseca entra então, desenvolvidamente, na história das Aparições.

A escassez do espaço reservado a um artigo de jornal, não nos permite acompanhá-lo no seu magnífico trabalho, em que quase não sabemos

que mais admirar: se o fino recorte da frase, que faz lembrar os grandes mestres de tempos idos, se o espírito de amor à Virgem em que palpita o seu coração de apóstolo e de português.

Não resisto, porém à tentação de aqui reproduzir na próxima carta mais alguns trechos, que são verdadeiros primores.

G. Pamphili.

Doc. 131
1930-07-03, Lisboa

Continuação do artigo do jornal “Novidades” sobre a conferência do Dr. Luís Gonzaga da Fonseca, no Instituto Bíblico, em Roma.

Publ.: DCF, V-5 - Doc. 1631

CARTAS DE ITALIA

FÁTIMA EM ROMA

A Conferência do sr. Dr. Gonzaga da Fonseca
no “Pontífico Instituto Bíblico”

II

Era o dia 13 de maio de 1917. Três pastorinhos de Fátima –Lúcia de Jesus, – de uns dez anos de idade, – e dois primos, Francisco Marto, de nove anos, e sua irmã Jacinta, de 7 – guardavam um pequenino rebanho, no lugar chamado Cova da Iria, a 3 quilómetros da povoação de Fátima.

São simples inocentes como os cordeiros que guardam, – como aqueles de quem é o reino do Céu! Têm arraigada na alma a piedade ingénua, a fé convicta que beberam com o leite, e possuem a ciência de conversar com o céu, aprendida na escola do lar doméstico!

Divina escola, se a família é profundamente, patriarcalmente cristã! Divina escola, porque é lá o Espírito Santo que – mestre divino – fala e ensina pela boca do pai e da mãe, e – divino repetidor – imprime no coração dos filhos as doutrinas escutadas.

Os pastorinhos, pela volta do meio dia, interrompendo os seus inocentes brinquedos, rezavam, como de costume, o terço de N. Senhora. Peço, meus senhores, que repareis nestas circunstância – três criancinhas deixadas a si mesmas, longe do olhar vigilante dos pais, – convidam-se mutuamente a rezar o terço! Angélica piedade! Dizei se não sabiam conversar com o céu!

Ai se tivessem já frequentado uma escola neutra! Se tivessem recebido um banho de verniz – do verniz da civilização moderna ... Teriam o vestidinho mais à moda; saberiam falar de cinematógrafo e de teatro; saberiam discutir o modo de imitar as proezas do último malandro celebrado no alvo cinematográfico; e não saberiam olhar para o céu, muito menos conversar com Deus! Também dificilmente se sujeitariam a

guardar inocentes ovelhas... Outros animais teriam que guardar, ou deixar correr à solta... como o pródigo.

As aparições

Terminado o terço, não eram anjos que se ficassem em contemplação. Creio até que a recitação não correu serena e recolhida desde o princípio até ao fim e deve ter sido interrompida com algum assobio do Francisco a alguma ovelha que se tresmalhava, ou alguma pedrada a um pardal mais confiado que se aventurasse a aproximar-se muito. Uma ralhadeira da Lúcia, e a oração tinha enfim chegado ao porto. Agora toca de novo aos seus brinquedos. Quais?, – Maduro conselho; pronta decisão. Fabricar um palácio em regra... com as pedras que no monte abundam. – Mãos à obra!

Senão que de repente um clarão como de relâmpago que fendesse os ares... lhes fere a vista.

Que seria? Olham assustados à volta de si: Terra e Céus... espelhavam a paz de Deus.

Quem sabe se atrás da serra se está adensando alguma trovoada!...

É melhor voltar para casa, ordena Lúcia. – E os primos, mais assustados que ela... concordam plenamente.

Correm a recolher as ovelhas, mas um novo relâmpago mais vivo, mais deslumbrante que o primeiro, prega-os imóveis ao chão.

Um calafrio misterioso lhes percorre os membros, entreolham-se assustados com um olhar interrogativo, e logo, como obedecendo a um impulso comum, volem os olhos indagadores para o mesmo lado: Jesus!

A poucos passos sobre a copa verdejante de uma azinheira enfezada, uma donzela feita de luz mais deslumbrante que o sol.

Duplamente aterrados, – Francisco arma-se de uma pedra para se defender, – a mais pequena suplica: fujamos, – mas a aparição serena-os com um olhar caricioso, e com uma voz dulcíssima que diz: Não tenhais medo! Não vos faço mal.

Minutos de silêncio, em muda estática contemplação. A Visão aparenta a idade de 15 a 18 anos; veste de branco, mas de um branco feito de neve e de luz, qual na terra não o pode obter arte humana; a túnica fechada à volta do pescoço com um cordão de ouro, que cai sobre o peito e termina em duas borlas de fios de ouro; desce até aos pés que aparecem descalços roçando seriamente as franças da azinheira. Sobre a cabeça um manto de brancura deslumbrante, desce airoso quase até aos pés como a túnica; manto e túnica são orlados de ouro. As mãos erguidas ao peito, em atitude de oração, sustentando um rosário de

pérolas brancas, terminado por uma cruz que parece de prata brunida. O rosto de lineamentos puríssimos e infinitamente delicado, parece velado por uma nuvem de tristeza...

Lúcia afoita-se a romper o silêncio:

– Quem é vossemecê? Que quer?

– “Eu... Venho do Céu! e queria que viesseis aqui a esta mesma hora, no dia 13 de seis meses consecutivos. Em outubro dir-vos-ei quem sou e o que desejo de vós”.

... ..

E o diálogo continua divinamente belo, – predileção terníssima da Mãe Celeste pela Terra querida de Portugal.

A assistência segue o sr. Pe. Fonseca com uma atenção que se não descreve!

Na descrição do milagre de 13 de outubro – a rotação do Sol sobre si mesmo – o orador excede-se a si próprio.

Aclamações vibrantes

O auditório já se não contém, e irrompe vezes sem número em aclamações vibrantes, como poucas vezes, como talvez nunca se aplaudisse no salão nobre do Instituto Bíblico.

Passam no alvo cinematográfico alguns quadros de Peregrinação em Fátima. Surgem agora, inopinadamente, as figuras gentilíssimas do Venerando Prelado de Leiria – o apóstolo infatigável da Fátima e do Senhor Presidente da República, na sua visita ao Santuário bendito da Padroeira de Portugal. Uma ovação prolongada e entusiástica saúda o augusto Prelado e o ilustre Chefe de Estado.

É um momento soleníssimo, que atinge a grandeza de uma apoteose quando surge a figura humilde da Vidente de Fátima.

Mais uma vez – repetirei ainda – às glórias da Igreja, às glórias da Mãe Celeste, andavam unidas as glórias de Portugal!

Vêm agora as curas extraordinárias, obtidas por intercessão da Senhora da Fátima. Curas físicas, que a ciência não sabe explicar, curas morais que atestam a bondade terníssima do materno Coração de Maria – incarnação sagrada da misericórdia infinita do Coração de Deus.

O maior milagre

Mas o grande, o palpável, o eloquentíssimo prodígio, o prodígio dos prodígios é este: por toda a parte, do norte ao sul de Portugal, é uma primavera maravilhosa de fé, de piedade, de vida cristã.

Em 26 de março de 1911 (6 meses e meio depois da implantação do novo regime em Portugal), um homúnculo com pretensões a apagador das estrelas do firmamento, na sessão magna da maçonaria, em presença de um representante das lojas francesas, falando da sacrílega lei da *separação das igrejas e do estado*, de que ele mesmo, era o autor – e que Pio X marcou um dia com o ferrete de lei de expoliação e opressão e perseguição!... – bolsava este desafio ao bom senso e ao Céu: “Com esta lei, dentro de duas gerações, Portugal terá eliminado completamente o Catolicismo, que é a maior causa da desgraçada situação em que se debate”.

O Céu aceitou o desafio blasfemo, e eis a resposta:

Não passou ainda metade da primeira geração, apesar de todas as perseguições e de todas as injustiças, o Catolicismo vive, o Catolicismo prospera, – antes, nós verificamos um reflorescimento universal, como há dois séculos Portugal não tinha visto!

A Quem se deve isto?

A Virgem Senhora do Rosário que, descendo do Céu à Sua Terra de Santa Maria, na montanha bendita da Fátima, se foi depois – Missionária de Deus – de terra em terra, batendo a todas as portas, convidando-se a todos os lares. E quase todas as portas se Lhe abriram, e em quase todos os lares ocupa hoje o lugar de honra. E vós sabeis que onde entra a Mãe, entra Jesus, e “*salus domui huic facta est*”.

A Missionária do Rei Divino

Mas a Peregrina Apostólica não quer limitada a Sua ação ao continente.

Atravessou as fronteiras e foi já à Madeira e aos Açores – as pérolas do *mare nostrum* – onde foi levantada em Sua honra – na ilha de Santa Maria – a primeira capela depois da de Fátima, – a diversas regiões da África, à épica cidade de Diu na Índia, a Macau na China, aos Estados Unidos da América, ao Brasil, espalhando por toda a parte suscitando entusiasmos de amor, de piedade, de gratidão. No Brasil, – apraz-me notá-lo em particular, – há poucos meses, um cortejo imponentíssimo de 10.000 fiéis levou a Senhora de Fátima em triunfo pelas estradas da capital ao Seu novo altar e os rapazes amam invocá-La como protetora especial nos exames: algumas gotas de água refrescam as ideias, e a imagem invocada ou levada sobre o coração soluciona as dificuldades.

Recentemente veio também a Roma. Imagens, entre pequenas ou grandes, conheço ao menos 4 que são fervorosamente veneradas.

S. S. Pio XI dignou-se benignamente benzer uma belíssima estátua, verdadeira obra-prima de escultura – para a Capela da Senhora de Fátima no Colégio Português.

Ali, depois de amanhã, aniversário da primeira aparição também vós, Senhores meus, podereis venerá-La, associando-vos assim ao triunfo que Lhe darão, em Portugal, 300.000 peregrinos de Fátima.

Encontrá-La-eis, estou bem certo disso, igualmente materna, igualmente liberal nas Suas bênçãos, nas Suas graças, nos seus milagres!?”.

Glória da Nossa Terra

Estava terminada a conferência. Num gesto gentilíssimo de espontaneidade, o Sr. Ministro de Portugal no Vaticano – o antigo e brilhante jornalista – sobe à tribuna dos oradores, e abraça, sentidamente, o humilde religioso, que se vinga do exílio a que a Pátria votou a benemérita Instituição a que pertence – não digo bem – a que a votaram os homens maus da nossa terra, – fazendo-se paladino das glórias da Nação Fidelíssima! Há lágrimas em muitos olhos, lágrimas de Fé e de Amor, lágrimas de Saudade e de Esperança, como as que choram, na colina sagrada, os romeiros da Senhora da Fátima...

E uma evocação de entusiasmo vibrante cobre de aplausos prolongados o magnífico trabalho que acabávamos de ouvir.

Na roupeta humilde do querido e ilustre jesuíta, eu via glorificado, numa linda apoteose de reparação, o meu grande Portugal da Fé – a Terra bendita que a Virgem escolheu para Trono das mil bondades do Seu terno Coração de Mãe!

G. Pamphili

Doc. 132
1930-10-a.13

Lista de pessoas e órgãos de comunicação social a quem foi enviada a carta pastoral.

Publ.: DCF, V-6, Doc. 1807

Bispo de Tui	Jornais
Bispo de Bragança	
Arcebispo Bispo de Vila Real	Novidades
Arcebispo Primaz de Braga	Voz
Bispo Coadjutor de Lamego	Diário de Lisboa
Bispo do Porto	Século
Bispo Conde de Coimbra	Diário de Notícias
Bispo Coadjutor de Coimbra	União Nacional
Bispo da Guarda	Estudos
Bispo Auxiliar da Guarda	Correio de Coimbra
Bispo de Viseu	A Guarda
Bispo de Portalegre	A Defesa – de Évora
Cardeal Patriarca	Notícias de Beja
Núncio Apostólico	Folha do Domingo
Auditor da Nunciatura	O Domingo, do Algarve, Faro
Arcebispo de Évora	A Voz do Pastor
Bispo de Beja	... da Guarda
Bispo do Algarve	A Juventude
Bispo do Funchal	O Legionário
Bispo de Angra	Rosário
Vigário Capitular de Angola	Jornais Missionários
Prelado de Moçambique	A Ordem – R. Sta. Catarina - 62
Patriarca das Índias	Brotéria – R. Eugénio dos
Arcebispo de Bombaim	Santos, 118, Lx ^a
Bispo de Meliapor	F. Pinto
Governador de Macau	Pesqueira
	Pereira Lopes

Doc. 133
1930-10-13

Carta Pastoral de D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, sobre o culto a Nossa Senhora de Fátima.

Publ.: DCF, II - Doc. 11; DCF, V-6 - Doc. 1813

Obs.: As notas indicadas com algarismos (1-30) são do próprio documento.
As notas indicadas com letras (a-c) são nossas.

D. JOSÉ, BISPO DE LEIRIA
CARTA PASTORAL
SOBRE O CULTO
DE
NOSSA SENHORA DA FÁTIMA

Composto e impresso nas
Oficinas da “UNIÃO GRÁFICA“
Travessa do Despacho 16 - 1º
LISBOA

D. José Alves Correia da Silva, pela Graça de Deus
e da Santa Sé Apostólica, Bispo de Leiria.

Aos que esta nossa carta pastoral virem,
saúde, paz e bênção
em Jesus Cristo, Nosso Senhor e Salvador

A Providência Divina, que rege e governa todas as criaturas, tem para com o homem, dotado de alma imortal, ternuras especiais.

Assim como um bom chefe de família não pode, porque nunca deve, abandonar a esposa nem os filhos, também Deus infinitamente bom, que nos criou por um ato livre de amor, não nos pode abandonar.

É o que a história e a experiência demonstram.

Que carinhos teve o Senhor para com o povo escolhido, às vezes tão ingrato e infiel!...

Como o defendeu dos seus inimigos; como o conservou no culto da verdadeira religião, apesar das suas tendências idólatras! Como, até nos castigos se mostra Pai carinhoso e amável!...

Quando chegou a hora bendita da Redenção, o próprio Filho de Deus desce do Céu à terra, assume a natureza humana e morre na Cruz para nos remir e salvar!...

E mesmo depois da sua Morte fica connosco, cumprindo a sua promessa¹: *Eis que estou convosco até à consumação dos séculos!*

A esta obra de Redenção e Salvação o Senhor quis associar a sua Santa Mãe.

Relembremos a agonia no Calvário.

Jesus, como um pai que passa a vida a trabalhar pelos filhos, tinha-nos dado tudo sem medida e sem reserva.

Dera-nos a sua doutrina e com ela a luz e a vida. Dera-nos a graça e com ela o perdão e a ressurreição. Tinha instituído os sacramentos – outros tantos meios de santificação. Mas o seu amor não está ainda satisfeito.

Agora que vai morrer, quer dispôr do que lhe resta; ditar o seu testamento.

Mas Ele tem apenas a sua boa Mãe...

É essa que nos vai legar!

Como é solene aquele momento!

Todos os homens são seus herdeiros: os gentios representados pelos soldados romanos; o povo judeu, pelos habitantes de Jerusalém que ali tinham acorrido para presenciar a sua morte; os pecadores, pelos dois ladrões também crucificados; e os justos, pelas Santas Mulheres que acompanharam Jesus até ao Gólgota.

João, o Santo Evangelista, é o encarregado de fixar pela escrita as palavras do Senhor².

Jesus perdoa ao ladrão arrependido, aos seus carrascos: *Pai perdoai-lhes*³. E depois exclama: *eis a vossa Mãe*⁴.

E Maria Santíssima, a Virgem pura, tesouro dos Céus e da terra, a *escrava do Senhor*⁵ – recebe-nos como seus filhos, gerados nas dores imensas do Calvário!

Prostrados diante de Nossa Senhora não podemos deixar de dizer como a Santa Igreja, com os cristãos de todos os tempos: *Salvé Rainha,*

¹ *Mat XXVIII, 20*

² *Jo XIX, 25.*

³ *Luc XXIII, 34.*

⁴ *Jo XIX, 27.*

⁵ *Luc 1, 38.*

*mãe de misericórdia, vida, doçura, esperança nossa, salvé! A vós
bradamos, os degredados filhos de Eva, a vós suspiramos, gemendo
e chorando neste vale de lágrimas! Salvé!*

Cumprindo o legado de Jesus, ei-la com os Apóstolos esperando a descida do Divino Espírito Santo, orando com os primitivos cristãos, tomando parte nas suas aflições⁶.

E como tem sido Mãe tão carinhosa em todos os séculos!...

Embora fôsse possível contar as areias do mar e as estrelas do Céu, não era possível enumerar os dons que a Virgem Santíssima, a *cheia de graça*⁷ tem espalhado sobre as almas.

É ver a quantidade de instituições de caridade espalhadas pelo mundo, criadas sob a sua proteção; é contar os inúmeros templos erguidos em sua honra – votos de almas e nações agradecidas pelos seus benefícios...

E sem ir mais longe, não saindo da nossa querida Pátria, basta apontar as capelas, igrejas, monumentos, padrões de glória erguidos pela fé de nossos pais, tantos e tantos em honra da querida Mãe do Céu, Senhora da terra portuguesa.

Mas é sobretudo nas horas calamitosas, quando os seus filhos ou as nações estão para soçobrar, vítimas das suas ingratidões e dos seus pecados, quando, como diz o profeta⁸ *clamei e não me respondestes, falei e não me escutastes*, que se ouve a voz de Maria, chamando os homens à penitência como em La Sallete, Lourdes e ultimamente em Fátima.

Outrora Jeremias, ameaçando os hebreus em nome de Jehovah⁹ exclamava: *num momento pronuncio o decreto de extermínio sobre um povo e contra um reino para o perder e destruir até às raízes. Mas, se essa nação fizer penitência dos males pelos quais a ameacei, arrepende-me-ei, eu mesmo, do mal que tinha resolvido fazer-lhe.*

Este cuidado e zelo do Pai do Céu e da nossa Mãe vindo até nós inspirar-nos, falar-nos, é o que há de mais natural.

Pois poderíamos acaso admitir que um bom pai não fale a seu filho? Que uma mãe não tenha um carinho para aquele a quem trouxe nas entranhas e amamentou?

Umhas vezes é a linguagem muda, mas nem por isso menos persuasiva, dum gesto do nosso pai, a lágrima que brota espontânea dos olhos da

⁶ Act 1, 38.

⁷ Luc 1, 28.

⁸ Is LXV, 12.

⁹ Jeremias XVIII, 7

mãe...; são os avisos e conselhos prudentes que nos guiam no caminho do dever; são os sorrisos que nos animam e as ameaças que nos aterram.

Ora se os nossos pais da terra nos mostram assim o seu cuidado e desvelo, não é superior o amor do Pai do Céu que tudo pode – Ele que vela pelas avezinhas do Céu¹⁰ e veste os lírios dos campos?¹¹

Quem de nós não sentiu em si a ação da graça? Esses bons pensamentos e santas inspirações que iluminam a nossa inteligência... esses generosos movimentos e piedosos impulsos que incitam a nossa vontade à prática do bem?

É Deus, o bom pai do Céu quem nos fala...

Quantas vezes essas luzes divinas não nos detêm, quando, prestes a resvalar numa ação criminosa, nos afastam duma ocasião que nos perderia?... Quantas vezes a tristeza e o remorso nos fazem envergonhar dum ato da vida passada e no meio das aflições, das lágrimas, surge a esperança da regeneração, a visão luminosa do prêmio que Deus promete àqueles que combatem o bom combate¹² e perseveram até ao fim?...¹³

Tudo isto são inspirações que a bondade divina nos concede diretamente ou por intermédio da bendita Mãe do Céu.

Além destas graças que são concedidas a todos para nosso proveito espiritual, há outras concedidas mais raramente a uma ou outra alma, não tanto para sua utilidade própria, mas para bem da religião, dos povos, das nações, duma comunidade...

Tais são os dons de milagres, de profecias, as visões sobrenaturais.

Essas graças, concedidas quase sempre só aos santos, por si, não santificam a pessoa que delas é favorecida, porque a santidade exige um esforço próprio, uma cooperação continuada, mas aproveitam à coletividade, às vezes ao mundo inteiro.

Foi o que Jesus quis significar quando pediu ao Pai o grande milagre da ressurreição de Lázaro como prova da sua divina missão¹⁴.

Mas se é próprio do homem errar, porque muito fraca é a sua inteligência e limitadíssimos os seus conhecimentos, a Santa Igreja, nunca impondo as visões como de fé católica, exige provas severas para nos deixar acreditar nelas, embora com fé meramente humana, para nossa instrução e edificação.

¹⁰ *Mat VI, 26*

¹¹ *Mat VI, 28.*

¹² *2 Tim IV, 7.*

¹³ *Mat XX, 22.*

¹⁴ *Jo XI, 42.*

Devemos notar que a Santa Igreja nunca tem pressa, especialmente nestes assuntos melindrosos, por maiores que sejam as impaciências dos homens.

Caminha através dos séculos numa lentidão majestosa, assistida pelo Divino Espírito Santo, com a consciência da sua perpetuidade, ouvindo a todos, tudo apreciando, para resolver conforme as leis sapientíssimas que lhe deixou o seu Fundador.

Efetivamente Jesus neste ponto, como em tudo, ensinou-nos como devíamos proceder, acautelando-nos dos *falsos profetas*¹⁵.

*“Pelos seus frutos os conhecereis. Porventura colhem-se uvas de espinhos ou figos dos abrolhos? Não pode uma árvore boa dar maus frutos, nem uma árvore má dar bons frutos”*¹⁶.

E aplica à sua divina Missão este mesmo critério, dizendo¹⁷: *“se eu não faço as obras de meu Pai, não me acrediteis. Mas se eu as faço, quando não queirais crer em mim, crede nas minhas obras para que conheçais e acrediteis que o Pai está em mim e eu no Pai”*.

Para distinguirmos de que lado está a verdade nas visões, profecias e outras manifestações sobrenaturais, temos de examinar as qualidades das pessoas por elas favorecidas, se as move qualquer interesse material, se a doutrina que apresentam está ou não conforme aos ensinamentos da Santa Madre Igreja, se o fim que move os videntes é bom e sobrenatural...

As considerações que acabámos de fazer, vêm a propósito do caso tão conhecido da Fátima.

A 13 de maio de 1917, três crianças da freguesia da Fátima, vigararia de Ourém, desta Diocese, apascentavam um pequeno rebanho num lugar, então ermo, chamado Cova da Iria.

A mais velha, Lúcia de Jesus, tinha 10 anos de idade, Francisco nove e Jacinta seis^a. Estes eram irmãos e a primeira prima deles.

Nenhum sabia ler nem escrever.

Aproximava-se o meio dia e as crianças, conforme o costume da sua terra, rezaram o terço do Rosário de Nossa Senhora.

Terminada a oração, entretinham-se a fazer uma pequenina casa com pedras soltas quando, de repente, um relâmpago, de luz viva e brilhante,

¹⁵ *Mat VII, 15.*

¹⁶ *Mat VII, 16, 18.*

¹⁷ *Jo X, 37, 38.*

^a Jacinta tinha já sete anos. A data oficial do nascimento de Jacinta é 11 de março de 1910.

sulcou o espaço. Apesar de o céu estar diáfano e sem nuvens, as crianças, com receio de alguma trovoadas, juntaram o gado e iam retirar-se. Ao chegarem, porém, perto do ponto onde se encontram atualmente as bicas de água, fuzila novo relâmpago e, a poucos passos de distância, de pé sobre uma pequena azinheira no sítio onde está a pequenina e pobre Capela das Aparições, veem, com espanto, o vulto duma Senhora de incomparável formosura, envolvida num vestido de alvura puríssima; um manto, orlado de ouro, cobre-lhe a cabeça e a maior parte do corpo. O rosto, duma beleza celeste, sobrenatural, apresentava-se sereno, grave e toldado duma leve sombra de tristeza. Das mãos, juntas à altura do peito, pendia-lhe, rematado por uma cruz, um lindo rosário.

De todo o vulto, circundado dum esplendor mais brilhante que o sol, irradiavam feixes de luz.

As crianças aproximaram-se, travou-se um diálogo entre a Senhora e a mais velha, convidando-os a irem ali todos os dias 13 de cada mês até outubro.

Como consta do testemunho das crianças e de muitas pessoas, as aparições foram seis, todas no dia 13 de cada mês, exceto em agosto que se realizou alguns dias depois por a autoridade administrativa ter as crianças presas em Ourém.

A Senhora disse-lhes que o seu lugar é o céu, confiou-lhes um segredo que a ninguém poderão revelar, ensinou-lhes uma pequena jaculatória, recomendou a recitação do Rosário, aconselhou a Lúcia a aprender a ler, insistiu na necessidade de oração e penitência para a guerra acabar, afirmou que Nosso Senhor está muito irritado com os pecados dos homens e sobretudo com o pecado da carne, ordenou que se edifique ali uma capela em sua honra e declara que é a Senhora do Rosário...

Como, pouco a pouco, aumentasse extraordinariamente a multidão e, nesse tempo, estivesse a diocese de Leiria, canonicamente ereta nesse ano^b, governada por sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, D. António Mendes Belo, de santa memória, Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo de Mitilene, hoje venerando Bispo de Vila Real e então Vigário Geral do Patriarcado, mandou abrir um inquérito.

Tendo nós vindo para Bispo desta Diocese em 1920, não podendo nem devendo ignorar o que se passou, publicámos a 6 de maio de 1922^c uma Provisão e nomeámos uma Comissão de Rev.^{os} Sacerdotes para ouvir as testemunhas a favor ou contra na mais ampla liberdade e apresentar-nos o relatório dos seus trabalhos.

^b 17 de janeiro de 1918.

Dois membros dessa Comissão já foram chamados à presença de Deus, mas os restantes continuaram os seus trabalhos.

Ultimamente apresentaram-nos um largo relatório que examinámos com todo o cuidado.

Aos Rev.^{os} Sacerdotes que formaram parte dessa Comissão, queremos deixar exarado o nosso agradecimento, salientando duma maneira especial o Rev.mo Cónego da Sé Patriarcal de Lisboa e ilustre Professor do Seminário de Santarém, Dr. Manuel Nunes Formigão Júnior, que nesta Comissão como em tudo quanto se relaciona com o culto de Deus e glória de Nossa Senhora, é verdadeiramente incansável e digno de imitação.

Tendo sido encarregado pela Santa Igreja do Bispado de Leiria e competindo-nos, como Bispo, reger os fiéis que nos foram confiados¹⁸ e seguindo o exemplo de venerandos Prelados em casos semelhantes, depois de termos estudado atentamente, durante 10 anos, os acontecimentos, vimos dar a nossa sentença, declarando desde já que submetemos humildemente à Santa Sé, o nosso juízo.

Caros Diocesanos:

Referindo-se ao pequeno número de sábios, de poderosos e nobres entre os cristãos da Igreja primitiva, acrescenta S. Paulo¹⁹: “*as coisas loucas, segundo o mundo, escolheu-as Deus para confundir os sábios; e as coisas fracas segundo o mundo escolheu-as Deus para confundir os fortes: e Deus escolheu as coisas vis e desprezíveis segundo o mundo e aquelas que não são, para destruir as que são para que nenhum homem se glorie diante dele... porque, como está escrito: o que se gloria, glorie-se no Senhor*”.

A história demonstra com factos estas observações.

Os Apóstolos, escolhidos pelo Senhor para pregarem a doutrina cristã em todo o mundo, eram pescadores; S. Gregório 7^o, o campeão da liberdade da Igreja, era oriundo duma pobre família de camponeses; S. Joana de Arc que libertou a França, a Beata Bernadette Soubirous – a feliz vidente de Lourdes – eram pobres pastoras.

^c 3 de maio de 1922.

¹⁸ Act XX, 28.

¹⁹ I Cor I, 26-31.

Em Fátima verifica-se o mesmo.

O lugar escolhido para as Aparições é pedregoso, sem atrativo de espécie alguma.

Portugal é rico de belas paisagens, terras verdejantes, panoramas soberbos.

A Cova da Iria, além de ser uma verdadeira cova, não tinha coisa alguma que atraísse.

As crianças videntes são humildes criaturas das nossas serras, modestamente vestidas, sem instrução, não sabendo ler, apenas com uma rudimentar instrução religiosa.

Não são nervosas, mas afáveis e carinhosas no meio da sua rudez, amigas da família, obedientes aos pais, alegres...

Não se vislumbra nelas qualquer interesse ou vaidade. Não aceitam esmolas ou prendas que lhes querem dar. E, quando resolvemos chamar a Nós a direção das obras e do movimento religioso, entregaram-nos honradamente, até na mesma espécie, os dinheiros e os objetos de valor que o povo, no seu ardor, deixava ficar no local das Aparições.

Os seus pais eram remediados de bens e hoje continuam a viver na sua mediania; viviam do seu trabalho, do seu trabalho continuam a viver. Nada se alterou na sua vida, passados 13 anos.

As crianças, ora interrogadas em conjunto, ora separadas, respondem com a mesma precisão, sem contradições sensíveis, aos diferentes interrogatórios quer oficiais, quer particulares, a que foram sujeitas.

São presas pelo representante da autoridade administrativa, ameaçadas de serem fritas e nem assim se desdizem.

Nada dizem que seja contra a fé ou costumes segundo a palavra do Apóstolo: *Ninguém que fale pelo Espírito de Deus diz anátema a Jesus*²⁰.

Finalmente os dois irmãos mais pequenos, atingidos pela pneumónica que ceifou tantas vidas no mundo inteiro, tiveram morte edificante e a Lúcia, única sobrevivente, abraçou livre e voluntariamente, sem coação de espécie alguma, depois de obter o consentimento de sua mãe, a vida religiosa.

São de considerar também as circunstâncias que acompanharam as visões.

Sendo pequenas, rudes e humildes as crianças favorecidas, devem existir provas para nós podermos ligar-lhes crédito.

A Senhora, segundo as videntes, aparecia-lhes numa azinheira

²⁰ 1 Cor XII, 3.

pequena, raquítica, como são geralmente as árvores daquelas terras pedregosas; e centenas, milhares de pessoas cuja veracidade não podemos pôr em dúvida, viram uma coluna de fumo que, à maneira de incenso, envolvia a árvore durante as Aparições. Este fenómeno, humanamente inexplicável, repetiu-se várias vezes.

Como faz lembrar a exclamação do livro dos Cantares²¹, aplicada pela Santa Igreja à Virgem Santíssima: “*Quem é esta que sobe pelo deserto, como uma varinha de fumo composta de aromas de mirra e de incenso e de toda a casta de perfumes odoríferos?*”

O fenómeno solar de 13 de outubro de 1917, descrito nos jornais da época, foi o mais maravilhoso e o que maior impressão causou aos que tiveram a felicidade de o presenciar.

As crianças fixaram com antecedência o dia e a hora em que se havia de dar. A notícia correu veloz por todo o Portugal e apesar de o dia estar desabrido, chover copiosamente, juntaram-se milhares e milhares de pessoas que, à hora da última Aparição, presenciaram todas as manifestações do astro-rei, homenageando a Rainha do Céu e da terra, mais brilhante do que o sol no auge das suas luzes²².

Esse fenómeno, que nenhum observatório astronómico registou e, portanto, não foi natural, presenciaram-no pessoas de todas as categorias e classes sociais, crentes e descrentes, jornalistas dos principais diários portugueses e até indivíduos a quilómetros de distância, o que destrói toda a explicação de ilusão colectiva.

Às aparições de Fátima não faltou também o argumento das perseguições, que são um sinal das obras de Deus²³.

Ninguém foi mais perseguido do que Jesus, e a Santa Igreja tem sofrido contradições em todos os séculos.

Uma multidão inumerável de Santos sofreram o martírio no meio de espantosos tormentos.

S. Pedro de Alcântara dizia a Santa Teresa que um dos maiores castigos neste mundo era o que ela tinha sofrido, isto é, a contradição das pessoas de bem²⁴.

Jeremias, o Santo Profeta, dizia²⁵: *Sou todos os dias objeto de escárneo; todos me insultam.*

²¹ *Cânticos* III, 6.

²² *Cânticos* VI, 9.

²³ 2 *Tim* III, 12.

Os videntes de Fátima foram presos pela autoridade, ameaçados de serem lançados em azeite a ferver.

É de todos sabido que as autoridades fizeram todos os esforços para proibir as peregrinações, dificultando as passagens, enquanto certos publicistas escarneciam e ludibriavam da fé ardente do bom povo português.

A crença nas Aparições resistiu a todas as violências que, afinal, só serviram para aumentar o fervor religioso e propagar as graças e benefícios que Nossa Senhora espalha sobre os que a invocam.

E não se diga que Fátima foi uma invenção do Clero, pois se os governos, apesar da força e prestígio de que dispõem, não conseguiram vencer a crença em Nossa Senhora da Fátima, como é que o nosso Clero humilde, espoliado pela revolução de todos os haveres que a piedade cristã entregou à Santa Igreja para o seu sustento, o clero tantas vezes perseguido e caluniado e demais nesta Diocese de Leiria, a mais pequenina e pobre, teria poder para criar o movimento religioso da Fátima que hoje se estende a todo o Portugal e se desenvolve consoladoramente em tantos países estrangeiros?

Além disso, Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca D. António Mendes Belo, que Deus haja, proibiu o Rev. Clero de animar e tomar parte em quaisquer manifestações religiosas relativas à Fátima, sábias prescrições que conservámos ainda algum tempo depois da nossa entrada neste Bispado.

Mas voltemos à sentença do divino Mestre acima citada:

*Se não quereis acreditar em mim, acreditai nas minhas obras*²⁶.

O culto de Nossa Senhora da Fátima propagou-se rapidamente, como acabámos de dizer, tanto nesta diocese como em todo o Portugal e hoje estende-se a todas as partes do mundo não só entre nações católicas, mas protestantes e até pagãos.

O olhar amoroso e triste da Virgem Santíssima – amando-nos como Mãe, embora triste pelas nossas faltas – vai-se espalhando por toda a terra, levantando os corações e avivando a fé.

As multidões aos milhares, de toda a parte, compostas de pessoas de todas as classes sociais, vindas de todos os recantos do país, sem

²⁴ Vida de Santa Teresa escrita pela própria Santa, Cap. XXX.

²⁵ Jer XX, 7, 8.

²⁶ Jo X, 38.

reclame de espécie alguma, sem nenhuns atrativos, e sem comodidades, com viagens difícilimas, acorrem em massa à Fátima.

Onde é que se têm reunido multidões como na Fátima, na melhor ordem, com o mais profundo respeito?

E não é uma vez por outra. O movimento é contínuo, constante, aumenta de ano para ano.

A voz do povo responde à voz de Deus.

Os doentinhos acodem ali com tantos sacrifícios, tantos trabalhos!...

Quantas curas admiráveis não se têm dado por intermédio da Virgem Santíssima?

E quanta resignação não manifestam os enfermos, embora não tenham obtido a cura dos seus males físicos?

E se são aos milhares os doentes do corpo que vão a Fátima, em muito maior número são os aflitos moralmente. Nossa Senhora é a saúde dos enfermos e o refúgio dos pecadores. Quantos corações transviados não têm encontrado ali o perdão? Quantos indiferentes e afastados não têm encontrado ali a fé dos seus pais?

Ah! se os confessionários da Fátima não estivessem rigorosamente fechados pelo sigilo sacramental – sempre inviolável – que prodígios da graça não nos contariam!

Bendita e louvada seja a Mãe de Misericórdia!

Deixai-nos ainda fazer outra consideração.

Muitos de vós conheceram o lugar da Cova da Iria, ermo, árido, sem vida. Tendes visto também as construções que ali se estão a fazer, que naturalmente exigem muito dinheiro.

Pois bem: até hoje não se abriu uma subscrição, não se pediu uma esmola, não se fez um apelo, em público ou particular, à caridade dos fiéis.

As esmolos são oferecidas espontaneamente, quase todas anónimas.

Como é grande a força da fé!

Como é prodigioso o poder da Virgem Santíssima que arrasta as multidões para uma montanha escavada e em poucos anos transforma um local sem vida num centro magnífico de piedade, no mais espantoso milagre da vida religiosa do nosso tempo!...

Caros Diocesanos:

Não queremos, nem precisamos de nos alongar mais.

Em virtude das considerações expostas e outras que omitimos por brevidade, invocando humildemente o Divino Espírito Santo e confiados na proteção de Maria Santíssima, depois de ouvirmos os Rev. Consultores desta nossa Diocese:

Havemos por bem

1º declarar como dignas de crédito as visões das crianças na Cova da Iria, freguesia de Fátima, desta Diocese, nos dias 13 de maio a outubro de 1917;

2º permitir oficialmente o culto de Nossa Senhora de Fátima.

Resta-nos, amados Filhos em Nosso Senhor, advertir-vos que, se para nós é um grande motivo de alegria e consolação a graça que a Santíssima Virgem nos concedeu, maior é a obrigação de correspondermos à sua bondade.

A experiência de anos demonstra que “*os olhos de Deus estão abertos e os ouvidos atentos às preces neste lugar*”²⁷, mas é preciso que pela pureza da nossa vida, prática dos Mandamentos da Lei de Deus, observância dos Preceitos da Igreja, respeito e submissão às direções da Sé Apostólica, nos mostremos integralmente católicos, pois nem todo o que diz: “*Senhor Senhor, entrará no reino dos Céus, mas o que faz a vontade de meu Pai que está nos Céus, esse entrará no reino dos Céus*”²⁸.

A Santa Igreja, referindo-se ao Mistério da Encarnação do Verbo divino, exclama:

*Ó benefício digno duma eterna gratidão! Deus fez-se conhecer a nós dum modo visível afim de que, vendo-O, sejamos abrasados no amor das belezas invisíveis!*²⁹

Recomendamos duma maneira especial aos nossos Caros Diocesanos o amor a Nosso Senhor Sacramentado, a devoção à Santíssima Virgem, a S. José, às benditas almas do Purgatório, a recitação diária, ao menos, do Terço do Rosário, a fuga do pecado da carne, das modas imodestas e leituras imorais, a prática da penitência em que Jesus tanto insistiu e a Virgem, Senhora Nossa, tanto lembrou, caridade para com todos os irmãos e principalmente para com os doentes e pobrezinhos...

²⁷ 2 Par VIII, 15.

²⁸ Mat VII, 16.

²⁹ Prefácio de Natal.

Se assim fizermos, podem aplicar-se à nossa Pátria as palavras do Profeta: se dirigirdes bem os vossos passos, habitarei convosco neste lugar: na terra que dei aos vossos pais, há tantos séculos.

Esta nossa Carta Pastoral será enviada aos Rev. Párocos para a lerem e explicarem aos fiéis, na forma do costume.

Leiria, 13 de outubro de 1930.

† *José, Bispo de Leiria*

Doc. 134
1930-10-14

Artigo publicado em “A Voz”¹, sobre a primeira grande peregrinação a Fátima, depois da aprovação oficial do culto de Nossa Senhora de Fátima.

Publ.: DCF, V-6 - Doc. 1826

1917 – 1930

FOI EXTRAORDINARIAMENTE CONCORRIDA
a primeira grande peregrinação, depois da aprovação
oficial do culto de Nossa Senhora de Fatima

Na Adoração Noturna e na alocução final usou da palavra o Rev^o
Dr. Gonzaga da Fonseca – Receberam a Sagrada Comunhão cerca
de 10.000 peregrinos – Uma cura sobrenatural?
(Do nosso enviado especial)

FÁTIMA, 13 – Fez-se hoje a primeira peregrinação, depois de terem sido dadas, como dignas de crédito, as visões dos pastorinhos e concedida a aprovação oficial ao culto de Nossa Senhora de Fatima, pelo venerando Prelado de Leiria.

Este facto notável da história religiosa do nosso povo constitui, por assim dizer, o tema dos pregadores, que desde ontem falam aos milhares de peregrinos que aqui se juntaram em honra e louvor da Padroeira de Portugal.

Não decresce, antes aumenta em intensidade e vibração, a fé viva e sincera deste bom povo que através dos sacrifícios de uma viagem de penitência, aqui vem, tantas vezes, na roda do ano, rezar e cantar.

Não é fácil calcular o número dos peregrinos que constituíam a multidão imensa de crentes mas a impressão do repórter que, há alguns anos, tem assistido às grandiosas manifestações de Fátima é que já nada haverá que afaste, diminua ou enfraqueça o espantoso movimento de

¹ Jornal independente, fundado por Fernando de Sousa (Nemo), em 1927. Sucedeu ao jornal “A Época”.

fiéis que, em 13 de maio e de outubro, principalmente, se verifica desde 1917 até hoje.

A procissão das velas e a Adoração Noturna

Os atos da peregrinação principiaram ontem com o espetáculo deslumbrante da procissão das velas, em que tomaram parte muitas dezenas de milhares de peregrinos. Às 10 horas o caudaloso rio de luz palpitante serpenteava vagarosamente pelos acidentes suaves do terreno, para vir formar depois o grande lago de fogo em frente da capela grande em que se celebram as Missas. Abriu o cortejo, a peregrinação de Lisboa, com o seu estandarte e sob a direcção de rev. cónego Sequeira Mora. Seguiram-se as peregrinações de outras terras, com estandartes, irmandades e confrarias, cujo número certo, foi impossível fixar.

À meia noite, os sacerdotes iniciaram o cântico do *credo*, que a multidão acompanhou em coro. Principiou a Adoração Noturna, cuja primeira hora foi dedicada à peregrinação Nacional. As meditações do Terço do Rosário foram feitas pelo ilustre sacerdote rev. dr. Gonzaga da Fonseca, professor do Instituto Bíblico de Roma, que em linguagem comunicativa e vernácula tirou edificantes ensinamentos da piedosa oração. À adoração noturna presidiu S. Ex^a Rev.^{ma} o sr. Bispo de Leiria.

Das 2 às 3 da madrugada pertenceu a vigília à Peregrinação de Lisboa; das 3 às 4 a S. Mamede de Infesta e das 5 às 6, à peregrinação de Alhandra.

Às 5 horas foi rezada a primeira missa, em que o celebrante sr. dr. Marques dos Santos ministrou a comunhão aos servitas de ambos os sexos.

Seguiram-se as missas por cada uma das peregrinações: às 8 horas, da peregrinação de Lisboa; 8 e meia, da de Alhandra; às 9 de S. Mamede de Infesta; às 9 e meia, da de Alcobaça; às 10, da de Estremoz; às 10 e meia, da de Santo Isidoro, de Mafra.

Às 6 horas, foi celebrada a missa da Comunhão Geral, pelo rev. dr. Gonzaga da Fonseca, tendo recebido nesta ocasião o Pão Eucarístico cerca de 8.000 peregrinos. Este número subiu a 10.000 no decurso das missas seguintes.

A missa e a bênção dos doentes – A procissão de Nossa Senhora

Ao meio dia, a chamada Missa dos Doentes arrancou, como sempre, lágrimas de comoção.

Reunidos no alpendre da capela cada um dos enfermos recebeu a bênção do Santíssimo, dada pelo venerando Prelado de Leiria, que depois deu a bênção geral.

Usou da palavra, na alocução final, o rev. dr. Gonzaga da Fonseca que proferiu uma formosíssima oração acerca do grande acontecimento do dia: o reconhecimento oficial do culto a Nossa Senhora, tendo como dignas de crédito as visões das três crianças da Cova da Iria.

O orador falou dos prodígios materiais para a saúde do corpo e para a saúde da alma, santificados pela presença da Virgem.

Referiu-se com caloroso entusiasmo ao lugar abençoado em que a mãe do Céu de dignou aparecer a três inocentes pastorinhos, e no qual se vê a eficiência da oração.

– Mas nem todos os doentes se saram – afirmou o orador – porque o milagre é uma intervenção sobrenatural de Deus e, se o não fôsse, não existiria o milagre.

Continuando:

– Mas no entanto, quantas curas milagrosas! Quantas curas que os médicos não sabem explicar! Mas se as curas físicas, os milagres materiais são tão numerosos, quem poderá contar as curas espirituais? Aqui é o teatro das maiores glórias de Maria, como as não tem em qualquer outra parte do mundo!

Outra passagem:

– E houve profetas que não hesitaram em afirmar que a religião em Portugal desapareceria em três gerações. Não passou meia geração e a fé revigorou-se e aumentou com tanta intensidade, que é hoje mais forte do que nunca.

Terminando, numa exortação à Virgem:

– Bendita seja a Mãe de Deus que assim honrou os seus filhos de Portugal! Recebei, Senhora, neste dia solene, um tributo de gratidão por tantos benefícios prestados! Fazei que Portugal, de norte a sul, de nascente ao poente, seja uma família una, indestrutível, sagrada – como a Família da Nazaré!

O sr. dr. Gonzaga da Fonseca ergueu no final, calorosos *vivas*, a Nossa Senhora de Fátima, que foram entusiasticamente correspondidos pela multidão imensa.

Antes da procissão, o sr. Bispo de Leiria, comemorando o reconhecimento oficial do culto a Nossa Senhora de Fátima, deu a bênção episcopal, que o povo recebeu de joelhos.

Fez-se depois a procissão final, a procissão de despedida, em que a imagem da Virgem é levada aos ombros dos servitas para a Capelinha das Aparições. O majestoso cortejo atravessou por entre o mar de lenços brancos e coberta de flores, seguida pelos peregrinos que cantavam a chorar...

Neste momento, três aviões, que despontaram do sul, vieram saudar a Virgem, baixando tanto, que se viam distintamente os seus tripulantes acenando os lenços.

Uma cura milagrosa?

Quando a imagem da Virgem ia dar entrada na capela, deu-se um facto que, apesar de ter passado despercebido da maior parte dos presentes, impressionou todas as pessoas que o observaram.

Registemo-lo em poucas palavras:

Isabel Ribeiro de Freitas tinha vindo do Porto, pedir a intercessão de Nossa Senhora de Fátima, na cura de uma paralisia provocada por desastre que sofrera há dois anos. Andava dificilmente e tinha muitas dores. Munida do respetivo atestado, foi recebida com o maior carinho e solicitude no Albergue dos doentes, donde saiu em maca para assistir às cerimónias da peregrinação.

Comungou, recebeu a bênção especial e já resignada com a sua sorte, esperava que tudo estivesse terminado, para regressar à terra natal.

Depois da imagem de a Virgem ter passado junto dela, no regresso à Capela das Aparições, a doente sentiu-se impelida para fora da maca. Obedeceu ao impulso e saltou para o chão: estava curada!

Falámos-lhe pouco depois. É uma pobre rapariga do campo, simples nas maneiras de falar. Tem 21 anos, apenas, e é natural de Bonfim, no Porto, onde reside.

É ela que nos conta, trémula de comoção, a história da sua doença:

– Foi há dois anos, no Bonfim. Eu estava a lavar a roupa à porta da minha casa. De repente, a varanda da janela abateu e colheu-me. Fiquei com um quadril deslocado e mal da espinha. Fui para o hospital, onde estive quatro meses, mas os “srs. doutores” fizeram-me muitos tratamentos, mas não me sararam. Saí do hospital, quase sem poder andar e sempre com muitas dores.

– E sente-se curada?

Circunda o olhar tímido, mas brilhante de alegria, por todas as pessoas que a rodeavam e exclamou:

– Sim, senhor! Sinto-me outra, graças a Deus.

– E agora que vai fazer?
– Vou agradecer a Nossa Senhora o grande bem que me fez e rezar pelos outros doentinhos e por todos, todos...

E Isabel afastou-se, acompanhada por algumas senhoras servitas que a acarinhavam, por entre lágrimas de comoção...

Outras notas

Apesar das instantes recomendações, alguns peregrinos mais imprudentes foram vítimas de roubos, geralmente, nos pontos em que a multidão era mais densa.

O administrador do concelho de Vila Nova de Ourém, sr. Adriano da Conceição Carmo tomou precauções especiais e auxiliado pelos agentes de investigação do Porto, Joaquim Barbosa e Soares do Pinho, procedeu à captura de alguns indivíduos suspeitos. Depois de várias investigações, verificou-se existir uma quadrilha de mulheres que roubavam carteiras, relógios e correntes. Logo que apareceram as primeiras queixas, a polícia deitou mão às gatunas, algumas delas de cadastro, que deram entrada numa casa improvisada em prisão e onde ficaram guardadas pela guarda republicana.

O serviço de policiamento, feito por cerca de 30 praças desta guarda, sob o comando do sr. tenente Francisco Vilela, foi digno de elogios, sobretudo no regulamento do trânsito dos numerosos veículos.

– Em Fátima principia hoje um retiro espiritual para médicos, que deve durar até ao dia 17.

– No Albergue dos Doentes, prestaram desvelados serviços a doutora sr^a D. Emília Patacho e os srs. drs. Pereira Gens, Augusto Mendes, Eurico Lisboa, Weiss de Oliveira, António Vaz de Macedo, Luz Preto, etc., auxiliados por muitos servitas de ambos os sexos.

G. de O.²

² Guterre de Oliveira.

Doc. 135
1930-10-15

Indulgências concedidas por Pio XI, ao Santuário de Fátima.

Publ.: DCF, V-6 - Doc. 1831

INDULGÊNCIAS CONCEDIDAS AO SANTUÁRIO DE
NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

O Santo Padre Pio XI, por intermédio da S. Congregação da Penitenciaría, concedeu a um de outubro de 1930 aos peregrinos a Nossa Senhora de Fátima as seguintes indulgências:

1. Indulgência de sete anos e sete quarentenas a todo o fiel cristão, contrito das suas faltas, todas as vezes que visitar o Santuário e ali orar segundo as intenções do S. Pontífice.
2. Indulgência plenária sob as condições ordinárias – uma vez por mês – aos peregrinos em grupo ao mesmo Santuário se aí orarem pelas intenções do Sumo Pontífice.

Visto. Leiria, 15 de outubro de 1930

† José, Bispo de Leiria

Doc. 136
1930-10-17

Artigo do jornal “A Guarda”¹ sobre a carta pastoral de D. José, Bispo de Leiria.

Publ. DCF-V-6, Doc. 1845

DUAS PALAVRAS

O Senhor Bispo de Leiria acaba de declarar autênticas as aparições de Nossa Senhora na Cova da Iria e tornar oficial o culto de Nossa Senhora de Fátima. Há treze anos que na Cova da Iria, se produziram acontecimentos maravilhosos. Fátima tornou-se o centro de grandiosas peregrinações, impressionantes pela piedade e pelo número de pessoas, que as compunham.

O espírito jacobino riu do que chamava a credence popular. Breve o desdém se demudou em fúria, e as maiores violências foram criadas para impedir essa corrente de devotos, que tendo origem em todos os recantos de Portugal, se adensava, como mar humano, nas ásperas planícies de Fátima.

As mesmas autoridades encarceraram as crianças a quem a Virgem se dignara aparecer.

Tudo foi baldado. A devoção cresceu, encheu o país todo, e as maravilhas começaram a operar-se, nas almas, com conversões retumbantes, nos corpos, com curas extraordinárias. A Igreja sempre prudente, proibiu o seu clero de se associar às manifestações populares.

Mas a devoção venceu as determinações episcopais.

A Igreja recolheu testemunhos, reuniu factos, observou as circunstâncias, e nomeou uma Comissão, com o encargo de fazer sobre eles um estudo demorado e consciencioso.

O resultado desse trabalho aparece agora, na Pastoral do Senhor Bispo de Leiria, reconhecendo oficialmente, dignas de crédito, as aparições e declarando legítimo o culto de Nossa Senhora de Fátima. Esse documento marca um marco luminoso, na vida da Igreja em Portugal.

¹ Jornal semanal fundado, em 1904, por Fernando Pais de Figueiredo.

Fátima entra bem no quadro das nossas tradições nacionais. As intervenções de Maria na nossa história, compõem os seus melhores capítulos, iluminam as suas páginas mais gloriosas.

Milhões de almas sentem, nesta hora, um júbilo que é emoção, uma emoção que é triunfo. Triunfo de Maria, sobre as pretensões insulsas de jacobinismo demagógico, triunfo da verdade sobrenatural, que é o único clarão que, nas misérias da terra, brilha como força transfiguradora da vida e como esperança de salvação. Saibamos todos, os que nos dizemos cristãos, seguir os ensinamentos de Fátima, vivendo mais ampla e afetuosamente, a vida da oração e penitência, as duas forças que elevam o homem e transfiguram os povos.

Doc. 137
1930-10-18, Leiria

Artigo do jornal “O Mensageiro”¹, sobre a peregrinação do dia 13 de outubro.

Publ.: DCF, V-6, Doc. 1852

NOSSA SENHORA DE FÁTIMA
Uma cura extraordinária

Treze anos são decorridos depois que na Cova da Iria, local ermo e deserto nessa época, três crianças, humildes pastorinhos, declararam ter-lhes aparecido Nossa Senhora. Essas aparições foram agora reconhecidas autênticas pela Igreja, que aprovou o culto a Nossa Senhora de Fátima.

Nestes treze anos, quantas centenas de milhar de crentes, quantos milhões de pessoas de todas as categorias e classes sociais não têm ido ao local bendito, santificado pela aparição da Mãe de Deus, orar, pedir, suplicar e agradecer benefícios para os seus corpos aflitos, para as suas almas desoladas?

De Fátima regressaram ontem, como regressarão até ao consumar dos séculos, os crentes satisfeitos, por terem prestado culto à Mãe de Deus e à Mãe dos homens. No local ermo e deserto levantam-se já hoje edificações, que no recinto do Santuário demonstram a Fé e a Caridade dos crentes e na povoação denotam como o concurso de pessoas à Cova da Iria tornou possível e necessário levantar uma povoação, que hoje é uma aldeia, amanhã será uma vila e num futuro próximo uma cidade.

A Fé tem este condão.

A Peregrinação do dia 13

Não obstante o mau tempo, o concurso de pessoas, vindas de todas as províncias de Portugal, foi extraordinário. Houve mais de 10.000 comunhões durante a manhã do dia 13!

¹ Semanário católico do distrito de Leiria, fundado a 7 de outubro de 1914, pelo Padre José Ferreira de Lacerda, seu director até à sua morte, a 20 de setembro em 1971.

É para louvar o serviço policial dirigido pelo sr. Administrador do concelho de Ourém, que conseguiu regularizar o trânsito dos milhares de automóveis e camionetas, que acorreram a Fátima.

A *Match*, proprietária do Caminho de Ferro da Martingança a Porto de Mós, estabeleceu um serviço combinado com a chegada dos comboios.

Uma cura extraordinária

A bênção dos doentes é um ato que sensibiliza os mais acostumados a comoções violentas. As invocações, as lágrimas e as súplicas dos doentes, fazem brotar iguais lágrimas, súplicas e invocações dos assistentes.

Na última peregrinação recuperou a saúde repentinamente uma parálitica.

Doc. 138**1930-10-20, Lisboa**

Artigo do jornal “Novidades” sobre o regresso dos peregrinos que participaram na peregrinação do dia 13 de outubro.

Publ.: DCF, V-6 - Doc. 1864

NOVIDADES NAS PROVINCIAS

Carta de Estremoz

Outubro, 15

Peregrinação a Fátima

Regressou ontem a Estremoz, onde chegou às oito horas da noite, a peregrinação a Fátima, organizada e presidida pelo prior de Santo André. Todos os peregrinos, em número de 45, vêm encantados com as tocantes manifestações de fé católica, que presenciaram na Cova da Iria, e com os monumentos da Batalha e Convento de Cristo, que visitaram.

No regresso esperava-os uma grande multidão de pessoas à porta da Igreja de Santo André, sendo levantados vivas a Nossa Senhora de Fátima e ao prior da freguesia.

Em seguida deu-se a bênção do Santíssimo, com a qual terminou a peregrinação que fôra indulgenciada pelo sr. Arcebispo de Évora.

ANEXO

[3] OS EPISÓDIOS MARAVILHOSOS DE
FÁTIMA

pelo
VISCONDE DE MONTELLO

Casa Editora
EMPRESA VÉRITAS
1921

AS APARIÇÕES DE FÁTIMA
O INTERROGATÓRIO DOS VIDENTES
OS FENÓMENOS ASSOMBROSOS DE 13 DE OUTUBRO DE 1917
O DIA 13 DE OUTUBRO DE 1919
A MORTE DA VIDENTE JACINTA DE JESUS MARTO
A GRANDIOSA PEREGRINAÇÃO DE 13 DE MAIO 1920

[4] Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo da Guarda

Fernando Pais de Figueiredo, proprietário da “Empresa Vêritas”, desejando publicar um folheto intitulado “Os episódios maravilhosos de Fátima”

Pede a V. Ex.^a Rev.^{ma} a necessária autorização se assim o julgar conveniente.

Guarda, 19 de maio de 1921

Cónego Fernando Pais de Figueiredo

Nomeamos censor o M. R. Dr. Manuel Mendes do Carmo, Cónego da Nossa Sé.

Guarda, 19 de maio de 1921

† JOSÉ, Bispo da Guarda

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr.

No cumprimento da missão que V. Ex.^a Rev.^{ma} se dignou confiar-me, li o opúsculo intitulado “Os episódios maravilhosos de Fátima”. Apreciando, já em tempos de camaradagem universitária, a ciência sólida e a sólida piedade do seu autor, verifiquei que no citado opúsculo nada há contra a Fé ou contra a Moral. Repassa-o um acentuado perfume de confiança na Imaculada Virgem Maria, que só poderá fazer bem às almas que o lerem.

Não pretendendo o seu autor dizer a última palavra científica sobre a validade ou caráter sobrenatural dos factos de Fátima, faz todavia um depoimento consciencioso que ajudará a esclarecer a sua natureza objetiva.

Guarda, 9 de junho de 1921

Dr. Mendes do Carmo

Imprima-se

Guarda, 10 de junho de 1921.

† JOSÉ, Bispo da Guarda

[7] AS APARIÇÕES DE FÁTIMA

Na manhã do dia treze de maio de 1917, um menino e duas meninas andavam apascentando, como era seu costume, um pequeno rebanho de ovelhas pertencentes a suas famílias, numa propriedade da serra de Minde situada na freguesia de Fátima, concelho de Vila Nova de Ourém, diocese de Leiria.

A mais velha das três crianças, de nome Lúcia de Jesus, era filha de António dos Santos, que faleceu no ano seguinte¹, e de Maria Rosa dos Santos, e contava dez anos de idade. O menino e a outra menina, que eram irmãos, chamavam-se Francisco e Jacinta, tendo aquele nove anos e esta sete anos de idade. Foram seus pais Manuel Pedro Marto e Olímpia de Jesus Marto. Eram primos da Lúcia. As habitações das duas famílias, que, não sendo ricas, possuíam contudo alguns bens de fortuna, ficavam próximas uma da outra, no lugar de Aljustrel, cerca de um quilómetro da igreja paroquial de Fátima. Nenhuma das crianças sabia ler nem escrever. A sua instrução religiosa era ainda muito rudimentar. Só a Lúcia tinha feito a primeira comunhão.

Aproximava-se naquele memorável dia a hora do meio-dia astronómico. Segundo o seu costume, as três crianças, depois de se terem ocupado durante bastante tempo em inocentes divertimentos, puseram-se a rezar o terço do Rosário, devoção muito querida dos habitantes daquela freguesia. Apenas tinham acabado de o recitar, quando viram de repente brilhar no espaço, a pequena distância delas, a claridade fulgurante de um relâmpago e aparecer quase simultaneamente, sobre a copa de uma pequena azinheira, um vulto radioso e encantador de [8] mulher, de extraordinária beleza. Assustadas com um sucesso tão insólito e tão inesperado, pensaram em fugir, mas logo as tranquilizou completamente a atitude benévola da Aparição, que numa voz dulcíssima prometeu que não lhes faria mal algum.

A Aparição parecia não ter mais de dezoito anos de idade. O vestido era de uma alvura puríssima de neve, assim como o manto, orlado de ouro, que lhe cobria a cabeça e a maior parte do corpo. O rosto, de uma nobreza de linhas irrepreensível e que tinha o que quer que fosse de sobrenatural e divino, apresentava-se sereno e grave e como que toldado

¹ António dos Santos faleceu a 31 de julho de 1919.

de uma leve sombra de tristeza. Das mãos, juntas à altura do peito, pendia-lhe, rematado por uma cruz de ouro, um lindo rosário, cujas contas, brancas de arminho, pareciam pérolas. De todo o seu vulto, circundado de um esplendor mais brilhante que o do sol, irradiavam feixes de luz, especialmente do rosto, de uma formosura impossível de descrever e incomparavelmente superior a qualquer beleza humana.

Entre a Aparição e a Lúcia estabeleceu-se um diálogo, que durou cerca de dez minutos.

A Jacinta viu a Aparição e ouvia distintamente as palavras que ela pronunciava, dirigindo-se à Lúcia, mas nunca lhe falou nem a Aparição lhe dirigiu a palavra. O Francisco só via a Aparição, não ouvindo nunca o que ela dizia à Lúcia, apesar de se encontrar à mesma distância e possuir um excelente ouvido.

A Aparição convidou nesse dia os três pastorinhos a voltarem todos os meses no dia treze, durante seis meses consecutivos, àquele local, vulgarmente conhecido pelo nome de Cova da Iria e situado a pouco mais de dois quilómetros da igreja paroquial de Fátima, ao lado da estrada distrital de Vila Nova de Ourém à Batalha. A princípio ninguém prestava crédito às afirmações das crianças, que eram apodadas de mentirosas por toda a gente, mesmo pelas pessoas de suas famílias. A 13 de junho umas cinquenta pessoas acompanharam os videntes ao local das aparições, na esperança de presenciarem o que quer que fosse de extraordinário. Nos meses seguintes o concurso de curiosos e devotos aumentou consideravelmente, reunindo-se talvez cinco mil pessoas em julho, dezoito mil em agosto e trinta mil em setembro junto da azinheira sagrada.

No momento em que se verificava a aparição, inúmeros sinais misteriosos, de que muitas pessoas fidedignas dão testemunho, se sucediam uns após outros na atmosfera e no firmamento.

A Aparição recomendou insistentemente que todos fizessem penitência e rezassem o terço do Rosário. Comunicou às crianças um segredo, que não podiam revelar a ninguém. Prometeu-lhes o Céu.

Pediu que naquele local se erigisse uma capela em sua honra e declarou que no dia treze de outubro havia de fazer um milagre para que todo o povo acreditasse que ela realmente tinha ali aparecido. Em treze de agosto, momentos antes da hora da aparição, as crianças foram ardilosamente raptadas pelo administrador do concelho, que as reteve em sua casa durante dois dias, ameaçando-as de morte se não se desdissem ou se pelo menos não revelassem o segredo que a Aparição lhes tinha confiado.

Nesse mês a aparição teve lugar no dia dezanove, no sítio chamado dos Valinhos, quando as crianças já não pensavam que ela se verificasse senão no mês seguinte. No dia treze de outubro, estando presentes cerca de setenta mil pessoas de todas as classes e condições sociais e de todos os pontos do país, terminado o diálogo entre a Lúcia e a Aparição, que lhe declarou ser a Senhora do Rosário, a vidente recomendou aos circunstantes que olhassem para o sol. O firmamento estava completamente nublado. Chovia torrencialmente.

Como que por encanto rasgaram-se de repente as nuvens, e o sol no zénite apareceu em todo o seu esplendor e girou vertiginosamente sobre si mesmo como a mais bela roda de artifício que se possa imaginar, revestindo sucessivamente todas as cores do arco-íris e projetando feixes de luz de um efeito surpreendente.

Esse espetáculo sublime e incomparável, que se repetiu por três vezes distintas, durou cerca de dez minutos. A multidão imensa, rendida perante a evidência de tamanho prodígio, prostrou-se de joelhos, o *Credo*, a *Avé* [10] *Maria* e o ato de contrição irromperam de todas as bocas e as lágrimas, lágrimas de alegria, de gratidão ou de arrependimento, marejaram de todos os olhos.

Toda a imprensa, inclusivamente a de grande circulação, se referiu, em termos respeitosos e com bastante desenvolvimento, aos assombrosos acontecimentos de Fátima. As apreciações desses factos, mesmo no campo católico, não foram unânimes. As afirmações das crianças relativas ao próximo fim da grande guerra europeia contribuíram para essa divergência de opiniões. Mas, apesar disso, de ano para ano, a devoção a Nossa Senhora do Rosário de Fátima aumenta e propaga-se por toda a parte. O concurso de peregrinos é cada vez maior e verifica-se especialmente no dia treze de cada mês, nos domingos, nos dias consagrados à Santíssima Virgem, e, mais do que nunca, no dia treze de maio e no dia treze de outubro de cada ano.

As graças e curas prodigiosas atribuídas à intercessão de Nossa Senhora do Rosário de Fátima são inúmeras. Debalde os representantes da autoridade civil envidarem todos os esforços para pôr termo à corrente caudalosa e incessante das multidões atraídas pela voz humilde de três inocentes pastorinhos.

A intolerância e perseguição tiveram apenas, como sempre, o efeito de tornar ainda mais viva e intensa a fé e a piedade dos crentes. A concorrência de devotos, vindos de todos os pontos de Portugal, continua a ser cada vez mais numerosa, mais fervente, mais perseverante, e parece não haver forças humanas capazes de lhe pôr embargo. A autoridade eclesiástica, que iniciou o respetivo inquérito, ainda não ultimou os seus

trabalhos, que são de sua natureza difíceis e demorados, nem proferiu o seu *veredictum*, que nos cumpre acatar, qualquer que ele venha a ser.

Enquanto aguardamos esse *veredictum*, procuremos viver como bons cristãos, cumprindo estritamente todos os nossos deveres, façamos penitência dos nossos pecados e rezemos com fervor o terço do Rosário, essa devoção tão querida de todos os portugueses, para que Nossa Senhora do Rosário, se Ela efetivamente apareceu em Fátima, se digne dissipar todas as dúvidas e tornar esse facto superior a toda a contestação de boa fé.

[12] INTERROGATÓRIO DOS VIDENTES¹
(27 DE SETEMBRO DE 1917)

No intuito de completar as impressões colhidas no dia treze do corrente mês de setembro e habilitar-me com os elementos indispensáveis para fundamentar, tanto quanto possível, um juízo seguro acerca dos acontecimentos que nos últimos cinco meses se têm desenrolado a três quilómetros ao sul da aldeia de Fátima, no local denominado Cova da Iria, fui pela segunda vez na quinta-feira última, vinte e sete, àquela pitoresca aldeia, graciosamente alcandorada num dos contrafortes da majestosa serra de Minde. Eram três horas da tarde quando me apeei do trem que de Torres Novas me conduzira por Vila Nova de Ourém à humilde povoação, cujo nome é hoje pronunciado como uma esperança fagueira de bênçãos e graças celestes por dezenas de milhares de lábios, de um extremo ao outro de Portugal. O rev.^{do} Pároco a quem logo procurei, não estava em casa: tinha saído para fora da freguesia e só à noite devia voltar.

Pesaroso por não poder trocar algumas palavras com ele sobre o assunto que ali me levava, resolvi ir a casa das crianças que se dizem favorecidas com aparições da Virgem Santíssima e ouvir da boca delas a narrativa pormenorizada dos estranhos sucessos cuja notícia tem atraído dia a dia à Fátima um sem número de pessoas de todas as classes e condições sociais.

À distância de dois quilómetros da igreja paroquial e do presbitério, num insignificante lugarejo chamado Aljustrel, pertencente à freguesia, ficam situadas as modestas habitações das famílias dos pastorinhos.

¹ Reproduzo este interrogatório dos videntes, sem alteração de uma vírgula, exatamente como o redigi, no dia 29 de setembro de 1917

As duas crianças mais novas estavam ausentes. Dirigi-me a casa da mais velha, onde a mãe me convidou a [13] entrar e sentar-me, convite a que acedi. A uma pergunta minha sobre o paradeiro da filha, que eu procurava, respondeu-me que ela andava a vindimar numa pequena propriedade que lhe pertencia e que ficava dois quilómetros distante.

Alguém se prestou logo a ir chamá-la de ordem da mãe. Entretanto, as duas crianças mais novas, que tinham regressado do campo, sabendo pelas vizinhas que eu lhes desejava falar, vieram ter comigo.

São dois irmãos, um menino e uma menina. Chegou primeiro a menina. Chama-se Jacinta de Jesus, tem sete anos de idade e é filha de Manuel Pedro Marto e de Olímpia de Jesus. Bastante alta para a sua idade, um pouco delgada sem se poder dizer magra, de rosto bem proporcionado, tez morena, modestamente vestida, descendo-lhe a saia até à altura dos artelhos, o seu aspeto é o de uma criança saudável, acusando perfeita normalidade no seu todo físico e moral. Surpreendida com a presença de pessoas estranhas, que me tinham acompanhado e que não esperava encontrar, a princípio mostra um grande embaraço, respondendo, por monossílabos, e num tom de voz quase impercetível, às perguntas que eu lhe dirijo. Momentos depois aparece o irmão, rapaz de nove anos de idade, que entra com um certo desembaraço no quarto, onde estávamos, conservando o barrete na cabeça, decerto por não se lembrar de que devia descobrir-se. Um sinal que a irmã lhe fez nesse sentido não foi percebido por ele. Convidei-o a sentar-se numa cadeira ao meu lado, obedecendo imediatamente sem nenhuma relutância.

Principiei sem demora a interrogá-lo sobre o que tinha visto e ouvido desde maio último na Cova da Iria no dia treze de cada mês durante o tempo da aparição.

Entre mim e ele estabeleceu-se entre mim e ele o curto diálogo que segue.

– Que é que tens visto na Cova da Iria nos últimos meses?

– Tenho visto Nossa Senhora.

– Onde é que ela aparece?

[14] – Em cima duma carrasqueira.

– Aparece de repente ou tu vê-la vir de alguma parte?

– Vejo-a vir do lado onde nasce o sol e colocar-se sobre a carrasqueira.

– Vem devagar ou depressa?

– Vem sempre depressa.

– Ouves o que ela diz à Lúcia?

– Não ouço.

-
- Falaste alguma vez com a Senhora? Ela já te dirigiu a palavra?
 - Não, nunca lhe perguntei nada; fala só com a Lúcia.
 - Para quem olha ela, também para ti e para a Jacinta, ou só para a Lúcia?
 - Olha para todos três; mas olha durante mais tempo para a Lúcia.
 - Já alguma vez chorou ou se sorriu?
 - Nem uma coisa nem outra; está sempre séria.
 - Como está vestida?
 - Tem um vestido comprido e por cima um manto que lhe cobre a cabeça e desce até à extremidade do vestido.
 - Qual a cor do vestido e do manto?
 - É branca, tendo o vestido riscos dourados.
 - Qual é a titude da Senhora?
 - É a de quem está a rezar. Tem as mãos postas à altura do peito.
 - Traz alguma coisa nas mãos?
 - Traz entre a palma e as costas da mão direita umas contas que estão pendentes sobre o vestido.
 - E nas orelhas o que tem?
 - As orelhas não se veem, porque estão cobertas com o manto.
 - De que cor são as contas?
 - São também brancas.
 - A Senhora é bonita?
 - É, sim.
 - Mais bonita do que aquela menina que tu ali vês?
 - Mais.
 - Mas há senhoras muito mais bonitas que aquela menina...
 - [15] – É mais bonita que qualquer pessoa que eu visse.
- Concluído o interrogatório do Francisco, chamei de parte a Jacinta que andava a brincar na rua com outras crianças, fi-la sentar num banquinho ao pé de mim e submeti-a também a um interrogatório, logrando obter dela respostas completas e minuciosas, como as do irmão.
- Tens visto Nossa Senhora no dia 13 de cada mês desde maio para cá?
 - Tenho visto.
 - Onde é que ela vem?
 - Vem do Céu, do lado do sol.
 - Como está vestida?
 - Tem um vestido branco, enfeitado a ouro, e na cabeça tem um manto, também branco.
 - De que cor são os cabelos?

- Não se lhe veem os cabelos, que estão cobertos com o manto.
- Traz brincos nas orelhas?
- Não sei, porque também não se lhe veem as orelhas.
- Qual é a posição das mãos?
- As mãos estão postas à altura do peito, com os dedos voltados para cima.
- As contas estão na mão direita ou na mão esquerda?

A esta pergunta a criança responde primeiro que estavam na mão direita, mas em seguida, devido à insistência propositada e capciosa da minha parte, mostra-se perplexa e confusa, não sabendo precisar bem qual das suas mãos correspondia à mão com que a Aparição segurava o Rosário.

- O que é que a Senhora recomendou à Lúcia com mais empenho?
- Mandou que rezássemos o terço todos os dias.
- E tu reza-ló?
- Rezo-o todos os dias com o Francisco e a Lúcia.

Meia hora depois de terminado o interrogatório de Jacinta de Jesus, aparece Lúcia de Jesus. Vinha, como já disse de uma pequena propriedade de sua família, situada a dois quilómetros de distância, onde tinha estado a vindimar. [16] Mais alta e mais nutrida que as outras duas crianças, de tez mais clara, robusta e saudável, apresenta-se diante de mim com um desembaraço que contrasta singularmente com o acanhamento e a timidez excessiva da Jacinta. Singelamente vestida como esta, a sua atitude não denota e o seu rosto não traduz nenhum sentimento de vaidade nem de confusão.

Sentando-se, a um aceno meu, numa cadeira, ao meu lado, presta-se da melhor vontade a ser interrogada sobre os acontecimentos de que ela é a principal protagonista, sem embargo de se sentir visivelmente fatigada e abatida, mercê das visitas incessantes que recebe e dos inquéritos repetidos e prolongados a que é submetida.

Filha de António dos Santos, de cinquenta anos de idade, e de Maria Rosa, de quarenta e oito anos, tem um irmão e quatro irmãs, todos mais velhos do que ela: Maria, de vinte e seis anos, já casada, Teresa, de vinte e quatro, Manuel, de vinte e dois, Glória, de vinte, e Carolina, de quinze. Completou dez anos de idade em vinte e dois de março do corrente ano. Tinha oito anos quando fez a sua primeira comunhão. A mãe, tipo da mulher cristã, e da boa dona de casa, entregue às lides domésticas, procurou sempre inspirar aos filhos o santo temor de Deus e levá-los ao cumprimento de todos os seus deveres morais e religiosos. Altamente preocupada com os sucessos que atraem a todo o momento as atenções de milhares de pessoas para a sua pobre habitação, até há

pouco tempo ignorada do mundo, nota-se desde logo que o seu espírito hesita, numa ansiedade inquieta, entre a esperança de que sua filha seja realmente privilegiada com a aparição da Virgem e o receio de que ela seja vítima de uma alucinação que lhe traga desgostos e cubra de ridículo toda a sua família. A uma pergunta minha acerca da piedade da sua Lúcia, responde que não acha nela nada de extraordinário neste particular, vendo-a rezar da mesma forma e com o mesmo fervor que antes das aparições, exatamente como fazem as suas irmãs. Dou princípio ao interrogatório da vidente.

– É verdade que Nossa Senhora te tem aparecido no local chamado Cova da Iria?

[17] – É verdade.

– Quantas vezes já te apareceu?

– Cinco vezes, sendo uma cada mês.

– Em que dia do mês?

– Sempre no dia treze, exceto no mês de agosto, em que fui presa e levada para a vila (Vila Nova de Ourém) pelo senhor administrador. Nesse mês vi-a só alguns dias depois, a dezanove, no sítio dos Valinhos.

– Diz-se que a Senhora te apareceu também o ano passado. Que há de verdade a este respeito?

– O ano passado nunca me apareceu, nem antes de maio deste ano; nem eu disse isso a pessoa alguma, porque não era exato.

– Onde é que ela vem? Das bandas do nascente?

– Não sei; não a vejo vir de parte alguma; aparece sobre a azinheira, e quando se retira é que toma a direção do ponto do céu em que nasce o sol.

– Quanto tempo se demora? Muito ou pouco?

– Pouco tempo.

– O suficiente para se recitar um Padre Nosso e uma Avé Maria, ou mais?

– Mais, bastante mais, mas nem sempre o mesmo tempo; talvez não chegasse para rezar o terço.

– Da primeira vez que a viste não ficaste assustada?

– Fiquei, e tanto assim que quis fugir com a Jacinta e o Francisco, mas Ela disse-nos que não tivéssemos medo, porque não nos faria mal.

– Como é que está vestida?

– Tem um vestido branco, que desce quase até aos pés, e cobre-lhe a cabeça um manto, da mesma cor, e do mesmo comprimento que o vestido.

– O vestido não tem enfeites?

– Veem-se nele, na frente, dois cordões dourados, que descem do

pescoço e se reúnem por uma borla, também dourada, à altura do meio do corpo.

- Tem algum cinto ou alguma fita?
- Não tem.
- Usa brincos nas orelhas?
- Usa umas argolas pequenas.
- Qual das mãos segura as contas?

[18] – A mão direita.

- Eram um terço ou um rosário?
- Não reparei bem.
- Terminavam por uma cruz?
- Terminavam por uma cruz branca, sendo as contas também brancas.

A cadeia era igualmente branca.

- Perguntaste-lhe alguma vez quem era?
- Perguntei, mas declarou que só o diria a treze de outubro.
- Não lhe perguntaste de onde vinha?
- Perguntei de onde era, e ela respondeu-me que era do Céu.
- E quando foi que lhe fizeste essa pergunta?
- Da segunda vez, a treze de junho.
- Sorriu-se alguma vez ou mostrou-se triste?
- Nunca se sorriu nem se mostrou triste, mas sempre séria.
- Recomendou-te, e aos teus primos, que rezassem algumas orações?
- Recomendou-nos que rezássemos o terço em honra de Nossa

Senhora do Rosário, a fim de se alcançar a paz para o mundo.

- Mostrou desejos de que no dia treze de cada mês estivessem presentes muitas pessoas durante a aparição na Cova da Iria?
- Não disse sobre esse assunto.
- É certo que te disse um segredo, proibindo que o revelasses a quem quer que fosse?

- É certo.
- Diz respeito só a ti ou também aos teus companheiros?
- A todos três.
- Não o podes manifestar ao menos ao teu confessor?

A esta pergunta guardou silêncio, parecendo um tanto enleada e julguei não dever insistir, repetindo a pergunta.

- Consta que, para te veres livre das importunações do sr. administrador, no dia em que foste presa, lhe contaste, como se fosse o segredo uma coisa que o não era, enganando-o assim e gabando-te depois de lhe teres feito essa partida: é verdade?

[19] – Não é; o senhor administrador quis realmente que eu lhe revelasse o segredo, mas como não o podia dizer a ninguém, não lho

disse, apesar de ter insistido muito comigo para que lhe fizesse a vontade. O que fiz foi contar tudo o que a Senhora me disse, exceto o segredo, e talvez por esse motivo o senhor administrador ficasse julgando que eu lhe tinha revelado também o segredo.

– A Senhora mandou-te aprender a ler?

– Mandou, sim, da segunda vez que apareceu.

– Mas se a Ela disse que te levaria para o Céu no mês de outubro próximo, para que te serviria aprenderes a ler?

– Isso não é verdade: a Senhora nunca disse que me levaria para o Céu em outubro, e eu nunca afirmei que ela me tivesse dito tal coisa.

– O que declarou a Senhora que se devia fazer ao dinheiro que o povo deposita ao pé da azinheira na Cova da Iria?

– Disse que o devíamos colocar em dois andores, levando eu, a Jacinta e mais duas meninas um deles, e o Francisco, com mais três rapazes, o outro, para a igreja da freguesia. Parte desse dinheiro seria destinado ao culto e festa da Senhora do Rosário e a outra parte para ajuda de uma capela nova.

– Onde quer ela que seja edificada a capela? Na Cova da Iria?

– Não sei: ela não o disse.

– Estás muito contente por Nossa Senhora te ter aparecido?

– Estou.

– No dia treze de outubro Nossa Senhora virá só?

– Vem também São José com o Menino, e pouco tempo depois, será concedida a paz ao mundo.

– Nossa Senhora fez mais alguma revelação?

– Declarou que no dia treze fará um milagre para que todo o povo acredite que ela realmente aparece.

– Por que razão não raro baixas os olhos deixando de fitar a Senhora?

– É que ela às vezes cega.

– Ensinou-te alguma oração?

[20] – Ensinou; e quer que a recitemos depois de cada mistério do rosário.

– Sabes de cor essa oração?

– Sei.

– Diz lá...

– Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno e aliviai as almas do Purgatório, principalmente as mais abandonadas. [DCF, I - Doc.7]

OS FENÓMENOS DO DIA 13 DE OUTUBRO DE 1917

Numerosos e interessantes relatos do chamado “milagre de Fátima” foram publicados pela imprensa periódica e em folhetos na segunda quinzena de outubro de 1917 e nos dois meses que se lhe seguiram. Apesar de ter tido a ventura de presenciar os acontecimentos assombrosos do dia 13 de outubro de 1917 e de poder por esse motivo narrá-los minuciosamente, prefiro reproduzir aqui dois relatos desses acontecimentos redigidos por escritores insuspeitos, um deles inédito, devido à pena cintilante do espírito inteligente e cultíssimo do Sr. Dr. José Maria de Proença de Almeida Garrett, que se dignou fazê-lo a meu pedido dois meses depois, e o outro da autoria do consagrado jornalista Sr. Avelino de Almeida e publicado no numero 610, 2ª serie, de “A Ilustração Portuguesa”.

O relato do Sr. Dr. Almeida Garrett é do teor seguinte:

“Vou relatar de uma maneira breve e concisa, sem frases que velem a verdade o que vi em Fátima no dia 13 de outubro de 1917.

As horas a que me referirei são as que nessa época marcavam oficialmente o tempo segundo a determinação do governo que unificara a nossa hora com a dos países beligerantes. Faço isto para maior verdade pois me não era fácil designar com precisão o momento em que o sol alcançou o zénite.

Cheguei ao meio-dia. A chuva que desde manhã caía miúda e persistente, tocada de um vento agreste, prosseguia, irritante, na ameaça de querer tudo liquifazer.

[21] O céu baço e pesado tinha uma cor pardacenta prenhe de água, prenúncio de chuva abundante e de longa duração.

Quedei-me na estrada, ao abrigo da capota do automóvel e um pouco sobranceiro ao local que diziam ser o da aparição, não ousando meter-me ao lamaçal barrento e pegajoso do campo frescamente lavrado. Estaria a pouco mais de cem metros dos elevados postes que uma tosca cruz encimava vendo distintamente em redor deles o largo círculo de gente que, com os guarda-chuvas abertos, parecia um vasto sobrado de broquéis.

Pouco depois da uma hora chegaram a este sítio as crianças a quem a Virgem (garantiam elas) marcara lugar, dia e hora da aparição. Ouviam-se os cânticos entoados pelo povo que as cercava.

Numa determinada altura esta larga massa, confusa e compacta, fechou os guarda-chuvas e descobriu-se num gesto que devia ser de humildade ou respeito mas que me deixou surpreso e admirado porque

a chuva, numa continuidade cega, molhava agora cabeças, encharcava e ensopava. Disseram-me depois que esta gente, que acabou por ajoelhar na lama, tinha obedecido à voz de uma criança.

Devia ser uma e meia (14 h e meia) quando se ergueu, no local preciso onde estavam as crianças, uma coluna de fumo, delgada, ténue e azulada que subiu direita até dois metros, talvez, acima das cabeças para se nesta altura se esvair. Durou este fenómeno, perfeitamente visível a olho nu, alguns segundos. Não tendo marcado o tempo de duração não posso afirmar se foi mais ou menos de um minuto. Dissipou-se bruscamente o fumo e passado algum tempo voltou a repetir-se o fenómeno uma segunda e uma terceira vez. Das três vezes, e sobretudo da última, destacaram-se nitidamente os fustes esguios na atmosfera cinzenta.

Dirigi para lá o binóculo. Nada consegui ver além das colunas de fumo mas convencido fiquei de que eram produzidas por algum turíbulo, não agitado, em que queimava incenso. Depois pessoas dignas de fé afirmaram-me que era de uso produzir-se o acontecimento no dia 13 dos cinco meses anteriores e que nesses dias, como neste, nunca ali se queimara nada nem se fizera fogo.

[22] Continuando a olhar o lugar da aparição numa espetativa serena e fria e com uma curiosidade que ia amortecendo porque o tempo decorrera longo e vagaroso sem que nada ativasse a minha atenção, ouvi o *bruhaha* de milhares de vozes e vi aquela multidão, espalhada pelo largo campo que se estendia a meus pés, ou concentrada em vagas compactas em redor dos madeiros erguidos, ou sobre os baixos socalcos que retinham as terras, voltar as costas ao ponto que até então convergira os desejos e ânsias e olhar o céu do lado oposto.

Eram quase duas horas.

O sol momentos antes tinha rompido ovante a densa camada de nuvens que o tivera escondido, para brilhar clara e intensamente. Voltei-me para este íman que atraía todos os olhares e pude vê-lo semelhante a um disco de bordo nítido e aresta viva luminosa e luzente, mas sem magoar.

Não me pareceu bem a comparação, que ainda em Fátima ouvi fazer, de um disco de prata fosca. Era uma cor mais clara, ativa e rica, e com cambiantes, tendo como que o oriente de uma pérola. Em nada se assemelhava à lua em noite transparente e pura, porque se via e sentia-se ser um astro vivo.

Não era como a lua, esférica, não tinha a mesma tonalidade nem os claros-escuros. Parecia uma rodela brunida cortada no nácar de uma concha. Isto não é uma comparação banal de poesia barata. Os meus

olhos viram assim. Também se não confundia com o sol encarado através do nevoeiro (que aliás não havia àquele tempo) porque não era opaco, difuso e velado. Em Fátima tinha luz e calor e desenhava-se nítido e com a borda cortada em aresta como uma tábula de jogo.

A abóbada celeste estava enevoadada de cirros leves, tendo frestas de azul aqui e acolá, mas o sol algumas vezes se destacou em rasgões de céu limpo. As nuvens que corriam ligeiras de poente para oriente não empanavam a luz (que não feria) do sol dando a impressão facilmente compreensível e explicável de passar por detrás, mas por vezes esses flocos que vinham brancos, pareciam tomar, deslizando ante o sol, uma tonalidade rosa ou azul diáfana.

[23] Maravilhoso é que, durante longo tempo, se pudesse fixar o astro labareda de luz e brasa de calor, sem uma dor nos olhos e sem um deslumbramento na retina, que cegasse.

Este fenómeno com duas breves interrupções em que o sol bravo arremessou os seus raios mais coruscantes e refulgentes, e que obrigaram a desviar o olhar, devia ter durado cerca de dez minutos.

Este disco nacarado tinha a vertigem do movimento. Não era a cintilação de um astro em plena vida. Girava sobre si mesmo numa velocidade arrebatada.

De repente ouve-se um clamor, como que um grito de angústia de todo aquele povo. O sol, conservando a celeridade da sua rotação, destaca-se do firmamento e sanguínio avança sobre a terra ameaçando esmagar-nos com o peso da sua ígnea e ingente mó. São segundos de impressão terrífica.

Durante o acidente solar, que detalhadamente tenho vindo a descrever, houve na atmosfera coloridos cambiantes. Não posso precisar bem a ocasião porque já lá vão dois meses passados e eu não tomei notas. Lembro-me que não foi logo no princípio e antes creio que foi para o fim.

Estando a fixar o sol notei que tudo escurecia à minha volta.

Olhei o que estava perto e alonguei a vista para o largo até ao extremo horizonte e vi tudo cor de ametista. Os objetos, o céu e a camada atmosférica tinham a mesma cor. Uma carvalheira arroxeadada que se erguia na minha frente lançava sobre a terra uma sombra carregada.

Receando ter sofrido uma afeção da retina, hipótese pouco provável porque, dado este caso, não devia ver as coisas em roxo, voltei-me, cerrei as pálpebras e retive-as com as mãos para intercetar toda a luz. Ainda de costas abri os olhos e reconheci que, como antes, a paisagem e o ar continuavam da mesma cor roxa.

A impressão que se tinha não era de eclipse. Vi o eclipse que em Viseu, onde estava, foi total. À medida que a lua marcha a esconder o sol, a luz vai-se acinzentando até que tudo se torna baço e negro. A vista alcança um pequeno circo para lá do qual os objetos se vão tornando cada vez mais confusos até que se perdem no negrume. Baixa a temperatura consideravelmente e dir-se-á que a vida da terra se extinguiu. Em Fátima, a atmosfera, embora roxa, permaneceu transparente até aos confins do horizonte, que se distingue e vê claramente, e eu não tive a sensação de uma paragem na energia universal.

Continuando a olhar o sol, reparei que o ambiente tinha aclarado. Logo depois ouvi um campónio que cerca de mim estava a dizer com voz de pasmo: “esta senhora está amarela”.

De facto tudo agora mudara, perto e distante, tomando a cor de velhos damascos amarelos. As pessoas pareciam doentias e com icterícia. Sorri-me de as achar francamente feias e desairosas. Ouviram-se risos. A minha mão tinha o mesmo tom amarelo. Dias depois fiz a experiência de fixar o sol uns breves instantes. Retirada a vista vi, após alguns momentos, manchas amarelas, irregulares na forma.

Não se vê tudo de uma cor uniforme, como se no ar se tivesse volatilizado um topázio, mas nódoas ou malhas que com o movimento do olhar se deslocam.

Todos estes fenómenos que citei e descrevi observei-os eu sossegado e serenamente sem uma emoção ou sobressalto.

A outros cumpre explicá-los ou interpretá-los.

Para terminar devo fazer a afirmação, que nunca, nem antes nem depois do dia 13 de outubro, vi iguais fenómenos, solares ou atmosféricos.¹[DCF, III-1 - Doc. 345]

O MILAGRE DE FÁTIMA

(Carta a alguém que pede um testemunho insuspeito).

Quebrando um silêncio de mais de vinte anos e com a invocação dos longínquos e saudosos tempos em que convivemos numa fraternal camaradagem, iluminada en-tão pela fé comum e fortalecida por

¹ Algumas pessoas da Granja concorreram com a quantia de cinquenta mil réis, que foi entregue ao Rev. Pároco de Fátima, para a construção de uma capela no local das aparições.

idênticos propósitos, escreves-me para que te diga, sincera e minuciosamente, o que vi e ouvi na charneca de Fátima, quando a fama de celestes aparições congregou naquele desolado ermo dezenas de milhares de pessoas mais sedentas, segundo creio, de sobrenatural do que impelidas por mera curiosidade ou receosas de um logro... Estão os católicos em desacordo sobre a importância e a significação do que presenciaram.

Uns convenceram-se de que se tinham cumprido promettimentos do Alto; outros acham-se ainda longe de acreditar na incontroversa realidade de um milagre. Foste um crente na tua juventude e deixaste de sê-lo. Pessoas de família arrastaram-te a Fátima, no vagalhão colossal daquele povo que ali se juntou a 13 de outubro.

O teu racionalismo sofreu um formidável embate e queres estabelecer uma opinião segura socorrendo-te de depoimentos insuspeitos como o meu, pois que estive lá apenas no desempenho de uma missão bem difícil, tal a de relatar imparcialmente para um grande diário, *O Século*, os factos que diante de mim se desenrolassem e tudo quanto de curioso e de elucidativo a eles se prendesse. Não ficará por satisfazer o teu desejo, mas decerto que os nossos olhos e os nossos ouvidos não viram nem ouviram coisas diversas, e que raros foram os que ficaram insensíveis à grandeza de semelhante espetáculo, único entre nós e de todo o ponto digno de meditação e de estudo...

O que ouvi e me levou a Fátima?

Que a Virgem Maria, depois da festa da Ascensão, aparecera a três crianças que apascentavam gado, duas mocinhas e um zagaleta, recomendando-lhes que orassem e prometendo-lhes aparecer ali, sobre uma azinheira, no dia 13 de cada mês, até que em outubro lhes daria qualquer sinal do poder de Deus e faria revelações. Espalhou-se a nova por muitas léguas em redondeza; voou, de terra em terra, até os confins de Portugal, e a romagem dos crentes foi aumentando de mês para mês, a ponto de se juntarem na charneca de Fátima, em 13 de outubro, umas cinquenta mil pessoas consoante os cálculos de indivíduos desapaixonados.

[26] Nas precedentes reuniões de fiéis, não faltou quem tivesse suposto ver singularidades astronómicas e atmosféricas que se tomaram como indício da imediata intervenção divina.

Houve quem falasse de súbitos abaixamentos de temperatura, da cintilação de estrelas em pleno meio dia e de nuvens lindas e jámais vistas em torno do sol. Houve quem repetisse e propalasse comovidamente que a Senhora recomendava penitência, que pretendia

a ereção de uma capela naquele local, que em 13 de outubro manifestaria, por intermédio de uma prova sensível a todos, a infinita bondade e a onnipotência de Deus...

Foi assim que, no dia célebre e tão ansiado, afluíram de perto e de longe a Fátima, arrostando com todos os embaraços e todas as durezas das viagens, milhares e milhares de pessoas, umas que palmilharam léguas ao sol e à chuva, outras que se transportaram em variadíssimos veículos, desde os quase pré-históricos até os mais recentes e maravilhosos modelos de automóveis, e ainda muitíssimas que suportaram os incómodos das terceiras classes dos comboios, dentro dos quais, para percorrer hoje relativamente pequenas distâncias, se perdem longas horas e até dias e noites! Vi ranchos de homens e de mulheres, pacientemente, como enlevados num sonho, dirigirem-se, de véspera, para o sítio famoso, cantando hinos sacros e caminhando descalços ao ritmo deles e à recitação cadenciada do terço do Rosário, sem que os importunasse, os demovesse, os desesperasse, a mudança quase repentina do tempo, quando as bâtegas de água transformaram as estradas poeirentas em fundos lamaçais e às doçuras do outono sucederam, por um dia, os aspérrimos rigores do inverno... Vi a multidão, ora comprimida à volta da pequenina árvore do milagre e desbastando-a dos seus ramos para os guardar como relíquias, ora espaiada pela vasta charneca que a estrada de Leiria atravessa e domina e que a mais pitoresca e heterogénea concorrência de carros e pessoas atravancou naquele dia memorável, aguardar na melhor ordem as manifestações sobrenaturais, sem temer que a invernia as prejudicasse, diminuindo-lhes o esplendor e a imponência... Vi que o desalento não invadiu as almas, [27] que a confiança se conservou viva e ardente, a despeito das inesperadas contrariedades, que a compostura da multidão em que superabundavam os campónios foi perfeita e que as crianças, no seu entender privilegiadas, tiveram a acolhê-las as demonstrações do mais intenso carinho por parte daquele povo que ajoelhou, se descobriu e rezou a seu mandado ao aproximar--se a hora do “milagre”, a hora do “sinal sensível”, a hora mística e suspirada do contacto entre o céu e a terra...

E, quando já não imaginava que via alguma coisa mais impressionante do que essa rumorosa mas pacífica multidão animada pela mesma obsessiva ideia e movida pelo mesmo poderoso anseio, que vi eu ainda de verdadeiramente estranho na charneca de Fátima? A chuva, à hora pré-anunciada, deixa de cair; a densa massa de nuvens romper-se e o astro-rei – disco de prata fosca – em pleno zénite aparecer e começar dançando num bailado violento e convulso, que grande número de pessoas imaginava ser uma dança serpentina, tão belas e rutilantes cores

revestiu sucessivamente a superfície solar.

Milagre, como gritava o povo; fenómeno natural, como dizem sábios? Não curo agora sabê-lo, mas apenas de te afirmar o que vi... O resto é com a Ciência e com a Igreja [DCF, III-1 - Doc. 228].

UMA CURA EXTRAORDINÁRIA

(13 DE OUTUBRO DE 1917)

À guisa de complemento destas ligeiras notas sobre as aparições, seja-me lícito transcrever aqui uma carta endereçada a uma amigo meu e publicada no número de cinco de outubro de 1918 do jornal “A Guarda”, o semanário de maior assinatura nas duas Beiras. Expondo minuciosamente e com a mais escrupulosa exatidão as circunstâncias de uma cura extraordinária ligada com a história das aparições, essa carta reveste uma dupla importância, mercê da qual tem neste lugar o seu natural cabimento.

É do teor seguinte:

[28] A questão da origem e natureza dos acontecimentos extraordinários de Fátima, como eu já insinuava na minha carta precedente, é uma questão completamente aberta.

A Igreja não se pronunciou ainda sobre eles. O campo está, pois, patente a todas as discussões. Qualquer pensador tem o direito de apreciar, como melhor lhe aprouver, esses acontecimentos, negando a procedência sobrenatural, pondo-a em dúvida ou admitindo-a, que a ninguém assiste o direito de o censurar.

O católico não possui menos liberdade de apreciação e de crítica no exame desta matéria do que o ateu. É por isso que todas as opiniões sinceras merecem deferência e respeito, mormente numa questão como esta, que ninguém conseguiu até hoje resolver satisfatoriamente, é justo que todos, respeitem a conclusão de um estudioso, mesmo os que não a perfilham, qualquer que ela seja, na investigação a que conscienciosamente proceder.

Os sucessos de Fátima constituem um fenómeno assombroso incontestavelmente digno de estudo. Numa época em que a ciência atingiu, por assim dizer, o seu apogeu, seria deveras para lamentar que esse fenómeno não se impusesse à atenção daqueles que, pelo seu critério e pela sua competência, estão em condições de poder estudar com proveito e apreciar devidamente a origem e a natureza desse fenómeno, múltiplo e complexo. Eu sei que ilustres professores dos nossos mais altos institutos

científicos continuam dedicando a sua esclarecida atenção ao estudo dos fenómenos metereológicos sucedidos no dia treze de cada mês desde maio a outubro e ao grandioso fenómeno solar presenciado por mais de cinquenta mil pessoas, no dia treze de outubro próximo findo, num dos planaltos da orla setentrional da serra de Minde.

Mas é absolutamente indispensável que, no interesse da verdade, seja ela qual for, todos contribuam com a sua quota parte para a solução deste difícil problema, até hoje insolúvel, para a decifração deste singular enigma até hoje impenetrável. É o que intento fazer escrevendo-te esta carta e outorgando-te a liberdade de publicar o que te parecer conveniente.

Posto isto, era propósito meu principiar hoje a narra-[29]ção histórica dos factos ocorridos em Fátima, se não me perguntasses na tua última carta se já se tinham verificado algumas curas extraordinárias que abonassem de algum modo a origem sobrenatural desses factos. Para satisfazer a tua legítima curiosidade passo a descrever uma das muitas curas de que tenho conhecimento, consumada e, segundo parece, definitivamente assegurada no dia treze de outubro, no chamado local das aparições, aonde desde então, sem embargo das violências brutais e sacrílegas do fanatismo antirreligioso, sempre inimigo da verdadeira liberdade de crença, concorrem ininterruptamente centenas e milhares de pessoas de todos os pontos do país, numa romagem piedosa e inofensiva que edifica, comove e encanta.

Maria do Carmo, de quarenta e sete anos de idade, natural do lugar do Arnal, freguesia de Maceira, concelho de Leiria, casada com Joaquim dos Santos, havia cinco anos que sofria de uma enfermidade bastante grave, que apresentava todos os sintomas caraterísticos da tuberculose. Na primeira fase da doença experimentava, de vez em quando, dores, aliás não muito fortes, na cabeça, no estômago e nos intestinos. Em princípios de 1916 as dores agravaram-se de um modo extraordinário. Eram contínuas e difíceis de suportar. Sentia-as então nas costas e, ainda com mais intensidade, no peito. Ao mesmo tempo começou a padecer de falta de ar. As mãos, os pés e o ventre incharam-lhe imenso. Suspeitava-se que tivesse um tumor no útero. Definhava e emagrecia a olhos vistos. Três meses depois não parecia a mesma pessoa, pois de nutrida que era tornara-se magra em extremo. Não podia pôr à cabeça nenhum objeto um pouco pesado pelas torturas que isso lhe ocasionava. Tinha com frequência vontade de vomitar, embora não vomitasse.

Quando tomava algum alimento e enquanto durava a digestão, aumentavam as dores de cabeça. As dores de estômago quase que não lhe permitiam dormir.

Para não passar pior, comia muito pouco.

Sustentava-se exclusivamente ou quase exclusivamente de leite.

Uma tosse funda e seca atormentava-lhe sem cessar o peito. A saliva sabia-lhe muitas vezes a sangue. Todos os [30] vizinhos estavam persuadidos de que a infeliz se achava tuberculosa. Ela própria não deixava aproximar de si os filhos com medo do contágio. Um indivíduo que conhecia perfeitamente a gravidade do mal, estando um dia a conversar com alguns amigos e vendo-a passar próximo, disse-lhes num tom de voz que não deixava margem a dúvidas que ela estava irremediavelmente perdida, não devendo viver mais de quinze dias. Passava-se isto em meados de julho do ano próximo findo.

Debalde procurou lenitivo para os seus incômodos nos recursos da medicina.

Pobre como era e não havendo médico senão a alguns quilómetros de distância, na Batalha, só ali foi uma vez com o marido consultar o distinto e hábil clínico dr. Padrão. Os remédios que esse facultativo receitou não lhe produziram alívio algum.

Nestas circunstâncias não alimentava nenhuma ilusão acerca da gravidade do seu estado e aguardava resignadamente a morte. Por essa ocasião corria de terra em terra, de um extremo ao outro do país, a nova consoladora de que a Virgem Santíssima desde o mês de maio precedente aparecia todos os meses no dia treze a umas humildes criancinhas que apascentavam gado num local vulgarmente denominado “Cova da Iria”, pertencente à freguesia de Fátima, concelho de Vila Nova de Ourém, a sete léguas de distância de Maceira. Um clarão de suave esperança iluminou subitamente o seu espírito abatido e amargurado. Cheia de fé, invoca a Mãe de Deus e, para obter por sua intercessão a cura tão suspirada, faz a promessa de ir quatro vezes a Fátima a pé descalça. Escolheu o dia treze de agosto para iniciar o cumprimento da sua promessa.

Mas o marido, aliás homem temente a Deus, considerando tal empresa uma verdadeira temeridade, opôs-se à sua ida.

“Nós somos pobres – dizia ele à mulher – não dispomos de recursos para alugar um carro em que possas efetuar a jornada sem perigos e com probabilidade de lá chegares viva. Tem paciência, mas não te deixo ir”.

Na verdade o seu estado de fraqueza era tão grande [31] que se cansava imenso quando caminhava, por pouco que fosse. A cerca de duzentos metros da casa de habitação possui um pequeno prédio rústico. Havia muito tempo que era raro lá ir e, quando o fazia, precisava de se

sentar um sem número de vezes à beira do caminho para descansar. As filhas faziam toda a lida da casa, indicando e distribuindo a mãe os diversos serviços, sem poder ajudá-las como desejava, por lhe minguaem as forças. Insistiu, porém, tanto com o marido que este, vendo a sua inabalável confiança, acedeu às suas porfiadas instâncias e resolveu-se a acompanhá-la.

Veio finalmente o dia treze de agosto, tão ardentemente esperado. À uma hora da madrugada desse dia a doente põe-se a caminho em companhia do marido, que continuava a considerar semelhante jornada como uma temeridade e uma loucura. Descansou várias vezes no percurso.

Eram nove horas da manhã quando chegou ao local das aparições. Estava bastante extenuada, sentia muitas dores, toda ela, segundo a sua própria expressão, era uma dor. Alguns instantes depois, com grande surpresa, experimentou notáveis alívios.

Sentou-se à sombra de uma grande e copada azinheira, onde tomou algum alimento, e ali se conservou até às três horas da tarde, pondo-se então novamente em marcha. No regresso as dores eram menos intensas e não se sentia tão fatigada como à ida.

De dia para dia as melhoras acentuavam-se cada vez mais. Entretanto começou a tomar alimentos sólidos, mas o seu principal alimento continuava a ser o leite. Em treze de setembro voltou pela segunda vez a Fátima, não lhe causando a viagem tanto incómodo como em treze de agosto. De cada vez que lá ia rezava o terço do Rosário tanto na ida como na volta, não conversando nem prestando atenção às conversas das pessoas que a acompanhavam.

A partir desse dia melhorou ainda mais.

Já trabalhava um pouco em casa e ia com menos dificuldade à fazenda. A treze de outubro partiu de manhã cedo como das outras vezes, mas antes de chegar a Fátima [32] surpreendeu-a a memorável chuva torrencial que assinalou aquele dia de outono. Apesar de se ter molhado toda, ensopando a chuva a roupa que vestia, sentiu-se perfeitamente bem no local das aparições. As dores desapareceram para não mais voltar. A intumescência do ventre e dos membros superiores e inferiores desapareceu igualmente como que por encanto. Tendo regressado a casa, desde esse dia até hoje come de tudo, a qualquer hora do dia ou da noite, e, por mais indigestos que sejam os alimentos, não experimenta o mais leve incómodo. Não tornou a sentir falta de ar. Trabalha muito e pode pôr à cabeça fardos pesados como antes da doença. Nunca mais teve tosse. Está gorda, sente-se forte e goza de

excelente saúde. No dia treze de novembro foi de novo a Fátima afim de agradecer a sua cura à Virgem do Rosário.

Eis a narração mais exata possível, sem prejuízo de algum erro insignificante de detalhe, da doença e da cura de Maria do Carmo, narração redigida em face do processo verbal a que procedi de *motu proprio* no dia doze de fevereiro, em Maceira, na presença de várias testemunhas fidedignas e nomeadamente do marido, os quais todos confirmaram a exatidão do seu depoimento. Não cito nomes de testemunhas, posto que a isso esteja autorizado, porque todos os habitantes da freguesia estão intimamente convencidos de que a cura daquela enferma não se pode explicar de modo nenhum pela ação das forças naturais. Poder-se-á considerar realmente essa cura como sobrenatural? Não me compete a mim dizê-lo: é à ciência e sobretudo à Igreja. Será fácil estabelecer com segurança o seu carácter sobrenatural, depois de decorridos tantos meses e não tendo havido provavelmente uma observação médica tão minuciosa como convinha? Ignoro-o, nem com isso me preocupo. O meu intuito é simplesmente chamar a atenção das pessoas sérias e cultas, quaisquer que sejam os seus princípios religiosos ou as suas opiniões acerca da índole dos acontecimentos de Fátima, para estes e outros factos que se me antolham dignos de especial estudo, porque talvez possam contribuir para se determinar claramente a natureza desses acontecimentos. Serão eles o resultado de meras ilusões de sentidos, especialmente [33] da fantasia? Serão uma mistificação habilmente arquitetada pelo poder das trevas? Serão obra de Deus? É o que importa averiguar, sem ideias preconcebidas e sem *parti pris*, como convém a um crítico consciencioso e imparcial. [DCF, III-2 - Doc. 382]

O DIA 13 DE OUTUBRO DE 1919

(DOIS ANOS DEPOIS)

Tínhamos escrito já este ligeiro relato do que se passou em Fátima no dia 13 de outubro de 1919, e hesitávamos em dá-lo à publicidade quando o falecimento da pequena Jacinta, uma das pastorinhas de Fátima veio de novo trazer à tela da discussão este problema que parecia um pouco esquecido.

Nossa Senhora apareceu, realmente, em Fátima?

A esta pergunta não pode, como é natural, dar-se já uma resposta concreta e positiva, quer num sentido quer noutro.

São questões de tal maneira transcendentas que seria temerário da parte de um católico, aceitar ou rejeitar in limine, qualquer intervenção sobrenatural como aquele de que se trata.

O que nos resta pois a fazer é esperar pacientemente ou que a aparição se confirme ou que pelo contrário a sua impressão se desvaneça por completo.

Entretanto devemos pedir e orar muito a Nosso Senhor para que faça brilhar a luz da verdade e ao mesmo tempo devemos fazer a penitência que a Senhora recomendou e que, muito embora a aparição não fosse uma realidade, nem por isso deixa de ser necessária e tantas vezes lembrada por Deus, desde os famosos tempos de Nínive até à gruta de Massabielle.

E ao mesmo tempo que vamos orando convém recolher imparcialmente todos os factos ocorridos sem preocupações de qualquer espécie e unicamente no intuito de esclarecer e fundamentar uma opinião, seja ela qual for.

Por isso nos resolvemos a dar à publicidade este singelo relato, a que acrescentaremos algumas notas soltas muito edificantes sobre a morte da humilde e inocente Jacinta.

[35] A CAMINHO DE FÁTIMA

Raiou o dia treze de outubro de 1919.

Na aldeia, aonde eu tinha chegado de véspera, o relógio da torre marcava no seu mostrador, enegrecido pelo tempo, dez horas e meia da manhã (hora oficial).

Longas fiadas de nuvens pardacentas corriam brandamente no céu, parecendo anunciar uma daquelas medonhas trovoadas, acompanhadas de fortes aguaceiros, que são tão frequentes no princípio do outono.

Percorrendo com a velocidade de sessenta quilómetros à hora a distância que me separava de Vila Nova de Ourém, cheguei a esta importante povoação do distrito de Santarém às onze horas em ponto. Na véspera os jornais de grande circulação, nas suas correspondências da província anunciavam para o dia seguinte desusada concorrência de peregrinos e curiosos à terra das aparições, à estância do mistério e do prodígio, à famosa e sedutora Fátima.

Efetivamente assim sucedia. Era o segundo aniversário da sexta e última aparição aos pequenos videntes de Aljustrel e do assombroso fenómeno solar que eles tinham predito com uma certeza matemática e que cerca de sessenta mil pessoas de todas as classes e condições sociais e de todos os pontos do país tiveram a ventura de presenciar.

Ainda está na memória de todos o eco formidável que esse acontecimento inaudito produziu em toda a imprensa portuguesa, que dele se ocupou largamente.

Na estrada de Vila Nova de Ourém à povoação de Fátima, que fica a doze quilómetros de distância, o movimento, logo ao sair da vila, é extraordinário. Os habitantes assomam às janelas ou aparecem nas varandas ou às portas de suas casas para contemplar o espetáculo interessante e comovente que se depara a seus olhos maravilhados. Veem-se numerosos grupos de pessoas, umas a pé, outras a cavalo. Veículos de todos os tamanhos e de todos os modelos pejam literalmente a estrada. Aqui são homens e mulheres do povo que caminham vagarosamente e em silêncio. Além é uma família de distinção que vai comodamente instalada num trem de luxo. Mais adiante um [36] ilustre oficial do exército guia uma charrete, que conduz algumas pessoas de sua família.

Depois passa um automóvel, que sobe rapidamente a encosta. Os grupos de peregrinos a pé, as filas de carros, as tradicionais burricadas, as fiadas intermináveis das bicicletas, os carros de bois, os trens e os automóveis isolados circulam cada vez em maior número, à medida que o veículo que me transporta, se aproxima vertiginosamente da cumeada da serra.

São onze horas e meia quando chego ao pé da igreja paroquial de Fátima.

Bastantes peregrinos, fatigados do caminho, descansam à beira da estrada, perto da igreja. Faltam ainda três quilómetros para terminar a minha viagem, junto da modesta capela, ereta ao lado da azinheira sagrada. No resto do percurso, o movimento de peões, cavaleiros, trens e automóveis é assombroso. Os peregrinos das povoações mais próximas, satisfeitas as exigências da sua piedade já vão regressando aos seus lares para se entregarem aos trabalhos do campo, que se encontram então na sua atividade, especialmente a vindima e a apanha do figo.

Outros retiram, porque são de longe, tendo perdido a noite na viagem.

Fizeram a sua visita, cumpriram as suas promessas e voltam para suas casas, porque não foi a curiosidade, mas só o dever e a devoção o que os atraiu àquela estância privilegiada.

Achamo-nos neste instante no alto da serra. Àquela hora da manhã e naquela altitude elevada, a temperatura é ainda, como não podia deixar de ser em tal estação, extremamente baixa: sente-se frio. O *side-car* em que viajo tem dificuldade em abrir caminho por entre a mole imensa de povo, que enche a estrada. A buzina toca sem cessar e a marcha do veículo até então vertiginosa, afrouxa consideravelmente.

É notável o silêncio, a compostura e o recolhimento de toda aquela interminável vaga humana.

Dir-se-ia que ela tem a intuição viva e profunda de que o solo que pisa é sagrado e de que uma atmosfera de sobrenatural a envolve e satura. De todas as estradas, [37] caminhos e atalhos aflui gente. Mas eis que a duzentos metros, do lado direito da estrada, se avista no fundo dum vale, uma multidão imensa. Estamos pois, no célebre local, vulgarmente chamado *Cova da Iria*, onde se verificaram as aparições da Rainha do Céu. A linda capelinha ergue-se, já perto de nós, ao lado da azinheira, em que passaram os pés da celeste visão, ostentando as suas paredes de uma alvura puríssima e erguendo para o alto, como uma súplica perene, o seu rústico, mas gracioso telhado de telha encarnada.

Em torno dela estão ajoelhadas, em fervorosa prece, mais de quinhentas pessoas. Aqui e acolá, dum e doutro lado da estrada e por toda a vasta encosta, à sombra das carvalheiras, não se veem senão veículos de todas as espécies e numerosos grupos deromeiros a descansar ou a comer os seus farnéis, num silêncio e gravidade inspirados pela devoção e pelo respeito do local.

CANTANDO E REZANDO!... BENDITO E LOUVADO SEJA!...

É quase meio-dia. Por entre nuvens, que sem cessar perpassam no firmamento o sol aparece de quando em quando e dardeja sobre as nossas cabeças os seus raios vivíssimos. Um grupo de peregrinos vem-se aproximando processionalmente do local. São cerca de cem pessoas: homens, mulheres e crianças. Alguns homens vestem opas, conduzindo um deles à frente um pendão em que se vê um painel com a imagem da Santíssima Virgem. Enquanto caminham, rezam devotamente o terço do rosário, em voz alta. De espaço a espaço, nos intervalos dos mistérios, um coro de vozes argentinas entoam maviolosos cânticos em honra de Nossa Senhora. Pergunto donde vem aquela procissão e dizem-me que é do lugar das Covas, limite de Carreirancha, freguesia do Alqueidão da Serra. A procissão pára junto da capela. Alguns peregrinos entram nela e um deles reza o terço alternadamente com os circunstantes. Parte da multidão está de joelhos, a outra parte de pé. A todo o momento chega gente. Ponho-me a percorrer o local. Um pouco afastado da multidão, um indivíduo, [38] de aspeto venerando, modestamente vestido, está sentado no chão, de mãos postas, desfiando as contas do seu rosário, sem prestar atenção ao que se passa em torno dele.

Entretanto centenas de bocas cantam o comovente cântico popular ao Augustíssimo Sacramento da Eucaristia, o *Bendito e louvado seja*.

DUAS CURAS

Um homem do povo aproxima-se de mim e conta-me a simples mas tocante história da sua cura. Chama-se Manuel Antunes Carvalho e tem 45 anos de idade. Durante a sua narrativa a comoção embarga-lhe por vezes a voz e as lágrimas deslizam-lhe a fio pelas faces, grossas como punhos. Antes da sua doença tinha vindo quatro vezes a Fátima. É a primeira vez que ali volta depois da sua cura. Veio com a mulher e quatro filhos cumprir a promessa que fizera para a obter.

Momentos depois passa diante de mim um homem novo, de maneiras decididas, para o qual me chamam a atenção. Pergunto-lhe por que motivo veio à Fátima. Responde com uma evasiva por suspeitar que eu o interrogava para troçar dele. Vai a retirar-se sacudidamente. Algumas pessoas conseguem convencê-lo de que me acho presente para colher informações destinadas à publicidade. Então volta confiadamente sobre os seus passos e descreve-me a cura de um filho que poucos meses antes julgara perdido sem remédio. Chama-se Veríssimo dos Reis Ambrósio e reside na freguesia da Vidigueira, concelho de Torres Vedras. Diz que estando um seu filho de nove anos em perigo de vida, só com a pele e osso, havia já dois meses, a mãe e a avó materna prometeram ir a Fátima agradecer a cura da criança, se Nossa Senhora houvesse por bem conceder-lhes essa graça. A criança curou-se completamente e ali estava agora, muito gorda e respirando saúde, ao colo da mãe, que entretanto se aproximara para me a mostrar.

[39] UM FOGUETEIRO AGRADECIDO!...

De repente, a cerca de cinquenta metros da capela, um foguetão sobe aos ares e estraleja a enorme altura, produzindo um estampido formidável, semelhante ao tiro de um canhão, que se repercute por montes e vales ao longe e ao largo, fazendo-se ouvir a muitas léguas de distância. A este foguetão sucedem-se mais vinte.

Em torno de mim, algumas pessoas ignorando o motivo daquela salva, manifestam o seu desagrado pela profanação do local das aparições com semelhante cena, que tanto contrastava com o silêncio e recolhimento da multidão. Estranham e lamentam que o clero se alheie por completo do que ali se passa, porque decerto sob a sua direção tais factos não se dariam.

Receiam que as edificantes manifestações de fé, que com tanta frequência se repetem ali, venham a transformar-se, com o decorrer do tempo, em vãos e ruidosos folguedos de arraial. Se a autoridade eclesiástica, diziam essas pessoas, aliás respeitosa e sem espírito de crítica, tivessem alguma ingerência no desenrolar dos acontecimentos de Fátima, não teria permitido essa descabida manifestação de regozijo que representava uma irreverência e um desacato, ou pelo menos teria impedido que ela se realizasse tão perto do venerando padrão dos sucessos maravilhosos. Com um caderno e um lápis na mão dirijo-me ao homem que deitara os foguetões e pergunto-lhe o nome. Ele perfila-se, muda de cor, formaliza-se todo e responde-me num tom sacudido e breve: “Se o senhor é autoridade e vem para me prender por ter deitado os foguetões sem licença, não me importo de pagar a multa ou ir para a cadeia. Cumpri a minha promessa e agora estou por tudo”. Tranquilo-o sem demora, assegurando-lhe que o meu intuito é simplesmente saber se tinha dado a salva de vinte e um tiros em cumprimento de alguma promessa. Então recobra ânimo, a sua fisionomia alegra-se, e, cheio de entusiasmo, põe-se a narrar, numa linguagem singela mas eloquente, a sua tocante história.

Proprietário de uma fábrica de pólvora e fogo de artifício numa importante freguesia do concelho do Porto de Mós, vivia com a sua mulher e filhos entregue às ocupações da sua profissão e gozando de perfeita saúde. No princípio do mês de julho último começou a sofrer duma grave doença gastrointestinal. Os socorros da medicina de nada lhe valeram. De dia para dia o seu estado agravava-se cada vez mais.

Debalde os distintos facultativos Padrão, da Batalha, e Neves, de Alcobaça prodigalizaram à sua cabeceira recursos e desvelos do seu saber e da sua experiência. Perdidas todas as esperanças humanas da cura dos seus males, receando deixar, com a sua morte, os filhos na miséria, volta-se, cheio de confiança, para Aquela que é justamente chamada a Consoladora dos Aflitos e a Saúde dos Enfermos e invoca o seu patrocínio, prometendo, se obtivesse a cura, ir deitar em Fátima, no lugar das aparições, uma salva de vinte e um foguetes morteiros, cada um do preço de um escudo, preparados de propósito para esse fim. Feita a promessa, principia a sentir melhoras e pouco tempo depois acha-se completamente restabelecido. Veio à Fátima acompanhado da mulher, da sogra, de um filho e um sobrinho, agradecer essa graça a Nossa Senhora e cumprir a promessa.

SENHOR DEUS!... MISERICÓRDIA!...

É meio-dia e três quartos.

Uma mulher com uma fogaça à cabeça dirige-se de joelhos para a capela. Rodeiam-na várias pessoas, que a muito custo lhe abrem caminho por entre a multidão compacta que se comprimia em torno do padrão popular comemorativo das aparições.

Pouco depois um homem bem trajado, com um filho ao colo e seguido pela mulher com as lágrimas nos olhos encaminha-se também para a capela.

Entretanto a procissão das Covas reorganiza-se e põe-se em marcha para a igreja paroquial. Junto da capela, uma mulher do povo reza o terço alternadamente com os circunstantes. De tempos a tempos ouvem-se estas súplicas comoventes que partem do fundo da alma: “Senhor [41] Deus, misericórdia! Senhor, escutai a minha oração e chegue até vós o meu clamor!”.

Um cavalheiro do lugar das Marruas (Torres Novas), que aparenta ter cinquenta anos, encontra-se a pequena distância do lugar onde eu estou. Impressiona-me a sua atitude. Dir-se-ia a estátua do sofrimento confortado pela fé. Pessoas que o conhecem contam-me a sua dolorosa história. Nos fins de janeiro do corrente ano um insulto apoplético entorpeceu-lhe os membros inferiores e produziu-lhe na laringe uma grave paralisia, que lhe extinguiu por completo a voz. Caminha com dificuldade e apoiado a uma bengala. Veio à Fátima, esperando com fé viva a sua cura. Aproximo-me, faço-lhe várias perguntas e dirijo-lhe algumas palavras de conforto. A comoção apodera-se dele e o pobre ancião chora alto e convulsivamente como uma criança. A esposa que se encontra a seu lado chora também mas em silêncio, tentando carinhosamente animá-lo. [DCF, III-2 - Doc. 474]

LÚCIA, A VIDENTE

É já uma hora. De boca em boca corre a notícia de que a pastorinha Lúcia, a privilegiada da Virgem, a principal protagonista das aparições vem a caminho da Cova da Iria e está já perto. Ouve-se um sussurro estranho e a multidão agita-se cada vez mais. Inúmeras pessoas precipitam-se ao encontro da vidente. Ela avança com dificuldade e dirige-se para a capela, onde reza o terço alternadamente com o povo.

De quando em quando, ao longe, na estrada, ouve-se a buzina dum automóvel que chega. A multidão é enorme. Formam-se diversos grupos,

que rezam o terço em voz alta. Junto da capela uma rapariga ora fervorosamente invocando cheia de confiança a Rainha da paz.

TEMOS HOMEM!

Nesta altura tomo conhecimento doutro caso extraordinários. Trata-se dum rapaz que veio à Fátima agradecer as suas melhoras a Nossa Senhora. Chama-se Laurentino [42] Carreira Poças. É filho de Adriano Carreira Poças e de Joana Carreira Rebelo Poças e tem catorze anos de idade. Natural do Reguengo do Fetal, foi o ano passado para Leiria, onde tinha obtido colocação como caixeiro numa loja de fazendas. De compleição débil, começou a sentir-se doente e o seu mal estar agravou-se tanto que o patrão resolveu mandá-lo para casa, afim de se tratar convenientemente. Ao chegar ao fundo da escada da sua residência desmaiou e caiu desamparadamente no chão, tal era o seu estado de fraqueza. O dr. Pereira que o tinha tratado durante a sua estada em Leiria, enviou por ele uma carta para um tio de nome Francisco Carreira Poças, na qual dizia que o sobrinho estava tuberculoso. Sua mãe, logo que ele chegou, fez a promessa de ir à Fátima e dar a volta de joelhos à capela com uma oferta à cabeça, se ele melhorasse.

O pobre rapaz sentia uma forte pontada no peito, do lado direito, até à altura do pescoço. Estava proibido de fazer qualquer esforço. A sua magreza era extrema. Não podia brincar. O seu único desejo era estar sempre em descanso. Atualmente não sente mal algum. Veio em bicicleta desde o Reguengo do Fetal, que fica a duas léguas de distância trazendo um rapazito diante de si no guiador do veículo. Na véspera tinha feito três meses que havia chegado doente a casa. Há mês e meio o dr. Pereira tornou a vê-lo em Leiria, onde ele foi consultá-lo e disse que o achava muito melhor, empregando estas palavras textuais que exprimiam ao mesmo tempo surpresa e satisfação: “Temos homem!”.

SALVADA PESTE!

Encontro de novo o pequeno grupo que pouco antes vira entrando para a capela.

São marido, mulher e um filho. O marido chama-se José António Mota e tem 31 anos de idade. A mulher chama-se Maria do Espírito Santo e tem a idade do marido. São naturais do lugar dos Vargos, freguesia do Paço, concelho de Torres Novas. A mulher esteve muito doente com um ataque de broncopneumonia durante cer-[43]ca de um

mês, em outubro e novembro do ano passado. O marido viu-a um dia tão mal que recebeu perdê-la e por esse motivo voltou-se para a Fátima, invocou Nossa Senhora do Rosário e fez a promessa de ir com a família àquela povoação e dar uma esmola em harmonia com as suas posses, se a mulher se curasse.

A Virgem Santíssima fez-lhe essa graça e ele veio em companhia da mulher, de um filho e da sogra, cumprir a promessa. Tinha vindo à Fátima, faz hoje dois anos no dia do grande prodígio.

A alguns metros de distância, do lado da estrada, vê-se avançar de joelhos em direção à capela, uma mulher do povo. É uma hora e meia: precisamente meio-dia astronómico. Devem estar presentes mais de duas mil pessoas. Ao pé de mim uma mulher, profundamente impressionada com tudo quanto tinha observado, dizia com intimativa que, ainda que se visse obrigada a sair para fora do país, havia de fazer toda a diligência por voltar à Fátima.

VIRGEM SANTÍSSIMA, PERDOAI-ME!

Nesta altura um homem bem trajado, que acabava de chegar, rompe por entre a multidão, que se apinhava em torno da capela, contempla com ar de troça e compaixão os peregrinos que oram ajoelhados e para em frente da porta do santuário. Momentos depois, tomado duma comoção íntima, cai de joelhos e profere, num soluço, esta súplica, que os circustantes ouviram distintamente “Virgem Santíssima, perdoai-me!”, ficando muito tempo em recolhimento profundo.

Um oficial a cavalo avança com precaução por entre o povo a alguma distância da capela. Pergunto quem é e dizem-me que é o administrador do concelho. Observa com atenção tudo quanto sucede e passeia constantemente dum lado para o outro. Parece-me ter empenho em não faltar aos deveres que a correção impõe a uma pessoa inteligente e bem educada, apesar das ideias avançadas que me dizem possuir.

[45] MORRERÁ A JACINTA?!...

Chega ao pé de mim Jacinta de Jesus Marto, uma das videntes de Aljustrel, acompanhada pela mãe. Ambas trajam rigoroso luto por motivo do falecimento de Francisco Marto, irmão da Jacinta, que também tinha sido favorecido com a visão da Virgem e que até ao último suspiro sustentou sempre a verdade das suas narrativas. A pequena está

esquelética. Os braços são de uma magreza assombrosa. Desde que saiu do hospital de Vila Nova de Ourém, onde durante dois meses se esteve tratando sem resultado, anda sempre a arder em febre. O seu aspeto inspira compaixão.

Pobre criança! Ainda o ano passado cheia de vida e saúde, e já hoje como uma flor murcha, pendendo à beira do sepulcro! A tuberculose, depois de um ataque de broncopneumonia e duma pleurisia purulenta, mina-lhe desapidadamente o débil organismo. Só um tratamento apropriado num bom sanatório é que poderia talvez salvá-la. Mas seus pais conquanto não sejam pobres, não podem fazer face às avultadas despesas que esse tratamento exige.

Bernadette, a humilde zagala de Lourdes, ouviu da boca da Imaculada, que se dignou aparecer-lhe nas rochas de Massabielle, a promessa de que a faria feliz, não neste mundo, mas no outro.

Teria a Virgem feito idêntica promessa à pastorinha da serra de Minde, a quem comunicou um segredo, que a vidente a ninguém pode revelar?

Assim os sofrimentos de Jacinta de Jesus, suportados com resignação cristã, serão para ela uma fonte de merecimentos que hão de tornar mais brilhante e preciosa a sua coroa de glória no Céu.

TERRA ABENÇOADA!

Juntamente com a peregrinação das Covas, que regressa da igreja paroquial, vem uma rapariga que sofria de uma grave enfermidade e cuja cura, atribuída à intercessão de Nossa Senhora de Fátima, tem sido o assunto das conversas de todos os romeiros nos últimos meses.

[46] Muitas pessoas a acompanham, ouvindo da sua boca a narração dos episódios da sua doença e da sua cura.

Está já perto da capela. Aproximo-me, rompendo a custo por entre a multidão que a envolve num círculo apertado.

Passo a interrogá-la. Chama-se Maria da Conceição, tem 21 anos é filha de Francisco Correia e Maria dos Anjos Correia e natural e moradora no lugar da Carreirancha, freguesia do Alqueidão da Serra, distrito de Leiria. Tem dois irmãos e quatro irmãs, que vivem com ela na casa paterna.

Mora num dos extremos do lugar, na parte mais alta. Há sete anos sofreu dum forte ataque de gripe e, não se tendo tratado como devia, o estado geral da sua saúde ressentiu-se imenso. Alguns meses depois de ter tido a gripe sobreveio-lhe uma meningite cerebrospinal, sendo tratada durante esta grave doença pelo dr. Padrão, da Batalha. Os remédios

que tomava não lhe produziam alívio algum. Sentia dores violentas na cabeça, no peito e nas pernas. Uma tosse funda e seca atormentava-lhe constantemente o peito. Há cerca de três anos e meio deitou sangue com abundância pela boca durante quinze dias consecutivos. O sangue deixou de correr depois de instantes súplicas a Nossa Senhora. Muita gente, vendo o seu estado de fraqueza e abatimento, dizia que ela estava condenada a morrer em breve, vítima da tuberculose. Durante os últimos sete meses esteve de cama, parálítica, mal se podendo mover. As dores que experimentava eram horripilantes. Não descansava nem de dia nem de noite, porque a violência das dores não lhe permitia conciliar o sono. Porém, no meio dos seus atrozes sofrimentos, nunca perdera a confiança na proteção da Santíssima Virgem, de quem esperava inabalavelmente a sua cura.

No dia 23 de março do corrente ano, à tarde, disse à família que Nossa Senhora lhe tinha aparecido e assegurado que dois dias depois, às 9 horas da manhã, se poderia levantar do seu leito de dor, recomendando-lhe que fosse à Fátima e prometendo-lhe que se havia de curar com o uso da terra do local das aparições. Contra a expectativa da família, que se recusava a prestar crédito [47] ao que ela dizia, supondo-a vítima de uma alucinação, no dia 25, à hora marcada, a doente levanta--se, com grande estupefação de todos, e, montando a cavalo, parte para a Fátima. Tendo regressado a casa, depois de satisfeitas as suas devoções e de dadas as devidas ações de graças, faz uma novena. Rezando o terço e uma estação cada dia e, aplicando a terra do local das aparições dissolvida em água como remédio para uso externo e interno, sente-se curada no fim da novena. Atualmente caminha sem dificuldade, não se cansa com o trabalho, nem sente dores. Todos os meses desde então tem ido à Fátima, no dia 13, exceto no mês de setembro, agradecer a Nossa Senhora a sua cura. Manuel Pastilhas e Maria de Jesus, de Boiceiros, e outras pessoas, que a acompanham, afirmam tê-la visto em estado lamentável, parálítica e extremamente magra.

OUTRA CURA

Em torno de mim comprime-se uma multidão enorme. Todos querem ouvir a narração da cura de Maria da Conceição, mas é impossível. A custo consigo romper o círculo de ferro que me aperta. Um homem do povo dirige-se a mim e conta-me a traços largos a interessante história da sua cura. Chama-se António de Oliveira Dias, tem 58 anos de idade

e reside no lugar dos Carrascos, freguesia do Paço, concelho de Torres Novas. Sofria, havia doze anos, duma faringite crónica, rebelde a todo o tratamento. Os médicos eram de opinião que nunca se curaria radicalmente. Em treze de outubro de 1917 tinha vindo à Fátima e presenciado o estupendo fenómeno solar. Em novembro desse mesmo ano fez a promessa de ir à Fátima agradecer a Nossa Senhora a sua cura, se ela se dignasse alcançar-lhe essa graça, por que tanto suspirava. A partir dessa data, apesar de não fazer nenhum tratamento, foi melhorando pouco a pouco e, passado um ano, em novembro de 1918, achou-se completamente curado.

[48] SANGUE RUIM!

Um grupo interessante de quatro pessoas uma senhora e três meninas, – chama a atenção dos circunstantes. Vêm agradecer a Nossa Senhora a cura, de que uma delas foi objeto. São mãe, duas filhas e uma afilhada.

Residem em Lisboa na R. de D. Estefânia, nº 115, 3º. A mãe chama-se D. Amélia Júlia dos Santos, viúva de Carlos Alberto dos Santos. Uma das filhas, a mais velha, é a protagonista deste comovente episódio. O seu nome é Maria Manuel dos Santos e tem 25 anos de idade. Esteve quatro anos como aluna no Colégio de S. Pedro de Alcântara, tendo entrado em 1910 e saído em 1914. Pertence a uma família rudemente provada pelo sofrimento.

Muitos parentes próximos têm morrido tuberculosos, entre eles um irmão com seis anos de idade. O pai morreu louco e um irmão enlouqueceu há meses, encontrando-se atualmente no hospital dos irmãos de S. João de Deus, no Telhal.

Concluídos os estudos saiu do Colégio e foi para o Alentejo, estabelecendo-se como professora particular em Arraiolos, onde chegou a catorze de outubro de 1914. Poucos dias depois foi acometida dum ataque de apendicite, tendo retirado para Lisboa por conselho do médico a vinte e quatro do mesmo mês. Em novembro do ano seguinte sofreu um segundo ataque, e um terceiro em março. A vinte e oito de maio entrou para o hospital de D. Estefânia, afim de ser operada. A operação teve lugar a onze de junho e foi feita pelos drs. Monjardim, Pinto Coelho e Medeiros. No fim do mês, a vinte e oito, saiu do hospital, sendo conduzida num trem a sua casa. Esteve pouco mais dum mês em casa, voltando de novo para o hospital, a quinze de agosto porque o seu estado de saúde se agravara. Ali esteve até agosto de novembro, dia em

que foi operada pela segunda vez. Entretanto começou de sentir uma dor fortíssima, que tinha a sua localização na perna direita, estendendo-se desde o quadril até ao joelho. Por vezes a violência da dor atingia o paroxismo, tornando-se insuportável. Só conseguia sossegar à força de injeções.

Havia épocas em que não dormia durante noites consecutivas. A perna estava sempre encolhida e dobrada.

Eram-lhe aplicadas extensões de ligaduras e gessadas. A febre era constante, mas não muito alta.

Definhava e emagrecia de dia para dia. O apetite desapareceu. Foram-lhe receitados vários tónicos – glicerofosfato de cal, xarope iodotânico e estriquinina, e injeções de diversas espécies – arrenhal, cocodilato e dinamol.

A sua doença foi diagnosticada de coxalgia, proveniente de uma queda que a enferma dera, quando ainda criança, de um quarto para um terceiro andar pela escada. Quando sucedeu esse desastre contava onze anos. Ficara apenas com a perna magoada e cheia de nódoas negras, que depressa se desvaneceram sem deixarem vestígios de lesão interna.

Os médicos eram de parecer que a ação do clorofórmio e do éter, com que foi anestesiada por ocasião das operações tinha posto a descoberto a doença latente. [DCF, III-2, Doc. 480]

VIA DOLOROSA

Antes da segunda operação as dores não eram tão fortes, e a doente podia andar, embora com muita dificuldade. Morava então na Rua de Passos Manuel, próximo do Largo de Santa Bárbara. Ficava a duzentos passos do hospital. Conservou-se em observação e tratamento durante um ano, estando ora três meses no hospital, ora seis meses em casa.

Quando estava em casa, ia ao hospital fazer o tratamento, apoiando-se a uma sombrinha. Teve de internar-se no hospital umas cinco vezes, indo ora de trem, ora em maca. Depois de dois anos e meio de tratamento, no dia um de novembro de 1916, por conselho dos médicos, saíu do hospital de D. Estefânia para o Sanatório do Outão, na esperança de que o ar do mar trouxesse algum lenitivo aos seus padecimentos. Foi transportada até ao Terreiro do Paço num automóvel da Cruz Vermelha. Passaram-na ao colo para o vapor que fez a travessia do Tejo. Do Barreiro foi levada nas mesmas condições para o comboio, em que seguiu para Setúbal. Ali aguardava-a um automóvel, que a conduziu ao Sanatório.

[50] NO SANATÓRIO

Nessa estância estive dez meses.

Durante o primeiro mês não se levantou da cama. Depois, com o auxílio de muletas, começou a andar a pé com a perna metida num aparelho de gesso. Ao cabo de sete meses, declarou-se-lhe uma coxalgia também na perna esquerda. Sentiu uma dor aguda na coxa, a perna principiou a encolher, vendo-se a infeliz menina obrigada a recolher à cama. A perna direita continuava imobilizada no aparelho de gesso e a perna esquerda foi adaptada uma bota de gesso. Como o médico que a tratava havia partido para França e o clínico que lhe sucedeu na direção do Sanatório era especialista de doenças pulmonares e não de doenças ósseas, a enferma tinha vontade de regressar a Lisboa. Entretanto o seu estado de saúde piorou por motivo de uma infeção intestinal, que lhe sobreveio.

Uma doente sua amiga, que para ela fora sempre uma desvelada enfermeira, compadecida do seu estado, escreveu à mãe uma carta, em que lhe dizia que fosse buscar a filha, porque ela estava a morrer.

A pobre senhora, com a alma alanceada de dor, partiu sem demora para o Outão, afim de levar a filha para a capital, mas, como o médico se opusesse ao que, justamente, considerava uma temeridade, desistiu, por então, do seu intento, regressando sozinha a Lisboa. Passados cinco dias por diligências suas, uma enfermeira do hospital de D. Estefânia seguiu para o Sanatório, a fim de ver se conseguia trazer a enferma para casa.

Por essa ocasião uma professora de Lisboa costumava ir três vezes por semana ensinar labores às crianças do Sanatório.

Aproveitou-se um dos dias em que ela regressava à capital para que pudesse acompanhar a doente, que veio também acompanhada pela enfermeira já referida e por um enfermeiro do Sanatório.

[51] DE HERODES PARA PILATOS!...

No pátio do Sanatório, um trem recebia a enferma, que foi transportada num tabuleiro aos ombros de dois criados. No trem vinha ao colo da professora e da enfermeira. Uma das pernas estava metida no aparelho e a outra na bota de gesso e entre talas. As dores eram horríveis. A fraqueza era extrema. Qualquer movimento fazia-a desmaiar. Na estação de Setúbal os seus três companheiros de viagem transportaram-na do trem para o comboio com mil precauções.

Um indivíduo que seguia no mesmo compartimento, ajudou-a caritativamente a subir e a instalar-se. Durante o trajeto perdeu os sentidos repetidas vezes.

A enfermeira não lhe sentindo o pulso afligia-se imenso com receio de que ela morresse durante a viagem. No Barreiro foi transportada em braços, desmaiada, do comboio para o vapor, e bem assim em Lisboa, do vapor para o automóvel da Cruz Vermelha, que a conduziu a casa, já então na rua de D. Estefânia. No cais a família aguardava a sua chegada. Quando desembarcou a sua palidez era cadavérica. As pessoas que a viam passar lamentavam, cheias de compaixão, a sua triste sorte. Umas diziam que ela estava morta, outras que estava ferida, outras finalmente, que estava queimada. Na pequena maca do automóvel foi conduzida até à cama, num terceiro andar.

Era o dia dez de agosto. Por indicação de um farmacêutico das relações da família mandou-se chamar o dr. Miranda, especialista de doenças ósseas. Só oito ou dez dias depois é que esse médico pôde visitar a doente. Logo que a viu, aconselhou-a a ir ao hospital à consulta, a fim de se lhe pôr um novo aparelho. Ela assim fez. Foi eterizada para lhe poderem estender convenientemente as pernas. Como porém, o aparelho não ficasse bem e se quebrasse, não estando por isso a perna tão direita como era preciso, o médico mandou-a estar dez dias com uma extensão. Depois voltou para casa. Mais tarde, no dia seis de julho de 1918, foi ao consultório do dr. Miranda, na Avenida da Liberdade, para que ele lhe [52] pusesse, como efetivamente pôs, outro aparelho, grande, desde os joelhos até ao estômago. Foi em maca num automóvel da Cruz Vermelha, o qual esperou que fosse posto o aparelho, transportando-a depois para casa. Conservou esse aparelho durante os meses de janeiro e fevereiro. Entretanto a enferma por intermédio das empregadas do hospital ia fornecendo ao médico informações acerca do seu estado. Pela Páscoa mandou-lhe pedir que lhe fosse aplicar outro aparelho, porque ainda sentia dores. O médico disse-lhe que havia de ficar sempre com dores e aconselhou-a a que comprasse o cabedal preciso, pois ele se prontificava a fazer um aparelho, que ela devia usar durante toda a vida. Como o aparelho de gesso se tivesse partido e ela sentisse poucas dores quando ele estava em bom estado, pediu ao médico que substituisse aquele aparelho por outro também de gesso. O médico acedeu. A doente foi, por isso para o hospital, onde esteve catorze dias certos. Entrou a doze de março e saiu a vinte e oito do mesmo mês, sexta-feira santa. Foi e veio num automóvel da Cruz Vermelha, ficando três meses de cama com o mesmo aparelho.

A PIEDADE DE UMA IRMÃ

Por ocasião da última aparição de Fátima, a treze de outubro de 1917, sua irmã Lúcia Maria Ana dos Santos, de vinte anos de idade, que estava a passar o verão no lugar dos Carrascos, freguesia do Paço, concelho de Torres Novas, em casa de sua prima Amélia Estêvão, foi com várias pessoas de família àquela povoação da serra de Minde e assistiu aos fenómenos maravilhosos que ali se verificaram, pedindo com o maior fervor e na maior aflição à Santíssima Virgem que se dignasse curar a irmã. A cura da irmã era a sua grande preocupação de todos os dias, de todas as horas, de todos os instantes. Era o seu mais ardente desejo, a graça que mais ambicionava, o favor do Céu que suplicava com mais vivo empenho e com maior constância. Já no dia treze do mês anterior tinha ido a Fátima e implorado ardentemente essa graça. Antes desse dia, ainda em setembro, tinha pedido a um [53] primo seu, Júlio Neto de Almeida que não se esquecesse de recomendar a sua intenção às pastorinhas privilegiadas de Fátima. A treze de outubro ela própria pediu às videntes o auxílio de suas orações e prometeu que a irmã iria à Fátima agradecer a sua cura se Nossa Senhora se dignasse favorecê-la com essa graça. Entretanto continuava a orar a Nossa Senhora da Fátima, alimentando a esperança de ver a irmã curada, apesar das graves crises por que ela passava e de todos perderem as últimas esperanças de salvação.

UMA CURA EXTRAORDINÁRIA! DIZ O MÉDICO...

A enferma, quando passados três meses, em junho, se tirou o último aparelho, como a enfermeira se oferecesse para a levar ao colo até ao banho, recusou o oferecimento, dizendo que podia ir por seu pé. Um mês depois já andava sem se encostar a coisa alguma, embora com dificuldade. Foi depois para Fanhões, nas proximidades de Loures, regressando a Lisboa passados dois meses. Ali andava apoiada a uma bengala, vindo de lá a caminhar bem. Antes de sair para Fanhões, foi ao hospital.

O médico, ao vê-la, ficou estupefacto. Não queria crer que fosse a mesma pessoa. Interpelou-a, dizendo “Ó rapariga és tu?! Parece um milagre!”. E logo, como que considerando, acrescentou: “Um milagre, não uma cura extraordinária, um caso raro.” Depois observou-a atentamente e disse que a achava boa.

Muitas pessoas das relações da enferma, que eram pouco crentes, diziam assombradas, que a sua cura parecia um milagre.

As pessoas de sentimentos religiosos, que tinham conhecido o seu lastimoso estado não alimentavam dúvidas a respeito do caráter sobrenatural da sua cura...

[DCF, III-2 - Doc. 492]

PEDI E RECEBEREIS

Por ocasião das duas operações a enferma recebeu os sacramentos. A irmã todos os dias ou quase todos os dias, sobretudo depois dos acontecimentos de Fátima, re-[54]zava o terço do rosário e oferecia-o pela sua cura. A doente, por carta que a irmã escreveu dos Carrascos à mãe, quando da sua ida a Fátima, soube da promessa que ela tinha feito e associara-se às suas intenções, mas conformando-se resignadamente com a vontade de Deus e pedindo a Nossa Senhora que fizesse o que fosse melhor para a sua alma.

COMO ERA BOM CONTINUAR AQUI!...

São três horas menos um quarto.

Estão presentes mais de mil pessoas.

O movimento de vaivém é extraordinário. Entretanto tomo conhecimento doutra cura. Maria José, de 50 anos, natural do lugar da Maxieira, freguesia de Fátima, casada com António do Rosário, começou a sofrer gravemente dos olhos no mês de julho findo. Turvava-se-lhe a vista, vendo muito pouco. Tinha dores e prurido nos olhos. Prometeu, se melhorasse, ir de joelhos até junto da capela desde o ponto que primeiro a avistasse. Sente-se efetivamente melhor, quase de todo curada. Veio por isso cumprir hoje a promessa.

Olho em torno de mim. O espetáculo é soberbo. A multidão parece arrancar-se com dificuldade deste lugar sagrado, a que ficam presos os corações. Desfruta-se aqui uma alegria suave e santa, uma consolação que não parece deste mundo. Respira-se o sobrenatural a largos tragos.

... MAS É PRECISO PARTIR!...

São horas de regressar. O meu relógio marca quatro horas. Parto para a igreja paroquial, que anda em reparações. Muitos peregrinos vão ali visitar Jesus Sacramentado e ver as obras. Os operários, quando ultimamente procediam à demolição de uma parte das paredes do altar-

-mor, descobriram uma estátua de Nossa Senhora com o Menino Jesus ao colo, de tamanho natural e em perfeito estado de conservação. A descoberta desta imagem causou sensação a toda a região e entre os peregrinos, tanto mais que tudo parece indicar que se trata de uma imagem de Nossa Senhora do Rosário.

[55]DE REGRESSO A CASA!...

Pelas estradas que percorro e que vão cheias de romeiros, de regressam a suas casas, vê-se o mesmo espetáculo da manhã, mas talvez ainda mais impressionante. Ao perto e ao longe, não se ouve senão a recitação cadenciada do terço do rosário, ou o canto da ladainha da Santíssima Virgem, ou de Hinos populares em sua honra.

E quando, à noite, a sete léguas de Fátima, me dirigia, depois de jantar, para a estação de Paialvo, a fim de tomar o rápido de Lisboa, ainda pelas estradas se ouvia o Avé de Lourdes, cantado pelos peregrinos que, a pé ou a cavalo, suspiravam por chegar o mais depressa possível aos seus lares distantes, onde nos serões de inverno à lareira, irão recontar aos que tinham ficado, as estupendas maravilhas da misteriosa Fátima. E com o poeta repetirão, cantando cheios de fé e confiança na Augusta Padroeira de Portugal, as formosas e inspiradas estrofes, cujos sons os montes e vales da serra de Aire parecem repercutir ao longe:

Hoje...Mas hoje ainda é estrela
Santa Maria!... Ainda é Mãe!
Veio ao condado de Nuno
dizê-lo em terras de Ourém!

Quando em Roma em culto alçava
Dom Nuno a trono de luz,
veio a Fátima a sorrir-nos
a doce mãe de Jesus!

Veio dizer-nos, na bruma
da nossa tarde sombria,
que ora do Céu por nós velam
Frei Nuno e Santa Maria.

[57] A MORTE DA PEQUENA JACINTA

Como prometêramos vamos agora dar aos leitores umas ligeiras notas sobre o falecimento da pequena Jacinta, uma das videntes de Fátima, e seguidamente diremos também alguma coisa sobre as nossas impressões do dia treze de maio de 1920 que a inesperada proibição da autoridade veio pôr em destaque, produzindo efeito contraproducente.

É crença geral entre o povo que toda a família das crianças, assim como também estas, estão condenadas a desaparecer dentro de pouco tempo, e acrescenta-se que isso lhes teria sido anunciado pela Senhora. Qualquer que seja o fundamento desta crença, o certo é que o pequeno Francisco, irmão da Jacinta, já faleceu; a Jacinta também, o pai de Lúcia da mesma forma, e a mãe esteve há pouco tempo à morte, assim como também está muito mal uma irmã da Jacinta¹.

Das três crianças apenas resta a Lúcia que era a que conversava com a Senhora, segundo ela afirma.

A Jacinta, que era relativamente robusta, teve, como dissémos, a pneumónica, donde lhe resultou uma pleurisia purulenta, seguida de outras complicações.

Tendo vindo a Fátima um distinto especialista da capital, e tendo observado a pequena, empenhou-se em que ela fosse para Lisboa, a fim de ver se, por meio de uma operação, era possível, ainda, salvá-la.

Buscou-se-lhe alojamento em casa de alguma pessoa abastada, mas nada se conseguiu.

Foi então hospedar-se na pobre morada de uma modesta criatura, que a recebeu de bom grado, com grande contentamento da pequena, que tirada do seu meio provinciano, toda ela era acanhamento e confusão.

Para fazer a operação escolheu-se o hospital de D. Estefânia.

Antes, porém, de a criança recolher ao hospital, disse ela que a Senhora lhe havia novamente aparecido, asse-[58]gurando-lhe que *morria*, e por isso a pequena achava que a operação era inútil.

Apesar disso, e muito embora ela teimasse que tudo era inútil, fez-se-lhe a operação que correu bem, muito embora sem êxito feliz, como se viu.

Quatro dias antes de morrer, como a criança tivesse grandes dores e se queixasse, dizia-lhe a criatura que a havia recolhido e que ela tratava por *madrinha*, que suportasse com paciência as suas dores que isso seria muito agradável a Deus.

Na manhã do dia seguinte disse-lhe a Jacinta:

¹ Faleceu ao princípio do mês de maio findo.

– *Olhe madrinha! Eu já não me queixo! Nossa Senhora tornou-me a aparecer, dizendo que em breve me viria buscar – e me tirava já as dores!*

E de facto, desde esse dia até que morreu, segundo se diz, não tornou a queixar-se nem deu mostras de sofrimento.

Sucedendo a *madrinha* passar ou sentar-se ao pé da cama, não longe do sítio em que a Jacinta disse ter visto a Senhora – exclamou:

– *Tire-se daí, madrinha, que aí esteve a Senhora!...*

E a mesma preocupação se lhe apresentava quando alguma enfermeira passava pelo mesmo sítio.

Como fossem ao hospital algumas pessoas, imodestamente vestidas, ou vê-la a ela, ou ver outros doentes, e algumas enfermeiras apresentassem certos exageros no traje, – dizia indicando essas pessoas e referindo-se a determinados certos enfeites e decotes:

– *Para que serve aquilo! Se soubessem o que é a eternidade!...*

– Falando de alguns médicos que ela julgava serem incrédulos – lastimava-os dizendo:

– *Coitados, mal sabem eles o que os espera!*

Afirmava a vidente que Nossa Senhora lhe havia comunicado: *que o pecado que leva mais gente à perdição — era o pecado da carne, que era preciso deixarem-se de luxos, que não deviam obstinar-se no pecado como até aqui; que era preciso fazer muita penitência.*

E parece que a Senhora ao dizer isto se mostrava muito consternada, – porque a pequena acrescentava:

[59] – *Ai! Eu tenho muita pena de Nossa Senhora! Tenho muita pena!*

Enquanto esteve em casa, antes de ir para o hospital, vivia em companhia doutra pequenita, – a quem ela recomendava muitas vezes – *que fosse muito obediente, que não fosse preguiçosa e que nunca faltasse à verdade.*

Pouco antes de morrer – perguntando-lhe se queria tornar a ver a mãe, respondeu: *que a família dela durava pouco tempo e que em breve se encontrariam no céu.*

Disse mais que Nossa Senhora – *devia ainda aparecer outra vez, mas não a ela, porque com certeza morria segundo ela lhe disse.*

Pediu licença para se confessar, muito embora se tivesse confessado e comungado antes de entrar para o hospital.

Foi confessá-la – o rev.^{mo} prior dos Anjos, Dr. Pereira dos Reis, mas não teve tempo de lhe dar a comunhão.

Entrou para o hospital no dia 2 de fevereiro, e morreu no dia 20.

Depois de falecer, alguém aventou a ideia de a transportarem para a terra de sua naturalidade e assim se fez, arranjando-se uma subcrição para esse fim.

Muitas das pessoas que a não tinham querido receber em sua casa, depois que a pequena morreu, já todas se mostravam solícitas em lhe prestar homenagem, até talvez com um bocadinho de exagero, – o que provocou alguns reparos justos dum ilustre sacerdote.

Esteve o cadáver da pequena na casa do despacho da igreja dos Anjos, aguardando a remoção para a estação e as necessárias formalidades, saíndo depois com grande acompanhamento.

Alguém notou a coincidência de quando saíu o enterro, se achar na igreja o Dr. Domingos Pinto Coelho e algumas pessoas de família, que por incidente ali haviam ido, e relacionou este facto com o célebre artigo escrito por sua ex^a em outubro de 1917 que, apesar de ortodoxo, motivou reparos de alguma gente que ferve em pouca água.

A pequena deixou dois segredos, para uma pessoa que se tem interessado por este assunto.

Em suma e em conclusão:

Deus permita que a luz da verdade resplandeça sobre [60] este caso, não só pelo que ele possa ter de miraculoso – como pelas consequências que daí possam resultar para a regeneração espiritual desta nossa querida pátria.

E entretanto, seja como for, vamos nós cumprindo a exortação o que a pequena atribui a Nossa Senhora – e que é, afinal, a doutrina da Igreja:

Façamos penitência! Evitemos o luxo e o pecado da carne! Não nos obstinemos no pecado – para que não suceda como a alguns a quem a pequena se referiu, quando dizendo-lhe a madrinha que era preciso orar por eles, ela respondeu:

– Pois sim madrinha, mas esses já não têm remédio!

[DCF, III-2 - Doc. 528]

O DIA TREZE DE MAIO DE 1920

O DILÚVIO

Cheguei no dia treze de maio último, de madrugada, a Vila Nova de Ourém, debaixo de uma carga de água torrencial, entre o fuzilar dos relâmpagos e o ribombar dos trovões.

À minha saída de Lisboa, corriam os boatos mais terroristas sobre o caso de Fátima, dizendo-se que era inútil a viagem porque havia ordens terminantes para não deixar passar ninguém de Vila Nova de Ourém.

Por esse por motivo, muitos que tinham combinado vir comigo não vieram, mas eu teimei e vim, quando mais não fosse, para ver o que havia de verdade.

Ao mesmo tempo que eu, chegaram duas senhoras, uma nova ainda, elegante e formosa com uns grandes olhos cor de miosótis, filha de um antigo ministro da monarquia, e a outra de aparência distinta, já de certa idade, e que me consta ser aparentada com uma das famílias mais conhecidas da Beira, e nomeadamente da Guarda.

Coitadas! Debaixo daquela chuvada toda, que até fazia lembrar o versículo genesíaco:

– *Et apertae sunt cataractae aquarum et fontes abyssi magni.*
Não se queixavam, tamanha era a sua fé e entusiasmo, e apenas as preocupava a ideia de que as não deixariam chegar ao local das aparições!...

[61] A ARCA DE NOÉ

A muito custo lá conseguimos chegar a uma estalagenzita que fica mesmo em frente da igreja e que dá pelo nome de *Hospedaria da Maria Joana*, e aí descansámos um pouco, num canapé tremelicante, até romper o dia, pois a respeito de quartos era coisa que não havia.

Manhãzinha cedo, mal luziu o buraco, sentimos um grande tropel de cavalos.

Corremos à janela!

Era um esquadrão de cavalaria da guarda republicana, que marchava a todo o galope para a Fátima.

– Então sempre seria verdade?

Inquirimos da criada da locanda *o que havia... que se dizia por lá...*

– A mesma incerteza ... Boatos!... Boatos!

Que havia infantaria... cavalaria... metralhadoras... não sei que mais...

Uma ofensiva em regra!

– Mas porquê, Santo Deus?!...

Ninguém sabia explicar!... dizia a mulherzinha.

– Uma coisa já conseguiram eles:

De Ourém não vai ninguém à Fátima. Estavam todos os carros alugados a 40\$000 cada um. Pois foram todos dispensados com grande zanga do alquilador que é republicano esturrado, e que não percebe porque razão se pode proibir a um cidadão pacífico de ir em passeio onde muito bem lhe apeteça!

De Tomar não vem ninguém pelos mesmos motivos!

Em muitos concelhos, segundo dizem os respetivos administradores do concelho, proibiram a saída dos veículos!!...

Estávamos nesta conversa quando nos apareceu um rapazito da J. C. de Lisboa, dono de uma tipografia para os lados de Belém, e daí a nada o Dr. Dinis da Fonseca que dormira na hospedaria, pois tinha ali vindo na véspera defender um réu numa audiência geral.

Peço informações. Também não sabem. Que até à Fá-[61]tima, parece que deixarão ir, daí por diante não... *que ralha o Pai do Céu!*...

Tinha levantado a chuva!...

Desço abaixo à rua e começo a ver passar carros, carroças, automóveis, *camions*, gente a pé, gente a cavalo, uma verdadeira romaria!...

– Ah! mas então para que diacho serviu a proibição? Começo eu a pensar...

Eu pensava que não encontraria ninguém e afinal vejo constantemente passar homens, mulheres e crianças... num verdadeiro corropio!...

É uma interminável fita de povo!

O HERODES DE OURÉM

Char à bancs enormes, puxados por machos guizalhantes, carregados de gente a rir pela estrada fora, a rir como perdida, da figura do administrador que eu vejo agora especado no meio da rua... de palhinhas, muito embaçado... com um sorrizinho amarelo a desfranzir-lhe as comissuras dos lábios... carroças engrinaldadas de flores e automóveis trepidantes com rouquejar forte de sereias ou estridentes *arreda dos auto-boxes*, *camions* pesados e resfolegantes, com seus tejadilhos amplos repletos de farnéis, e cortinas a dar... a dar!..., *caleches e landaus* aristocráticos, modestas carripanas, mulheres e homens a pé, encharcados, enlameados, com os guarda-chuvas em funeral, escorrendo água, mas satisfeitos, felizes, com cara presenteira, tudo isso desfilou diante de mim como uma longa fita cinematográfica!...

Donde vinha tanta gente? De muita parte, mas sobretudo de Torres Novas, dizem.

Afinal passava-se!... De Ourém pelo menos!

Mas que andaria o administrador com o seu *palhinhas*, e cirandar dum lado para o outro?!...

Nova fita?!... Quem sabe!...

Eu queria seguir cedo para Fátima. Mas a missa?
Pergunto a que horas é na matriz:
Às 11!
Demais a mais, num dia tão caro, eu desejaria receber Nosso Senhor.
Deixo ir toda a gente e espero pela missa...

[63] A CAMINHO DE FÁTIMA

Depois de ouvir missa e comungar, almoço e sigo caminho de Fátima, subindo a íngreme ladeira que durante uns poucos de quilómetros serpeia pelos cabeços de Ourém, até lá.

O panorama é surpreendente.

A terra cheia de verdura e empapada em água brilha à luz dum sol envergonhado, fazendo negaça entre nuvens, ainda ameaçadoras de novas borrascas.

Por toda a parte à beira da estrada, casinhas rústicas afestoadas de tocar, numa profusão, como nunca vi.

Na parede que circunda um trigal ondeante estrelado de papoulas e malmequeres um rancho de petizes teve a delicada ideia de encher com flores campezinhas todos os interstícios livres das pedras!

Vamos subindo sempre...

O Castelo de Ourém, o Castelo do Santo Condestável, ergue para o Céu o seu perfil artístico, coroando o cume da montanha em que assenta.

Aqui são cabeços de mato encantadoramente boleados, arregoados de vales, cheios de verdura onde serpeiam regatos fugitivos que a chuva da manhã tornara barrentos e apressados.

Passa veloz, vindo de cima um automóvel que deixa ver dum lado e doutro carabinas em leque, ameaçadoras...

É o administrador do concelho... e a sua escolta!...

Não a veio fazer boa, diz um rapaz que nos segue em bicicleta, pedalando...

Há hora e meia já que vimos subindo...

Fátima não está longe!...

Entram de novo a cair pingas de água...

Daí a pouco tempo entrávamos efetivamente no pequeno largo junto à Igreja.

Por toda a parte carros, carroças e automóveis parados. Uma grande multidão de gente, alguns milhares de pessoas enchiam o largo e atulhavam a igreja.

No meio da estrada forças de infantaria e cavalaria da guarda republicana, impedem de passar adiante.

[64] POR AQUI NÃO SE PASSA!

Faltam ainda uns três quilómetros para chegar ao local das aparições. Indago dos circunstantes, se não tem passado ninguém.

Até ao meio-dia passou toda a gente, mas depois veio o administrador do concelho e deu ordem em contrário.

Pergunto ao comandante da força se não pode passar-se. Delicadamente ele informou:

– Até aqui tenho deixado passar, mas o administrador do concelho, manda agora o contrário; tenho de cumprir as ordens.

Retrocedo e venho para o pé da enorme multidão que dentro da igreja e no alpendre, em volta, comenta o caso tristemente sem compreender como é que há perigo de ordem pública na Cova da Iria, e não há três quilómetros de distância, sendo a gente a mesma!...

É uma perfeita estupidez!...

Muita gente não podendo seguir pela estrada precipita-se ainda através dos campos, furtivamente, saltando muros, e lá consegue chegar até ao local da aparição, dando-se por muito feliz de poder ajoelhar na terra molhada e recitar devotamente o terço.

Será isto que põe em risco o regime?!...

[DCF, III-2 - Doc. 532]

ORAÇÃO, COMUNHÃO E PENITÊNCIA!

Dentro da igreja o Dr. Cruz faz piedosas práticas intercaladas com a recitação do terço e com cânticos religiosos.

Há muita gente ainda, que se confessa.

Uma senhora ceguinha vinda de ao pé de Aveiro, com grande sacrifício, caminha amparada ao ombro duma parenta, debaixo de uma chuva impertinente que entra de novo a cair.

Não se lastima, antes pelo contrário, bem diz confiadamente a Deus, e encaminha-se para a Igreja.

Um indivíduo de barbas, que me dizem ser médico e muito idoso, explica a um grupo que o rodeia a razão providencial da proibição.

[65] Segundo lhe diziam, havia quem pretendesse começar a levar ali músicas, *fungáás*, foguetes, etc.

Ora a Senhora não quer nada disso.

Apareceu num descampado, precisamente porque quer ser ali amada e venerada em espírito, sem nenhuma dessas exibições espetaculosas e barulhentas de arraial.

Oração comunhão e penitência.

Isto e só isto, é o que ela quer!

Fazendo a proibição as autoridades satisfazem inconscientemente os desejos da Senhora!

CHUVA E PEIXE ESPADA

A chuva caía agora a potes outra vez...

E todos procuravam refugiar-se ou debaixo dos carros, ou debaixo do alpendre que na Igreja o apertão era já enorme.

Nisto vejo eu a guarda republicana de espadas desembainhadas descarregando pranchada a torto e a direito nalguns pacíficos camponeses que de guarda chuva aberto olhavam melancolicamente para aquilo tudo... e que surpreendidos da agressão inesperada, desatavam a correr sem saber por que eram agredidos .

Alguém se dirige aos guardas a indagar do que se trata... Queixam-se de que um homem do povo, querendo passar à força e, como o impedissem disso, os ameaçava, e daí aquele alvoroço em que pagava o justo pelo pecador, como sucede quase sempre.

Explicado o caso e restabelecida a tranquilidade, converso com alguns camponeses a quem prudentemente aconselho que se abstenham de passar, visto que é mais meritória a obediência a ordens mesmo injustas *desde que não ofendam a nossa consciência* do que a resistência temerária.

Um dos guardas republicanos, diz-me então num assomo de sinceridade:

– Se o senhor soubesse o que me custa estar aqui!

Cumpro ordens e cumpro-as à risca: mas creia que cá por dentro, tudo isto me revolta!

Eu sou religioso, senhor, e não compreendo que uti-[66] lidade haja em estar a proibir essa pobre gente de ir rezar lá baixo!... Isto até dá vontade de chorar!...

– Tenho uma irmã que foi à *Senhora de Fátima*, que lhe salvou a vida!

E de facto, pela cara tisonada do pobre guarda que ali estava cumprindo ordens, bem contra a sua vontade, deslizava vagarosamente uma gota

de água que não era positivamente irmã daquelas que escorriam em borbotões do seu capuz de oleado porque a chuva continuava a cair teimosamente...

O FRUTO PROIBIDO

Volto, e ia dirigir-me a casa do prior cuja varanda à antiga portuguesa fora também assaltada pelos que procuravam abrigar-se da chuva, quando vejo a minha companheira da manhã, franzina, delicada com os seus olhos azuis e cismadores, feita num pinto, chapinhando na lama, mas sempre alegre e despreocupada, como se estivesse confortavelmente assentada nalgum *tea* elegante, bem abrigada e enroupada e não debaixo daquele dilúvio.

E mostra-me uma estampinha em gravura, da Senhora de Fátima...

– Está ali! diz ela, e aponta-me a sacristia da Igreja!...

E depois, baixinho, como que em segredo, rindo muito, com uma pontazinha de malícia a iluminar-lhe os grandes olhos azuis como o firmamento, acrescenta:

– E agora vou lá baixo!... Ensinem-me um atalho por onde se pode ir!... Atravessa-se o campo!... Mas hei de ir!...

E lá abalou debaixo da chuva, encharcada até aos ossos, chapinhando na lama, mas sempre risonha, sempre feliz contente por ir lá baixo e pregar assim uma pirraçasinha aos Herodes da governança!...

– Oh! as mulheres quando elas querem!...

[67] A FÉ DO CARVOEIRO!

Entre na sacristia a ver o que é que *estava ali*.

Era uma imagem da *Senhora de Fátima* lindíssima na verdade, que um devoto mandara de propósito fazer.

E porque a intolerância das autoridades a não deixava colocar no nichozinho da Cova da Iria, por isso a pusera ali para que os fiéis, desfilando perante ela, a vissem e admirassem!...

E era de ver a devoção com que muita daquela pobre gente lhe rezava!

Eu não sei em verdade se no culto da gente humilde e ignorante, entrará um pouco de paganismo ou de superstição, que é inata ao coração do homem, desde a queda no paraíso terreal, mas como é admirável de ingenuidade e de simplicidade a forma como, por exemplo, esta gente reza o seu terço!

Era o célebre Pasteur que dizia de si próprio ter a *fé de um bretão*, mas que, se vivesse mais tempo viria a ter a *fé duma bretã*, ou como nós dizemos cá, a *fé do carvoeiro*!...

E os que, às vezes censuram a materialidade das devoções populares, não são os mesmos que enchem as salas de Madame Brouillard e outras bruxas mais ou menos célebres, que se deixam embair com duas cantigas dos Bernheim de pacotilha, que as nossas Universidades engendram cada ano e se prostram reverentes perante as colunas do Templo, cobertos de aventais e de triângulos com penduricalhos ridículos ao pescoço, que deixam perder de vista as fitinhas azuis das filhas de Maria?!...

[69] É ESTÚPIDO!...

Mas a chuva continuava impertinente...

O cocheiro advertia que a estrada não estava boa e era preciso voltar mais cedo...

Por isso, feitas as nossas devoções e as nossas despedidas até à primeira!... voltámos caminho de Ourém para depois regressarmos a casa...

.....
Na estação, antes de tomarmos o comboio, encontrámos inúmeras pessoas de diversos pontos do país que regressavam às suas terras, como nós!...

Lá estava a ceguinha de Aveiro acompanhada por uma senhora do Porto, que apesar de terem estado ambas com os vestidos completamente molhados e serem ambas doentes, nada tinham sofrido e conservavam a mesma boa disposição. Lá estava um conhecido ourives de Lisboa, lá estavam muitas outras pessoas da capital.

Não tornei a ver a minha companheira dos olhos azuis, que provavelmente lá ficou a caminhar por montes e vales, até chegar aonde *queria* chegar!...

E um honrado comerciante, republicano ao que parece, cobria de enérgicas invetivas o administrador do concelho, porque tolhia o progresso da terra e impedia o comércio de fazer o seu negócio!...

– É estúpido!... concluiu ele...

– Imaginem vocês!... que esta proibição só aos alquiladores de Tomar, Ourém e Torres Novas, deu mais de vinte contos de prejuízo!...

[70] CONCLUSÃO

Mas perguntará o leitor: “Nossa Senhora apareceu realmente em Fátima?”

Abstemo-nos adrede de formular o nosso juízo em assunto tão delicado e melindroso.

Continuamos a manter-nos, como até aqui, em benévola expectativa.

Os factos – uma parte deles apenas, e sem dúvida a menos importante, – aí ficam narrados em toda a sua singeleza e com a mais escrupulosa imparcialidade.

Cada qual, seja crente ou descrente, tem o direito de pensar o que lhe aprouver acerca da origem e natureza desses sucessos tão extraordinários. Entretanto ninguém de bom senso deixará por certo de achar justa a exclamação proferida por um ilustre advogado, que foi testemunha presencial das medidas arbitrárias e violentas adotadas pela autoridade administrativa para impedir o acesso ao local das aparições: “Palavra de honra! Não acreditava, mas agora, desde que o governo proíbe que se vá lá, começo a crer que Nossa Senhora apareceu realmente em Fátima!

[DCF, III-2 - Doc. 537]

[71] Nota. – *Pede-se a todas as pessoas que tenham conhecimento de factos interessantes relativos às aparições de Fátima ou de curas extraordinárias atribuídas à intercessão e Nossa Senhora do Rosário o favor de comunicarem todos os esclarecimentos possíveis em carta fechada ao Visconde de Montelo – “Empresa Veritas” – Guarda.*

Índice Analítico

- Abelheira (Arouca) 453
ABÓBORA, António dos Santos - ver também SANTOS, António dos (pai de Lúcia) 48, 83, 442
ABREU, Adélio Fernando 2, 3, 25
ABREU, Marques 212
Ação Católica Portuguesa 8
Acontecimentos de Fátima (Os) 17, 489
Açores 23, 416, 470, 529, 536
Administrador de Vila Nova de Ourém - ver também LEITÃO, António de Sousa 227
Administrador de Vila Nova de Ourém - ver também PAVILLON, António de Sá 278
Administrador de Vila Nova de Ourém - ver também SANTOS, Artur de Oliveira 16, 17, 37, 42, 50, 55, 57, 65, 90, 138, 175, 214, 215, 233, 261, 293, 294, 295, 298, 303, 314, 318, 319, 408, 432, 454, 457, 459, 460, 463, 464, 556, 561, 568, 574, 575, 576, 611
África 168, 374, 375
Água de cheiro (perfume) 47, 177
Albergaria dos Doze (Pombal) 525
Albergue de Nossa Senhora do Rosário 481
Albergue dos doentes 555
Albina (filha de António Ferreira Rosa) 33
Alcanena 153
Alcanhões (Santarém) 89, 100, 453
Alcobaça 158, 166, 329, 553, 592
Aldeia (Vila Nova de Ourém) 36, 176, 298
Aldeia Central (Viseu) 130
Aldreu (Barcelos) 497
Alemanha 23, 418, 421, 426, 471, 480, 490
Alentejo 598
ALEXANDRE, Joaquim Duarte 71
Algarve 538
Alhandra (Vila Franca de Xira) 553
Alhos Vedros (Moita) 112
Aljustrel (Fátima) 29, 33, 51, 61, 62, 64, 65, 74, 99, 103, 117, 171, 187, 192, 291, 296, 301, 302, 307, 315, 428, 433, 435, 444, 478, 570
ALMEIDA, António Pereira de 70
ALMEIDA, Avelino de 15, 16, 72, 77, 113, 115, 487, 577
ALMEIDA, Eugénio Ribeiro de 496
ALMEIDA, Faustino Jacinto de 153
ALMEIDA, Joaquim Martins da Cunha e 126
ALMEIDA, José Fernandes de 369, 512
ALMEIDA, Miguel Porto-Carrero de Souto Maior Vieir 156
Almonda (O) 40
ALONSO, Joaquín María 8
Alqueidão da Serra (Porto de Mós) 12, 105, 107, 108, 109, 110, 131, 590, 596
Alsácia 480
Alter do Chão 112, 496
ALVES, António dos Santos 48
ALVES, José 291, 305
ALVES, Manuel José 138
Alvorge (Ansião) 80
AMADO, António Vieira 108, 109
AMADO, José Vieira 108

- AMADO, Maria 110
 Amélia de Jesus 231, 263, 316
 América 397, 512
 Amoreira (Fátima) 63, 187, 292
 ANAQUIM, Manuel 489
 ANDALUZ, Luísa 494
 Andores, andorzinhos 36, 47, 57, 120, 122, 176, 233
 ANDRADE, Dias 18, 283
 Angola 23, 374, 470, 529
 Angra do Heroísmo (Açores) 414
 Anjo, anjos 120, 122, 176
 ANJOS, Maria dos (irmã de Lúcia) 54, 301, 573
 ANJOS, Maria dos (mulher de Francisco Correia) 266
 ANJOS, Maria dos (mulher de Manuel Henriques, filho) 65
 ANTÓNIO, Francisco 118
 António José 266
 ANTUNES, D. António 538
 Aparição, aparições 29, 31, 32, 34, 36, 38, 39, 43, 47, 49, 50, 55, 62, 63, 64, 72, 73, 81, 84, 87, 89, 90, 99, 101, 105, 113, 118, 119, 147, 150, 155, 156, 157, 160, 171, 172, 175, 181, 185, 199, 203, 211, 221, 224, 231, 243, 249, 260, 261, 262, 301, 306, 317, 330, 418, 419, 429, 431, 459, 480, 495, 498, 567, 573
 Aprender a ler 31, 57, 66, 82, 85, 174, 232, 302, 317, 576
 ARATA, Mons. Antonino 538
 Arcebispo de Bombaim - ver também LIMA, D. Joaquim 538
 Arcebispo de Évora - ver também SANTOS, D. Manuel 348, 481, 538, 562
 Arcebispo de Mitilene - ver também VIDAL, D. João Evangelista de Lima 11, 88, 105, 131, 197, 199, 223, 429, 451, 461
 Arco de flores 120, 176
 ARCOVERDE, Joaquim 417
 ARENZ, Bety 450
 Arnal (Leiria) 166, 584
 ARNOU, René 528
 Arraiolos 598
 Asilo de Vilar (Porto) 18, 231, 315, 338, 452, 454, 462, 480, 503
 Assentiz (Torres Novas) 439
 Associação do Registo Civil 111, 112, 142, 145, 458
 ASSUNÇÃO, D. Rafael Maria 538
 ATAÍDE, Maria do Amparo de Lemos Queirós Pinto 126
 Atouguia (Ourém) 174, 187, 309, 403
 Auditor da Nunciatura - ver também ARATA, Mons. Antonino 538
 Áustria 426, 480
 Aveiro 88, 611, 614
 AVELAR, Maria da Assunção Ribeiro de 226
 Avelãs (Aveiro) 71
 Avenire d'Italia 527
 Azinheira 33, 73, 74, 81, 99, 116, 129, 160, 169, 172, 183, 184, 232, 249, 250, 261, 270, 292, 299, 304, 305, 307, 308, 310, 311, 318, 319, 440, 567, 576, 581
 Baía (Brasil) 505
 Bairro (Ourém) 91
 Bajouca (Leiria) 71
 BALTAZAR, Tomás de Almeida 207
 BARACHO, José Dantas 214
 Barão de Alvaizere (3º) - ver também ALMEIDA, Miguel Porto Carrero de Souto Maior Vieira da Silva e Vasconcelos de 156
 BARBOSA, Joaquim 556

- BARON, Luis Marie 471
 Barral (Ponte da Barca) 453
 Barreiro 601
 BARRETO, Angelino de Sousa 414
 Barroca, Cernache (Coimbra) 136
 BARROS, Alexandre Faria de 357, 359, 524
 BARROSO, Etelvina da Conceição 496
 Basílica de Nossa Senhora do Rosário 30
 Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima 29, 30
 BASTOS, António 113
 Batalha 65, 157, 172, 261, 263, 292, 296, 329, 423, 530, 531, 562, 568, 592, 596
 Batalha de Aljubarrota 531
 BATISTA, António Maria 215
 BATISTA, Emília Martins 497
 Baviera (Alemanha) 425
 Beira Alta 127
 Beja 414
 Belém (Lisboa) 163
 Bélgica 490
 BELO, D. António Mendes 88, 429, 451, 548
 Bento XIV 242
 Bento XV 480, 528
 BISLETI, Cardeal Gaetano 368
 Bispo Auxiliar da Guarda - ver também MATOS, D. José de 538
 Bispo Coadjutor de Coimbra - ver também ANTUNES, D. António 538
 Bispo Coadjutor de Lamego - ver também SOUSA, D. Agostinho de Jesus e 538
 Bispo da Guarda - ver também MATOSO, D. José Alves 538, 566
 Bispo de Angra - ver também GUIMARÃES, D. Guilherme Augusto 538
 Bispo de Braga - ver também MATOS, D. Manuel Vieir 538
 Bispo de Bragança - ver também MARTINS JÚNIOR, D. António Bento 538
 Bispo de Coimbra - ver também SILVA, D. Manuel Luís da 136, 538
 Bispo de Leiria - ver também SILVA, D. José Alves 9, 19, 24, 51, 220, 223, 228, 237, 245, 246, 253, 315, 327, 328, 329, 331, 334, 335, 336, 346, 350, 353, 356, 368, 376, 385, 418, 419, 420, 425, 440, 452, 460, 462, 467, 472, 488, 500, 501, 511, 524, 539, 551, 553, 554
 Bispo de Leiria - ver também VENÂNCIO D. João Pereira 8
 Bispo de Meliapor - ver também TEIXEIRA, D. António 366, 538
 Bispo de Portalegre - ver também FRUTUOSO, D. Domingos Maria 475
 Bispo de Tarbes - ver também LAURENCE, Bertrand-Sévère 463
 Bispo de Tuy - ver também GARCIA Y GARCIA, D. Antonio 538
 Bispo de Vila Real - ver também VIDAL, D. João Evangelista de Lima 538
 Bispo de Viseu - ver também PINTO, D. José da Cruz 538
 Bispo do Algarve - ver também FRANCO, D. Marcelino António Maria 538
 Bispo do Funchal - ver também RIBEIRO, D. António Carreira 538
 Bispo do Porto - ver também LEÃO, D. António Barbosa 462
 Bispo do Porto - ver também MEIRELES, D. António Augusto 315, 538
 Bitarães (Paredes) 453

- BÍVAR, Artur 490
 BOAL, Manuel da Cunha 110
 Boavista (Leiria) 365
 Boleiros (Fátima) 210, 219, 3001, 307, 311, 312
 Bolonha (Itália) 422, 527
 Bonfim (Porto) 555
 Borla 56, 316, 534
 BORRALHO, António 311
 BORRALHO, Jacinto 311
 Bote von Fatima (revista) 418
 Boyer, Pe. 367
 Braços (Nossa Senhora) 81, 84
 Braga 16, 29, 71, 200, 351, 381, 409, 463
 Brasil 23, 340, 397, 417, 442, 505, 508, 510, 528, 529, 536
 BREYNER, Adelaide Braamcamp de Melo 226, 484
 BREYNER, Eugénia de Melo 163
 BRITES, Sebastião da Costa 425
 BRITO, Benjamim Tiago Valente de 496
 BRITO, José Herculano da Costa 417
 Brotéria 538
 Bulletin du Rosaire Perpétuel 471
- Cabeça (Nossa Senhora) 49, 53, 56, 68, 85, 164, 296, 316, 429, 436, 567, 574
 Cabelos (Nossa Senhora) 53, 164, 573
 Cabo Verde 470
 CABRAL, Luís Gonzaga 23, 505, 510
 Cadeia do terço 56, 67, 69, 575
 Caldas da Rainha 92, 93
 CÂMARA, Ana Maria da 163, 165
 CÂMARA, Emília 163
 CÂMARA, Emílio Infante da 158, 160
 CÂMARA, João Evangelista Gonçalves Zarco da 163
 CÂMARA, José Infante da 158
 CAMOESAS, João 284
 Campolide (Lisboa) 508
- CAMPOS, Maria Augusta Saraiva Vieira de 136, 197, 489
 CAMPOS, Maria Luísa Tavares Aires de 160
 CANDUZEIRO, Ângela do Amaral 374, 375
 Capela (das aparições) 11, 16, 57, 66, 78, 79, 85, 97, 119, 129, 161, 163, 177, 178, 179, 186, 195, 200, 212, 216, 221, 228, 236, 237, 243, 261, 270, 289, 304, 310, 320, 321, 410, 416, 419, 440, 509, 544, 555, 576, 590, 593
 Capela (Nossa Senhora) 164
 Capela da Senhora de Fátima (Colégio Português - R 537
 Capela do Colégio Português 22, 378, 411, 412
 Capelania do Santuário de Fátima 336
 Caranguejeira (Leiria) 590
 Cardeal Lambertini 242
 Cardeal Patriarca - ver também BELO, D. António Mendes 88, 429, 451, 548
 Cardeal Patriarca - ver também CEREJEIRA, D. Manuel Gonçalves 494, 538
 CARDINALE, Mons. Beda 538
 Carlos (filho de Maria do Carmo) 166
 Carmelo de Braga 521
 Carmelo de Coimbra 29
 CARMO, Adriano da Conceição 556
 CARMO, Mendes do 566
 CARMONA, Óscar 482
 Carolina (filha de Maria dos Santos) 310
 Carrascos (Torres Novas) 301, 598, 603
 Carrasqueira 30, 31, 33, 36, 44, 47, 48, 52, 57, 62, 63, 78, 79, 83, 89, 91, 102, 103, 123, 125, 132, 172, 173, 176,

- 178, 185, 187, 188, 190, 191, 192,
194, 232, 233, 234, 294, 317, 318,
321, 483, 571
- CARREIRA, Joana da Costa 107
- CARREIRA, João 32, 119, 308
- CARREIRA, Joaquim 22, 365, 369, 385,
387, 420, 424, 511, 514
- CARREIRA, Joaquina 108
- CARREIRA, Manuel 32, 119
- CARREIRA, Maria - ver também
SANTOS, Maria dos 119
- CARREIRA, Maria - ver também
SANTOS, Maria dos 32, 320
- Carreirancha (Porto de Mós) 596
- Carta Pastoral 24, 538, 539, 551
- CARVAJAL, Henrique 525
- CARVALHO, Ana (mulher de João Vieira
Gomes) 109
- CARVALHO, Ana de (mulher de
Domingos Correia) 110
- CARVALHO, Francisca 110
- CARVALHO, Francisca de 108
- CARVALHO, João 109
- CARVALHO, Joaquim Hermano Teixeira
de 496, 497
- CARVALHO, José de Oliveira 496
- CARVALHO, Manuel 109
- CARVALHO, Manuel Antunes 591
- CARVALHO, Manuel Pereira 117
- CARVALHO, Manuel Ribeiro de 106
- CARVALHO, Manuel Ribeiro de (filho)
106
- Casa Fânzeres (Braga) 200
- Casa Velha (Fátima) 33, 116, 117, 118
- Casaco (Nossa Senhora) 30, 31, 173
- Casal da Agreireira (Torres Novas) 267
- Casal da Fonte (Torres Novas) 439
- Casal Menino (Ourém) 29
- Castelo Branco 226, 250
- CASTELO BRANCO, Renato Abreu
414
- Castelo de Ourém 610
- CASTRO, Aníbal de 163
- CASTRO, António Augusto de
277, 278, 314
- CASTRO, António Caetano Ferreira de
496
- CASTRO, D. Teotónio de 538
- CASTRO, José 454
- CASTRO, Júlia Machado Vieira de 226
- CASTRO, Zília Osório de 2
- Cavalgaduras 139
- Cemitério dos Prazeres (Lisboa) 208
- CENTENO, Maria da Nazaré Almeida
158
- Centro Católico Português 7
- CEREJEIRA, D. Manuel Gonçalves
411, 494
- Cernache (Coimbra) 136
- Céu 30, 33, 53, 56, 57, 58, 68, 72,
82, 90, 91, 98, 104, 119, 120,
121, 122, 128, 162, 171, 172, 174,
177, 179, 186, 187, 209, 210, 261,
297, 300, 301, 306, 309, 316, 317,
318, 341, 429, 430, 448, 451, 472,
520, 536, 568, 572, 575, 576, 596,
602
- Céu (firmamento) 63, 74, 75, 91, 92, 127,
133, 147, 149, 159, 232, 262, 295,
298, 299, 317, 429
- Chainça (Leiria) 194, 256, 257
- Chão de Maçãs (Tomar) 61, 72, 138,
141, 163, 207, 208, 276
- Charneca (Vilar dos Prazeres - Ourém)
126
- CHAVES, José Joubert 113
- Checoslováquia 23, 397, 426
- Chícharos 87, 117, 122, 317
- China 23, 470, 471, 529, 536
- CID, Sobral 265
- Civiltà Catolica 422

- COELHO, Domingos Pinto 449, 607
 COELHO, Henrique Trindade 402
 COELHO, Luís António 112
 COELHO, Pinto 598
 Coimbra 14, 40, 71, 136, 137, 138, 141, 147, 166, 365
 Colégio “António Vieira” (Brasil) 505
 Colégio das Doroteias (Roma) 512
 Colégio das Religiosas da Visitação de Santa Maria 163
 Colégio de La Guardia (Espanha) 505
 Colegio de Santa Maria de Oya (Pontevedra) 353
 Colégio de São Pedro de Alcântara (Lisboa) 598
 Comissão Canónica 246, 291, 315, 428, 452, 462, 544
 Companhia de Jesus 365, 505
 Condeixa 71
 Condes de Campo Belo 528
 Confraria de Nossa Senhora do Rosário 461
 Consoladora dos Aflitos 592
 Constância 453
 CONSTÂNCIO, Leonor de Avelar e Silva 14, 89, 100, 103
 Constantinopla 423
 Contas (do terço) 30, 56, 80, 164, 173, 179, 261, 297, 316, 429, 436, 568, 572, 575
 Convento de Cristo (Tomar) 562
 Convento dos Capuchinhos 416
 Coração de Maria 535
 Cordões dourados (Nossa Senhora) 31, 33, 56, 69, 173, 316, 574
 Corpo Expedicionário Português 76, 80
 CORREIA, Augusto 265
 CORREIA, Domingos 110
 CORREIA, Francisco 266, 596
 CORREIA, José Carreira 110
 CORREIA, José de Almeida 137
 CORREIA, Maria Albina Cochofel da Silva 160
 CORREIA, Maria dos Anjos 596
 CORREIA, Maria Gomes 109
 CORREIA, Serafim Alves 112
 Correio da Beira 126
 Correio de Coimbra 538
 Cortes (Leiria) 48
 COSTA, Jacinto da 366
 COSTA, Mário Pereira da 496
 COURINHA, Maria Prazeres Lucas 40
 COUTINHO, Vitor 3
 Cova da Iria (Fátima) 20, 24, 25, 33, 36, 48, 51, 52, 55, 57, 61, 62, 64, 66, 72, 78, 88, 89, 90, 92, 99, 106, 126, 131, 136, 146, 153, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 195, 198, 209, 211, 217, 225, 227, 229, 231, 233, 243, 248, 249, 252, 275, 278, 289, 292, 294, 295, 296, 297, 298, 301, 302, 303, 304, 305, 311, 312, 313, 315, 317, 318, 320, 371, 372, 373, 387, 399, 407, 408, 409, 410, 416, 425, 428, 432, 433, 436, 440, 441, 442, 443, 444, 450, 455, 459, 461, 480, 482, 487, 491, 495, 498, 500, 501, 504, 506, 507, 510, 546, 549, 570, 571, 574, 575, 585, 590, 593, 611, 613
 Cova de Santa Iria 228
 CRAVO, António 416
 CRAVO, Fernando 416
 Crianças 12, 14, 23, 58, 61, 62, 64, 89, 91, 92, 96, 97, 98, 99, 109, 110, 114, 115, 128, 129, 132, 133, 134, 143, 147, 149, 154, 157, 168, 171, 175, 181, 197, 199, 248, 254, 255, 256, 261, 262, 292, 294, 295, 297, 300, 301, 303, 304, 306, 309, 311, 312, 407, 429, 431, 432, 433, 436, 439, 447,

- 499, 543, 544, 546, 547, 550, 567,
568, 577, 581, 582
- CRISPIM, Joaquim Pedro 267
- CRISTINO, Luciano Coelho 2, 8
- Croix (La) 471
- Cruz (do terço) 56, 67, 69, 429, 540, 544,
575
- CRUZ, Francisco Rodrigues da 611
- CUNHA, Cónego Dr. Manuel Alves da
538
- CUNHA, Guilherme Augusto Pereira
497
- CUNHA, Maria da 65
- CURADO, João Cortez da Silva 276
- Curas 121, 169, 170, 222, 223, 242, 250,
253, 262, 266, 273, 274, 292, 318,
320, 362, 471, 494, 501, 509, 535,
549, 561, 583, 587, 591
- Defesa (A) 538
- DÉROULÈDE, Paul 75
- Deus 38, 55, 60, 71, 76, 90, 91, 92, 93, 94,
95, 114, 120, 129, 134, 161, 168, 199,
221, 224, 240, 241, 248, 251, 252,
269, 270, 272, 273, 296, 304, 312,
323, 334, 337, 340, 341, 342, 344,
345, 354, 356, 357, 359, 364, 371,
372, 379, 385, 390, 393, 398, 405,
423, 433, 435, 442, 444, 447, 448,
449, 457, 459, 466, 468, 478, 511,
513, 516, 520, 521, 525, 533, 539,
540, 542, 545, 546, 547, 548, 549,
550, 581, 587
- DEUS, João de 111
- Devoção dos cinco primeiros sábados
19, 21, 324, 337, 338, 340, 343, 344,
345, 350, 356, 357, 359, 381, 515,
516, 522, 524
- Diário das Sessões do Senado 281
- Diário de Lisboa 538
- Diário de Notícias 237, 455, 456, 538
- DIAS, António de Oliveira 266, 597
- DIAS, D. José do Patrocínio 538
- DIAS, Maria Augusta 496
- Dinamitação 236
- DINIS, Júlio 265
- Diocese Albicastrense 250
- Diocese de Leiria 166, 171, 197, 222,
224, 315, 425, 544, 548
- Disco de prata fosca 115, 150, 154, 159,
582
- Diu (Índia) 536
- Domingo (O) 538
- DORES, Maria Lúcia das - ver também
Lúcia 358, 406, 469
- Doroteia Joana (mulher de Adriano de
Matos) 108
- Douro (rio) 388
- Eclipse 75, 91, 92, 93, 151, 486, 580
- Ela (Nossa Senhora) 48, 50, 66, 68, 82,
97, 100, 173, 174, 175, 176, 179, 185,
199, 231, 254, 261, 263, 273, 317,
320, 390, 392, 394, 576
- Eliseu 283
- Empresa Veritas 201, 259, 615
- Episódios Maravilhosos de Fátima (Os)
10, 17, 484, 487, 489, 566
- Época (A) 20, 328, 449, 460
- Esmolas 77, 97, 161, 176, 195, 199, 221,
309, 310, 327, 500, 546, 549
- Espanha 29, 381, 389, 471, 528
- ESPÍRITO SANTO, Maria do 594
- Espite (Ourém) 29, 88, 127, 310
- Estados Unidos 23, 529, 536
- Estarreja 453
- ESTÊVÃO, Amélia 602
- Estremoz 112, 453, 553, 562

- Estrumeiras (terreno) 84, 116
 Estudos (revista) 538
 Europa 23, 388, 392
 Évora 414, 538
 FÂNZERES, Teixeira 212, 213
 FARIA, António Batista Leite de 496
 Faro 72, 538
 Fátima 13, 19, 21, 23, 25, 41, 70, 72, 73, 74, 77, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 103, 106, 108, 111, 113, 114, 115, 126, 127, 132, 133, 134, 135, 143, 145, 147, 148, 149, 150, 152, 154, 157, 163, 169, 183, 208, 215, 220, 221, 222, 223, 225, 226, 227, 236, 239, 242, 245, 247, 248, 251, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 281, 282, 283, 284, 285, 287, 293, 314, 323, 330, 331, 332, 333, 347, 367, 386, 390, 395, 397, 410, 418, 420, 428, 434, 445, 453, 456, 458, 471, 487, 488, 498, 529, 548, 549, 565, 570, 578, 579, 580, 581, 582, 583, 584, 588, 592, 593, 594, 595, 603, 605, 609, 615
 Fatima-Ver lag (editora) 418
 FEIO, Maria 489
 Feira 496
 Fenómeno solar 12, 13, 14, 15, 16, 24, 248, 547, 577
 Fermentelos (Aveiro) 71
 FERNANDES, António Teixeira 2
 FERNANDES, Maria Emília 496
 FERREIRA, Agostinho Marques 229, 232, 233, 236, 244, 246, 272, 404, 504
 FERREIRA, Anastácio 307
 FERREIRA, Artur 414
 FERREIRA, Faustino José Jacinto 13, 88, 156, 225, 246, 272, 504
 FERREIRA, Francisco José 265
 FERREIRA, Manuel Marques 11, 29, 31, 32, 36, 37, 39, 47, 78, 92, 126, 166, 171, 181, 189, 191, 193, 194, 198, 199, 399, 400, 429, 451, 454
 FERREIRA, Maria da Luz 265
 Ferreira Nova (Figueira da Foz) 378
 FERRER, Francisco 143
 Festa (La) (revista) 527
 Figueira da Foz 182, 378
 FIGUEIREDO, António Maria de 191
 FIGUEIREDO, Fernando Pais de 201, 361, 566
 FISCHER, Luís 22, 23, 418, 421, 423, 425, 431, 490, 506, 511, 513
 FITIPALDI, Maria Francesca Aloisi 264
 Florença (Itália) 423
 Folha do Domingo 538
 FONSECA, Alberto Dinis da 225, 609
 FONSECA, José Tomás da 142
 FONSECA, Luís Gonzaga da 22, 23, 368, 385, 386, 388, 411, 414, 420, 422, 511, 512, 513, 527, 528, 530, 531, 533, 535, 553, 554
 FONTE, Julieta 351
 FORMIGÃO, Manuel Nunes 10, 11, 12, 14, 16, 17, 18, 21, 23, 51, 61, 99, 126, 146, 165, 182, 185, 200, 201, 202, 203, 205, 206, 207, 209, 216, 218, 222, 223, 224, 225, 226, 236, 237, 244, 246, 253, 272, 289, 295, 300, 307, 310, 313, 315, 322, 350, 352, 356, 359, 449, 462, 504, 545
 FORTES, Agostinho 142
 Foz do Douro (Porto) 505
 França 80, 99, 168, 283, 389, 397, 421, 471, 480, 490, 545
 Francisca Joana (mulher de Manuel João Sénior) 108
 Francisco 11, 17, 18, 29, 33, 36, 42, 43,

- 48, 49, 54, 56, 62, 64, 65, 68,
72, 75, 80, 96, 98, 99, 103, 116, 119,
122, 123, 124, 125, 127, 163,
164, 171, 173, 174, 176, 180,
181, 185, 197, 198, 209, 231, 232, 233,
260, 291, 292, 295, 296, 299, 300,
307, 316, 317, 321, 428, 430, 433,
439, 443, 444, 463, 498, 499, 534,
543, 567, 572, 573, 574, 576
- FRANCO, D. Marcelino António Maria
519, 538
- FRAZÃO, Manuel 266
- Freguesia de Fátima 17, 37, 61, 89, 92,
166, 190, 223, 227, 291, 311, 315,
444, 585, 603
- FREIRE, António de Abreu 497
- FREIRE, José 454
- FREITAS, Isabel Ribeiro de 555
- Freixianda (Ourém) 13, 153
- Frühvirt, Cardeal 511
- FRUTUOSO, D. Domingos Maria
475, 538
- Funchal 112, 414
- Gado 49, 64, 86, 92, 114, 117, 118, 122,
124, 209, 254, 292, 293, 295, 296,
297, 298, 299, 303, 316, 317, 432,
544, 581, 585
- Galiza 381
- Garagnani, Pe. 527
- GARCIA, Luís Torquato de Freitas 508
- GARCIA Y GARCIA, D. Antonio 538
- GARRETT, Gonçalo Xavier de Almeida
14, 15, 146, 148, 149, 168, 170, 182,
184, 226, 247, 250, 482
- GARRETT, José Maria Proença de
Almeida 15, 148, 149, 152, 483, 485,
577
- GARRETT, Maria Joaquina Proença
Almeida 149
- GASPAR, Manuel 108, 267
- Gasparri, Cardeal 368, 480
- GENS, José Pereira 556
- Globo prateado 128
- GODINHO, Maria da Purificação
205, 206
- GÓIS, José M. 375
- GÓIS, Manuel do Carmo 379
- GOMES, João Vieira 109
- GOMES, Manuel Vieira 109
- GONÇALVES (família) 225
- GONÇALVES, José Bernardo 505, 510,
515, 516, 522, 524, 525
- GONÇALVES JÚNIOR, Manuel 62, 190,
191, 444, 483
- Governador Civil de Aveiro 289
- Governador Civil de Santarém 17, 214,
269, 277, 278, 314, 460
- Governador de Macau 538
- GRAÇA, J. J. da Silva 113
- GRAÇA, José Gomes de Matos 497
- Grandes Maravilhas de Fátima (As)
367, 421, 423, 431, 487
- Granja (Vila Nova de Gaia) 152
- Grécia 423
- GREGO, Amílcar Augusto 264
- GREGO, Maria Teresa Mautempo 264
- GREGO, Noémia da Conceição 264
- Gruta de Massabielle 588
- Guarda 201, 225, 259, 538, 566, 615
- Guarda (A) 16, 24, 201, 267, 538, 558,
583
- Guarda Nacional Republicana 277
- Guerra 3, 7, 12, 13, 14, 24, 30, 32, 45,
50, 66, 72, 76, 78, 82, 85, 92, 96, 100,
101, 104, 121, 122, 129, 131, 153,
161, 162, 169, 172, 174, 177, 178,
234, 293, 303, 304, 430, 476, 477,
479, 493, 503, 504, 528, 544
- Guilhufe (Penafiel) 496

- GUIMARÃES, D. Guilherme Augusto 538
 Igreja dos Anjos (Lisboa) 207, 449, 606, 607
 GUIMARÃES, Joaquim Ferreira de Araújo 158
 Igreja dos Carmelitas (Roma) 378
 Igreja Nova (Mafra) 497
 Igreja paroquial de Fátima 57, 84, 97, 161, 172, 181, 189, 194, 199, 211, 221, 250, 275, 428, 567, 570
 HENRIQUES, D. Afonso 437
 Ilustração Portuguesa 16, 113, 487, 577
 HENRIQUES JÚNIOR, Manuel 263
 Ilustratie (De) 471, 490
 HENRIQUES, Manuel (filho) 65
 Imaculada Conceição 273, 406, 478, 522
 HENRIQUES, Manuel (pai) 65
 Imaculada Padroeira 478
 Holanda 23, 421, 426, 471, 490
 Imaculada Virgem Maria 566
 Hospedaria Central de Maria Joana 276
 Imaculado Coração de Maria 19, 338, 340, 341, 343, 344, 350, 351, 352, 353, 355, 356, 357, 359, 405, 515, 516, 522, 523, 524, 526
 Hospitais Civis de Lisboa 290
 Hospital de D. Estefânia (Lisboa) 205, 207, 266, 269, 419, 447, 598, 599, 600, 605
 Imagem de Nossa Senhora de Fátima 16, 200, 212, 216, 217, 220, 348, 367, 374, 378, 401, 402, 409, 415, 419, 420, 460
 Hospital de S. João de Deus (Lisboa) 598
 Imagem de Nossa Senhora do Rosário 250
 Hospital de S. José (Lisboa) 256
 Hotel Central 275
 Hotel Espada 276
 Hotel Lis 275
 Hotel Madeira 276
 Hotel Marques 275
 Índia 23, 391, 470, 536
 Igreja (instituição) 4, 14, 25, 95, 97, 98, 115, 155, 165, 199, 242, 245, 256, 268, 273, 283, 285, 335, 453, 487, 583, 587
 Inferno 58, 176, 206, 209, 232, 576
 Inglaterra 397
 Igreja da Estrela (Lisboa) 211
 Instituto Bíblico (Roma) 22, 511, 527, 533, 553
 Igreja de Fátima 221
 Instituto de Santa Doroteia 19, 29, 462
 Igreja de Santa Cruz de Coimbra 279, 280
 Irlanda 397
 Igreja de Santa Teresa do Menino Jesus (Roma) 402
 Irmã Dores - ver também Lúcia 524
 Igreja de Santo André (Estremoz) 562
 Irmãos Isidros 276
 Igreja de Santo Cristo dos Milagres (Rio de Janeiro) 415
 Itália 23, 264, 389, 402, 420, 490, 528
 Jacinta 12, 13, 17, 18, 29, 32, 33, 42, 43, 48, 49, 53, 54, 56, 62, 64, 65, 72, 75, 76, 80, 83, 85, 96, 98, 99, 100, 101, 103, 116, 119, 123, 124, 125, 127, 153, 171, 173, 174, 181, 185, 186, 197, 202, 203, 205, 207, 231, 233, 234, 260, 261, 291, 292,

- 293, 294, 299, 300, 302, 307, 309, 311, 316, 318, 319, 321, 419, 428, 430, 433, 439, 443, 444, 447, 498, 499, 503, 533, 543, 565, 567, 568, 572, 573, 574, 587, 595, 605
- JESUS, Carolina de (irmã de Lúcia) 54, 117, 301, 520, 573
- JESUS, Cristina de (mulher de José Pereira Novo) 195
- JESUS, Deolinda de (filha de José das Neves) 102
- JESUS, Florinda de (irmã de Francisco e Jacinta) 80, 293
- JESUS, Glória de (irmã de Lúcia) 54, 520, 573
- JESUS, Jacinta de - ver também Jacinta 54, 571, 573
- JESUS, Jacinta de (mulher de Francisco António) 118
- JESUS, Jacinta de - ver também Jacinta 52
- JESUS, Joaquina de (mulher de José Maria Gomes Menitra) 107
- JESUS, Josefina de (mulher de Manuel dos Santos Rosa) 122
- JESUS, Justina de (mulher de Manuel Pereira) 116
- JESUS, Leocádia de (mulher de Manuel de Oliveira) 63
- JESUS, Maria de 597
- JESUS, Maria de (filha de Manuel Pereira) 116
- JESUS, Maria de (irmã de Ana Maria da Câmara) 163
- JESUS, Maria de (mãe de Manuel Pereira Carvalho) 117
- JESUS, Maria de (mulher de João Carvalho) 109
- JESUS, Maria de (mulher de José Matias) 116
- JESUS, Maria de (mulher de Manuel Ribeiro de Carva) 106
- JESUS, Maria de - ver também Maria Rosa (mãe de Lúcia) 171
- JESUS, Quitéria de 264
- JESUS, Teresa de (irmã de António dos Santos, pai) 294
- JESUS, Teresa de (irmã de Lúcia) 54, 192, 193, 520, 573
- JESUS, Teresa de (madrinha de António dos Santos) 65, 312
- JESUS, Teresa de (madrinha de Francisco) 209
- JESUS, Teresa de (mulher de António da Silva) 80
- JESUS, Vitória de (mulher de Manuel Ribeiro de Carvalho) 106
- João I, D. 531
- JOÃO SÉNIOR, Manuel 108
- Joaquina Amélia (irmã do pároco de Fátima) 127
- JORGE, Miguel 378, 379
- Jornais Missionários 538
- Jornal da Beira 197
- Jornal de Macau 401
- Jornal Pequeno 366
- José (filho de Maria do Carmo) 166
- Jugoslávia 23, 426, 490
- Júlia 352
- Júlia (filha de Maria do Carmo) 166
- Juventude (A) 538
- Juventudes Católicas Portuguesas 7
- Kalendarium Srca Isusova i Marijina 490
- Katholische Kirchenblat-Korrespondenz 450

- La Guardia (Pontevedra) 353
 La Salette 61, 65, 82, 86
 LACERDA, José Ferreira de 12, 80, 99, 329
 LACERDA, Pedro Maria de 417
 Lamarosa (Torres Novas) 46
 LANDAL, Jaime 163
 Lapas (Torres Novas) 91
 LARANJEIRO, António Lopes 439
 Laura (prima de Lúcia) 521
 LAURENCE, Bertrand-Sévère 463
 LAURENCE, D. Bertrand-Severe 463
 Lazzarini, Pe. 528
 LE BON, Gustave 159
 LEÃO, D. António Barbosa 462
 Leão XIII 4, 5, 245
 LEÇA, Armando 414
 Legionário (O) 538
 Leiria 74, 99, 115, 137, 157, 166, 223, 239, 245, 252, 256, 263, 264, 266, 275, 276, 323, 327, 328, 335, 369, 378, 385, 482, 507, 557, 582, 594, 596
 LEITÃO, António de Sousa 227
 Lemnis 361
 LEMOS, Henrique de Queirós Pinto Ataíde e 126
 Liceu de Santarém 223
 LIMA, D. Joaquim Rodrigues de 538
 Lisboa 16, 72, 88, 126, 158, 169, 191, 202, 206, 211, 218, 219, 226, 256, 258, 263, 269, 270, 290, 321, 341, 409, 419, 458, 496, 497, 539, 545, 553, 600, 602, 604, 608, 609
 LISBOA, Eurico 203, 204, 207, 208, 218, 219, 225, 226, 237, 238, 556
 Londres 388
 LOPES, Jacinto de Almeida 63, 187, 189, 483
 LOPES, José Pereira 439
 LOPES JÚNIOR, António Teixeira 496
 LOPES, Manuel Pereira 231, 315, 322, 324, 462, 538
 LOPES, Maria Margarida Teixeira 496
 Lorena 480
 Loreto 271
 Lourdes 20, 61, 82, 86, 148, 163, 168, 224, 247, 271, 273, 283, 289, 330, 331, 332, 338, 450, 467, 541, 545, 596
 Lourdes Portuguesa 21, 332, 346, 362, 366, 450, 461, 470, 471, 475, 479, 482, 488, 491, 494, 498, 502, 527
 Loureira (Leiria) 264
 LOURENÇO, Aurélia do Patrocínio 263
 LOURENÇO, Joaquim 263
 Loures 602
 Lousada 496, 497
 Lubango (Angola) 23, 374, 375
 Lúcia 10, 11, 12, 13, 19, 23, 29, 31, 32, 33, 36, 42, 43, 47, 48, 53, 54, 62, 64, 65, 72, 75, 76, 78, 80, 83, 96, 97, 98, 99, 100, 103, 116, 121, 122, 124, 125, 127, 153, 155, 161, 168, 171, 173, 174, 176, 177, 180, 181, 185, 197, 218, 219, 220, 231, 235, 248, 254, 255, 260, 262, 293, 294, 295, 297, 299, 306, 311, 337, 338, 343, 344, 345, 350, 353, 356, 376, 405, 418, 429, 431, 433, 440, 442, 447, 459, 465, 479, 484, 499, 502, 505, 515, 516, 520, 522, 534, 543, 544, 546, 569, 571, 573, 574, 593
 Lúcia de Jesus - ver também Lúcia 3, 54, 315, 322, 437, 442, 445, 452, 454, 462, 466, 467, 468, 493, 501, 533, 567, 573
 MAC-MAHON, Emília César de 158

- Macau 536
 MACEDO, António Vaz de 556
 Maceira (Leiria) 29, 166, 167, 197, 263, 584, 585, 587
 Machado, Mons. 528
 MACHADO, Paulo Gonçalves 71
 Madeira (ilha) 23, 470, 529, 536
 MADEIRA, António Tinoco 508
 Mãe (Nossa Senhora) 405
 Mãe Amorosíssima 335
 Mãe Celeste 252
 Mãe de Cristo 186
 Mãe de Deus 185, 268, 271, 334, 370, 391, 438, 471, 474, 480
 Mãe de Jesus 371
 Mãe de Misericórdia 273
 Mãe do Céu 216, 324, 325, 337, 338, 339, 359, 375, 541, 554
 Mãe Santíssima 70, 221, 337, 374, 393, 508
 Mafra 553
 MAGALHÃES, Arnaldo de 353, 365, 376, 378, 381, 385, 386
 MAGALHÃES, Maria Inocência Caldas 163
 MAGALHÃES, Maria José da Câmara Faria Serpa 156, 160
 MAIA, Augusto de Sousa 356
 MAIA, Maria da Conceição 267
 MANSO, A. 366
 Manto (Nossa Senhora) 30, 31, 53, 56, 123, 164, 173, 179, 234, 316, 572, 574
 Mãos (Nossa Senhora) 31, 53, 316, 321, 534, 573
 MARGALHAU, Joaquim Gonçalves 378, 379
 Maria (filha de José das Neves) 316
 Maria (filha de Maria do Carmo) 166
 Maria (Nossa Senhora) 393
 Maria - ver também Lúcia 517
 Maria da Capelinha (CARREIRA, Maria ou SANTOS, Maria dos) 119
 Maria da Conceição 596, 597
 Maria da Rosa (mulher de Joaquim Francisco Mira Júnior) 106
 Maria das Dores - ver também Lúcia 29
 Maria do Carmo (miraculada) 166, 167
 Maria do Carmo (mulher de Joaquim dos Santos) 166, 197, 263, 584, 587
 Maria do Rosário (filha de Maria do Carmo) 166
 Maria do Rosário (mulher de Manuel Carvalho) 109
 Maria do Rosário (mulher de Manuel das Neves) 117
 Maria dos Prazeres (mulher de Jacinto de Almeida) 63
 Maria dos Prazeres (mulher de Manuel Gonçalves da) 65
 Maria José 267, 603
 Maria Lúcia de Jesus - ver também Lúcia 337, 339, 356, 360, 521
 Maria nela Famiglia (revista) 527
 Maria Rosa (mãe de Lúcia) 33, 51, 54, 83, 291, 301, 315, 337, 342, 443, 520, 521, 573
 Maria Santíssima 185, 267, 540, 550
 Maria Umbelina 267
 Maria Violante 158
 Maria Vitória (mulher de José das Neves) 102, 117
 Maria Vitória (mulher de Manuel Ribeiro de Carvalho) 106
 Marinha Grande 71
 MARQUES, Emília de Jesus 497
 MARQUES, Inácio António 254, 258
 MARQUES, Josefa 258
 MARQUES, Manuel Vicente 264
 Marrazes (Leiria) 378
 Marruas (Torres Novas) 593

- Martingança (Alcobaça) 561
MARTINS JÚNIOR, D. António Bento 538
MARTO, Francisco - ver também Francisco 3, 269, 428, 445, 499, 501, 533, 595
MARTO, Jacinta - ver também Jacinta 3, 69, 418, 428, 494, 499, 501, 565, 595
MARTO, João dos Santos (irmão de Francisco e Jacin 12, 80, 83, 116, 124, 125, 176, 179, 233, 295, 296, 299, 319
MARTO, José dos Santos (irmão de Francisco e Jacinta) 80, 296
MARTO, Manuel Antunes 166, 167, 197
MARTO, Manuel das Neves 117
MARTO, Manuel dos Santos 48
MARTO, Manuel Pedro (pai de Francisco e Jacinta) 29, 33, 80, 171, 260, 291, 293, 294, 296, 298, 303, 428, 444, 567, 571
MARTO, Olímpia de Jesus - ver também Olímpia de Jesus (mãe de Francisco e Jacinta) 260, 428, 444, 567
MARTO, Teresa de Jesus (irmã de Francisco e Jacinta) 80
Massabielle 596
Mata (Torres Novas) 191
Mata Mourisca (Pombal) 70, 71
MATÉO, Benito 351, 514
MATIAS, José 116, 118, 317
MATIAS, Manuel Rodrigues 292
Matin (Le) 479
MATOS, Adriano de 108
MATOS, Albina de 497
MATOS, António de 108
MATOS, D. José 538
MATOS, D. Manuel Vieira de 538
MATOS, Júlio de 265
MATOS, Maria do Céu 158
MATOSO, D. José Alves 538, 566
Maxieira (Fátima) 603
Medeiros, Dr. 598
Meia Via (Torres Novas) 15, 34
Meias brancas (Nossa Senhora) 30, 31, 53, 123, 173
MEIRELES, D. Augusto de Castro 538
MELO, Gualdim António de Queirós e 158
MELO, Higino Oto de Queirós e 158
MENDEIROS, José Filipe 414
MENDES, Augusto de Azevedo 265, 496, 556
MENDES, Cândido 467
MENDES, Carlos de Azevedo 12, 40, 46
Mendiga (Porto de Mós) 99
MENESES, Laura da Piedade Ramos 105
MENESES, Luísa da Madre de Deus da Cunha e 185
MENESES, Maria do Carmo da Cruz 48
Menino Jesus 12, 36, 50, 58, 78, 79, 81, 87, 94, 100, 102, 108, 120, 121, 122, 123, 176, 177, 178, 179, 233, 295, 310, 320, 321, 324, 325, 354, 430, 576, 604
MENITRA, António Maria 107
MENITRA, João Gomes 105, 107, 109, 110
MENITRA, José Maria Gomes 107
Mensagem (O) 37, 80, 99, 457, 560
Mensagem árabe do Coração de Jesus 490
Messaggero del Cuore di Maria 527
Milagre, milagres 11, 12, 13, 16, 32, 36, 50, 66, 72, 75, 76, 91, 92, 111, 113, 115, 125, 129, 133, 134, 137, 138,

- 140, 143, 144, 158, 161, 174, 176,
182, 186, 192, 216, 227, 233, 241,
250, 256, 257, 261, 273, 274, 281,
282, 295, 304, 313, 320, 370, 372,
393, 455, 465, 472, 484, 495, 535,
542, 549, 576, 577, 581, 582, 602
- Milagres (Leiria) 80, 99, 329
- Militares 78, 85, 100, 121, 122, 303, 321
- Ministro do Interior - ver também
SILVA, António Maria 214, 277,
279, 280, 281, 456
- MIRA, António dos Ramos 105, 106
- MIRA, António Francisco 105
- MIRA, Anzebino Francisco 106
- MIRA JÚNIOR, Joaquim Francisco 106
- Miraculosa nuvem de fumo (A)
247, 482
- MIRANDA, António Joaquim de Cam-
pos 338
- Miranda, Dr. 601
- MIRANDA, Maria Filomena Morais de
29, 338
- MIRANDA, Ramos de
18, 281, 283, 284
- MIRANDA, Sofia Emília Morais de 338
- Missão abreviada (livro) 64, 67, 86
- Missão do Muninho (Angola) 375
- Moçambique 23, 470, 505, 529
- Moita (Fátima) 32, 119, 174, 305, 320
- Moita do Martinho (Batalha) 65
- MONFORT, Beato Grignon de 276
- MONIZ, Egas 265
- Monjardim, Dr. 598
- Monte Real (Leiria) 70, 71, 80
- Monte Redondo (Leiria) 14, 70, 378
- Montelo (Fátima) 61, 63, 190, 225, 444
- MORA, Damas 256
- MOREIRA, J. M. 366, 367
- MOREIRA, Manuel Bento 403, 404
- Moreiras Grandes (Torres Novas)
439, 505
- Mostaya, Pe. 528
- MOTA, Emília 158
- MOTA, José António 266, 594
- MOTA, Maria do Espírito Santo 266
- MOTA, Pedro Sande Mexia Aires de
Campo Vieira da 160
- Mundo (O) 111
- Munique (Alemanha) 418
- Mussolini 368
- Nação (A) 449
- NADAL, Emília 2
- Nápoles (Itália) 264
- Nazaré 329
- Nazaré (Israel) 394
- Nemo - ver também SOUSA, Fernando
de 328
- NETO, Ana Teresa dos Santos Silva 2
- NETO, António Lino 18, 237, 279, 280
- NETO, Júlio 602
- NEVES, António das 264
- Neves, Dr. 592
- NEVES, Francisco Brás das 13, 153
- NEVES, Joaquim Ferreira Gonçalves das
228, 244, 246, 255, 272, 504
- NEVES, José das 102, 117, 231, 264
- NEVES, Maria das (Maria do Rosário)
231
- NEVES, Maria José das 264
- NEVES, Maria Rosa das 305
- Nínive 588
- NOGUEIRA, Emanuel Fernandes 136
- Nossa Senhora 18, 35, 36, 37, 48, 55, 58,
62, 67, 70, 71, 78, 82, 84, 85, 86, 87,
90, 91, 92, 94, 95, 100, 101, 102, 108,
109, 110, 123, 124, 125, 128, 153,
154, 155, 156, 163, 164, 165, 171,
172, 177, 178, 179, 180, 185, 209,

- 211, 221, 224, 229, 233, 234, 251, 252, 254, 256, 257, 264, 266, 268, 269, 271, 272, 273, 274, 289, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 302, 303, 304, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 333, 366, 376, 386, 406, 409, 433, 443, 448, 449, 455, 494, 495, 499, 511, 515, 533, 540, 545, 548, 549, 556, 571, 572, 574, 591, 592, 597, 598, 602, 603, 604, 606, 615
- Nossa Senhora da Azinheira 165, 169
- Nossa Senhora da Fátima 548
- Nossa Senhora da Ortiga 209, 305
- Nossa Senhora da Purificação 188
- Nossa Senhora das Dores 50, 101, 120, 176, 233, 234, 295, 303, 320, 321, 430, 493
- Nossa Senhora das Misericórdias (Ourém) 126
- Nossa Senhora de Fátima 3, 9, 10, 21, 22, 23, 24, 169, 220, 263, 264, 266, 267, 274, 365, 367, 374, 375, 382, 385, 387, 401, 411, 413, 416, 421, 422, 470, 472, 475, 481, 494, 495, 500, 513, 539, 548, 550, 552, 554, 562, 602
- Nossa Senhora de Lourdes 81, 84, 156
- Nossa Senhora de Monserrate 82, 86
- Nossa Senhora do Carmo 430, 493
- Nossa Senhora do Fetal 305
- Nossa Senhora do Rosário 32, 36, 49, 50, 57, 66, 70, 85, 120, 122, 129, 164, 174, 176, 186, 226, 233, 248, 263, 266, 295, 310, 320, 480, 493, 575, 604
- Nossa Senhora do Rosário de Fátima 165, 221, 257, 262, 323, 375, 395, 415, 416, 417, 474, 569
- Nossa Senhora dos Mártires 499
- Nosso Senhor 11, 36, 47, 78, 79, 101, 102, 103, 104, 120, 121, 123, 176, 177, 179, 233, 234, 239, 245, 295, 300, 320, 321, 323, 324, 340, 344, 350, 360, 381, 402, 406, 430, 516, 522, 526, 539, 544, 550, 588, 610
- Nosso Senhor Jesus Cristo 290
- Notícias de Beja 538
- Novidades 22, 361, 368, 388, 411, 415, 449, 475, 527, 533, 538, 562
- NOVO, José António 258
- NOVO, José Pereira 195, 197
- Novo Mensageiro do Coração de Jesus 5
- Núncio Apostolico - ver também CARDINALE, Mons. Beda 538
- NUNES, Leopoldo 489
- NUNES, Manuel 414
- NUNES, Maria José dos Santos 497
- Nuvem de fumo 15, 148, 249, 308, 482, 483, 501
- Nuvem, nuvens 63, 70, 91, 92, 114, 115, 118, 127, 128, 133, 143, 147, 151, 159, 188, 190, 194, 255, 544
- Obra Apostólica e Reparadora de Nossa Senhora do Rosário de Fátima 494
- Observatório da Tapada da Ajuda 487
- Oceânia 391
- Olímpia de Jesus (mãe de Francisco e Jacinta) 29, 33, 52, 80, 122, 171, 291, 296, 297, 298, 299, 304, 571
- Olival (Ourém) 88, 177, 399, 461
- OLIVEIRA, Guterre de 556
- OLIVEIRA, Henrique Weiss de 289, 556
- OLIVEIRA, José Galamba de 18, 399, 403, 407
- OLIVEIRA, Luciana de 108

- OLIVEIRA, Manuel de 63
OLIVEIRA, Maria da Encarnação Weiss de 289
OOM, Frederico 487
Oração "Ó meu Jesus" 45, 58, 176, 193, 209, 220, 232, 318, 430, 543, 544, 576
ORDAZ, Maria Piedade 433
Ordem (A) 37, 135, 168, 197, 449, 454, 456, 538
Ordem das Clarissas do Desagravo 205
Orelhas (Nossa Senhora) 31, 53, 56, 316, 572, 573, 575
Orfanato da Senhora dos Milagres (Lisboa) 205
Orte (Itália) 22, 385, 387
Ortiga (Ourém) 399, 408
Osservatore Romano (L') 21, 471, 518
Ourém 29, 50, 73, 88, 155, 156, 225, 233, 244, 255, 263, 294, 318, 329, 403, 465, 544, 561, 608, 610, 614
Ouriense (O) 37
Outeiro do Murtal (Ourém) 263
Ovar 496

Paço (Torres Novas) 40, 266, 594, 598, 602
Padrão, Dr. 585, 592, 596
Paialvo (Tomar) 604
PAIS, Sidónio Bernardino Cardoso da Silva 449, 478
Pala (Marinha Grande) 71
PAMPHILI, Giovanni 414, 532, 537
Parede (Cascais) 218
PARREIRA, Maria de Jesus 108
Partido Republicano Português 277
PASTILHAS, Manuel 597
Pastorinhos 13, 74, 75, 76, 89, 127, 128, 129, 137, 138, 139, 160, 168, 185, 248, 249, 252, 262, 533, 568

PATACHO, Emília 556
Patriarca das Índias - ver também CASTRO, D. Teotónio de 538
PAULA, Manuel António de 210, 219, 291, 311, 313
Pavilhão dos doentes 481
PAVILON, António de Sá 278
Pé de Cão (Torres Novas) 212
Pecadores 66, 120, 122, 164, 232, 330, 549
Pedreiras (Porto de Mós) 292
PEDRO, Domingos 110
PEDRO, José Vieira 110
Pedro, Pe. 416
Pedrógão (Torres Novas) 32, 153, 174, 187, 192
PENA, António Rodrigues 315, 322
Penacova 312
Penitência 71, 251, 541, 544, 550
PENTEADO, Pedro 2
Peregrinos 21, 77, 99, 262, 334, 378, 411, 422, 449, 460, 470, 500, 501, 569, 589, 590, 603
PEREIRA, D. Nuno Álvares 604
Pereira, Dr. 594
PEREIRA, Joaquim Coelho 244, 246, 272, 504
PEREIRA, Manuel 116
PEREIRA, Manuel Joaquim 520
PEREIRA, Manuel Justino - ver também PEREIRA, Manuel 116
PEREIRA, Maria Amélia de Jesus 521
PEREIRA, Maria Rosa 439
PEREIRA, Pe. 375
Perulhal (Leiria) 263
Perulheira (Batalha) 51, 301
Pés (Nossa Senhora) 30, 33, 49, 85, 123, 127
PESSOA, Fernando Wanzeler 497
PINHO, Arnaldo de 3

- PINHO, Soares de 556
 PINTO, António Ferreira 538
 PINTO, D. José da Cruz Moreira 538
 PINTO, Moura 478
 Pio IX 412
 Pio X 536
 Pio XI 21, 22, 361, 397, 401, 501, 537, 557
 PIRES, Júlio Martins 112
 PIZARRO, Gaspar 422
 Placa de prata fosca 75
 POÇAS, Adriano Carreira 266, 594
 POÇAS, Francisco Carreira 594
 POÇAS, Joana Carreira Rebelo 266, 594
 POÇAS, Laurentino Carreira 266, 594
 POÇAS, Manuel Carreira 175, 293
 Polónia 421
 Pombal 70
 Pombalinho (Ourém) 304
 Ponte da Barca 496
 Pontevedra (Espanha) 18, 29, 345
 Pontifício Colégio Português 21, 22, 24, 361, 363, 364, 365, 367, 378, 380, 388, 412, 413, 423, 475, 490, 514, 527, 528, 537
 Portalegre 494
 Porto 18, 226, 454, 496, 555, 556
 Porto de Mós 12, 62, 99, 105, 266, 292, 329, 331, 561, 592
 Portugal 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 17, 22, 23, 25, 92, 95, 96, 114, 140, 148, 220, 229, 275, 323, 386, 391, 392, 393, 395, 396, 401, 436, 438, 441, 450, 461, 466, 469, 470, 472, 473, 475, 477, 478, 481, 482, 484, 488, 490, 491, 492, 500, 501, 505, 546, 547, 548, 552, 554, 558, 560, 569, 570, 581, 604
 Portugal (jornal) 449
 Povo 11, 14, 16, 31, 32, 36, 47, 50, 62, 63, 66, 67, 69, 73, 78, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 112, 115, 120, 121, 123, 124, 138, 139, 143, 149, 153, 155, 161, 164, 175, 176, 177, 178, 188, 190, 192, 194, 216, 217, 227, 232, 234, 243, 255, 261, 285, 287, 292, 294, 295, 299, 302, 304, 305, 308, 309, 311, 312, 313, 317, 320, 321, 465, 483, 577, 582, 583, 593, 595, 612
 Póvoa de Santarém (Santarém) 453
 Póvoa de Varzim 453
 Prelado de Moçambique - ver também ASSUNÇÃO, D. Rafael da 538
 Presidente da República 535
 Presidente do Ministério 279, 280
 PRESTES, Cecília Augusta Gouveia 496
 PRESUME, Delfina de Jesus 265
 PRESUME, Joaquina de Jesus 265
 PRESUME, Manuel Lopes 265
 PRETO, António da Luz 556
 Promotor da Fé 244, 254
 Provisão 239, 245, 504, 544
 QUARESMA, João 244, 246, 272, 504
 QUEIRÓS, Maria José de Lemos 126, 197, 267
 Quinta Amarela (Porto) 376
 Quinta da Cardiga (Golegã) 180
 Quinta da Comenda (Santarém) 100
 Quinta da Cruz (Viseu) 126
 Quinta da Formigueira (Braga) 29
 Rainha do Céu 61, 129, 185, 433, 443, 474, 478, 488, 493, 547, 590
 Rainha do Rosário 471
 Rainha do Santíssimo Rosário 186, 383
 Rainha dos Anjos 38, 186

- RAMOS, Maria 105
RAMOS, Vicente 282
RAPOSO, Maria de Jesus de Oriol Pena 146, 184
RAPOSO, Maria de Jesus Oriolo Pena 180
Recife (Brasil) 340
Refúgio dos pecadores 472
Reguengo do Fetal (Batalha) 99, 105, 106, 107, 195, 197, 263, 264, 266, 301, 594
Reinado Social 370
REIS, António de Oliveira 175, 225
REIS, António dos 41
REIS, Francisco da Silva 227
REIS, Joaquim Pereira dos 295
REIS JÚNIOR, José António dos 457
REIS, Manuel da Silva 187
REIS, Manuel Pereira dos 24, 207, 370, 373, 448, 606
Reixida (Leiria) 48
Relâmpago 30, 31, 32, 47, 48, 83, 87, 96, 118, 172, 173, 174, 175, 177, 178, 231, 232, 233, 234, 260, 292, 304, 306, 308, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 428, 429, 440, 452, 480, 498, 534, 543, 544
Religiosas Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima 350
República 111, 227
Restrejo, Pe. 367
RETO, Margarida 351
Revue des idées et des faits (La) 490
Revue du Rosaire 22, 401, 420, 421, 423, 471, 490
Revue Sociale (La) 471
REZOLA, Maria Inácia 2
Ribatejo 281
Ribeira Branca (Torres Novas) 153
Ribeira de Baixo (Porto de Mós) 496
RIBEIRO, Acácio da Silva 496
RIBEIRO, António Carreira 65
RIBEIRO, Bernardo Maria Coelho Vieira 496
RIBEIRO, D. António Manuel Pereira 538
RIBEIRO, Ermelinda Gomes 138, 139
RIBEIRO, Francisco 65
RIBEIRO, Rosa de Jesus 65
RIBEIRO, Rosa Maria 496
RINO, Capitolina Guimarães 158
RINO, José Pereira da Silva 158
Rio de Janeiro 365, 415, 416
RITO, Faustino de Oliveira 264
RITO, José de Oliveira 264
RITO, Maria José 264
ROCHA, José Soares da 414
Roda de fogo 70, 103, 106, 107, 108, 109, 110, 146
RODRIGUES, José Dias 266
Roma 22, 23, 191, 283, 361, 363, 364, 365, 367, 368, 369, 378, 385, 387, 388, 392, 395, 401, 412, 413, 423, 424, 438, 475, 490, 511, 514, 536, 553
Roménia 23, 426
ROSA, António Ferreira 33, 52, 295, 296
ROSA, António Vieira da 107
ROSA, Domingos Vieira da 107
ROSA, Ezequiel Vieira da 110
ROSA, Francisco Vieira da 107
ROSA, João Gomes 108
ROSA, Joaquim Vieira da 12, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 131, 430
ROSA, José Ferreira da 33, 52, 80, 122
ROSA, Manuel Ferreira 52, 122, 125, 296, 521
ROSA, Maria da Silva Vieira da 108
Rosário 54, 56, 66, 74, 98, 114, 140, 164, 169, 184, 212, 217, 234, 248, 260,

- 261, 276, 325, 335, 337, 338, 347, 348, 351, 382, 384, 398, 413, 428, 429, 430, 435, 452, 513, 522, 534, 543, 544, 550, 567, 568, 570, 573, 575, 576, 582, 586, 590, 603
- Rosário (revista) 538
- ROSÁRIO, António do 603
- ROSÁRIO, Maria de Jesus do 484
- RUAH, Hassan Bento 72
- RUAH, Judah Bento 72
- RUAH, Sol Benshaia 72
- Rússia 19, 148, 397, 516, 520, 523, 524, 525
- Sabacheira (Tomar) 29
- Sagrado Coração de Maria 19, 325
- Saia (Nossa Senhora) 30, 31, 33, 79, 83, 124, 173
- Sal Terrae 471, 475, 489
- Salvação dos enfermos 323
- SAMPAIO, Matilde Forjaz de 138
- Sanatório do Outão (Sintra) 599, 600
- Santa Casa da Misericórdia de Lisboa 107, 110
- Santa Catarina da Serra (Leiria) 194, 244, 255, 257, 264, 305, 504
- Santa Comba Dão 126
- Santa Cruz (Coimbra) 71
- Santa Maria de Oya (Espanha) 376
- Santa Maria dos Mártires 437, 438
- Santana (Figueira da Foz) 378
- Santarém 51, 61, 100, 183, 203, 219, 223, 226, 253, 269, 270, 277, 281, 399, 403, 408, 428, 439, 458, 484, 496, 588
- Santíssimo Rosário (El) 471
- Santíssima Mãe 245, 350, 520
- Santíssima Mãe de Deus 274
- Santíssima Mãe do Céu 357
- Santíssima Virgem 195, 220, 222, 267, 268, 334, 339, 354, 374, 375, 418, 419, 425, 426, 433, 438, 443, 493, 499, 516, 522, 526, 550, 569, 590, 597, 602, 604
- Santíssima Virgem de Fátima 426
- Santíssimo Rosario (El) 490
- Santíssimo Sacramento 205, 210, 266, 386, 426, 446, 469, 491, 495, 513
- Santo André Cretense 393
- Santo António 49, 62, 68, 82, 216, 227, 292, 297, 317, 435
- Santo Condestável 530
- Santo Cristo dos Milagres 417
- Santo José 233, 234
- Santo Padre 19, 363, 364, 365, 401, 523
- Santo Rosário 221
- Santo Tirso 338
- SANTOS, Albino Domingues dos 496
- SANTOS, Amélia Júlia dos 266, 598
- SANTOS, António dos 29, 310
- SANTOS, António dos (pai de Lúcia) 54, 65, 171, 260, 294, 301, 315, 428, 442, 567, 573
- SANTOS, António Lalanda dos 433
- SANTOS, Artur de Oliveira 37, 175, 214, 215, 232, 314, 399
- SANTOS, Carlos Alberto dos 266, 598
- SANTOS, D. Manuel Mendes da Conceição 348, 351, 481, 538
- SANTOS, Eduardo dos 300
- SANTOS, Gilberto Fernandes dos 16, 200, 212, 216, 217, 220, 222, 409, 410, 489
- SANTOS, Joaquim dos 110, 166, 584
- SANTOS, Lúcia de Jesus - ver também Lúcia 341, 344, 353, 476
- SANTOS, Lúcia dos - ver também Lúcia 215
- SANTOS, Lúcia Maria Ana dos 602

- SANTOS, Manuel dos (irmão de Lúcia) 54, 573
- SANTOS, Manuel Marques dos 244, 246, 272, 276, 295, 300, 307, 310, 313, 315, 322, 349, 366, 368, 378, 379, 399, 462, 489, 504, 553
- SANTOS, Maria dos - ver também CARREIRA, Maria 32, 291, 307, 320
- SANTOS, Maria Lúcia de Jesus - ver também Lúcia 326
- SANTOS, Maria Manuel dos 266, 598
- SANTOS, Maria Rosa dos - ver também Maria Rosa (mãe de Lúcia) 260, 428, 442, 567
- SANTOS, Romano dos 107
- Santuário de Fátima 119, 156, 158, 557
- Santuário de Massabielle 471
- Santuário de Nossa Senhora de Fátima 471
- Santuário de Nossa Senhora de Lourdes 471
- Santuário de Santiago de Compostela 425
- Santuarios Catolicos (Los) 471, 490
- São Bartolomeu 129
- São Bernardo 139, 185
- São Domingos 98
- São Francisco Xavier 146
- São José 11, 12, 36, 47, 50, 58, 70, 78, 79, 81, 87, 94, 100, 102, 103, 120, 121, 122, 123, 161, 176, 177, 178, 179, 295, 310, 320, 321, 430, 550, 576
- SÃO JOSÉ, Maria de 110
- São Leonardo de Porto Maurício 479, 502
- São Mamede (Batalha) 51, 65
- São Mamede de Infesta 553
- São Martinho da Arada (Ovar) 496
- SÃO NICOLAU, Henrique de Queirós Pinto de Ataíde de 126
- São Paulo 323
- São Pedro 396
- São Pedro de Muel 426
- São Salvador (Viseu) 126
- São Sebastião do Rio de Janeiro 417
- São Simão de Litém (Pombal) 29
- São Tomé e Príncipe 293, 470
- Sapatos (Nossa Senhora) 33
- Saúde dos Enfermos 592
- Scapineli, Cardeal 511
- Schildwache (Die) 471, 490
- Sé Catedral da Guarda 70
- Sé de Leiria 399
- Século (O) 15, 34, 72, 94, 113, 456, 487, 538, 581
- Segredo 49, 57, 68, 69, 101, 121, 123, 161, 175, 180, 233, 254, 261, 293, 297, 300, 306, 309, 318, 319, 354, 430, 459, 464, 544, 568, 575, 576, 596
- Seiça (Ourém) 153, 336
- Seminário de Coimbra 378
- Seminário de Leiria 365, 387, 462, 504
- Seminário de Santarém 113, 191, 222, 223, 439, 504, 545
- Senado 237, 281
- Senhor dos Passos 391
- Senhor Santo Cristo dos Milagres 416
- Senhora (Nossa Senhora) 12, 31, 32, 43, 44, 48, 53, 54, 57, 58, 63, 64, 66, 67, 68, 72, 75, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 90, 91, 92, 93, 96, 97, 98, 100, 101, 103, 104, 114, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 138, 147, 155, 168, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 198, 231, 232, 233, 234, 248, 249, 254, 255, 292, 293, 296, 297, 299, 307, 312, 316, 317, 318, 320, 321, 322, 389, 430, 435, 440, 447, 465, 476, 480, 503, 544, 546, 550, 572, 574, 576, 581, 606, 611

Senhora da Azinheira 169	328, 330, 335, 336, 346, 348, 350,
Senhora da Carrasqueira 93	351, 353, 356, 357, 359, 376, 378,
Senhora da Paz 44	381, 382, 399, 401, 418, 419, 420,
Senhora das Dores 102, 103	425, 452, 460, 462, 467, 481, 500,
Senhora de Fátima 169, 349, 375, 408, 409, 412, 425, 467, 509, 512, 513, 528, 536, 537, 612, 613	504, 511, 524, 539, 551, 557
Senhora de Lourdes 161	SILVA, D. Manuel Luís Coelho da 136, 538
Senhora do Carmo 102, 103	SILVA, Francisco da 400
Senhora do Céu 81	SILVA, Francisco Maria da 414
Senhora do Rosário 11, 17, 36, 47, 57, 78, 81, 84, 85, 92, 94, 96, 97, 120, 122, 161, 169, 176, 177, 178, 234, 248, 250, 262, 304, 321, 322, 347, 386, 407, 430, 531, 544, 569, 570, 576	SILVA, João Torrado da 497
Senhora do Rosário de Fátima 309, 389, 392, 424, 511	SILVA, Joaquim Aparício da 340
Sernache do Bonjardim 158	SILVA, José António da 407, 410
Serra de Aire 34, 51, 89, 254, 260, 266, 428, 434, 436, 467, 498, 527, 530	SILVA, José Aparício da 18, 19, 340, 344, 353, 355, 356, 357, 359, 376, 377, 381, 405, 524
Serra de Minde 567, 570, 584, 596, 602	SILVA, Laura de Avelar e 100
SERRA, João Maria Lúcio 132, 135	SILVA, Ludovina da 340
SERRA, Maria Elisa da Cunha 132	SILVA, Luís de Andrade e 13, 141, 154, 155
Servitas de Nossa Senhora de Fátima 40, 338, 507, 556	SILVA, Manuel Gonçalves da 65
Servos de Nossa Senhora do Rosário de Fátima 323	SILVA, Manuel Pereira da 14, 70, 71, 244, 246, 369, 374, 378, 379
Sesmarias (Marrazes) 378	SILVA, Maria Cândida de Avelar e 100
Setúbal 599, 600	SILVA, Maria da 110
SILVA, Adelino Pereira da 496	SILVA, Maria da (mulher de Domingos Vieira da Rosa) 107
SILVA, Amélia da 496	SILVA, Maria da (mulher do José Carreira Correia) 110
SILVA, António da 80, 294	SILVA, Maria de Avelar e 100
SILVA, António Joaquim Ferreira da 182	SILVA, Maria Luísa Schwalbach Ribeiro da 158
SILVA, António Maria da 280, 460	SOARES, Ana 107
SILVA, Arnaldo Duarte da 497	SOARES JÚNIOR, António do Couto 496
SILVA, D. José Alves Correia da 3, 9, 20, 21, 23, 24, 29, 51, 220, 223, 228, 229, 237, 245, 246, 272, 323, 327,	SOARES, Maria Pereira 496
	Sol 14, 15, 63, 67, 70, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 81, 84, 85, 87, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 100, 101, 102, 103, 106, 107, 108, 109, 110, 114, 121, 123, 130, 133, 140, 143, 146, 147, 149, 150, 151,

- 152, 154, 155, 160, 161, 162, 164,
186, 188, 189, 190, 191, 248, 255,
256, 262, 282, 289, 295, 298, 305,
310, 313, 321, 485, 544, 547, 569,
578, 579, 580, 581
- Soldados 50, 82, 85, 100, 101, 129, 162,
164, 438
- SOUBIROUS, Bernadette 163, 168, 463,
466, 499, 545, 596
- Soudos (Torres Novas) 40, 45
- SOUSA, D. Agostinho de Jesus e 538
- SOUSA, Fernando de 328
- SOUSA, Manuel de 336
- Souto de Cima (Leiria) 365
- Stella Matutina 422, 423, 490, 527
- Suíça 423
- TAROUCA, Silva 528
- TAVARES, Aurora da Silva 496
- TEDIM, José Ferreira 367, 378, 411, 475
- TEIXEIRA, D. António Maria 538
- Tejo (rio) 388, 599
- Teodósio, Pe. 366
- Terço 11, 31, 32, 43, 44, 47, 48, 49, 50, 54,
56, 63, 67, 70, 73, 78, 82, 85, 87, 92,
93, 96, 98, 99, 114, 118, 122, 139,
155, 164, 172, 173, 174, 178, 187,
188, 190, 192, 193, 195, 209, 212,
228, 234, 254, 255, 256, 257, 261,
266, 293, 296, 298, 302, 309, 311,
316, 317, 318, 319, 320, 321, 428,
430, 432, 433, 470, 478, 516, 522,
533, 550, 567, 568, 570, 573, 574,
582, 603, 611
- Teresa (filha de José Matias) 116
- Tipografia França Amado 136
- Tomar 51, 265, 266, 329, 330, 609, 614
- Torre (Batalha) 195, 197
- Torres Novas 12, 15, 34, 40, 51,
74, 75, 91, 93, 94, 126, 127, 129, 132,
146, 157, 191, 212, 220, 222, 263,
264, 265, 266, 267, 275, 276, 305,
307, 400, 403, 407, 408, 409, 410,
439, 458, 460, 496, 505, 570, 594,
598, 602, 614
- Tortosendo (Covilhã) 163
- TOURNEBISE, G. 490
- Trabalho e União 112
- Traje (Nossa Senhora) 31, 59, 121
- Treixedo (Santa Comba Dão) 126
- Trovoada 83, 96, 118, 316
- Tuy (Espanha) 18, 29, 353, 376, 381,
405, 466
- União Católica 7
- União Nacional 538
- Universidade de Bamberg (Alemanha)
418, 425, 490, 506
- Universidade de Coimbra 6, 137, 154,
156, 249, 483
- Universidade do Porto 182, 249, 483
- Universidade Gregoriana 21, 22, 363,
397, 399, 490
- VALA, José Rodrigues 496
- Valadares (Monção) 138
- Vale da Iria 457
- Vale de Figueira (Santarém) 158
- Vale de Josafá 127
- Vale de Ourém (Batalha) 195
- VALE, José do 408
- Valente, Dr. 420
- Valinho (Fátima) 176, 179, 198, 233
- Valinhos (Fátima) 36, 49, 55, 92, 101,
120, 122, 124, 125, 262, 295, 299,
304, 407, 430, 435, 569, 574
- Van Laak, Pe. 367

- Vargos (Torres Novas) 266, 594
- VASCONCELOS, Celestino José Miguéis de 111
- VASCONCELOS, Clotilde do Rego Brandão da Fonseca Magalhães da Câmara e 156
- VASCONCELOS, João Maria Amado de Melo Ramalho da Cunha e 76, 95
- VASCONCELOS, Luís António Vieira de Magalhães e 13, 156, 162, 202, 225
- VASCONCELOS, Maria Celeste da Câmara e 156, 160
- Vaticano 21, 480, 528
- VENÂNCIO, D. João Pereira 8
- VENÂNCIO, João Pereira 22, 378, 380, 386, 401, 402, 421
- Verdade (A) 112
- Vestido (Nossa Senhora) 53, 56, 59, 66, 69, 78, 80, 81, 83, 84, 87, 117, 121, 234, 260, 301, 316, 429, 435, 544, 567, 572, 574
- VICENTE, Joaquim Inácio 194
- VIDAL, D. João Evangelista de Lima 11, 12, 88, 131, 199, 429, 430, 451, 538
- Vidal, Pe. 528
- Videntes 11, 12, 37, 40, 99, 158, 223, 261, 270, 434, 444, 478, 497, 501, 546, 565, 588, 605
- Vie Social (La) 490
- VIEIRA, Afonso Lopes 426
- VIEIRA, Anastácio 65
- VIEIRA, Armando 334
- VIEIRA, Augusto José 111
- Vieira de Leiria (Leiria) 80
- VIEIRA, Joaquim 263
- VIEIRA, Maria Elisa Cruz 351
- Vigário Capitular de Angola - ver também CUNHA, Cónego Dr. Manuel Alves 538
- Vigário de Ourém - ver também FERREIRA, Faustino José Jacinto 12, 13, 88, 105, 272, 461
- Vigário de Porto de Mós - ver também ROSA, Joaquim Vieira da 12, 13, 105, 131, 429, 430, 451
- Vigário de Torres Novas - ver também REIS, António 41, 42, 45, 175, 225
- Vigário Geral da Diocese de Leiria - ver também QUARESMA, João 272
- Vila de Rei 267
- Vila Nova de Ourém 13, 17, 38, 51, 55, 61, 72, 90, 112, 125, 137, 138, 140, 141, 154, 155, 156, 162, 175, 176, 187, 207, 227, 233, 261, 270, 275, 276, 279, 281, 294, 309, 315, 318, 321, 399, 407, 408, 428, 454, 457, 458, 460, 463, 464, 568, 570, 574, 585, 588, 589, 596, 607, 608
- Vila Real 88
- Vila Viçosa 490
- Vilar (Cadaval) 496
- Vilar dos Prazeres (Ourém) 126
- VILELA, Francisco 556
- Virgem 63, 72, 74, 75, 76, 90, 91, 99, 144, 149, 160, 161, 169, 254, 256, 257, 274, 275, 283, 330, 332, 349, 364, 373, 374, 395, 398, 440, 456, 457, 466, 491, 531, 532, 554, 555, 574, 577, 593, 595
- Virgem da Conceição 168, 247
- Virgem de Fátima 250, 364, 393, 470
- Virgem de La Salette 156
- Virgem do Rosário 168, 169, 328, 334, 389, 390, 392, 395, 436, 587
- Virgem do Rosário de Fátima 363, 383
- Virgem dos Céus 195
- Virgem Imaculada 186, 335
- Virgem Imaculada de Lourdes 274
- Virgem Mãe 38, 143, 389

-
- Virgem Mãe do Céu 245
Virgem Maria 72, 114, 438, 581
Virgem Nossa Senhora 162
Virgem Santíssima 176, 199, 243, 269,
273, 323, 382, 438, 445, 478, 479,
488, 489, 500, 502, 547, 548, 570,
585, 595
Virgem Santíssima de Fátima 374
Virgem Santíssima do Rosário de Fátima
395
Virgem Senhora 330
Virgem Senhora do Rosário 536
Virgínia de Jesus (prima de Lúcia) 80
Visconde de Montelo 10, 259, 431, 489,
615
Visconde de Rio-Torto - ver também
ALMEIDA, Joaquim Martins da
Cunha e 126
Viscondessa da Pesqueira 538
Viseu 126, 130, 137, 151, 267, 580
VITÓRIA, José Anastácio 116
Voz (A) 449, 538, 552
Voz da Fátima 20, 23, 246, 374, 385, 405,
420, 430, 461, 472, 474, 488, 489,
496
Voz de Fátima (A) 20, 251, 253
Voz de Santo António (A) 5
Voz do Pastor (A) 538
Vulto 12, 101, 116, 117, 119, 310
Zapelena, Pe. 367
Zénite 75, 115, 146, 149, 429, 488, 577,
582
Zibreira (Torres Novas) 153

Índice cronológico e tipológico

Legenda:

N - Número do documento

T - Tipo do documento

- C - Carta

- L - Livro ou opúsculo

- M - Memória

- N - Nota ou apontamento

- O - Documento de carácter oficial

- P - Publicação periódica

- T - Testemunho

Rem/Aut/Tít - Remetente/Autor/Título

Dest/Publ/Ass - Destinatário/Publicação/Assunto

N	T	Data	Rem/Aut/Tit	Dest/Pub/Ass	Pág.
1	I	1917-05-c27	Manuel M. Ferreira	Lúcia	29
2	P	1917-05-p14	Manuel M. Ferreira	Lúcia	31
3	I	191707-14	Manuel M. Ferreira	Lúcia	32
4	P	1917-07-23	Uma embaixada celestial	Século (O)	34
5	I	1917-08-21	Manuel M. Ferreira	Lúcia	36
6	C	1917-08-25	Manuel M. Ferreira	Ouriense (O)	37
7	C	1917-09-08	Carlos A. Mendes	Maria P. L. Courinha	40
8	I	1917-09-15	Manuel M. Ferreira	Lúcia	47
9	T	1917-09-p17	António S. Alves		48
10	I	1917-09-27	Dr. Formigão	Videntes e a M ^a Rosa	51
11	I	1917-10-p.11	Dr. Formigão	Redação literária	61
12	C	1917-10-13	Manuel P. Silva	António P. Almeida	70
13	P	1917-10-15	Como o sol bailou...	Século (O)	72
14	I	1917-10-16	Manuel M. Ferreira	Lúcia	78
15	I	1917-10-19	José F. Lacerda	Videntes	80
16	O	1917-10-19	D. João E. L. Vidal	Faustino J. J. Ferreira	88
17	T	1917-10-p.19	Leonor A. S. Constâncio		89
18	I	1917-10-p.19	Dr. Formigão	Redação literária	99
19	T	1917-10-25	Vários		105
20	P	1917-10-26	Livre Pensamento	Mundo (O)	111
21	P	1917-10-29	O milagre de Fátima	Ilustração Portuguesa	113
22	I	1917-11-02	Dr. Formigão	Videntes	116
23	P	1917-11-10	Fátima	Correio da Beira	126
24	O	1917-11-11	Joaquim V. Rosa	D. João E. L. Vidal	131
25	T	1917-11-13	João M. L. Serra		132
26	T	1917-11-p23	M ^a Augusta Campos		136
27	P	1917-12-02	Aos liberais Portugueses	Folha Panfletária	142
28	C	1917-12-03	Gonçalo X. Alm. Garrett	Dr. Formigão	146
29	T	1917-12-18	José Maria P. A. Garrett		149

N	T	Data	Rem/Aut/Tit	Dest/Pub/Ass	Pág.
30	T	1917-12-27	Francisco Brás Neves		153
31	T	1917-12-30	Luís de Andrade e Silva		154
32	T	1917-12-30	Luís A. V. M. Vasconcelos		156
33	C	1918-06-01	Ana Maria da Câmara	Maria de Jesus	163
34	T	1918-16-18	Maria do Carmo		166
35	T	1918-07-23	Gonçalo X. A. Garrett		168
36	O	1918-08-06	Manuel M. Ferreira		171
37	C	1908-09-29	Gonçalo X. A. Garrett	Dr. Formigão	182
38	C	1918-10-07	Luísa M. D. C. Meneses	Dr. Formigão	185
39	T	1918-12-20	Jacinto A. Lopes		187
40	T	1918-12-31	M. Gonçalves Júnior		190
41	T	1919-03-02	Teresa de Jesus		192
42	T	1919-03-02	Joaquim I. Vicente		194
43	C	1919-03-29	José Pereira Novo	Manuel M. Ferreira	195
44	O	1919-04-18	Manuel M. Ferreira		197
45	O	1919-04-28	Manuel M. Ferreira	Arc. Mitilene	199
46	C	1919-08-20	Gilberto F. Santos	Dr. Formigão	200
47	C	1919-09-15	Fernando P. Figueiredo	Dr. Formigão	201
48	C	1920-01-14	Luís A. V. M. Vasconcelos	Dr. Formigão	202
49	C	1920-01-15	Eurico Lisboa	Dr. Formigão	203
50	C	1920-02-19	M. Purificação Godinho	Dr. Formigão	205
51	T	1920-02-p20	M. Purificação Godinho		206
52	C	1920-02-22	Eurico Lisboa	Dr. Formigão	207
53	N	192004-09	Dr. Formigão		209
54	C	1920-04-26	Teixeira Fânzeres	Gilberto F. Santos	210
55	O	1920-05-07	Governador Civil	Administrador VNO	211
56	O	1920-06-05	Administrador VNO	Feder. Port. L. P.	212
57	C	1920-06-23	Gilberto F. Santos	Dr. Formigão	216
58	C	1920-07-18	Eurico Lisboa	Dr. Formigão	218
59	C	1920-08-24	Gilberto F. Santos	D. José	220

N	T	Data	Rem/Aut/Tit	Dest/Pub/Ass	Pág.
60	C	1920-09-12	Dr. Formigão	D. José	223
61	C	1920-10-06	Dr. Formigão	Faustino J. J. Ferreira	225
62	O	1921-06-11	Adminstrador VNO	Regedor Freg. Fátima	227
63	N	1921-09-14	D. José		228
64	C	1921-11-18	D. José	Agostinho M. Ferreira	229
65	N	1922-01-05	Lúcia		231
66	C	1922-03-06	Agostinho M Ferreira	Dr. Formigão	236
67	C	1922-03-09	Eurico Lisboa	D. José	237
68	O	1922-05-03	D. José	Provisão	239
69	O	1922-05-04	Comissão Canónica	Ata - 1ª reunião	246
70	T	1922-06-05	Gonçalo X. A. Garrett		247
71	P	1922-06-13	A Voz de Fátima		248
72	T	1922-11-23	Inácio A. Marques		254
73	L	1922-03-a18	Acontecimentos Fátima		259
74	O	1923-05-09	Governador Civil	Ministério do Interior	277
75	O	1923-05-14	Adminstrador VNO	Governador Civil	278
76	O	1923-0514	António Lino Neto	Câmara Deputados	279
77	O	1923-05-18	Vários	Senado	281
78	P	1923-06-01	Alerta! Povo liberal!	Folha planfetária	285
79	T	1923-06-29	Henrique W. Oliveira		289
80	I	1923-09-23	Comissão Canónica	Vários	291
81	O	1923-10-08	Governador Civil	Administrador VNO	314
82	I	1924-07-08	Comissão Canónica	Lúcia	315
83	O	1925-06-13	D. José		323
84	C	1926-02p15	Lúcia	Manuel P. Lopes	324
85	O	1926-03-26	D. José		327
86	P	1926-05-13	Terra de Santa Maria	Época (A)	329
87	P	1927-01-20	Pagela de NSF		335
88	O	1927-07-a13	D. José	Capelania SNF	336
89	C	1927-07-24	Lúcia	Mãe	337

N	T	Data	Rem/Aut/Tit	Dest/Pub/Ass	Pág.
90	C	1927-11-01	Lúcia	Maria F. M. Miranda	338
91	C	1927-12-04	Lúcia	J. Aparício Silva	340
92	C	1927-12-25	Lúcia	Mãe	342
93	C	1928-01-27	Lúcia	J. Aparício Silva	344
94	P	1928-06-03	De Portugal	Osservatore Romano (L')	346
95	C	1928-10-08	Dr. Formigão	Aida P. Santos	350
96	C	1928-10-11	J. Aparício Silva	D. José	353
97	C	1928-10-20	Lúcia	D. José	356
98	C	1928-11-04	Lúcia	J. Aparício Silva	357
99	C	1928-12-20	Lúcia	J. Aparício Silva	359
100	P	1929-01-20	Cartas de Itália	Novidades	361
101	C	1929-02-13	Joaquim Carreira	Arnaldo Magalhães	365
102	P	1929-05-12	O prestígio de Fátima	Novidades	370
103	C	1929-08-07	Ângela Canduzeiro	Manuel P. Silva	374
104	C	1929-09-20	J. Aparício Silva	D. José	376
105	C	1929-09-25	João P. Venâncio	Manuel P. Silva	378
106	C	1929-09-29	D. José	J. Aparício da Silva	381
107	P	1929-10-11	Novena a NSF		382
108	C	1929-10-17	Joaquim Carreira	Arnaldo Magalhães	385
109	P	1929-10-17	De Fátima a Roma	Novidades	388
110	C	1929-12-07	Manuel M. Ferreira	J. Galamba de Oliveira	399
111	C	1929-12-12	João P. Venâncio	D. José	401
112	C	1929-12-13	Manuel B. Moreira	J. Galamba de Oliveira	403
113	C	1929-12-15	Lúcia	J. Aparício da Silva	405
114	C	1929-12-18	José A. Silva	J. Galamba de Oliveira	407
115	P	1930-01-01	Fátima em Roma	Novidades	411
116	P	1930-01-18	Um mês a bordo...	Novidades	416
117	C	1930-03-05	D. José	Luís Fischer	418
118	C	1930-03-23	Joaquim Carreira	D. José	420
119	O	1930-04-01	D. José		425

N	T	Data	Rem/Aut/Tit	Dest/Pub/Ass	Pág.
120	O	1930-04-13	Comissão Canónica	Relatório Oficial	428
121	O	1930-04-14	Comissão Canónica	Ata da reunião	504
122	C	1930-05-16	Luís Gonzaga Cabral	J. Bernardo Gonçalves	505
123	C	1930-05-22	Joaquim Carreira	D. José	511
124	I	1930-05-a29	José B. Gonçalves	Lúcia	515
125	C	1930-05-29	Lúcia	J. Bernardo Gonçalves	516
126	P	1930-06-01	A grande peregrinação...	Osservatore Romano (L')	518
127	C	1930-06-01	Lúcia	Mãe	520
128	C	1930-06-12	Lúcia	J. Bernardo Gonçalves	522
129	C	1930-06-13	J. Bernardo Gonçalves	D. José	524
130	P	1930-06-27	Fátima em Roma	Novidades	527
131	P	1930-07-03	Fátima em Roma	Novidades	533
132	O	1930-10-a13	Lista de entidades		538
133	O	1930-10-13	D. José	Carta Pastoral	539
134	P	1930-10-13	1917-1930	Voz (A)	552
135	O	1930-10-15	Pio XI	Indulgências	557
136	P	1930-10-17	Duas palavras	Guarda (A)	558
137	P	1930-10-18	Nª Sª de Fátima	Mensageiro (O)	560
138	P	1930-10-20	Novidades Províncias	Novidades	562

Índice Geral

Introdução	3
Documentos	29
Anexo	563
Índice analítico	617
Índice cronológico e tipológico	643
Índice Geral	651